Luís Gonzaga Vasconcelos Filho

Da Ribeira do Sabonete ao Pajeú

Apontamentos genealógicos sobre os DIOGOS DE SIQUEIRA de Fortaleza

055054
L0000055081

A historiografia brasileira é rica em relatos de famílias, principalmente, pelo caminho da violência, marcado por lutas geradas no seio da terra, na disputa pelo poder, no mandonismo local e na forma mais abjeta: a vingança.

Esta obra traça um itinerário diferente. É a história da construção de troncos familiares que evoluíram pela força do trabalho, de iniciativas empresariais inovadoras, marcadas, na maior parte, pelo sucesso, pelo desafio e pela garra.

Seu autor, Luís Gonzaga Vasconcelos Filho, de ascendência sobralense, pelo lado paterno, é filho de Luiz Gonzaga de Vasconcelos e de Maria Celeste Ramos, de Guaramiranga, sobrinho, pelo lado materno, do Dr. João Ribeiro Ramos, farmacêutico, jornalista e escritor, casado com a professora, advogada, escritora e poetisa Dinorá Tomaz Ramos, já falecidos. Sobre esse casal, este modesto escriba nutria e nutre profunda admiração e estima, pelo belo exemplo de pais e educadores que foram, além do importante papel que desempenharam na vida social e cultural de Sobral, por mais de cinqüenta anos.

O Dr. Luís Gonzaga é engenheiro civil, tendo exercido, com muita dignidade, ao longo de sua vida profissional, vários cargos públicos de relêvo, entre os quais se destacam os seguintes: superintendente da SOEC - Superintendência de Obras do Estado do Ceará, no Governo Tasso Jereissati, 1987/88; engenheiro da Secretaria da Educação do Estado do Ceará, no período 1965 a 1976, onde ocupou diversos cargos de direção; professor aposentado da Escola Técnica Federal do Ceará, atual Centro Federal de Educação Tecnológica, do Ceará - Cefet.

Na atividade privada, trabalhou, por trinta anos, na Construtora Waldyr Diogo Ltda, tendo, também, emprestado o brilho de sua inteligência às empresas Guararapes Confecções do Nordeste S/A, Esplanada Confecções S/A, Têxtil União S/A e Borsoi Arquitetos Associados. Atualmente exerce a sua profissão junto à empresa Hércules Construções Ltda.

No tocante às suas pesquisas de natureza genealógica, consubstanciadas no presente livro sobre a família Diogo de Siqueira, que tem como "probante" o patriarca Diogo Henrique, português de Lisboa, o Dr. Luís Gonzaga revela-se um analista de mão cheia, pois, com a paciência e habilidade de um artesão, conseguiu produzir uma obra da melhor qualidade.

Assim, é que, ao manusear este livro, tive a sensação de penetrar no túnel do tempo, à partir do riacho Sabonete, em Forquilha, até às margens do riacho Pajeú, em Fortaleza.

Edmo Linhares

LUÍS GONZAGA VASCONCELOS FILHO

DA RIBEIRA DO SABONETE AO PAJEÚ

Apontamentos genealógicos sobre os DIOGOS DE SIQUEIRA *de Fortaleza*

FORTALEZA
2002

Revisão
Myrson Lima

Capa e Projeto Gráfico
Rodrigo Costa Lima

Editoração
Alfredo Junior

CE
929.2
V331d
ex. 1
T. 055054/2005

Vasconcelos Filho, Luís Gonzaga
Da Ribeira do Sabonete ao Pajeú: Apontamentos genealógicos sobre os Diogos de Siqueira de Fortaleza. Fortaleza, 2002

408 p. il

1. Genealogia - Diogo de Siqueira. I. Título

CDD 929.1

Aos meus filhos,
Luís Antônio e Thiago, pentanetos do patriarca Diogo Henrique de Siqueira, dedico.

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Aos ausentes

Temos certeza da existência de outros descendentes de **José Diogo Vital de Siqueira**, filho primeiro do Patriarca Diogo Henrique de Siqueira, ausentes neste trabalho, mesmo não sabendo os seus sexos, as suas idades, os seus nomes, os seus locais de nascimento, os seus domicílios. Crianças inconscientes, adolescentes ou adultos, sabemos que são vários, talvez muitos, alguns mortos. Retardamos ao máximo esta publicação pensando neles. Queríamos encontrá-los a qualquer custo. Infelizmente não foi possível, apesar dos nossos esforços. A eles o nosso pedido de desculpas pela falta não desejada. Enxergando alguma semelhança, fomos encontrar consolo na leitura do Livro do Gêneses – *Naqueles dias, o Senhor conduziu Abrão para fora e disse-lhe: "Olha para o céu e conta as estrelas, se fores capaz!".* E acrescentou: *"Assim será a tua descendência".* (Gn 15,5)

O Autor

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

SUMÁRIO

Apresentação 19

Introdução 25

Diogo Henrique de Siqueira, o Patriarca 29

Diogos de Siqueira 57

Trinetos de Diogo Henrique de Siqueira,
chefes dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo 61

Forquilha, o país dos Siqueiras 65

José Vital de Siqueira 71

F.1 – Ignácia Messias de Siqueira 95

F.2 – Virgínia Messias de Siqueira 131

F.3 – Diogo Henrique de Siqueira (neto) 157

F.4 – Francisco Diogo de Siqueira 195

F.5 – Antônio Diogo de Siqueira 229

F.6 – Gustavo Diogo de Siqueira 359

F.7 – Silviano Diogo de Siqueira 385

F.8 – Maria Amélia de Siqueira 389

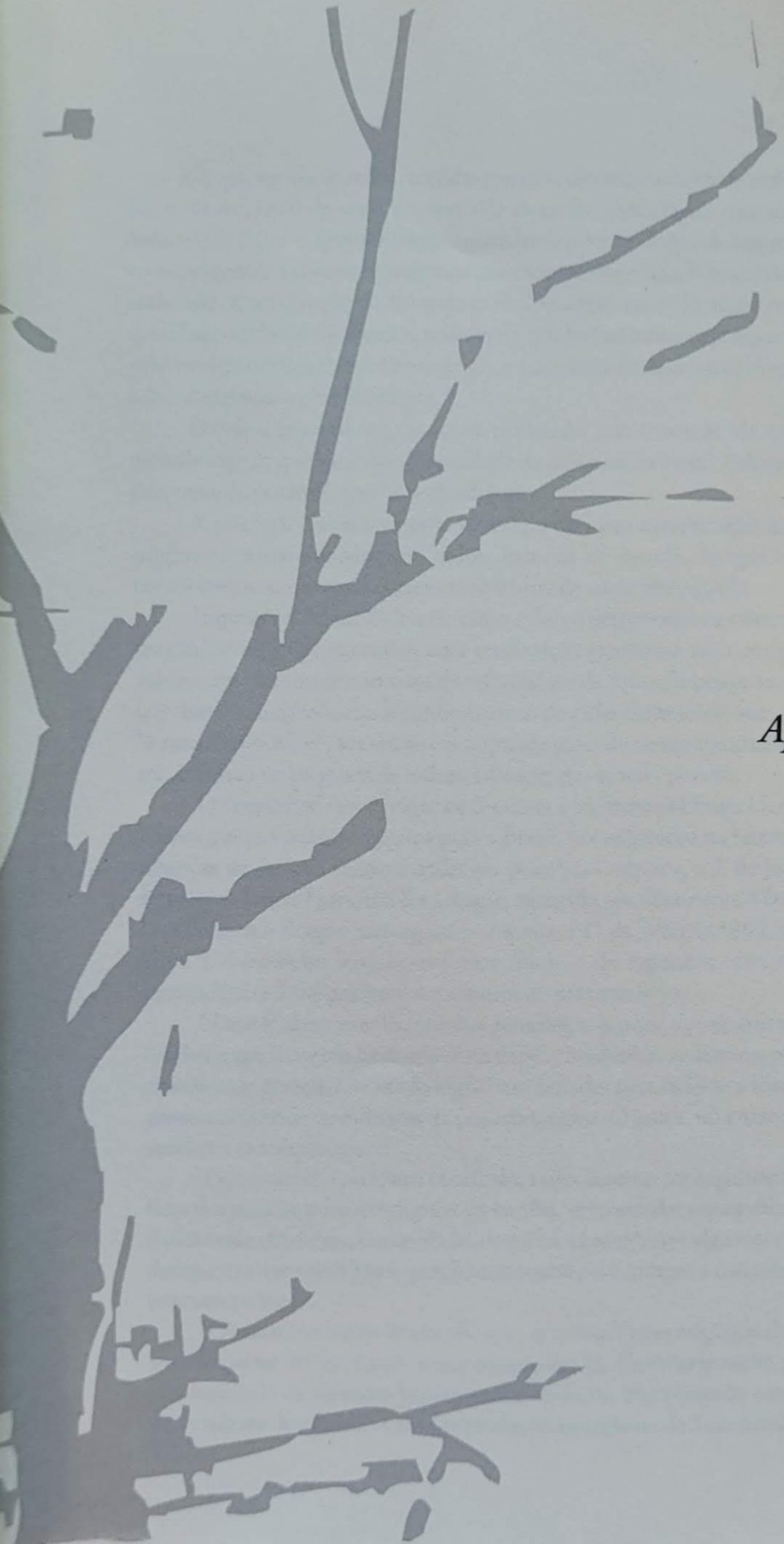
Templos religiosos de Fortaleza, citados:

Nome	Forma abreviada
Igreja Matriz do Bom Jesus dos Aflitos	Igreja de Parangaba
Igreja Matriz de São José	Igreja da Sé ou Catedral
Igreja Matriz de São Gerardo	Igreja de São Gerardo
Igreja Matriz de São Benedito	Igreja de São Benedito
Igreja Matriz de Santa Luzia	Igreja de Santa Luzia
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória	Igreja de N. S. da Glória
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Paz	Igreja da Paz
Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima	Igreja de Fátima
Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré	Igreja de Nazaré
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo	Igreja do Carmo
Igreja Matriz de Nossa Senhora do Patrocínio	Igreja do Patrocínio
Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios	Igreja dos Remédios
Igreja Matriz do Cristo Rei	Igreja do Cristo Rei
Igreja do Sagrado Coração de Jesus	Igreja do Coração de Jesus
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Igreja do Rosário
Igreja de Nossa Senhora do Líbano	Igreja do Líbano

Abreviaturas usadas para designar o grau de parentesco com José Vital de Siqueira:

F.....	filho
N.....	neto
Bn.....	bisneto
Tn.....	trineto
Qn.....	quadrineto ou tetraneto
Pn.....	pentaneto
Hn.....	hexaneto

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará



Apresentação

Pe. F. Sadoc de Araújo

Chegaram-me às mãos, trazidas por mão do próprio autor Luís Gonzaga Vasconcelos Filho, os originais de mais um livro de pesquisa genealógica intitulado "*Da Ribeira do Sabonete ao Pajeú – Apontamentos Genealógicos sobre os Diogos de Siqueira de Fortaleza*", que vem enriquecer a já vasta bibliografia cearense especializada. Nestes últimos anos, em ritmo acelerado, a publicação de obras de genealogia tem crescido, entre nós, em quantidade e qualidade. O fato é alvissareiro, pois revela que há um interesse, desperto entre a população, pelo conhecimento das próprias origens que estimula a pesquisa histórica e a curiosidade sobre entrelaçamentos familiares.

Desde a introdução, o autor manifesta sua intenção de guiar-se por padrões metodológicos que garantam a seriedade da pesquisa e a credibilidade dos informes baseados, quando possível, em fontes primárias.

A coleta de dados apresentados exigiu do autor a transcrição de velhos documentos originais, cansativas viagens, noites insones de estudo, longas buscas nos arquivos empoeirados, numerosas entrevistas e leitura de vasta bibliografia.

Impossível deixar de louvar tanto esforço desprendido e tanta boa vontade movida pela pura noção de aprender, cuja retribuição resultante foi a composição de um livro valioso, que servirá certamente de referência e de fonte de pesquisa a quantos estudiosos que desejarem aprofundar o conhecimento do ciclo civilizatório que, a partir de Forquilha, "*o país dos Siqueiras*", se estendeu por grande parte do sertão agropastoril do Vale do Acaraú até culminar no processo de industrialização da capital cearense.

O "*probante*" dos Diogos de Siqueira é o patriarca Diogo Henrique, português de Lisboa que, ao emigrar solteiro para o Brasil, se estabeleceu na fazenda Andreza, nas vizinhanças de Sobral, tendo casado em primeiras núpcias, a 2 de julho de 1827, com a sobralense Inácia Francisca das Chagas, agregada por filhamento à família do capitão-mor Luís Francisco Braga e, em segundas núpcias, a 21 de julho de 1864, com Josefa Avelina da Silva. Do primeiro leito houve doze filhos, e do segundo, oito. A história e parte da descendência desse patriarca é o assunto do presente livro.

Não é fácil escrever livros sobre genealogia, porque de início deve-se evitar a monotonia de longas listagens de nomes e de datas, enfadonhas ao leitor, e por outro lado deve-se classificar as gerações de modo lógico e ordenado, para facilitar a identificação precisa dos parentescos entre as milhares de pessoas citadas. O autor, no entanto, soube muito bem atender a tais requisitos.

Para superar o primeiro obstáculo, Luís Gonzaga conseguiu intercalar dados biográficos das mais importantes figuras da família, informações topográficas referentes às localidades onde residiram, curiosidades domésticas e inclusive algumas composições poéticas, dados estes que constituem precioso material para romper a monotonia e tornar amena e instrutiva a leitura.

Quanto ao sistema de classificação, que hoje é uma exigência da genealogia científica, o autor partiu do "*probante*" e, por conseqüência, dispôs as gerações por via da descendência, seguindo os métodos horizontais e verticais, combinando entretanto a numeração descendente de Aboville com a numeração ascendente de Sosa-Stradonitz, dando assim o

mesmo relevo a cada geração e respectivos parentescos, seguindo tanto a linha de agnação quanto a de cognação. O resultado foi uma classificação mista, apropriada e bem ordenada, que facilita ao leitor o conhecimento dos graus de consangüinidade existente entre os descendentes, mediante comparação dos números atribuídos a cada um deles.

A genealogia é uma ciência auxiliar de várias outras ciências humanas. Ela presta ajuda, por exemplo, à demografia, fornecendo-lhe dados estatísticos para estabelecer taxas de natalidade, de mortalidade e de ciclos de migração. A etnografia, por sua vez, serve-se dela para destruir a perversa teoria do racismo, demonstrando a inexistência de raça pura, pois quanto mais se avança na linha ascendente de qualquer pessoa, mais se chega à confirmação da tese de que nas origens as raças são parentes.

Genealogistas franceses descobriram que o rei Afonso VI de Portugal (1643-1667), da dinastia de Bragança, donde provém a monarquia do Brasil, descende da famosa Zaída, filha de Al Mutamid, rei árabe de Sevilha, morto em 1095, e descendente de Maomé. Graças aos genealogistas, hoje também se sabe que a rainha Juliana, da Holanda, provém de Gengis-Khan. Descobriram também que Rodolfo Hess, acérrimo defensor do anti-semitismo nazista e colaborador de Hitler na redação do livro "Mein Kampf",por cúmulo de ironia tem ligação de parentesco com Zwinglio, o reformador protestante suíço, e com um judeu americano de nome Kassowitz. E assim por diante.

No ramo das ciências afins, é na compreensão da História que a contribuição da genealogia tem sido mais utilizada. Sem o conhecimento genealógico dos respectivos monarcas, é impossível explicar fatos históricos referentes aos reinos e impérios de todos os tempos ou à Guerra dos Cem Anos ou mesmo à estrutura social de toda a Idade Média. O parentesco decidiu a escolha de muitos Ministros de Estado em todas as latitudes e o nepotismo favoreceu, no passado, a sucessão até de Papas.

Mesmo no mundo moderno, as grandes oligarquias políticas são familiares e os clãs, que exerceram tanta influência social em muitos povos, são formados por via de descendência comum. Se assim ocorreu com as grandes nações, muito mais ocorre ainda hoje nas pequenas comunidades urbanas.

Passou-se o tempo em que se escrevia genealogia por vaidade, na ânsia de encontrar brasões e nobreza no sangue dos ancestrais. Hoje, ela tem outras dimensões e outros objetivos, procurando reger-se pelas normas da metodologia científica.

Em si mesma, a genealogia é também uma ciência própria, cujo principal objetivo é estudar a história das origens e do desenvolvimento dos individuas agrupados em famílias. Por este motivo, será sempre uma ciência atual, porque atende a uma curiosidade pessoal inata: cada ser humano deseja saber donde vem, para poder explicar melhor sua personalidade presente. Como já ensinava Sócrates, o princípio da sabedoria é conhecer-se a si mesmo.

Todo livro de genealogia é, portanto, para quem souber ler, uma fonte inesgotável de informações e um valioso banco de dados à disposição dos estudiosos, que adotam sempre mais o sistema interdisciplinar de pesquisa, para aprofundar conhecimentos referentes ás chamadas ciências humanas.

O genealogista francês Pierre Durye magistralmente resumiu assim o passado e o futuro dessa ciência promissora: "*No decurso de quatrocentos anos, a genealogia apoiada sobre tradições antigas, nascida sobre fundamentos de pura vaidade, desenvolvida pelos esforços de milhares de adeptos, enriquecida pelos conhecimentos mais recentes das outras ciências humanas, tornou-se uma ciência moderna e autônoma, cujo futuro parece assegurado*".

Ao ler, pela primeira vez, os originais deste livro para apresentá-lo ao público, como me fora solicitado pelo autor, logo acudiram-me à mente dois propósitos:ressaltar o meritório trabalho desenvolvido pelo pesquisador Luís Gonzaga Vasconcelos Filho e estimular os especialistas cearenses em ciências humanas a inserir, em seus estudos, o contributo da genealogia na compreensão abrangente da história sóciopolítica de nossa gente. Nessa área, principalmente entre nós, há ainda quase tudo por fazer.

É com insopitável alegria que, dentro de meus pobres limites pessoais, me desincumbo da missão assumida, na esperança de que este livro venha enriquecer o patrimônio cultural de nosso Estado e possa servir de instrumento útil de trabalho nas mãos habilidosas de nossos pesquisadores sociais.

Sobral, 15 de maio de 2001

Introdução

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Quando meus filhos nasceram, senti uma incontrolável vontade de conhecer as suas origens, quem eram os seus maiores, de onde procediam. De algumas vertentes sabia alguma coisa, principalmente do meu lado, isto é, dos Ribeiros Ramos e dos Rodrigues Vasconcelos, meus ascendentes maternos e paternos respectivamente. Do lado de Tânia, minha mulher, quase nada. Numa conversa informal com Dona Nenen Diogo, bisavó de meus filhos, fiz-lhe algumas perguntas, às quais foi respondendo com segurança, a respeito de seus pais e avós. Ao tentar ir mais adiante, respondeu-me: "Ah! isso aí eu não sei não". Pensei depois do desânimo inicial: ela não sabe, mas eu posso saber. Afinal os arquivos existem para serem consultados. Foi penoso sair do quase nada. Depois de algum tempo, identificadas as fontes de pesquisas, dei início à "garimpagem" do que precisava para dar andamento ao projeto que mentalmente começara a esboçar. E foi mesmo como um paciente e ambicioso garimpeiro que remove toneladas de terra para encontrar uma pequena mas valiosa pepita, que consultei milhares de folhas de velhos, empoeirados e bolorentos livros paroquiais, muitos em adiantado estado de desintegração, outros de tinta tão oxidada que pareciam queimados pelo fogo, à procura de um valioso assento. De quando em vez, surgia um precioso filão que logo era explorado com avidez. Pouco a pouco os dados foram surgindo, o trabalho compensado e o pesquisador, animado com os resultados obtidos, foi-se tornando cada vez mais experiente e afoito. Tudo era convenientemente analisado e anotado. Inicialmente não havia a menor intenção de um trabalho destinado à publicação, sendo direcionado apenas para "consumo interno", ou seja, para satisfação de uma curiosidade pessoal e para o conhecimento de meus filhos. Quando ficassem adultos, presumivelmente viriam a se interessar por suas ascendências. Recebi, no entanto, um grande incentivo de Marcelo Diogo que, ao tomar conhecimento do que já reunira, se tornou um entusiasta da publicação e, muito mais, um colaborador determinado. Até decidir pela divulgação, um longo caminho foi percorrido. Só os que já se dedicaram a escrever coisa semelhante, sabem das dificuldades enfrentadas e da paciência exigida. O desdém de alguns, a indiferença de outros são desestímulos freqüentes. Por vezes, fui dominado pelo desânimo, surgindo quase sempre o questionamento pessoal, sobre se valia a pena, se havia sentido prosseguir e qual a utilidade prática de um trabalho desta natureza. Mesmo assim, eis o livro. Não é uma obra acabada, nem muito menos perfeita. Em genealogia não há nenhuma coisa, nem outra. Poderia, no entanto, ser menos incompleta, se as insistentes solicitações feitas a diversos seguimentos da família tivessem encontrado a esperada e desejada acolhida. Razões não reveladas fizeram alguns desistirem da colaboração que, inicialmente, aceitaram até com certo entusiasmo. O que apresento, faço-o com humildade e com a certeza de minhas limitações em todos os aspectos. De muito bom grado, teria cedido todo o material reunido em anos de pesquisa a um membro nato da família Diogo de Siqueira, que se houvesse interessado em dar-lhe melhor uso, porém não identifiquei ninguém com essa aptidão ou ânimo.

Como metodologia, procurei fugir do lugar comum, de iniciar o livro, citando brasões de família, supostas nobrezas que não fazem o menor sentido. E para tanto, faço uma pergunta, a qual se segue com a resposta precisa: Siqueira tem brasão? Tem sim. Quase toda família tem! Até Silva, tem. Quando afirmo até Silva tem, não é por preconceito. Não, de forma alguma! Apenas quero referir-me ao apelido familiar mais popular e numeroso no Nordeste e muito mais ainda no Ceará. Só isso. Vejam a situação do autor: Ribeiro tem brasão? Tem. Ramos tem brasão? Tem. Rodrigues tem brasão? Tem. E Vasconcelos tem brasão? Tem, também. Então o autor é quatro vezes brasonado? Não, não é nenhuma vez! Para justificar esta posição que a alguns possa parecer radical ou mesmo frustrante, com perfeita consciência, estou de pleno acordo com o padre

Francisco Sadoc de Araújo, consagrado e respeitado pesquisador, sócio do Instituto Genealógico Brasileiro, quando com autoridade, segurança, sabedoria e vivacidade, afirma:

"Não tem o menor sentido histórico, iniciar o estudo de nossas famílias-tronco pela descrição de brasões nobiliárquicos de sobrenomes homônimos portugueses, que apenas muito remota ou nenhuma ligação possuem com os nossos primitivos povoadores. Os brasões familiares portugueses, como constam dos respectivos Livros de Linhagens e Índices nobiliárquicos, datam geralmente dos séculos XII, XIII e XIV, portanto quase quatrocentos anos antes da chegada de nossos primeiros povoadores que, na ribeira do Acaraú, só começaram a aparecer a partir do início do século XVIII. Nesse longo intervalo de tempo, mesmo se alguma nobreza houvera, já se teria totalmente diluída no amálgama sucessivo de tantas gerações".[1] Perfeito, nada a reparar ou acrescentar. No entanto, para satisfação de tantos, colocamos no final desta edição a reprodução do desejado brasão.

Para maior autenticidade, o trabalho que se apresenta é, em muitos pontos, marcadamente documental. Em algumas situações, em que as fontes primárias são omissas ou imprecisas, algumas hipóteses bastante consistentes foram apresentadas, vindo em socorro do autor a lucidez do professor Geraldo Nobre, quando afirma: "Assim, é um recurso legítimo do historiador formular hipóteses, válidas enquanto um testemunho autêntico não se apresenta em contrário, retirado dos escaninhos mais secretos dos arquivos, já bastante vasculhados".[2] Por oportuno, para atalho de críticos mais açodados e severos, o autor se apressa em esclarecer que não está cometendo a leviandade de se considerar historiador. Está apenas dando a lume aspectos da história de uma família, que é a de seus filhos e, nesse restrito âmbito, não se sente acanhado em procurar amparo no dizer do acatado mestre.

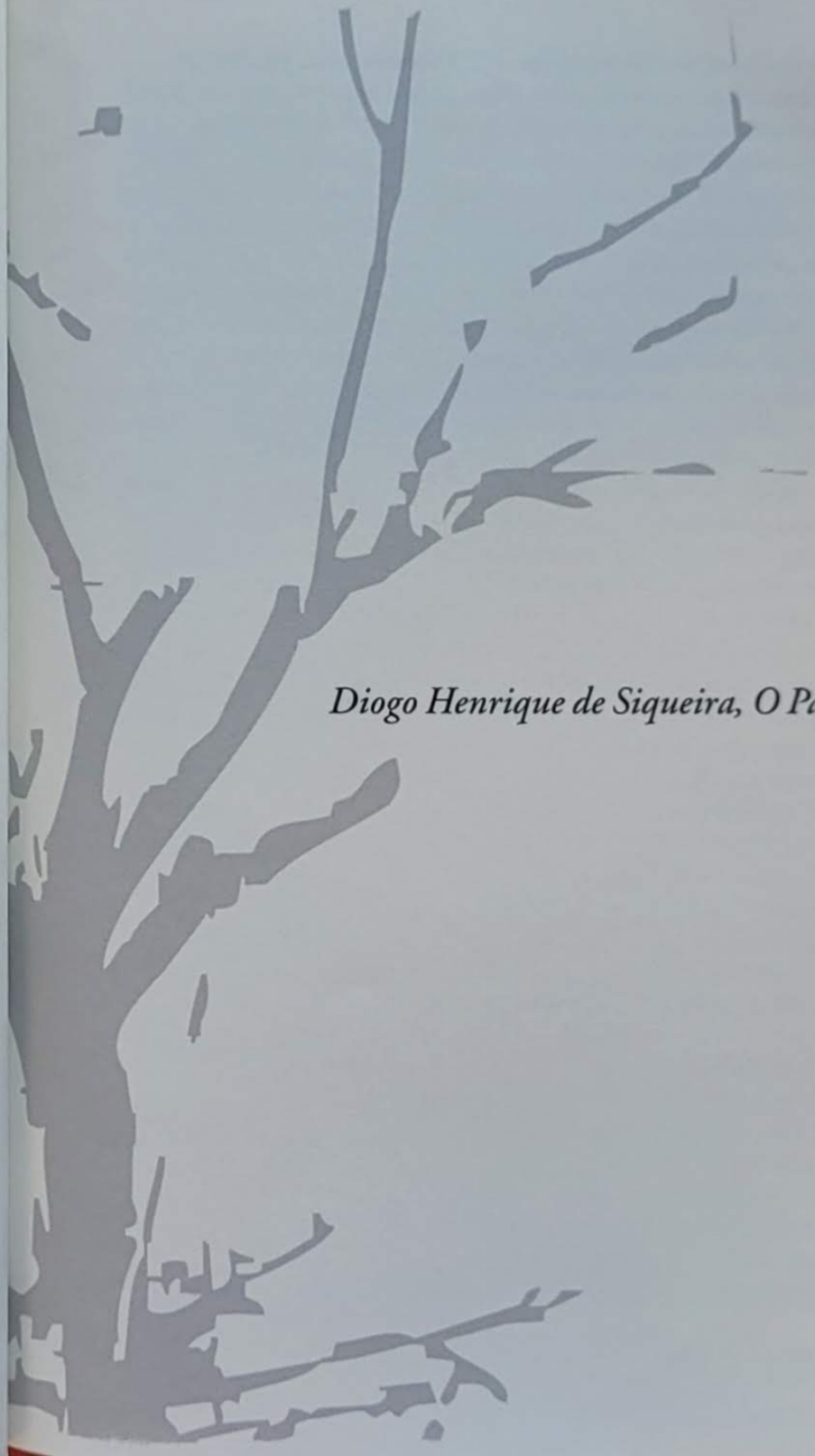
No começo deste trabalho, surge a figura patriarcal do português **Diogo Henrique de Siqueira**, natural de Lisboa, sua fixação em Sobral, mais precisamente nos sertões do atual município de **Forquilha**, seus casamentos e sua numerosa prole. Utilizando a linguagem do antropólogo René Martial, criador da Antrobiologia, **Diogo Henrique de Siqueira** é o "probans", pois foi ele o ancestral escolhido como origem da nova família. O desdobramento genealógico se restringe ao primogênito **José Vital de Siqueira** e, entre os filhos deste, pela dimensão humana que assumiu, pelo destaque social que conquistou e pela benemerência que praticou em vida, tornando-se um dos homens mais importantes do seu tempo e por sua numerosa prole, o capítulo dedicado a **Antônio Diogo de Siqueira** é o mais extenso.

Como deixei claro, o que está aqui foi inicialmente concebido para meus filhos. Sendo assim, jamais escreveria alguma coisa que lhes viesse diminuir ou ser causa de constrangimentos. Tudo foi considerado com muita naturalidade, nada havendo de que possa envergonhar, mesmo quando a verdade histórica exigiu que se publicassem alguns fatos que, aos olhos de alguns puritanos, devessem ser ocultados. Se tivesse de assim proceder, preferia não haver escrito nada.

Espero receber a crítica construtiva e os comentários reparadores de quantos se derem ao trabalho de manusear este despretensioso trabalho.

O Autor

[1] Pe. F. Sadoc de Araújo - Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú, 1991, pág. 8.
[2] Geraldo da Silva Nobre - A Capital do Ceará, 2ª. edição, 1997, pág.12.



Diogo Henrique de Siqueira, O Patriarca

Quando, em 5 de novembro de 1778, o padre João Ribeiro Pessoa, cura e vigário de Sobral, lançou as bases de sua Igreja Matriz, a hoje majestosa Catedral de Sobral, com certeza pensou grande. Pensou como aquele humilde operário, trabalhador da obra de construção de uma igreja que, ao ser indagado sobre o seu trabalho, respondeu com rigorosa convicção de sua importância: estou construindo uma catedral. Pensou o zeloso sacerdote, na perenidade de sua obra, nas duas dimensões, material e espiritual, humana e divina. Na ocasião, deve ter visionado a cidade que, ao redor daquele templo, viria a surgir, sob a proteção da Virgem da Conceição. O padre João Ribeiro Pessoa começou a edificar a sua igreja, dentro do quadrilátero de cem braças, doado em 10 de dezembro de 1756, pelo capitão Antônio Rodrigues de Magalhães e sua mulher Quitéria Marques de Jesus, ao patrimônio de Nossa Senhora da Conceição. Eram terras da povoação da Caiçara de propriedade dos doadores. Pelo menos desde 1746, já existia uma capela no local, que fazia as vezes de matriz. Foi ao lado desta que surgiu o templo iniciado pelo padre João Ribeiro Pessoa. Mas muitos anos antes, ainda no último lustro do século XVII e princípios do século XVIII, àqueles sítios ermos foram chegando os primeiros homens brancos, e aí fincando as estacas de seus currais, acomodando os seus gados, fazendo plantações, ocupando aqueles imensos vazios. Uns requereram sesmarias e as ocuparam. Outros se estabeleceram nas terras e as reivindicaram em sesmarias, legalizando suas posses. O Acaraú e toda a sua bacia hidrográfica, com suas planícies aluvionais, suas várzeas, seus solos renovados com as inundações periódicas, formavam o elemento essencial à fixação do homem. Mesmo assim, custa a crer que, em meio tão hostil, com cobertura vegetal raquítica e de folhagem escassa que caracteriza a caatinga nordestina, região sujeita a estiagens periódicas e às vezes prolongadas, sob o braseiro de um sol inclemente, haja surgido uma comunidade de gente refinada e culta, que tem dado ao Ceará e ao Brasil homens notáveis, de extraordinário brilho, famílias inteiras de grande expressão e um povo cioso de sua importância social, política e econômica. Sobral é portuguesa, com certeza. Não só pelo nome que ostenta, como pela herança genética da maioria de seus filhos. O padre Francisco Sadoc de Araújo, em seu livro "Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú", enumera 120 portugueses que se fixaram naquela ribeira, cujos descendentes povoaram o formoso vale. Entre eles, encontramos **Diogo Henrique de Siqueira**, que, ao casar com Ignácia Francisca das Chagas, deu origem à família Siqueira em Sobral, constituindo-se, assim, o grande patriarca da família.

Diogo Henrique era natural de Lisboa, enquanto Ignácia era sobralense. Não conseguimos apurar como, por que e quando aquele reinol veio para o Brasil e mais precisamente para a ribeira do Acaraú, onde constituiu família e se fixou em caráter definitivo. Nem sequer qual a sua idade, ao contrair matrimônio, nos foi possível saber, mesmo porque as fontes primárias de consultas não mencionam, nem a tradição oral esclarece. O certo é que Diogo Henrique de Siqueira casou a 2 de julho de 1827, com Ignácia, então uma jovem de dezessete anos, cuja ascendência é ignorada, sendo filha adotiva do casal sargento-mor Luís Francisco Braga e Margarida Francisca das Chagas, conforme consta do termo de seu batismo, fielmente copiado:

Biblioteca Pública G M Pimentel
Setor do Ceará

"Ignacia, filha de pais incógnitos exposta em caza do Sargento Mor Luís Francisco Braga, natural do Ceará emorador nesta freguezia aosvinte equatro de Janeiro demil oito centos edés efoi baptizada pelo Reverendo Domingos Francisco Braga deminha licença que logo lhi deo os Sagrados Oleos: forão padrinhoz omesmo Sargento Mor Luís Francisco Braga esua mulher Dona Margarida Francisca das Chagas. Do que p. constar fiz este assento eoasignei. Joze Gonzalves de Medeiros. Vigr.ª de Sobral". (Liv. Bat. Sobral, 1808-1810 fl. 156v).

O padre Domingos Francisco Braga, celebrante do batizado da párvula Ignácia, era o irmão mais velho do sargento-mor Luís Francisco Braga. A 19 de agosto de 1814, Luís Francisco Braga presta juramento perante o governador Manoel Inácio de Sampaio com o fim de assumir o alto posto de capitão-mor de Ordenanças da Vila de Sobral, para o qual fora eleito e de cuja patente teve confirmação no ano seguinte, conforme demonstram os preciosos documentos, fielmente copiados, e existentes no Arquivo Público do Ceará. Eis como os mencionados documentos foram concebidos:

Termo de Juram.to de Preito e Menagem que presta oCap.mor das Ordenan.cas do Sobral Luís Fran.co Braga.

Eu Luís Francisco Braga, q. ora fui eleito na Conformidade das Reaes Ordens de Sua Altesa Real oPrincipe Regente Nosso Senhor para Capitão digo Senhor por Vos Illustrissimo Senhor Manoel Ignacio de Sampaio Governador desta Capitania doCiará para Capitão Mor da Gente das Ordenanças da Villa do Sobral juro aos Santos Evangelhos emque ponho minhas maos que quanto em mim for terei sempre prestesa a dita gente para oserviço de S. A. R. e defensão do dito lugar obdiente a seus Mandados como lial Vassalo, favorecerei suas Justiças e as ajudarei em todos os casos que se offerecerem, e por elles me for requerido, e emque de minha ajuda tiverem necessidade. Ecom adita gente emdefenção dodito lugar farei guerra na maneira que por S. A. R me for Mandado. E assim mesmo Juro aos Santos Evangelhos que da dita gente, nem de parte della usarei em cazo algum particular meu, dequalquer qualidade que seja posto que muito toque e importe á segurança de minha vida, ou conservação e acrescentamento de minha honra, nem que toque e importe a algum parente meu ainda que seja meus chegado, nem a algum meu Amigo, nem aoutra alguma Pessoa. Ede todo o sobredito faço preito e menagem a Sua Altesa Real nas vossas maos, hua, duas e tres veses, segundo ouso e costume destes Reinos; e lhe prometo, eme obrigo que ocumpra e goarde inteiramente como assima he dito, sem arte, cautella engano nem minguamento algum. Eoutro sim juro aos Santos Evangelhos que cumprirei e goardarei em todo omeu Regimento, e usarei inteiramente da Jurisdição que por Sua Altesa Real me he dada, sem usar de mais outra alguma Jurisdição. Epor certesa doque assignei aqui este Termo de minha mão, neste Villa de Fortaleza Capitania do Ciará aos desanove dias do mez de Agosto, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil e oito centos e quatorze. E eu Joze Rebello de Souza Pereira, Secretario do Governo o escrevi. Seguem-se as assinaturas do governador Manoel Igna.º de Sampaio, de Luís Fran.co Braga e das testemunhas Marcos Antonio Bricio e Lourenço da Costa Dourado. (Liv. nº 18, 1767-1840, fl. 71 e 71v, Arquivo Público do Ceará).

Registo da Patente Real de Cap.mor das Ordenanças do Sobral passada a Luís Francisco Braga.

Dom João por graça de Deos Principe Regente de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber aos que esta minha Carta Patente virem que Tendo concideração aos merecimentos, e mais partes que concorrem na pessoa de Luis Francisco Braga, e achar-se provido por Manoel Ignacio de Sampaio Governador da Capitania do Ceará, na forma das Reaes Ordens em o posto de Capitão Mor das Ordenanças de Sobral daquela Capitania por todos estes respeitos: Hey por bem Fazer-lhe Merce de confirmar no mencionado Posto de Capitão Mor, vago por falescimento de Manoel Francisco de Vasconcelos; oqual servirá em quanto Eu o Houver por bem, e com elle não vencerá soldo algum de Minha Real Fazenda mas gosará de todas as honras, e previlegios, liberdades, Isempções e Franquesas que diretamente lhe pertencerem. Pelo que Mando ao sobredito Governador que por tal o reconheça, honre, estime deixe servir e exercitar o refferido Posto debaixo da posse ejuramento que já prestou, e aos Officiaes Maiores, e mais Cabos de Guerra o tenham ereconheção por tal, e aos Officiaes eSoldados seus Subordinados lhe Obdeção e Guardem suas Ordens em tudo que tocar ao Meu Real Serviço como devem esão Obrigados. Em firmesa do que lhe mandei passar a presente por mim assignada eSellada com o Sello Grande das Minhas Armas. Dada nesta cidade do Rio de janeiro aos 7 de Março do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1815% = O Principe com Guarda. Estava o Sello grande = Rodrigo Pinto Guedes = José Caetano deLima = Patente por que V. A. Re há por bem Fazer Merce a Luis Francisco Braga de o confirmar no posto deCapitão Mor das Ordenanças do Sobral daCapitania do Ceará vago por falescimento de Manoel Francisco de Vasconcelos no qual o proveo Manoel Ignacio de Sampaio Governador da quella Capitania como acima se declara = Para V. A. Re ver = Por Despacho do Conselho Supremo Militar de 5 de Dezembro de 1814. Pedro Vieira da Silva Telles. = Antonio José Pinto afes. Registada a f.213 do L.º 3º de Patentes Secretaria do Conselho Supremo Militar 11 de Julho de 1815 Joaquim Ignacio de Abreu = Nesta Secretaria do Registo Geral das Merces fica registada esta Patente. Rio de Janeiro 17 de Julho de 1815. Pg. 2560 r Luis Antonio de Faria Souza Lobato. Pg. 4$000 r de Sello. Recife[3] 20 de Julho de 1815 Droumont = Thomas Antonio de Villa Nova Portugal. Pg. 2800 r eaos Off.es 2880 r Rio 20 de Julho de 1815 José Maria Rapouso d'Andrade e Souza = Regd na Chancellaria Mor da Corte e Estado do Brasil af.188 do L.º 31 de Officios e Merces. Rio 20 de Julho de 1815. Pg. 1280 r José Roiz Ferreira = 221. Loubatto = Cumpra se e Registe se. V.A da Fortaleza 23 de Novembro de 1815 % Manoel Ignacio de Sampaio = (Liv. Registro de Confirmação de Patentes, 1803-1815, fls. 169v e 170. Arquivo Público do Estado do Ceará).

A 9 de agosto de 1816, em Sobral, aos 71 anos de idade, faleceu o padre Domingos Francisco Braga, de "catarrão no peito" sendo sepultado na capela-mor da Matriz. Era homônimo e primogênito de seu pai. Anos antes batizara Ignácia que viria a casar com

[3] Um evidente engano do copista que transcreveu a Real Patente para o respectivo livro aqui em Fortaleza. No lugar de Recife, leia-se Rio.

T.055054/2005

Diogo Henrique de Siqueira. Ao falecer, teve por herdeiros seus irmãos, entre eles o capitão-mor Luís Francisco Braga e sobrinhos, filhos de irmãos falecidos. O inventário do padre Domingos foi aberto a 19 de setembro do mesmo ano, perante o juiz de órfãos, sargento-mor José Antônio da Silva, tendo por escrivão Antônio Furtado do Espírito Santo e por inventariante o capitão-mor Luís Francisco Braga, também herdeiro, porque irmão do finado sacerdote. É interessante listar os bens que o capitão-mor recebeu como pagamento de seu quinhão, porque Ignácia como filha única, mesmo que adotiva, foi de uma forma ou de outra usuária ou beneficiária desses bens. Eis a relação:

Sobra do pagamento da décima Real	0$258
Um oratório doirado de três vidros e imagem da Conceição com sua coroa de prata	35$000
Um vipanço (sic) de Semana Santa em Latim em bom uso	1$000
Cinco livros de Moral de Coneina novos, 4 tomos novos de Montpolier, um Batistério novo e três cartilhas	14$880
Um ferro de fazer hóstias, com muito uso	6$000
Duas enxadas de ferro em bom uso	0$640
Uma roda já velha de moer mandioca com seu banco	8$000
Uma prensa velha de espremer massa	2$000
Duas corxas (sic) de cedro velho	1$280
Duas mil covas de rossa noiva (sic), no sítio dos Prazeres	10$000
O escravo crioulo de nome Pedro, idade de 4 anos, pouco mais ou menos	60$000
Um escravinho crioulo de nome Lourenço, de idade de um ano pouco mais ou menos	35$000
Um frasco de boca larga de meia canada	0$400
Uma mesa grande de cedro, sem gaveta, com bastante uso	2$000
Um espelho de gaveta com bastante uso, duas navalhas velhas, uma pedra de afiar as mesmas e duas tesouras velhas	1$000
Um talher fechado de faca e garfo, em bom uso	0$320
Duas garrafas de vidro azul	0$200
Um prato fino de Macáo, em bom uso	0$640
Onze mãos de papel limpo	3$300
Um jogo de frasqueiras de amarelo com suas fechaduras	4$000
Uma bacia nova de cobre com o peso de 10 libras	5$250
Uma Samarra de Clérigo de Lila preta, em bom uso	2$000
Uma morada de casas de tijolo, coberta de telhas, nesta villa, na rua da beira do rio, que o inventariado comprara a Bento José da Veiga	90$000
Uma morada de casas de taipa, coberta de telhas, sitas na Fazenda Tamanduá, com uma porta já muito velhas	12$000
Na dívida que resta das terras do arrebita, os herdeiros do defunto Felipe José de Sousa e Silveira	9$346
Vinte vacas parideiras	80$000
Tres novilhas	9$000
Tres garrotes	6$000

Cinco bezerros femeas	5$000
Dez bestas parideiras	60$000
Uma poldra amansadoura	5$000
Uma poldrinha	2$000
Dois cavalos pais deguas	24$000
Duas toalhas novas de pano de linho, de mãos	2$000
Vinte cabeças de ovelhas de toda sorte	6$400
Desaseis cabeças de cabras de toda sorte	3$840
No valor das terras de criar gado, com uma légua de comprido meia para cada banda do riacho, comprada pelo falecido irmão a Rosa Maria da Silva, viuva de Manoel Dias da Silveira e a Luciano da Costa; (obs. na margem está escrito: Declaro que estas terras são da Fazenda Tamanduá – O Esc.am Furtado)	219$935
No Sítio de terras de plantar lavouras, em cima da Serra da Beruoca[4], denominado Prazeres, comprado pelo falecido irmão a José Gonçalves Ferreira	74$000
Uma morada de casas de taipa, coberta de telhas, já velhas, com cinco portas e tres janelas, e uma casa de fábrica de farinha, no Sítio de plantar lavouras denominado Prazeres	26$000
Inteirado	827$689

Importou em oitocentos e vinte e sete mil e seiscentos e oitenta e nove réis o quinhão de Luís Francisco Braga. Fazendo parte do pagamento dessa importância, chamamos atenção para os bens de raiz sítio dos Prazeres e fazenda Tamanduá, situados respectivamente, na serra da Meruoca e nos sertões de Forquilha. Estas duas herdades mais adiante aparecerão compondo o cenário do cotidiano dos Diogos de Siqueira. Ressaltamos, ainda, a menção às terras do Arrebita, nome antiqüíssimo, que remonta aos primórdios da colonização da região sobralense de Forquilha.

A 29 de janeiro de 1820, falece o capitão-mor Luís Francisco Braga. Poucos dias antes, Ignácia, sua filha por adoção, completara apenas dez anos de idade. Luís Francisco Braga faleceu sem deixar testamento. Não havendo filhos de seu casamento, os bens apurados foram repartidos entre a viúva meeira Margarida Francisca das Chagas e mais os irmãos e sobrinhos do finado. Feito o inventário no competente Cartório de Órfãos de Sobral, coube à inventariante, Margarida Francisca das Chagas, de sua meação, a importância de 7:489$689 (sete contos quatrocentos e oitenta e nove mil e seiscentos e oitenta e nove réis). Na realidade, era o capitão-mor um homem aquinhoado de bens e não podia ser do contrário, senão a patente de capitão-mor de Sobral jamais lhe teria sido concedida. D. Margarida, apesar da transferência da metade do patrimônio do casal, para seus cunhados e sobrinhos de seu falecido marido, ainda assim ficou muito bem situada. Afinal os bens eram muitos e a sua família ficara resumida a si mesma e a sua filha adotiva, Ignácia Francisca. Do inventário, entre objetos de ouro, prata, cobre, ferro, móveis, utensílios

[4] Beruoca era como, antigamente, se chamava a Serra da Meruoca.

agrícolas, casas, fábricas de fazer farinha, covas de mandioca, escravos, gados, sítios e fazendas que foram dados como pagamento à viúva, citaremos alguns itens, interessantes para formar uma idéia do ambiente em que se inseria Ignácia, a futura esposa do lisboeta Diogo Henrique de Siqueira. Da extensa relação, selecionamos:

Uma redoma de ouro com o seu cordão grosso do mesmo	24$500
Um colar grosso de ouro	27$120
Dois braceletes de cordão de ouro	17$680
Quatro pares de botões de ouro lavrados	7$680
Dois pares de botões de ouro de chapa	3$160
Um par de brincos de ouro pendureza	1$100
Dois brincos de ouro de meia lua	3$160
Um par de brincos de ouro cortados	4$200
Uma volta de contas de ouro com um coração do mesmo	2$100
Um breve de ouro lavrado	7$800
Um par de fivelas de ouro lavradas redondas decapadas	37$460
Um par de botões grandes de ouro lavrado	13$220
Um pente grande com dois pequenos engastados com ouro	7$100
Dois pentes de tartaruga cobertos de ouro com sua sombra	4$020
Um oratório dourado com cinco imagens a saber: uma do Senhor Crucificado, outra de Nossa Senhora da Conceição, outra de Nossa Senhora do Rosário, outra de Santa Rita e outra de Santo Antônio, com coroa e resplendores de prata	30$000
Um escravo da nação Angola de nome Francisco, de idade de 70 anos	40$000
Um escravo da nação Angola de nome Pedro quebrado de uma virilha, de idade de 50 anos	50$000
O escravo crioulo de nome Antônio de idade de 13 anos	130$000
O escravo crioulo de nome Ignácio de idade de 11 anos	100$000
Um escravo crioulo de nome José de idade de 9anos	100$000
Um escravo crioulo de nome Domingos de idade de 50 anos	65$000
A escrava da Costa de nome Joanna de idade de 75 anos	20$000
Uma escrava da nação Angola de nome Luisa de idade de 50 anos	60$000
Uma escrava cabra de nome Leocádia, com doença interior, de idade de 50 anos	40$000
A escrava da nação Angola de nome Maria de idade de 38 anos	150$000
A escrava crioula de nome Maria pequena de idade de 21 anos	140$000
A escrava cabra de nome Rita de idade de 11 anos	120$000
A escrava cabra de nome Gertrudes de idade de 7 anos	100$000
A escrava crioula de nome Luzia de idade de 2 anos	50$000
229 vacas parideiras na Fazenda Caioca	1:465$600
40 novilhas na mesma fazenda	200$000
25 garrotes fêmeas, vinte na Caioca e 5 na São Vicente	75$000
44 bezerros fêmeas na Fazenda Caioca	56$320
2 bois mansos na mesma fazenda	20$000

2 novilhos pais na mesma fazenda	16$000
12 novilhos	60$000
10 garrotes na Caioca	30$000
10 bezerros machos	12$800
6 bestas velhas	36$000
54 bestas parideiras novas	432$000
0 poldras amansadoras	60$000
5 poldras poteras (sic)	25$000
2 pais degua velhos	24$000
Um cavalo capado velho	8$000
13 cavalos capados novos	130$000
2 poldros amansadores	16$000
2 poldros de ano e meio	12$000
4 bois mansos na Fazenda Tamanduá	40$000
4 cavalos capados novos na Fazenda Bahia	40$000
7 bestas velhas na Caioca	42$000
3 cavalos em grão	30$000
1 poldro de ano e meio	5$000
34 cabeças de ovelhas	13$600
20 cabeças de cabras de toda sorte na Fazenda Tamanduá	6$400
No valor da fazenda de criar gados denominada Caioca, margem do Rio Aracati-açu	500$000
Uma légua de comprido nas terras de criar gados, com uma légua de largo, meia para bando do riacho, na Fazenda Tamanduá	300$000
O sítio na Serra da Beruoquinha denominado Engenho Velho	75$000
O sítio na Serra da Beruoquinha denominado Sítio do Meio	70$000
O sítio na Serra da Beruoca denominado Prazeres	74$000
Dois pedaços de terra as margens do Riacho Barriga, um com uma légua de comprido e outro com 300 braças	225$000
No valor das terras de criar gados, no Riacho Missi	283$000
No valor das terras de criar gados, na Fazenda Bahia	115$000
No valor das terras de criar gados, no corgo chamado Tanques	40$000
Um quarto de terras de criar gados, no sítio denominado Juá	70$000
Uma porção de terras de plantar lavouras, denominado Sítio Jacú, em cima da Serra de Uruburetama	50$000
Um sítio de terras de criar gados, denominado Agreste, no Riacho das Cacimbas	33$000
350 braças de terras de criar gados, no Riacho das Cacimbas, no lugar denominado Gangorra	35$000
Uma légua de terras de criar gados, no sítio denominado Paschal, com uma légua de largo, meia para cada banda do riacho Maurício	60$000
No valor das terras de criar gados, no lugar denominado Riacho Seco	200$000
500 braças de comprido de terras de criar gados, no Sítio Pitombeiras,	

com uma légua de largo, meia para cada banda do Rio Aracati-açu	50$000
Uma porção de terras de criar gados, margem do Riacho das Cacimbas, no lugar denominado Ipueirinhas	32$000

Para todas as idades dos escravos constantes do inventário, está escrita a expressão *"pouco mais ou menos"*, o que importa dizer que essas idades não eram sabidas com exatidão. Pelo trecho do inventário acima, podemos constatar que foram muitas as propriedades herdadas por Margarida Francisca das Chagas, compreendendo sítios de plantar lavouras, situados nas serras da "Beruoquinha", "Beruoca" e Uruburetama e várias extensas porções de terras apropriadas ao criatório, espalhadas e situadas nas margens de rios e riachos da região.

D. Margarida permanecera casada por vinte anos. Viúva aos 55 anos, sem filhos varões, possuía apenas Ignácia, uma filha de dez anos, que adotara. Como administrara os bens havidos de sua meação?

Na época do casamento de Diogo Henrique e Ignácia Francisca, na lembrança de todos, estavam os desgraçados anos de 1824 -1825, quando a total ausência de chuvas dizimou os rebanhos, destruiu as plantações, em meio à crise política desencadeada com a Confederação do Equador. Compondo aquele triste cenário de fome, miséria, desolação e perseguições políticas, o desespero da população é agravado com o aparecimento de epidemias, principalmente da varíola. O bom inverno de 1826 não fora suficiente para a recomposição da economia, profundamente abalada com as dificuldades recentes. O ano de 1827 volta a ser de chuvas escassas, como nos testemunha o professor Manoel Ximenes Aragão,[5] em suas memórias:

"pois chegou o ano de 1827, em que pouco choveu em algumas partes, e nada absolutamente em outras, criando contudo legumes em algumas partes, nas serras, e pastos em alguns lugares do sertão. Achamo-nos na mesma penúria de 1825 porque as produções de 1826, não puderam chegar para o de 1827, pela falta de sementes para se plantar naquele ano, tornando-se a seca mais terrível pela distituição de bens em que muita gente estava porque deles se desfizeram, vendendo-os para remir a vida em 1825."

É nesse contexto que encontramos Diogo Henrique de Siqueira fundando o seu lar, dedicando-se à agricultura e à pecuária, auxiliando sua "sogra" nas muitas propriedades que esta possuía. Apenas quatro anos depois, um novo quadro de dificuldades climáticas: é de seca o ano de 1831, deixando todo um povo em constante estado de sobressalto. Do termo de casamento de Diogo Henrique de Siqueira, constante dos arquivos da Cúria Diocesana de Sobral, verifica-se que os seus pais se chamavam Manuel Francisco de Siqueira e Bernardina de Jesus de Siqueira. Eis o teor do precioso documento paroquial, fielmente copiado:

[5] Manoel Ximenes Aragão era sobrinho materno do Pe. Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque Mororó (Padre Mororó), mártir da Confederação do Equador, através da irmã deste Raimunda Francisca Xavier, casada com José Francisco Ximenes Aragão.

"Aos dois de julho de mil oito centos vinte e sette nesta Matris feitas as deligencias de estillo de que não rezultou impedimento algum e despensados por sua Excelencia Reverendissima do parentesco em que estavão ligados cujos papeis ficam em meo poder em minha presença se receberão em Matrimonio Diogo Henrique de Siqueira filho legitimo de Manoel Francisco de Siqueira e de Bernardina de Jesus de Siqueira natural de Santo Antonio de Lisboa com Ignacia Francisca das Chagas, exposta na caza do Capitão Mor Luis Francisco Braga já defunto natural e morador nesta Freguesia de Sobral, e logo receberão as benções Nupciaes sendo testemunhas o Capitão Antonio Carneiro da Costa e José Ferreira do Monte casados desta Freguesia. Sevatis servandis justa tridentinum de que para constar mandei lançar este termo em que assignei. O Vigr.º João Chrisostomo de Oliveira" (Liv. Casam. Sobral, 1824-1834, fl. 65v).

A testemunha, capitão Antônio Carneiro da Costa, ocupava na ocasião o cargo de juiz ordinário e presidente da Câmara, cargo em que tomara posse no dia 1º de janeiro desse mesmo ano de 1827.

Os pais adotivos de Ignácia Francisca das Chagas, o capitão-mor Luís Francisco Braga e Margarida Francisca das Chagas, eram primos, casados[6] a 3 de fevereiro de 1800, já maduros, ele com 45 anos e ela com 35. Eram pessoas da mais alta representação e suas ascendências podem ser encontradas no livro Anastácio Braga, de Soares Bulcão, Editora Henriqueta Galeno, 1973.

Quando do casamento de Diogo Henrique e Ignácia, como confirma a certidão, Luís Francisco Braga já era defunto, pois finara anos antes, a 29 de janeiro de 1820.

A afirmação, constante da certidão, de que os nubentes foram dispensados pela autoridade eclesiástica, "*do parentesco em que estavam ligados*", deixa margem para algumas reflexões.

Luís Francisco Braga era filho legítimo do capitão Domingos Francisco Braga e de Elena Ferreira da Cunha, aquele natural de São Víctor, Arcebispado de Braga e esta de Fortaleza. Por sua vez, os pais de Margarida Francisca das Chagas eram o capitão Caetano

[6] Termo de casamento do casal que futuramente adotará e criará a esposa de Diogo Henrique de Siqueira: "Aos treis de Fevereiro de 1800, feitas as denunciações do estilo, sem impedimento, de minha licença, na presença do Reverendissimo Padre Frei José de Santa Clara, e das testemunhas Jeronimo Fernandes Tabosa e Manoel Rodrigues Ribeiro, assinados na certidão, que me foi remetida, e fica em meo poder pelas cinco horas da tarde se receberão em Matrimonio por palavras de presente o Sargento Mor Luis Francisco Braga e Dona Margarida Francisca das Chagas: elle filho legitimo do Cap. Domingos Francisco Braga e Dona Elena Ferreira da Cunha:ella filha legitima do Capitão Antonio José Correa, já fallecido, e Dona Francisca Xavier: e logo receberão as benções nupciaes na forma do costume, como tudo me contou por certidão do Reverendissimo Padre asistente, pelo qual fis este asento, em que me asigno. Claudio Alvares da Costa. Par.º da V.ª do Forte". Livro nº 3 da Matriz de São José (Catedral de Fortaleza) de 1790 a 1800, fl. 105.
Na margem está escrito em coluna: Luis Fran.co e Dona Margarida Franca elle 45a ella 35a brancos.
Não sabemos exatamente o local da cerimônia do casamento, pois o termo não faz menção a isto. Seguramente não foi em Fortaleza, embora o lançamento seja em livro da matriz de S. José desta cidade. O pároco que fez o lançamento diz claramente que recebeu as informações por certidão do padre que assistiu ao casamento.

José Correia[7], natural de São Miguel da Alfama, Lisboa, e Francisca Xavier de Sousa.

Seria Diogo Henrique de Siqueira aparentado de um ou outro, portugueses como ele e portanto, parente de Luís Francisco Braga ou de Margarida Francisca das Chagas, ou de ambos? Seria Ignácia Francisca das Chagas, filha bastarda de algum membro da família que não podia aparecer e daí o "*exposta na casa do Capitão-mor Luiz Francisco Braga*"? Seria filha do próprio capitão-mor, havida fora do seu casamento? Pelo menos o que se conclui é que os pais de Ignácia não eram tão incógnitos como sugerem os termos de batismo e casamento. Claro! Se fossem incógnitos, como saber que Diogo Henrique, que viera da outra banda do Atlântico, da distante Lisboa e Ignácia, que nascera ali mesmo em Sobral, tinham parentesco que precisava da dispensa da autoridade eclesiástica? Já se passaram mais de 173 anos daquela cerimônia religiosa e o tempo decorrido sepultou respostas a indagações como estas. O certo é que Diogo Henrique de Siqueira era parente próximo de sua noiva Ignácia Francisca das Chagas. É oportuno lembrar que o pai de Diogo Henrique de Siqueira chamava-se Manuel Francisco de Siqueira, o mesmo Francisco que aparece no nome do pai e de quase todos os irmãos do capitão-mor Luís Francisco Braga, legítimos e ilegítimos, e que também está presente, no feminino, no nome de D. Margarida Francisca das Chagas e de Ignácia Francisca das Chagas, constituindo-se, ao que parece, um nome de família, mesmo porque o Braga atendia a um velho costume dos portugueses que aqui aportavam, de acrescentarem aos seus nomes os topônimos dos seus locais de origem.

O capitão-mor Luís Francisco Braga, que morreu de "febre ardente", não deixou testamento. Seu inventário, ocorrido, como vimos anteriormente, em 1820, consta dos arquivos da Biblioteca da Universidade do Vale do Acaraú (UVA), que tivemos a oportunidade de consultar. O precioso documento, de 180 anos, está em perfeito estado de conservação. Os bens foram repartidos entre a viúva meeira, Margarida Francisca das Chagas, os irmãos do morto, e os sobrinhos deste, filhos de seus irmãos falecidos. Isto porque não havia filhos legítimos do casal. Nas declarações iniciais, a viúva inventariante diz textualmente, referindo-se ao finado seu marido: "***que não deixou filhos de seu matrimônio porque os que teve morrerão de menor idade***". Esse trecho é da maior importância, porque desfaz a versão geralmente aceita e divulgada de que o casal não teve filhos, sugerindo inclusive uma esterilidade que, como se vê, não existiu. Como era natural, sendo Ignácia Francisca das Chagas filha adotiva, não aparece no inventário, como herdeira. Do casal Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca nasceram os seguintes filhos:

1	Hermenegilda Libânia	n.13/04/1828
2	Francisco Henrique	n.02/07/1829
3	Antônio Franco	n.06/08/1830

[7] O capitão Domingos Francisco Braga e o capitão Caetano José Correia ocuparam destacadas posições na pública administração da Vila de Fortaleza, na segunda metade do século XVIII. Ver "Datas e Fatos para a História do Ceará", pelo Barão de Studart, 1896.

4	Bernardina de Jesus	n.16/02/1833
5	Maria	n.28/08/1834
6	Olímpio Faustino	n.13/02/1836
7	Felisbela Benvinda	n.14/10/1837
8	Iria da Conceição	n.07/12/1838
9	Rosendo Augusto	n.26/04/1843
10	Maria	n.07/01/1845
11	Abdon Francisco	n.
12	José Vital	n.

De forma intencional, os filhos Abdon Francisco e José Vital foram colocados como os últimos da relação. Mais adiante, esta decisão será objeto de algumas considerações, que levarão forçosamente a uma revisão da ordem apresentada.

Não sabemos exatamente onde Diogo Henrique e Ignácia Francisca moraram logo após contraírem matrimônio, mas é certo que, quando do nascimento do filho Olímpio, em 13 de fevereiro de 1836, como consta de seu assentamento de batismo, estavam residindo no sítio dos Prazeres, na Meruoca, uma das muitas propriedades de D. Margarida Francisca das Chagas, havidas por meação de seu marido, o capitão-mor Luís Francisco Braga. Já no casamento da filha Hermenegilda Libânia, a solenidade ocorreu na fazenda Pé de Serra. O que se pode afirmar com a maior segurança é que Diogo Henrique de Siqueira se fixou na região sobralense de Forquilha, hoje município independente, onde viveu da agricultura e da pecuária, sendo proprietário da fazenda Andreza e que seus descendentes ali se enraizaram e alguns chegaram a ser prósperos proprietários rurais.

A origem do nome da fazenda de Diogo Henrique está em Andreza, célebre mulata, índia da aldeia Parangaba, que viveu no século XVIII. Era filha do capitão João de Sá, homem influente na política de então, e da preta Joana da Costa.

O livro nº 8 das Sesmarias, pág. 34 e 35, traz o registro de uma "data e sismaria" concedida a 21 de janeiro de 1716, pelo capitão-mor Manoel da Fonseca Jaime, às margens do riacho Panacuhy, com duas léguas de comprimento por uma de largo, meia para cada banda do dito riacho, a João de Sá e ao irmão deste Leonardo Correia. O escrivão que escreveu essa data foi Joseph Corrêa Peralta.

Andreza viveu maritalmente, exatamente, com esse tenente–coronel José Correia Peralta de cuja união houve filhos. Casou, depois, com José Ferreira da Fonseca. O casamento realizou-se na fazenda Santa Cruz, a 25 de fevereiro de 1726, assistido pelo Pe. João da Costa Ribeiro. Deixou descendência desse casamento e mais outros filhos de pais incógnitos.

Andreza era uma famosa mulher. Famosa por ser formosa e por isso "disputada pelos homens da Ribeira". Faleceu a 13 de agosto de 1768, na fazenda Sabonete, hoje Vencedora, então uma propriedade de Manoel Ferreira Torres, localizada próxima da fazenda que receberia o seu nome. Foi sepultada na Matriz, não a construída pelo Pe. João Ribeiro Pessoa (Catedral de Sobral), mas na primitiva que existiu em terreno situado ao lado da atual. A Cronologia Sobralense, vol. 1, 1974, faz referencia à bela mula-

ta, explosão de sensualidade daqueles recuados tempos, pelo menos em nove ocasiões distintas[8].

Forquilha é, sem dúvida, a "pátria" dos Siqueiras, como é também de outras famílias provindas de Lázaro Alves Pereira, Antônio Martins Viana, Francisco Lopes Teixeira, Domingos Paiva Dias e outros, muitos portugueses como Diogo Henrique de Siqueira, que nas redondezas fundaram suas fazendas, criaram gados, fizeram plantações, viveram na maior harmonia e deixaram exemplos de trabalho fecundo. Da fazenda Andreza, vejamos o que nos diz o escritor Abelardo Cavalcante de Vasconcelos:

"Esta Fazenda teve como seu primeiro colonizador Francisco Luiz Braga. Em seguida passou a pertencer ao português Diogo Henrique de Siqueira. O casarão da Fazenda foi construído em estilo campestre, de alpendres amplos, de currais de estaca de sabiá e de pátio extenso. O velho português mantinha o sustento familiar com as rendas da própria Fazenda. Ele se casou duas vezes e desses matrimônios nasceram os seguintes filhos: Antônio, Gregório, Roseno, Olímpio, José, Francisco, Suzana, Maria, Felisbela, Iria, Bernardina, Josefa, Joviniano, Madalena e Inácia. Dos filhos do português, José destacou-se para Fortaleza no século XVIII e lá chegando se estabeleceu no comércio com pouco dinheiro. Como tudo progrediu, José ali fixou sua moradia definitiva. Casou-se com moça natural de Fortaleza, constituiu família e se tornou um grande comerciante"[9]

Esta é uma informação preciosa do ilustre cronista forquilhense. Dos bens deixados por Luís Francisco Braga, e não Francisco Luiz Braga, como está no texto, não encontramos no seu inventário a fazenda Andreza, mas nada impede que ela tenha sido doada pelo capitão-mor de Sobral a sua filha de criação e afilhada Ignácia Francisca das Chagas, que ao casar com Diogo Henrique de Siqueira haja levado esta fazenda para o patrimônio do casal. Luís Francisco Braga, ao falecer a 29 de janeiro de 1820, deixou Ignácia com apenas dez anos de idade e esta só viria a casar em 1827, mas é perfeitamente possível que houvesse a doação, o que explicaria a passagem desse bem de Luís Francisco Braga para Diogo Henrique de Siqueira. Do inventário de Luís Francisco Braga consta a fazenda Tamanduá, situada naqueles sertões de Forquilha, que depois, segundo alguns, pertenceu a Lázaro Alves Pereira, que viria adiante a ser sogro de um filho e três filhas de Diogo Henrique de Siqueira.

Quanto a José, filho de Diogo Henrique, faz-se necessário um pequeno, mas importante reparo: José Vital de Siqueira não casou com moça natural de Fortaleza, para onde veio no século XIX, século em que nasceu, viveu e morreu. Este teve dois casamentos, o primeiro celebrado na matriz e o segundo na capela de Santo Antônio, em Sobral. Ambas as esposas eram sobralenses, (primas ou mesmo primas-irmãs), e seus quatro primeiros filhos nasceram em Sobral, como ficará provado mais adiante. Em Fortaleza foi comerciante, dedicando-se à marchanteria, mas há um evidente exagero dizer dele que foi um grande comerciante. Não foi e a verdade histórica exige este reparo. Almanaques e jornais da época consultados pelo autor não fazem a menor referência à vida comercial ou mesmo social de José em Fortaleza, por esse tempo já usando

[8] Ver CRONOLOGIA SOBRALENSE, Vol. 1, 1974, págs 68, 79, 90, 107, 108, 109, 123, 131 e 247.
[9] Abelardo Cavalcante de Vasconcelos - FORQUILHA (de Sítio a Município). Ioce, 1986, pág. 25.

o nome de José Diogo Vital de Siqueira e atendendo pelo nome simplificado de José Diogo ou Zé Diogo.

Ao que parece, Ignácia Francisca das Chagas faleceu entre 1853 e 1855 e o viúvo Diogo Henrique de Siqueira permaneceu nessa condição, aproximadamente por dez longos anos, quando contraiu núpcias com Josefa Avelina da Silva, a 21 de julho de 1864, filha de Anselmo Barros Silva e Inácia Maria dos Anjos. Desse casamento nasceram mais:

13	Gregório João	n.27/05/1865
14	Maria Avelina	n.29/11/1866
15	Suzana Avelina	n.01/11/1867
16	Francisca Brasileira	n.07/03/1869
17	Joviniano Henrique	n.22/07/1870
18	Leandro	n.07/03/1872
19	Maria Madalena	n.25/05/1873
20	Josefa Avelina	n.17/07/1876

Acabamos de ver que foram pelo menos vinte os filhos de Diogo Henrique de Siqueira, de seus dois casamentos: o primeiro com Ignácia Francisca das Chagas e o segundo com Josefa Avelina da Silva. Um fato curioso podemos constatar: ainda estavam nascendo filhos de Diogo Henrique de Siqueira, quando ele já tinha bisnetos, ou pelo menos um bisneto. Josefa Avelina, a última dos filhos, nasceu em 17/07/1876 e em conseqüência do parto faleceu sua mãe, de quem era homônima, aos 33 anos, o que nos induz a supor que ainda geraria outros filhos, se a morte não a tivesse surpreendido. Francisco de Andrade Belleza, o bisneto, nasceu um ano e cinco meses antes, em 22/02/1875.

Para que não se perca de vez tão importante documento para a família Siqueira, vamos transcrever anotações feitas por Zuleika Ximenes Viana que gentilmente nos foram cedidas:

"Aos vinte e um de Julho de mil oito centos e sessenta e quatro na Fazenda Ipiranga... testemunhas Alferes Francisco Alves da Fonseca e ... Alves de Loiola... elle viuvo de Ignacia Francisca das Chagas....."

É de Zuleika Ximenes Viana, dedicada secretária da Cúria Diocesana de Sobral e descendente de Diogo Henrique de Siqueira, através da filha deste, Íria da Conceição Siqueira, o seguinte comentário: "Era só o que continha no livro, parcialmente destruído, impossibilitando copiar todo o restante do termo. Na margem esquerda da folha onde está registrado este termo, lê-se: Diogo Henrique de Siqueira e Josefa Avelina da Silva". A fazenda Ipiranga, local das bodas de Diogo Henrique e Josefa, situa-se, também, na região de Forquilha, bem próxima da fazenda Andreza, de propriedade do noivo.

Josefa Avelina da Silva, ao casar com Diogo Henrique de Siqueira, estava com 21 anos, conclusão a que se chega pela leitura do assento de seu óbito, sendo da mesma

idade do seu enteado Rosendo e mais nova que oito de seus outros enteados, enquanto Diogo Henrique de Siqueira, com certeza, já deveria ter muito mais de cinqüenta anos.

A única testemunha, que é possível identificar no termo de casamento acima, o alferes Francisco Alves da Fonseca, mais adiante tenente-coronel, era meio irmão de Francisca Maria Carolina, esposa do senador Francisco de Paula Pessoa, o senador dos bois, assim chamado pela enormidade dos seus rebanhos. Francisco Alves da Fonseca era proprietário da fazenda Sabonete, que no século XVIII pertencera a Manoel Ferreira Torres, sesmeiro naquela região forquilhense. Manoel Ferreira Torres era natural de Cristelo, Portugal, onde nascera por volta de 1720. Casou em Sobral em 1737 com Quitéria Correia de Carvalho. Em 16 de junho de 1752 lhe é concedida, pelo capitão-mor Luiz Quaresma Dourado, uma data e sesmaria de três léguas de terra de comprido por uma de largo, meia para cada banda do riacho do Madeira e poço Timbaúba[10]. Anos depois, requer e obtém uma segunda data e sesmaria, também de três léguas de terra de comprido por uma de largo, no riacho Sabonete, concedida pelo governador Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, em 22 de abril de 1767. Para tanto, alega que a fazenda que possuía se encontrava avultada de gados e necessitava de mais terras para acomodar seus gados vacuns e cavalares[11]. Na petição, ao descrever as terras que pretendia, Manoel Ferreira Torres, caracteriza sua localização ao dizer: *"pegando na Alagoa do Arrebita q Seacha na beira do Riacho Sabonete ep ele asima rumo do Sul athe se enteirar das ditas tres legoas de comprido euâ deLargo..."* Todas essas porções de terras estão localizadas na região de Forquilha, às margens de seus riachos, tributários do rio Acaraú, compondo a sua formosa ribeira. Esta região, veremos adiante, transformou-se no território dos Siqueiras.

O primeiro filho do casal Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, nascido após o casamento dos mesmos, realizado a 2 de julho de 1827, é, sem sombra de dúvidas, **Hermenegilda Libânia**, nascida nove meses depois. O segundo filho é **Francisco Henrique** e o terceiro, **Antônio Franco**. Então, **José Vital** poderia ser o quarto filho, nascido depois de maio de 1831 ou um pouco antes de maio de 1832, mas um dado precisa ser criteriosamente analisado. José Vital de Siqueira faleceu em Fortaleza, no dia 23 de dezembro de 1887, aos sessenta anos, conforme o termo de seu óbito:

" José Diogo Vital de Cequeira, casado com Amelia Vital de Cequeira de sessenta annos de idade, falleceu de insuficiencia mitral no dia vinte e tres de Dezembro de mil oito centos e oitenta e sete e foi sepultado no Cemitério de São João Baptista d'esta Cidade. Do que para constar fiz este assento e assigno. Vigário João Paulo Barbosa". (Liv. Óbitos, Matriz do Patrocínio, 1886-1889, fl. 65).

Ainda do livro de inumações do Cemitério São João Batista de Fortaleza, que abrange o período que vai de 1º/10/1887 a 31/12/1889, consta que no dia 23/12/1887

[10] Livro 13 das sesmarias, fls.76 a 77.
[11] Livro 13 das sesmarias, fls.95 a 96.

foi inumado o corpo de José Diogo Vital de Siqueira, branco, **60 annos**, casado, natural de Sobral, residente em Fortaleza, lugar do falecimento S. Luís, de insuficiência mitral. Número de ordem 207 fl. 11. Entenda-se o lugar do óbito S. Luís, como sendo na jurisdição da matriz de São Luís de Gonzaga, que era o orago da atual matriz do Patrocínio, paróquia de residência do morto. Se, ao falecer em 1887, José Vital tinha sessenta anos, é porque nascera em 1827, antes portanto do casamento dos pais. Agora vejamos o assento de batismo de um dado **Jozé**, que encontramos em pesquisa realizada na Cúria de Sobral, no dia 14 de janeiro de 1997. A seguir o teor do assento, fielmente copiada:

"Jozé filho natural de Ignacia Francisca das Chagas desta freguesia nasceu em dias de Abril de mil oito centos e vinte e sete efoi baptizado solemnemente com osantos Oleos nesta Matriz atreze de Junho do mesmo anno pelo Padre Antonio Mendes Mesquita de minha licença, foram padrinhos Sancho Furtado de Mendonça[13], por procuração que delle, apresentou Herculano Furtado de Mendonça e Tereza Maria da Anunciação de que para constar mandei fazer este assento emque assigno. Vigº João Chrisostomo de Oliveira". (Liv. nº 20, Bat. Sobral, 1825-1830 fl. 106v).

Coincidência apenas? O nome do párvulo é o mesmo, o nome da mãe é idêntico e o ano encaixa exatamente com a data declarada por ocasião do óbito. Se tudo isto não bastasse, mais adiante, veremos que uma das testemunhas do segundo casamento de José Vital de Siqueira foi Silvano Furtado de Mendonça, que é filho do casal Sancho Furtado de Mendonça[12] e Tereza Maria da Anunciação (Cronologia Sobralense 2º vol, Pe. Francisco Sadoc de Araújo, pág. 110), padrinhos do menino **Jozé** da certidão acima. Silvano Furtado de Mendonça e José Vital de Siqueira tinham praticamente a mesma idade, e a amizade entre ambos seria conseqüência do parentesco espiritual entre José Vital e seus padrinhos de batismo, os mencionados pais de Silvano Furtado de Mendonça. Se José Vital fosse de 1831, estaria com 56 anos ao falecer em 1887. Ora, não é crível admitir tão acentuado engano, por parte da família, declarando-o quatro anos mais velho por ocasião de seu falecimento.

Cabem aqui mais algumas reflexões: como admitir que sendo D. Margarida Francisca das Chagas, ainda que viúva, mas pessoa de posses e de família de real influência, poderosa até, tenha aceitado a gravidez de sua filha adotiva, sem forçar a realização imediata do casamento reparador? Mas seria absurda a hipótese que, após uma ocasional relação amorosa entre Diogo Henrique e Ignácia Francisca, ele se tenha ausentado de Sobral, para uma longa viagem e só, ao regressar, haja tomado conhecimento do nascimento do filho e, em seguida, forçado ou não, contraído matrimônio? Vale recordar que aquele José,

[12] Outro sobrinho materno do Padre Mororó, pois sua mãe Ana Anônia de Sousa, casada com Antônio Furtado do Espírito Santo era irmã do referido padre. Rufino Furtado de Mendonça, irmão de Sancho, esteve envolvido na Confederação do Equador, sendo condenado à morte, mas anistiado nos últimos momentos antes da execução. Este foi casado em segundas núpcias com Maria Thomázia do Livramento, "a Libertadora". O procurador da cerimônia de batismo, Herculano Furtado de Mendonça, também era irmão de Sancho. Cronologia Sobralense, Pe. F. Sadoc de Araújo, 1º Vol. pág. 320 e 321.

que nascera em dias de abril de 1827 fora batizado a 13 de junho e o casamento de Diogo Henrique e Ignácia Francisca ocorreu a 2 de julho do mesmo ano.

Diante de tantas evidências, parece não padecer dúvida de que José Vital de Siqueira é o primogênito do casal Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, mas que nasceu, aproximadamente, três meses antes do casamento dos pais e legitimado com a cerimônia religiosa, pois a instituição do registro civil só surgiria muitos anos depois, já no final do pretérito século XIX. É válido ressaltar ainda que não se encontrou, nos livros de assentamentos de batizados de Sobral, nenhum filho legítimo do casal Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, que recebesse na pia batismal o nome **José**, porém a confirmação dessa legitimidade consta do termo de casamento de José Vital de Siqueira com Maria Messias de Albuquerque, como será visto adiante.

Do que ficou exposto achamos que a relação dos filhos do casamento de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas deve ser alterada, para fazer constar o nome de José Vital de Siqueira, como primeiro filho do casal, vindo em segundo lugar, o de Hermenegilda Libânia, ficando o de Abdon Francisco sem posição certa na relação, pois seu termo de batismo deve constar de página danificada de algum livro, ou extraviado por um outro qualquer motivo, não tendo sido encontrado. O mais provável é que Abdon tenha nascido entre 1839 e 1842, isto é, entre os irmãos Iria da Conceição e Rosendo Augusto, intervalo de tempo, em que não se aponta nenhum filho do casal. Não pelos assentos de batizados, mas pelos lançamentos de casamentos, verifica-se que os filhos de Diogo Henrique, de seus dois casamentos receberam sempre nomes compostos. As duas Marias, nascidas em 28/08/1834 e 07/01/1845, ao que tudo indica, não chegaram à fase adulta ou morreram inuptas, pois delas não temos notícias.

Leandro, de cuja existência tomamos conhecimento através do seu óbito, viveu apenas sete dias. Devemos ainda à Zuleika Ximenes Viana a descoberta desse filho de Diogo Henrique de Siqueira e Josefa Avelina. Graças às suas criteriosas pesquisas, podemos transcrever o assento do seu falecimento e, por este documento, avaliar a data do seu nascimento. Se não, vejamos:

"Aos dez de Março de mil oito centos setenta e dois sepultou-se no Cemiterio desta Cidade o parvulo Leandro branco filho legitimo de Diogo Henrique de Siqueira falleceu de espasmo com sete dias amortalhado e encommendado. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O Vigario Vicente Jorge de Sousa". (Liv. Óbitos, Sobral, 1870-1875, fl. 47).

A Cronologia Sobralense, 2.º vol. pág. 181, do padre Francisco Sadoc de Araújo, mesmo sem precisar a data de nascimento, também apresenta o nome de José Vital de Siqueira, como encabeçando a relação dos filhos do primeiro casamento de Diogo Henrique de Siqueira. Após estas considerações, apresentamos a seqüência retificada dos filhos de Diogo Henrique havidos com Ignácia Francisca das Chagas, em que apenas a posição do filho Abdon Francisco pode comportar alguma dúvida ou merecer algum reparo, mesmo porque poderia ter nascido entre os irmãos Antônio Franco e Bernardina de Jesus. As maiores chances são as contidas na relação a seguir, pois o intervalo de tempo entre filhos nascidos é evidentemente mais dilatado:

1	José Vital	n. /04/1827
2	Hermenegilda Libânia	n.13/04/1828
3	Francisco Henrique	n.02/07/1829
4	Antônio Franco	n.06/08/1830
5	Bernardina de Jesus	n.16/02/1833
6	Maria	n.28/08/1834
7	Olímpio Faustino	n.13/02/1836
8	Felisbela Benvinda	n.14/10/1837
9	Iria da Conceição	n.07/12/1838
10	Abdon Francisco	n.
11	Rosendo Augusto	n.26/04/1843
12	Maria	n.07/01/1845

A 23 de junho de 1875, Diogo Henrique de Siqueira e Josefa Avelina de Siqueira encontram-se em Fortaleza, talvez como hóspedes do filho José Vital de Siqueira, que nessa época já fixara residência nesta Capital e servem de padrinhos de Julieta, filha legítima de José de Barros Silva e Joanna Gerarda de Barros, nascida a 18 de maio do mesmo ano. Parece que José de Barros Silva era irmão de Josefa Avelina. O assento do batizado de Julieta encontra-se no Liv. Bat. da matriz de S. José (Sé), 1874-1876, fl. 159v.

Na noite daquele dia, muitas fogueiras arderam à frente das casas, na pequenina Fortaleza de então, de população reduzida e de poucas ruas, onde somente as mais centrais estavam toscamente calçadas e iluminadas com seus lampiões de gás: era noite de São João. Um ano e dois meses após a passagem do casal por Fortaleza, morre D. Josefa Avelina da Silva. O assentamento do seu óbito está assim redigido:

"Aos vinte e dois de Julho de 1876 sepultouse no Cemiterio desta Cidade o cadaver de Josefa Avilina de Siqueira, branca casada com Diogo Henrique de Siqueira, falleceo de parto na idade de trinta e tres annos, foi envolta em habito preto, e encomendada. E para constar fiz este assento, que assigno. O Vigario Vicente Jorge de Sousa". (Liv. Óbitos, Sobral, 1870-1877 fl. 239v).

Diogo Henrique de Siqueira está viúvo pela segunda vez, com sete filhos do seu segundo casamento, todos menores, e o mais velho com apenas onze anos de idade. Porém muitos de seus filhos do primeiro leito já estavam casados e já lhe haviam dado vários netos, alguns destes mais velhos que os tios nascidos do casamento com Josefa Avelina. Não consta que Diogo Henrique de Siqueira tenha contraído um terceiro matrimônio, havendo permanecido viúvo e sobrevivido por longos anos, pois em 1896, quando do casamento de sua filha Suzana, a certidão desse casamento só faz referência ao falecimento de Josefa Avelina, mãe da nubente. Infelizmente não lhe encontramos o óbito. Residia Diogo Henrique de Siqueira, em sua fazenda Andreza, nos sertões de Forquilha, local dos casamentos de suas filhas Iria da Conceição, Maria Avelina, Francisca Brasileira e Maria Madalena. Dos vinte filhos de seus dois casamentos, dos quais pelo menos dezessete constituíram família, já é enorme a descendência do velho português, natural da freguesia de Campolide, em Lisboa.

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Não é nosso objetivo fazer o desdobramento genealógico de todos os seus descendentes. Seria um trabalho de enorme envergadura e dificílimo para o autor que não é do núcleo familiar. Vamos ater-nos à descendência do primogênito **José Vital de Siqueira**, um ramo virente da árvore mãe, que, plantado aqui em Fortaleza, encontrou terreno fértil, enraizou-se, cresceu e se tornou uma outra frondosa árvore.

Mesmo assim, para situar as relações de família, a acentuada preferência pelas uniões endogâmicas, citaremos os casamentos dos filhos de Diogo Henrique de Siqueira, sem nenhum mérito para o autor, pois será apenas uma transcrição, acompanhada de alguns comentários, do que já foi publicado, em livros do consagrado, culto e incansável pesquisador, o ilustre monsenhor da Cúria Romana, Francisco Sadoc de Araújo e das preciosas anotações de Zuleika Ximenes Viana, fruto de criteriosa pesquisa e admiração aos seus antepassados.

1. Aos 27 de junho de 1853, na fazenda Pé de Serra, casamento de **Bernardina de Jesus Siqueira**, filha de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, com Joaquim Francisco Ripardo, filho de Bernardino Duarte Ripardo e Tereza Maria Ferreira. Foi o primeiro casamento dos filhos, e o termo não atesta se D. Ignácia já havia falecido. Bernardina de Jesus Siqueira, além de neta, era homônima da matriarca portuguesa, mãe de Diogo Henrique.

2. Aos 3 de novembro de 1854, casamento de **Antônio Franco de Siqueira**, filho de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, com Joana Gomes de Jesus, filha de Antonio Gomes de Jesus e Úrsula Maria da Conceição. Filhos do casal: 1 - Francisco Gomes de Siqueira; 2 - Inácia Gomes de Siqueira; 3 - Militão Gomes de Siqueira; 4 - Diogo Gomes de Siqueira.

3. Aos 4 de julho de 1855, primeiro casamento de **José Vital de Siqueira**, filho de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, com Maria Messias de Albuquerque, filha de Maria Theodora Correia. O termo já faz referência ao falecimento de D. Ignácia Francisca das Chagas, mãe do noivo. Filhos do casal: 1 – Ignácia Messias de Siqueira; 2 – Virgínia Messias de Siqueira.

4. Aos 23 de junho de 1856, na matriz, casamento de **Francisco Henrique de Siqueira**, filho de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, já falecida, com Maria Francisca Xavier, filha de Lázaro Alves Pereira e Raimunda Francisca Xavier.

5. Aos 17 de outubro de 1859, na capela de Santo Antônio, segundo casamento de **José Vital de Siqueira**, viúvo de Maria Messias de Albuquerque, com Amélia Felicíssima Correia, filha de Maria Quitéria Correia. Filhos do casal: 1 – Diogo Henrique de Siqueira (neto); 2 – Francisco Diogo de Siqueira; 3 – Antônio Diogo de Siqueira; 4 - Gustavo Diogo de Siqueira; 5 – Silviano Diogo de Siqueira; 6 – Maria Amélia de Siqueira.

6. Aos 9 de fevereiro de 1861, na fazenda Tamanduá, casamento de **Hermenegilda Libânia de Siqueira**, filha de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, com Raimundo Alves Pereira (que é o mesmo Raimundo Alves de Loyola), filho de Lázaro Alves Pereira e Raimunda Xavier de Mattos. O noivo, como é fácil verificar pela filiação, é irmão de Maria Francisca Xavier, que casara com Francisco Henrique de Siqueira, irmão de Hermenegilda. Do casal Hermenegilda e Raimundo nasceram: 1 - Inácia Maria Loyola; 2 - Hermenegilda. Inácia e Hermenegilda foram gêmeas e nasceram a 20/12/1861, tendo Hernenegilda Libânia de Siqueira falecido do parto. As filhas foram batizadas a 27 do mesmo mês e ano, presume-se, por ocasião da missa de 7º dia de sua mãe. A que recebeu o nome de Hernenegilda não sobreviveu por muito, falecendo quando criança.

7. Aos 15 de janeiro de 1863, na fazenda Andreza, casamento de **Iria da Conceição Siqueira**, filha de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, com Raimundo Alves de Loyola, viúvo de Hermenegilda Libânia de Siqueira. Filhos do casal: 1 - Francisco Raimundo Alves Loyola; 2 -Antônio Faustino de Loyola.

8. Aos 10 de agosto de 1864, casamento de **Olímpio Faustino de Siqueira**, filho de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, com Isabel Gomes de Jesus, filha de Manoel Gomes de Jesus e Francisca do Espírito Santo. Filhos do casal: 1 - Antônio Faustino de Siqueira; 2 - Altino Gomes de Siqueira; 3 - Diogo Olímpio de Siqueira; 4 - José Faustino de Siqueira; 5 - Augusto Olímpio de Siqueira; 6 - Maria Olímpia de Siqueira; 7 Josefa Olímpia de Siqueira; 8 - Maria Alice de Siqueira; 9 - Noeme Gomes de Siqueira. Olímpio Faustino de Siqueira foi proprietário da fazenda Forquilha. Segundo Abelardo Cavalcante de Vasconcelos, cronista daqueles sertões, a fazenda de Olímpio ficava situada próximo da junção dos rios Timbaúba e Oficina com o rio Madeira, onde hoje existe a Ilha Grande no açude público Forquilha, situado no município do mesmo nome, então território de Sobral.

9. Aos 2 de outubro de 1866, casamento de **Felisbela Benvinda de Siqueira**, filha de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, com Raimundo Alves de Loyola, viúvo de Iria da Conceição Siqueira. Filhos do casal: 1 - Raimundo Nonato Loyola; 2 - José Raimundo Loyola; 3 - Diogo Alves Loyola; 4 - Ana Maria de Siqueira; 5 - Iria Maria de Siqueira; 6 - Maria Neves Alves; 7 - Maria Bela Alves.

10. Aos 7 de fevereiro de 1880, na matriz, casamento de **Rosendo Augusto de Siqueira**, filho de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, com Julita Carmélia de Alcântara, filha do capitão Antônio Lopes de Alcântara e Vicência Jacundina de Alcântara. Filhos do casal: 1 - Santina Alcântara de Siqueira; 2 - Maria Eneíta de Siqueira Portela.

11. Aos 28 de julho de 1880, casamento de **Abdon Francisco de Siqueira**, filho de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, com Inácia Francisca de Siqueira, filha de Joaquim Francisco Ripardo e Bernardina de Jesus Siqueira. Abdon casou com sua sobrinha, filha de sua irmã Bernardina. É o primeiro caso, entre vários, que vamos encontrar.

12. Aos 19 de novembro de 1884, na fazenda Andreza, casamento de **Maria Avelina de Siqueira**, filha de Diogo Henrique de Siqueira e Josefa Avelina de Siqueira, com Francisco Alves de Loyola, filho de Gonsalo Ignácio de Loyola e Rufina Carolina de Sousa.

13. Aos 7 de janeiro de 1886, na fazenda Mulungu, casamento de **Gregório João de Siqueira**, filho de Diogo Henrique de Siqueira e Josefa Avelina de Siqueira, com Maria Francisca Xavier de Siqueira, filha de Francisco Henrique de Siqueira e Maria Francisca Xavier. Gregório casou com sua sobrinha Maria Francisca, filha de seu meio irmão Francisco Henrique de Siqueira.

14. Ao 1º de setembro de 1888, na fazenda Andreza, casamento de **Francisca Brasileira de Siqueira**, filha de Diogo Henrique de Siqueira e Josefa Avelina de Siqueira, já falecida, com Francisco Gomes de Siqueira, filho de Antônio Franco de Siqueira e Joanna Gomes de Jesus. Agora, é Francisca Brasileira quem casa com seu sobrinho, filho do seu meio irmão Antônio Franco de Siqueira.

15. Aos 14 de maio de 1890, na fazenda Andreza, casamento de **Maria Madalena de Siqueira**, filha de Diogo Henrique de Siqueira e Josefa Avelina de Siqueira, já falecida, com Pedro Madeira de Albuquerque, filho de Florêncio Madeiro de Albuquerque e Antonia Thereza de Mattos. "O nubente é natural e morador na Freguezia de Santa Quitéria", diz o assento.

16. Aos 23 de fevereiro de 1895, na capela do Menino Deus, casamento de **Joviniano Henrique de Siqueira**, filho de Diogo Henrique de Siqueira e Josefa Avelina de Siqueira, já falecida, com Maria Olímpia de Siqueira, filha de Olímpio Faustino de Siqueira, já falecido, e Isabel Gomes de Jesus. Joviniano casou com sua sobrinha Maria Olímpia, filha de seu meio irmão, Olímpio Faustino de Siqueira. Filhos do casal: 1 – Olympio Henrique de Siqueira; 2 – Zaphira; 3 – Fructuoso; 4 – Diogo; 5 – Francisca; 6- Francisco; 7 – Josepha; 8 – José; 9- Isabel.

17. Aos 17 de fevereiro de 1896, na capela de São Francisco do Campo Novo, casamento de **Suzana Avelina de Siqueira**, filha de Diogo Henrique de Siqueira e Josefa Avelina de Siqueira, já falecida, com Antônio Rodrigues dos Santos, filho de Francisco Rodrigues de Sant'Anna e Fellicia Carolina de Mesquita. Suzana Avelina, após a morte de Antônio Rodrigues dos Santos, teve um segundo casamento com Antônio Gradvohl.

18. Aos 20 de abril de 1912, segundo casamento de **Joviniano Henrique de Siqueira**, viúvo de Maria Olympia de Siqueira, com Ernestina Lopes de Aragão, filha de Raimundo Lopes Teixeira e Raimunda Lopes Aragão.

19. Em data que não foi possível determinar, **Josepha Avelina de Siqueira**, caçula de Diogo Henrique de Siqueira e Josepha Avelina de Siqueira, de quem era homônima, casou com Francisco André, filho adotivo do espanhol André Busón. Sem sucessão.

Nesta extensa relação de casamentos, observar que Raimundo Alves de Loyola casou sucessivamente com três irmãs: Hermenegilda Libânia, Iria da Conceição e Felisbela Benvinda. Segundo tradição oral, corrente na família, quando Raimundo Alves de Loyola pediu a mão de Felisbela Benvinda, Diogo Henrique de Siqueira lhe negou a pretensão, pois já contabilizava a morte de duas de suas filhas. Ante a recusa daquele que por duas vezes lhe fora sogro, Raimundo Alves de Loyola raptou Felisbela Benvinda, daí o casamento haver sido realizado na serra da Meruoca.

Dos filhos varões de Diogo Henrique de Siqueira, aquele que nos parece haver alcançado o maior relevo social foi Rosendo Augusto de Siqueira. A sua patente de major, que fielmente copiamos, do Liv. Registro de Patentes da Guarda Nacional, 1891-1892, fls. 128 e 128v, Arquivo Público do Ceará, está assim redigida:

Rosendo Augusto de Siqueira Major fiscal do 45.ºº de Infantaria da Guarda Nacional de Sobral

O Vice Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil: Faz saber aos d'esta carta Patente virem q. resolveu nomear o cidadão Rosendo Augusto de Siqueira para o Posto de Major fiscal do 45.º B.ão de infantaria da G.N. da comarca de Sobral no E. do Ceará e como tal gosará de todas as honras e direitos inherentes ao Posto. Pelo q. mando á authoridade competente q. lhe dê posse depois de prestar o devido juramento; aos officiaes superiores q. o reconheção a honra e estimem e a todos os seus subalternos q. lhe obedeçam e guardem suas ordens no q. tocar ao Serviço Nacional, tão fielmente como devem. Em firmesa do que lhe mandei passar a presente Carta por mim assignada q. se cumprirá como nella se contem, depois de sellada com sello grande das Armas da República. Palacio da Presidencia no Rio de Janeiro, em 31 de Maio de 1892 4.º da Republica Floriano Peixoto Fernando Lobo. Carta Patente pelo ql é nomeado o cidadão Rosendo Augusto de Siqueira p.ª o posto de Major fiscal do 44.º (sic) B.ão de Infantaria da Guarda N. da Comarca de Sobral, no Estado do Ceará, como acima se declara. Por Dec de 24 de Maio de 1892 e Despacho do Ministério dos Negocios da Justiça. Registrado a fls 139 do Liv 15 de Patentes. Secretaria dos Negocios da Justiça em 27 de Junho de 1892. Ivan Saturnino Ferreira Lobo. Ant.º Vieira dos Santos Werneck a fez. N.º 858. Sello 250$000 augmt.º de 10% 25$000. Pagou 275$000 de sello augmt.º de 10%. Alfandega do Ceará, 23 de Junho de 1892. Cesar Moraes. Ant.º Machado. Nº 638. R.ª 40$000. Pagou 40$000 de emolumentos aos n.º 7 da lei do orçamento vigente. Recebedoria do Ceará, em 30 de Julho de 1892. Nogueira Pamplona.

Rosendo Augusto de Siqueira foi intendente de Sobral (prefeito), durante dez anos: no governo do general José Freire Bizerril Fontenele, 1892-1896; no governo do Dr. Antônio Pinto Nogueira Acioli, 1896-1900 e no governo do Dr. Pedro Augusto Borges, de 1902 a 1904. (Homens e Vultos de Sobral, Mons. Vicente Martins, pág. 34)

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Major Rosendo Augusto de Siqueira
Intendente (prefeito) de Sobral de 1892 a 1900 e de 1902 a 1904

Localização de Forquilha em relação ao Estado do Ceará

Local onde existiu a casa sede da Fazenda Andreza. Jorge Diogo de Siqueira, Antônio Célio Mendes Cavalcante e José Ribamar de Lira Pessoa, descendentes do velho português, seguram raros vestígios do que sobrou da antiga edificação.

Casa sede da Fazenda Tamanduá.

Igreja Matriz de Sobral, hoje Catedral.

No capítulo anterior, ficou bastante claro que nenhum filho de Diogo Henrique tinha **DIOGO DE SIQUEIRA** como nome de família. Eram simplesmente Siqueira. Queremos com isto dizer que não havia, ainda no Ceará, família Diogo de Siqueira. Todos os documentos primários consultados, certidões de batismos, casamentos, óbitos e a carta patente de major de Rosendo Augusto confirmam o que afirmamos. Rosendo Augusto aparece no "Almanack do Ceará" de João Câmara, de 1903 a 1907, como fiscal dos impostos de consumo de fumo, bebidas, etc, no Estado do Ceará, da 6ª Circunscrição, com vencimentos de 100$000 (cem mil réis) mais um percentual de 5%, atuando em Sobral, Meruoca, Tamboril, Santa Quitéria, Entre-Rios, Crateús e outros, com o nome de Rosendo Augusto de Siqueira. Nos documentos mais antigos, o primogênito José sempre está como **José Vital de Siqueira**. Assim consta do termo de assentamento de seus dois casamentos, do termo de óbito de sua primeira mulher, Maria Messias de Albuquerque e dos termos de batismo de seus filhos, Ignácia, Virgínia (filhas do primeiro leito), Diogo, Francisco, Antônio e Silviano (filhos do segundo leito) e do batismo de sua nora Maria Severa, da qual era padrinho. Entre Antônio e Silviano está Gustavo, cujo termo de batismo não foi encontrado. Só mais tarde, José Vital começa a aparecer em documentos como **José Diogo Vital de Siqueira** e assim permanecerá até seu óbito. Contudo o Diogo foi introduzido como pré-nome e não como nome de família. Coube à Sra. Fernanda Diogo de Siqueira relatar ao autor o que lhe costumava narrar sua tia Nenen Diogo, sem sombra de dúvidas, um repositório dos mais autênticos das tradições familiares. Segundo Dona Nenen, o Diogo surgiu no nome de José Vital de Siqueira e de seus filhos, como pagamento de uma promessa, feita a São Diogo, em instante de extrema aflição. Faz sentido, mesmo porque não há outra explicação razoável. Nunca é demais lembrar que o nome do pai de José Vital de Siqueira era Diogo Henrique, português, natural de Lisboa.

São Diogo é um dos santos mais populares da Espanha e da América espanhola, com o nome de San Diego. Nasceu por volta de 1400, em São Nicolau do Porto, em Andaluzia, Espanha. Entrou como Irmão leigo na Ordem dos Frades Menores em Arizafa, Córdoba. O humilde e obediente frei Diogo, em se tratando de fazer o bem aos pobres, não hesitava em privar-se do próprio pão para levá-lo escondidamente a algum mendigo. Em 1441, foi enviado como missionário às Ilhas Canárias. Frei Diogo aí trabalhou com alegria e, cinco anos depois, a obediência lhe fez aceitar o cargo de superior, não obstante ser ele um simples irmão leigo. Em 1450, esteve em Roma, ocasião em que o papa Nicolau V confiou-lhe os cuidados do Mosteiro de Aracoeli. Nesse tempo, grassou em Roma uma grave epidemia. Dedicando-se com toda caridade aos enfermos, muitas doenças ele curou com azeite da lâmpada, que ardia diante da imagem da Virgem Maria. Voltando à Espanha, continuou como porteiro e cozinheiro de vários conventos, sendo o último deles o de Alcalá de Henares, perto de Madri, onde santamente concluiu sua vida a 12 de novembro de 1463. Antes de morrer, vestido de roupa toda gasta e rota, com os olhos fixos na cruz, recitou com grande comoção as palavras: *"Doce Lenho, doces Cravos, que precioso fardo segurais! Somente vós sois digno de carregar o Rei do céu e da terra"*. Foi canonizado por Xisto V, em 1588 e sua festa, celebrada a 12 de novembro, dia de sua morte, passou para 13 do mesmo mês, com a reforma do calendário romano. Como a Espanha e Portugal se encontram juntas na Península Ibérica e em virtude das curtas distâncias, a devoção ao santo teve curso em

território luso. Diogo Henrique de Siqueira talvez fosse devoto do santo, que lhe emprestara o nome e possivelmente transferiu essa devoção ao primogênito José Vital.

Não pode haver a menor dúvida de que José Vital, até pelo menos a morte de seu filho Silviano, ocorrida a 25 de janeiro de 1871, ainda se identificava como José Vital de Siqueira, como consta do termo de óbito da criança. No termo de batismo de sua caçula Maria Amélia, nascida a 3 de fevereiro de 1873, começa a aparecer como **José Diogo Vital de Siqueira** e assim permanecerá até o fim de seus dias. Seguindo esse rastro, deduz-se que a suposta promessa de José Vital teria ocorrido nesse intervalo de tempo, isto é, entre 1871 e 1873. Ora, o seu filho mais velho do segundo leito e primeiro do sexo masculino tinha Diogo no nome, pois era homônimo de seu avô paterno, Diogo Henrique de Siqueira. Foi fácil acrescentar Diogo aos nomes dos demais filhos, Francisco, Antônio e Gustavo e ao dele próprio, porque ao tempo, não havia registro civil, nem outros documentos civis, que só surgiram anos depois, principalmente com a chegada da República. Praticamente, os nomes eram declarados conforme as conveniências pessoais, sem maiores problemas. Desse modo, introduziu-se o Diogo que seguido do Siqueira, até pela sonoridade da pronúncia, deu origem à família DIOGO DE SIQUEIRA de Fortaleza.

Como explicar, porém, a existência de outros Diogos de Siqueira, fora da descendência de José Vital?

Os descendentes de Rosendo Augusto de Siqueira parecem haver adotado, também, Diogo de Siqueira como nome, pelo menos é o que se vê em três túmulos existentes no Cemitério São João Batista de Fortaleza. De certo modo, o sucesso empresarial de **Antônio Diogo de Siqueira** deu um notável destaque à expressão familiar Diogo de Siqueira e talvez aí esteja a razão de muitos outros acompanharem o nome famoso. Em pesquisas realizadas em livros da paróquia de Parangaba, em Fortaleza, encontramos alguns Diogos de Siqueira, cujas ascendências não conseguimos identificar, mas tudo leva a crer que eram parentes próximos e dos muitos protegidos do coronel Antônio Diogo, residentes em sua propriedade da Pajuçara. A profunda admiração dos descendentes pelo velho português Diogo Henrique de Siqueira e o desejo de homenageá-lo através do nome de filhos e netos, podem explicar também o aparecimento de pré-nomes compostos, onde o Diogo do Patriarca, estava sempre acompanhado do Siqueira, o nome da família.

No hoje município de Forquilha, cuja emancipação política só ocorreu a 5 de fevereiro de 1985, terra-berço da família, que se estabeleceu com fazendas nas ribeiras de seus riachos, existe uma escola, cujo patrono é o capitão José Diogo de Siqueira. Este foi o homem mais rico do Campo Novo, povoado das margens da barragem existente no local. Solteirão convicto, deixou descendência bastarda. É mais provável que seu pré-nome fosse mesmo José Diogo, uma composição em homenagem ao popular padroeiro do Ceará, São José e ao avô Diogo Henrique, naturalmente acrescido do Siqueira, o nome de família. Melhor explicação realmente nós não temos para apresentar. Mais adiante, com a natural tendência de subtrair, para simplificar, passou a família a ser identificada como **OS DIOGOS**, inclusive, como sinônimo de opulência, mas, nessa condição, restrita à família do coronel **Antônio Diogo de Siqueira**, terceiro filho do casamento de José Vital de Siqueira com sua segunda esposa, Amélia Felicíssima de Siqueira.

Trinetos de Diogo Henrique de Siqueira,
Chefes dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo

Diogo Henrique de Siqueira deixou numerosa descendência, através dos filhos havidos de seus dois casamentos, o primeiro com Ignácia Francisca das Chagas e o segundo com Josepha Avelina da Silva. De temperamento reservado, esquisito, diz a tradição oral, viveu da agricultura e da pecuária, de forma modesta, pois não consta que haja sido um grande fazendeiro e a história de Sobral, onde sempre morou, não registra fatos relevantes de sua existência, tendo permanecido no anonimato. Praticamente, seu nome só aparece nos registros paroquiais, o que confirma a suposição de uma vida comum, sem nenhum destaque social, político ou econômico. O mesmo não se pode dizer de seu filho, do primeiro casamento major Rosendo Augusto de Siqueira que, por exatos dez anos, foi intendente de Sobral, o que revela competência, aliada à habilidade política. E o que não dizer do neto, o coronel Antônio Diogo de Siqueira, filho de José Vital de Siqueira com sua segunda esposa, Amélia Felicíssima de Siqueira, cuja destacada vida se apoiou nos seus próprios êxitos?! Do mesmo modo, encontramos já, na quinta geração, três trinetos do velho português, ocupando exatamente as três mais altas posições do Estado, as chefias dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo. Estamos falando do governador do Estado, César Cals de Oliveira Filho; do presidente do Tribunal de Justiça desembargador, José Maria de Melo; e do presidente da Assembléia Legislativa, deputado estadual Moésio Loiola de Melo, respectivamente. Os dois primeiros, escolhidos para mandatos completos, surpreenderam pela firmeza na condução da coisa pública, pela incontestável capacidade de trabalho e pelo dinamismo de suas primorosas administrações. Quanto ao deputado Moésio Loiola foi muito curto o seu mandato de presidente. Na 24ª legislatura, que compreende o período que vai de 1994 a 1998, o primeiro biênio teve como presidente da mesa diretora da Assembléia Legislativa, o deputado Cid Ferreira Gomes e, como 1º vice-presidente, estava o deputado Moésio Loiola, ambos oriundos da mesma ribeira do Acaraú. Com a renúncia do titular Cid Gomes para assumir a Prefeitura de Sobral (CE), para qual fora eleito, efetiva-se, na função de presidente da Assembléia, o deputado Moésio Loiola de Melo, havendo permanecido no cargo de 1º a 31 de janeiro de 1997, quando deu posse à nova mesa diretora. Os esquemas a seguir apresentados, mostram como os três ilustres cearenses descendem do patriarca Diogo Henrique de Siqueira.

ESQUEMA 1

Diogo Henrique de Siqueira
c.c. Ignácia Francisca das Chagas

José Vital de Siqueira
c.c. Amélia Felicíssima de Siqueira

Cel. Antônio Diogo de Siqueira
c.c. Elisa Viana de Siqueira

Hilza Diogo de Oliveira
c.c. Dr. César Cals de Oliveira

Cel. César Cals de Oliveira Filho
(Governador do Ceará)
Chefe do Poder Executivo

ESQUEMA 2

Diogo Henrique de Siqueira
c.c. Ignácia Francisca das Chagas

Felisbela Benvinda de Siqueira
c.c. Raimundo Alves de Loiola

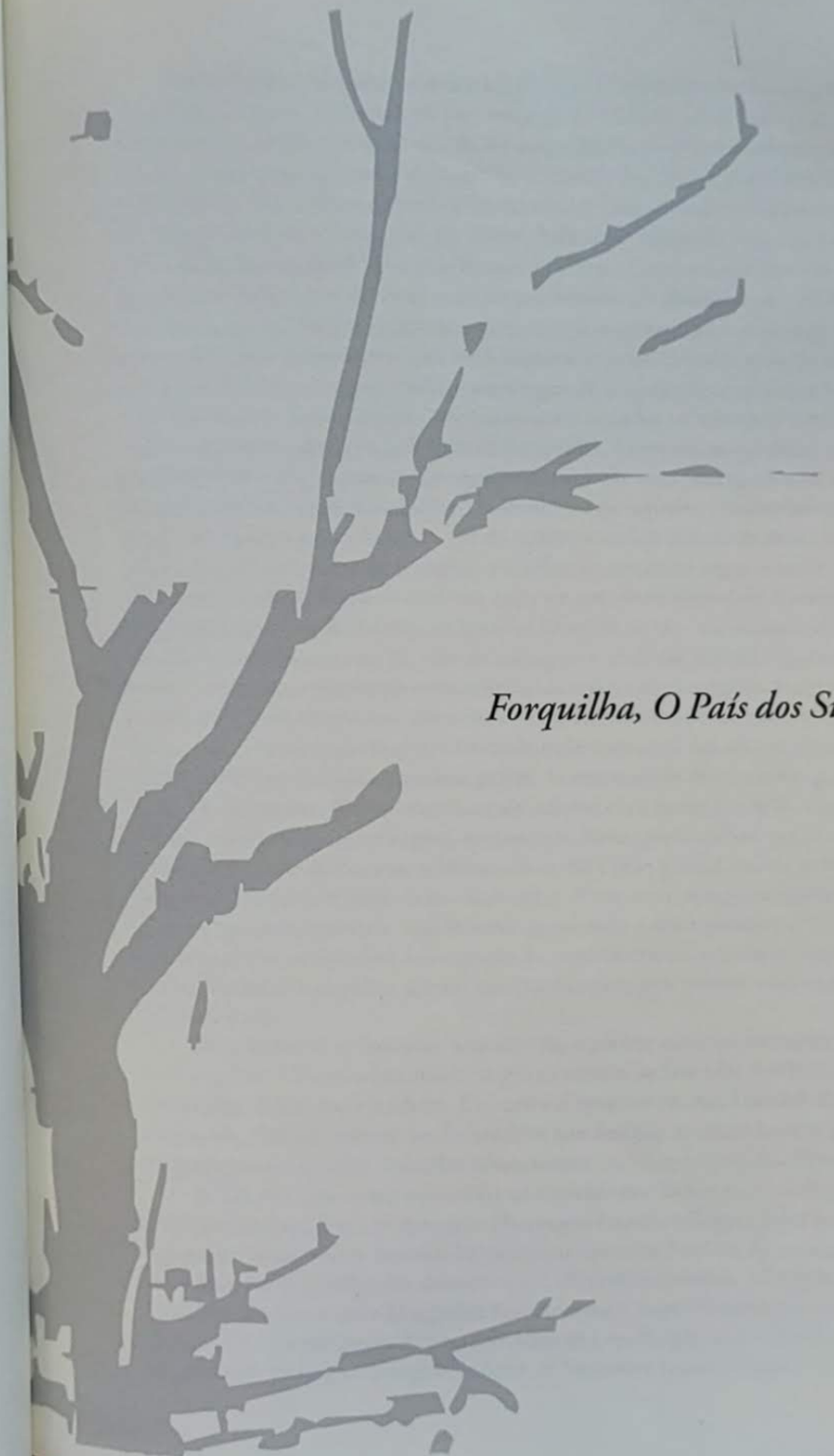
Diogo Alves de Loiola
c.c. Patriolina Guimarães Loiola

Felisbela Benvinda de Loiola
c.c Francisco Ximenes de Melo

Desembargador **José Maria de Melo**
(Presidente do Tribunal de Justiça do Ceará)
Chefe do Poder Judiciário

José Maria Melo e Moésio Loiola de Melo são irmãos, filhos dos mesmos pais. Na formação do ESQUEMA 3, basta proceder a substituição do último trecho do anterior por:

Deputado **Moésio Loiola de Melo**
(Presidente da Assembléia Legislativa do Ceará)
Chefe do Poder Legislativo



Forquilha, O País dos Siqueiras

Em 1737, já se encontra na Ribeira do Acaraú Manoel Ferreira Torres, português, natural de Cristelo, onde nasceu por volta de 1720. Em 16 de junho de 1752, o capitão-mor Luiz Quaresma Dourado lhe concede uma data e sesmaria de três léguas de terra de comprido por uma de largo, no riacho do Madeira e poço Timbaúba. Em 22 de abril de 1767, Manoel Ferreira Torres obtém mais uma data e sesmaria, de mais três léguas de terra, às margens do riacho Sabonete, alegando, em sua petição ao governador Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, que se acha com sua "*fazenda avultada de gados além de ter aí mais para acomodar do dezembro de 1764 de que é rendeiro na mesma Ribeira do Acaracu e necessita de mais terras para os ditos gados vacuns e cavalares para se poderem criar com mais largueza de pastos*". Ambas as datas, obtidas de três léguas de comprimento, tinham uma légua de largura, meia para cada banda dos referidos riachos. Essas porções de terras estavam situadas em território sobralense, na região hoje integrada ao município de Forquilha. Eram terras devolutas e virgens, terras de sertão, do imenso sertão, que é o Ceará. De solo pedregoso e árido, na sua cobertura nativa, estavam a jurema, o mofumbo, a catingueira, o marmeleiro, o jucá, o sabiá, a imburana, o pau-branco e em abundância muitas árvores de ótima qualidade, como o pau-d'arco, a aroeira, o angico, o marfim, o coração de negro, o cedro, o pereiro. Ali estava, ainda, o juazeiro com sua copa de um verde brilhante, a resistir a mais prolongada ausência de chuvas e ao braseiro do sol do sertão. Nas margens dos riachos, abundava a oiticica, árvore de fechada folhagem e acolhedora sombra para homens e animais, cujo aproveitamento econômico só ocorreria séculos depois. Nas várzeas predominava a carnaubeira, com seu talhe esbelto e graciosa copa, de indiscutível importância no início da colonização. Cobrindo todo o terreno, densas touceiras de viúva alegre, com suas extensas e grossas guitas, se enroscavam nos troncos, ganhando a altura das palmeiras. Não menos rica e abundante era a fauna da região. Havia onças, veados, seriemas, gatos selvagens, tamanduás, tatus, preás, pebas, cotias, cobras de todas as espécies e tantos outros bichos do sertão e uma grande variedade de pássaros de bela plumagem e muitos de mavioso canto. A natureza, apesar da região de caatinga, com sua mata primária, manifestava-se em todo o seu esplendor. Neste cenário, encontrado nos primórdios da ocupação do vasto território, o homem branco procurou acomodar os seus gados, aproveitando a rica pastagem natural, onde pontificava o capim mimoso.

Manoel Ferreira Torres foi, sem dúvida, o grande sesmeiro da região sobralense de Forquilha. Nos seus domínios, surgiram adiante as fazendas Arribita, Sabonete, Timbaúba, Tamanduá e Andreza. Os cursos d'água dos riachos Tamanduá, Sabonete, Timbaúba, Oficina, tributários do Madeira que deságua no Acaraú, estão pelo menos em parte, talvez no todo, inseridos nesses territórios. Este é o país dos Siqueiras.

A fazenda Tamanduá pertencera ao capitão-mor Luís Francisco Braga, obtida, parte por herança de seu irmão padre Domingos Francisco Braga e parte por compra a seu outro irmão Pedro Barroso Valente, que também herdara do irmão comum e sacerdote. No inventário dos deixados por Luís Francisco Braga, a fazenda Tamanduá ficou com a viúva meeira Margarida Francisca das Chagas. Esta propriedade aparece depois como pertencente a Raymundo Alves de Loyola, que casou seguidamente com três filhas do português Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas,

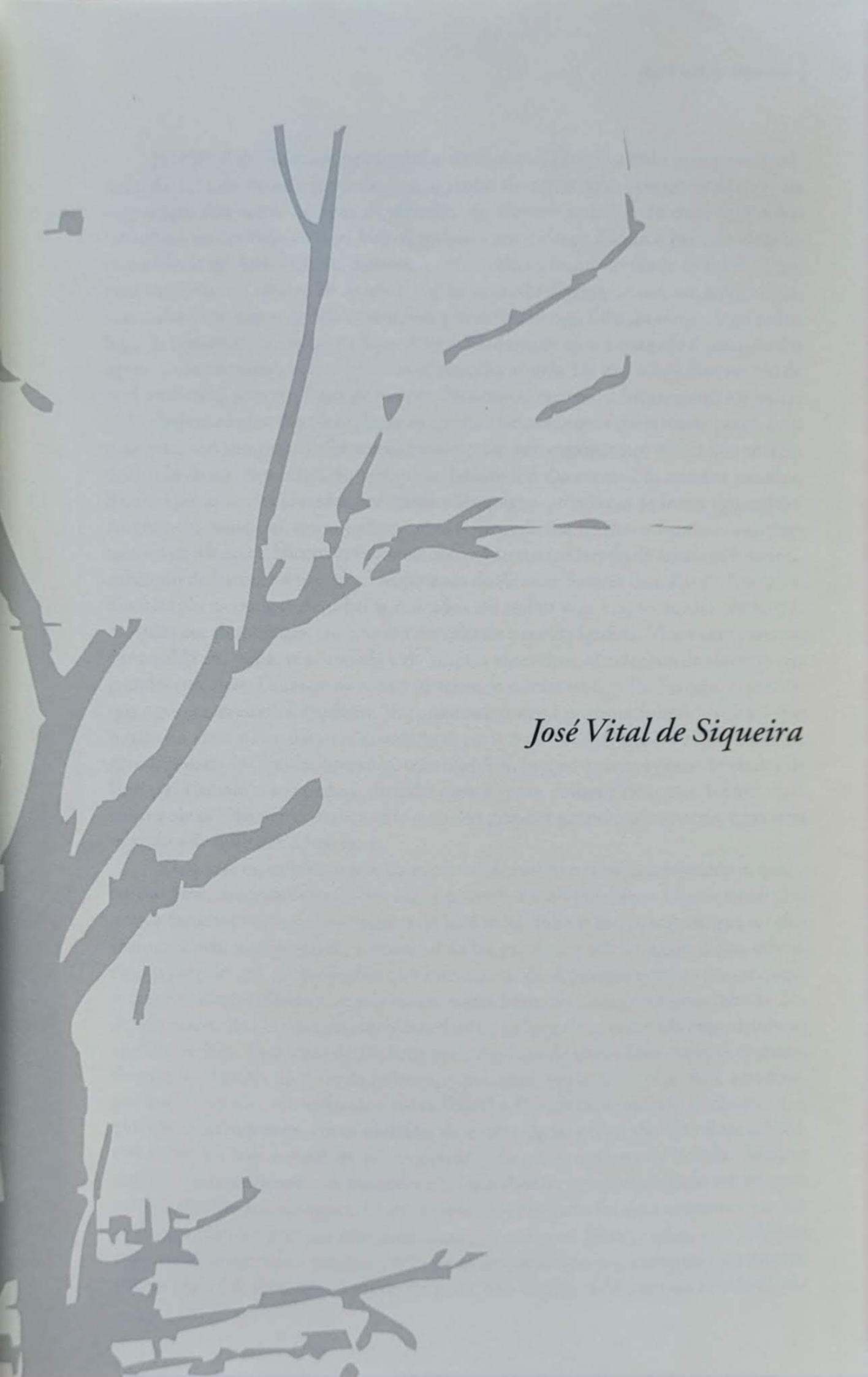
esta filha adotiva e afilhada do casal Luís Francisco Braga e Margarida Francisca das Chagas. A primeira esposa de Raymundo Alves de Loyola foi Hermenegilda Libânia de Siqueira, primeira filha mulher de Diogo Henrique e Ignácia Francisca. Hermenegilda era afilhada de batismo de sua *avó* Margarida. Estamos convencidos de que Dona Margarida, senhora de muitas propriedades, doou a fazenda Tamanduá, ou parte desta, a sua *neta* e afilhada que, ao casar com Raymundo Alves de Loyola, levou essa propriedade para o patrimônio do casal. Alguns dão a fazenda Tamanduá como pertencente a Lázaro Alves Pereira que, por sucessão hereditária, passara ao filho Raymundo Alves de Loyola. Achamos a hipótese da doação, acima apresentada, muito mais consistente. Lázaro Alves Pereira talvez tenha possuído a fazenda Arrebita, onde foi morar após seu casamento com Raimunda Francisca Xavier, a 24 de maio de 1814. Vale ressaltar que Lázaro Alves Pereira era bisneto, pelo lado materno, do colonizador Manoel Ferreira Torres. Sua sogra, Maria Joaquina de Sousa, era irmã do inditoso padre Mororó. Quanto à fazenda Andreza, de Diogo Henrique de Siqueira, não consta dos bens deixados pelo capitão-mor Luís Francisco Braga. Se a este pertenceu, já com o nome de Andreza, pode ser que a tenha doado, em vida, à sua filha adotiva, Ignácia Francisca das Chagas, portanto antes do casamento desta com Diogo Henrique de Siqueira. Uma outra hipótese é que a Andreza haja sido desmembrada da Tamanduá e doada por D. Margarida Francisca das Chagas à sua filha adotiva e afilhada Ignácia, já casada com Diogo Henrique, sendo a porção desmembrada, batizada com o nome de Andreza, em lembrança da bela mulata que povoou os sonhos de muitos dos homens da região. A prevalecer essa última hipótese, a fazenda Tamanduá teria sido desmembrada em duas partes: uma D. Margarida doara à *filha* Ignácia e a outra à sua primeira *neta* e afilhada Hermenegilda, filha de Ignácia. A parte de Ignácia teria recebido o nome de Andreza

Em data de 1º de agosto de 1999, o autor visitou, naquela manhã radiosa de domingo, em companhia do radialista Antônio Célio Mendes Cavalcante e do vigoroso sertanejo José Ribamar de Lira Pessoa, ambos descendentes do velho Diogo Henrique de Siqueira, as fazendas Andreza e Tamanduá. As duas propriedades são vizinhas, o que reforça a hipótese do desmembramento. Na visita ao local onde existiu a casa de Diogo Henrique, fez-nos companhia Edson Diogo de Siqueira, que é neto de Gregório João de Siqueira, o penúltimo filho do velho português. No local, já envolvido pela vegetação de caatinga, encontram-se apenas raros vestígios da antiga morada: alguns restos de tijolos, telhas e madeiras de coberta bastante carcomidas. Quase nada. Situava-se a moradia num cômoro, tendo ao lado esquerdo e a pouca distância o riacho das Onças e, logo adiante, e em frente o vale do riacho Sabonete, onde deságua o precedente. As terras da Andreza, embora ainda conhecidas por este nome, estão hoje inseridas na fazenda Pitombeira, de propriedade dos herdeiros do médico Dr. Joaquim Adauto Araújo. Mais para o fundo da propriedade existe atualmente um açude, cuja parede barra o referido riacho das Onças. O local é de uma beleza rara e de uma quietude que impressiona. Nesta fazenda e naquela casa não mais existente, viveu Diogo Henrique de Siqueira com sua imensa prole. Era um homem esquisito, nos informa, pela tradição, o seu descendente José Ribamar de Lira Pessoa. Grande criador de bodes, daí partiam seus comboios de burros para comprar café em Baturité, produto de qualidade da serra do mesmo nome. Seus comboieiros levavam para saciarem a fome, no longo trajeto, através dos sertões adustos, mantas de carne de bode salgada.

Próxima e vizinha, está a Tamanduá com sua antiqüíssima casa-sede, dando vista para o vulto azulado e distante da serra do Barriga. Nesta casa viveram suas vidas matrimoniais, Hermenegilda Libânia, Iria da Conceição e Felisbela Benvinda, todas filhas do primeiro casamento de Diogo Henrique com Ignácia Francisca e esposas sucessivas de Raymundo Alves de Loyola. As terras das fazendas Andreza e Tamanduá estão situadas perto da cidade de Forquilha, sede do município.

Os Siqueiras são predominantemente brancos e muitos de olhos claros. Há alguns segmentos de cor morena em virtude das miscigenações, facilmente identificáveis.

Em Forquilha, pareceu-nos que quem não é forasteiro é Siqueira. Quem não é Siqueira é Loiola, mas sendo Loiola, é também Siqueira, porque ambas as famílias se fundem numa só, pela ascendência comum a ambas. Mesmo quem não apresenta esses nomes de família, terminam pertencendo ao mesmo clã, em virtude dos próximos e fortes entrelaçamentos familiares.



José Vital de Siqueira

José Vital de Siqueira, primogênito de numerosa família, cedo se quedou enredado na lida de sítios e fazendas, no amanho da terra, nem sempre generosa, na preparação dos vastos campos de algodão, no afanoso trabalho do trato diário dos rebanhos, no cuidado com os bichos miúdos, em tudo ajudando o pai que viera da outra banda do Atlântico, da distante Lisboa, velha e formosa cidade da foz do Tejo, para mourejar na ribeira do Acaraú, região em tudo diversa da sua, em solo, clima, vegetação e costumes. A vida descuidosa e livre de criança, filha do sertão, logo cedeu lugar às preocupações naturais do sertanejo nordestino, com a chegada da estação das águas. Compartilhava com o pai essas apreensões anuais. De dia, olhos fitos no céu de azul profundo, sem um fiapo de nuvem. Nas noites escuras, o firmamento a mostrar toda a beleza estelar. No plenilúnio, os vastos e belos campos cobertos de prata, com suas graciosas sombras. Tudo muito belo, porém preocupante nos meses que antecedem o inverno. Aos olhos do sertanejo, bonito é o dia escuro, de nuvens pesadas. Bonitas são as noites cortadas por claros relâmpagos, prenúncio de fortes aguaceiros. Alegrara-se, com o pai, nos anos bons, com o estrondo dos trovões ecoando nos grotões na serra da Meruoca. Vira o rio Sabonete descer barrento, trazendo de roldão os balseiros, correndo de barreira a barreira, em procura do Acaraú, através da calha do Madeira. Contempla as espigas de cabelos doirados do milho e as vagens verdes do feijão, colhidos em abundância, enchendo a cozinha de sua mãe Ignácia. Vira a casa paterna, construída em taipa, mas arejada e de amplos alpendres, abarrotada de algodão nas grandes colheitas. Tirava-se da terra o sustento da numerosa família. Percebera, porém, que o pai era modesto fazendeiro. Nas costumeiras idas à próxima Sobral, verificara que o pai não fazia parte daquela aristocracia rural e portentosa que se evidenciava na grandiosidade dos amplos sobrados, com mobílias, louças, cristais e pratarias vindos da Europa. Tinham o seu pedaço de chão para plantar, colher e criar seus bichos, mas eram pobres Não pertenciam à confraria dos grandes proprietários rurais, com seus rebanhos de milhares de cabeças.

Naqueles recuados tempos, eram poucas as escolas e raros os professores e, quando existiam, concentravam-se nas vilas e povoados mais prósperos. Nessas condições pouco favoráveis, os conhecimentos de José Vital tinham forçosamente que ser elementares, não ultrapassando o essencial de ler, escrever e contar, aprendidos, talvez, com o próprio pai. As profissões que exerceu e as posições que ocupou foram quase sempre modestas. Deixou, contudo, um nome honrado à sua prestigiosa família. Segundo dizeres de sua filha caçula, Maria Amélia de Siqueira, conhecida pelo carinhoso apelido de Bila, José Vital de Siqueira era tangerino de gado. Sem maiores chances, deixara os afazeres da fazenda paterna, e por anos, levou uma vida dura e penosa, conduzindo gado, normalmente entre Sobral e Fortaleza, vencendo distâncias que pareciam intermináveis, em caminhadas de muitas léguas e dias, sob um sol escaldante, envolvido na leve nuvem de pó levantada pelo passo moroso da boiada. Tempos depois, fixou residência em Fortaleza e foi marchante, comprando gado em pé, para vender abatido aos açougues. O envolvimento com gado foi uma constante em sua laboriosa existência e essa atividade alcançou todos os filhos varões, que também comercializaram com o produto. Não passa despercebido que vários de seus descendentes mais distantes são criadores de gado, não importando que essa atividade seja

exercida como secundária ou paralela às suas principais. O gosto exacerbado, o zelo e a dedicação que demonstram a seus rebanhos, mostram que existe a vaqueiragem no sangue como uma herança atávica. Segundo consta da tradição oral, José Vital de Siqueira, também manteve certo comércio de burros, enviados para a região amazônica, possivelmente para o trabalho da colheita da borracha.

O autor tinha conhecimento dessa versão quando leu o livro, Forquilha (de Sítio a Município), do escritor Abelardo Cavalcante de Vasconcelos. Nessa publicação, o ilustre filho de Forquilha sintetiza a história das fazendas locais e, quando descreve a fazenda Sabonete, assim nos informa: "As atividades desta Fazenda, antigamente, se prendiam na criação de muares, através de cruzamento de jumentos com éguas. Estes animais viviam em soltas, separados a fim de haver uma boa produção anual. As crias eram vendidas para o Pará, transportadas por meio de navegação marítima. Este tipo de atividade foi mantido desde a fundação da Fazenda[13] até os últimos dias de Joaquim Euclides de Andrade como proprietário".[14]

O relato mostra que existia a atividade de criação de burros em larga escala e a venda desses animais para a região norte do país. Isto, de certa forma, confirma a versão da família, de mais esta atividade de José Vital de Siqueira. Qual a forma de sua participação no negócio é que não sabemos precisar. Possivelmente comprava os lotes e os conduzia ao porto de embarque, Acaraú ou Fortaleza, onde os repassava a agentes interessados.

A fazenda Sabonete, nos seus primórdios, pertenceu ao português Manoel Ferreira Torres e teve origem na sesmaria por ele conseguida a 22 de abril de 1767, assim resumidamente descrita: pegando na Alagoa do Arrebita que está à beira do riacho Sabonete e por este acima, rumo ao sul, até se inteirar. Muitos anos depois, por volta de 1844, já pertencia a Francisco Alves da Fonseca (filho), que conservou esse bem por longos anos, sendo o local de seu segundo casamento em 1905. Vendida a Joaquim Euclides de Andrade, hoje, com o nome de Vencedora, é de propriedade do Grupo Quirino Rodrigues. Vale recordar que Francisco Alves da Fonseca (filho) foi padrinho do casamento de Diogo Henrique de Siqueira com Josefa Avelina da Silva, a 21 de julho de 1864. As proximidades das fazendas Andreza e Sabonete e a amizade existente entre seus proprietários favoreciam os interesses comerciais das famílias envolvidas, como é natural se supor.

José Vital de Siqueira casou em primeiras núpcias, aos 28 anos de idade, com Maria Messias de Albuquerque, em 2 de julho de 1855, na casa do Sr. Joaquim Lopes, conforme anotações de próprio punho, em sua caderneta. Por sobre a nota escreveu, em letras grandes, P. Vicente, lembrando que o celebrante fora o padre Vicente Jorge de Sousa. Quanto à data e local do casamento, preferimos ficar com as anotações do noivo que estão em desacordo com o assento feito no livro da igreja matriz. Eis o termo:

[13] Abelardo Cavalcante de Vasconcelos atribui a instalação da Fazenda a Francisco Alves da Fonseca em 1844
[14] FORQUILHA (de Sítio a Município) – Abelardo Cavalcante de Vasconcelos – IOCE., pág. 36.

"Aos quatro de Julho de mil oitocentos cincoenta e cinco, ao depois de procedidas as diligencias do estilo do que não resultou empedimento algum, cujos papeis ficão em meo puder nesta Matris em minha presença e das testemunhas José Raimundo Ferreira, e Joaquim Lopes dos Santos Junior, se receberão em Matrimonio ***José Vital de Siqueira****, filho legitimo de Diogo Henrique de Siqueira, e de Ignacia Francisca das Chagas, já falescida, com* ***Maria Messias de Albuquerque****, filha de Maria Theodora Correia, os nubentes são naturaes e moradores nesta Freguesia, e logo receberão as Benções Nupciaes na forma do Rito Romano. E para constar mandei fazer este assento que assigno. O Vigario Collado Francisco Jorge de Sousa."* (Liv. Casam. Sobral, 1852-1857 fl. 172v).

O termo confirma a legitimidade de José Vital de Siqueira, objeto de comentário anterior e o fato de sua mãe, Ignácia Francisca das Chagas, já aparecer como falecida. Maria Messias era também de Sobral, onde foi batizada a 9 de fevereiro de 1834 e teve por padrinhos José Camilo Linhares e D. Maria Alves Linhares. O assento respectivo diz que ela "nasceo ahum mez e seis dias", logo deve ter sido em 3 de janeiro de 1834, tudo como consta do Liv. Bat. Sobral, 1832-1835, fl.106. De José Vital de Siqueira e Maria Messias de Albuquerque, nasceram duas filhas:

1. Ignácia Messias de Siqueira — n.14/10/1856
2. Virgínia Messias de Siqueira — n.21/02/1859

José Vital de Siqueira deixou uma caderneta, onde anotava os dados sobre o nascimento dos filhos. Esse importante documento chegou aos nossos dias, estando sob a zelosa guarda de Noeme de Paula Freire (Noeminha), bisneta de José Vital que, dando sentido prático à sua valiosa colaboração, forneceu ao autor uma cópia fotográfica dessas preciosas anotações. Nos arquivos da Cúria Diocesana de Sobral, encontramos o termo de batismo de Ignácia. Foram seus padrinhos o avô paterno Diogo Henrique de Siqueira e Maria Quitéria Correia, mãe de Amélia Felicíssima Correia, de cujo consórcio com José Vital de Siqueira trataremos adiante. O casamento de José Vital de Siqueira e Maria Messias de Albuquerque teve curta duração, menos de quatro anos. Maria Messias faleceu às 9 horas da manhã do dia 22 de março de 1859 e foi sepultada no dia seguinte. Contava apenas 25 anos, deixando a filha Virgínia, com apenas um mês de nascida. O registro do óbito foi feito nos seguintes termos:

"Aos vinte etres de Março de mil oito centos e cincoenta enove, sepultou-se no Cemiterio desta Cidade a Adulta Maria Messias de Albuquerque, branca casada com José Vital de Siqueira, falleceo de hydropesia com vinte e cinco annos de idade, recebeo os Sacramentos, seo corpo amortalhado de preto foi encommendado solemnemente por mim. Para constar, fiz este termo, que assigno. O Vigr.ª Intr.ª Vicente Jorge de Sousa" (Liv. Óbitos, Sobral, 1857-1859, fl. 47v).

Se não foi duradouro o primeiro casamento de José Vital de Siqueira, muito menos duradoura foi sua viuvez, pois sete meses depois contraiu segundas núpcias com Amélia Felicíssima Correia, filha de Maria Quitéria Correia, que era a madrinha

de Ignácia, filha primeira de José Vital. O termo de assento do casamento é bastante elucidativo:

"Aos desesete de Outubro de mil oito centos e cincoenta e nove, depois de feitas as deligencias de estilo, do que não resultou impedimento algum na Capella de Santo Antonio em presença do Reverendo Antonio da Silva Fialho de minha licença, sendo testemunhas Galdino José Gondim e Silvano Furtado de Mendonça se receberão em Matrimonio José Vital de Siqueira e Amelia Felicissima Correia, elle viuvo de Maria Messias d'Albuquerque sepultada no Cemiterio desta Cidade, e ella filha de Maria Quiteria Correia e logo recebe-rão as Benções Nupciaes; os Nubentes são naturaes e moradores nesta Freguesia de Sobral, e forão dispensados do parentesco de affinidade, em que estavão ligados; e para constar fiz este termo. aa) O Vigr.º Vicente Jorge de Sousa" (Liv. Casam. Sobral, 1857-1867, fl. 64v).

Do termo acima, um trecho precisa ser convenientemente analisado: *"e forão dispensados do parentesco de affinidade, em que estavão ligados"*. A falta de maiores informações, julgamos inicialmente que José Vital de Siqueira tivesse casado em segundas núpcias com uma cunhada, isto é, supusemos que Maria Messias de Albuquerque fosse irmã de Amélia Felicíssima Correia. Imaginamos mais que Maria Theodora Correia, mãe de Maria Messias fosse a mesma Maria Quitéria Correia, mãe de Amélia. Mas parece que não é bem assim. O mais provável é que Maria Theodora fosse irmã de Maria Quitéria e, neste caso, Maria Messias, a primeira esposa, seria prima legítima de Amélia, a segunda esposa. O certo é que ambas eram da mesma família e daí o parentesco por afinidade de José Vital de Siqueira com Amélia Felicíssima Correia. É bastante provável que fossem primas legítimas ou mais que isso: primas-irmãs. Há uma sombra que impede um avanço em suas ascendências, mas o sobrenome Correia sinaliza para uma possível e muito provável descendência do português Belchior Correia de Carvalho. A Cronologia Sobralense, 1º vol. pág. 37 e 38, nos informa que Belchior Correia de Carvalho era natural de São Salvador do Requião, Portugal, tendo emigrado para a Ribeira do Acaraú, onde foi capitão e comissário geral. Uniu-se maritalmente à Úrsula de Albuquerque, natural de Goiana, Pernambuco, com quem teve os filhos Bertoleza Correia e Matias Correia. Falecendo Úrsula, uniu-se à índia Lucrécia com quem teve os filhos: Quitéria Correia de Carvalho, Paula Correia de Carvalho, Francisca Correia de Carvalho, Francisco Fernandes de Carvalho, Antonia Correia de Carvalho e Belchior Correia de Carvalho Filho. Sua filha Quitéria Correia de Carvalho foi casada com o também português Manoel Ferreira Torres, vereador da primeira Câmara de Sobral, que possuiu extensas porções de terras na região de Forquilha, contemplado com duas sesmarias, havendo residido e falecido em sua fazenda Sabonete. Sobram-nos razões para achar que as fazendas Andreza, Tamanduá e Sabonete estão dentro da segunda sesmaria requerida por Manoel Ferreira Torres. Infelizmente ficamos por aqui nas nossas suposições, o que é lamentável. Se houvesse condições de tudo comprovar, através da linhagem dos Correias, com muitíssimo orgulho e não menor vaidade, demonstraríamos que, nos filhos do autor, pode estar presente o sangue de uma nação de homens livres, fortes e destemidos, donos absolutos da terra, mas submetidos a um dos mais ferozes genocídios que a história timidamente registra, acontecido e justificado, em nome da civilização ocidental e cristã. Sabemos que essa hipótese, se confirmada, seria abominável a muitos de meus possíveis leitores, por puro e injustificável preconceito.

Amélia Felicíssima Correia era natural de Sobral. Foi batizada na matriz pelo vigário José Gonçalves de Medeiros, a 23 de fevereiro de 1831, sendo padrinhos o juiz de fora Vital Raimundo da Costa Pinheiro e Anna Antonia de Sousa. Nascida "ahum anno", diz o termo que consta do Liv. Bat. Sobral, 1829-1831, fl. 103v. Se correta a anotação, Amélia Felicíssima seria de fevereiro de 1830. O bacharel Vital Raimundo da Costa Pinheiro foi o primeiro juiz de fora de Sobral, nomeado por decreto imperial de 19 de setembro de 1828. É interessante como os fatos se vão encaixando com curiosa naturalidade. A madrinha de Amélia Felicíssima, Anna Antônia de Sousa, é irmã do inditoso padre Mororó e mãe de Rufino, que se envolveu perigosamente nos episódios da Confederação do Equador, mãe ainda de Herculano e Sancho, que foram respectivamente procurador e padrinho do batismo de José Vital de Siqueira e avó paterna de Silvano, testemunha de casamento do mesmo José Vital com Amélia Felicíssima. Os laços estreitos de amizade ou talvez de parentesco entre as duas famílias favoreciam as aproximações, o que confirma o que até aqui foi escrito. O local do casamento de José Vital de Siqueira e Amélia Felicíssima Correia foi a capela de Santo Antônio, reconstruída em 1855, pelo padre Antônio da Silva Fialho, que ocupava o local da antiga capela de N. S. do Bom Parto. A igrejinha do padre Fialho, tal como era, hoje não mais existe. As irmãs da Congregação das Missionárias Reparadoras do Coração de Jesus, que por lá se instalaram em 1957, de forma lamentável a fizeram desaparecer. A reforma a que foi submetida fez surgir uma outra de extremo mau gosto, que nada se assemelha à capela do padre Fialho. Infelizmente em muitas regiões é assim, nada se preserva, tudo se destrói, principalmente quando se trata do patrimônio arquitetônico e cultural de nossas cidades, o que faz de nós um povo sem memória, atestado eloqüente de nosso subdesenvolvimento.

Chamamos atenção para a presença de Silvano Furtado de Mendonça, como padrinho do casamento de José Vital e Amélia Felicíssima. Silvano é filho de Sancho Furtado de Mendonça e Tereza Maria da Anunciação, que foram os padrinhos daquele Jozé, nascido em dias de abril de 1827, cujo termo de batismo apresentamos anteriormente. Do abençoado casamento de José Vital de Siqueira e Amélia Felicíssima Correia, nasceram:

3. Diogo Henrique de Siqueira	n.19/12/1860
4. Francisco Diogo de Siqueira	n.17/08/1862
5. Antônio Diogo de Siqueira	n.01/09/1864
6. Gustavo Diogo de Siqueira	n.28/03/1867
7. Silviano Diogo de Siqueira	n.28/01/1869
8. Maria Amélia de Siqueira	n.03/02/1873

Foram oito os filhos de José Vital de Siqueira, de seus dois casamentos. Silviano faleceu a 25 de janeiro de 1871, às 6h30min da manhã, três dias antes de completar apenas dois anos. Os demais cresceram, casaram e deixaram descendência. Ao leitor atento, um fato não deve passar despercebido. É que nos documentos até aqui apresentados, todos copiados fielmente de fontes primárias, ainda não aparece Diogo no nome de José Vital de Siqueira.

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Com a mais absoluta segurança, podemos afirmar que José Vital de Siqueira, primogênito de Diogo Henrique de Siqueira e Ignácia Francisca das Chagas, nasceu em Sobral e ali casou duas vezes: a primeira com Maria Messias de Albuquerque e a segunda com Amélia Felicíssima Correia. Sobral foi o seu local de residência e domicílio, pelo menos até o nascimento de seu filho Francisco, ocorrido em 1862. Depois disso, em data imprecisa, transfere-se com a família para São Francisco de Uruburetama, hoje com o nome de Itapajé (CE), a meio caminho entre Sobral e Fortaleza. Nesta localidade, nasce seu filho Antônio. O fato de São Francisco de Uruburetama, à época, ser um grande centro de negócios de gado, explica a presença de José Vital de Siqueira naquela localidade, pois nunca é demais lembrar que o gado sempre esteve presente em suas atividades. Deslocando-se com freqüência para Fortaleza, tangendo boiadas, terminou por radicar-se nesta cidade.

Pelo menos, a partir do nascimento de Gustavo, é certeza absoluta que José Vital de Siqueira já residia com a família em Fortaleza. Gustavo nasceu em Fortaleza e batizou-se na capela de São Bernardo. Em Fortaleza também nasceram os filhos Silviano, aqui falecido aos dois anos e a caçula Maria Amélia.

De 1872 em diante, José Vital de Siqueira acrescenta Diogo ao nome, passando a assinar **José Diogo Vital de Siqueira**. Seguidamente, com sua mulher Amélia Felicíssima, aparece como padrinho de batismo de várias crianças e testemunhando alguns casamentos. Esses apontamentos encontram-se com regularidade nos livros da Catedral da Sé de Fortaleza até o ano de 1878.

Seguindo-lhe o rastro, percebe-se que José Diogo, como se tornou mais conhecido, por volta desses anos, teve sua situação financeira sensivelmente melhorada. Se não era um senhor de muitos escravos, mas já os possuía, sinal de prosperidade econômica. Para a sociedade escravocrata de então, possuir escravos era um fato espantosamente natural. Ao longo das pesquisas que originaram este trabalho, encontramos um termo de casamento que nos chamou particular atenção, pelo inusitado. Assim começava o termo: "Luís, escravo do Bispo...". Luís era escravo, nada mais e nada menos, de D. Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará.

A partir de 4 de setembro de 1850, com a Lei Eusébio de Queiroz, ficou proibido o tráfico de escravos para o Brasil. Nossos irmãos pretos, lamentavelmente, considerados como mercadoria, eram objeto de compra e venda, recolhimento de impostos, escrituração e registro! Uma ignomínia difícil de entender nos dias atuais por povos ditos civilizados. Com as dificuldades introduzidas pela lei, elevou-se o preço do escravo, como também favoreceu o contrabando. Nessas condições, possuir escravos requeria certa folga de recursos. Os preços variavam influenciados por vários fatores, como idade, compleição física, saúde e outros mais. Para conhecimento das atuais gerações, transcrevemos uma escritura de compra de escravo que particularmente interessa a este trabalho. Vejamos:

Escritura de venda de uma escrava de nome Leocádia que a José Diogo Vital de Siqueira faz Manoel Januario Pereira, pela quantia de 1:000$000.

Saibam quantas esta virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e dous, aos oito dias do mez de agosto, nesta cidade da Fortaleza, capital do Ceará, em meu cartorio compareceram perante mim e ds duas testemunhas abaixo assignadas, de uma parte como outorgante vendedor Manoel Januario Pereira, e de outra como outorgante comprador José Diogo Vital de Siqueira, ambos marchantes e moradores nesta cidade, bem conhecidos de mim Tabellião e das testemunhas abaixo assignadas, do que dou fé. E pelo outorgante vendedor foi-me dito perante ás mesmas testemunhas, que elle é senhor e possuidor da escrava de nome Leocadia, mulata, de dezoito annos de idade, solteira, sem officio, e natural do Rio do Peixe; e porque a possue livre e desembaraçada de qualquer onus, vende, como effectivamente vendido tem, por meio deste instrumento ao mencionado comprador Mano, digo (sic) *José Diogo, pelo preço e quantia certa de um conto de reis, que, em moeda corrente, elle vendedor confessa já haver recebido da mão do comprador, pelo que da a este plena e geral quitação de paga, e lhe transfere toda posse, dominio e senhorio da mencionada escrava, da qual pode elle comprador tomar conta como sua que é e fica sendo por bem deste instrumento. E logo pelo comprador foi dito que accata esta escritura nos termos em que está concebida, e que já está de posse da referida escrava Leocadia. Pagou o comprador na Secção de arrecadação da Thesouraria Provincial, trinta mil reis de imposto, conforme conhecimento que apresentou numero 2107, de data de hontem. O vendedor provou não estar matriculada a escrava de que se trata, por morar no districto de Acarape, fora dos limites da Villa. = Depois de feita esta escritura foi por mim lida perante elles vendedor e comprador, os quaes reciprocamente a acceitaram, por acharem-n'a como outorgado haviame eu como Tabellião, como pessoa publica a outorguei e acceitei em nome dos auzentes e pessoas a que pertencer possa, sendo testemunhas a tudo presentes João Franklim de Sousa Cardoso e Veriato Ferreira Barreto, que assignaram com o vendedor, comprador e com'igo Joaquim Feijo de Mello Tabellião q escrivi.*

Joaquim Feijo de Mello
Manoel Januario Per.ª
José Diogo Vital de Siq.ra
João Franklim de Sousa
Veriato Ferr.ª Barreto

As assinaturas estão sobre dois selos de 400 e 600 réis. (Liv. do 1º tabelião Joaquim Feijó de Mello, para lançamentos de escrituras de compra e venda de escravos, 16/11/1870 a 11/06/1873, fls. 95v e 96). No Arquivo Público do Ceará, o livro tem o nº 357.

Quando Leocádia foi comprada por José Diogo Vital de Siqueira, já trazia no ventre o filho Joaquim nascido quatro meses depois. Isto pode ser comprovado pela nota abaixo:

"*Joaquim, filho natural de Leocádia, escrava de José Diogo Vital de Siqueira, nasceo a vinte e sete de dezembro de mil oito centos e setenta e dous e foi por mim baptisado solemnemente nesta S. E. Cathedral no dia dous de janeiro de mil oito centos e setenta e tres sendo padrinhos Paulino Henrique Vieira e Virgínia Messia Siqueira. Para constar fiz este assento que assigno. P.e J. Lourenço da Costa Aguiar. Cura*" (Liv. nº 44, Bat. Sé fl. 112).

O Pe. José Lourenço da Costa Aguiar natural de Sobral, tempos depois, foi o primeiro bispo do Amazonas. Na margem direita do assento, está anotado: *Liberto pela lei 2040.* Promulgada a 28 de setembro de 1871, a Lei 2.040 conhecida como do Ventre Livre, um ano e três meses após, beneficiou o pequeno Joaquim. O padrinho do menino é o mesmo

padrinho de Gustavo e a madrinha é Virgínia, ambos, Gustavo e Virgínia, filhos de José Vital de Siqueira, proprietário da escrava Leocádia. Pelo visto, as relações entre senhor e escrava eram bastante humanas.

Em 05/04/1873, José Diogo compra de Dona Maria Manoela de Sousa, "*creadora e moradora no termo de Quixeramobim*", a escravinha Luiza, de doze a treze anos de idade, pela importância de 500$000 (quinhentos mil réis) e, a 20 de maio do mesmo ano, compra de Manoel Albino Barbosa, "*agricultor e morador no termo do Aquirás*", o escravo Manoel de 27 anos de idade, pela importância de 800$000 (oitocentos mil réis), conforme escrituras passadas no cartório do mesmo tabelião Joaquim Feijó de Mello. (Liv. nº 357, 1870-1873, fls. 138v, 139 e 143, Arquivo Público do Ceará). Nas escrituras, no trecho da qualificação, o comprador já aparece com o nome de José Diogo Vital de Siqueira, marchante de profissão. Adiante, em todas as três escrituras, o tabelião o chama de José Diogo, quando se refere ao pagamento do comprador ao vendedor, o que reforça a convicção de que desse modo ele era corriqueiramente tratado.

Ao correr a vista sobre livro de óbitos da matriz de S. José, Sé de Fortaleza, encontramos o falecimento da escrava Joaquina, que também pertenceu a José Diogo. Eis o termo revelador:

"*Joaquina, escrava de José Diogo Vital de Siqueira, faleceo da vida presente de Thesica; aos vinte e sete de novembro de 1874, com idade de quarenta e dous annos, envolta em habito branco, foi sepultada no Cemiterio público desta Capital. Para constar se fes este assento e que me assigno. Pe José Lourenço da Costa Aguiar.*" (Liv. 11Sé, Óbitos, 1873-1875 fl. 214v).

As anotações acima, relativas à compra de escravos e à profissão de marchante em várias ocasiões declaradas, demonstram de forma muito clara que José Diogo Vital de Siqueira evoluíra de tangerino para marchante e chegara mesmo a possuir alguns escravos, vida, ainda, de muito trabalho, mas menos dura. Era comerciante. Pequeno comerciante. Seu nome não aparece registrado em ocasião alguma, como grande comerciante. A história comercial de Fortaleza a isto não se reporta.

No Arquivo Público do Ceará, ao acaso e por pura curiosidade, em uma das ocasiões em que nos encontrávamos "fuçando" a história, tivemos acesso ao livro de "Matrículas dos Guardas Nacionais para o serviço da Rezerva pelo Conselho de Qualificação da Parochia de Fortaleza em virtude da lei nº 2.395 de 10 de Setembro de 1873." A abertura do livro é de 17 de fevereiro de 1874 e o encerramento, 3 de março do mesmo ano. Neste curto espaço de tempo, foram alistados 535 guardas, todos com idade mínima de quarenta e máxima de sessenta anos e das mais diversas profissões, para formarem o 1.º Batalhão. O alistamento compreendeu dois distritos: o de Arronches, hoje Parangaba e o da Capital. Por sua vez, os distritos estão subdivididos em quarteirões, sendo quinze para Arronches e vinte e nove para a Capital.

No distrito da Capital e pertencente ao quarteirão da Rua da Amélia, hoje Senador Pompeu, encontramos, sob o número de ordem 475 o nome de José Diogo Vital de Siqueira, casado, marchante com 200$000 (duzentos mil réis) de renda. O documento é interessante, porque deixa bem clara a profissão que José Vital exercia na época e a rua em que morava. A renda de duzentos mil réis, devia ser de soldo, pois todos têm a mesma renda, à exceção de José Martins Machado com 1:000$000 (um conto de réis) "*passado para a reserva por soffrer de Congestão Cerebral parciaes*". Nesse documento, de mais de 120 anos, é curioso notar que vários locais de Fortaleza já registravam os nomes pelos quais são conhecidos hoje, inclusive Pici, que muitos de forma equivocada atribuem às iniciais de posto de comando, do inglês P(pi) e C(ci), local de uma base militar americana da Segunda Guerra Mundial, iniciada somente 65 anos depois.

Três anos e meio após seu alistamento para guarda nacional da reserva, José Diogo Vital de Siqueira é promovido, por merecimento, para o posto de alferes porta-bandeira, do mesmo Batalhão, cuja carta patente vai transcrita.

José Diogo Vital de Siqueira,
alferes porta bandeira do 1.º
bam de reserva de Fortaleza.

O Desembargador Caetano Estellita Cavalcante Pessôa, Presidente da Província do Ceará, etc - Faço saber aos que esta carta patente virem que attendendo ao merecimento do cidadão - José Diogo Vital de Siqueira, resolvi nomea-lo, em virtude do artigo quarenta e dois da lei n.º 602 de 19 de setembro de 1850, para o posto de alferes porta bandeira do 1.º batalhão de reserva da guarda nacional do municipio de Fortaleza, no qual gosará de todas as honras, privilegios e isenções, que diretamente lhe competirem. Pelo que mando ao commandante superior que lhe faça dar posse, depois de prestar o devido juramento; aos officiaes, seus superiores que o tenham e reconheçam por tal, e a todos aquelles que lhe forem subordinados, que obedeçam e guardem suas ordens, no que tocar ao serviço nacional, tão fielmente como devem e são obrigados. Em firmesa do que lhe mandei passar esta Carta patente, que, sendo por mim assignada e sellada com o sello das armas do imperio se cumprirá tão inteiramente como'nella se contem; registrando se' na secretaria da presidencia e na do commando superior respectivo. -Pagou de emolumentos à thesouraria provincial a quantia de dose mil reis. Dada no Palacio da presidencia da provincia do Ceará, aos vinte e oito d'Agosto do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos setenta e sete, quinquagesimo sexto da independencia e do imperio.- Eu Augusto Barbosa de Castro e Silva, secretario interino da provincia, a subscrevi.- Carta patente pela qual é nomeado o cidadão José Diogo Vital de Siqueira para o posto de alferes porta bandeira do 1.º batalhão de reserva da guarda nacional do municipio de Fortaleza, na forma acima declarada,- Para V. Ex.ª vêr.- Em virtude de proposta do commandante do 1.º batalhão de reserva de 26 de julho e portaria da presidencia de 27 d'Agosto de 1877.- José Lopes Ferreira a fez.- N.º 460.- Pagou dose mil reis de emolumentos.- Secção de arrecadação, 28 d'Agosto de 1877.- Beserra.- Rodolpiano.- Nº 1 - Rs 20.000 - Pagou vinte mil reis de sello.- Alfandega do Ceará, 28 d'Agosto de 1877. Recebi- Vicente Toscano - R. Thodorico.

José Vital de Siqueira, de 1867 a 1878, está continuamente em Fortaleza, aqui residindo, como comprovam o nascimento dos três últimos filhos, Gustavo, Silviano e Maria Amélia, os vários batizados em que aparece como padrinho, os casamentos que testemunhou, o seu alistamento para o 1º Batalhão da Guarda Nacional da paróquia da Capital e a sua carta patente de alferes porta-bandeira. Residiu inicialmente no distrito de Arronches, hoje Parangaba. Em 4 de abril de 1875, juntamente com a esposa Amélia Felicíssima, apadrinha Francisco, seu primeiro neto, filho de sua filha Ignacia e de seu genro Zeferino Hyppólito. Após 1878, deixa de constar de documentos paroquiais locais e, daí

em diante, somente D. Amélia Felicíssima, em várias ocasiões, serve de madrinha de outros netos. Não encontramos uma explicação razoável para o fato. Teria Zé Diogo regressado a Sobral, saudoso dos velhos pagos queridos, deixando aqui a mulher em companhia dos filhos? Seria a época do comércio de burros, responsável por prolongadas ausências? Teria viajado para o Norte? Não sabemos. Nada ficou registrado, nem mesmo pela tradição oral, tão útil nessas situações. Há um hiato em sua vida de aproximadamente nove anos.

Mas é certo que José Vital de Siqueira faleceu em Fortaleza, em sua casa da Rua da Amélia, atual Senador Pompeu, que receberia o nº 413, hoje um ponto comercial com o nº 1.547, de insuficiência mitral, a 23/12/1887, sendo sepultado no Cemitério São João Batista. A esposa Amélia, que lhe sobreviveu por sete anos, faleceu de pneumonia a 31/12/1894, com 63 anos, viúva, natural de Sobral, como consta do livro de inumações de 1894-1896, fl. 34 do referido cemitério.

Seus corpos foram sepultados em paz e repousam no túmulo-capela da família de seu filho, coronel Antônio Diogo de Siqueira, em Fortaleza. Uma placa de mármore, ali afixada, identifica o fato.

"Por causa deles seus filhos permanecem para sempre, e sua posteridade, assim como sua glória não terá fim". Eclesiástico, 44, 13.

OS FILHOS DE JOSÉ VITAL DE SIQUEIRA

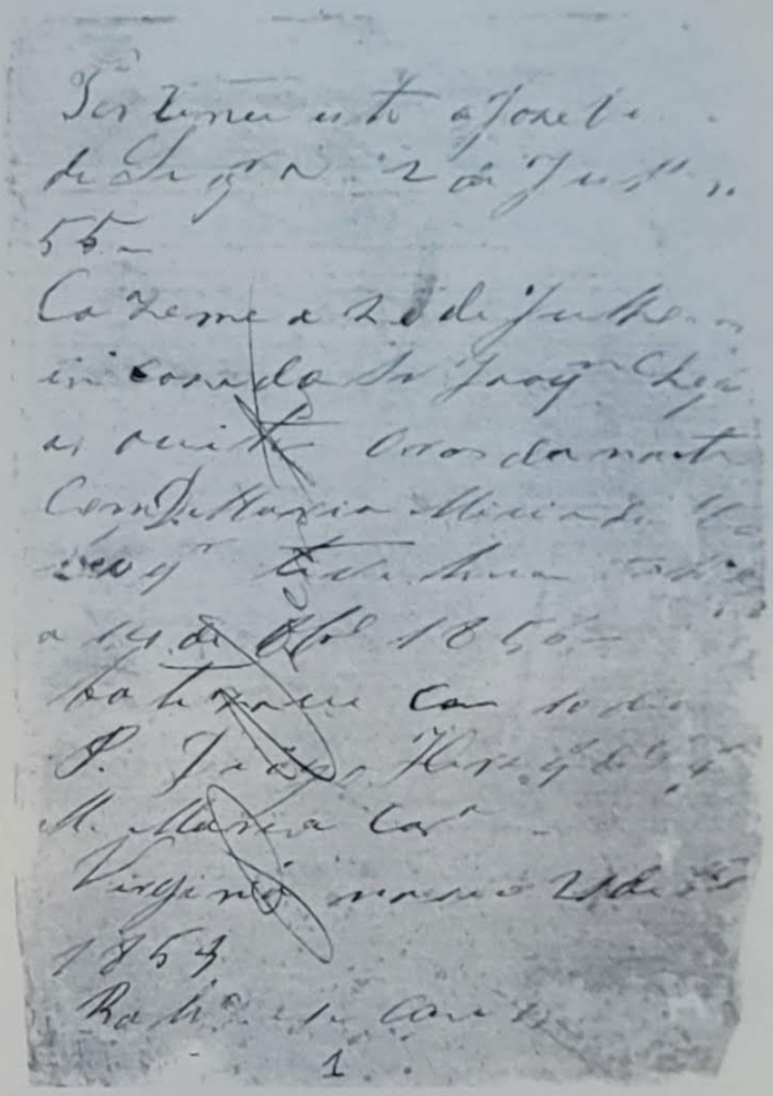
Do primeiro leito:

F1 - IGNÁCIA MESSIAS DE SIQUEIRA	n.14/10/1856
F2 - VIRGÍNIA MESSIAS DE SIQUEIRA	n.21/02/1859

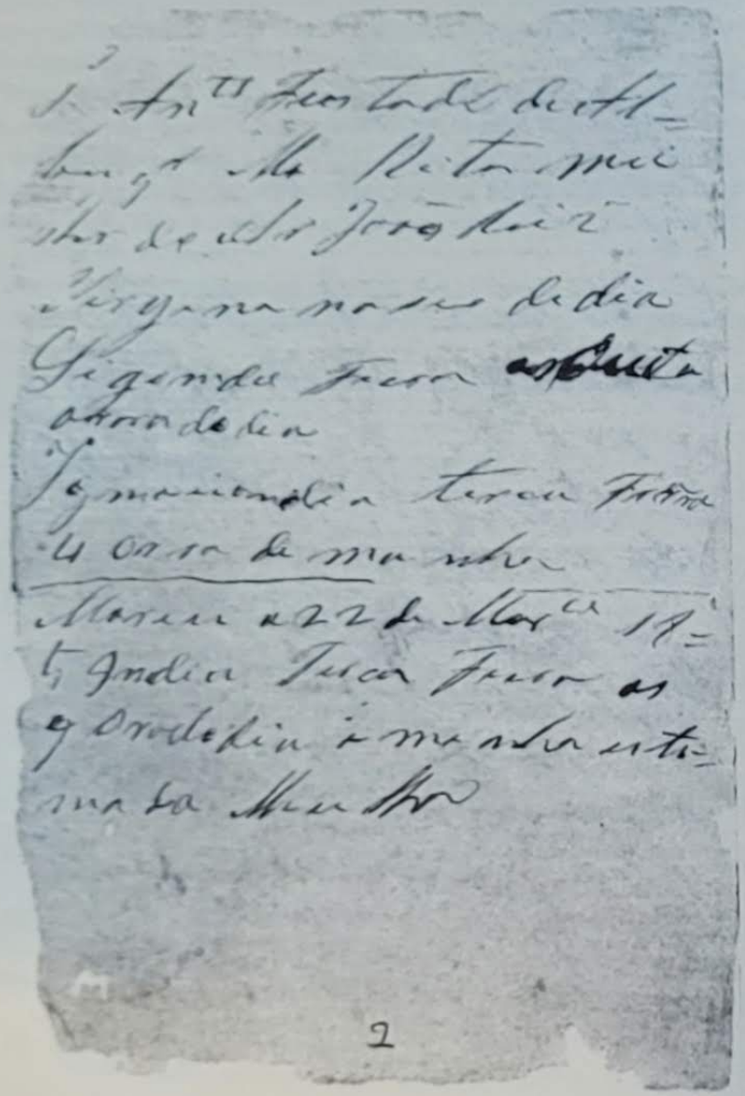
Do segundo leito:

F3 - DIOGO HENRIQUE DE SIQUEIRA (neto)	n.19/12/1860
F4 - FRANCISCO DIOGO DE SIQUEIRA	n.17/08/1862
F5 - ANTÔNIO DIOGO DE SIQUEIRA	n.01/09/1864
F6 - GUSTAVO DIOGO DE SIQUEIRA	n.28/03/1867
F7 - SILVIANO DIOGO DE SIQUEIRA	n.28/01/1869
F8 - MARIA AMÉLIA DE SIQUEIRA	n.03/02/1873

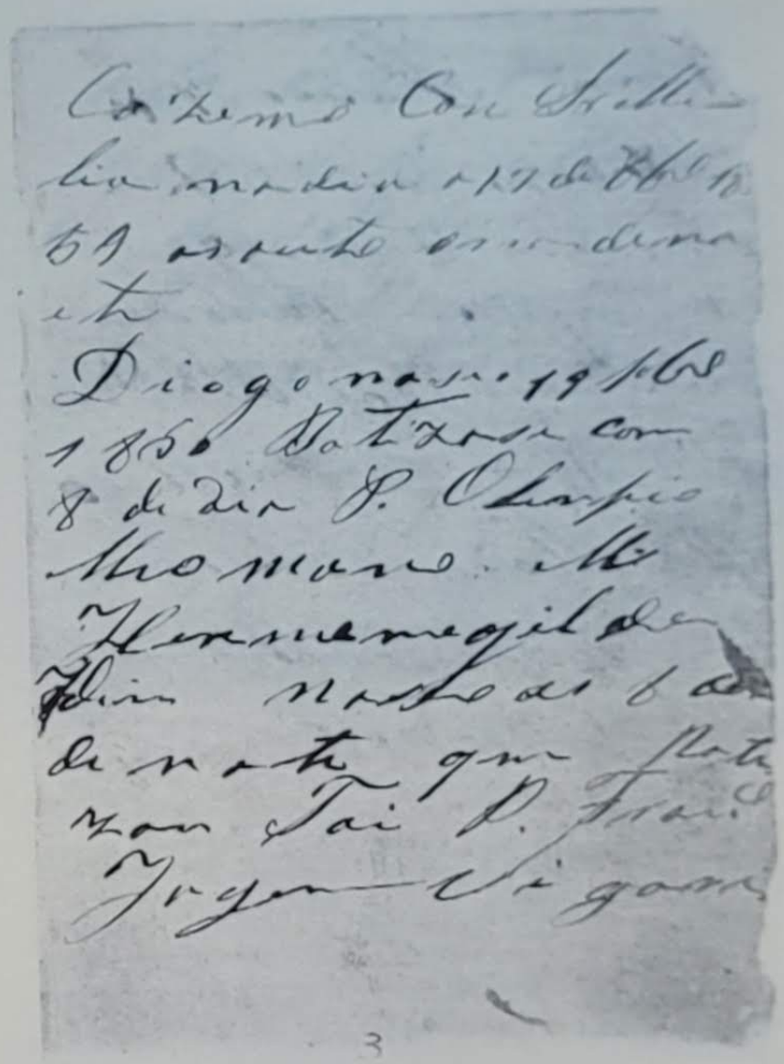
Reprodução da caderneta de notas de José Vital de Siqueira



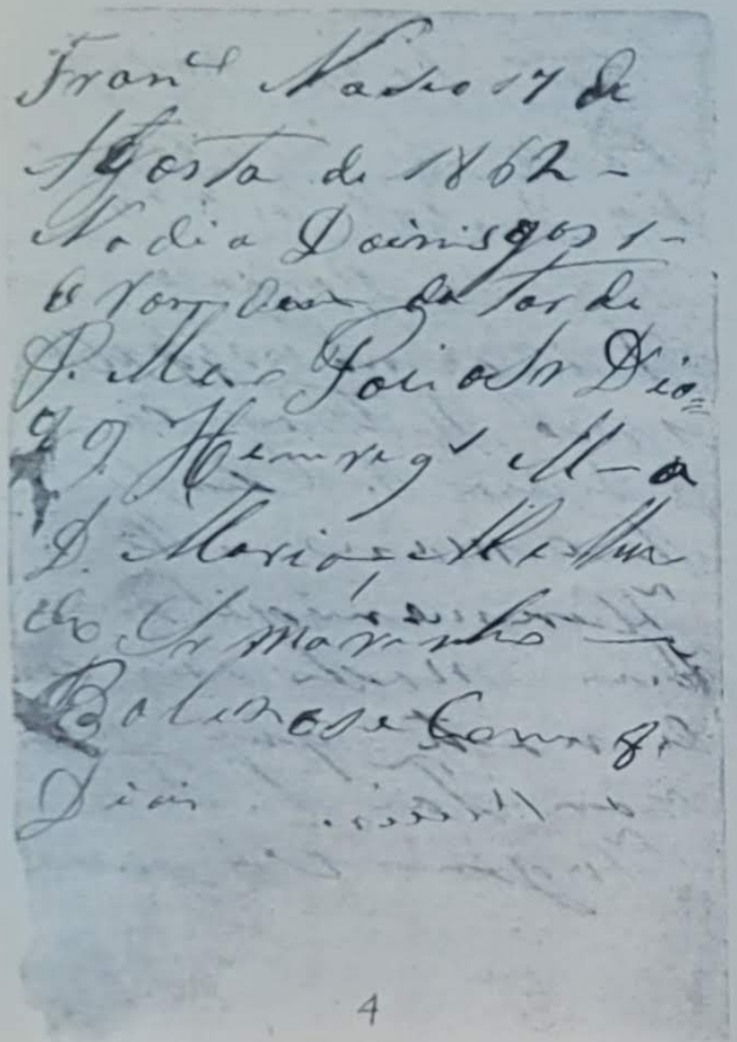
*Página 1. Pertence este a José Vital de Siqueira - 2 de julho de 1855. Casei-me a 2 de julho de 1855 em casa do Sr. Joaquim Lopes, às oito horas da noite, com D. Maria Messias de Albuquerque. Tive uma filha a 14 de outubro de 1856. Batizou-se com 10 dias. Padrinho Diogo Henrique de Siqueira. Madrinha Maria Correia. Virgínia nasceu a 21 de fevereiro de 1859. Batizou-se com 15 dias...*Observação do autor - sobre o texto está escrito: P. Vicente, o padre que celebrou o casamento e os batizados.



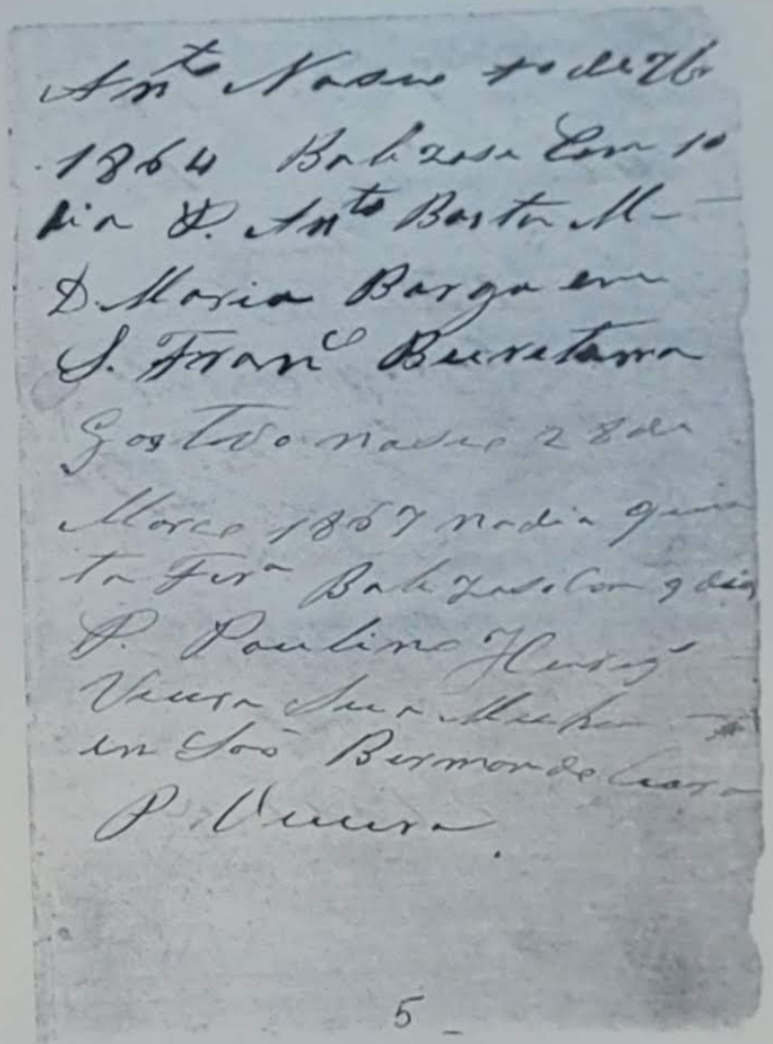
Página 2. Padrinho Antonio Furtado de Albuquerque. Madrinha Rita mulher do Sr. João Roiz. Virgínia nasceu em dia de segunda-feira, às oito horas do dia. Ignacia em dia de terça-feira, 4 horas da manhã. Morreu a 22 de março de 1859, em dia de terça-feira, às 9 horas do dia, minha estimada mulher.



Página 3. Casei-me com Sra. Amélia no dia 17 de outubro de 1859, às oito horas da noite. Diogo nasceu a 19 de dezembro de 1860. Batizou-se com 8 dias. Padrinho Olimpio, meu mano. Madrinha Hermenegilda. Nasceu às oito horas da noite. Quem batizou foi o padre Francisco Jorge, vigário.

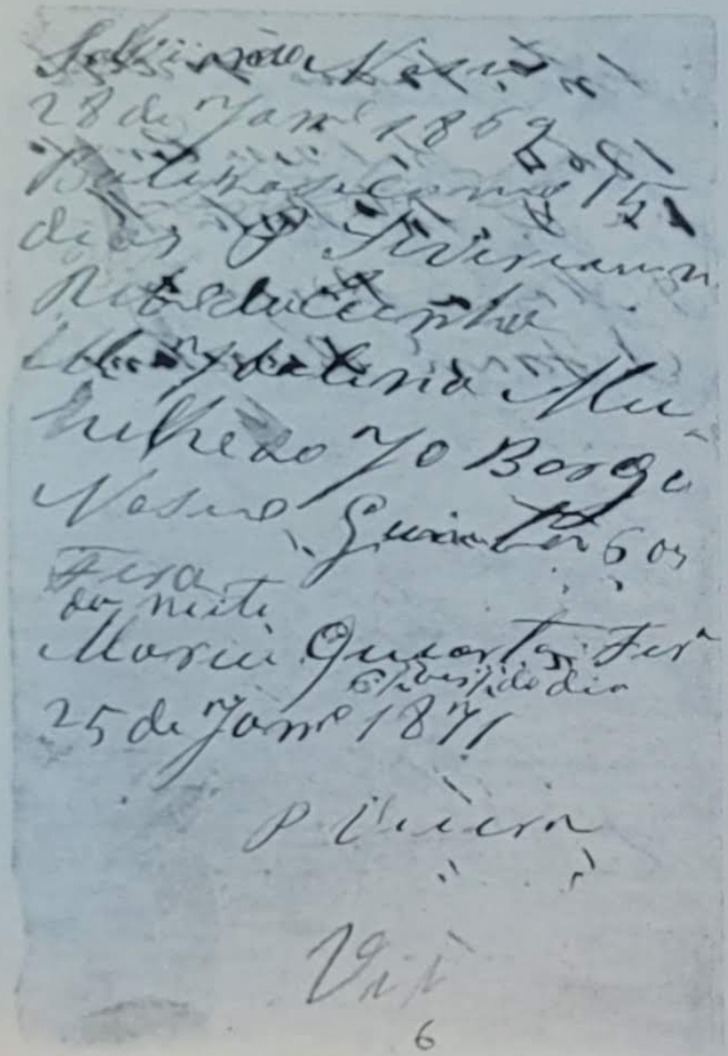


Página 4. Francisco nasceu a 17 de agosto de 1862, dia de domingo, 1 ou 2 horas da tarde. Padrinho, meu pai, o Sr. Diogo Henrique. Madrinha a D. Maria, mulher do Sr. Marinho. Batizou-se com 8 dias.

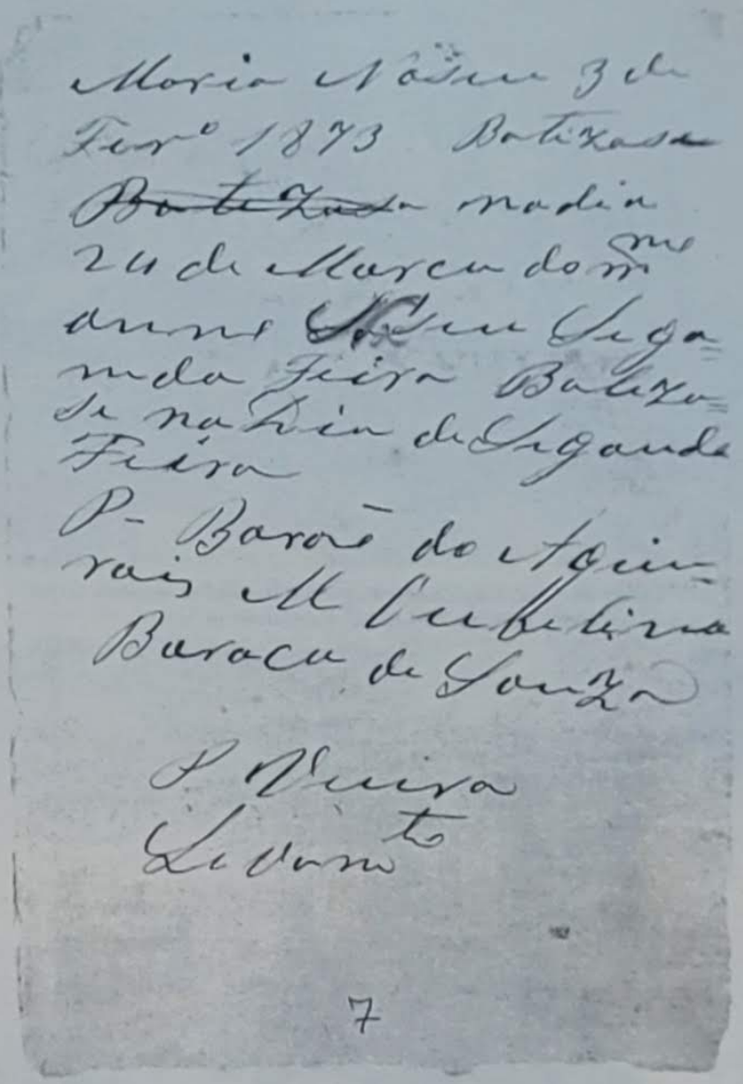


Página 5. Antônio nasceu a 1o de setembro de 1864. Batizou-se com 10 dias. Padrinho Antônio Bastos. Madrinha D. Maria Braga, em S. Francisco Buretama (sic). Gustavo nasceu a 28 de março de 1867, no dia de quinta-feira. Batizou-se com 9 dias. Padrinhos Paulino Henrique Vieira e sua mulher, em S. Bernardo, Ceará. Padre Vieira.

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará



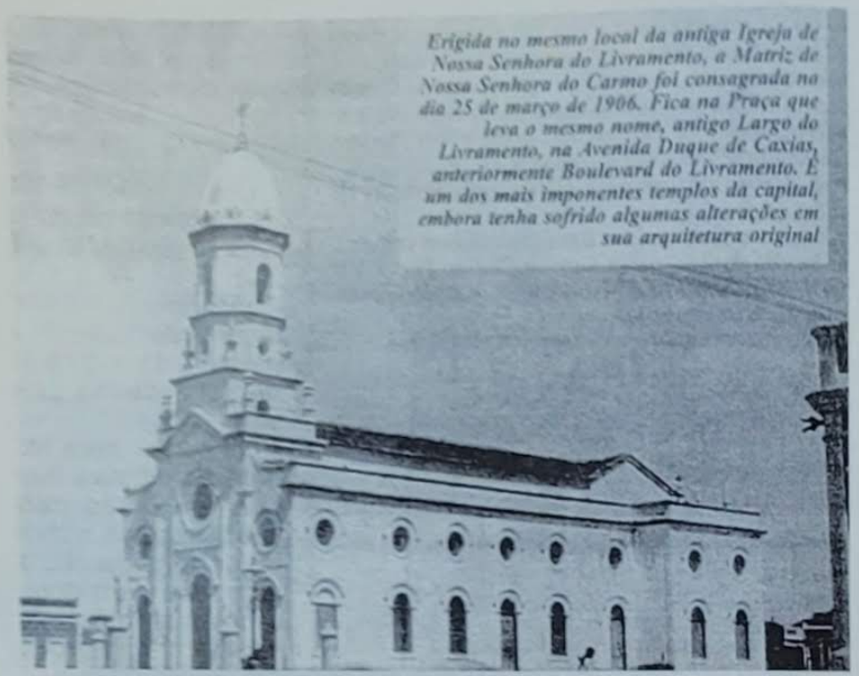
Página 6. Silviano nasceu a 28 de janeiro de 1869. Batizou-se com 15 dias. Padrinho Severiano Ribeiro da Cunha. Madrinha Idalina, mulher do João Borges (?). Nasceu quinta-feira, às 6 horas da noite. Morreu quarta-feira, às 6 ½ horas do dia 25 de janeiro de 1871. Padre Vieira.



Página 7. Maria nasceu a 3 de fevereiro de 1873. Batizou-se no dia 24 de março do mesmo ano. Nasceu segunda-feira. Batizou-se no dia de segunda-feira. Padrinho Barão do Aquiraz. Madrinha Umbelina Barca de Souza. Padre Vieira. Obs. Livramento, capelinha que existiu no mesmo local da atual Igreja do Carmo, em Fortaleza, e que tinha como orago Nossa Senhora do Livramento.

Capela de S. Antônio, em Sobral, completamente descaracterizada, local do casamento de José Vital de Siqueira com Amélia Felicíssima Correia, em 17 de outubro de 1859.

Mercado Público de Fortaleza ficava localizado no quadrilátero formado pelas Ruas General Bezerril, São Paulo, Floriano Peixoto e Travessa Crato. Em torno dele gravitaram as atividades de marchantes dos irmãos: Diogo, Francisco, Antonio e Gustavo Diogo de Siqueira.



Erigida no mesmo local da antiga Igreja de Nossa Senhora do Livramento, a Matriz de Nossa Senhora do Carmo foi consagrada no dia 25 de março de 1906. Fica na Praça que leva o mesmo nome, antigo Largo do Livramento, na Avenida Duque de Caxias, anteriormente Boulevard do Livramento. É um dos mais imponentes templos da capital, embora tenha sofrido algumas alterações em sua arquitetura original

Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, em Fortaleza. Nesse templo, muitos descendentes de José Vital de Siqueira foram batizados ou celebraram seus casamentos.

Imóvel situado na Rua Senador Pompeu (Rua da Amélia), 1.547, em Fortaleza. Nele residiu José Vital de Siqueira e sua família. Depois serviu de residência a sua filha Maria Amélia de Siqueira Brandão (Bila). Hoje um ponto comercial.

Túmulo-capela no São João Batista. Recolhe os restos mortais de José Vital de Siqueira e Amélia Felicíssima. Pertence à família do cel. Antônio Diogo de Siqueira.

Ignácia Messias de Siqueira

"IGNÁCIA, *filha legitima de José Vital de Siqueira e de Maria Messias de Albuquerque, desta freguesia, nasceo a quatorse de Outubro de mil oito centos e cinquenta e seis, e foi baptisada solemnemente pelo Reverendo Coadjutor Vicente Jorge de Sousa, de minha licença a vinte e seis do dito mês e anno. Padrinhos Diogo Henrique de Siqueira e Maria Quitéria Correia. E para constar mandei fazer este assento e assigno. O Vigario Collado Francisco Jorge de Sousa*". Liv. de bat. de Sobral de 1852 a 1856, fl.215v.

O padre Vicente Jorge de Sousa, que batizou Ignacia, era irmão do vigário Francisco Jorge de Sousa, que assinou o termo, filhos ambos de Felix Jorge de Sousa e de Maria Victória do Nascimento. O assento acima mostra que Ignácia teve por padrinho seu avô paterno e como madrinha, ao que parece, sua tia-avó materna e mãe de sua futura madrasta Amélia Felicíssima Correia. Em 30 de novembro de 1872, às 8 horas da noite, na Igreja da Sé, em Fortaleza, na presença do padre Luís Pordeus da Costa Lima, **Ignácia Messias de Siqueira**, aos 16 anos, casou com **Zeferino Hyppólito de Andrade Belleza**, filho de Francisco Antônio Belleza e Rita Maria do Espírito Santo. D. Rita faleceu de lesão cardíaca, aos 64 anos, viúva, no dia 14/10/1892, data do aniversário de sua nora Ignácia. Era de cor branca e nascida em Sobral. Zeferino Belleza tinha, assim, raízes na mesma ribeira de onde a esposa Ignácia era natural. Os pais de Zeferino Belleza deram ao filho nome de dois santos que viveram na mesma época e que tiveram posições conflitantes. Zeferino, papa, teve um longo pontificado, de 199 a 217, enquanto Hipólito, sacerdote culto e austero, mas pouco inclinado ao perdão, chegou a acusar de heresia o próprio Zeferino e ao diácono Calisto. Quando este foi eleito papa, em substituição a Zeferino, Hipólito rebelou-se e é considerado um antipapa. Morreu, porém, reconciliado com a Igreja, em 235. São Zeferino e santo Hipólito, que tiveram posições antagônicas, um papa e um antipapa, se compuseram para ser o nome do marido de Ignácia.

Zeferino Belleza, em 25 de agosto de 1890, aparece como signatário do manifesto do Partido Operário do Ceará. São termos iniciais do manifesto: "*É esta a primeira vez que nós, os artistas, constituídos em partido e de nossa conta própria, pleiteamos uma eleição no intuito de como as demais classes sociais, também tomarmos parte nos altos problemas da pátria...*" e termina pelas palavras: "*Diremos que, como elles, somos os homens do trabalho, legítimos filhos do povo e, portanto, os mais bem identificados com as suas necessidades e aspirações. Seja esta a nossa única recomendação. Seja este o nosso único merecimento*".[1] Na época do manifesto, artista e operário eram palavras que exprimiam a mesma coisa. Entre os signatários consta Joaquim Lino da Silveira, que anos depois seria consogro de Francisco Diogo de Siqueira, irmão de Ignácia, através do casamento dos filhos respectivos, Isaías Domingos Silveira e Maria Amélia de Siqueira.

Em 1891, Zeferino Belleza ocupa o cargo de tesoureiro do Partido Operário e no ano seguinte está como vogal. No "Almanack do Ceará" de João Câmara, de 1895 a 1906, Zeferino Belleza aparece como estabelecido na Rua Formosa, 104 (Barão do Rio Branco), com uma "Officina de Selleiro", um lucrativo negócio, tendo em vista que a montaria era naqueles remotos tempos o principal meio de transportes. No mesmo

[1] Datas e Fatos para a História do Ceará, 3º volume, Barão de Studart, pág. 18.

almanaque, em 1910, aparece com casa retalhadora, situada na Rua Tristão Gonçalves, sem precisão do que comercializava. Tempos depois, a esposa Ignácia, de temperamento forte, uma característica dos Diogos, possuiu uma confecção onde costureiras e bordadeiras produziam as peças que Zeferino se encarregava de enviar para os mercados do norte do país. Viveram financeiramente bem. Possuíram vários imóveis residenciais na Praça de Pelotas (Clóvis Beviláqua), lado da Rua Senador Pompeu e outros tantos na Rua Antônio Pompeu, em frente do atual IJF. As filhas Maria (Bibi) e Amélia eram moças prendadas. Bibi tocava piano principalmente música erudita e Amélia, além do piano, tocava bandolim e possuía afinada voz.

Toda a vida matrimonial do casal foi aqui em Fortaleza. Tiveram vida longa: Zeferino Belleza, o pai Leza de seus netos, faleceu aos 83 anos de arteriosclerose, em sua casa na Praça de Pelotas, nº 451, em 05/02/1930 e Ignácia, com mais de 87 anos e com a mesma moléstia, às 22 horas do dia 26/06/1944, em sua residência, então situada na Rua Princesa Isabel, nº 985. Estão ambos sepultados no mausoléu próprio da família, no cemitério São João Batista. Filhos do casal:

N.1.1 Francisco de Andrade Belleza n.22/02/1875
N.1.2 Maria Messias Belleza n.02/04/1882
N.1.3 Amélia Siqueira Belleza n.31/08/1884

N.1.1 **Francisco de Andrade Belleza** nasceu antes que seu tio avô Gregório João de Siqueira, o que não deixa de ser uma curiosidade. Em 1906 tem ficha preenchida como escriturário de A. D. Siqueira & Filho. A partir de 1917 consta do "Amanack do Ceará", como estabelecido com loja de secos e molhados, na Rua Tristão Gonçalves, nº 417. Casou em 08/01/1898, às 8h da noite, com Maria Dionizia d'Araújo, nascida em 10/11/1880, filha de Antônio Sabino d'Araújo e Maria José. Foram testemunhas, os tios do noivo, Diogo Henrique de Siqueira (neto) e Antônio Diogo de Siqueira. Presidiu a cerimônia, realizada na Catedral de Fortaleza, o cura, padare Pedro Leopoldo d'Araújo Feitosa. Maria Dionísia d' Araújo, após o casamento, passou a assinar Dionísia de Araújo Belleza ou Maria Dionísia Belleza, tendo falecido em Fortaleza, em 20/8/1948, com a saúde já comprometida por distúrbios mentais, deixando viúvo, Francisco Belleza e apenas a filha Corina, pois os demais filhos já haviam falecido. Seu inventário é de 1950, constando dos bens inventariados duas casas de tijolo e telha, ambas com duas portas de frente e fundos de meio quarteirão, situadas nesta Capital, na Praça de Pelotas, quarteirão da Rua Senador Pompeu, nºs 1.627 e 1.651. Francisco de Andrade Belleza faleceu em Fortaleza, em 17/02/1952, aos 77 anos. Filhos:

Bn.1.1.1 Francisco Belleza Filho n.07/10/1898
Bn.1.1.2 Albertina Belleza n.10/02/1900

Bn.1.1.3 Armando Belleza n.26/12/1902
Bn.1.1.4 Corina Belleza n.23/03/1904
Bn.1.1.5 Palmira Belleza n.17/08/1909

Bn.1.1.1 **Francisco Belleza Filho**. No "Almanack do Ceará", para o ano de 1925, consta ser 4º escriturário da Delegacia do Tribunal de Contas da União. Aparece no convite enterro de seu avô Zeferino Hyppólito, em 05/02/1930, como casado e ausente. Seu nome não consta do inventário de sua mãe como herdeiro e nem está representado por filhos. Na realidade, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde fixou residência. Casou com uma mineira de nome Josefina. Não geraram filhos. Quando de seu falecimento, a esposa, numa decisão no mínimo exótica, deliberou que o corpo seria velado de óculos, alegando para tal excentricidade que assim sempre o conhecera. Sem sucessão.

Bn.1.1.2 **Albertina Belleza**, como suas tias paterna, também tocava piano. Casou na Igreja do Carmo, em 23/07/1924, com Anníbal Theóphilo de Serpa, natural de Aquiraz (CE), filho de Manoel Theóphilo de Serpa e Altina de Jesus Serpa. Em 1922 encontramos Anníbal no "Almanack do Ceará", como auxiliar do Posto de Assistência Veterinária. Era sobrinho do presidente do Estado Justiniano de Serpa. Albertina Belleza Serpa faleceu de parto, aos 39 anos, em 25/11/1939. Filhos do casal:

Tn.1.1.2.1 Oderlo Belleza Serpa n.10/05/1925
Tn.1.1.2.2 Otávio Belleza Serpa n.27/09/1926
Tn.1.1.2.3 Orlando Teófilo de Serpa n.12/02/1928
Tn.1.1.2.4 Nara Belleza Serpa n.20/05/1929
Tn.1.1.2.5 José Eudes de Serpa n.14/12/1932

Tn.1.1.2.1 **Oderlo Belleza Serpa** viajou para a Amazônia onde se destacou como jornalista e secretário do governador. Espirituoso e expansivo, mas de temperamento explosivo, faleceu moço, solteiro e de modo lamentável, assassinado na cidade de Porto Velho.

Tn.1.1.2.2 **Otávio Belleza Serpa** esteve no Rio de Janeiro e depois em São Paulo onde fixou residência. Nesta cidade trabalhou numa fábrica de perfumes e foi funcionário da Acesita. Sabe-se que faleceu em desastre de carro. Descendência desconhecida.

Tn.1.1.2.3 **Orlando Teófilo de Serpa**, motorista, exerceu sua profissão na Secretaria da Educação do Estado. Casou na Igreja do Patrocínio, em 26/02/1954, com Maria Cleomar de Oliveira. Orlando faleceu em 08/03/1992. Filhos do casal:

Qn.1.1.2.3.1 Nara Oliveira Serpa n.16/05/1955
Qn.1.1.2.3.2 Orlando Oliveira Serpa n.17/07/1966

Qn.1.1.2.3.1 **Nara Oliveira Serpa (Narinha)**, secretária da Escola Plácido Aderaldo Castelo, casou em 29/12/1980, com Tibúrcio Teixeira Neto, filho de Patrício Teixeira e Maria José Teixeira. Filhos:

Pn.1.1.2.3.1.1 Ana Paula Serpa Teixeira n.18/05/1981
Pn.1.1.2.3.1.2 João Paulo Serpa Teixeira n.29/06/1984
Pn.1.1.2.3.1.3 José Orlando Serpa Teixeira n.19/03/1989

Qn.1.1.2.3.2 **Orlando Oliveira Serpa**, conhecido por Júnior, instrutor de auto-escola, casou em 08/02/1983, com Francisca Cátia dos Santos, costureira, filha de Carlos Alberto dos Santos e Enedina Rodrigues dos Santos. Filhas:

Pn.1.1.2.3.2.1 Cleidiane dos Santos Serpa n.22/05/1983
Pn.1.1.2.3.2.2 Hana dos Santos Serpa n.26/10/1989

Tn.1.1.2.4 **Nara Belleza Serpa Arcoverde** casou na Igreja do Bom Jesus dos Aflitos, de Parangaba, em 30/08/1954, com Javeh Arcoverde Alves, nascido em 18/06/1924, em Cacimba de Dentro, Araruna do Norte (PB), uma das figuras mais populares de Fortaleza, alfaiate, considerado um artista da tesoura e grande folião. O atelier de Javeh de confecções masculinas possuía selecionada clientela e "vestia muitos dos elegantes da cidade". Foi rei: Rei Momo. Javeh I e Único reinou em nossos carnavais, por sete anos consecutivos, de 1967 a 1973 e em 1982 atendendo a pedido do prefeito Lúcio Alcântara. Nessas ocasiões comandou a folia, com sua corte e sob suas reais ordens, com grande alegria e majestade. O famoso Bar da Flórida, na Rua do Rosário, sob seu reinado ficou conhecido como a"Adega do Rei", por ser visitado diariamente por Sua Majestade Javeh.[2] Faleceu aos 62 anos, em 24/02/1987, em conseqüência de diabetes, no Hospital de Ceará-Mirim (RN), após grandes padecimentos. Filhas do casal:

Qn.1.1.2.4.1 Maria Serpa Arcoverde n.07/06/1957
Qn.1.1.2.4.2 Maria Jaqueline Serpa Arcoverde n.01/08/1958
Qn.1.1.2.4.3 Betina Maria Serpa Arcoverde n.08/10/1960
Qn.1.1.2.4.4 Andréa Serpa Arcoverde n.06/04/1965

Qn.1.1.2.4.1 **Maria Serpa Arcoverde** faleceu ao nascer.

Qn.1.1.2.4.2 **Maria Jaqueline Serpa Arcoverde** faleceu aos primeiros dias.

Qn.1.1.2.4.3 **Betina Maria Serpa Arcoverde**, funcionária do Conselho Estadual de Educação do Ceará, casou com Milton Fraga Leitão, nascido em 26/07/1958, representante comercial. Separados. Tem um relacionamento com Rodney Marion Chifholm, nascido em 06/07/1955, antropólogo, administrador e

[2] Reportagem no jornal Diário do Nordeste, edição de 3 de março de 1997, pág 10 - Bar da Flórida encerra atividades, depois de 34 anos.

representante comercial.

Filho do primeiro leito;

Pn.1.1.2.4.3.1 Milton Fraga Leitão Filho n.30/10/1978

Filho do segundo leito:

Pn.1.1.2.4.3.2 Thiago Arcoverde Chifholm n.16/08/1985

Qn.1.1.2.4.4 **Andréa Serpa Arcoverde**, bióloga, casada com Williams de Medeiros, nascido em 02/06/1951, vendedor. Filhos:

Pn.1.1.2.4.4.1 Rodrigo Arcoverde de Medeiros n.24/04/1992
Pn.1.1.2.4.4.2 Isadora Arcoverde de Medeiros (gêmea) n.22/05/1998
Pn.1.1.2.4.4.3 Isabele Arcoverde de Medeiros (gêmea) n.22/05/1998

Tn.1.1.2.5 **José Eudes de Serpa**, funcionário público municipal, hoje aposentado, casou com Teresinha Gaspar Bezerra de Menezes, nascida em 27/01/1931, professora, desportista, nadadora master, filha de Waldemar Bezerra de Menezes e Maria Clotilde Gaspar de Oliveira. Separados. Tem um segundo casamento com Maria Luiza dos Santos, filha de Joaquim Martins Sobrinho e Francisca Percília de Lima.

Filhos do primeiro leito:

Qn.1.1.2.5.1 Marcus Bezerra de Menezes Serpa n.20/04/1959
Qn.1.1.2.5.2 Marden Bezerra de Menezes Serpa n.13/08/1960
Qn.1.1.2.5.3 Márcio Bezerra de Menezes Serpa n.20/05/1964
Qn.1.1.2.5.4 Marcelo Bezerra de Menezes Serpa n.25/07/1971

Filha do segundo leito:

Qn.1.1.2.5.5 Daniele dos Santos Serpa n.23/02/1988

Qn.1.1.2.5.1 **Marcus Bezerra de Menezes Serpa**, engenheiro agrônomo, casou na Igreja da Paz, em 03/06/1988, com Lucimeire Rebouças Rocha, nascida em 28/09/1965, filha de Edilson Rocha e Maria Rebouças Rocha. Em 25/06/1995, Marcus é aprovado em concurso público para o cargo de atendente judiciário do TRE. Serviu em Cuiabá (MT), mas hoje reside, com a família, em Fortaleza. Filho:

Pn.1.1.2.5.1.1 Lucas Rocha Serpa n.22/01/1993

Qn.1.1.2.5.2 **Marden Bezerra de Menezes Serpa**, técnico judiciário da Auditoria Militar, casou na Igreja do Cristo Rei, em 16/12/1988,

com Patrícia Maria Ramos de Oliveira, contadora, funcionária da Petrobrás, nascida a 08/09/1965, filha de José Patrício de Oliveira e Maria da Conceição Ramos de Oliveira. Filhos:

Pn.1.1.2.5.2.1 Raquel Ramos Serpa n.21/09/1990
Pn.1.1.2.5.2.2 Raissa Ramos Serpa n.19/02/1993
Pn.1.1.2.5.2.3 Renata Ramos Serpa n.17/05/1996

Qn.1.1.2.5.3 **Márcio Bezerra de Menezes Serpa** foi gerente do Banco do Brasil, em Acaraú (CE). Em dezembro de 2000, é aprovado no vestibular para o curso de Ciências Contábeis da Faculdade Integrada do Ceará (FIC). Casou em Ipaumirim (CE), com Sâmia Paula Gonçalves Felix. Filhos:

Pn.1.1.2.5.3.1 Márcio Bezerra de Menezes Serpa Filho n.26/07/1985
Pn.1.1.2.5.3.2 Gabriel Felix Serpa n.11/10/1990
Pn.1.1.2.5.3.3 Mateus Felix Serpa n.08/07/1992

Qn.1.1.2.5.4 **Marcelo Bezerra de Menezes Serpa**, comerciário. De sua união com Laíssa Guedes há um filho:

Pn.1.1.2.5.4.1 Davi César Guedes Serpa n.25/12/1996

Bn.1.1.3 **Armando Belleza**, batizado na Igreja do Patrocínio, em 27/04/1903, sendo padrinhos, seu avô Zeferino Hyppólito de Andrade Belleza e sua tia Amélia Messias Belleza, faleceu em 1º/10/1903, com nove meses, de dentição, segundo consta do livro de inumações.

Bn.1.1.4 **Corina Belleza (Cora)**, batizada na Igreja do Patrocínio, em 26/06/1904, pelo cônego Bernardino Lustosa. Foi, durante muitos anos, funcionária da mais alta confiança de A. D. Siqueira & Cia., exercendo as funções de caixa. Sua ficha funcional é de 1934. Séria, competente, reservada, de pouco riso, mas de convivência extremamente afável. Faleceu inupta, em Fortaleza, em 02/08/1981.

Bn.1.1.5 **Palmyra Belleza**, batizada na Igreja do Patrocínio, em 08/05/1910, sendo padrinhos Antônio Diogo de Siqueira e sua mulher Elisa Vianna de Siqueira. Faleceu criança.

N.1.2 **Maria Messias Belleza (Bibi)**, batizada na Catedral de Fortaleza, pelo cura José Ferreira da Ponte, em 21/05/1882, sendo padrinhos seus tios, Antônio Diogo de Siqueira e Maria Amélia de Siqueira, ambos irmãos de sua mãe. Maria Belleza, como gostava de ser chamada, por aversão ao Messias de seu nome, casou com Raimundo Nonato da Costa e Silva, apelido Raimundo Zabulão. Faleceu de repente, em 29/07/1958, poucos dias após o falecimento de sua irmã Amélia. Sem sucessão.

N.1.3 **Amélia Siqueira Belleza**, batizada na matriz do Patrocínio, em 1º/11/1884, tendo por padrinhos Bernardo Ferreira da Cruz (marchante como todos os tios maternos de Amélia) e Edeltrudes Pereira de Sousa Cruz, casou com Raymundo Garcia. Para conhecimento da numerosa descendência do casal, eis o termo de casamento guardada fidelidade ao original: *"No dia onze de Maio de mil novecentos e quatro em casa particular na Praça de Pelotas, freguesia de S. Luiz de Gonzaga, Bispado do Ceará, em minha presença compareceram os nubentes Raymundo Garcia e Amélia Belleza, em tudo habilitados segundo o direito, solteiros, elle filho legítimo de Manuel Antônio Garcia e Carolina Lopes Garcia, ella filha legitima de Lupecio, digo Zepherino Hipolyto de Andrade Belleza e Ignacia Belleza de Siqueira, naturais elle de Soure e ella desta freguesia onde são moradores, os quais contratantes se receberam por marido e mulher e logo lhes dei as bençõs nupciais intra missam segundo o indulto concedido a esta diocese. Foram testemunhas presentes Bernardo Ferreira da Cruz e Adolpho Ribeiro da Silva. Do que para constar mandei lavrar este termo que assigno. O Vigário João Dantas Ferreira Lima"*. Livro 5 de casamentos da Igreja do Patrocínio de 1901 a 1904, fl.168v.

A testemunha, Bernardo Ferreira da Cruz, era o padrinho de batismo de Amélia, a outra, Adolpho Ribeiro da Silva, era o marido de Beatriz Siqueira, prima da nubente, casados meses antes em 02/01/1904. Pelo menos em quatro momentos da vida de Raymundo Garcia, conseguimos identificar suas atividades: em 1900, jovem e solteiro, estava como porteiro da Assembléia Legislativa; em 1904 e 1905 aparece no "Almanack do Ceará", com firma registrada e estabelecido na Rua Formosa, 122; em 1921 era ajudante de pagador, lotado na secção administrativa da Diretoria de Obras Públicas; e em 1934 estava como apontador do Matadouro Modelo, por esse tempo, pertencente à Prefeitura de Fortaleza. Raymundo Garcia nasceu em Soure, hoje Caucaia (CE), em 24/06/1880 e cristianizado na matriz da vizinha cidade, em 21 de setembro do mesmo ano, conforme consta do livro 7-A de batizados, de 1877 a 1883, fl. 242v, cujo termo foi lançado de próprio punho pelo vigário que o batizou, padre Pedro Leopoldo d'Araújo Feitosa. Faleceu aos 56 anos, em 10/08/1936 e sua esposa Amélia em 08/07/1958 estando ambos sepultados no cemitério São João Batista, nesta Capital. Amélia tocava piano e bandolim. Tendo casado primeiro que sua irmã Maria Belleza (Bibi), o piano existente na casa dos pais, ficou naturalmente com Bibi, também pianista. Raymundo Garcia, conhecedor e admirador dos pendores musicais da esposa, presenteou-a com um piano que tempos depois, por dificuldades financeiras, foi vendido. Mais adiante D. Amélia

adquiriu um violino, instrumento musical dominado pela filha Maria Sílvia. Desta abençoada união, três das filhas, tocadas pela graça, dedicaram suas vidas ao serviço de Deus, ingressando em comunidades religiosas. Eis a numerosa prole:

Bn.1.3.1 Clóvis Garcia n.21/02/1905
Bn.1.3.2 Renato Garcia n.27/02/1906
Bn.1.3.3 Maria Delni Garcia n.18/02/1907
Bn.1.3.4 Zuíla Garcia n.19/02/1908
Bn.1.3.5 João Garcia n.27/04/1909
Bn.1.3.6 César Garcia n.19/05/1910
Bn.1.3.7 Luciano Garcia n.18/05/1911
Bn.1.3.8 Maria Lúcia Garcia n.07/10/1912
Bn.1.3.9 José Garcia n.24/11/1914
Bn.1.3.10 Gerardo Garcia n.15/12/1917
Bn.1.3.11 Maria Expedita Garcia n.25/07/1919
Bn.1.3.12 Antônio Garcia n.28/09/1920
Bn.1.3.13 Maria Sílvia Garcia n.04/08/1923
Bn.1.3.14 Francisco de Assis Garcia n.18/11/1926

Bn.1.3.1 **Clóvis Garcia**, o primogênito, faleceu aos primeiros meses.

Bn.1.3.2 **Renato Garcia** casou na Igreja do Carmo, em 23/11/1927, com Edith Sydney filha de José de Mello Sydney e Caetana Martins Sydney. Foram proprietários do sítio Bonança, em Jaçanaú, município de Maracanaú, então pertencente a Maranguape (CE). Filhos do casal, todos nascidos em Fortaleza:

Tn.1.3.2.1 Renato Garcia Júnior n.18/07/1928
Tn.1.3.2.2 José Raimundo Garcia n.05/08/1929
Tn.1.3.2.3 Maria Yollanda Garcia n.07/04/1931
Tn.1.3.2.4 Tarcísio Garcia n.11/08/1932
Tn.1.3.2.5 Hélder Garcia n.08/02/1934
Tn.1.3.2.6 Maria Yvone Garcia n.19/03/1935
Tn.1.3.2.7 Marcello Garcia n.16/06/1936
Tn.1.3.2.8 Rita Maria Garcia n.03/09/1937
Tn.1.3.2.9 Maria Helena Garcia n.12/11/1938
Tn.1.3.2.10 Francisco de Assis Garcia n.14/02/1940
Tn.1.3.2.11 Rosita Maria Garcia n.10/06/1941
Tn.1.3.2.12 Luiz Garcia n.25/08/1942
Tn.1.3.2.13 Paulo Garcia n.11/01/1944
Tn.1.3.2.14 Luíza Garcia n.23/09/1945
Tn.1.3.2.15 Pedro Garcia n.25/01/1947
Tn.1.3.2.16 Antônio Garcia n.10/09/1948
Tn.1.3.2.17 Ana Maria Garcia n.15/05/1950
Tn.1.3.2.18 Maria Auxiliadora Garcia n.02/10/1952

Além dos dezoito filhos da relação acima, houve mais sete abortos espontâneos, o que demonstra a extraordinária fertilidade do casal. Renato Garcia teve dois filhos fora de seu casamento, havidos com Maria de Lourdes Sidney Moura, prima de sua mulher, batizados na Igreja da Piedade em 17/11/1939 e na Igreja do Rosário, respectivamente.

Tn.1.3.2.19 Lucídio n.15/04/1939
Tn.1.3.2.20 Lucília n.19/02/1941

Tn.1.3.2.1 **Renato Garcia Júnior (René)**, securitário, casou em 28/02/1953, com Maria Alice Ribeiro, nascida em 08/02/1928, filha de Eduardo Alves Ribeiro e Lídia Campos Ribeiro. Separados. São filhos do casal:

Qn.1.3.2.1.1 Renato Garcia Neto n.25/12/1953
Qn.1.3.2.1.2 Inez Alice Ribeiro Garcia n.09/11/1954
Qn.1.3.2.1.3 Ricardo Ribeiro Garcia n.23/03/1962
Qn.1.3.2.1.4 Maria Celina Ribeiro Garcia n.23/04/1964

Qn.1.3.2.1.1 **Renato Garcia Neto**, securitário, casou na Igreja de Fátima, com Noélia Maria Bezerra Matos, natural de Baturité, filha de Dario Jardim Matos e Edith Bezerra Matos, em 07/07/1982. Filhos do casal:

Pn.1.3.2.1.1.1 Belise Matos Garcia n.18/06/1984
Pn.1.3.2.1.1.2 Vitor Matos Garcia n.19/04/1994

Qn.1.3.2.1.2 **Inez Alice Ribeiro Garcia**, coordenadora pedagógica do Colégio e Faculdade Lourenço Filho. Inupta.

Qn.1.3.2.1.3 **Ricardo Ribeiro Garcia**, médico veterinário, casou em 14/09/1991, na Igreja da Paz, com Maria do Rosário Ramalho, nascida em 14/10/1966, filha de Antônio de Souza Ramalho e Maria Guadalupe Ramalho. Filhos:

Pn.1.3.2.1.3.1 Ricardo Ramalho Ribeiro Garcia n.17/06/1995
Pn.1.3.2.1.3.2 Lídia Ramalho Ribeiro Garcia n.28/09/1998

Qn.1.3.2.1.4 **Maria Celina Ribeiro Garcia**, engenheira de alimentos e funcionária do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (Cefet). Inupta.

Tn.1.3.2.2 **José Raimundo Garcia**, contador, funcionário público federal, casou em 14/05/1955, na Igreja do Carmo, com Tereza Jácome, geógrafa e teóloga, filha de Raimundo Ferreira Almeida e Rosa Jácome Ferreira. José Raimundo faleceu em 08/07/1987. Filhos do casal:

Qn.1.3.2.2.1 Rosedith Garcia n.08/03/1956
Qn.1.3.2.2.2 Antônio Renato Garcia n.05/01/1958
Qn.1.3.2.2.3 Rosilene Garcia n.08/01/1959
Qn.1.3.2.2.4 Rossane Maria Garcia n.05/09/1962
Qn.1.3.2.2.5 Antônio Luiz Garcia (gêmeo) n.16/08/1863
Qn.1.3.2.2.6 Antônio Carlos Garcia (gêmeo) n.16/08/1963

Qn.1.3.2.2.7 Rosângela Garcia n.09/01/1966

Qn.1.3.2.2.1 **Rosedith Garcia**, professora, microempresária, cursando teologia, evangélica, natural de Teresina (PI), casou em 28/10/1972, na Igreja dos Remédios, com Cláudio Pedro Gondim Alcântara, corretor de imóveis, nascido em 29/06/1955, em Ribeirão Preto (SP), filho único de Francisco Gomes de Alcântara e Clara Maria Gondim de Alcântara. Tem um segundo casamento com Domingos Jaime da Silveira, nascido em 26/10/1963, filho de Luís da Silveira e Maria do Carmo da Silveira. Não há sucessão do segundo leito. Filhos do primeiro leito:

Pn.1.3.2.2.1.1 Sílvia Carinne Garcia de Alcântara n.30/05/1977

Pn.1.3.2.2.1.2 Camille Garcia de Alcântara n.22/02/1981

Pn.1.3.2.2.1.3 João Eduardo Garcia de Alcântara n.06/01/1984

Pn.1.3.2.2.1.1 **Sílvia Carinne Garcia de Alcântara**, professora, casou com José Ricardo Rodrigues de Oliveira, paramédico do Corpo de Bombeiros. Tem um segundo casamento com Alex Marx Bernardo, nascido em 09/12/1973. Filha do primeiro leito:

Hn.1.3.2.2.1.1.1 Sabrinne de Alcântara Rodrigues n.15/04/1996

Pn.1.3.2.2.1.2 **Camille Garcia de Alcântara** já havia gerado um filho quando se uniu ao jovem de dezoito anos, Nelsiney Pereira Cunha.

Filho do primeiro leito:

Hn.1.3.2.2.1.2.1 Lucas Emanuel Garcia de Alcântara n.23/01/1997

Filha do segundo leito:

Hn.1.3.2.2.1.2.2 Vitória Raquel Garcia Cunha n.18/08/1999

Qn.1.3.2.2.2 **Antônio Renato Garcia**, atropelado quatro dias após completar apenas oito anos, em 09/01/1966 (nesse dia nasceu sua irmã Rosângela), veio a falecer, de forma lamentável, dez dias depois, em 19/01/1966.

Qn.1.3.2.2.3 **Rosilene Garcia**, química, formada em Belém (PA), casou com José Maria Simões (Zeca), nascido em 11/02/1963, paraense, químico e administrador de empresas, filho de José Maria Simões e Maria Elina Simões. Filhos do casal:

Pn.1.3.2.2.3.1 Isabelle Garcia Simões n.25/07/1990

Pn.1.3.2.2.3.2 Bruno Garcia Simões n.05/03/1992

Qn.1.3.2.2.4 **Rosane Maria Garcia** casou em 06/03/1982, na Igreja dos Remédios, com Manoel Alves Neto, artista plástico, filho de José Silva Alves e Zaíra Bezerra Alves. Tem um segundo casamento com Jorge Sandro Melo dos Santos.

Filhos do primeiro leito:

Pn.1.3.2.2.4.1 Maria Uiara Garcia Alves n.09/08/1982

Pn.1.3.2.2.4.2 Zaíra Garcia Alves n.21/10/1983

Filho do segundo leito:

Pn.1.3.2.2.4.3 Jorge Anderson Garcia dos Santos n.05/05/1989

Qn.1.3.2.2.5 **Antônio Luiz Garcia**, comerciário, casou com Maria Leni de Freitas, nascida em 02/02/1957. Filhos do casal:

Pn.1.3.2.2.5.1 Antônio Luiz Garcia Júnior n.03/05/1988

Pn.1.3.2.2.5.2 João Paulo Freitas Garcia n.26/08/1991

Pn.1.3.2.2.5.3 Lorena Freitas Garcia n.13/08/1995

Qn.1.3.2.2.6 **Antônio Carlos Garcia**, gêmeo de seu irmão Antônio Luiz, faleceu com quatro dias de nascido.

Qn.1.3.2.2.7 **Rosângela Garcia** casou com José Eudes Teixeira Pimentel, comerciário, filho de Airton Moreira Pimentel e Ana Maria Teixeira Pimentel. Filhos do casal:

Pn.1.3.2.2.7.1 Ana Teresa Garcia Pimentel n.16/11/1983

Pn.1.3.2.2.7.2 Anamare Garcia Pimentel (gêmea) n.06/08/1985

Pn.1.3.2.2.7.3 Mariane Garcia Pimentel (gêmea) n.06/08/1985

Tn.1.3.2.3 **Maria Yolanda Garcia** casou, em 1º/08/1953, na Igreja do Carmo, com seu primo Césio Garcia, nascido em 04/11/1932, filho de César Garcia e Maria Virgínia de Oliveira Garcia. Presidiu a cerimônia religiosa o padre Jorgelito Cals de Oliveira, parente dos noivos. Yolanda Garcia, solicitada pelo autor, com extraordinária boa vontade e entusiasmo, se dispusera a prestar sua colaboração a este trabalho quando adoeceu gravemente falecendo no dia 6 de abril de 1998, véspera de seu aniversário. Césio Garcia, em 31/01/2000, contraiu segundas núpcias com Gerarda Pinheiro Cavalcante. Filhos do primeiro leito:

Qn.1.3.2.3.1 Ana Teresa Garcia n.20/11/1954

Qn.1.3.2.3.2 Anne Cristine Garcia n.24/04/1956

Qn.1.3.2.3.3 Renato César Garcia n.30/08/1959

Qn.1.3.2.3.1 **Ana Teresa Garcia** casou na Catedral de Fortaleza, em 15/10/1979, com Francisco de Assis Parente Filho, natural de Santa Quitéria (CE), filho de Francisco de Assis Parente e Maria Arsênia Martins Parente. Ana Teresa faleceu em 1981, de leucemia, com apenas 26 anos de idade, pouco mais de um ano após seu casamento. Sem sucessão.

Qn.1.3.2.3.2 **Anne Cristine Garcia** faleceu criança.

Qn.1.3.2.3.3 **Renato César Garcia**, herdeiro dos nomes dos irmãos Renato e César Garcia, seus avós materno e paterno, casou na Igreja da Paz, em 02/02/1982, com Rosa Ângela de Souza, nascida em 07/03/1959, filha de Pedro Manoel de Souza e Marisete Silva de Souza. Filho do casal:

Pn.1.3.2.3.3.1 Magno César de Souza Garcia n.27/05/1986

Tn.1.3.2.5 **Hélder Garcia** casou em Maranguape (CE), em 12/07/1958, com Mariíta de Paula Colares, filha de Francisco Colares Filho e Maria de Paula Colares (Mundica Paula). O casamento foi de curta duração, pelo falecimento da esposa Mariita que antes de morrer pediu ao marido que casasse com a prima dela, Eliane Colares de Paula, o que de fato veio a acontecer. Do primeiro leito, não houve sucessão. Os nomes dos dois primeiros filhos, do segundo leito, foram escolhidos por Hélder e Mariíta, ainda na vigência do primeiro casamento, escolha honrada por Hélder e Eliane. São formados pela junção dos nomes Hélder e Mariita. Filhos do segundo leito:

Qn.1.3.2.5.1 Heldemar de Paula Garcia n.15/07/1965
Qn.1.3.2.5.2 Marelda de Paula Garcia n.13/02/1967
Qn.1.3.2.5.3 Renata de Paula Garcia n.22/09/1971

Qn.1.3.2.5.1 **Heldemar de Paula Garcia** foi casado com Cláudia Maciel Gurgel. Filha:

Pn.1.3.2.5.1.1 Morgana Gurgel Garcia n.01/07/1985

Qn.1.3.2.5.2 **Marelda de Paula Garcia** foi casada com Manoel Guedes Martins Neto. Filhos do casal:

Pn.1.3.2.5.2.1 Victor Garcia Guedes n.13/06/1985
Pn.1.3.2.5.2.2 André Garcia Guedes n.30/06/1986
Pn.1.3.2.5.2.3 Manoela Garcia Guedes n.06/02/1990

Tn.1.3.2.6 **Maria Yvone Garcia** casou em São Paulo, com Lourival dos Santos (Peruche), natural de Criciúma (SC), onde nasceu em 16/09/1942. Após o casamento adotou o nome de Maria Yvone Garcia dos Santos. Filha do casal:

Qn.1.3.2.6.1 Patrícia Garcia dos Santos n.27/02/1971

Tn.1.3.2.7 **Marcello Garcia** casou em 26/10/1960, na Igreja dos Remédios, com Maria Albertina de Figueiredo, hoje professora aposentada, filha de José Zabulon de Figueiredo e Isabel de Sousa Figueiredo. Separados. Filhos do casal:

Qn.1.3.2.7.1 Regina Maria Figueiredo Garcia n.28/07/1961
Qn.1.3.2.7.2 Marcello Garcia Júnior n.14/03/1963
Qn.1.3.2.7.3 Marcos Antônio Figueiredo Garcia n.16/06/1965
Qn.1.3.2.7.4 Isabel Maria Figueiredo Garcia n.06/04/1968

Qn.1.3.2.7.1 **Regina Maria Figueiredo Garcia**, enfermeira e administradora hospitalar, trabalha na Escola de Saúde Pública do Ceará. Inupta.

Qn.1.3.2.7.2 **Marcello Garcia Júnior**, corretor securitário, casou-se em 07/07/1997, na Igreja de Santa Edwirges, com Marfiza Abreu Garcia, assistente administrativa e financeira, filha de Antônio da Silveira e Euzimar Nogueira da Silveira. Filha do casal:

Pn.1.3.2.7.2.1 Indira Abreu Garcia n.13/09/1999

Qn.1.3.2.7.3 **Marcos Antônio Figueiredo Garcia**, vendedor de produtos veterinários, casou-se em 29/06/1991, com Érika Carneiro Montezuma (adotou o nome de Érika Montezuma Figueiredo), promotora de eventos. Filho do casal:

Pn.1.3.2.7.3.1 Lucas Montezuma Figueiredo n.22/04/1995

Qn.1.3.2.7.4 **Isabel Maria Figueiredo Garcia**, administradora de empresas, casou em 10/01/1995, com Edson Brasil Machado, engenheiro civil, filho de Flávio Queiroz Machado e Maria Arlete Brasil Machado, tendo adotado o nome de Isabel Maria Figueiredo Brasil. Filho do casal:

Pn.1.3.2.7.4.1 Caio Figueiredo Brasil n.11/11/1997

Tn.1.3.2.8 **Rita Maria Garcia** casou, por procuração, em 11/07/1969, na Igreja do Carmo, com Josafá Bezerra de Macedo, natural de Jaguaretama (CE), mas na ocasião residindo na paróquia de N. S. da Glória no Rio de Janeiro, filho de Vicente Furtado de Macedo e Catarina Bezerra (Nenen). O procurador de Josafá foi José Raimundo Garcia, irmão da noiva. Josafá Macedo tem origem familiar no Engenho de Santa Teresa, no Cariri cearense. Falecido. Sem sucessão.

Tn.1.3.2.9 **Maria Helena Garcia Lessa**, em 05/03/1970, casou na Igreja do Carmo, com David Enéas Lessa, comerciante, filho de Jaime Lessa e Francisca Rodrigues Lessa. Filhos:

Qn.1.3.2.9.1 Isaac Garcia Lessa n.23/05/1972
Qn.1.3.2.9.2 Isaías Garcia Lessa n.04/11/1974
Qn.1.3.2.9.3 Esaú Garcia Lessa n.29/06/1976

Tn.1.3.2.10 **Francisco de Assis Garcia (Manduca)**, funcionário da Petrobrás, tendo trabalhado na Fábrica de Asfalto de Fortaleza (Asfor), onde ingressou como auxiliar de escritório. Quando de sua aposentadoria, chefiava o Departamento Comercial da empresa. Casou em 16/01/1965, com sua prima Célia Garcia, filha de César Garcia e Maria Virgínia de Oliveira Garcia. Ver item Bn.1.3.6. Filhos do casal:

Qn.1.3.2.10.1 Sara Garcia n.23/10/1965
Qn.1.3.2.10.2 Saulo Garcia n.18/11/1967
Qn.1.3.2.10.3 Betânia Garcia n.07/07/1972

Qn.1.3.2.10.1 **Sara Garcia** casou com Marconi, de quem se separou, não havendo sucessão. Tem uma segunda união com Marcondes Fonseca Saraiva, com os filhos:

Pn.1.3.2.10.1.1 Ramon n.05/05/1987
Pn.1.3.2.10.1.2 Juan Garcia Saraiva n.20/11/1993

Qn.1.3.2.10.2 **Saulo Garcia** casou em 20/06/1992, na Igreja da Paz, com Beatriz Lopes Rodrigues (Bia), nascida em 15/05/1965, em Santa Quitéria (CE), técnica em edificações e funcionária do

Cefet, filha de Carlos Alberto Tavares Rodrigues e Edelcia Lopes Rodrigues. Pais de:

Pn.1.3.2.10.2.1 João Pedro Rodrigues Garcia n.01/09/1995

Qn.1.3.2.10.3 **Betânia Garcia** casou com Fabiano Ramos Pimentel Carneiro, nascido em 13/03/1971, em Fortaleza, microempresário, filho de Raimundo Carneiro Filho e Maria Pompéia Pimentel Ramos Carneiro. Fabiano é da mesma família Ramos do autor.

Tn.1.3.2.11 **Rosita Maria Garcia** faleceu de pielite, aos dois anos e quatro meses, sendo inumada no São João Batista, em Fortaleza, no dia 24/11/1943.

Tn.1.3.2.13 **Paulo Garcia**, arquiteto, casou em 17/12/1979, na Igreja da Paz, com Inês de Assis Freire Dourado, filha de Francisco Abdon Dourado e Francisca Freire Dourado. Filhos do casal:

Qn.1.3.2.13.1 Rafael Dourado Garcia n.12/12/1980

Qn.1.3.2.13.2 Aline Dourado Garcia n.01/04/1982

Tn.1.3.2.14 **Luiza Garcia**, afilhada de batismo de seus irmãos Renato Garcia Júnior e Maria Yollanda Garcia, casou em 07/10/1970, na Igreja do Carmo, com José Jaime Rodrigues Lessa, filho de Jaime Lessa e Francisca Rodrigues Lessa. Filho do casal:

Qn.1.3.2.14.1 Amarildo Garcia Lessa n.05/12/1972

Tn.1.3.2.15 **Pedro Garcia**, inupto.

Tn.1.3.2.16 **Antônio Garcia** casou com Aldamira Lessa, nascida em 26/02/1949, filha de Jaime Lessa e Francisca Rodrigues Lessa. Filhos do casal:

Qn.1.3.2.16.1 Emanuel Lessa Garcia n.09/01/1979

Qn.1.3.2.16.2 Juliana Lessa Garcia n.21/08/1982

Qn.1.3.2.16.3 Tiago Lessa Garcia n.13/07/1985

Tn.1.3.2.17 **Ana Maria Garcia**, professora, casou em 20/04/1972, na Cripta da Catedral, com Aury Ramos Ferreira, falecido, natural de Sobral (CE), filho de Raimundo Nonato Ferreira e Maria Ramos Ferreira. Filhos do casal:

Qn.1.3.2.17.1 Sabrina Garcia Ferreira n.11/07/1973

Qn.1.3.2.17.2 Giovanni Garcia Ferreira n.20/01/1975

Qn.1.3.2.17.3 Safira Garcia Ferreira n.21/02/1978

Qn.1.3.2.17.1 **Sabrina Garcia Ferreira**, administradora de empresas, casou com John Kennedy Candeira, engenheiro civil.

Qn.1.3.2.17.2 **Giovanni Garcia Ferreira** faleceu aos vinte e dois dias de nascido.

Tn.1.3.2.18 **Maria Auxiliadora Garcia**, técnica em edificações e socióloga, casou em 20/11/1975, com Nilton Barros da Costa, técnico em estradas e geólogo, nascido em 20/11/1948, em Natal (RN), filho de Adauto Freire da Costa e Irene Barros da Costa. Filhos do casal:

Qn.1.3.2.18.1 Pablo Garcia da Costa n.18/08/1979

Qn.1.3.2.18.2 Morena Garcia da Costa n.20/08/1980

Bn.1.3.3 **Maria Delne Garcia** faleceu com pouco mais de um ano em 27/03/1908.

Bn.1.3.4 **Zuíla Garcia** foi uma das fundadoras do Instituto Josefino, ordem religiosa idealizada por monsenhor Luís Rocha. Inicialmente fez parte das Josefinas Externas, assim chamadas por serem comprometidas com seus familiares. Foi morar definitivamente no Instituto quando os encargos de família não requeriam mais sua presença. Vida simples e oculta era exemplo de paciência e caridade para com os pobres. Faleceu na Casa Noêmia Cabral, em Fortaleza, aos 89 anos, em 1º/04/1997.

Bn.1.3.5 **João Garcia**, mecânico de motos, casou em 30/12/1933, na Igreja do Carmo, com Maria Arany Mendes Ribeiro, filha de Diogo Ribeiro Filho e Laura Mendes Ribeiro. D. Arany faleceu em 13/04/1970. João Garcia, em 26/01/1972, aos 62 anos, na Igreja de Parangaba, contraiu segundas núpcias com Maria José Viana, 55 anos, natural de Baturité (CE), filha de João Gonçalves Viana e Filomena Moreira Viana. João Garcia faleceu em 13/06/1995. Filhos do primeiro leito:

Tn.1.3.5.1 Maria Laura Ribeiro Garcia n.28/09/1934

Tn.1.3.5.2 Mauro Ribeiro Garcia n.22/12/1935

Tn.1.3.5.3 Luciano Garcia Sobrinho n.11/10/1937

Tn.1.3.5.4 Luciano Garcia Sobrinho n.26/12/1938

Tn.1.3.5.5 Francisco de Assis Garcia n.23/06/1940

Tn.1.3.5.6 João Bosco Garcia n.08/11/1942

Tn.1.3.5.7 Regina Sílvia Ribeiro Garcia n.14/11/1944

Tn.1.3.5.8 Liduina Maria Ribeiro Garcia n.22/12/1951

Tn.1.3.5.2 **Mauro Ribeiro Garcia (Marô)**, artista plástico, designer, escritor, "motivador e consultor do conhecimento", casou em 11/11/1961, na Igreja de Fátima, com Maria Neiara Ferreira Coelho, filha de José Egydio Coelho e Ester Ferreira Coelho. Filhos do casal:

Qn.1.3.5.2.1 Silvana Coelho Garcia n.01/11/1962

Qn.1.3.5.2.2 Mauro Garcia Filho n.11/07/1964

Qn.1.3.5.2.3 Luís Henrique Coelho Garcia n.23/07/1966

Qn.1.3.5.2.1 **Silvana Coelho Garcia**, bacharela em letras, casou-se com Firmino de Holanda Cavalcante Neto, professor da UFC e crítico de cinema. Separados. Filho:

Pn.1.3.5.2.1.1 Jorge Garcia de Holanda n.22/09/1990

Qn.1.3.5.2.2 **Mauro Garcia Filho**, sociólogo, professor, casou em 06/05/1988, na Igreja da Paz, com Soraya Salomão Kassouf, comerciante, nascida em 23/04/1965, filha de Rage Kassouf e Sara Rosita Salomão Kassouf. Filhos do casal:

Biblioteca Pública G[illegible] Pimentel
Setor do Ceará

Pn.1.3.5.2.2.1 Rael Kassouf Garcia n.29/07/1989
Pn.1.3.5.2.2.2 Ravi Kassouf Garcia n.27/03/1992

Qn.1.3.5.2.3 Dr. **Luís Henrique Coelho Garcia**, médico ginecologista, obstetra e sexólogo, casou-se com Laís Amaral Correia, formada em filosofia. Separados. Sem sucessão. Tem um segundo casamento com Ana Virgínia Oliveira dos Santos, advogada, nascida em 20/09/1973. Filho do segundo leito:

Pn.1.3.5.2.3.1 Vinicius Oliveira Coelho Garcia n.02/05/1999

Tn.1.3.5.4 **Luciano Garcia Sobrinho**, engenheiro agrônomo e consultor de Advocacia Administrativa. Ocupou a presidência da Codagro, da Fapec e foi chefe de gabinete do Secretário Municipal de Finanças. Casou-se, em 12/05/1962, com Waldízia Milfont Garcia, nascida em 21/12/1941. Filhos do casal:

Qn.1.3.5.4.1 Ricardo Sérgio Milfont Garcia n.04/02/1963
Qn.1.3.5.4.2 Roberto Lúcio Milfont Garcia n.01/01/1964
Qn.1.3.5.4.3 Ronaldo César Milfont Garcia n.28/07/1966
Qn.1.3.5.4.4 Luciana Milfont Garcia n.27/01/1968
Qn.1.3.5.4.5 Regis Cláudio Milfont Garcia n.28/02/1974
Qn.1.3.5.4.6 Luciano Milfont Garcia n.17/03/1975
Qn.1.3.5.4.7 Lília Milfont Garcia n.07/03/1979

Qn.1.3.5.4.1 **Ricardo Sérgio Milfont Garcia** casou-se em 27/01/1989, com Sandra de Matos Pereira Barbosa, nascida em 17/09/1968. Filhos do casal:

Pn.1.3.5.4.1.1 Ingrid Barbosa Garcia n.02/09/1990
Pn.1.3.5.4.1.2 Igo Barbosa Garcia n.03/08/1992
Pn.1.3.5.4.1.3 Irwing Barbosa Garcia n.22/04/1994

Qn.1.3.5.4.2 **Roberto Lúcio Milfont Garcia** casou-se em 31/07/1988, com Sílvia Helena Gross Cavalcante, nascida em 07/01/1963. Filhos do casal:

Pn.1.3.5.4.2.1 Roberto Gross Cavalcante Milfont Garcia n.09/01/1990
Pn.1.3.5.4.2.2 Rodrigo Gross Cavalcante Milfont Garcia n.04/06/1992
Pn.1.3.5.4.2.3 Rafaela Gross Cavalcante Milfont Garcia n.05/03/1994

Qn.1.3.5.4.3 **Ronaldo César Milfont Garcia** casou-se com Daniela de Oliveira Morais, nascida em 27/04/1969. Filha do casal:

Pn.1.3.5.4.3.1 Gabrielly de Oliveira Morais Milfont Garcia n.12/08/1998

Qn.1.3.5.4.4 **Luciana Milfont Garcia** casou-se em 17/11/1995, com Francisco Aldenir Frota Júnior, nascido em 04/10/1967, tendo adotado o nome de Luciana Milfont Garcia Frota. Filho do casal:

Pn.1.3.5.4.4.1 Leonardo Milfont Garcia Frota n.02/07/1998

Qn.1.3.5.4.5 **Lília Milfont Garcia** casou-se em 28/09/1996, com seu primo Carlos Alberto Barbosa Filho, nascido em 10/04/1974, filho de Carlos Alberto Barbosa e Liduína Maria Garcia Barbosa.

Ver item Qn.1.3.4.8.1. Filho do casal:

Pn.1.3.5.4.5.1 Caio Milfont Garcia Barbosa n.10/04/1997

Tn.1.3.5.5 **Francisco de Assis Garcia** ingressou na Escola Preparatória de Fortaleza (extinta), tendo sido desligado daquela instituição militar em função de seu casamento prematuro. Prestou concurso para o Banco do Brasil, de onde é funcionário aposentado, tendo servido nas agências dos municípios cearenses de Senador Pompeu, Aracati onde ocupou a chefia da Carteira Agrícola, Baturité onde foi subgerente e gerente, Santa Luzia na Paraíba e finalmente na Agência Centro de Fortaleza, onde foi supervisor. Casou-se, em 06/02/1959, na matriz de Parangaba, com Maria Nise Alencar Reis, filha de Edgar de Matos Reis e Noemi Alencar Reis. Filhos:

Qn.1.3.5.5.1 Eugênia Maria Alencar Reis Garcia n.13/05/1959
Qn.1.3.5.5.2 Flávio Reis Garcia n.24/11/1964

Qn.1.3.5.5.1 **Eugênia Maria Alencar Reis Garcia** casou na Igreja do Líbano, em 27/06/1976, com Antônio Augusto Sales, engenheiro civil, nascido em 15/05/1957, filho de Francisco Sales Barros e Suzana Abrantes Sales. Filhos:

Pn.1.3.5.5.1.1 Diana Andrezza Garcia Sales n.26/05/1977
Pn.1.3.5.5.1.2 Débora Garcia Sales n.24/12/1981
Pn.1.3.5.5.1.3 Danny Garcia Sales n.21/07/1987

Pn.1.3.5.5.1.1 **Diana Andrezza Garcia Sales** casou-se com Germano Augusto Moura Jácome, adotando o nome de Diana Andrezza Sales Jácome, ambos comerciantes. Filho:

Hn.1.3.5.5.1.1.1 Davi Sales Jácome n.27/02/1998

Qn.1.3.5.5.2 **Flávio Reis Garcia**, engenheiro civil, casou com Ann Celly Araújo Sampaio, promotora de Justiça. Separados. Em segundas núpcias casou com Adelaide Saraiva Coelho, fonoaudióloga. Filhos:

Do primeiro leito:

Pn.1.3.5.5.2.1 Flávio Reis Garcia Filho n.17/04/1992

Do segundo leito:

Pn.1.3.5.5.2.2 Melina Coelho Garcia n.09/12/2000

Tn.1.3.5.6 **João Bosco Garcia**, comerciário, professor de inglês, reside em São Paulo (SP). Inupto.

Tn.1.3.5.7 **Regina Sílvia Ribeiro Garcia** casou em 13/05/1966, na Igreja do Carmo, com Elmer Alencar Reis, filho de Edgar de Matos Reis e Noemi Alencar Reis. Filha:

Qn.1.3.5.7.1 Andréa Garcia Reis n.29/09/1970

Tn.1.3.5.8 **Liduina Maria Ribeiro Garcia** casou em 25/02/1972, na Igreja de Fátima, com Carlos Alberto Barbosa, filho de José Barbosa da Costa e Raimunda Viana Barbosa. Filhos:

Qn.1.3.5.8.1 Laurice Semíramis Garcia Barbosa n.22/12/1972
Qn.1.3.5.8.2 Carlos Alberto Barbosa Filho n.10/04/1974
Qn.1.3.5.8.3 Rodrigo Garcia Barbosa n.16/10/1978
Qn.1.3.5.8.4 Rafael Garcia Barbosa n.27/10/1981

Qn.1.3.5.8.1 **Carlos Alberto Barbosa Filho**, analista de relatórios, em 28/09/1996, casou-se com sua prima Lília Milfont Garcia, filha de Luciano Garcia Sobrinho e Waldízia Milfont Garcia. Ver item Qn.1.3.4.4.5. Filho do casal:

Pn.1.3.5.8.1.1 Caio Milfont Garcia Barbosa n.10/04/1997

Bn.1.3.6 **César Garcia**, batizado com o nome de César, mas registrado Hildeberto Garcia, era afilhado do casal Francisco Belleza e Maria Dionízia Belleza. De instrução secundária, concluiu o ginásio aos quarenta anos. Sempre trabalhou nas fábricas do grupo A D Siqueira & Cia., onde fazia de tudo, gozando sempre da confiança dos patrões-parentes. Casou-se com Maria Virgínia Oliveira, nascida em Quixeramobim (CE), em 06/01/1912, filha de João Gadelha de Oliveira e Benvinda Matos de Oliveira. Foi, a vida toda, professora primária estadual, trabalhando sempre no Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, em Fortaleza. Sobre ela, assim se manifestou seu filho César: "Era mansa, tolerante, terna, dedicada, resistente e não brigava com ninguém; foi amada por todos que a conheceram. Alfabetizou os cinco filhos antes de manda-los para a escola. Tinha uma caligrafia perfeita e, nos últimos anos, escreveu alguns trechos religiosos. Tinha a fé inabalável das mulheres de seu tempo, mas não dava opinião na vida de ninguém nem mesmo na dos filhos. Respeitava o pensamento de todos". Faleceu em 29/12/1996, na casa de sua filha Célia, já viúva de César, falecido em 27/04/1987. Filhos do casal:

Tn.1.3.6.1 Célio Garcia n.10/08/1930
Tn.1.3.6.2 Césio Garcia n.04/11/1932
Tn.1.3.6.3 Célia Garcia n.21/04/1935
Tn.1.3.6.4 César Garcia n.04/09/1938
Tn.1.3.6.5 Celso Garcia n.03/06/1944

Tn.1.3.6.1 **Célio Garcia**, estudioso, formou-se em letras pela antiga Faculdade Católica de Filosofia do Ceará (Maristas) e depois foi para Paris, onde se demorou por seis anos. Estudou psicologia e, em Belo Horizonte, tornou-se psicanalista. Casou-se com Angelina Leite Ribeiro, nascida em 19/09/1933, no Rio de Janeiro, assistente social, hoje paisagista. O casal fixou residência em Belo Horizonte (MG), onde Célio é professor universitário aposentado. São filhos do casal:

Qn.1.3.6.1.1 Rodrigo Garcia n.20/08/1861
Qn.1.3.6.1.2 Gabriela Garcia n.15/04/1963

Qn.1.3.6.1.1 **Rodrigo Garcia** nasceu em Belo Horizonte e faleceu na mesma cidade, aos 24 anos, em 21/02/1986. Cursava medicina veterinária.

Qn.1.3.6.1.2 **Gabriela Garcia** nasceu em Belo Horizonte. Em 1985 concluiu biologia na UFMG. Concluiu doutorado em imunologia na USP, em 1994 e pós-doutorado, em 1998, na Universidade de Harvard (USA). É cientista na área de imunologia da empresa Astrazeneca R&D Boston desde 1998. Faz, atualmente, pesquisa sobre vacina contra a bactéria Helicobacter pilory, associada à úlcera e câncer do estômago.

Tn.1.3.6.2 **Césio Garcia**, contador, casou-se em 1º/08/1953 com sua prima Maria Yollanda Garcia, filha de Renato Garcia e Edith Garcia. Enviuvando, contraiu segundas núpcias, em 31/01/2000, com Gerarda Pinheiro Cavalcante. Ver F1, item Tn.1.3.2.3

Tn.1.3.6.3 **Célia Garcia** casou com seu primo Francisco de Assis Garcia, filho de Renato Garcia e Edith Garcia. Ver F1, item Tn.1.3.2.10

Tn.1.3.6.4 **César Garcia** iniciou seus estudos de agronomia em Fortaleza e os concluiu no Recife. Trabalhou na Sudene por trinta anos, quando se aposentou. Ao ingressar naquele órgão de desenvolvimento regional, migrou da área agronômica para a economia. Fez o curso de planejamento da Cepal, em Santiago do Chile e em 1971 foi para a Bélgica onde estudou no Instituto de Estudos dos Países em Desenvolvimento, da Universidade Católica de Louvain e na Universidade de Antuérpia, onde se tornou mestre em planejamento econômico. Em 1983 ingressou, através de concurso, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, a mesma onde concluíra seu curso de agronomia, para ensinar na área de economia. Em 04/08/1962, na Igreja de Fátima, em Fortaleza, casou-se com Maria Vilani Gonçalves, hoje pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, filha de Vicente Paulo Gonçalves, natural de Russas (CE) e Zuleida Brito Gonçalves, natural de Granja (CE). Separados. Tem um segundo casamento com Adília Maria Sobreira de Morais, filha de Pedro Bezerra de Morais, de Caririaçu (CE) e Maria Beatriz Sobreira, de Juazeiro do Norte (CE), do qual não há sucessão. Filhos do primeiro leito:

Qn.1.3.6.4.1 Clarissa Gonçalves Garcia n.27/06/1963
Qn.1.3.6.4.2 André Gonçalves Garcia n.22/05/1964

Qn.1.3.6.4.1 **Clarissa Garcia Barbosa** nasceu no Recife, é pesquisadora da

Fundação Joaquim Nabuco. Em 1989, casou-se com o escultor gaúcho Jorge Barbosa. O casal tem dois filhos, ambos nascidos no Recife:

Pn.1.3.6.4.1.1 Adriano Augusto Garcia Barbosa n.04/10/1990
Pn.1.3.6.4.1.2 Rodrigo Garcia Barbosa n.04/11/1993

Qn.1.3.6.4.2 **André Gonçalves Garcia** nasceu em Fortaleza, trabalha com informática no Tribunal Regional Federal, no Recife, onde se casou em 1985, com Jane da Silva Pinheiro Faria, hoje professora do Colégio de Aplicação da UFPE. Separados. Em 1998, contraiu segundas núpcias com Suiany Carvalho Padilha, natural de Fortaleza, trabalhando na área de informática da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife. Filhos, todos nascidos no Recife:

Do primeiro leito:

Pn.1.3.6.4.2.1 Olga Pinheiro Garcia n.14/02/1990
Pn.1.3.6.4.2.2 Gabriel Pinheiro Garcia n.12/02/1992

Do segundo leito:

Pn.1.3.6.4.2.3 Vinicius Padilha Garcia n.06/02/2000

Tn.1.3.6.5 **Celso Garcia**, funcionário aposentado da Petrobrás, com serviços prestados à Fábrica de Asfalto de Fortaleza (Asfor), hoje residindo em Aquiraz (CE), casou em 09/07/1966, na Igreja de Fátima, com Neide Gomes Castro, nascida em 12/04/1943, filha de Pedro César Castro e Maria Rodrigues Gomes. Filhos do casal:

Qn.1.3.6.5.1 Felipe Gomes Garcia n.29/04/1967
Qn.1.3.6.5.2 Dirceu Gomes Garcia n.23/05/1973
Qn.1.3.6.5.3 Érica Gomes Garcia n.12/01/1976

Qn.1.3.6.5.1 **Felipe Gomes Garcia** é engenheiro de pesca e funcionário da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará.

Qn.1.3.6.5.2 **Dirceu Gomes Garcia** é formado em engenharia civil.

Qn.1.3.6.5.3 **Érica Gomes Garcia** faz odontologia em João Pessoa (PB).

Bn.1.3.7 **Luciano Garcia**, muito moço, aventurou-se em viagem para o Rio de Janeiro, onde trabalhou e morou. Transferiu-se para São Paulo onde fixou residência e onde faleceu em 30/05/1998. Era casado com Elzia Garcia. Filhos do casal:

Tn.1.3.7.1 Arnaldo Garcia
Tn.1.3.7.2 Lúcia Garcia
Tn.1.3.7.3 Luís Carlos Garcia
Tn.1.3.7.4 Luciano Garcia Filho

Bn.1.3.8 **Maria Lúcia Garcia** foi funcionária pública da Prefeitura de Fortaleza. Casou-se na Igreja do Carmo, em 15/08/1943, com João Guilherme Colares, viúvo de dois casamentos anteriores, nascido em Aquiraz (CE), em 11/03/1910, filho de Raimundo Agostinho Colares Cintra e da gaúcha Bibiana Soares Colares. Maria Lúcia possuidora de bela voz, com sua irmã Sílvia, cantavam e ganhavam todas as disputas na Ceará Rádio Clube, a emissora pioneira da rádio-difusão no Ceará, a lembrada PRE-9. O marido João, na época do casamento, era industrial em Acarape (CE). Temperamento extrovertido, guapo rapaz, alto, corado, olhos azuis, com acentuados pendores artísticos, atuou como Cristo em encenações da Paixão e integrou o elenco da primeira versão de "A Valsa Proibida", de Paurilo Barroso, opereta bem aceita pela crítica especializada e aplaudida, com entusiasmo, pelo público da Capital. João Guilherme faleceu de insuficiência renal em 18/12/1970 e Maria Lúcia, em 17/11/2000, de infarto. Filhas do casal:

Tn.1.3.8.1 Sílvia Maria Garcia Colares n.13/11/1945
Tn.1.3.8.2 Lúcia Maria Garcia Colares n.08/08/1948
Tn.1.3.8.3 Amélia Cláudia Garcia Colares n.21/07/1950

Tn.1.3.8.1 **Sílvia Maria Garcia Colares**, artista plástica, formada em Artes Plásticas em São Paulo (SP), cidade onde residiu por vinte anos. Inupta.

Tn.1.3.8.2 **Lúcia Maria Garcia Colares** faleceu com idade de um ano.

Tn.1.3.8.3 **Amélia Cláudia Garcia Colares (Amelinha)**, cantora de sucesso nas paradas musicais, casou com José Ramalho Neto (Zé Ramalho), nascido em 03/10/1949, em Brejo da Cruz (PB), estudou no Colégio Pio X (Marista), em João Pessoa (PB), e cursou medicina até o 3º ano quando abandonou os estudos. É consagrado compositor e interprete do cancioneiro popular brasileiro. Separados. Filhos:

Qn.1.3.8.3.1 João Colares Ramalho n.22/08/1979
Qn.1.3.8.3.2 Maria Maria Colares Ramalho n.09/09/1981

Qn.1.3.8.3.2 **Maria Maria Colares Ramalho** é casada com José Carlos Braga Filho. A família reside em Niterói (RJ). Filha do casal:

Pn.1.3.8.3.2.1 Ester Ramalho Braga n.15/06/1998

Bn.1.3.9 **José Garcia (Zeca)** casou em 08/07/1939, na Catedral de Fortaleza, com Hilda Moreira da Costa, viúva de Aristides Acrísio de Sousa. Testemunharam a cerimônia seus irmãos Renato e João Garcia. José Garcia na ocasião tinha trinta e cinco anos e sua noiva quarenta e oito. Faleceu em 07/07/1994. Sem sucessão.

Bn.1.3.10 **Gerardo Garcia** era afilhado do casal César Cals de Oliveira e Hilza Diogo de Oliveira. Faleceu aos sete meses, em 25/07/1918.

Bn.1.3.11 **Maria Expedita**, afilhada de seus tios Francisco de Andrade Beleza e Maria Dionízia Belleza, os mesmos padrinhos de seu irmão César. Ingressou na ordem religiosa das Salesianas.

Bn.1.3.12 **Antônio Garcia** faleceu criança.

Bn.1.3.13 **Maria Silvia Garcia**, afilhada do casal João Brasil de Mesquita e Alice Siqueira Mesquita, prima de sua mãe, professora, com bela voz, violinista, ingressou na ordem religiosa das Salesianas.

Bn.1.3.14 **Francisco de Assis Garcia**, filho caçula de Raimundo Garcia e Amélia Belleza é possuidor de invejável currículo, sendo professor aposentado do magistério do Exército, professor titular de Língua e Literatura Francesa da UFC e coordenador do Núcleo de Tradução da mesma Universidade, de onde foi chefe do Departamento de Letras Estrangeiras. Foi professor de francês do Ginásio Municipal de Fortaleza (1954-1962) e da Associação Cultural Franco-Brasileira (1948-1962). Cursou o 1º e 2º graus no Colégio Cearense (Marista), Seminário da Prainha e Colégio São José. Bacharel (1950) e licenciado (1951) em Letras Clássicas pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, onde, em 1960, também fez curso de Didática Especial em Línguas Vivas. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (1954) pela Faculdade de Direito do Ceará. Possui diploma superior de Literatura Contemporânea pela Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de l'Université de Paris (1952) e diploma de Língua e Literatura Francesa pela Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de l'Université de Nancy-França (1959), além de certificados e diplomas de outros cursos feitos em Paris e Fortaleza. É autor de alguns trabalhos escritos, dos quais merece destaque a tradução do francês: "Concepções da Universidade" do original "Conceptions de l'Université" de Jacques Dreze e Jean Debelle – Edições UFC, Fortaleza, 1983, 131 pág. Casou-se, em 19/01/1963, na Igreja de Fátima, com Celina César Fontenele, também possuidora de rico currículo, licenciada em Língua e Literatura Francesa e Portuguesa pela UFC, diplomada em Língua e Literatura Francesa pela Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de L'Université de Nancy (França), Mestre em Educação pela UFC e Doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Publicou "A escrita frankenstein de Pedro Nava", sua tese de doutorado. É possuidora de vários cursos de especialização e participou de diversos seminários e congressos. Ocupa a chefia do Departamento de Literatura do Centro de Humanidades da UFC e é professora do Mestrado em Letras da mesma Universidade. Fez várias conferências e palestras em sua área e traduziu alguns trabalhos. É filha de Antônio Batista Fontenele e Hosana César Fontenele. Filhos do casal:

Tn.1.3.14.1 Roberta Fontenele Garcia n.07/05/1964
Tn.1.3.14.2 Natália Fontenele Garcia n.30/05/1965
Tn.1.3.14.3 Cristiano Fontenele Garcia n.06/03/1966
Tn.1.3.14.4 Raquel Fontenele Garcia n.04/06/1967
Tn.1.3.14.5 Bernardo Fontenele Garcia n.18/02/1973

Tn.1.3.14.1 **Roberta Fontenele Garcia** cursou até o 3º ano de engenharia, quando deixou os estudos para casar com José Ramalho Neto, cantor e compositor Zé Ramalho. Roberta, atualmente, cursa direito. É prima legítima da cantora Amelinha, que fora casada com o mesmo Zé Ramalho. O casal fixou residência no Rio de Janeiro, onde nasceram os filhos:

Qn.1.3.14.1.1 José Fontenele Ramalho n.17/07/1990
Qn.1.3.14.1.2 Linda Fontenele Ramalho n.02/02/1995

Tn.1.3.14.2 **Natália Fontenele Garcia**, formada em Direito, é funcionária da Justiça Federal. Inupta.

Tn.1.3.14.3 **Cristiano Fontenele Garcia** casou em 28/10/1989, na cripta da Catedral, com Elizabeth Fialho Colares, nascida em 03/03/1968, filha de Antônio Gervásio Colares e Maria de Lourdes Fialho Colares. Separados. Houve um segundo casamento com Eridan Albuquerque de quem está separado. Filhos:

Do primeiro leito:

Qn.1.3.14.3.1 Isabel Fialho Fontenele Garcia n.21/04/1990

Do segundo leito:

Qn.1.3.14.3.2 Lucas Albuquerque Fontenele Garcia n.01/07/1994

Tn.1.3.14.4 **Raquel Garcia Pontes**, formada em Direito, é funcionária da Justiça do Trabalho. Casou na Igreja do Líbano, em 20/11/1999, com Jean Iury Pontes, filho de Antônio Pontes e Isabel Aguiar. O casal reside na cidade de Sobral (CE). Filha:

Qn.1.3.14.4.1 Camila Fontenele Garcia Pontes n.01/04/2001

Tn.1.3.14.5 **Bernardo Fontenele Garcia** estudou no Colégio Cearense (Marista) e cursou arquitetura na UFC.

Ignácia Messias de Siqueira e seu marido Zeferino Hyppólito de Andrade Belleza.

Amélia Belleza Garcia

Raymundo Garcia, marido de Amélia Beleza Garcia.

Maria Messias Belleza (Bibi).

Igreja Matriz de São José (Igreja da Sé), em Fortaleza. Demolida, em seu lugar está a Catedral. Local do casamento de Ignácia Messias de Siqueira e Zeferino Hyppólito de Andrade Belleza, em 30/11/1872.

João Garcia

Renato Garcia

Luciano Garcia

Os irmãos Renato e João Garcia com a prima Corina Belleza (Cora).

João Garcia e sua esposa Maria Arany. Nessa moto acomodavam os filhos quando saíam a passeio.

Ignácia Messias de Siqueira, foto de 1895. No verso está escrito: "Offericido em signal de amizade e gratidão, ao querido mano Antônio Diogo. Em 13 de Outubro de 95". Não assinou. No dia seguinte faria 39 anos. Original da coleção do autor.

L 3 F 160 D 6

[redacted]

ZEFERINO HIPPOLYTO DE ANDRADE BELLEZA

Ignacia Belleza, Francisco de Andrade Belleza e familia, Raymundo Garcia e familia, Raymundo Nonato da Costa e Silva e familia, Francisco Belleza Filho e familia (ausentes), Annibal Theophilo de Serpa e familia (ausentes), Renato Garcia e familia, Cesar Garcia e familia, Angelica Belleza, Antonio Diôgo de Siqueira e familia, Gustavo Diôgo de Siqueira e familia, Maria Amelia de Siqueira Brandão e familia, convidam aos parentes e amigos para acompanharem o enterro de seu pranteado esposo, pae, sôgro, avô, irmão e cunhado Zeferino Hippolyto de Andrade Belleza.

O feretro sahirá de s/ residencia á Praça de Pelotas n. 451, ás 4 e meia da tarde.

Antecipadamente se confessam gratos.

Fortaleza, 5—2—930.

L 3 F 160 D 5

A criança Zuila Garcia. Mais adiante se tornaria religiosa, pertencendo à Congregação das Josefinas.

Renato Garcia *Clóvis Garcia*

Maria Yolanda Garcia, sua filha Ana Teresa e Ir. Silvia.

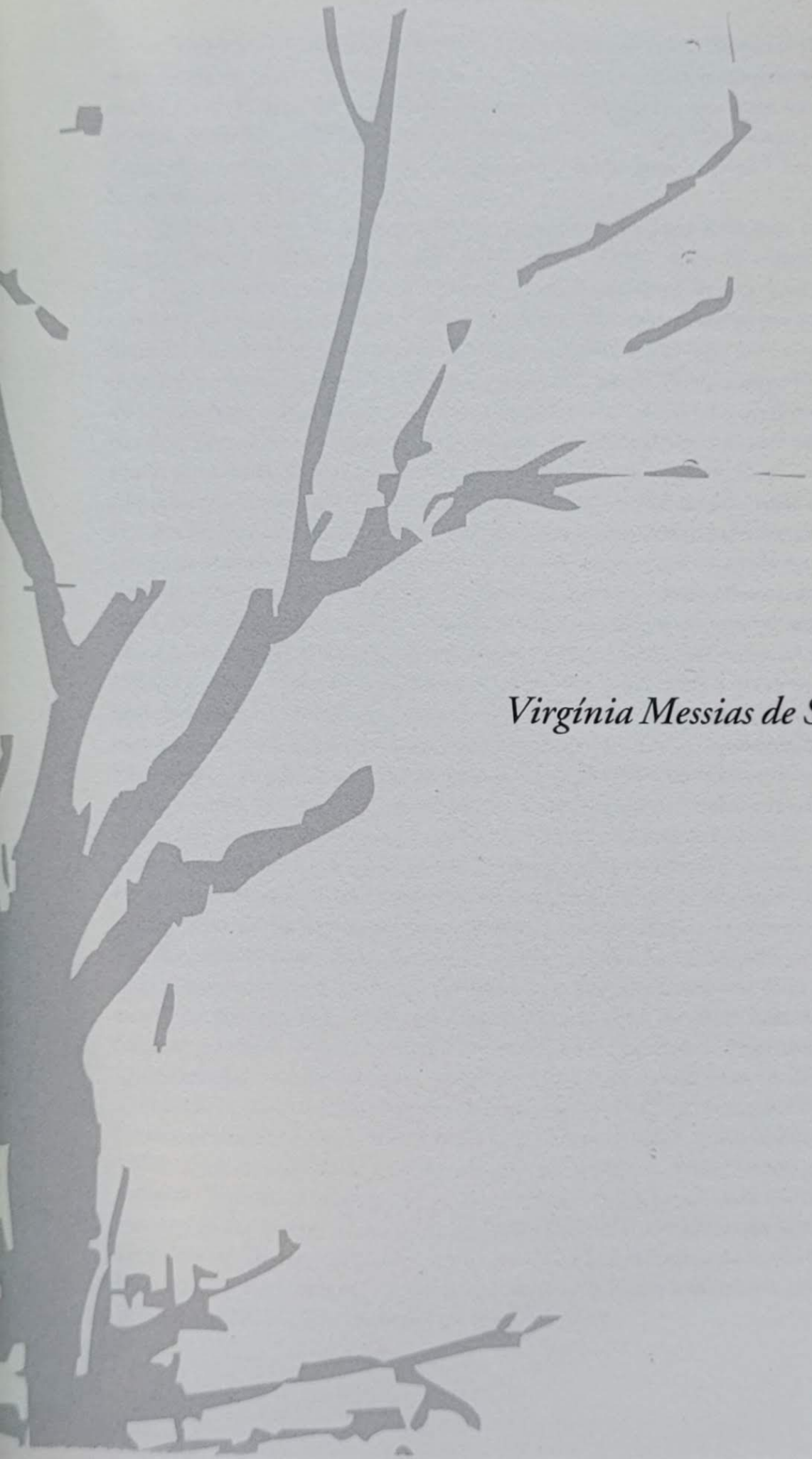
Renato Garcia e sua esposa Edith Sidney Garcia

Irmã Expedita Garcia pertence à Congregação das Salesianas.

Família do Professor Francisco de Assis Garcia. Da esquerda para a direita: Bernardo, Roberta, Jean Iury, Raquel, Professor Garcia, Dona Celina e Natália.

Família de Francisco de Assis Garcia (Manduca), filho de Renato Garcia. Na frente: Ramon, Chico Garcia, D. Célia, João Pedro e Juan. Atrás: Beatriz, Saulo, Betânia, Fabiano, Sara e Marcondes. Foto do dia 16/01/2000, em Guaramiranga, comemoração dos 35 anos de casados.

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará



Virgínia Messias de Siqueira

"Virgínia filha legitima de José Vital de Siqueira, e de Maria Missias de Albuquerque desta Freguesia, nasceo á vinte e um de Fevereiro de mil oitocentos cinquenta e seté, e a vinte e cinco do dito mês e anno foi baptizada solemnemente por mim na Capella do Menino Deos: forão Padrinhos Antonio Furtado d'Albuquerque Cavalcante e Dona Rita Lopes. Para constar fiz este assento. O Vigr.º Intr.º Vicente Jorge de Sousa". Liv. de bat. de Sobral de 1857 a 1860, fl. 31.

Este é o termo de assentamento do batismo de Virgínia fielmente copiado. Na margem direita do livro, foi anotado em coluna: *B - 1859 - enão - 57 - Sousa

Quis o vigário ressalvar, na margem, que a criança era de cor branca, nascida em 1859 e não em 1857, como anotara, e rubricou - *Sousa.* Em notas deixadas por José Vital de Siqueira, diz que Virgínia nasceu às 8 horas da manhã do dia 21/02/1859, sendo batizada quinze dias depois, tendo por padrinhos Antônio Furtado de Albuquerque e Rita, "mulher do Sr. João Roiz". Na realidade enganou-se com a data do batizado. Os problemas de saúde de sua mulher devem ter contribuído para tanto. Roiz era a forma abreviada de Rodrigues, muito encontrada em documentos antigos. O padrinho de Virgínia, Antônio Furtado de Albuquerque Cavalcante, era filho de Inácio Furtado de Mendonça, irmão de Antônio Furtado do Espírito Santo, pai de Sancho Furtado de Mendonça, padrinho daquele Joze, objeto de extenso comentário em capítulo anterior. Isto comprova, ainda mais, a intensa amizade existente entre as famílias e um possível parentesco muito próximo, que desconfiamos, mas que por determinada razão fica difícil demonstrar. Merece ser ressaltado que Maria Messias tinha Albuquerque em seu nome. Maria Messias faleceu em 23 de março de 1859, deixando Virgínia, com apenas um mês de nascida. Esta e sua irmã mais velha Ignácia foram criadas pela madrasta, Amélia Felicíssima de Siqueira, prima legítima ou mesmo prima-irmã da mãe de ambas e que lhes deu amor e carinho, criando-as como se suas filhas fossem. Virgínia casou com Raymundo Pinto Brandão, nascido em Sobral em 14 de julho de 1854, filho de Alexandre Pinto Brandão, natural da Paraíba e Jesuína Augusta Freire, neto materno de Otaviano Lopes Freire e Inocência Maria da Conceição. Raymundo Pinto Brandão era irmão de Marcionília Augusta Freire Brandão, casada com Diogo Henrique de Siqueira (neto), meio irmão de sua mulher Virgínia Messias de Siqueira. Era irmão, ainda, do padre Salviano Pinto Brandão, ilustre sacerdote nascido em Sobral, em 9 de fevereiro de 1840. Padre Salviano estudou no Seminário de Olinda, mas ordenou-se na primeira turma do Seminário da Prainha, em Fortaleza, composta de 21 padres, que em 30 de novembro de 1867, pela imposição das mãos de Dom Luiz Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, receberam o sacerdócio. Vigariou Coreaú e Quixeramobim, tendo permanecido 43 anos nesta última paróquia, de 08/06/1872 a 23/12/1875, como vigário cooperador e desta data, até 29 de agosto de 1915, quando faleceu, como pároco titular. Um fato do maior relevo na vida do padre Salviano é que em 1890, ao ser consultado se aceitaria ser bispo de Belém do Pará, recusou por se sentir indigno. "Foi um verdadeiro pai para o seu povo. Portador de vasta cultura e grande espírito de fé, sempre viveu na maior humildade. Os trabalhos que desenvolveu, a santidade de vida que assumiu e o zelo apostólico que demonstrou fazem dele um dos luminares do clero cearense em todos os tempos". Pe. F. Sadoc de Araújo, em Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses, pág. 184 e 185.

Não encontramos em Fortaleza, local de domicílio da noiva, o termo de casamento de Virgínia Messias de Siqueira com Raymundo Pinto Brandão. A cerimônia religiosa poderia ter acontecido em Sobral, onde ambos nasceram e onde moravam muitos de seus familiares. Dando busca na Cúria de Sobral, nada foi encontrado. Possivelmente casaram em fins de 1876.

Raymundo Pinto Brandão estudou no Seminário da Prainha, contando sempre com o estímulo e ajuda material de seu irmão mais velho padre Salviano que esperava vê-lo também sacerdote. Abandonou o seminário, onde acumulara formação humana e religiosa, um mês antes da ordenação. Possuía sólidos conhecimentos de Latim, Filosofia e Teologia. Foi professor. Para bem caracterizar essa sua profissão de mestre-escola, transcrevemos uma portaria na qual é nomeado professor interino de São Francisco, hoje Itapajé.

Em 25 de Setembro de 1882
Registro do titulo de nomeações do
cidadão Raymundo Pinto Brandão,
professor interino da villa de S. Francisco.

O Bacharel Sancho de Barros Pimentel Presidente da Provincia do Ceará, etc. Nomeio o cidadão Raymundo Pinto Brandão para o cargo de professor interino da villa de S. Francisco. Palácio do Governo do Ceará 22 de Setembro de 1882. S. de Barros Pimentel. Nº 182. Pagou dois mil reis de sello. Alfandega do Ceará, em 22 de Setembro de 1882. – Viriato Brigido. – Nº 556 Pagou vinte e cinco mil reis de emolumentos. Secção de Arrecadação, 22 de Setembro de 1882. – Bêserra – Teixeira Pinto. Cumpra-se e registre-se. Inspectoria Geral da Instr. do Ceará, 23 de Setembro de 1882. Cavalcante. Livro 350 de Registro de Nomeações da Instrução Pública, fl. 212. (1867-1885). Arquivo Público do Ceará.

Após essa passagem pelo magistério, foi guarda-livros e exerceu essa profissão em Fortaleza e Manaus. Muito antes de sua nomeação para a escola pública, foi professor de Virgínia e daí surgiu a aproximação, o namoro e o casamento. Em Manaus faleceu Virgínia. Ignoramos a causa de sua morte, presumidamente ocorrida em 1889, aos trinta anos, pois em março do ano seguinte o viúvo Raymundo Pinto Brandão, casa por procuração, em segundas núpcias, com Maria Amélia de Siqueira, meia irmã de Virgínia e caçula de José Vital de Siqueira e Amélia Felicíssima de Siqueira. Pelo fato do casal ter residido em duas cidades diferentes e distantes, Fortaleza e Manaus, os dados disponíveis são sempre imprecisos e de aferição mais complexa. Filhos de Virgínia Messias de Siqueira e Raymundo Pinto Brandão:

N.2.1 Napoleão	n.11/09/1879
N.2.2 Raymundo	n.12/06/1881
N.2.3 Virgílio	n.10/06/1882
N.2.4 Alice	n.17/04/1884
N.2.5 Esther Augusta	n.01/06/
N.2.6 Palmira	n.17/08/1889

N.2.1 **Napoleão** nasceu em Fortaleza e aqui foi batizado na Catedral, no dia 21 de outubro de 1877, sendo seus padrinhos, José Pinto Montenegro e Amélia Felicíssima de Siqueira, tio paterno e avó materna, respectivamente. Faleceu criança, mas não lhe encontramos o registro de óbito. Falecera em Manaus? É possível.

N.2.1 **Raymundo** nasceu em Fortaleza, batizado na Catedral, sendo padrinhos o Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca e D. Anna Franklim da Alencar Nogueira, e nesta cidade faleceu a 17/07/1881, de espasmo, com apenas 35 dias, sendo sepultado no dia seguinte no cemitério local.

N.2.3 **Virgílio Brandão** nasceu em Fortaleza, em 10 de junho de 1882 e não em 1885 como consta do Dicionário Biobibliográfico do Barão de Studart, das reportagens de jornais do dia do seu óbito e do livro de inumações. Parece que o poeta das Redondilhas abatia três anos de sua idade. O autor, em suas pesquisas genealógicas, já constatou muitas situações idênticas, inclusive de um ilustre desembargador que dava um desconto bastante significativo: seis anos. O mais comum era a subtração de dois anos na idade, mas em qualquer caso isso constituía um segredo muito bem guardado que nem aos filhos era revelado. Para restabelecer a verdade sobre a data do nascimento de Virgílio, vai transcrito o termo de assentamento de seu batismo.

"*VIRGÍLIO, branco, filho legitimo de Raymundo Pinto Brandão, e de Virgínia Messias de Siqueira, nasceu a dez de Junho de mil oito centos e oitenta e dous e foi por mim abaixo assignado solemnemente baptisado na Cathedral, á douze de Julho do mesmo anno, seus padrinhos - José Perigrino Viriato de Medeiros, e Dona Anna Carlota Viriato de Medeiros: o que para constar mandei lançar este termo, em que me assigno. O Coadjutor Pelo Párocho P.e Liberato Dionísio da Costa*". Livro 49 Sé de 1880 a 1883, fl.142.

O padrinho de Virgílio, abastado comerciante em Sobral, deixou numerosa prole e ilustre descendência. Anna Carlota era sua filha e ao tempo da cerimônia do batizado acima, ainda solteira, pois só viria a casar em 1893. Virgílio Brandão foi festejado poeta. Segundo dados de sua biografia, publicada no citado dicionário, Virgílio Brandão não possuía outros estudos senão um incompleto curso de humanidades em alguns colégios de Fortaleza. Inicia sua vida literária aos dezoito anos, quando começa a escrever quadras e glosas em pequenos jornais críticos, de alguns dos quais foi redator. Escreveu alguns sonetos n'A República. Colaborou em quase todas as revistas literárias e jornais de Fortaleza, como também na seção literária do Jornal do Commercio de Manaus, sob o pseudônimo de *Curumy*. Viajara para Manaus em 1903, a bordo do paquete Maranhão. Nessa ocasião compõe e dedica "À minha irman", um pequeno poema, intitulado "De viagem":

Meu anjo, eu parto, - que cruel partida!
Eu vou perder a minha pobre vida
A falta santa dos carinhos teus.

Quando o navio se encobrir, saudoso,
Do tombadilho a soluçar queixoso
Mandar-te-hei meu derradeiro - adeus!

A irmã a quem dedicara os versos acima era Alice, casada com José Luís de Castro e com quem morava. Moço e solteiro, a boa e compreensiva irmã, lhe favorecia a entrada, quando altas horas regressava da boêmia, sem despertar a atenção do austero cunhado.

Publicou em Fortaleza: **Líricas**, 1° vol. 1905, Tipografia Minerva; **Líricas**, 2° vol. 1913, Tipografia Chantecler; **Redondilhas**, 1° vol., 1924; **Redondilhas** 2° vol. 1933. Deixou a publicar a edição definitiva de **Redondilhas e Cromos Infantís.**

Na biblioteca da Casa de Juvenal Galeno, encontramos um exemplar do primeiro volume das "Lyricas", dedicado pelo poeta: "À memória de meus paes. Às minhas irmans. À meus amigos".Com uma bela caligrafia, está escrito: "À primorosa escriptora Alba Valdez - off.ª o autor".

Quase sempre a poesia do poeta é nostálgica. Desde muito moço, há algo de pessimismo, de desilusão, de fastio, revelado na produção literária do poeta. Em abril de 1904 ainda está em Manaus, onde escreve o poema, Minha Terra (no exílio). De 1905, já de volta a sua cidade natal, publica:

FARTO DA VIDA

Velho já sou na flor da mocidade,
Triste, na quadra do eternal prazer:
Meu coração morreu, fatalidade!-
Agonisa a minh'alma p'ra morrer.

A vida para mim é crueldade,
Dura masmorra, intermino soffrer!
Envelheci na flor da mocidade,
Cansado estou na aurora do viver.

Minha guia tem sido a desventura,
Meu amor a tremenda noite escura,
Minha esp'rança os acerbos desenganos...

Como doridos são os dias meus!
Cuido, meu Deus, de soffrer tanto, ó Deus,
Que eu em vinte annos, já vivi cem annos!

Neste soneto de 1905, o poeta insinua ter vinte anos de idade, quando na realidade tinha vinte e três, pois nascera em 1882, o que confirma o comentário feito anteriormente. De qualquer forma, vinte e três anos é muita mocidade, para tanta desilusão, para quem está "**na quadra do eternal prazer**".

A morte prematura de sua mãe Virgínia, quando Virgílio Brandão, estaria mais ou menos com sete anos, marcou profundamente a vida do poeta. Guardava-lhe a fisionomia, a lembrança de seus carinhos e de sua dedicação. Imagens indeléveis, profundamente saudosas, inspiraram o poeta, neste soneto de julho de 1905:

MINHA MÃE

Pronunciar o nome de mãe é entoar com os anjos em lyra d'oiro, o hymno mais suave do ceu.

Minha mãi, meu amor, ai, quem me déra
Ver-te ainda uma vez, ver-te nesta hora
P'ra te contar a dor que dilacera
Meu desgraçado coração que chora!...

Tu me deixaste do viver na aurora,
Dos meus sonhos varreu-te a morte austera;
Ver-te ainda uma vez, mãe, eu quizera,
Para contar-te, ó minha santa, agora

As angústias que eu tenho supportado,
Sem amor, sem abrigo, desterrado,
meu morto lyrio que não mais revives...

Quanta pena de ti no coração,
Minha mãe, meu amor, tem compaixão
De mim, que morro, porque não vives!...

Otacílio de Azevedo, em "Fortaleza Descalça", registra sua ida à casa do poeta, em companhia do irmão Júlio Azevedo que se encarregou da apresentação. Relata que já lhe conhecia várias modinhas, cantadas nas serenatas, e ele mesmo cantava algumas delas, sendo Creusa a mais conhecida, cujos versos reproduz. Depois dessa visita, encontrou outras vezes o poeta e, numa delas, notou que suas palavras eram sem nexo e as idéias um pouco descontroladas. Sem dúvida, o autor das Redondilhas já apresentava os primeiros sinais de um quadro mórbido.

Infelizmente, naquele 12 de abril de 1943, os jornais de Fortaleza circularam trazendo em manchete uma triste notícia: "SUICIDOU-SE O POETA VIRGÍLIO BRANDÃO - Amanheceu enforcado na sala de visitas de sua residência". Ainda no seu comentário em "Fortaleza Descalça", Otacílio de Azevedo, com muita proprieda-

de, comenta: "O destino, sempre impiedoso, naquele pescoço em que tantas vezes o poeta, por originalidade, fizera o laço de gravata com um simples cadarço de sapatos, obrigou-o um dia, a enrolar uma corda, num laço, acabando com a vida tragicamente pendurado num dos caibros de sua casa." [1] E conclui: "Esta quadrinha, escrita por ele anos antes de sua morte, pode servir de epitáfio ao infeliz poeta."

Que vale a existência incerta
o sonho do mundo alado,
se quando a gente desperta
a vida já tem passado?

Os versos acima figuram em duas publicações do poeta: consta como a Redondilha LX e como a primeira quadra do poema "A VIDA" que está dedicado "Ao Alvarins" e publicado nas LYRICAS, em 1905.

Virgílio Brandão era funcionário aposentado da Delegacia Fiscal e nome de destaque nos meios intelectuais. Mais remotamente, por volta dos anos de 1916 e 1917, consta do "Almanack do Ceará", como vigia da Recebedoria do Estado, para a partir de 1926 começar a aparecer como escriturário da Delegacia Fiscal. Sua trágica morte teve dolorosa repercussão. Em homenagem ao consagrado vate, uma rua do Bairro Autran Nunes, em Fortaleza, tem o seu nome com o CEP 60.526-640. Do seu casamento com Edwirges Barros Brandão, temos conhecimento do nascimento dos seguintes filhos:

Bn.2.3.1 Raymundo n.25/11/1906
Bn.2.3.2 Esther n.03/03/1908
Bn.2.3.3 Raymunda
Bn.2.3.4 Lourival n.10/07/1913
Bn.2.3.5 Suzette
Bn.2.3.6 Gladstone n.13/03/1918
Bn.2.3.7 José n.08/10/1919
Bn.2.3.8 João n.20/04/1921
Bn.2.3.9 Pedro n.01/06/1923
Bn.2.3.10 Alexandre n.01/03/1925
Bn.2.3.11 Virgínia n.04/08/1927
Bn.2.3.12 Francisco n.25/12/1931

Os jornais que noticiaram a morte de Virgílio Brandão fazem referência a somente quatro filhos: Lourival Leônidas Brandão, Pedro Alvarez Brandão, Raimunda Brandão Queiroz (viúva) e Virgínia Barros Brandão. É possível que os demais filhos tenham falecido ainda menores.

[1] Na realidade o poeta enforcou-se pendurado num armador da sala de visitas de sua casa, na Rua Princesa Isabel, 68.

Bn.2.3.3 **Raymunda Brandão Queiroz (Nenen)** casou na Igreja do Carmo, em 06/10/1926, com a assistência do cônego José Alves Quinderé, com Manoel Juarez de Oliveira Queiroz, natural de Gurupá, filho de Miguel Albino de Queiroz e Guilhermina de Oliveira Queiros. Diz o termo de casamento que Nenen nasceu em Pacatuba. Temos conhecimento de apenas três filhos do casal:

Tn.2.3.3.1 Maria Ezilma n.30/05/1931
Tn.2.3.3.2 Virgílio n.07/08/1932
Tn.2.3.3.3 Maria n.05/03/1934

Tn.2.3.3.1 **Maria Ezilma Brandão Queiroz** casou na Igreja dos Remédios, em 17/08/1961, com Emílio Gonçalves de Alencar, filho de Cícero e Endoxia Gonçalves de Alencar.

Bn.2.3.5 **Suzette Barros Brandão**, natural de Porongaba (hoje Parangaba), casou na Igreja do Carmo, em 28/05/1930, com assistência do cônego José de Lima, com Pedro Moura, filho de Camillo Moura e Maria Senhora Moura. Filhos identificados:

Tn.2.3.5.1 José n.06/06/1931
Tn.2.3.5.2 José n.04/02/1935
Tn.2.3.5.3 Francisca n.22/06/1939
Tn.2.3.5.4 Francisco Juracy n.19/10/1941

Bn.2.3.9 **Pedro Alvarez Brandão**, delegado de polícia, casou na Igreja dos Remédios, em 22/06/1948, com Maria Valderina Pinheiro, filha de Antônio Valdemar Pinheiro e Antônia Nunes Pinheiro. Filhos identificados:

Tn.2.3.9.1 Marcos Vinicio Pinheiro Brandão n.15/12/1956
Tn.2.3.9.2 Carlos César Pinheiro Brandão n.08/04/1959

Tn.2.3.9.2 **Carlos César Pinheiro Brandão** casou na Igreja de Fátima, em 22/11/1984, com Geisa Cristina Martins Gondim, nascida em 24/08/1956, filha de Celino Roberto Sales Gondim e Maria Zaulene Martins Gondim.

N.2.4 **Alice Brandão** nasceu em Manaus, em 17 de abril de 1884. Casou em Fortaleza, em 28/06/1902, com José Luiz de Castro, nascido nesta capital, em 15/04/1880, filho de Luís Xavier da Silva Castro e Luiza Xavier Guimarães. José Luiz de Castro é um dos biografados do Dicionário do Barão de Studart, onde são ressaltadas as suas qualidades de aluno dedicado e aplicado, a sua passagem pelo comércio, como ajudante de guarda-livros, a sua participação literária, a sua atuação como jornalista e a sua inteligência. Tinha sem dúvida o biografado uma cultura variada e sólida e teve participação destacada no jornalismo e nos meios intelectuais.

Alice Brandão de Castro faleceu de tétano, na madrugada do dia 02/08/1936 e José Luiz de Castro, às 10 horas da ma-

nhã, em sua residência na Av. do Imperador, 716 de insuficiência cardíorenal, em 21/06/1941, como funcionário aposentado da antiga Inspectoria de Secas, atual Dnocs. Do casal nasceram dezenove filhos, dos quais apenas Hebe, faleceu criança. Quando faleceu José Luiz de Castro, seis de seus filhos eram menores de idade. Os irmãos mais velhos cuidaram de encaminhá-los na vida, providenciando suas internações em colégios que lhes assegurassem instrução e educação de qualidade.

O inventário de José Luiz de Castro foi aberto em 25/08/1941, no então Cartório de Órfãos de Fortaleza e dele extraímos que o casal fora proprietário da espaçosa casa, ainda existente, situada na Av. do Imperador nº 716, com cinco portas de frente, fazendo esquina com a Rua Pedro Pereira, também com cinco portas por essa rua e encravada em terreno de cem palmos de frente por quinhentos palmos de fundos, correspondentes para Rua Princesa Isabel; uma casa de tijolo e telha, com quatro portas de frente, na Rua Santa Teresa, nº 306, esquina com a Rua São Paulo, nesta capital, em terreno de cem palmos de frente, por duzentos e cinqüenta palmos de fundos e mais uma casa na Rua General Bezerril, nº 14, com 21 palmos de frente. Constava mais uma fazenda de criar e plantar, denominada **Casa Nova**, com 2.619 braças, no município de Soure, hoje Caucaia (CE), no lugar Itapeba, com casa de tijolo e telha, com plantações diversas, inclusive carnaubais. Como prova de homem de boas letras que foi José Luiz de Castro, consta do seu inventário uma alentada biblioteca, cujos títulos foram todos nomeados. É grande a descendência do casal. Lamentavelmente não conseguimos, junto à família, elementos que nos possibilitasse compor uma relação atualizada desse numeroso seguimento, em todos os níveis. Eis os filhos:

Bn.2.4.1 Nair Brandão de Castro n.28/04/1903
Bn.2.4.2 Laís Brandão de Castro n.06/06/1904
Bn.2.4.3 Luiz Moacir Ipiranga de Castro n.20/06/1905
Bn.2 4.4 Cauby Eduardo de Castro n.07/10/1906
Bn.2.4.5 José Aloysio de Castro n.03/02/1909
Bn.2,4.6 Maria Virgínia de Castro n.02/03/1910
Bn.2.4.7 Waldo Érico de Castro n.28/05/1911
Bn.2.4.8 Maria Belkiss de Castro n.02/07/1912
Bn.2.4.9 Ivan Karapinima de Castro n.03/04/1914
Bn.2.4.10 Aglaís Brandão de Castro n.24/04/1915
Bn.2.4.11 Mirtes Rosa de Castro n.04/12/1916

Bn.2.4.12 Hebe Brandão de Castro n.05/09/1918
Bn.2.4.13 Ciro Marcelo de Castro n.26/10/1920
Bn.2.4.14 Jayme Brandão de Castro n.14/08/1922
Bn.2.4.15 Dulce Maria de Castro n.13/02/1924
Bn.2.4.16 Lupi Maria de Castro n.03/07/1925
Bn.2.4.17 Humberto Setembrino de Castro n.07/09/1926
Bn.2.4.18 Heytor Brandão de Castro n.25/01/1928
Bn.2.4.19 Airtes Brandão de Castro n.03/06/1931

Bn.2.4.1 **Nair Brandão de Castro** casou na Igreja do Patrocínio, em 30/06/1927, com Antônio Alexandre da Rocha Ferreira, filho de Vicente Alexandrino Ferreira e Laurinda Luiza Ferreira, quando adotou o nome de Nair de Castro Ferreira. Nair, acometida de grave enfermidade, faleceu em 28/10/1938, deixando de seu casamento, uma única filha, a saber:

Tn.2.4.1.1 Maria José de Castro Ferreira n.27/04/1928

Bn.2.4.2 **Laís Brandão de Castro** casou com José Jorge de Barros, agricultor, residiram no lugar "Sítios Novos", do termo de Pentecostes (CE), como consta do inventário de seus pais, mas hoje pertencente ao município de Caucaia. Laís de Castro Barros faleceu em Fortaleza, em 07/08/1993, aos 89 anos de idade.

Bn.2.4.3 **Luiz Moacir Ipiranga de Castro**, no "Almanack do Ceará" de 1922 a 1925, seu nome consta na relação de pessoal técnico da Ifocs, na seção de açudagem, ocupando a função de desenhista. Ao tempo da morte de seu pai, residia em Natal (RN), como funcionário público federal.

Bn.2.4.4 **Cauby Eduardo de Castro** esteve ao lado do irmão Luiz Moacir, na Ifocs, no mesmo período e ocupando idêntica função de desenhista da seção de açudagem. Casou, em 11/09/1930, com Maria Luiza Mota. Faleceu em Fortaleza, em 10/05/1967, às 17h45min. Filhos do casal:

Tn.2.4.4.1 José Alberto n.05/03/1934
Tn.2.4.4.2 Alice n.03/11/1936
Tn.2.4.4.3 Norma n.02/12/1938
Tn.2.4.4.4 Nilce n.00/10/1941
Tn.2.4.4.5 Benônio n.16/07/1943
Tn.2.4.4.6 Marcus n.01/10/1946

Tn.2.4.4.1 **José Alberto Mota de Castro** casou em 08/12/1956, na Igreja da Piedade, com Maria Necy Mavignier de Castro, natural de Redenção (CE), filha de Manoel Mavignier de Castro e Isabel Alves de Oliveira.

Tn.2.4.4.2 **Alice Mota de Castro** casou aos catorze anos, em 23/05/1951, na Igreja do Carmo, com Jehovah Alves Damasceno, comerciante, nascido em 27/04/1927. Filhos do casal:

Qn.2.4.4.2.1 Jeovah de Castro Damasceno n.31/03/1952
Qn.2.4.4.2.2 Lúcia de Fátima de Castro Damasceno n.27/02/1954
Qn.2.4.4.2.3 Jeovando de Castro Damasceno n.20/05/1955
Qn.2.4.4.2.4 Jeovane de Castro Damasceno n.23/05/1961

Qn.2.4.4.2.1 **Jeovah de Castro Damasceno** casou em 06/03/1976, na Igreja de São Vicente, com Carla Barroso Sanford, nascida no Recife (PE), filha de João de Paula Pessoa Sanford e Olga Barroso Sanford. Filhos do casal:

Pn.2.4.4.2.1.1 Karina Sanford Damasceno n.15/09/1976
Pn.2.4.4.2.1.2 Jehovah Alves Damasceno Netto n.06/09/1978
Pn.2.4.4.2.1.3 Rodrigo Sanford Damasceno n.04/10/1985
Pn.2.4.4.2.1.4 Romulo Sanford Damasceno n.05/08/1989

Qn.2.4.4.2.2 **Lúcia de Fátima Alves Damasceno** casou em 16/01/1980, na Igreja de São Vicente, com João Haroldo Teixeira Vidal, filho de João Vidal de Negreiros e Esmeralda Teixeira Vidal.

Tn.2.4.4.3 **Norma Mota de Castro** casou com Jehovah Alves Damasceno, conceituado comerciante da praça de Fortaleza, divorciado de sua irmã Alice Mota de Castro. Sem sucessão.

Bn.2.4.5 **José Aloysio de Castro**, médico, residente no Rio de Janeiro.

Bn.2.4.6 **Maria Virgínia de Castro Pinto** casou em 15/07/1929, na Igreja do Patrocínio, com Júlio Pinto Sobrinho, nascido em 18/12/1901 e falecido em 21/05/1969. Maria Virgínia faleceu em Fortaleza, em 12/06/1995, aos 85 anos de idade. Filhos do casal:

Tn.2.4.6.1 Terezinha de Castro Pinto n.24/06/1932
Tn.2.4.6.2 Roberto Júlio de Castro Pinto n.23/11/1934
Tn.2.4.6.3 Ieda Virgínia de Castro Pinto n.05/07/1941
Tn.2.4.6.4 Açuelo de Castro Pinto n.08/11/1946

Tn.2.4.6.1 **Terezinha de Castro Pinto** faleceu em Fortaleza, dia de Natal, 24/12/1977.

Tn.2.4.6.2 **Roberto Júlio de Castro Pinto** casou a 22/01/1960 com Maria de Fátima da Rocha Girão, nascida em 24/04/1939, filha de João Girão e Luce da Rocha Girão. Roberto Júlio faleceu em 16/09/1982, em Fortaleza. Filhos:

Qn.2.4.6.2.1 Ricardo Luiz Girão de Castro Pinto n.08/09/1961
Qn.2.4.6.2.2 Emmanuel Roberto Girão de Castro Pinto n.16/09/1965
Qn.2.4.6.2.3 João Júlio Girão de Castro Pinto n.28/05/1967
Qn.2.4.6.2.4 Eduardo Régis Girão de Castro Pinto n.19/08/1977

Qn.2.4.6.2.1 **Ricardo Luiz Girão de Castro Pinto**, casado com Regina Maria de Sousa Rodrigues Girão. Filho:

Pn.2.4.6.2.1.1 Ricardo Mateus n.30/05/1995

Qn.2.4.6.2.2 **Emmanuel Roberto Girão de Castro Pinto**, advogado. Em 1º/02/1996, tomou posse como promotor de Justiça de Primeira Entrância, aprovado que fora em concurso público no ano anterior, sendo designado para a Comarca de Itarema (CE). Casou em 24/05/1991, na Igreja da Paz, com Vanessa Siqueira de Oliveira, nascida a 12/08/1969, filha de Antônio Joaquim de Oliveira e Leda Siqueira de Oliveira.

Tn.2.4.6.3 **Ieda Virgínia de Castro Pinto** casou em 25/09/1962 com José Humberto da Rocha Girão, nascido em 29/03/1937, filha de João Girão e Luce da Rocha Girão. Filhos:

Qn.2.4.6.3.1 Denise n.27/03/1963
Qn.2.4.6.3.2 Cláudia n.19/04/1964
Qn.2.4.6.3.3 José Humberto n.09/05/1971

Bn.2.4.7 **Waldo Érico de Castro** casou com Raimunda Ramos de Castro. Filhos do casal:

Tn.2.4.7.1 Ervais Ramos de Castro n.05/12/1955
Tn.2.4.7.2 José Luís Ramos de Castro n.09/11/1957
Tn.2.4.7.3 Alice Ramos de Castro n.10/02/1959
Tn.2.4.7.4 Maria Virgínia Ramos de Castro n.17/01/1961
Tn.2.4.7.5 Waldo n.04/11/1965

Bn.2.4.8 **Maria Belkiss de Castro Oliveira** casou em 05/08/1936, com Emídio Teodoro de Oliveira. Residiram em Senador Pompeu (CE). Filhos do casal:

Tn.2.4.8.1 Maria Alice n.10/03/1938
Tn.2.4.8.2 Moacyr n.06/10/1939

Tn.2.4.8.1 **Maria Alice de Castro Oliveira** casou na Igreja do Carmo, em 1º/11/1959, com Raimundo Lacerda Vieira, natural de Senador Pompeu (CE), filho de João Vieira do Nascimento e Antônia Lacerda Vieira. Testemunha Maria Luiza Mota de Castro.

Bn.2.4.9 **Ivan Brandão de Castro**, também conhecido como Ivan Carapinima de Castro, casou com Josefa Vieira Rossas, filha de Joaquim Rossas e Dália de Castro Vieira, na Igreja do Patrocínio, em 28/01/1939. Filhos do casal:

Tn.2.4.9.1 Marta Maria n.26/12/1939

Bn.2.4.10 **Aglaís Brandão de Castro** faleceu em Fortaleza, em 05/10/1983.

Bn.2.4.11 **Mirtes Rosa de Castro Ramos** casou em 17/02/1940, com Rui Assunção Ramos, nascido em 20/03/1911 e falecido em 07/07/1987, já viúvo de Mirtes que falecera em Fortaleza, em 15/06/1985. Filhos do casal:

Tn.2.4.11.1 Francisco Helano de Castro Ramos n.12/10/1940
Tn.2.4.11.2 Regina Célia de Castro Ramos n.24/06/1942

Tn.2.4.11.1 **Francisco Elano de Castro Ramos** estudou no Colégio Cearense e pertenceu à diretoria do Grêmio Literário José de Alencar, quando o autor ocupou a presidência daquela entida-

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

de, nos idos de 1957-1958. Colaborou na redação do jornal Verdes Mares, editado na época pelo grêmio, responsabilizando-se, com sucesso, pela seção Poetas e Poesias. Na primeira edição daquele jornal, para o mês de setembro de 1957, Elano fez publicar o soneto que intitulou "O Grêmio José de Alencar" e dedicou "Ao meu amigo Luís Gonzaga", autor deste trabalho. No segundo número do interessante periódico, que saiu em novembro do mesmo ano, Elano inseriu outro soneto de sua autoria que transcrevemos como recordação daquele período de fecunda e sadia atividade estudantil do qual fomos coadjuvantes, ao lado de outros tantos colegas prenhes de ideal juvenil.

ÂNSIA FRUSTRADA
F. ELANO

Ânsia de beleza que me tortura,
Sonho de perfeição que me domina,
Tenho em vão, moderna pedra dura,
A forma da mulher que me fascina.

Desisto. Não consigo na escultura,
Talhar do seu perfil, algum reflexo,
Busco as musas. A rima é sempre escura,
De expressão ôca, mórbida e sem nexo.

E noite a dentro, sigo desolado,
Preso à obsessão a que me acho imerso,
No infortúnio de nada ter criado.

E ao despontar "tristonha" a madrugada,
Vejo no papel, rascunhos de um verso,
E no mármor, muda expressão do Nada.

Em 1982, Elano teve seu livro de poemas intitulado "O Espantalho Temeroso", selecionado para publicação pela Funarte da Uece. Estimulado, publica "Domingo pela Manhã", uma seleção de trinta inspirados poemas. Destes escolhemos exatamente o que dá título ao livro:

DOMINGO PELA MANHÃ

Explodes, manhã de domingo, entre os vapores
do álcool e do sol. Tantas cores! Impossível
tarefa contá-las. Os amarelos exigiriam o dia.

Roupas de banho se agitam. Banhas os sexos
guardados na semana, nos velhos baús e gavetas.
Vermelha a alma, manhã, não de vergonha. Surpresa sempre.

Explodes, manhã de domingo, nas barracas,
nas garrafas enfileiradas nos balcões, nos limões
e na moça que deita, sexo aberto, convite.

Sensual tentativa. És festa visual, és som
e teus clarins, manhã de domingo, soam alto
anunciando a fuga dos dias da mais-valia.

Caladas jazem as máquinas e as goivas. Sorrimos
do sangue que não gastamos no desespero
do consumo alheio e do nosso magro salário.

Explodes, enfim, manhã de domingo em nossas gargantas,
em cada poro de nossa pele, onde o álcool e o sol ensinam
que somos mais que bichos, quase humanos.

Advogado, poeta, artista plástico ou como preferia ser identificado, Elano, pescador, pintor e poeta. Acometido de duas graves enfermidades, que o obrigaram a uma aposentadoria precoce, Elano tem padecido grandes sofrimentos. É casado com a senhora Francisca Rodrigues Ramos. Sem sucessão

Bn.2.4.12 **Hebe Brandão de Castro**, do sexo masculino. Da numerosa irmandade, único a falecer criança.

Bn.2.4.13 **Ciro Marcelo de Castro** casou em Aquiraz (CE), em 26/07/1941, com Raimunda Queiroz de Oliveira. Ciro faleceu em Fortaleza, em 17/03/1960, com apenas 39 anos. Filhos do casal:

Tn.2.4.13.1	Sheila Maria	n.14/11/1943
Tn.2.4.13.2	Ciro	n.11/12/1944
Tn.2.4.13.3	Francisco	n.15/05/1947
Tn.2.4.13.4	Francisco Roberto	n.03/08/1950

Bn.2.4.14 **Jayme Brandão de Castro (Boleo)** faleceu em 26/01/1986, em Nova York (USA), onde trabalhava na Brasilian Mission da ONU, sendo seu corpo trasladado para Fortale-

za e sepultado no mausoléu da família, em 31/01/1986, no cemitério São João Batista.

Bn.2.4.15 **Dulce Maria de Castro** casou com Evandro Carneiro Martins, nascido em Fortaleza, em 24/10/1921, advogado com destacada atuação no fórum, membro diretor da OAB - Ceará, professor da Faculdade de Ciências Econômicas, filho de Evandro Borges Martins e Laura Carneiro Martins. Após o casamento, realizado em maio de 1949, adotou o nome de Dulce de Castro Martins. Faleceu em Fortaleza, em 19/06/1979, aos cinqüenta e cinco anos. Filhos do casal:

Tn.2.4.15.1 Neide Evandra n.02/05/1951
Tn.2.4.15.2 Evandro n.22/04/1954
Tn.2.4.15.3 Elvécio Evandro n.05/04/1957

Bn.2.4.16 **Lupe Maria de Castro** faleceu em Fortaleza a 14/01/1985.

Bn.2.4.17 **Humberto Setembrino de Castro** nasceu no dia da Pátria, 7 de setembro, daí o Setembrino do nome.

Bn.2.4.18 **Heytor Brandão de Castro**. Seu nome consta da relação de ex-combatentes da Marinha do Brasil, nascidos no Ceará. Casou aos 44 anos, em 24/02/1972, na Igreja de Nazaré, com Maria Estela de Souza, filha de Laurindo Henrique de Souza e Filomena Laura de Souza. Faleceu em Fortaleza, em 10/08/1987, de um infarto fulminante. Sem sucessão.

Bn.2.4.19 **Airtes Brandão de Castro**, a caçula da numerosa família, órfã de mãe aos cinco anos e de pai aos dez, casou na Igreja de Santa Luzia, em 08/08/1954, com João Jader Pinheiro Távora, filho de Anário Viana Távora e Maria de Jesus Pinheiro Távora. Airtes mal conhecera sua mãe, e convivera muito pouco com o pai. Seus dois primeiros filhos, José Luís e Maria Alice, são uma reconhecida homenagem àqueles que lhe deram a vida. É a única sobrevivente da numerosa prole. São filhos do casal:

Tn.2.4.19.1 José Luís n.30/05/1955
Tn.2.4.19.2 Maria Alice n.15/04/1956
Tn.2.4.19.3 João Jáder n.25/09/1957
Tn.2.4.19.4 Jadel n.07/04/1963

N.2.5 **Esther Augusta Brandão** nasceu em 1° de junho, cujo ano não foi possível determinar. Pode não ser o quinto filho, mas o segundo, nascida entre os irmãos Napoleão e Raymundo. Era conhecida pelo apelido familiar de **Deta**. Fazia varandas em crochê para redes e costurava em sua Singer para clientela de modesto poder aquisitivo. Dessas atividades provinham os seus ganhos. Morou com sua tia e madrasta Maria Amélia de Siqueira (Bila), na Rua Senador Pompeu, 413, com sua meia irmã Enóe na Pajuçara, onde foi catequista, na cidade de Quixeramobim

onde construiu uma pequena casa. Nesta cidade, seu tio monsenhor Salviano fora ilustre e santo pároco. Por lá morava um outro tio paterno, Fausto Pinto Brandão, ligado à política da terra, estando o seu nome atrelado à corrente rabelista. Faleceu em 1964 nesta Capital. Inupta.

N.2.6 **Palmyra Brandão**, de temperamento expansivo e alegre, cantava e tocava violão. Casou duas vezes: a primeira na Igreja do Patrocínio, em 30/12/1909, com seu primo Antônio Lopes Brandão, filho de Manoel Lourenço Lopes e Francisca Egydia Freire, irmã de Raymundo Pinto Brandão e irmã de Marcionília, mulher de Diogo Henrique de Siqueira (neto), do padre Salviano Pinto Brandão e de José Pinto Montenegro. Foram testemunhas do ato religioso Hildebrando Siqueira e Francisco de Andrade Belleza, ambos primos legítimos da noiva Palmyra. O casal fixou residência no norte do país, ao que parece em Belém, onde nasceram os primeiros filhos. Só mais adiante retorna a Fortaleza, onde nasceram os demais filhos e onde faleceu Antônio Lopes Brandão, em 24/01/1925, de leishmaniose generalizada, moléstia endêmica, provavelmente contraída quando a família morou na Amazônia, cujas condições de salubridade eram as mais precárias possíveis. Palmyra Brandão casou pela segunda vez com Luiz Cardoso Monteiro, filho de Joaquim e Luiza Cardoso Monteiro, em 20/11/1926, na Igreja do Carmo, sendo testemunhas, Francisco Cordeiro Saraiva e Antônio Diogo de Siqueira, seu tio materno. Luiz Cardoso Monteiro era natural de Missão Velha (CE), nascido em 03/01/1898. Trabalhou na A D Siqueira & Cia sendo sua ficha profissional de 1921. Faleceu em Fortaleza, em 25/07/1944.

Filhos do primeiro leito:

Bn.2.6.1 Maria de Lourdes n.17/12/1911
Bn.2.6.2 Eurico
Bn.2.6.3 Iracema n.01/10/1914
Bn.2.6.4 Irene n.31/07/1915
Bn.2.6.5 Abelardo n.01/11/1916
Bn.2.6.6 Antônio n.10/09/1921

Filhos do segundo leito:

Bn.2.6.7 Leônidas Cardoso Monteiro n.25/10/1927
Bn.2.6.8 Dario Brandão Monteiro n.02/07/1929
Bn.2.6.9 Luiz Cardoso Monteiro Filho n.30/05/1931
Bn.2.6.10 Ayrton Cardoso Monteiro n.08/01/1934

Bn.2.6.1 **Maria de Lourdes Brandão** nasceu em Belém do Pará, casou na Igreja do Carmo, em 16/11/1928, com José Azevedo Meirelles, nascido em Parangaba, nesta Capital, filho de Azarias Meirelles e Maria Eugenia Meirelles. Após o casamento, adotou o nome de Maria de Lourdes Brandão Meireles. São filhos do casal:

Tn.2.6.1.1 Maria Yeda n.30/05/1930
Tn.2.6.1.2 Maria Cleide n.20/11/1931
Tn.2.6.1.3 Maria de Lourdes n.15/02/1933
Tn.2.6.1.4 Nilson n.25/04/1934
Tn.2.6.1.5 Maria Myrtes n.26/11/1935
Tn.2.6.1.6 Nilo n.28/08/1938
Tn.2.6.1.7 Maria de Lourdes n.21/01/1942
Tn.2.6.1.8 Maria Dalva n.21/02/1945
Tn.2.6.1.9 Francisco de Assis n.09/12/1946

Tn.2.6.1.1 **Maria Yeda Brandão Meireles**, ferroviária, de sua união com o Dr. Raimundo Wilson Jucá, médico, nascido em 1918, há uma filha:

Qn.2.6.1.1.1 Rosa Cristina Meireles Jucá n.17/07/1969

Qn.2.6.1.1.1 **Rosa Cristina Jucá Pinheiro**, nome adotado após o casamento com Mauro Luiz Pinheiro, professor, nascido em 1969, é funcionária pública federal. Filho:

Pn.2.6.1.1.1.1 Mateus Jucá Pinheiro n.08/03/1995

Tn.2.6.1.2 **Maria Cleide Meireles Barros**, de prendas do lar, casou com Djalma Santos Barros, nascido em 1932, funcionário público federal. Filhos:

Qn.2.6.1.2.1 Ana Maria Meireles Barros n.14/06/1954
Qn.2.6.1.2.2 Ana Lourdes Meireles Barros n.03/12/1955
Qn.2.6.1.2.3 Djalma Barros Filho n.21/11/1961
Qn.2.6.1.2.4 Alexandre Meireles Barros (gêmeo) n.13/05/1966
Qn.2.6.1.2.5 Adriano Meireles Barros (gêmeo) n.13/05/1966

Qn.2.6.1.2.1 **Ana Maria Barros da Costa** casou com Antônio Braz da Costa, contador, nascido em 1948. Filhos do casal:

Pn.2.6.1.2.1.1 Renato Barros da Costa n.15/11/1975
Pn.2.6.1.2.1.2 Juliana Barros da Costa n.20/12/1976
Pn.2.6.1.2.1.3 Antônio Braz da Costa Filho n.12/05/1979

Qn.2.6.1.2.2 **Ana Lourdes Barros Jucá**, supervisora de educação, casou com Adelmir de Menezes Jucá, professor, nascido em 1955. Filhos do casal:

Pn.2.6.1.2.2.1 Carlos Eduardo Barros Jucá n.09/06/1979
Pn.2.6.1.2.2.2 Ana Cleide Barros Jucá n.24/07/1984

Qn.2.6.1.2.3 **Djalma Barros Filho**, bancário, casou com a Eliana Rodrigues Barros, professora, nascida em 1962. Filha do casal:

Pn.2.6.1.2.3.1 Djana Rodrigues Barros n.14/02/1990

Tn.2.6.1.3 **Maria de Lourdes Brandão Meireles**, primeira do nome, faleceu criança.

Tn.2.6.1.4 **Nilson Brandão Meireles**, cobrador, casou com Elvira Paulino Meireles, nascida em 1929. Sem sucessão.

Tn.2.6.1.5 **Maria Mirtes Meireles Siqueira**, funcionária pública estadual, casou com seu parente José de Queiroz Siqueira, nascido a 04/07/1921, filho de Annanias Diogo de Siqueira e Clarinda de Queiroz Siqueira. Sem sucessão. Ver F3, item Bn.3.12.1.

Tn.2.6.1.6 **Nilo Brandão Meireles** casou com Iraci Gama Meireles, nascida em 1936, estando ambos aposentados. Filhos do casal:

Qn.2.6.1.6.1 Emerson Gama Meireles n.28/07/1966
Qn.2.6.1.6.2 Anderson Gama Meireles n.05/12/1971
Qn.2.6.1.6.3 Nilo Brandão Meireles Júnior n.22/12/1975

Qn.2.6.1.6.1 **Emerson Gama Meireles**, funcionário público, casou com Maria Betânia Menezes Meireles, professora, nascida em 1963. Filha do casal:

Pn.2.6.1.6.1.1 Raissa Menezes Meireles n.10/05/1989

Qn.2.6.1.6.2 **Anderson Gama Meireles** é casado com Paula Rizzo Meireles, nascida em 1971. Ambos são funcionários públicos. Filha do casal:

Pn.2.6.1.6.2.1 Natália Rizzo Meireles n.12/11/1996

Qn.2.6.1.6.3 **Nilo Brandão Meireles Júnior** casou com Luciana Souza Meireles. Ambos funcionários públicos. Sem sucessão.

Tn.2.6.1.7 **Maria de Lourdes Brandão Meireles**, homônima de sua mãe e segunda do nome, casou em 08/03/1970, na Igreja de S. Benedito, com José Ailton Medeiros de Brito, nascido em 1945, filho de Sebastião Medeiros de Brito e Bernadeth Barbosa de Brito. Filha do casal:

Qn.2.6.1.7.1 Patrícia Meireles de Brito n.27/02/1976

Tn.2.6.1.8 **Maria Dalva Brandão Meireles** viveu apenas quatro dias, falecendo em 25/02/1945.

Tn.2.6.1.9 **Dr. Francisco de Assis Brandão Meireles**, médico, prefeito do município de Chaval (CE), 1992-1996, casou em 28/11/1970, na Igreja de S. Benedito, com Maria de Fátima Claudino de Moura, filha de João Santana de Moura e Maria Claudino de Moura. O Dr. Brandão Meireles tem uma segunda união com Nilza Barroso, funcionária pública, nascida em 1961.

Filhos do primeiro leito:

Qn.2.6.1.9.1 Adriano Meireles n.25/09/1972
Qn.2.6.1.9.2 Marcos Meireles n.02/02/1974
Qn.2.6.1.9.3 Fernanda Meireles n.10/05/1978

Filhos do segundo leito:

Qn.2.6.1.9.4 Vinícius Barroso Meireles n.14/10/1985
Qn.2.6.1.9.5 Vitor Barroso Meireles n.10/05/1987

Qn.2.6.1.9.1 **Adriano Meireles** casou com Marlete de Paula Oliveira Meireles, nascida em 1968, sendo ambos funcionários públicos. Filho do casal:

Pn.2.6.1.9.1.1 Adriano Meireles n. 1994

Qn.2.6.1.9.2 **Marcos Meireles** nascido em Marabá (PA), batizado na Igreja de S. Raimundo, no dia 25/11/1974. Universitário.

Qn.2.6.1.9.3 **Fernanda Meireles** nascida em Marabá (PA), batizada na Igreja de S. Raimundo, no dia 30/09/1978. Universitária.

Bn.2.6.5 **Abelardo Brandão** casou na Igreja do Carmo, em 19/03/1938, com Zenita de Castro Barreto, filha de José Vicente de Arruda Barreto e Annita de Castro Barreto. Abelardo Brandão, poeta, de temperamento tranqüilo, cantava e tocava violão, trabalhou como escriturário da A D Siqueira & Cia, sendo sua ficha funcional de 1934. Faleceu muito moço, aos 37 anos, no dia 13 de junho de 1954. Filhos do casal:

Tn.2.6.5.1 Zenardo Barreto Brandão n.24/09/1939
Tn.2.6.5.2 Abelardo Brandão Filho n.20/09/1948

Tn.2.6.5.1 **Zenardo Barreto Brandão**, músico, foi baterista de "Ivonildo e seu conjunto". Faleceu no Rio de Janeiro, em 22/09/1981, dois dias antes de completar, apenas, quarenta e dois anos. De sua união com Zélia Alves de Oliveira ficou uma filha:

Qn.2.6.5.1.1 Cristiane de Oliveira Brandão n.13/08/1972

Tn.2.6.5.2 **Abelardo Brandão Filho**, advogado, funcionário aposentado do Banco Central do Brasil, artista plástico, casou no dia 11 de janeiro de 1977, com Helena Silva Monteiro. Filhos:

Qn.2.6.5.2.1 Virgínia Monteiro Barreto Brandão n.06/04/1983
Qn.2.6.5.2.2 Abelardo Monteiro Barreto Brandão n.27/07/1987
Qn.2.6.5.2.3 Leonardo Monteiro Barreto Brandão n.16/08/1988

Bn.2.6.7 **Leônidas Cardoso Monteiro** trabalhou como escriturário na A D Siqueira & Cia, sendo sua ficha funcional de 1943. Casou na Igreja do Carmo, no dia 7 de fevereiro de 1948, com sua prima Maria Helena Queiroz Siqueira, filha de Ananias Diogo Siqueira e Clarinda de Queiroz Siqueira. Filhos do casal:

Tn.2.6.7.1 Clarinda Maria de Siqueira Monteiro n.27/10/1948
Tn.2.6.7.2 André Luiz de Siqueira Monteiro n.04/05/1950
Tn.2.6.7.3 Dulce Maria de Siqueira Monteiro n.11/08/1952

Tn.2.6.7.2 **André Luiz de Siqueira Monteiro** casou em 19/12/1975, na Igreja da Paz, com Marilena de Castro Cruz, filha de Benedito de Carvalho Cruz e Maria Odalea de Castro Cruz. Filhos do casal:

Qn.2.6.7.2.1 Marília Cruz Monteiro n.21/12/1976
Qn.2.6.7.2.2 Aline Cruz Monteiro n.04/09/1978
Qn.2.6.7.2.3 Andréa Cruz Monteiro n.05/04/1984

Bn.2.6.8 **Dario Brandão Monteiro** teve relacionamento com Amália Almeida, do qual houve descendência. Aos 31 anos, casou em 1º/10/1960, com Maria Guimarães de Morais, filha de José Luiz de Morais e Elisa Guimarães de Morais, natural de Sobral (CE). O ato religioso realizou-se na Igreja do Carmo, em Fortaleza.

Filho do primeiro leito:

Tn.2.6.8.1 Francisco n.27/10/1954

Filho do segundo leito:

Tn.2.6.8.2 Kéfren Dárius n.07/03/1962

Bn.2.6.9 **Luís Cardoso Monteiro Filho** trabalha no comércio tendo no canto o seu "hobby", dono que é de belíssima voz. Solista (tenor) e organista, com formação lírica para ópera, há mais de trinta anos canta em cerimônias de casamentos, com um variado e belo repertório.

Bn.2.6.10 **Ayrton Cardoso Monteiro** transferiu-se para Minas Gerais, onde casou e faleceu já viúvo em maio de 1999. De seu casamento nasceram:

Tn.2.6.10.1 Abelardo Maia Cardoso
Tn.2.6.10.2 Taís Maia Cardoso

Capela do Menino Deus, em Sobral, local dos batizados de Virgínia Messias de Siqueira e de Maria Severa Lopes de Siqueira.

José Luís de Castro
15/04/1880 - 21/06/1941

Alice Brandão de Castro nasceu em Manaus, em 17/04/1884 e faleceu em Fortaleza, em 02/08/1936.

Antonio Lopes Brandão, primo e primeiro marido de Palmira Brandão.

Poeta Virgílio Brandão

Palmira Brandão

Ester Brandão (Deta).

Abelardo Brandão

Zenita Barreto Brandão

Cristiane de Oliveira Brandão, filha única de Zenardo.

Clarinda de Siqueira Monteiro

Ivanildo e seu conjunto. Zenardo Barreto Brandão, o baterista, é o segundo, da esquerda para direita, da fila de trás.

Zenardo Barreto Brandão, baterista de Ivanildo e seu conjunto.

Abelardo Brandão e sua irmã Maria de Lourdes (Lulita)

Diogo Henrique de Siqueira (neto)

Diogo Henrique de Siqueira, primogênito do casal José Vital de Siqueira e Amélia Felicíssima de Siqueira, homônimo de seu avô paterno, nasceu em Sobral, às 8 horas da noite do dia 19 de dezembro de 1860. Seu pai teve duas filhas, Ignácia e Virgínia, de seu casamento anterior com Maria Messias de Albuquerque, cedo falecida. Levado à pia batismal aos sete dias de nascido, eis como foi anotado o termo de seu batismo:

"Diogo filho legitimo de José Vital de Siqueira, e de Amelia Felicissima Correia desta Freguesia, nasceo à desenove de Dezembro de mil oitocentos e secenta e foi baptizado solemnemente porminesa Matris á vinte e seis do dito mês e anno: Padrinhos Olimpio Faustino de Siqueira e Hermenegilda Libania. Para constar mandei fazer este termo. O Vigario Collado Francisco Jorge de Sousa". Livro de Batizados de Sobral de 1859 a 1863, fl. 44.

A Igreja Matriz de Sobral, local do batizado de Diogo, é hoje a majestosa Catedral daquela cidade. Os padrinhos, Olímpio Faustino e Hermenegilda Libânia, eram irmãos de seu pai. Hermenegilda, tia e madrinha de Diogo, faleceu um ano depois, em 20/12/1861, do seu primeiro parto, em que nasceram gêmeas e que foram batizadas na missa de 7º dia com os nomes de Ignácia e Hermenegilda. Diogo viveu os primeiros e encantados anos de sua vida, nos belos campos secos de Forquilha, em Sobral, onde a família possuía fazendas de criar e plantar. Casou bastante jovem, com apenas dezenove anos, aqui em Fortaleza, na Igreja do Rosário. Veremos pelo termo, a seguir transcrito, que escolhera uma moça nascida nos mesmos pagos queridos, terra berço de ambos e de seus maiores.

"Aos vinte e sette de Novembro de mil oito centos e oitenta na Capela do Rozario feitas as denunciações canonicas sem que resultasse impedimento algum pelas sette horas da noite na minha presença compareceram os nubentes Diogo Henrique de Siqueira e Marcilina (sic) Augusta Freires Brandão, os nubentes são naturais de Sobral e são ambos moradores neste curato, elle é filho legítimo de José Diogo Vital de Siqueira e Amélia Felicíssima de Siqueira, e ella filha de Alexandre Pinto Brandão e Joaquina Augusta Freires já fallecida; os quais nubentes se receberam solemnemente em matrimonio com palavras de presente, e logo lhes dei as bençoes conforme os ritos e serimonia da Santa Igreja Catholica Apostolica Romana sendo testemunhas presentes Raimundo da Silva Jatahy e Manoel Antônio da Rocha, o que para constar se fez este termo que assigno. O Cura José Ferreira da Ponte". Livro 42 de casamentos da matriz de S. José (Sé) de Fortaleza, de 1879 a 1885, fl. 66v.

Ao longo das pesquisas para execução deste trabalho, quis parecer-nos que o jovem Diogo Henrique de Siqueira possuía muita aptidão para o comércio e a atividade produtiva e, se não fora surpreendido pela morte prematura, poderia ter feito companhia ao sucesso empresarial de seu mano Antônio Diogo de Siqueira. Com apenas vinte anos de idade, logo após seu casamento, já o encontramos comprando escravo, um bem normalmente reservado às pessoas em boa situação financeira. Não resistimos à tentação de apresentar mais um documento na sua forma original, testemunho da época em que um ser humano, apenas pela cor escura de sua pele, era com muita naturalidade considerado objeto de transação comercial, sujeito à escrituração, registro e recolhimento de impostos. Eis o documento, para avaliação crítica das gerações atuais:

Escriptura de venda do escravo Miguel que faz Francisco da Silva Albano a Diogo Henrique de Siqueira Neto por 400$000 réis.

Saibam quantos este instrumento de escriptura de venda virem que, no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e oitenta, aos 29 dias do mês de Dezembro do dito anno, nesta Cidade da Fortaleza capital do Ceará, em meu Cartorio compareceráo de uma parte, como vendedor José Francisco da Silva Albano, e de outra como comprador Diogo Henrique de Siqueira Neto, moradores nesta mesma Cidade, conhecidos pelos proprios de que dou fé. Epelo vendedor foi dito em presença das testemunhas abaixo nomeadas eassignadas que, sendo Senhor epossuidor de um escravo de nome Miguel, pardo, de cincoenta annos de edade, casado, sem officio, natural desta provincia, vende o dito escravo como effectivamente vendido tem de hoje em diante por meio desta ao comprador Diogo Henrique de Siqueira Neto, pela quantia de quatro centos mil reis, que confessa já haver recebido em moeda corrente e legal do mesmo comprador, pelo que lhe dá plena quitação de paga lhe transfere toda posse, dominio, esenhorio que no referido escravo tinha obrigando se a fazer esta venda boa, firme e valioza em todo o tempo. Epelo comprador foi dito que acceitava esta escriptura como lhe era passada. Pagou trinta mil reis de imposto como do conhecimento datado de hoje, sob n.º 628; assignado por Antonio Bizerra de Menezes e F. S. Teixeira, e mais o sello como das estampilhas abaixo. Apresentou a matrícula (ilegível) feita n' Alfandega desta Cidade, em 27 de Setembro de 1872, Sob os numeros de ordem na matricula geral 1.505, e na relação apresentada – 3 = ; e o das relações 440 = Em fé e testemunho da verdade assim o disserão e apedido dos mesmos faço este instrumento nesta nota eque lhes sendo lido reciprocamente o outorgarão, eaceitarão e assignarão com as testemunhas presentes Lesko Belminio de Souza e José Camillo Rodrigues da Silva. Eu Antonio Bricio de Carvalho, Escrivão juramentado escrivi = Eu Miguel Severo de Souza Pereira, Tabelião, o sobscrevi = fiz fazer as entrelinhas, na palavra Diogo =

Fortaleza, 29 de Dezembro de 80
José Fran.co da Silva Albano
Diogo Henrique de Siq.ra Netto
Test.a Lesko Belminio de Sousa
José Camillo Rôiz da S.a

O que o tabelião quis dizer com "fiz fazer as entrelinhas, na palavra Diogo"? Nas duas ocasiões onde aparece o nome do comprador, havia escrito apenas Henrique de Siqueira Neto. Alertado, fez o devido reparo escrevendo Diogo no lugar certo, mas, por falta de espaço, escreveu no alto da linha respectiva. As assinaturas estão sobre duas estampilhas de 200 réis. Livro de Notas de 21 de outubro de 1879 a 19 de dezembro de 1881, fls. 82, 82v e 83. Arquivo Público do Estado do Ceará.

Marcionília Augusta, cujo nome fora incorretamente grafado no termo de seu casamento, era irmã de Raymundo Pinto Brandão casado em primeiras e segundas núpcias com Virgínia Messias de Siqueira e Maria Amélia de Siqueira respectivamente, irmãs ambas de Diogo Henrique de Siqueira (neto). Era irmã, também, do ilustre e santo sacerdote Salviano Pinto Brandão. Do casal, nasceram:

N.3.1 Raymundo	n.04/10/1881
N.3.2 Luiz	n.23/09/1882
N.3.3 Amélia	n.04/11/1883
N.3.4 Juliêta	n.17/12/1884
N.3.5 Raymundo	n.14/02/1886

N.3.6 José	n.29/04/1887
N.3.7 Alexandre	n.07/05/1888
N.3.8 Virgínia	n.13/07/1889
N.3.9 Maria	n.23/07/1891
N.3.10 Moisés	n.09/04/1893
N.3.11 Cezarina	n.02/12/1894
N.3.12 Annanias	n.29/03/1897

Como seu pai e os demais irmãos, Diogo Henrique de Siqueira era marchante. No termo de batismo de sua filha Juliêta, sua profissão assim foi declarada e do seu inventário, adiante discriminado, fica claro o seu envolvimento com o comércio de gados e carnes, participando inclusive da sociedade comercial fundada com essa finalidade, a firma Siqueira, Martins, Barros & Cia, sendo de 12:000$000 (doze contos de réis), a sua cota de capital na empresa, onde exercia a função de sócio-gerente. A sua profissão de marchante, também, está confirmada no "Almanck do Ceará" de João Câmara, quando aparece na relação dos marchantes no mercado público, ao lado dos irmãos Francisco e Antônio. Faleceu muito moço, de lesão cardíaca, no dia 29 de dezembro de 1899, apenas dez dias após completar 39 anos, sendo sepultado no mesmo dia no cemitério de São João Batista, em Fortaleza, no túmulo que ele mesmo mandara construir, para receber os despojos de seu três vezes cunhado, Raimundo Pinto Brandão. Doente e pressentindo a proximidade da morte, pede ao seu irmão Antônio que cuide de seus filhos. Triste e incerto aquele final de ano, quase no limiar de um novo século, para D. Marcionília, com a perda irreparável do marido e sete filhos menores, para criar e educar. Dos doze filhos que geraram, cinco, haviam falecido pequenos: o primeiro Raymundo em 04/07/1882, com nove meses, de dentição; Amélia em 10/12/1884, com treze meses, de dentição; Alexandre em 18/03/1889, com dez meses, de dentição; Maria em 1º/02/1892, com seis meses, de dentição; e o segundo Raymundo, cujo óbito não foi encontrado. As causas morte, dos quatro primeiros citados, são as que constam dos livros consultados de inumação do São João Batista de Fortaleza.

Diogo Henrique de Siqueira (neto), ao falecer, não deixou testamento. Apenas dez dias após o óbito a viúva, Marcionília Augusta de Siqueira, era intimada pelo Juizado de Órfãos, com um prazo de 24 horas, para prestar declarações de inventariante, o que ocorreu no dia seguinte, 9 de janeiro de 1900, na casa do juiz substituto Dr. João de Deus Vianna. Causa certa estranheza o açodamento do Juizado. Teria agido assim por pressão dos credores?

Do título de herdeiros, ficam claros os filhos deixados de seu casal, os seguintes:

- Luiz de 17 anos
- Juliêta de 15 anos
- José de 12 anos
- Virgínia de 10 anos
- Moysés de 6 anos
- Cezarina de 5 anos
- Annanias de 2 anos

Aberto o inventário, da descrição dos bens do casal, constam:

DINHEIRO

- Seguro de vida feito à Companhia Sul América, apólice nº 1.228, no valor de 10:000$000 (dez contos de réis).
- Seguro de vida feito na Eqüitativa dos Estados Unidos do Brazil, apólice nº 744.637, no valor de 10:000$000 (dez contos de réis).
- Importância de capital empregado na Sociedade Commercial dos Marchantes que "gyra" nesta praça sob a firma Siqueira, Martins Barros & Companhia, a quantia de 12:000$000 (doze contos de réis).

MÓVEIS

- Uma mobília composta de doze cadeiras austríacas, duas cadeiras de braço, dois consolos, um sofá e um espelho, avaliada em 400$000 (quatro centos mil réis).
- Um guarda-louça, avaliado em 100$000 (cem mil réis).
- Um guarda-roupa, avaliado em 100$000 (cem mil réis).
- Uma mesa de jantar, avaliada em 25$000 (vinte e cinco mil réis).

RAIZ

- Uma casa térrea de tijolo e telha, nesta capital, na rua Senador Pompeu, nº 149 A, do lado do nascente, com três portas de frente, fundos de meio quarteirão, avaliada em 12:000$000 (doze contos de réis).
- Um terreno nesta capital na rua Formosa[1], esquina da travessa da Fábrica Pompeu[2], com quarenta palmos de frente e fundos de meio quarteirão, avaliado em 400$000 (quatrocentos mil réis).
- Uma salgadeira de carnaúbas coberta de telhas, nesta capital, na estrada de Soure[3], avaliada em 400$000 (quatrocentos mil réis).

DÍVIDAS PASSIVAS

- A **Boris Frères**, hipoteca da casa da rua Senador Pompeu 149 A, no valor de 15:000$000 (quinze contos de réis).
- A Sociedade Commercial **Siqueira, Martins Barros & Companhia**, no valor de 14:659$856 (catorze contos e seiscentos e cinqüenta e nove mil e oitocentos e cinqüenta e seis réis).
- A **Holderness e Salgado**, proveniente de empréstimo, no valor de 1:500$000 (um conto e quinhentos mil réis).

[1] Atual Rua Barão do Rio Branco
[2] Rua Liberato Barroso
[3] na estrada de Caucaia

O monte maior importou em 43:425$000 (quarenta e três contos, quatrocentos e vinte e cinco mil réis). Descontada a dívida passiva de 31:159$856 (trinta e um contos, cento e cinqüenta e nove mil e oitocentos e cinqüenta e seis réis), restou um monte líquido de 12:265$144 (doze contos, duzentos e sessenta e cinco mil e cento quarenta e quatro réis) a ser repartido entre a viúva meeira e seus sete filhos. No pagamento das dívidas foram usadas as apólices de seguro e quase a totalidade da cota de capital na Sociedade dos Marchantes, tocando à D. Marcionília a mobília da casa, o terreno da Rua Formosa, 840$144 (oitocentos e quarenta mil cento e quarenta e quatro mil réis) no capital da firma Siqueira, Martins Barros & Companhia e 3:867$428 no valor da casa de morada da Rua Senador Pompeu. Aos filhos coube em partes iguais, 876$081 no valor da dita casa da Rua Senador Pompeu. Finalmente em 8 de abril de 1901, o juiz de órfãos, Dr. João de Deus Vianna, em despacho final, dá por concluído o inventário.

Na realidade, o empréstimo feito a Holderness e Salgado, era originariamente no valor de 4:000$000 (quatro contos de réis), mas Diogo Henrique vinha amortizando-o, havendo pago 2:500$000 (dois contos e quinhentos mil réis) em três parcelas.

Em 14 de fevereiro de 1913, Marcionília Augusta de Siqueira "sendo tutora de seus filhos Julieta Augusta de Siqueira, Virgínia, Annanias, José e Cezarina", requer e obtém em juízo, permissão para vender a casa da Rua Senador Pompeu, pelo valor de 12:000$000, "afim de poder entregar as partes a seus filhos maiores" e logo em 26 de março do mesmo ano, requer em juízo e consegue permissão para usar a quantia que tocou ao menor Annanias, na compra de uma mercearia, alegando textualmente: "e como o dito orphão tenha aptidão para o commercio, vem requerer a V.S. a necessária licença para aplicar a dita importância de oitocentos mil reis pertencente ao mesmo orphão, na acquisição de uma mercearia que a supplicante pretende comprar com parte do seu capital, afim de poder manter-se com os seus filhos, visto não dispor de outros meios". Na petição de 14 de fevereiro de 1913, D. Marcionília não menciona o filho Moysés, falecido na Amazônia. Luiz, o filho mais velho que ficou de seu casamento, por essa época, também já havia falecido, muito moço, casado e de forma lamentável. Adiante, as mortes de Moisés e Luiz serão objeto de comentários.

D. Marcionília anualmente viajava, em férias, para Quixeramobim, onde os irmãos Salviano e Fausto moravam. Sobreviveu ao marido por longos anos, vindo a falecer em Fortaleza, em 19/06/1943, de arteriosclerose, com 91 anos de idade, como está no livro de inumação ou 92 anos, segundo consta de seu inventário. Nascera em 7 de agosto, possivelmente, de 1851. Completaria 92 anos pouco menos de dois meses após a sua morte. Seria quase nove anos mais velha que o marido Diogo Henrique de Siqueira (neto).

No seu inventário consta um único bem: uma casa de tijolo e telha, com duas portas de frente e fundos de meio quarteirão, na Rua Senador Pompeu nº 390, depois 1.488 (demolida, hoje no local existe um estacionamento), no chamado lado da sombra e bem próxima da esquina da Av. Duque de Caxias. Podemos observar que D. Marcionília tendo se desfeito da casa de três portas de frente, havida do inventário de seu marido, mais adiante adquiriu uma outra de menor largura, que lhe assegurou o teto, para tranqüilidade de sua longa existência. Descendência do casal:

N 3.1 **Raymundo**, afilhado de batismo de sua avó, Amélia Felicíssima de Siqueira, como foi visto anteriormente, faleceu em 4 de julho de 1882, com nove meses.

N 3.2 **Luiz Diogo de Siqueira**, afilhado de batismo de seu tio paterno, Francisco Diogo de Siqueira e de Maria da Glória Beviláqua, casou em 09/01/1906, na Igreja do Coração de Jesus, com Generosa da Silva, filha de José Luís da Cunha e Maria Cunha da Silva. Faleceu com apenas 25 anos, em 17/10/1907, de lesão cardíaca provocada por arma de fogo, deixando uma filha de apenas um ano e a mulher, grávida de seu segundo filho. Na realidade, Luiz Diogo suicidou-se dentro da casa de sua mãe. Na ocasião passava pela calçada um frade que lhe prestou assistência espiritual nos instantes finais de sua existência. Generosa faleceu em Fortaleza, aos cinqüenta anos, no dia 10/12/1942, de "intose alimentar". São filhos do casal:

Bn.3.2.1 Maria Augusta de Siqueira n.13/10/1906
Bn.3.2.2 Raymundo Siqueira n.01/01/1908

Quando do inventário de D. Marcionília Augusta de Siqueira, em 1943, os netos acima aparecem como representantes do filho Luiz Diogo de Siqueira, a primeira com o nome de Maria Augusta de Mendonça, viúva de 36 anos e o segundo com nome de Raymundo Siqueira, casado, de 35 anos, sem saber ler nem escrever e sua irmã, por ele, assinando a rogo.

Bn.3.2.1 **Maria Augusta de Siqueira** casou com o sargento José Augusto de Mendonça, morto em São Paulo por ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932. Filhos:

Tn.3.2.1.1 Francisco de Siqueira Mendonça n.27/04/1924
Tn.3.2.1.2 Raymundo de Siqueira Mendonça n.16/08/1925

N.3.3 **Amélia**, afilhada de batismo de seu tio materno José Pinto Montenegro e de sua mulher Anna Maria Montenegro, faleceu aos 10 de dezembro de 1884, com treze meses.

N.3.4 **Juliêta Augusta de Siqueira (Lalá)**, no termo de batismo, realizado na Sé, consta que seu pai exercia a profissão de marchante. Muito religiosa, filha de Maria da paróquia do Carmo, jamais perdeu uma só reunião de sua Congregação. Inupta.

N. 3.5 **Raymundo** faleceu criança em data imprecisa.

N.3.6 **José Diogo de Siqueira (Zeca)** viajou para a Região Norte, passando a residir em Aliança, comarca de Porto Velho, então pertencente ao Estado de Mato Grosso, onde casou com Maria do Carmo Ferreira e onde nasceram os primeiros filhos. Esteve por curto tempo em Belém (PA) e depois regressou a Fortaleza e aqui faleceu em 14/06/1944, aos 57 anos, de um colapso cardíaco, sendo sepultado no dia seguinte no cemitério São João Batista. Sua viúva voltou a residir em Porto Velho, à margem do Rio Madeira, onde faleceu na década de 1970. São filhos do casal:

Bn.3.6.1 José Diogo de Siqueira Filho (gêmeo) n.25/12/1921
Bn.3.6.2 Francisco Diogo Henrique de Siqueira (gêmeo) n.25/12/1921
Bn.3.6.3 Francisca n.23/05/1923
Bn.3.6.4 Neide do Carmo Siqueira
Bn.3.6.5 Heloisa
Bn.3.6.6 Hugo n.15/02/1927
Bn.3.6.7 Diogo Henrique de Siqueira Neto n.03/05/1928
Bn.3.6.8 Maria Osanira de Siqueira n.20/03/1930
Bn.3.6.9 Marcionília n.25/09/1931
Bn.3.6.10 Guido n.19/06/1933
Bn.3.6.11 Edméa n.13/07/1935

Bn.3.6.1 **José Diogo de Siqueira Filho** nasceu em Aliança, comarca de Porto Velho, hoje estado de Rondônia, na época pertencente a Mato Grosso. Aos dezoito anos, ele e seu irmão gêmeo, Francisco Diogo Henrique de Siqueira, ingressaram na Marinha de Guerra do Brasil e foram combatentes durante a Segunda Guerra Mundial. Não chegaram a embarcar para o teatro da guerra, mas exerceram missões de patrulhamento das águas territoriais brasileiras. Ao término do conflito, após seis anos, dois meses e 26 dias servindo a Marinha, ambos pediram baixa e fixaram residência no Rio de Janeiro onde José faleceu em 18/09/1993. Do seu casamento com Guiomar Pereira de Siqueira nasceram os seguintes filhos:

Tn.3.6.1.1 Maria das Graças Pereira de Siqueira
Tn.3.6.1.2 Ubiratan Diogo de Siqueira
Tn.3.6.1.3 Cátia de Nazaret Pereira de Siqueira
Tn.3.6.1.4 Lúcia Helena Pereira de Siqueira
Tn.3.6.1.5 Ubirajara Diogo de Siqueira
Tn.3.6.1.6 Zenaide Pereira de Siqueira

Bn.3.6.2 **Francisco Diogo Henrique de Siqueira (Franciné)** casou com Maria de Lourdes Ribeiro. Faleceu no Rio de Janeiro em 14/03/1993, seis meses antes que seu irmão gêmeo José. Filhos do casal, todos naturais do Rio de Janeiro:

Tn.3.6.2.1 José Clarindo Diogo de Siqueira
Tn.3.6.2.2 Francisco Diogo Henrique de Siqueira Filho
Tn.3.6.2.3 Clara Maria de Siqueira
Tn.3.6.2.4 José Martins Diogo de Siqueira
Tn.3.6.2.5 Antenor Diogo Henrique de Siqueira
Tn.3.6.2.6 César Augusto Diogo Henrique de Siqueira

Bn.3.6.4 **Neide do Carmo Siqueira**, nascida em Porto Velho (RO) e batizada na freguesia de N.S. dos Remédios de Belém do Pará,

casou aos 22 anos, no dia 05/05/1948 (adotou o nome de Neide Siqueira de Sousa), na Igreja do Carmo, em Fortaleza, com Lourival Ferreira de Sousa, natural de Quixadá (CE), filho de José Vicente Ferreira e Maria Ferreira de Sousa, ele com 26 e ela com 22 anos. Pelos nomes escolhidos para os quatro primeiros filhos, é possível constatar a opção política de Lourival. Filhos:

Tn.3.6.4.1 Luís Carlos Siqueira de Sousa n.02/05/1949
Tn.3.6.4.2 Manoel Leni Siqueira de Sousa n.26/12/1950
Tn.3.6.4.3 Anita Leocádia Siqueira de Sousa n.23/01/1952
Tn.3.6.4.4 José Lenine Siqueira de Sousa n.10/02/1953
Tn.3.6.4.5 José Edson Siqueira de Sousa n.29/11/1956
Tn.3.6.4.6 Tânia Siqueira de Sousa n.08/07/1957

Tn.3.6.4.3 **Anita Leocádia Siqueira de Sousa** casou no dia 13/05/1972, na Igreja da Sé, em Fortaleza, com Francisco Gerardo Passos Braga, filho de Gerardo Alves Nogueira Braga e Honorina Passos Braga.

Tn.3.6.4.4 **José Leninne Siqueira de Sousa** casou no dia 21/09/1974, na Igreja da Piedade, em Fortaleza, com Antônia Alves da Silva, filha de Manoel Paulo da Silva e Gerarda Alves da Silva. Filhos do casal:

Qn.3.6.4.4.1 Michelle n.27/02/1975

Bn.3.6.5 **Heloísa**, possivelmente nasceu em Belém (PA) e naquela cidade batizada. Não sabemos, com exatidão, se é o quinto filho do casal José e Maria do Carmo. Temos notícia de que faleceu em Fortaleza, por volta dos doze anos, em conseqüência de graves queimaduras quando tentou reacender um fogareiro, utilizando uma garrafa de álcool.

Bn.3.6.7 **Diogo Henrique de Siqueira Neto**, terceiro do nome, casou com Madalena Maria Leite de Siqueira, filha de Carlos Leite da Silva e Maria do Carmo Leite. Residiu na Av. do Imperador, 646, em imóvel de propriedade de sua sogra. Entre 1959 e 1961, transferiu a família para Porto Velho onde morou um ano e seis meses, regressando em seguida a Fortaleza. Madalena faleceu em 18/04/1963, deixando todos os filhos de menor idade. Diogo Henrique, após enviuvar, morou no Recife, retornou a Fortaleza e por volta de 1974 migrou para Manaus onde viveu maritalmente com Irande e onde faleceu em fevereiro de 1998, deixando, desse segundo leito, uma filha de nome Dirandi, nascida, aproximadamente, em 1980. Filhos do primeiro leito:

Tn.3.6.7.1 José Diogo de Siqueira Neto n.30/08/1948
Tn.3.6.7.2 Júlio César Leite Siqueira n.24/11/1949
Tn.3.6.7.3 Rita de Cássia Siqueira Diogo n.17/02/1951

Tn.3.6.7.4 Francisco Eudes Siqueira n.01/07/1952
Tn.3.6.7.5 Marcus Antônio Diogo de Siqueira n.07/04/1954
Tn.3.6.7.6 Marta Maria Siqueira n.27/07/1957
Tn.3.6.7.7 Fátima Maria Siqueira n.25/05/1959
Tn.3.6.7.8 Carlos Weber Diogo de Siqueira

Tn.3.6.7.1 **José Diogo de Siqueira Neto**, aos vinte anos, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Casou-se em 09/02/1974, com sua prima Zenaide Pereira de Siqueira, falecida em 13/03/1992 no Rio de Janeiro, de onde era natural, filha de José Diogo de Siqueira Filho e Guiomar Pereira de Siqueira. José Diogo, mecânico, reside em São João do Meriti (RJ). Filho único do casal:

Qn.3.6.7.1.1 José Anderson Diogo de Siqueira n.10/02/1979

Tn.3.6.7.2 **Júlio César Leite Siqueira** casou em 22/11/1969, na Igreja do Carmo, com Francisca Elbeiza Moreira da Silva, filha de Joaquim Alexandre da Silva e Maria Moreira da Silva. Júlio César faleceu em Fortaleza, em 1973 ou 1974. Filhos do casal:

Qn.3.6.7.2.1 Andréa n.01/05/1970
Qn.3.6.7.2.2 Simone n.08/06/1973

Tn.3.6.7.3 **Rita de Cássia Siqueira Diogo Linhares**, auxiliar de enfermagem, casou em 25/11/1977 na Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro, com Antônio Lisboa Linhares, natural de Crateús (CE), comerciante aposentado, filho de Francisco Alves Linhares e Raimunda Bezerra Linhares. Filhos:

Qn.3.6.7.3.1 Emanuel Siqueira Linhares n.23/05/1980
Qn.3.6.7.3.2 Emanuelly Siqueira Diogo Linhares n.03/11/1984

Tn.3.6.7.4 **Francisco Eudes Siqueira** é casado com Irene, amazonense. A família reside em Manaus. Filho único do casal:

Qn.3.6.7.4.1 Francisco Júnior Siqueira.

Tn.3.6.7.5 **Marcus Antônio Diogo de Siqueira**, vendedor, residente em Manaus. Inupto.

Tn.3.6.7.6 **Marta Maria Siqueira** faleceu em 03/04/1963, aos cinco anos e oito meses, quinze dias antes da morte de sua mãe.

Tn.3.6.7.7 **Fátima Maria Siqueira Marques de Souza**, órfã de mãe aos três anos, foi morar com Maria Luíza Barbosa de Siqueira (Iza), viúva de Hermes Diogo de Siqueira. Aos sete anos perde, em desastre de carro, sua mãe de criação. Adotada por Maria Helena Siqueira da Silva, filha do casal Hermes e Maria Luíza, com esta foi residir em Curitiba. Nessa cidade, em dezembro de 1981, casou-se, na Igreja Metodista, com Antônio Roberto Marques de Souza. Estudou piano na Escola de Belas Artes de Curitiba e fez curso de Metodologia Gênios do Teclado. Fundou a Academia de Música Carolyn Smith. É formada

em história e geografia pela Universidade Estadual de Londrina (PR). É professora e secretária de dois colégios em Sertanópolis (PR), onde o casal, desde 1983, fixou residência, quando ele, concluindo no ano anterior o Seminário de Teologia, mudou-se para aquela cidade para assumir o pastorado da Igreja Batista local. Fátima Maria desenvolve intensa atividade política partidária. Militou nos quadros do PT e atualmente pertence ao PSDB, sendo primeira suplente de vereador por este partido. Filhos do casal:

Qn.3.6.7.7.1 Victor Alexandre Siqueira Marques de Souza n.16/10/1982
Qn.3.6.7.7.2 André Luís Siqueira Marques de Souza n.15/04/1984

Qn.3.6.7.7.1 **Victor Alexandre Siqueira Marques de Souza** nasceu em Curitiba e com dezessete anos incompletos, ingressou, através de vestibular, no curso de engenharia de computação na Unicamp, em Campinas (SP).

Qn.3.6.7.7.2 **André Luís Siqueira Marques de Souza** nasceu em Londrina (PR), cursa o 2º grau.

Tn.3.6.7.8 **Carlos Weber Diogo de Siqueira** nasceu e faleceu em Porto Velho com idade de um ano.

Bn.3.6.8 **Maria Osanira Siqueira** casou em Porto Velho com Mozart Gadelha tendo adotado o nome de Maria Osanira Siqueira Gadelha. Ambos falecidos naquela Capital com uma descendência de cinco filhas cujos nomes não foi possível obter.

Bn.3.6.9 **Marcionília Siqueira** ou Marcionília Siqueira da Luz, nome que adotou após seu casamento, é viúva, fervorosa e dedicada Testemunha de Jeová, reside em Niterói (RJ), com uma de suas seis filhas. Nada mais sabemos sobre sua descendência.

N 3.7 **Alexandre** faleceu aos 18 de março de 1889, com dez meses, "de dentição", como consta de nota do jornal Gazeta do Norte, de Fortaleza, de 22 de março do mesmo mês e ano.

N 3.8 **Virgínia Augusta de Siqueira** casou aos 11 de outubro de 1912, na Matriz do Patrocínio, às 3 horas da tarde, com Clodoveu de Oliveira Luz, nascido em 16/07/1891, em Aracati (CE), filho de Antonio Freire da Luz e Maria d'Oliveira Luz, sendo a cerimônia assistida pelo padre José Alves Quinderé. Virgínia, conhecida pelo apelido familiar de Panga, era afilhada de batismo de seu tio paterno Antônio Diogo de Siqueira e de sua tia materna Francisca Emergídia Freires. Profundamente religiosa, de reconhecida bondade e abnegação, faleceu em 15/01/1942 e Clodoveu de Oliveira Luz, em 1º/11/1944, ambos com 53 anos e foram sepultados no cemitério São João Batista. Filhos:

Bn.3.8.1 Olavo Siqueira Luz n.03/10/1913

Bn.3.8.2 Jacaúna Siqueira Luz n.14/04/1915
Bn.3.8.3 Violeta Siqueira Luz n.12/11/1918
Bn.3.8.4 Altair Siqueira Luz n.28/04/1921
Bn.3.8.5 José Siqueira Luz n.28/08/1923
Bn.3.8.6 Maria Lúcia Siqueira Luz n.05/08/1925
Bn.3.8.7 Osmar Siqueira Luz n.20/02/1928

Bn.3.8.1 **Olavo Siqueira Luz**, primogênito de Virgínia Siqueira Luz, natural de Fortaleza. Trabalhou na firma A D Siqueira & Cia. de 18/05/1928 a 30/11/1939 e de 1º/10/1940 a 12/07/1960, como escriturário. Ingressou na S A Philomeno Indústria e Comércio, em 08/05/1962, como chefe da seção de pessoal, tendo se aposentado em 13/08/1970. Casou, aos 30 de julho de 1936, na Matriz do Carmo, com Francisca Albertina Teixeira, filha de Antônio Augusto Teixeira e Josefa Teixeira, nascida a 21 de abril de 1914 e falecida a 16 de junho de 1996. São filhos do casal:

Tn.3.8.1.1 José Carlos Teixeira Luz n.19/05/1937
Tn.3.8.1.2 Olavo Teixeira Luz n.01/10/1938
Tn.3.8.1.3 Arlindo Teixeira Luz n.04/11/1939
Tn.3.8.1.4 Antônio Augusto Teixeira Luz n.25/11/1940
Tn.3.8.1.5 Virgínia Teixeira Luz n.25/02/1942
Tn.3.8.1.6 Sérgio Teixeira Luz n.10/01/1944
Tn.3.8.1.7 Vera Lúcia Teixeira Luz n.06/02/1946
Tn.3.8.1.8 Francisco Marcelo Teixeira Luz n.12/04/1948
Tn.3.8.1.9 Norma Maria Teixeira Luz n.22/05/1949
Tn.3.8.1.10 João Batista Teixeira Luz n.07/08/1950
Tn.3.8.1.11 Leonardo Teixeira Luz n.20/10/1951
Tn.3.8.1.12 Sheila Teixeira Luz n.08/01/1953

A seguir, os filhos de Olavo Siqueira Luz havidos fora de seu casamento: as duas primeiras nasceram de Maria Socorro de Morais e o terceiro nasceu de Francisca Siqueira de Sousa.

Tn.3.8.1.13 Maria de Fátima b.06/01/1947[4]
Tn.3.8.1.14 Flávia n.10/12/1947
Tn.3.8.1.15 Francisco Sérgio Sousa Luz n.01/11/1958

Tn.3.8.1.1 **José Carlos Teixeira Luz**, empresário do ramo de confecções de uniformes profissionais, casou na Igreja do Patrocínio em 29/05/1959, com Eliete Mota Teixeira Luz, filha de Luís da Rocha Mota e Neusa de Góis Mota. Divorciados. Filhos do casal:

[4] Data do batizado de Maria de Fátima. No Livro 3 da Matriz do Patrocínio, em Fortaleza, fl. 211, não foi anotada a data do nascimento da criança.

Qn.3.8.1.1.1 Lília Maria Mota Teixeira Luz n.05/02/1960
Qn.3.8.1.1.2 José Carlos Teixeira Luz Filho n.29/03/1961
Qn.3.8.1.1.3 Liliane Mota Teixeira Luz n.10/02/1963
Qn.3.8.1.1.4 André Luís Mota Teixeira Luz n.18/07/1966
Qn.3.8.1.1.5 Luciana Mota Teixeira Luz n.13/03/1971

Qn.3.8.1.1.1 **Lília Maria Luz Magalhães**, comerciante, casada com Oswaldo José do Nascimento Magalhães, nascido no Recife, em 29/09/1955, engenheiro civil, fazendeiro e comerciante na Bahia. Filhos:

Pn.3.8.1.1.1.1 Marcela Mota Luz Magalhães n.25/06/1981
Pn.3.8.1.1.1.2 Andréa Mota Luz Magalhães n.12/04/1983
Pn.3.8.1.1.1.3 Rafaela Mota Luz Magalhães n.29/05/1996

Qn.3.8.1.1.2 **José Carlos Teixeira Luz Filho**, supervisor de vendas, casou a 19/09/1980, em Boa Viagem (CE), com Regina de Fátima Gonçalves de Simas. Filhos:

Pn.3.8.1.1.2.1 Thiago Simas Luz n.24/03/1981
Pn.3.8.1.1.2.2 Thaís Simas Luz n.20/03/1982
Pn.3.8.1.1.2.3 Gabriela Simas Luz n.01/02/1986

Qn.3.8.1.1.3 **Liliane Mota Luz Magalhães**, comerciante, casada com Marcelo do Nascimento Magalhães, irmão de Oswaldo, marido de sua irmã Lília Maria, natural do Recife, também fazendeiro e comerciante na Bahia. Filhos:

Pn.3.8.1.1.3.1 André Mota Luz Magalhães n.18/04/1983
Pn.3.8.1.1.3.2 Fernando Mota Luz Magalhães n.09/03/1986

Qn.3.8.1.1.4 **André Luís Mota Teixeira Luz**, comerciante, casou aos 24/11/1990, na Igreja da Paz, com Neucilla Pimenta Freitas, nascida a 25/11/1968, filha de Francisco Freitas Cordeiro e Marlise Pimenta Freitas. Filhos:

Pn.3.8.1.1.4.1 Priscilla Freitas Luz n.29/05/1992
Pn.3.8.1.1.4.2 Victor Freitas Luz n.21/01/1997

Qn.3.8.1.1.5 **Luciana Mota Luz Portela**, comerciante, casou em 29/01/1993, na Igreja da Paz, com Sandro Alencar da Paz Portela, comerciante, nascido aos 07/11/1966, filho de Sofranio Campelo da Paz e Ana Maria de Alencar Portela. Filha:

Pn.3.8.1.1.5.1 Nathália Mota Luz Portela n.13/03/1995

Tn.3.8.1.2 **Olavo Teixeira Luz**, comerciário, tendo exercido a chefia de vários escritórios e foi contador de diversas empresas de Fortaleza. Aposentado. Inupto.

Tn.3.8.1.3 **Arlindo Teixeira Luz**, pertencia à Marinha de Guerra do Brasil, tendo sido excluído logo após o golpe militar de 1964. Como civil formado em administração, exerceu o cargo de gerente em várias empresas de Fortaleza. Atualmente é suboficial da reserva da Marinha por força da lei da Anistia. Casou na Igreja de Fátima, em 18/02/1971, com Maria de Jesus Queiroz Monte, filha de Odorico Pessoa Monte e Murandi Queiroz Monte. Filhos:

Qn.3.8.1.3.1 Cristina Monte Luz n.16/06/1973
Qn.3.8.1.3.2 Isabela Monte Luz n.28/11/1974
Qn.3.8.1.3.3 Wladimir Monte Luz n.11/10/1978

Qn.3.8.1.3.1 **Cristina Monte Luz Fernandes**, formada em administração de empresas, casada com o empresário Aquiles Fernandes.

Tn.3.8.1.4 **Antônio Augusto Teixeira Luz**, militar da Marinha de Guerra do Brasil, com curso de submarinista. Por mais de doze anos serviu em submarinos de nossa esquadra e nessa condição fez algumas viagens ao Exterior. Casou no Rio de Janeiro com Neuza Salvador de Melo, filha de Geraldo Salvador de Melo e Iolanda Carolina de Melo. Faleceu em 06/01/1996, aos 55 anos de idade. Filhos:

Qn.3.8.1.4.1 Giselle Melo Luz n.08/04/1967
Qn.3.8.1.4.2 Mônica Melo Luz n.07/05/1968
Qn.3.8.1.4.3 Antônio Augusto Melo Luz n.29/11/1969
Qn.3.8.1.4.4 Sandra Melo Luz n.25/01/1971
Qn.3.8.1.4.5 Arlindo Melo Luz n.21/11/1977

Qn.3.8.1.4.1 **Giselle Melo Luz**, nascida no Rio de Janeiro, casada com Alexandre Rodrigues e Silva, engenheiro, nascido em 28/12/1968. Filho:

Pn.3.8.1.4.1.1 José Mauro Lima e Silva Neto n.18/09/1995

Qn.3.8.1.4.2 **Mônica Melo Luz**, nascida no Rio de Janeiro, funcionária da Coelce, casada com Júlio Norões Neto, economista, nascido em 16/07/1970. Filhas:

Pn.3.8.1.4.2.1 Júlia Luz Norões n.27/05/1994
Pn.3.8.1.4.2.2 Marina Luz Norões n.24/04/1996

Qn.3.8.1.4.3 **Antônio Augusto Melo Luz** trabalha com artesanato e fabricação de móveis. Casou-se com Érica de Oliveira Pereira. Filho:

Pn.3.8.1.4.3.1 Gabriel Augusto Pereira Luz n.30/04/1999
Pn.3.8.1.4.3.2 Sara Gabriela Pereira Luz n.24/04/2000

Qn.3.8.1.4.4 **Sandra Melo Luz**, casada com Walter Veloso. Filhos:

Pn.3.8.1.4.4.1 Aline Veloso Luz n.18/05/1996
Pn.3.8.1.4.4.2 João Pedro de Melo Luz n.18/05/1998
Pn.3.8.1.4.4.3 Sandro de Melo Luz n.18/04/2000

Tn.3.8.1.5 **Virgínia Teixeira Luz**, formada em pedagogia e administração. Por mais de trinta anos trabalhou no Ministério do Exército, onde exercia cargo de assessoramento superior. Pertence ao quadro de servidores aposentados daquele Ministério. É artista plástica (pintora), tendo participado de várias exposições coletivas. Ganhou medalha de "menção honrosa" no salão dos novos, da Fundação Cultural de Fortaleza. Inupta.

Tn.3.8.1.6 **Sérgio Teixeira Luz** exerceu diversas funções em bancos de Fortaleza, Teresina e São Luís. Hoje é diretor regional do Banco Industrial e Comercial S/A – BIC/Banco. Casou na residência da noiva, em 12/07/1969, com Jonara Maria Bello Luz, gaúcha, filha de Álvaro de Oliveira Bello e Olga Caldas Bello. Filhos do casal:

Qn.3.8.1.6.1 Sérgio Teixeira Luz Filho n.18/06/1970
Qn.3.8.1.6.2 Ana Paula Bello Luz n.05/05/1972
Qn.3.8.1.6.3 Fernanda Bello Luz n.22/03/1975

Qn.3.8.1.6.1 **Sérgio Teixeira Luz Filho**, comerciante, proprietário de oficina de reparos de carros, é casado com Sâmia Parente Leite Luz, filha de João Leite e Celina Parente Leite. Filhos:

Pn.3.8.1.6.1.1 Igor Leite Luz n.20/03/1992
Pn.3.8.1.6.1.2 Lucas Leite Luz n.04/04/1994

Qn.3.8.1.6.2 **Ana Paula Bello Luz**, fisioterapeuta, é promotora de eventos e distribuidora de produtos do norte do país.

Qn.3.8.1.6.3 **Fernanda Bello Luz** é formada em Língua Inglesa, havendo feito curso de aperfeiçoamento na Universidade da Califórnia (USA). Cursa a Faculdade de Turismo.

Tn.3.8.1.7 **Vera Lúcia Teixeira Luz**, falecida em 22/03/1946, com apenas 44 dias de nascida.

Tn.3.8.1.8 **Francisco Marcelo Teixeira Luz**, economista, funcionário aposentado do Banco do Nordeste do Brasil – BNB, onde exerceu a função de chefe do Departamento Rural. É presidente da Cooperativa de Assistência Técnica do Ceará. Casou em 23/03/1974, na Igreja dos Remédios, com Maria Júlia Vieira, filha de Manuel Vieira de Carvalho e Júlia Vieira de Carvalho. Filhos do casal, os dois primeiros cursando ciências contábeis e direito, respectivamente e os últimos, pré-vestibulandos:

Qn.3.8.1.8.1 Marcelo Vieira Luz n.13/02/1975
Qn.3.8.1.8.2 Renata Vieira Luz n.19/03/1976
Qn.3.8.1.8.3 Juliana Vieira Luz n.13/03/1979
Qn.3.8.1.8.4 Carolina Vieira Luz n.10/02/1981

Tn.3.8.1.9 **Norma Maria Luz de Paiva**, economista, trabalha na Secretaria da Administração da PMF, com cargo de DAS. Casou em 08/01/1977, na Igreja de Santa Luzia, com José Ribeiro de Paiva, aposentado, vendedor de veículos, filho de Alberto O'Grady de Paiva e Cecília Ciarlini de Paiva. Filhos do casal, o primeiro cursando engenharia de pesca, na UFC:

Qn.3.8.1.9.1 Gustavo Luz de Paiva n.28/01/1978
Qn.3.8.1.9.2 Débora Luz de Paiva n.24/01/1980
Qn.3.8.1.9.3 Bruno Luz de Paiva n.28/07/1981

Tn.3.8.1.10 **João Batista Teixeira Luz**, representante comercial, casou em 28/10/1970, na Matriz de Parangaba, com Maria Lilair de Queiroz, filha de José Moacir de Queiroz e Elizete Rodrigues de Queiroz. Divorciado. Tem uma segunda união com Luísa Evandro Martins.

Filhos do primeiro leito:

Qn.3.8.1.10.1 Virgínia de Queiroz Teixeira Luz n.18/05/1977
Qn.3.8.1.10.2 Valéria de Queiroz Teixeira Luz n.21/04/1978
Qn.3.8.1.10.3 Eduardo de Queiroz Teixeira Luz n.28/12/1980

Filho do segundo leito:

Qn.3.8.1.10.4 Pedro Martins Luz n.25/06/1999

Qn.3.8.1.10.1 **Virgínia de Queiroz Luz Ribeiro**, casada com Edson Ribeiro, militar. Filho:

Pn.3.8.1.10.1.1 Lucas Macedo de Queiroz Luz n.02/10/1997
Pn.3.8.1.10.1.2 Mateus Queiroz Luz Ribeiro n.05/04/1999

Tn.3.8.1.11 **Leonardo Teixeira Luz**, representante comercial, casou em 27/07/1978, na Igreja dos Remédios, com Flora Teles Camilo, filha de Raimundo Gomes Camilo e Lucy Teles Camilo. Divorciado. Filhos do casal:

Qn.3.8.1.11.1 Leonardo Camilo Luz n.09/08/1980
Qn.3.8.1.11.2 Daniela Camilo Luz n.30/08/1981
Qn.3.8.1.11.3 Cláudia Camilo Luz n.02/06/1983

Tn.3.8.1.12 **Sheila Teixeira Luz Carvalho**, psicóloga, com formação em psicologia transpessoal. Exerce seu trabalho em hospital psiquiátrico e em seu consultório particular. Casou em 08/01/1980, na Igreja de Fátima, com Francisco Geraldo Freitas Carvalho, economista com especialização em administração financeira, filho de Manoel Soares Carvalho e Maria Cleonice Freitas Carvalho. Filhos do casal, a primeira cursando direito na UFC:

Qn.3.8.1.12.1 Lia Luz Carvalho n.13/11/1980
Qn.3.8.1.12.2 Fernando Luz Carvalho n.18/03/1982
Qn.3.8.1.12.3 Ivan Luz Carvalho (gêmeo) n.03/08/1983
Qn.3.8.1.12.4 Vitor Luz Carvalho (gêmeo) n.03/08/1983

Tn.3.8.1.15 **Francisco Sérgio Sousa Luz**, comerciário, filho de Olavo Siqueira Luz e Francisca Siqueira Sousa, casado com Maria Eneida Lima Luz, filha de Anacleto Alves de Lima e Ana Jessé Carneiro de Lima. Filhos do casal:

Qn.3.8.1.15.1 Ítalo Lima Luz n.06/12/1985
Qn.3.8.1.15.2 Ana Virgínia Lima Luz n.15/01/1987

Bn.3.8.3 **Violeta Siqueira Luz**, batizada com o nome de Maria, casou duas vezes: a primeira com João Carlos Ferreira, em 11/08/1934, filho de João Carlos Ferreira e Marieta Honorina Ferreira, na Matriz do Carmo; a segunda com Luiz Vitoriano Pinheiro, natural de Quixadá (CE), em 13/01/1962, ele com

45 anos, filho de Francisco Vitoriano Pinheiro e Luzia Façanha Pinheiro, na Igreja de Fátima. Dona Violeta Siqueira Pinheiro, nome adotado após o segundo casamento, há muitos anos fixou residência em Brasília.
Sonetista e pintora em óleo sobre tela, profundamente religiosa, em todos os instantes, expressa a alegria de viver, reconhecendo, na vida, um precioso dom de Deus. É de sua autoria o soneto que se segue:

Vi

Vi a saudade chorando de tristeza,
Nos olhos de quem nada espera.
Vi a noite chegar com sutileza
Anunciando que amanhã é primavera.

Vi os rios correndo para o mar.
Os pássaros gorjeando ao entardecer.
Vi a lua se estendendo brilhar,
E a música que fala de você.

Vi o sol surgir entre flores,
E a natureza toda em festa.
O sino falando de amores,

E a passarada bela orquestra.
Vi o passado sumindo num adeus,
E o futuro sorrindo sem arestas.

Filha do primeiro leito:

Tn.3.8.3.1 Maria Antonieta Siqueira Ferreira — n.20/11/1936

Filha do segundo leito:

Tn.3.8.3.2 Natália Maria Siqueira Pinheiro — n.24/08/1944

Tn.3.8.3.1 **Maria Antonietа Siqueira Ferreira Braga**, funcionária aposentada do Prodasen, do Senado Federal, casou-se em 20/02/1981, na Igreja do Santíssimo Sacramento, em Brasília (DF), com Rômulo Cavalcante Braga, também funcionário do Senado Federal. Filha do casal:

Qn.3.8.3.2.1 Paloma Siqueira Braga — n.25/12/1984

Tn.3.8.3.2 **Natália Maria Pinheiro Chaves**, advogada, funcionária do Superior Tribunal de Justiça, casou-se em 04/07/1964, na Igreja de Nazaré, em Fortaleza, com Sindulfo Chaves Filho, funcionário aposentado da Câmara dos Deputados, residentes em Brasília (DF). São filhos do casal:

Qn.3.8.3.2.1 Paulo Vicente Pinheiro Chaves — n.30/04/1965
Qn.3.8.3.2.2 Ana Paula Pinheiro Chaves — n.01/11/1966
Qn.3.8.3.2.3 Luiz Marcelo Pinheiro Chaves — n.17/11/1967
Qn.3.8.3.2.4 André Fernando Pinheiro Chaves — n.10/07/1969

Qn.3.8.3.2.1 **Paulo Vicente Pinheiro Chaves**, corretor de imóveis, casou-se em 30/04/1993, em Goiânia (GO), com Fabiana Couto Chaves, advogada e professora de francês. Filhos do casal:

Pn.3.8.3.2.1.1 Tiago Couto Chaves — n.30/09/1994
Pn.3.8.3.2.1.2 João Paulo Couto Chaves — n.11/10/1996

Qn.3.8.3.2.2 **Ana Paula Chaves Araújo**, nome adotado após o casamento, tem curso superior em matemática, e é funcionária do Banco do Brasil. Casou-se em 17/05/1996, em Brasília, com William Antônio Araújo, bacharel em informática e funcionário do metrô do Distrito Federal. Filhos do casal:

Pn.3.8.3.2.2.1 Pedro Chaves Araújo — n.19/09/1996
Pn.3.8.3.2.2.2 Guilherme Chaves Araújo — n.26/10/1997
Pn.3.8.3.2.2.3 Victor Chaves Araújo — n.03/10/1999

Qn.3.8.3.2.3 **Luiz Marcelo Pinheiro Chaves**, bacharel em comunicação e funcionário da Rede Globo, casou-se em 29/11/1988, na Igreja de Dom Bosco, em Brasília, com Mônica Cotrim Chaves, bacharela em informática e professora do Colégio Marista. São filhos do casal:

Pn.3.8.3.2.3.1 Gustavo Cotrim Chaves — n.29/10/1989
Pn.3.8.3.2.3.2 Rodrigo Cotrim Chaves — n.15/06/1992

Qn.3.8.3.2.4 **André Fernando Pinheiro Chaves**, bacharel em administração e funcionário da General Motors do Brasil, casou-se em 20/12/1997, na Catedral de Brasília, com Patrícia Santiago Cabral Chaves, bacharela em comunicação e funcionária do Correio Braziliense.

Bn.3.8.4 **Altair Siqueira Luz** (Bia) nasceu na casa de sua avó Marcionília, na Rua Senador Pompeu, 390, depois 1.488. Casou duas vezes: a primeira, em março de 1946, com Mozart Ribeiro Cavalcante, nascido a 10/11/1919 e falecido mocíssimo em Capistrano de Abreu (CE), no dia 03/11/1947, filho de Raimundo Nonato Durval Cavalcante e Emília Ribeiro Cavalcante (Mozart é primo legítimo de Maria Celeste Ramos Vasconcelos, mãe do autor destas notas); a segunda com Francisco Romeu Gomes, comerciante, natural de Jaguaribe (CE), filho de José Gomes de Sousa e Emília Gomes de Sousa.
Filha do primeiro leito:

Tn.3.8.4.1 Regina Cláudia Luz Cavalcante — n.19/01/1947

Filhos do segundo leito:

Tn.3.8.4.2 Francisco Romeu Gomes Filho — n.20/12/1949

Tn.3.8.4.3 Maria Betânia Luz Gomes n.23/12/1950
Tn.3.8.4.4 Roberto Cayro Luz Gomes n.06/07/1955
Tn.3.8.4.1 **Regina Cláudia Luz Cavalcante** nasceu em Capistrano de Abreu (CE), sendo batizada no dia seguinte, pelo padre Vicente Araújo Matos, que tempos depois se tornaria bispo, assumindo a Diocese de Crato (CE). Casou em 07/06/1977, na Igreja dos Remédios, com Waldir Ramiro da Costa, filho de Manoel Ramiro Cavalcante Filho e Francisca Freire de Almeida. Waldir Ramiro foi por vinte anos, funcionário do Pólo Petroquímico de Camaçari. Regina, após seu casamento, adotou o nome de Regina Cláudia Luz Cavalcante Ramiro. O casal reside em Salvador (BA). Pais de:
Qn.3.8.4.1.1 Mozart Ricard n.05/07/1978
Qn.3.8.4.1.2 Lucas Ciro n.06/05/1981
Qn.3.8.4.1.3 Cláudia Lucília n.17/07/1984
Tn.3.8.4.2 **Francisco Romeu Gomes Filho (Romeuzinho)**, contador, pequeno empresário do ramo de transportes, casado com Joana do Carmo Gomes (Joanisa), filha de Francisco Moacir e Olinda Cabral do Carmo. Filhos:
Qn.3.8.4.2.1 Heber do Carmo Gomes n.31/10/1978
Qn.3.8.4.2.2 Altair do Carmo Gomes n.13/02/1982
Tn.3.8.4.3 **Betânia Gomes Vidal**, comerciante, casada com Raimundo Nonato de Abreu Vidal, maranhense, administrador, filho de José Ferreira Vidal e Maria Helena de Abreu Vidal, residentes em Brasília (DF), pais de:
Qn.3.8.4.3.1 Carlos Leonardo Gomes Vidal n.09/12/1973
Qn.3.8.4.3.2 Clarissa Gomes Vidal n.03/10/1984
Qn.3.8.4.3.1 **Carlos Leonardo Gomes Vidal**, formado em educação física, campeão brasiliense e sul-americano de karatê, peso 60, atleta contratado do Vasco da Gama.
Tn.3.8.4.4 **Roberto Cairo Luz Gomes**, construtor, casado e divorciado de Aíla Leite. Casado em segundas núpcias com Thaís Helena Rocha Gomes, funcionária da Câmara Municipal de Fortaleza, filha de José Fiusa Gomes e Maria Luiza Rocha Gomes. Filha do primeiro leito:
Qn.3.8.4.4.1 Roberta Lívia Leite Gomes n.13/05/1983
Filho do segundo leito:
Qn.3.8.4.4.2 Rodrigo Rocha Gomes n.31/07/1984
Bn.3.8.5 **José Siqueira Luz**, industriário, casou-se em 30/12/1944, na Igreja do Carmo, com Maria de Lourdes Silva, auxiliar de enfermagem, funcionária pública, nascida a 07/08/1918 e falecida em Fortaleza, em 05/03/1991, filha de Manoel Cândido Silva e Maria Paulina Silva. José se caracterizava por seu estilo brincalhão e cheio de humor.

Faleceu nesta Capital em 17/05/1969. Filhos do casal:
Tn.3.8.5.1 Cleber Silva Luz n.25/09/1945
Tn.3.8.5.2 Eliane Silva Luz n.13/08/1947
Tn.3.8.5.3 Lúcio Flávio Silva Luz n.27/03/1949
Tn.3.8.5.4 Natércia Silva Luz n.06/03/1952
Tn.3.8.5.5 Elenira Silva Luz n.19/06/1954
Tn.3.8.5.1 **Cléber Silva Luz**, comerciário, casou a 1º/09/1973, na Catedral, com Raimunda Gouveia dos Santos, filha de José Cavalcante dos Santos e Gerarda Teixeira dos Santos. Filhos do casal:
Qn.3.8.5.1.1 Wanglayson Luz n.25/09/1975
Qn.3.8.5.1.2 Cleber Júnior n.06/09/1977
Tn.3.8.5.2 **Eliane Luz Frânklin**, pedagoga, casou a 26/04/1969, na Igreja de S. Benedito, com o radialista Jonas Frânklin Filho, filho de Jonas Frânklin e Valdite Frânklin. Filhos do casal:
Qn.3.8.5.2.1 Jonas Frânklin Neto n.20/01/1970
Qn.3.8.5.2.2 Rafaela Luz Frânklin n.25/02/1973
Qn.3.8.5.2.3 Jonathan Luz Frânklin n.04/10/1984
Qn.3.8.5.2.1 **Jonas Frânklin Neto**, comerciário, casado com Nedilene Bezerra Frânklin. Filho:
Pn.3.8.5.2.1.1 Rodolfo Bezerra Frânklin n.11/12/1991
Qn.3.8.5.2.2 **Rafaela Luz Frânklin**, casada com Pedro Júnior Ribeiro, metalúrgico, micro-empresário. Filhos do casal:
Pn.3.8.5.2.2.1 Pablo Rafael Ferreira Luz n.01/10/1991
Pn.3.8.5.2.2.2 Lucas Ribeiro Frânklin n.16/07/1995
Pn.3.8.5.2.2.3 Letícia Ribeiro Frânklin n.05/03/1997
Tn.3.8.5.3 **Lúcio Flávio Silva Luz**, comerciário, em janeiro de 1980 casou com Maria Conceição Rodrigues Luz. Filho:
Qn.3.8.5.3.1 Lúcio Flávio Júnior
Tn.3.8.5.4 **Natércia Silva Luz**, casada com Eduardo Barros, comerciante. Filhos:
Qn.3.8.5.4.1 André Luiz Barros Luz n.27/05/1983
Qn.3.8.5.4.2 Juliana Barros Luz n.26/05/1986
Tn.3.8.5.5 **Elenira Luz Lima**, auxiliar de enfermagem, casou em 1º/09/1984, com Josemar Viana Lima, filho de José Moreira Lima e Onédia Viana Lima. Filhos do casal:
Qn.3.8.5.5.1 Lillian Luz Lima n.26/06/1986
Qn.3.8.5.5.2 Liana Luz Lima n.09/10/1992
Bn.3.8.6 **Maria Lúcia Siqueira Luz**, auxiliar de enfermagem do Ministério da Saúde, casou no dia 21/02/1942, na Igreja do Carmo, a mesma onde fora batizada e participara na adolescência da Juventude Católica, com Luiz Ademar de Sá e Benevides, funcionário da Secretaria da Saúde do Estado do Ceará, nascido em Mombaça (CE) em 24/03/1912 e falecido em Fortaleza, aos 85 anos, em 12/06/1997, filho de Joaquim Silvino de

Sá Benevides (Jacó) e Maria de Morais Benevides (primos), ele filho do conhecido coronel Silvino, ex-prefeito de Mombaça, berço da ilustre família, cuja influência na política, nas leis e nas artes é do conhecimento geral. D. Maria Lúcia Luz Benevides, nome adotado quando de seu casamento, após oito meses de padecimentos, faleceu em Fortaleza, aos 73 anos, no dia 08/12/1998. Filhos do casal:

Tn.3.8.6.1 Fernanda Maria Luz Benevides n.27/11/1945
Tn.3.8.6.2 Vânia Maria Luz Benevides n.14/03/1947
Tn.3.8.6.3 Maria Lúcia Luz Benevides n.30/11/1950
Tn.3.8.6.4 Luiz Ademar Luz Benevides n.04/03/1952
Tn.3.8.6.5 Tania Maria Luz Benevides n.18/04/1953
Tn.3.8.6.6 Rejane Luz Benevides n.22/06/1954

Tn.3.8.6.1 **Fernanda Maria Luz Benevides**, assistente social, atriz, festejada e premiada escritora, tem no conto e na poesia, a expressão mais alta de sua intelectualidade. A crítica especializada sempre a tem distinguido com comentários os mais favoráveis, num reconhecimento público ao seu valor pessoal e a sua contribuição às letras cearenses. É de sua inspiração a poesia que se segue, tão simples e tão bela, na forma e na essência:

PARA QUE VOLTEM AS BORBOLETAS

Para que voltem as borboletas
plantaremos flores
que gestarão frutos
que hão de parir flores.
Há que haver tal perfume
e será tanto verde
que os pássaros enlouquecidos
derramarão prazer
em vôos dançantes
pelos mil cantos do mundo.
Para que voltem os peixes
lavaremos os rios e os lagos.
Sopraremos a fumaça do ar
e o sol brilhará de novo
intenso e quente
como nos velhos tempos.
Para que voltem os bichos
derrubaremos as paredes
e assim renascerão as florestas
que hão de ser o refúgio
de suas vidas
e a absolvição da nossa consciência.

Tn.3.8.6.2 **Vânia Maria Benevides de Paiva** casou em 18/06/1966, na Igreja do Carmo, com Luciano de Paiva, jornalista, empresário de publicidade, filho do promotor e escritor José Alci Paiva e Camélia Paiva. Filhos do casal:

Qn.3.8.6.2.1 Michelle Benevides de Paiva n.30/03/1967
Qn.3.8.6.2.2 Vinicius Roberto Benevides de Paiva n.29/03/1970
Qn.3.8.6.2.3 Luiz Marcelo Benevides de Paiva n.14/10/1977

Qn.3.8.6.2.1 **Michelle Benevides de Paiva Melo**, revisora de texto, casou em 20/01/1995 com Aurimar Machado de Melo, gaúcho, técnico judiciário do Tribunal Federal do Trabalho, filho de Luiz Carlos Correia de Melo e Maria de Lourdes Machado de Melo. O casal reside em São Francisco de Paula, cidade da serra gaúcha. Filhos:

Pn.3.8.6.2.1.1 Giullia Nicole Benevides de Paiva Melo n.12/02/1996
Pn.3.8.6.2.1.2 Khrisna Mariana Benevides de Paiva Melo n.07/07/1998

Qn.3.8.6.2.2 **Vinicius Roberto Benevides de Paiva**, empresário de publicidade, casou em 29/09/1995 com Lúcia de Melo Paiva, filha de Adauto Soares de Melo e Maria Hosana de Melo Paiva. Filhos do casal:

Pn.3.8.6.2.2.1 Mateus de Melo Paiva n.25/04/1996
Pn.3.8.6.2.2.2 Lucas de Melo Paiva n.17/07/1997

Tn.3.8.6.3 **Maria Lúcia Luz Benevides**, bacharela em letras, funcionária pública do município de Fortaleza, poetisa inédita e possuidora de fortes pendores musicais. Inupta.

Tn.3.8.6.4 **Luiz Ademar Luz Benevides**, desenhista, projetista da Telemar, casou em 27/08/1982 com Isaura Maria Silva Benevides, contabilista do Senac, filha de Joaquim Manoel da Silva e Gabriela Freire Silva. Filha do casal:

Qn.3.8.6.4.1 Jamille Freire Luz Benevides n.20/10/1991

Filho de Luiz Ademar Luz Benevides havido fora de seu casamento:

Qn.3.8.6.4.2 Rafael Rodrigues Luz Benevides n.21/03/1988

Tn.3.8.6.5 **Tânia Maria Luz Benevides**, funcionária pública do município de Fortaleza, é reconhecida pelo dom de estar sempre disponível para assistir e consolar enfermos e aflitos e ajudar aos que lhe recorrem. Inupta.

Tn.3.8.6.6 **Rejane Luz Benevides Peres**, assistente social, escritora inédita, casou em 08/01/1980 com José Ariel Acosta Peres, empresário do ramo de refrigeração industrial, gaúcho de Santana do Livramento, filho dos uruguaios Abelardo Frederico Peres Negrone e Hilda Acosta Peres. Filhos do casal:

Qn.3.8.6.6.1 Daniel Luz Acosta Benevides Peres n.22/10/1980
Qn.3.8.6.6.2 Rafael Luz Acosta Benevides Peres n.09/02/1985

Bn.3.8.7 **Osmar Siqueira Luz**, funcionário da RFFSA, casou com Teresinha Eugênio de Sousa, filha de Josias Eugênio de Sousa e Nina Eugênio de Sousa. Osmar faleceu em 03/10/1978, em Fortaleza. Filhos do casal:

Tn.3.8.7.1 Maurício Eugênio Luz n.14/08/1953
Tn.3.8.7.2 Rosemary Eugênio Luz n.12/12/1954
Tn.3.8.7.3 Silvia Helena Eugênio Luz n.12/02/1957
Tn.3.8.7.4 Antônio Eugênio Luz n.20/10/1958
Tn.3.8.7.5 Luciene Eugênio Luz n.20/10/1962

Tn.3.8.7.1 **Maurício Eugênio Luz**, comerciário, residente em São Paulo, casou com Francisca da Silva Luz. São filhos do casal:

Qn.3.8.7.1.1 Diana da Silva Luz
Qn.3.8.7.1.2 Dineide da Silva Luz
Qn.3.8.7.1.3 Daniel da Silva Luz

Tn.3.8.7.2 **Rosemary Eugênio Luz** casou com o sindicalista Francisco Geury de Oliveira Silva. Filha do casal:

Qn.3.8.7.2.1 Natália Luz Silva n.31/05/1991

Tn.3.8.7.5 **Luciene Eugênio Luz** casou em primeiras núpcias com José Maria Roque e em segundas com Josildo Marques, natural de Pernambuco, autônomo do setor de transportes. Filho do primeiro leito:

Qn.3.8.7.5.1 Paulo José Luz Roque n.03/07/1981

N 3.9 **Maria** falecida em 1º de fevereiro de 1892, com seis meses.

N 3.10 **Moysés Diogo de Siqueira**, batizado na Catedral em 23/07/1893, sendo padrinhos o tio paterno Gustavo Siqueira e Elisa Vianna Siqueira, esposa de seu tio Antônio. Segundo consta, viajou para a Amazônia, levado pelo casal Antônio Lopes Brandão e Palmyra Brandão, ambos seus primos legítimos e lá faleceu de sezão (malária), muito moço, praticamente um adolescente.

N 3.11 **Cezarina Siqueira**, batizada na Igreja do Patrocínio, em 19/12/1894, dia em que seu pai completava 34 anos. Professora diplomada, bela caligrafia, deixava a marca de sua fidalguia, até nos pequenos gestos. Casou com João Siqueira Barros, industrial do ramo de olaria. D. Cezarina, em 30/06/1952, alguns meses após viuvar, tendo vendido sua casa de morada e a olaria, se transferiu para o Rio de Janeiro, cidade onde estivera algumas vezes com o marido e da qual muito gostara. No Rio, sua filha Alayde se encontrava morando desde o ano anterior. Para concretizar sua decisão, comprou um caminhão de duas boleias fechadas, mandou fixar bancos na carroçaria e cobri-la de lona. Nessa viagem fez-se acompanhar do filho caçula Mylord que dirigia o carro, dois ajudantes de nomes Davi e Antônio, da nora Aldeide, esposa de Mylord, de quatro netos pequeninos, filhos do casal, e de uma vizinha e amiga. A viagem durou quinze dias. Na época, uma proibição federal, tentando conter as correntes migratórias, coibia a entrada de paus-de-arara nas cidades. Para transporem, em segurança, os obstáculos fiscais, as saídas das pensões onde pernoitavam, aconteciam, quase sempre, pela madrugada. Muitas vezes, tiveram de caminhar a pé e retornar ao carro, só depois de ultrapassarem os postos de fiscalização, provavelmente utilizando caminhos alternativos. Uma penosa aventura! No Rio, onde faleceu em 1984, viveu D. Cezarina sempre na companhia de seu caçula. Filhos:

Bn.3.11.1 Nordisck Siqueira Barros n.12/11/1912
Bn.3.11.2 Maria Siqueira Barros n.05/05/1914
Bn.3.11.3 Alayde Siqueira Barros n.19/11/1915
Bn.3.11.4 Nadir Siqueira Barros n.19/02/1920
Bn.3.11.5 Margarida Siqueira Barros n.14/08/1923
Bn.3.11.6 Mylord Siqueira Barros n.19/11/1927

Bn.3.11.1 **Nordisck Siqueira Barros** exerceu a função de fiscal do algodão e foi motorista da RFFSA. Galanteador escolheu a profissão que lhe facilitava as conquistas. Notável inteligência dominava alguns idiomas, mesmo sem ter freqüentado cursos regulares. Casou em 31/10/1936, na Matriz de Pacatuba (CE), com Alda Costa de Oliveira, nascida em 16/05/1916, em Maranguape (CE), filha de Joaquim Lopes de Oliveira e Maria Costa de Oliveira. Morou muito tempo no Rio de Janeiro com a família, mas retornou ao Ceará, antes mesmo da morte de sua mãe Cezarina. Faleceu em Fortaleza, prestes a completar 89 anos, em 12/10/2001. Filhos do casal:

Tn.3.11.1.1 José Maria de Oliveira Barros n.07/04/1939
Tn.3.11.1.2 Marta Maria de Oliveira Barros n.02/03/1948

Tn.3.11.1.1 **José Maria de Oliveira Barros** faleceu criança.

Tn.3.11.1.2 **Marta Maria de Oliveira Barros**, estudou piano e ainda criança teve destacada atuação em recitais, no Teatro José de Alencar, em Fortaleza; artista plástica (óleo sobre tela), participou de mostra coletiva em Santos (SP). É funcionária da Prefeitura Municipal de Fortaleza. De seu relacionamento com o Dr. Francisco Nunes de Oliveira, médico radiologista, cearense, radicado em Santos (SP), há uma filha:

Qn.3.11.1.2.1 Carolina Maria Barros Nunes de Oliveira n.12/01/1980

Bn.3.11.2 **Maria Siqueira Barros** casou na Igreja do Carmo, em 17/04/1931 (dezesseis dias após o casamento de sua irmã Alayde), com Alípio Cavalcante Rodrigues, natural do Amazonas, filho de Raymundo Robls Cavalcante e Maria da Natividade Cavalcante. Funcionária dos Correios e Telégrafos, com Eloadir Cha-

ves, seu segundo marido e filhos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde sua mãe Cezarina fixara residência. Naquela cidade fez alguns cursos que lhe facilitaram a ascensão funcional. Muitos anos depois, morando no Rio, veio a falecer, em 27/10/1990, já aposentada.

Filhos do primeiro leito:

Tn.3.11.2.1 Teresinha Barros Rodrigues n.27/03/1932
Tn.3.11.2.2 Zeneida Barros Rodrigues n.16/08/1934
Tn.3.11.2.3 Salviano Barros Rodrigues n.27/12/1935

Filhos do segundo leito:

Tn.3.11.2.4 Nadir Barros Chaves
Tn.3.11.2.5 Eladyr Barros Chaves
Tn.3.11.2.6 Luiz Carlos Barros Chaves

Tn.3.11.2.1 **Teresinha Barros Rodrigues**, afilhada de batismo de Maria Christina Brandão (Maroca), irmã de sua bisavó Marcionília, auxiliar de enfermagem, casou em 26/08/1950, com Jurandir Mendes Pessoa, funcionário do Banco do Brasil. O casamento durou dezessete anos quando veio a separação. Depois morou no Rio de Janeiro por vários anos, retornando a Fortaleza, onde reside. Exerce sua profissão na Casa de Saúde Dr. César Cals.

Filhos do casal:

Qn.3.11.2.1.1 Jurandir Mendes Pessoa Filho n.28/06/1951
Qn.3.11.2.1.2 Katia Rodrigues Pessoa n.31/10/1953
Qn.3.11.2.1.3 Karla Rodrigues Pessoa n.27/10/1960

Qn.3.11.2.1.1 **Jurandir Mendes Pessoa Filho**, residente no Recife, gerente da Transbrasil. Casou duas vezes: a primeira com Catarina, falecida aos 32 anos; a segunda com Elizabeth Saraiva Pessoa.

Filhos do primeiro leito:

Pn.3.11.2.1.1.1 Carlos Magno Pessoa
Pn.3.11.2.1.1.2 João Paulo Pessoa

Filhos do segundo leito:

Pn.3.11.2.1.1.3 Vanessa Saraiva Pessoa n.05/03/1979
Pn.3.11.2.1.1.4 Diego Saraiva Pessoa n.06/04/1982
Pn.3.11.2.1.1.5 Camila Saraiva Pessoa n.11/11/1983
Pn.3.11.2.1.1.6 Cristiana Saraiva Pessoa n.07/01/1994

Pn.3.11.2.1.1.1 **Carlos Magno Pessoa**. Temos informações seguras de que casou e está separado, mas dessa união gerou um filho:

Sn.3.11.2.1.1.1.1 Caio Pessoa.

Qn.3.11.2.1.2 **Kátia Rodrigues Pessoa**, professora, casou com Aristóbulo Nunes de Paiva, filho de Antônio e Marina Nunes de Paiva. Separados. Contraiu segundas núpcias com Manoel de Sousa Leite Neto.

Filho do primeiro leito:

Pn.3.11.2.1.2.1 Alessandro Pessoa Paiva n.27/05/1974

Filhos do segundo leito:

Pn.3.11.2.1.2.2 André Luis Pessoa Leite n.17/01/1980
Pn.3.11.2.1.2.3 Sheila Pessoa Leite n.24/11/1984

Pn.3.11.2.1.2.1 **Alessandro Pessoa Paiva**, carioca, publicitário, proprietário da agência Lebre Comunicações, casado e divorciado de Elka Romero Martins, filha de Osmar de Oliveira Martins e Beuva Romero Martins. Filha:

Sn.3.11.2.1.2.1.1 Rebecca Romero Martins Paiva n.24/05/1996

Qn.3.11.2.1.3 **Karla Rodrigues Pessoa** casou com Martônio Nunes Paiva, economista, filho de Antônio e Marina Nunes Paiva. Filhos:

Pn.3.11.2.1.3.1 Bruna Pessoa Paiva n.12/11/1981
Pn.3.11.2.1.3.2 Ícaro Pessoa Paiva n.07/11/1984

Tn.3.11.2.2 **Zeneida Barros Rodrigues** casou em 08/02/1953, em Fortaleza, com Raimundo Nonato Nunes, de quem se separou tempos depois. Como quase todos os demais membros da família, foi morar no Rio de Janeiro, onde está radicada há muitos anos. Filhos:

Qn.3.11.2.2.1 Jane Rodrigues Nunes n.14/04/1956
Qn.3.11.2.2.2 José Wilmen Rodrigues Nunes n.24/03/1957
Qn.3.11.2.2.3 Meibia Rodrigues Nunes n.21/09/1958

Qn.3.11.2.2.1 **Jane Rodrigues Nunes** casou com Ladislau Alves Ribeiro. Filhos:

Pn.3.11.2.2.1.1 Ladislau Alves Ribeiro Filho
Pn.3.11.2.2.1.2 Jairo Nunes Ribreiro
Pn.3.11.2.2.1.3 Luciana Nunes Ribeiro

Qn.3.11.2.2.2 **José Wilmen Rodrigues Nunes** é casado com Vicência Correia. Filhos:

Pn.3.11.2.2.2.1 Zeneida Correia Nunes
Pn.3.11.2.2.2.2 Jaqueline Correia Nunes

Qn.3.11.2.2.3 **Meibia Rodrigues Nunes** não se casou, mas gerou quatro filhos:

Pn.3.11.2.2.3.1 Maria das Graças Rodrigues Nunes
Pn.3.11.2.2.3.2 Carlos Alberto Rodrigues Nunes
Pn.3.11.2.2.3.3 Meibia Rodrigues Nunes
Pn.3.11.2.2.3.4 Manuele Rodrigues Nunes

Bn.3.11.3 **Alayde Siqueira Barros** casou aos quinze anos, em 1º de abril de 1931, na Igreja do Carmo, com Francisco das Chagas Arrais, nascido em Acopiara (CE), filho de Elias e Francisca Arrais. Segundo informações de familiares, o casal não gerou filhos, mas adotou uma menina de nome Maria Bernadete, hoje viúva, com filhos: Eduardo e Alexandre. Em 1951, foram morar no Rio de Janeiro, onde Francisco Arrais montou uma granja. Anos depois o casal se separou. Alayde passou a viver com um próspero comerciante de nome José. Faleceu no Rio de

Janeiro, onde moram seus descendentes por adoção.

Bn.3.11.4 **Nadir Siqueira Barros** e Bn.3.11.5 – **Margarida Siqueira Barros** faleceram ambas de crupe, no mesmo ano, presumivelmente em 1930, pois, segundo notícia colhida junto à família, Margarida ao falecer estava com sete anos de idade.

Bn.3.11.6 **Mylord Siqueira Barros**, brevetado em solenidade realizada no Aeroclube do Ceará, em 24/08/1947. Casara a 19/11/1946, na Basílica de São Francisco, em Canindé (CE), com Maria Aldeide Barreto, filha de João Neco Barreto e Maria Colares Barreto. Em 1952, transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro. Nos cinco primeiros anos no Rio, foi caminhoneiro, dirigindo seus próprios caminhões. Desistindo do negócio, montou uma oficina para carros e depois uma loja de peças automotivas, nas quais trabalhou até seu falecimento em 04/02/1994. Mylord, um homem vertical, destacava-se pela nobreza de caráter. Encontrou em Aldeide, a companheira singela e corajosa, a lhe respaldar as ações. Eis a relação dos filhos, os quatro primeiros nascidos no Ceará e os demais no Rio de Janeiro, onde a família se fixou em caráter definitivo:

Tn.3.11.6.1 Francisco Geraldo Barreto Siqueira n.12/09/1947
Tn.3.11.6.2 Rita de Cássia Barreto Siqueira n.21/12/1948
Tn.3.11.6.3 Cesarina Barreto Siqueira n.09/12/1949
Tn.3.11.6.4 Maria do Socorro Barreto Siqueira n.25/02/1951
Tn.3.11.6.5 Messias Barreto Siqueira n.19/04/1952
Tn.3.11.6.6 Marco Aurélio Barreto Siqueira n.06/09/1953
Tn.3.11.6.7 Rejane Barreto Siqueira n.16/01/1955
Tn.3.11.6.8 Vicente de Paulo Barreto Siqueira n.10/02/1956

Tn.3.11.6.1 **Francisco Geraldo Barreto Siqueira**, funcionário público da área de segurança, casou com Catarina Alves Siqueira, carioca, técnica em enfermagem. Filhos:

Qn.3.11.6.1.1 Francismary Alves Siqueira n.12/05/1977
Qn.3.11.6.1.2 Franklin Alves Siqueira n.12/02/1980
Qn.3.11.6.1.3 Maik Alves Siqueira n.13/05/1981

Tn.3.11.6.2 **Rita de Cássia Barreto Siqueira**, fisioterapeuta, exercendo a profissão em Brasília, onde reside com o marido César Dal Pai Diesntmann, gaúcho, oficial do Exército, coronel da ativa. Filha:

Qn.3.11.6.2.1 Mirian Cristina Siqueira Diesntmann n.29/09/1976

Tn.3.11.6.3 Dra. **Cesarina Barreto Siqueira** nasceu em Fortaleza, médica, formada pela Faculdade de Medicina de Petrópolis, com especialização em clínica geral, obstetrícia e oxidologia. Morou no Rio de Janeiro até sua formatura em 1975. Casou com José Maria Parrilha Terra, carioca, de ascendência espanhola, funcionário público. Com o marido trabalhou quatro anos no Amazonas quando voltou ao Rio. Depois de um ano residindo no Rio, fixou residência em Teixeira de Freitas, no extremo sul da Bahia, onde exerce sua profissão. Separados. Teve uma segunda união com Valdir Lobo, falecido em 2000, primo de sua mãe, do qual se separou, não havendo sucessão desse segundo leito. Filhos do primeiro leito:

Qn.3.11.6.3.1 José Maria Barreto Siqueira Parrilha Terra n.22/07/1978
Qn.3.11.6.3.2 Simone Barreto Siqueira Parrilha Terra n.14/10/1981

Qn.3.11.6.3.1 **José Maria Barreto Siqueira Parrilha Terra**, tenente da reserva do Exército, cursa direito na Faculdade do Estácio de Sá, no Rio de Janeiro.

Qn.3.11.6.3.2 **Simone Barreto Siqueira Parrilha Terra** concluiu o 2º grau no Texas (USA) e cursa a Faculdade de Medicina da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Tn.3.11.6.4 **Maria do Socorro Barreto Siqueira**, trabalha no Conselho Tutelar do Rio. Casou com Nivaldo Alves Carrilho, baiano, militar, hoje na reserva. Filhos:

Qn.3.11.6.4.1 Nivardo Siqueira Carrilho Júnior n.23/02/1977
Qn.3.11.6.4.2 Nívia Maria Siqueira Carrilho n.16/03/1978

Tn.3.11.6.5 **Messias Barreto Siqueira**, motorista de praça, é casado com a mineira Maria do Carmo Aguiar Siqueira. Filhos:

Qn.3.11.6.5.1 Júlio César Aguiar Siqueira n.19/03/1978
Qn.3.11.6.5.2 Madson Vinícius Aguiar Siqueira n.07/08/1983
Qn.3.11.6.5.3 Mafisa Aguiar Siqueira n.12/08/1987
Qn.3.11.6.5.4 Saulo Aguiar Siqueira n.11/11/1988

Tn.3.11.6.6 **Marcos Aurélio Barreto Siqueira**, militar, faleceu em serviço, em 25/02/1998. Era casado com a carioca Teresinha Fátima Silva Siqueira. Filhos:

Qn.3.11.6.6.1 Monique Silva Siqueira n.26/01/1981
Qn.3.11.6.6.2 Marcos Silva Siqueira n.30/07/1985

Tn.3.11.6.7 **Rejane Barreto Siqueira**, de prendas do lar, viúva de Francisco Carneiro. Filha:

Qn.3.11.6.7.1 Ilzola Siqueira Carneiro n.02/02/1980

Tn.3.11.6.8 **Vicente de Paulo Barreto Siqueira**, comerciante, casou em primeiras núpcias com Heloisa Carla Gonçalves Leandro e em segundas com Slirlene Gonçalves.
Filha do primeiro leito:

Qn.3.11.6.8.1 Mileide Graciano Leandro Gonçalves n.07/11/1982
Filhos do segundo leito:
Qn.3.11.6.8.2 Vicente de Paulo Barreto Siqueira Júnior n.29/11/1994
Qn.3.11.6.8.3 Milene Rodrigues Siqueira n.03/12/1998

N.3.12 **Annanias Diogo de Siqueira**, batizado na Igreja do Patrocínio, pelo vigário João Dantas Ferreira Lima, foi o caçula do casal

Diogo Henrique e Marcionília Augusta. Era afilhado de Maria Christina Brandão (Maroca), irmã de sua mãe. Quando da morte do pai, tinha apenas dois anos de idade. Casou duas vezes, a primeira com Clarinda Bastos de Queiroz, falecida em 03/10/1948, filha de José Clarindo de Queiroz e a segunda, em 26/02/1949, na Igreja do Carmo, com Maria da Penha dos Santos, natural de Santa Rita (PB), filha de Luís Pedro dos Santos e Maria Etelvina dos Santos. Trabalhou na A D Siqueira & Cia., como escriturário, sendo sua ficha funcional de 1933. São filhos do primeiro leito:

Bn.3.12.1 José Queiroz de Siqueira n.04/07/1921
Bn.3.12.2 Edmar Queiroz de Siqueira n.25/01/1923
Bn.3.12.3 Maria Helena Queiroz de Siqueira n.24/11/1924
Bn.3.12.4 Maurício Queiroz de Siqueira n.02/04/1926
Bn.3.12.5 Messias Queiroz de Siqueira n.25/10/1928
Bn.3.12.6 Maria Neusa Queiroz de Siqueira n.02/04/1931
Bn.3.12.7 Jairo Queiroz de Siqueira n.06/09/1932

Bn.3.12.1 **José Queiroz de Siqueira**, em 1935, com apenas catorze anos, já tem ficha na A D Siqueira & Cia. como escriturário. Casou na Igreja do Carmo, em 20/02/1942, com Maria da Paz Nogueira Abreu, filha de Vitalina e Carlos Nogueira Abreu. São filhos do casal:

Tn.3.12.1.1 Maria Valéria Abreu Siqueira n.14/11/1942
Tn.3.12.1.2 Fátima Maria Abreu Siqueira n.28/12/1944
Tn.3.12.1.3 Angela Maria Abreu Siqueira n.23/02/1947
Tn.3.12.1.4 José Wellingthon Abreu Siqueira n.07/09/1948
Tn.3.12.1.5 Maria Teresa Abreu Siqueira n.05/10/1950
Tn.3.12.1.6 Francisco Ricardo Abreu Siqueira n.03/11/1952
Tn.3.12.1.7 Filomena Lúcia Abreu Siqueira n.15/09/1960

Bn.3.12.2 **Edmar Queiroz de Siqueira** faleceu criança.

Bn.3.12.3 **Maria Helena Queiroz de Siqueira** casou aos 23 anos, na Igreja do Carmo, em 07/02/1948, com seu primo Leônidas Cardoso Monteiro, filho de Luiz Cardoso Monteiro e Palmyra Brandão. Ver item Bn.2.6.7. Filhos:

Tn.3.12.3.1 Clarinda Maria de Siqueira Monteiro n.27/10/1948
Tn.3.12.3.2 André Luiz de Siqueira Monteiro n.04/05/1950
Tn.3.12.3.3 Dulce Maria de Siqueira Monteiro n.11/08/1952

Tn.3.12.3.2 **André Luiz de Siqueira Monteiro** casou em 19/12/1975, na Igreja da Paz, com Marilena de Castro Cruz, filha de Benedito de Carvalho Cruz e Maria Odalea de Castro Cruz. Filhos:

Qn.3.12.3.2.1 Marília Cruz Monteiro n.21/12/1976
Qn.3.12.3.2.2 Aline Cruz Monteiro n.04/09/1978
Qn.3.12.3.2.3 Andréa Cruz Monteiro n.05/04/1984

Bn.3.12.4 **Maurício Queiroz de Siqueira**, comerciante, casou com Maria Lúcia Holanda Queiroz (adotou o nome de Maria Lúcia Queiroz de Siqueira), natural de Quixadá (CE), nascida em 12/07/1926, filha de Manoel Lins Queiroz e Décia Holanda Queiroz. Maurício faleceu aos 74 anos, em 28/04/2000. Sem sucessão.

Bn.3.12.5 **Messias Queiroz de Siqueira** contabilista, aposentado como Diretor de Finanças do Instituto de Previdência do Estado do Ceará (IPEC), casou em 17/01/1956 com Sebastiana Alba Pinto, natural de Roraima, filha de Evangelista Pereira Pinto e Dulce Alzira de Souza Pinto. Filho do casal:

Tn.3.12.5.1 Messias Pinto de Siqueira n.22/01/1957

Tn.3.12.5.1 **Messias Pinto de Siqueira**, engenheiro civil, proprietário da D'CD! Produções, pequena empresa de Fortaleza, dedicada à produção de CD-ROM. Casou em 1990, em Rio Branco (AC), com Mirla de Carvalho Silva, filha de Paulo de Araújo Silva e de Mirtes de Carvalho Silva. Sem sucessão.

Bn.3.12.6 **Neuza de Queiroz Siqueira** casou Igreja do Carmo, em 19/03/1953, com João Ribeiro Rodrigues, filho de João Rodrigues de Paula e Zulmira Ribeiro Paula, natural de Quixeramobim (CE). São filhos do casal:

Tn.3.12.6.1 Zulmira Maria Siqueira Rodrigues n.27/01/1954
Tn.3.12.6.2 Anamias Siqueira Rodrigues n.17/04/1956
Tn.3.12.6.3 Fernando Antônio Siqueira Rodrigues n.03/01/1958
Tn.3.12.6.4 Fernanda Maria Siqueira Rodrigues n.25/10/1960
Tn.3.12.6.5 Sandra Maria Siqueira Rodrigues n.19/11/1962

Tn.3.12.6.1 **Zulmira Maria Siqueira Rodrigues** casou na Igreja de Santa Luzia, em 25/08/1973, com Ricardo Alencar Araripe Andrade, filho de Aristeu Maria Monteiro e Yeda Alencar Araripe Andrade.

Bn.3.12.7 **Jairo de Queiroz Siqueira** estudou no Colégio Cearense, comerciário, faleceu no Rio de Janeiro, onde residia, por volta de 1955.

Marcionília Augusta Freire Brandão
Sobral 07/08/1851 - Fortaleza 19/06/1943

Diogo Henrique de Siqueira (neto)
Sobral 19/12/1860 - Fortaleza 29/12/1899

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Nordisck Siqueira Barros

Alda de Oliveira Barros, esposa de Nordisck

Maria Siqueira Barros

Altair Siqueira Luz

José Diogo de Siqueira e sua esposa Maria do Carmo Ferreira

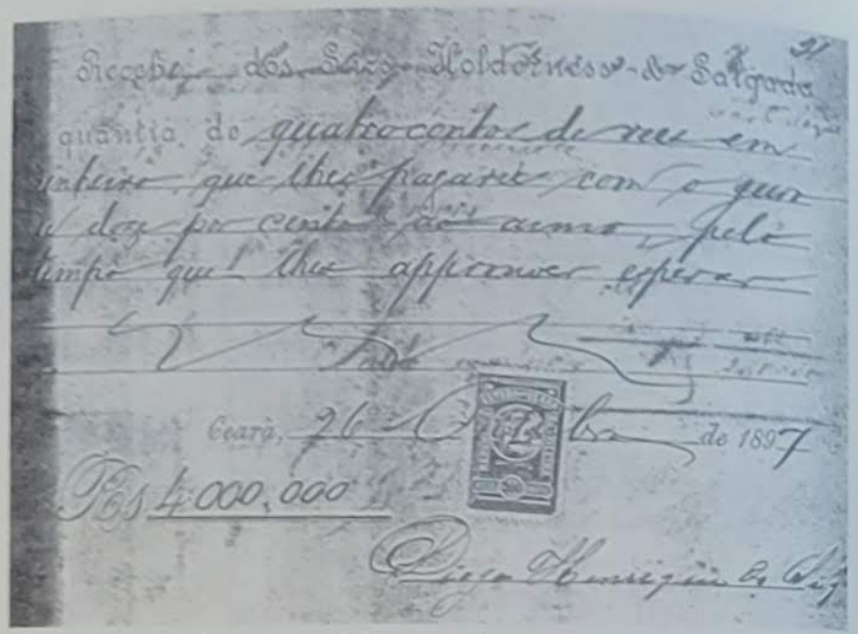
Rita de Cássia, Júlio Cesar e José Diogo, filhos de Diogo Henrique de Siqueira Neto(terceiro do nome) e Madalena Maria Leite de Siqueira, em 11/05/1957.

Os irmãos Maria Lúcia, Altair, Violeta e Olavo Siqueira Luz.

Marta Maria de Oliveira Barros, ao piano. Atentos ao seu desempenho musical, dois repórteres de jornais locais. Estava com sete anos.

D. Teresinha dançando com seu filho Jurandir Mendes Pessoa Filho.

Teresinha e sua irmã Nadir



Promissória assinada por Diogo Henrique de Siqueira (neto)

Igreja do Rosário. Nesse templo, em 27/11/1880, Diogo Henrique de Siqueira (neto) casou com Marcionília Augusta Freire Brandão.

Cópia do termo de casamento de Diogo Henrique de Siqueira e Marcionília Augusta Freire Brandão.

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

ERRATA

Pág. 37, linha 7 – ler: 10 poldras amansadoras, em vez de: 0 poldras amansadoras.

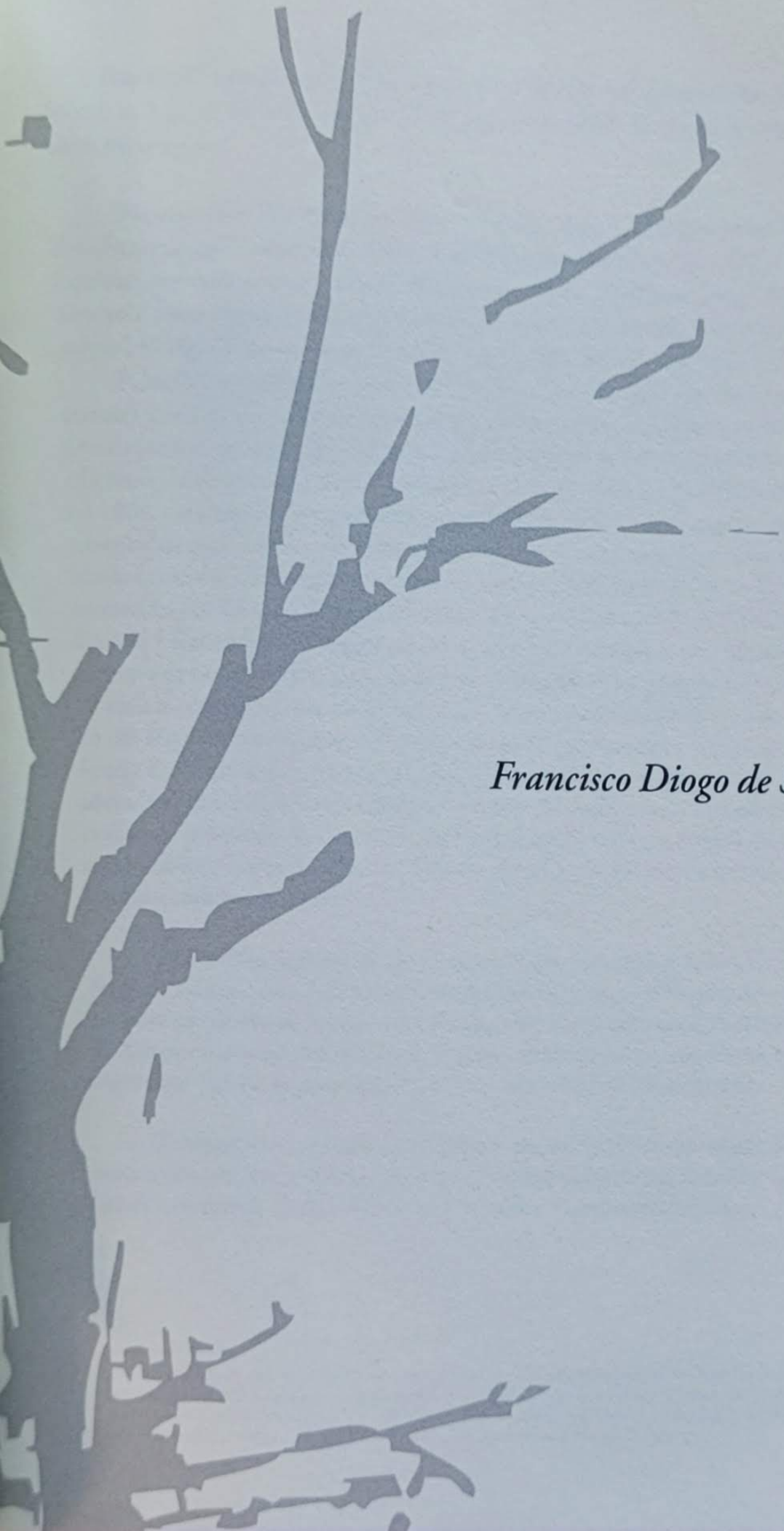
Pág. 42, linha 34 – ler: o primeiro celebrado na casa do Sr. Joaquim Lopes, em vez de: o primeiro celebrado na matriz.

Pág. 68, linha 32 – ler: o primeiro filho do segundo casamento do velho português, em vez de: o penúltimo filho do velho português.

Pág. 98, linha 19 – ler: Francisco de Andrade Belleza nasceu antes que sua tia avó Josefa Avelina de Siqueira, em vez de: Francisco de Andrade Belleza nasceu antes que seu tio avô Gregório João de Siqueira.

Pág. 270, linha 1 – ler: **Vanessa Oliveira Rodrigues**, em vez de: Vanessa Oliveira Ferreira.

Pág. 270, linha 2 – ler: **Tatiana Oliveira Rodrigues**, em vez de: Tatiana Oliveira Ferreira.



Francisco Diogo de Siqueira

Francisco Siqueira, como freqüentemente aparece em documentos, nasceu em Sobral, às 2 horas da tarde, do dia 17 de agosto de 1862. O termo de seu batizado assim foi redigido:

"Francisco filho legitimo de José Vital de Siqueira e de Amelia Felicissima de Siqueira desta Freguezia naceo a dezesete de Agosto de mil oitocentos e secenta e dous e foi Solemnemente baptizado por mim a vinte e quatro do dito mês e anno. Padrinhos Diogo Henrique de Siqueira e Dona Maria Carolina d'Andrade. E para constar mandei fazer este assento que assigno". O Vigario Vicente Jorge de Sousa. Liv. de Bat. Sobral, 1863-1865, fls. 4 e 4v.

Francisco era afilhado de seu avô paterno Diogo Henrique de Siqueira, que também apadrinhara sua meia irmã Ignácia. Negociante, marchante como o pai e os demais irmãos, estabelecido na Praça José de Alencar[1] nº 15, como consta, de várias edições do "Almanack do Ceará", editado a partir de 1895, por João Câmara. Antes, em 1888, em almanaque organizado por Alfredo Bomílcar, na listagem dos estabelecimentos de secos e molhados, Francisco Siqueira aparece com casa comercial na Rua Major Facundo, 138. Segundo nos informou seu neto José Diogo da Silveira, "era conhecido por **Chico Diogo**, sendo fazendeiro em Cangati, hoje Caio Prado. Sua fazenda Lajes tinha seis léguas de terra, era toda cercada e seu rebanho bovino constava de mais de 2000 cabeças de gado". Faleceu nessa propriedade com apenas 52 anos incompletos, em 19/07/1914, de "compressão cerebral", sendo sepultado no dia seguinte no cemitério São João Batista, em Fortaleza. Casado com Maria Severa da Costa Lopes (Mariquinhas) ou Maria Severa Lopes de Siqueira, nome adotado após o casamento, cuja data e termo não conseguimos encontrar, apesar de exaustivas pesquisas neste sentido realizadas em Fortaleza e Sobral. Era prima do comerciante J. Lopes. Nasceu em Sobral e era afilhada dos pais de seu marido, como mostra o seguinte registro:

"Maria filha legitima de João Luis da Costa, e de Maria Severa da Penha desta Freguesia, nasceo á dous de Janeiro de mil oitocentos e secenta, e foi baptizada solemnemente por mim na Capella do Menino Deos á trinta de Maio do dito anno: Padrinhos José Vital de Siqueira e Amelia Felicissima de Siqueira. Para constar fiz este termo, eoassigno. O Vigr.º Intr.º Vicente Jorge de Sousa". Liv. Bat. Sobral, 1857-1860, fl. 292.

D. Mariquinhas faleceu em Fortaleza, em 1º/10/1954, com idade de 94 anos e nove meses, em sua residência situada na esquina nordeste das Avenidas Tristão Gonçalves e Duque de Caxias. Filhos do casal todos nascidos em Fortaleza:

[1] Nome que tinha então o quadrilátero formado pela travessa Crato, Rua Floriano Peixoto, Rua São Paulo e Rua Coronel Bezerril, no local onde hoje se encontram os prédios dos Correios, do Banco do Brasil e o Palácio do Comércio. Antes tinha sido Praça da Carolina. Depois de se chamar José de Alencar, passou a ser Capistrano de Abreu e atualmente, Waldemar Falcão. O estabelecimento na realidade ficava na Rua Floriano Peixoto, lado oeste da praça.

N.4.1 Beatriz Diogo de Siqueira n.11/10/1886
N.4.2 José Diogo de Siqueira n.12/11/1887
N.4.3 Hildebrando Diogo de Siqueira n.04/09/1889
N.4.4 Maria Amélia Diogo de Siqueira n.18/01/1891
N.4.5 Adolphina Diogo de Siqueira n.18/05/1892
N.4.6 Branca Diogo de Siqueira n.18/04/1898

N.4.1 **Beatriz Siqueira Ribeiro (Bia)**, batizada na Igreja da Sé de Fortaleza, em 8 de dezembro de 1886, pelo padre José Barbosa de Jesus, tendo por padrinhos Jesuíno Lopes de Maria e sua avó paterna Amélia Felicíssima de Siqueira. Jesuíno, o padrinho, fora o fundador da casa exportadora e importadora Jesuino Lopes & Filho, sucedida por J. Lopes & Cia. Casou ao dezessete anos, em 02/01/1904, com Adolpho Ribeiro da Silva, comerciante de fazendas, estabelecido na Rua Floriano Peixoto, 55, com a firma Adolpho Ribeiro & Irmão, proprietária da loja "Rosa dos Alpes", que funcionava nos baixos do edifício onde até bem pouco estava a Aplub (Praça do Ferreira). Filho de Federalino Ribeiro da Silva e Rufina Calecina da Silva, Adolpho nasceu em Sobral, em 14/03/1873. Faleceu em Fortaleza, aos 32 anos de "febre perniciosa", em 19/02/1906. O casamento de Beatriz durou apenas dois anos e, ao enviuvar, estava grávida de seu primeiro filho. Ludibriada pelo cunhado e sócio da "Rosa dos Alpes", teve de muito lutar para criar o único filho de seu casamento. Conforme depoimento colhido junto à família, D. Beatriz, "costurava e bordava até altas horas da noite. Fazia bolos, docinhos e salgados para fora. Muito católica, ao tempo do monsenhor Luiz de Carvalho Rocha, foi zeladora da Catedral, paróquia de sua residência. Bordava com mãos habilidosas, em fio dourado, as toalha dos altares". Após a morte do marido, cobriu-se de luto por toda sua existência. Diabética, faleceu em conseqüência dessa moléstia, após muitos padecimentos, inclusive com amputação de uma perna. Filho único do casal:

Bn.4.1.1 Adolpho Ribeiro da Silva Filho n.02/08/1906

Bn.4.1.1 **Adolpho Ribeiro da Silva Filho**, filho póstumo, nascido cinco meses após a morte do pai. Praticamente foi criado em casa de sua avó Mariquinhas. Contador pela Fênix Caxeiral, chegou a possuir uma firma de contabilidade de sociedade com seu primo Francisco Diogo Silveira (Siló). Casou com Georgina Miranda. Morreu moço. Georgina e os filhos foram morar no Recife, desfazendo-se a identificação com os familiares remanescentes no Ceará. Filho do casal:

Tn.4.1.1.1 Adolpho

N.4.2 **José**, batizado na Igreja da Sé de Fortaleza, a 31 de dezembro de 1887, pelo cura José Teixeira da Graça, tendo por padrinhos, seu tio paterno Gustavo Victal de Siqueira (sic) e Maria Lopes da Costa. Faleceu de "dentição" com quinze meses de idade e foi sepultado no S. João Batista a 18 de fevereiro de 1889, como consta de notícia do jornal Gazeta do Norte, de Fortaleza, do dia 21 do mesmo mês e ano.

N.4.3 **Hildebrando Diogo de Siqueira**, batizado na Matriz do Patrocínio, então de S. Luiz de Gonzaga, a 29 de novembro de 1889, pelo cônego João Paulo Barbosa, sendo padrinhos Vicente Alves de Oliveira e Umbelina Alves de Oliveira, tudo como consta do livro 15 de batizados, referente ao período de 1911 a 1912, fl. 83. Isto mesmo, o assento só foi lançado 22 anos após a cerimônia. No Almanack do Ceará para o ano de 1919, encontra-se como adido à Delegacia Fiscal da União, em Fortaleza, como conferente das capatazias. Transferido para a Delegacia Fiscal de Belém (PA), lá viveu por muitos anos, havendo ocupado a função de Delegado, em sua repartição. Naquela capital, faleceu de repente a 02/08/1945. Inupto. Tempos depois seus restos mortais foram trazidos para Fortaleza e inumados no São João Batista.

N.4.4 **Maria Amélia Siqueira Silveira (Beca)** nasceu em 18/01/1891 em Fortaleza. Batizada na Matriz do Patrocínio, em 22/03/1891, pelo vigário João Paulo Barbosa, sendo padrinhos seus tios Antônio Diogo de Siqueira e Ignácia Messias Siqueira. Casou em casa particular na Rua General Sampaio, em 16/09/1909, com Isaías Domingos Silveira, comerciante, nascido em 06/07/1882, filho de Joaquim Lino Silveira e Amália Carvalho Silveira. Ambos faleceram em Fortaleza, Dona Maria Amélia em 24/03/1946 e Isaías em 02/10/1950, aos 64 anos, de insuficiência cardíaca. Quando do falecimento de Dona Maria Amélia, assim noticiou o jornal Correio do Ceará, edição de 25 de março de 1946: "Depois de anos de padecimento, faleceu às 10 horas de ontem em nossa capital, a veneranda senhora Maria Amélia Diogo da Silveira, virtuosa esposa do sr. Domingos da Silveira, vulto de destaque do alto comércio de Fortaleza. A pranteada extinta, que expirou cercada de todo conforto espiritual dos Sacramentos da Igreja e carinhos, assistida pelas pessoas de sua família". Após fazer referências aos filhos que deixou de seu casamento, conclui a nota: "O enterramento da senhora Maria Amélia Diogo da Silveira, realizou-se às 8 horas da manhã de hoje, com grande acompanhamento, de parentes, amigos e pessoas da sociedade local". Na realidade

Dona Maria Amélia sofreu, aos 42 anos, uma paralisia de origem desconhecida que a deixou em cadeira de rodas por penosos dez anos até o seu falecimento. Infrutíferos foram os esforços médicos, inclusive com cirurgias no Rio de Janeiro. Os padecimentos físicos jamais lhe abateram o ânimo, a tudo suportando sem nenhuma queixa. Em determinados dias da semana, juntava à volta de sua cadeira os gêneros que fazia adquirir e ela mesma distribuía aos pobres com carinho e amor. Não completamente satisfeita com o seu gesto de benemerência e caridade, dava-lhes refeição e alguns trocados para o transporte. O sofrimento sem queixa, a tudo aceitando como expressão da vontade de Deus, aliada à prática de edificante caridade cristã e fé inabalável fazem de Dona Maria Amélia um exemplo de santidade. Isaías Domingos Silveira não ficava distante da mulher na prática da caridade. Da sua marchanteria, da qual fez parte como sócio Gustavo Diogo de Siqueira, tio de sua mulher, muitas vezes saía a carne doada para a Santa Casa e mantinha com a funerária uma conta corrente, onde muitos enterramentos de pessoas pobres, corriam a suas expensas. O casal deixou ilustre descendência através de seus filhos, a seguir nomeados:

Bn.4.4.1 Francisco Diogo Silveira n.24/07/1910
Bn.4.4.2 Joaquim Murilo Silveira n.08/08/1911
Bn.4.4.3 José Diogo Silveira n.05/10/1912
Bn.4.4.4 Dilara Siqueira Silveira n.30/04/1914
Bn.4.4.5 Djanira Siqueira Silveira n.07/10/1916
Bn.4.4.6 Idelvah Siqueira Silveira n.20/03/1918
Bn.4.4.7 Hélio Siqueira Silveira n.11/09/1920
Bn.4.4.8 Fernando Siqueira Silveira n.06/07/1922
Bn.4.4.9 Maria Diva Siqueira Silveira n.11/10/1923
Bn.4.4.10 Maria Dícia Siqueira Silveira n.24/05/1926
Bn.4.4.11 Waldo Siqueira Silveira
Bn.4.4.12 Isaías Domingos Silveira Filho n.09/10/1929

Bn.4.4.1 **Francisco Diogo Silveira** (Siló), contador, formado pela Fênix Caxeiral do Ceará. Casou em 12/06/1937, na Igreja dos Remédios, em Fortaleza, com Emeritta Matos da Silva, maranhense, nascida a 08/07/1920, funcionária pública, filha de Antônio Cirilo da Silva e Cândida Matos da Silva. Transferiu residência para o Rio de Janeiro, tendo chegado à presidência do Instituto do Mate, do qual era alto funcionário. Extinto o Instituto do Mate, passou para o quadro funcional do Ministério da Agricultura. Com o fim de seu casamento, quando não havia divórcio no Brasil, Siló casou-se no Uruguai, com Maria de Lourdes Miranda Silveira, contadora e economista, nascida em 14/06/1926, funcionária pública federal, hoje viúva e aposentada. Extremamente digno e muito querido no meio em que trabalhou e viveu, Siló faleceu no Rio de Janeiro, em 13/08/1983, onde está sepultado. São suas estas palavras: "*Quero morrer como sempre vivi - modesto, humano, justo, leal e honesto*". Do seu segundo casamento não houve descendência. São filhos do primeiro leito:

Tn.4.4.1.1 Maria Thalyzia Silveira n.19/03/1938
Tn.4.4.1.2 José Sérgio Silveira n.27/12/1942
Tn.4.4.1.3 Ana Lúcia Silveira n.29/12/1944

Tn.4.4.1.1 **Maria Thalysia Silveira** casou no Rio de Janeiro, em 12/12/1959, com Ivan Ricardo Ibiracy Pessoa, funcionário público, nascido em 21/09/1934. São filhos do casal:

Qn.4.4.1.1.1 Áurea Márcia Silveira Pessoa n.02/09/1960
Qn.4.4.1.1.2 Ana Cláudia Silveira Pessoa n.07/03/1962
Qn.4.4.1.1.3 Ivan Ricardo Ibiracy Pessoa Filho n.17/07/1963
Qn.4.4.1.1.4 Cláudia Márcia Silveira Pessoa n.18/02/1966

Qn.4.4.1.1.1 **Áurea Márcia Silveira Pessoa**, comerciante, casada com Alexandre Alves Tavares, nascido a 09/09/1967. Filha do casal:

Pn.4.4.1.1.1.1 Giovanna Pessoa Tavares n.23/07/1993

Qn.4.4.1.1.2 **Ana Cláudia Silveira Pessoa**, comerciante, casada com Carlos Henrique Paes Leme Petráglia, nascido a 03/12/1956. Filho:

Pn.4.4.1.1.2.1 Iago Pessoa Petráglia n.18/01/1993

Qn.4.4.1.1.3 **Ivan Ricardo Ibiracy Pessoa Filho**, analista de sistemas, casado com Elaine Alves Fonseca, nascida em 03/05/1966.

Qn.4.4.1.1.4 **Cláudia Márcia Silveira Pessoa**, promotora de eventos, casada com Alberto Rocha Pinto, nascido a 08/06/1952. Filho:

Pn.4.4.1.1.4.1 Thaísa Pessoa da Rocha Pinto n.24/07/1991

Tn.4.4.1.2 **José Sérgio Silveira**, advogado e administrador de empresas, casou com sua parenta Vera Maria Monteiro Rocha Lima, psicóloga, nascida em 19/05/1945, filha do Gen. Paulo Braga Rocha Lima e Maria Estephânia Monteiro Rocha Lima. Divorciados. José Sérgio Silveira tem um segundo casamento com Jovinéia de Araújo Albuquerque, economista, nascida em 21/08/1952. Ver item Qn.4.6.2.3.2

Filhos do primeiro leito:

Qn.4.4.1.2.1 Ana Paula Rocha Lima Silveira n.31/07/1965
Qn.4.4.1.2.2 Maria Estephânia Rocha Lima Silveira n.28/10/1967

Filho do segundo leito:

Qn.4.4.1.2.3 André Albuquerque Silveira n.07/02/1983

Qn.4.4.1.2.1 **Ana Paula Rocha Lima Silveira**, psicóloga, casou-se no Rio de Janeiro, em 27/07/1985, com Armando Machado, nascido a 25/10/1960. Filho do casal:

Pn.4.4.1.2.1.1 Fábio Silveira Machado n.04/10/1990

Qn.4.4.1.2.2 **Maria Estephania Rocha Lima Silveira**, fonoaudióloga, casou-se em 24/07/1990, com Fábio Porto Guimarães Ferreira, nascido a 19/02/1966. Filhos:

Pn.4.4.1.2.2.1 Victor Silveira Ferreira n.29/03/1996

Pn.4.4.1.2.2.2 Gabriel Silveira Ferreira n.03/03/1998

Pn.4.4.1.2.2.1 **Victor Silveira Ferreira** faleceu com apenas dois dias, em 31/03/1996.

Tn.4.4.1.3 **Ana Lúcia Silveira**, advogada, funcionária pública, casou com Sérgio Lavogade Gonçalves Pinto, advogado, nascido em 20/06/1942. Filhos do casal;

Qn.4.4.1.3.1 Sérgio Silveira Gonçalves Pinto n.12/12/1964

Qn.4.4.1.3.2 Emerita Lúcia Silveira Gonçalves Pinto n.19/02/1966

Qn.4.4.1.3.1 **Sérgio Silveira Gonçalves Pinto**, advogado, casado com Claudiane Ramos Brito, nascido a 11/11/1971. Filha:

Pn.4.4.1.3.1.1 Lorena Brito Gonçalves Pinto n.14/11/1996

Qn.4.4.1.3.2 **Emerita Lúcia Silveira Gonçalves Pinto**, terapeuta ocupacional. Inupta.

Bn.4.4.2 **Joaquim Murilo Silveira**, grande advogado e professor de direito. Foi procurador da Receita Federal e chefiou o Escritório do Ceará no Rio de Janeiro, no governo do coronel César Cals de Oliveira Filho. Faleceu aos 63 anos, em 24/11/1974, no Rio de Janeiro, onde está sepultado. No bairro Vicente Pinzon, em Fortaleza, está a Avenida Professor Murilo Silveira, homenagem da cidade ao seu ilustre filho. Era casado com Elsa Rodrigues Parente Silveira, nascida em 07/02/1916, em Sobral (CE). Filhos do casal:

Tn.4.4.2.1 José Antônio Rodrigues Parente Silveira n.30/09/1939

Tn.4.4.2.2 Joaquim Murilo Silveira Filho n.20/01/1942

Tn.4.4.2.3 Mônica Rodrigues Parente Silveira n.25/01/1943

Tn.4.4.2.4 Elizabeth Rodrigues Parente Silveira n.08/07/1951

Tn.4.4.2.5 Ricardo Rodrigues Parente Silveira n.25/10/1956

Tn.4.4.2.1 **José Antônio Rodrigues Parente Silveira**, prematuramente falecido, com apenas dezenove anos, no dia 9 de agosto de 1959.

Tn.4.4.2.2 **Joaquim Murilo Silveira Filho**, advogado, casou com Sandra Cavalcanti de Albuquerque. Filhos do casal:

Qn.4.4.2.2.1 Joaquim Murilo Silveira Neto n.03/06/1964

Qn.4.4.2.2.2 Patrícia Silveira de Morais n.04/03/1966

Qn.4.4.2.2.3 Cláudia Silveira Lôbo n.03/12/1967

Qn.4.4.2.2.4 Carlos Eduardo Silveira n.17/12/1970

Qn.4.4.2.2.1 **Joaquim Murilo Silveira Neto**, odontologista, casou com Monique Miranda de Mello Silveira, comerciante, nascida em 21/08/1963. Filhos do casal:

Pn.4.4.2.2.1.1 Gustavo Miranda de Mello Silveira n.22/02/1990

Pn.4.4.2.2.1.2 Renata Miranda de Mello Silveira n.28/02/1991

Pn.4.4.2.2.1.3 Rafael Miranda de Mello Silveira n.09/09/1997

Qn.4.4.2.2.2 **Patrícia Silveira de Moraes**, nome adotado após o casamento com Luiz Fernando Moraes Silva, nascido em 06/12/1957. Ambos são comerciantes. Filhos do casal:

Pn.4.4.2.2.2.1 Fernando Silveira de Moraes n.10/06/1984

Pn.4.4.2.2.2.2 Rodrigo Silveira de Moraes n.22/10/1985

Pn.4.4.2.2.2.3 Pedro Silveira de Moraes n.22/03/1990

Pn.4.4.2.2.2.4 André Silveira de Moraes n.07/10/1994

Qn.4.4.2.2.3 **Cláudia Silveira Lôbo**, nome adotado após o casamento com Mauro Ramos Lôbo, nascido em 06/11/1960. Ambos são hoteleiros. Filhos do casal:

Pn.4.4.2.2.3.1 Gabriel Silveira Lôbo n.06/04/1989

Pn.4.4.2.2.3.2 João Pedro Silveira Lôbo n.25/09/1995

Tn.4.4.2.3 **Mônica Rodrigues Parente Silveira**, advogada, casou com Ricardo Cabral de Carvalho, engenheiro, nascido em 20/05/1939. Após o casamento adotou o nome de Mônica Silveira de Carvalho. Filhos do casal:

Qn.4.4.2.3.1 Cristina Silveira de Carvalho n.28/09/1964

Qn.4.4.2.3.2 Adriana Silveira de Carvalho n.02/02/1966

Qn.4.4.2.3.1 **Cristina Silveira de Carvalho**, arquiteta, casou o Dr. José Augusto Nasser dos Santos, médico, nascido em 27/10/1963. Filhos do casal:

Pn.4.4.2.3.1.1 Maria Carvalho Nasser n.18/04/1994

Pn.4.4.2.3.1.2 Luiza Carvalho Nasser n.18/10/1996

Qn.4.4.2.3.2 **Adriana Silveira de Carvalho**, engenheira, casou com Carlos Sallis Bernardi, analista de sistemas, nascido em 07/04/1957. Filho do casal:

Pn.4.4.2.3.2.1 Felipe Carvalho Bernardi n.15/08/1998

Tn.4.4.2.5 **Ricardo Rodrigues Parente Silveira**, músico, tem um filho:

Qn.4.4.2.5.1 Pedro Infante Silveira n.28/07/1985

Bn.4.4.3 **José Diogo da Silveira**, advogado, economista e jornalista, funcionário dos Correios e Telégrafos, tendo ocupado a chefia do Serviço Postal Aéreo. Militante do PSD de Francisco de Menezes Pimentel e José Martins Rodrigues, nas eleições estaduais de 1947, após a redemocratização do país, com o apoio e incentivo de seu primo, o industrial José Diogo Vital de Siqueira, disputou uma cadeira de deputado estadual, ficando

na terceira suplência da legenda. No ano seguinte, disputa uma cadeira à Câmara Municipal de Fortaleza, sendo o mais votado do PSD e com o apoio do Dr. César Cals de Oliveira, torna-se o líder de sua bancada. Foi membro da Câmara de 1948 a 1959, tendo destacada atuação. Colaborador assíduo de alguns jornais da capital, José Diogo da Silveira chegou a publicar um livro o qual intitulou de "Páginas Efêmeras". Casado com Altair Pessoa Aguiar, nascida em 05/09/1916, funcionária aposentada do município de Fortaleza, filha de Trajano Alves de Aguiar e Raimunda Pessoa de Aguiar e de cujo consórcio tem uma filha:

Tn.4.4.3.1 Margarida Selma Aguiar Silveira n.09/11/1935

Tn.4.4.3.1 **Margarida Selma Aguiar Silveira**, funcionária pública federal aposentada é professora de música. Inupta.

Bn.4.4.4 **Dilara Siqueira Silveira**, pianista, casou com Ruy Castor de Menezes, advogado, nascido em 26/10/1914, filho de José Castor de Araújo e Maria Tereza de Menezes Castor, paraibano de Soledade, tendo ocupado a Secretaria da Segurança Pública da Paraíba no governo de Ruy Carneiro e foi Diretor da Penitenciária Agrícola de João Pessoa. Aposentou-se como Assessor Jurídico da Sunaman do Ministério dos Transportes em Fortaleza. Nesta cidade, como advogado, teve atuação destacada no forum local. Dona Dilara, após o casamento, adotou o nome de Dilara Silveira Castor. Ambos falecidos. Filhos do casal:

Tn.4.4.4.1 Ruy Marcus da Silveira Castor n.21/12/1941

Tn.4.4.4.2 Roberto Marcus da Silveira Castor n.01/11/1947

Tn.4.4.4.1 Dr. **Ruy Marcus da Silveira Castor**, médico pediatra, formado pela Faculdade de Ciências Médicas do Recife (PE), casado com Maria de Fátima de Arruda Luna Castor, nascida em 24/11/1945, assistente social aposentada, filha de Orlando do Rego Luna e Percila de Arruda Luna. Filhos do casal:

Qn.4.4.4.1.1 Mariana de Arruda Luna Castor n.29.08/1981

Qn.4.4.4.1.2 Bruno Augusto de Arruda Luna Castor n.26/07/1983

Tn.4.4.4.2 Dr. **Roberto Marcus da Silveira Castor**, médico pediatra da Previdência (INSS) e do Ministério dos Transportes em Fortaleza. Casado com Danize Laje Coelho.

Bn.4.4.5 **Djanira Silveira Teixeira**, nome adotado por Djanira Siqueira Silveira após o casamento com Antônio Correia Teixeira, em 28/01/1943. Antônio Correia Teixeira nasceu em 18/01/1905, em Paradela de Guiães-Sabrosa-Portugal, filho de Manoel Correia Teixeira e Ermezinda Augusta Vieira, ambos portugueses. Emigrou para o Brasil com apenas catorze anos de idade e trabalhou duro para realizar o sonho juvenil de vencer na terra distante da sua e dos seus. Foi por dez anos

caixeiro-viajante e durante muitos outros, representante comercial. Sobre ele escreveu a esposa amantíssima, interessante crônica, intitulada O garoto Antoninho e publicada no jornalzinho "Nossas Notícias", de março de 1973. Ao final, sintetiza de forma admirável, a personalidade do marido: *"Carrega nos ombros o peso de sua honestidade. Quando fechar os olhos, que os anos não macularam, deixará aos filhos, genros e netos a grande fortuna que é o seu nome limpo, puro, com a mesma simplicidade que trouxera lá da sua Província de Traz os Montes, em Portugal"*. E assim foi. D. Djanira, senhora de muitas prendas, toca violão e piano, é funcionária federal, aposentada, tendo prestado seus serviços ao antigo DNPVN, Portobrás e Dner. Foi colaboradora assídua do Boletim Informativo da Colônia Portuguesa do Ceará, com sua crônica leve, sensível e agradável. O casal no início da vida matrimonial morou no Recife, para depois fixar residência em Fortaleza. Filhos:

Tn.4.4.5.1 Lúcia Amélia Silveira Teixeira n.26/05/1945

Tn.4.4.5.2 Virgínia Lúcia Silveira Teixeira n.26/04/1952

Tn.4.4.5.3 Antônio Eduardo Silveira Teixeira n.18/09/1956

Tn.4.4.5.1 **Lúcia Amélia Teixeira Cavalcante**, natural do Recife (PE), casou na Igreja da Paz, a 11/07/1964, com Reinaldo Bezerra Cavalcante, nascido em 11/07/1935, em Juazeiro do Norte (CE), comerciante, fundador da cadeia de lojas Óticas Itamaraty, com filiais no Piauí e Maranhão, filho de Francisco Bezerra Cavalcante e Maria Bezerra dos Santos. Aposentados. Filhos do casal:

Qn.4.4.5.1.1 Silvana Teixeira Cavalcante n.12/05/1965

Qn.4.4.5.1.2 Reinaldo Bezerra Cavalcante Júnior n.11/10/1966

Qn.4.4.5.1.3 Alexandre Teixeira Cavalcante n.12/01/1971

Qn.4.4.5.1.1 **Silvana Teixeira Cavalcante**, engenheira civil, auditora fiscal do Banco Central, em Brasília, foi casada com Marcelo Camardela da Silveira, advogado, residentes na Capital Federal. Sem sucessão.

Qn.4.4.5.1.2 **Reinaldo Bezerra Cavalcante Júnior**, economista, trabalha no setor financeiro da Coca Cola, no Amazonas. Casou na Igreja da Paz, em 04/02/1991, com Liana Maria Cardoso Paz, economista e bancária, nascida em 21/04/1964, filha de Ângelo de Araújo Paz e Maria da Conceição Cardoso Paz. O casal reside em Manaus. Filhos:

Pn.4.4.5.1.2.1 Victor Paz Cavalcante (gêmeo) n.28/09/1998

Pn.4.4.5.1.2.2 Felipe Paz Cavalcante (gêmeo) n.28/09/1998

Qn.4.4.5.1.3 **Alexandre Teixeira Cavalcante** cursa administração de empresas e trabalha no comércio. É casado com Danielly Barreto Barbosa.

Tn.4.4.5.2 **Virgínia Lúcia Teixeira Santos**, técnica em transações imobiliárias, casou aos quinze anos, na Igreja da Paz, a 27/10/1967, com Raul dos Santos Filho, nascido em 30/03/1947 em Campo Maior (PI), jogando pelo Estado do Ceará, sagrou-se vice-campeão brasileiro de basquetebol em 1964, economista, filho de Raul dos Santos e Maria do Rosário Morais de Almeida Santos. Após trinta anos o casamento chegou ao fim, estando separados judicialmente. Filhos do casal:

Qn.4.4.5.2.1 Raul dos Santos Neto n.19/04/1973
Qn.4.4.5.2.2 Marcelle Teixeira Santos n.01/02/1977
Qn.4.4.5.2.3 Rafael Teixeira Santos n.21/12/1982

Qn.4.4.5.2.1 **Raul dos Santos Neto** cursa economia e é funcionário do Banco Equatorial.

Qn.4.4.5.2.2 **Marcelle Teixeira Santos** é universitária de direito.

Qn.4.4.5.2.3 **Rafael Teixeira Santos** cursa o 2º grau.

Tn.4.4.5.3 **Antônio Eduardo Silveira Teixeira**, economista, funcionário público do Estado do Ceará (Iplance), comerciante, técnico em transações imobiliárias, foi casado com Sara Maria Cifuentes Lucas, pedagoga, nascida em 02/06/1953. Filhos do casal:

Qn.4.4.5.3.1 Antônio Eduardo Silveira Teixeira Filho n.05/10/1981
Qn.4.4.5.3.2 Danielle Lucas Teixeira n.06/09/1982

Bn.4.4.6 **Idelvah Siqueira Silveira** cursou o Colégio Militar de Fortaleza. Agrimensor e funcionário público estadual no Rio de Janeiro, tendo nesta cidade falecido em 25/05/1971. Era casado com Juracy Costa, carioca, professora, nascida em 09/05/1920 e falecida em 14/01/1999 no Rio de Janeiro, onde residia. Sem sucessão.

Bn.4.4.7 **Hélio Siqueira Silveira**, oficial da reserva, advogado, engenheiro civil pela Universidade de Juiz de Fora, onde foi professor e vice-reitor. Especializou-se em assuntos portuários e ocupou o cargo de Diretor Geral do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, hoje Portobrás. Privou da amizade de Itamar Franco, depois Presidente da República. Casou com Inezila Guimarães, natural de Juiz de Fora (MG).Filhos do casal:

Tn.4.4.7.1 Regina Guimarães Silveira n.18/10/1950
Tn.4.4.7.2 Marcos Guimarães Silveira n.15/10/1953

Tn.4.4.7.1 **Regina Guimarães Silveira**, engenheira civil, casada com Mário Rocha Souza. Filho do casal:

Qn.4.4.7.1.1 Fernando Rocha Souza n.25/07/1980

Tn.4.4.7.2 **Marcos Guimarães Silveira**, engenheiro civil residente em Brasília, casado com Eliane Crispim Rangel, arquiteta, nascida a 09/06/1952. Filhos do casal:

Qn.4.4.7.2.1 Pedro Rangel Silveira n.09/06/1978
Qn.4.4.7.2.2 Paula Rangel Silveira n.13/09/1981
Qn.4.4.7.2.3 Carla Rangel Silveira n.18/11/1983

Bn.4.4.8 Dr. **Fernando Siqueira Silveira**, médico pediatra, laureado pela Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro e pelo Departamento Nacional da Criança, seu nome é uma referência em medicina pediátrica, pela indiscutível competência largamente demonstrada em anos de profissão e pelo conceito merecido que goza no meio em que atua. Hoje, aposentado pela previdência (INSS), continua clinicando, compondo com quatro filhos médicos, Fernando Júnior, Pedro Jorge, Cláudio e Cristiana Maria, a Clínica Materno Infantil Fernando Silveira. Em 06/11/1952, casou no Rio de Janeiro, com Maria Regina Gentil Porto, nascida em 04/09/1926, filha de Eugênio Porto César do Amaral e Maria Frota Gentil, de tradicionais troncos genealógicos cearenses. Filhos do casal:

Tn.4.4.8.1 Fernando Siqueira Silveira Júnior n.04/08/1954
Tn.4.4.8.2 Pedro Jorge Porto Silveira n.22/10/1955
Tn.4.4.8.3 Cláudio Porto Silveira n.29/08/1957
Tn.4.4.8.4 José Alberto Porto Silveira n.23/03/1959
Tn.4.4.8.5 Cristiana Maria Porto Silveira n.18/07/1960

Tn.4.4.8.1 Dr. **Fernando Siqueira Silveira Júnior**, médico pediatra. Do seu relacionamento com Aparecida Antunes, nasceu:

Qn.4.4.8.1.1 Diego Antunes Silveira n.04/01/1989

Tn.4.4.8.2 Dr. **Pedro Jorge Porto Silveira**, médico pediatra, casou em 04/07/1985, na Catedral com Morgana Colares Pimentel, filha de Tarquilio Pimentel e Efigênia Colares Pimentel. Divorciados. Sem sucessão.

Tn.4.4.8.3 Dr. **Cláudio Porto Silveira**, médico obstetra, formado em 1982, casou na Igreja do Cristo Rei, em 13/05/1988, com Maria Helena Castro Macedo, nascida em 29/10/1957, filha de Fernando Dias Macedo e Maria Helena Castro Macedo. Separados. Sem Sucessão.

Tn.4.4.8.4 **José Alberto Porto Silveira** faleceu de forma estúpida e profundamente lamentável, em conseqüência da queda de um cabo de alta tensão na ocasião em que, jovem universitário, se encontrava em companhia da namorada, Wilka Silva Albuquerque, em frente a casa dela, situada na Rua Canuto de Aguiar, 734, em Fortaleza. Contava apenas 21 anos e cursava o quarto semestre do curso de Odontologia da UFC, enquanto Wilka, filha de Waldemar de Albuquerque Souza e de Maria Ilka Silva Albuquerque, no esplendor de seus dezessete anos, cursava a última série do 2º grau do Colégio

Christus. Wilka foi atingida primeiro. José Alberto num gesto reflexo de socorro, ao tocá-la foi fulminado. O brutal acidente, ocorrido a 19 de outubro de 1980, domingo, causou consternação geral e profunda emoção nos enterramentos dos corpos, de Wilka em Pacatuba (CE) e de José Alberto no Parque da Paz, em Fortaleza, onde descansam em paz e aguardam a ressurreição dos mortos.

Tn.4.4.8.5 Dra. **Cristiana Maria Silveira Andrade**, médica pediatra, casada com o Dr. Newton Leitão de Andrade, médico oculista, proprietário da Clínica Leiria de Andrade, filho de Leiria de Andrade Júnior e Francisca Leitão de Andrade (Fanca). Filhos do casal:

Qn.4.4.8.5.1 Luí Silveira Andrade n.27/06/1990
Qn.4.4.8.5.2 Luana Silveira Andrade n.20/05/1993

Bn.4.4.9 **Maria Diva Siqueira Silveira**, batizada na Igreja do Carmo, em 27/12/1926, tendo por padrinhos Júlio César da Fonseca Filho e Maria Luiza Machado da Fonseca. Faleceu aos onze meses.

Bn.4.4.10 **Maria Dícia Siqueira Silveira**, de singular beleza, inteligente e bondosa, foi escolhida Princesa dos Estudantes, nos tempos áureos do Centro Estudantal Cearense, em cuja galeria de jovens e belas princesas e rainhas, figurava sua foto. Faleceu inupta, aos 28 anos, no Rio de Janeiro, onde está sepultada.

Bn.4.4.11 **Waldo Siqueira Silveira**, falecido aos cinco meses.

Bn.4.4.12 Dr. **Isaías Domingos Silveira Filho** é oficial da reserva do Exército Nacional, turma de 1949 do CPOR de Fortaleza. Formado em odontologia pela UFC, em 1952, tem um invejável currículo. Ocupou várias funções e cargos públicos, com competência e probidade. Em 22/07/1949 é admitido no antigo Iapetc, no qual foi fiscal, chefe da Seção de Manutenção, chefe da Secretaria Médica e diretor da Divisão de Benefícios. No INPS foi oordenador adjunto de benefícios, superintendente Regional Adjunto e superintendente Regional, nomeado em 09/07/1971. Em agosto de 1976, foi nomeado assessor do governador do Ceará, para assuntos sociais, em nível de secretário de Estado. No Iapas foi Diretor Regional de Pessoal, Secretário Regional, nomeado em 1º/02/1980, cargo que voltou a ocupar em agosto de 1983, após aposentar-se, no mesmo Instituto, por tempo de serviço (35 anos), sem uma única falta. Todas as funções e cargos ocupados, podem ser creditados a sua reconhecida competência e dedicação ao trabalho, sem eivas de indicações ou interferências políticas de qualquer natureza. É casado com Maria Amélia Vasconcelos de Menezes, nascida em 26/09/1931, filha de Demóstenes Gomes de Menezes e Josita Vasconcelos de Menezes. São filhos do casal:

Tn.4.4.12.1 Suzana Cláudia de Menezes Silveira n.13/02/1954
Tn.4.4.12.2 Enio Ney de Menezes Silveira n.10/01/1958

Tn.4.4.12.1 **Suzana Cláudia Silveira Martins**, nome adotado após o casamento, engenheira química, professora concursada da UFC, possuindo mestrado, casada com o Dr. José Martins Neto, médico urologista. São filhos do casal:

Qn.4.4.12.1.1 Andréa Silveira Martins n.02/03/1980
Qn.4.4.12.1.2 Adriana Silveira Martins n.06/07/1982
Qn.4.4.10.1.3 Victor Silveira Martins n.17/10/1983

Qn.4.4.12.1.1 **Andréa Silveira Martins** é universitária de medicina.

Tn.4.4.12.2 **Ênio Ney de Menezes Silveira**, engenheiro mecânico e elétrico. Vocacionado para o magistério, muito jovem começou a lecionar, preparando alunos para o Colégio Militar de Fortaleza. É proprietário do curso Antares, ligado ao Colégio S. Pedro e autor de diversos e excelentes livros de matemática pela Editora Moderna. É diretor pedagógico de planejamento e marketing do sistema Honorah de ensino. Casou na Igreja da Paz, em Fortaleza, a 03/07/1984 com Vera Maria Nogueira Melo, formada em odontologia, nascida em 06/11/1957, filha de Gentil Melo e Margarida Maria Nogueira Melo. São pais de três filhos menores e estudantes, a saber:

Qn.4.4.12.2.1 Priscila Melo Silveira n.25/09/1984
Qn.4.4.12.2.2 Ingrid Melo Silveira n.30/01/1992
Qn.4.4.12.2.3 Ênio Ney de Menezes Silveira Filho n.04/07/1994

N.4.5 **Adolphina Siqueira Meireles**, batizada na Matriz do Patrocínio, aos 29 de junho de 1892, pelo vigário João Paulo Barbosa, sendo padrinhos, João Baptista Lopes e Maria José Lopes. Casou com Aristides de Lima Meirelles, filho de Antônio de Lima Meirelles e Porsina de Lima Meirelles, às 7 horas da tarde (sic), do dia 23 de março de 1912, em casa particular a Rua General Sampaio, sendo celebrante o monsenhor João Dantas Ferreira Lima, então vigário do Patrocínio. Aristides era natural de Minas Gerais. Faleceu aos sessenta anos de "paralisia ascendente", sendo inumado em 26/03/1945, no São João Batista, em Fortaleza. D. Adolphina Siqueira Meireles, faleceu no dia 26 de julho de 1974. São filhos do casal:

Bn.4.5.1 Antônio Siqueira Meireles n.06/04/1913
Bn.4.5.2 Nilo Siqueira Meireles n:17/06/1914
Bn.4.5.3 Francisco Siqueira Meireles n.12/03/1916
Bn.4.5.4 Eliezer Siqueira Meireles n.27/01/1919
Bn.4.5.5 Maria Carmélia Siqueira Meireles n.19/10/1921

Bn.4.5.6 Heloisa Siqueira Meireles n.02/02/1926
Bn.4.5.7 Maria Amélia Siqueira Meireles n.01/08/1930

Bn.4.5.1 **Antônio Siqueira Meireles** casou em 22/12/1942, na Igreja do Carmo, com Júlia Nunes de Freitas ou Júlia Nunes Meireles, nome adotado após o casamento, natural de Senador Pompeu (CE), filha de Aureliano Nunes Freitas e Isabel Vieira da Costa, nascida em 01/10/1922 e falecida em 23/02/1989. O casamento somente teve duas proclamas, por motivo de viagem urgente, diz o termo. Filhos do casal:

Tn.4.5.1.1 Reginaldo Nunes Meireles n.21/10/1943
Tn.4.5.1.2 Sérgio Nunes Meireles
Tn.4.5.1.3 Bertrand Nunes Meireles n.10/03/1947
Tn.4.5.1.4 Regina Lúcia Nunes Meireles n.17/04/1948
Tn.4.5.1.5 Dennis Nunes Meireles n.11/06/1949
Tn.4.5.1.6 César Nunes Meireles n.02/06/1950

Tn.4.5.1.1 **Reginaldo Nunes Meireles** casou em 30/03/1979, com Regina Coeli Quintela de Morais, ela com 21 anos, filha de José Bento de Morais e Josefa Quintela de Morais.

Tn.4.5.1.3 **Bertrand Nunes Meireles**, no dia 28/01/1967, aos dezenove anos, casou na Igreja do Carmo, com Berenice Tavares Bandeira, de catorze anos, filha de Francisco Pinto Bandeira e Rocilda Tavares Bandeira. Tem um segundo casamento com Maria Vitória.

Filhos do primeiro leito:

Qn.4.5.1.3.1 Adriana Bandeira Meireles
Qn.4.5.1.3.2 Fábio Bandeira Meireles

Tn.4.5.1.4 **Regina Lúcia Meireles Jorge de Souza**, comerciante, casou com Deolindo Jorge de Souza, também comerciante. São filhos do casal:

Qn.4.5.1.4.1 Juliane Meireles Jorge de Souza
Qn.4.5.1.4.2 Antônio Ernesto Meireles Jorge de Souza
Qn.4.5.1.4.3 Marília Meireles Jorge de Souza
Qn.4.5.1.4.4 Tales Meireles Jorge de Souza
Qn.4.5.1.4.5 Álvaro Meireles Jorge de Souza

Bn.4.5.2 **Nilo Siqueira Meireles** casou com Maria Laura Ferreira Meireles, sendo filhos do casal:

Tn.4.5.2.1 Francisco Danilo Ferreira Meireles
Tn.4.5.2.2 Francisco Gotardo Ferreira Meireles
Tn.4.5.2.3 Tereza Donizete Ferreira Meireles n.21/08/1937
Tn.4.4.2.4 Francisco Tarcísio Ferreira Meireles n.11/11/1938
Tn.4.5.2.5 Francisco Delano Ferreira Meireles n.15/01/1940
Tn.4.5.2.6 Francisco Aristides Ferreira Meireles

Tn.4.5.2.7 Francisco Donaldo Ferreira Meireles n.17/04/1943
Tn.4.5.2.8 Francisco Hermano Ferreira Meireles
Tn.4.5.2.9 Francisco Antônio Ferreira Meireles
Tn.4.5.2.10 Tereza Leda Ferreira Meireles
Tn.4.5.2.11 Tereza Cristina Ferreira Meireles

Tn.4.5.2.3 **Tereza Donizete Meireles Pinheiro**, nome adotado após casar com Sandoval Lopes Pinheiro. Desse consórcio nasceram:

Qn.4.5.2.3.1 Carlos Heveldo Meireles Pinheiro
Qn.4.5.2.3.2 Valdívia Meireles Pinheiro
Qn.4.5.2.3.3 Maria Laura Meireles Pinheiro
Qn.4.5.2.3.4 Gláucia Meireles Pinheiro
Qn.4.5.2.3.5 Tércia Meireles Pinheiro
Qn.4.5.2.3.6 Francisco Clautenes Meireles Pinheiro

Tn.4.5.2.3 **Francisco Delano Ferreira Meireles** casou em 20/07/1966, na paróquia de S. Sebastião, em Pirapora (MG), com Ruth Gomes da Silva.

Bn.4.5.3 **Francisco Siqueira Meireles** (Cici) faleceu aos 72 anos, no dia 06/01/1989, viúvo de Luiza Bezerra Meireles, nascida a 08/03/1914 e falecida a 08/02/1986. Filhos do casal:

Tn.4.5.3.1 Fernando Bezerra Meireles n.16/06/1941
Tn.4.5.3.2 José Bezerra Meireles n.06/03/1943
Tn.4.5.3.3 Paulo Bezerra Meireles n.25/05/1946
Tn.4.5.3.4 Hélio Bezerra Meireles n.18/07/1947
Tn.4.5.3.5 Marcílio Bezerra Meireles n.27/03/1949
Tn.4.5.3.6 Maria Simone Bezerra Meireles n.14/03/1950
Tn.4.5.3.7 George Bezerra Meireles n.07/05/1951
Tn.4.5.3.8 Diana Bezerra Meireles n.18/06/1953

Tn.4.5.3.3 **Paulo Bezerra Meireles**, casado com Eliana Montenegro Terceiro, filha de Carleone Teles Terceiro e Elisa Holanda Montenegro Terceiro. Filhos do casal:

Qn.4.5.3.3.1 Ana Paula Montenegro Meireles
Qn.4.5.3.3.2 Ellis Roberta Montenegro Meireles
Qn.4.5.3.3.3 Paulo Roberto Montenegro Meireles
Qn.4.5.3.3.4 Breno Montenegro Meireles

Qn.4.5.3.3.2 **Ellis Roberta Montenegro Meireles** nasceu em 18/11/1971 e casou em 02/06/1990, na Igreja do Cristo Rei, com seu parente José Theóphilo Gurgel Neto, nascido em 23/07/1964, filho de José Theóphilo Gurgel Filho e Cláudia Jucá Pinheiro Gurgel. Ver F5 – item Tn.5.15.5.3. Filhos:

Pn.4.5.3.3.2.1 Ícaro Meireles Gurgel n.28/09/1990
Pn.4.5.3.3.2.2 Juliana Meireles Gurgel n.11/01/1994

Bn.4.5.4 **Eliezer Siqueira Meireles**, representante comercial, casou em 09/09/1942, na Igreja do Carmo, com Marina da Cunha

Holanda, natural de Quixadá (CE), filha de José Batista Holanda e Ana da Cunha Holanda e faleceu a 02/11/1984, aos 65 anos, de hipertensão arterial grave, estando sepultado no cemitério Parque da Paz. Filhos do casal:

Tn.4.5.4.1 Maria Ângela Holanda Meireles
Tn.4.5.4.2 Norma Holanda Meireles
Tn.4.5.4.3 Francisco Eduardo Holanda Meireles
Tn.4.5.4.4 Maria de Fátima Holanda Meireles
Tn.4.5.4.5 Márcia Holanda Meireles
Tn.4.5.4.6 Wagner Holanda Meireles

Tn.4.5.4.1 **Maria Ângela Meireles Cabral Alves** casou com Manuel Cabral Alves. Filhos:

Qn.4.5.4.1.1 Cristiane Meireles Cabral Alves
Qn.4.5.4.1.2 Fernando Meireles Cabral Alves
Qn.4.5.4.1.3 Manuela Meireles Cabral Alves

Tn.4.5.4.2 **Norma Holanda Meireles** casou aos 21 anos, em 25/03/1967, na Catedral, com Roberto Moura Riquet, filho de Oscar Riquet Nogueira e Francisca Lindaura Moura Nogueira. Filhos do casal:

Qn.4.5.4.2.1 Adriano Meireles Riquet
Qn.4.5.4.2.2 Norma Meireles Riquet n.09/04/1971
Qn.4.5.4.2.3 Daniel Meireles Riquet
Qn.4.5.4.2.4 Rochele Meireles Riquet

Tn.4.5.4.3 **Francisco Eduardo Holanda Meireles** casou aos 26 anos, em 12/05/1976, na Catedral, com Maria das Graças Nogueira Prata, com 26 anos, filha de Flávio da Cunha Prata e Maria Terezinha da Cunha Prata.

Tn.4.5.4.4 **Maria de Fátima Holanda Meireles** casou aos 22 anos, em 17/05/1972, na Catedral, com Ari Amilcar Moreira, com 28 anos, filho de Butel da Rocha Moreira e Francisca Pinto Moreira. Filhos:

Qn.4.5.4.4.1 Ticiana Meireles Moreira
Qn.4.5.4.4.2 Lara Meireles Moreira

Bn.4.5.5 **Maria Carmélia Siqueira Meireles**, funcionária pública federal, faleceu inupta a 19/12/1976.

Bn.4.5.6 **Heloísa Siqueira Meireles** casou com Odilon Filgueiras Lima, alto comerciante em Iguatu (CE), nascido a 20/03/1911, filho de Silvino Filgueiras Lima e Cecília Tavares Filgueiras Lima e irmão do professor e grande poeta Antônio Filgueiras Lima. Após o casamento adotou o nome de Heloísa Meireles Filgueiras. Filhos do casal:

Tn.4.5.6.1 Mirtes Meireles Filgueiras
Tn.4.5.6.2 Mauro Meireles Filgueiras n.31/01/1953

Tn.4.5.6.3 Silvino Filgueiras Neto n.29/03/1954
Tn.4.5.6.4 Aristides Meireles Filgueiras n.15/08/1955
Tn.4.5.6.5 Jânio Meireles Filgueiras n.27/02/1960
Tn.4.5.6.6 Tarso Meireles Filgueiras n.10/04/1962
Tn.4.5.6.7 Ulisses Meireles Filgueiras n.31/04/1963

Tn.4.5.6.1 **Mirtes Meireles Filgueiras** casou em 28/06/1970 com o advogado Paulo de Tarso Marques Gadelha. Após o casamento adotou o nome de Mirtes Filgueiras Gadelha. São filhos do casal:

Qn.4.5.6.1.1 Georgea Filgueiras Gadelha
Qn.4.5.6.1.2 Germana Filgueiras Gadelha
Qn.4.5.6.1.3 Giovana Filgueiras Gadelha

Tn.4.5.6.2 **Mauro Meireles Filgueiras**, advogado e auditor fiscal da Receita Federal, casou com Maria Elizabeth Aguilar Filgueiras, juíza de Direito. Filhos do casal:

Qn.4.5.6.2.1 Rebeca Filgueiras Aguilar
Qn.4.5.6.2.2 Mauro Meireles Filgueiras Filho

Tn.4.5.6.3 **Silvino Filgueiras Neto**, administrador de empresas, trabalha no setor de vendas da Petrobrás, casou em 10/08/1976 com a contadora Marineuza Viana Filgueiras. Filhos:

Qn.4.5.6.3.1 Odilon Filgueiras Lima Neto
Qn.4.5.6.3.2 José Igor Viana Filgueiras
Qn.4.5.6.3.3 Silvino Meireles Filgueiras Filho

Tn.4.5.6.4 **Aristides Meireles Filgueiras**, agente da Polícia Federal, casou em 22/12/1978 com Mariângela Andrade Filgueiras. Filhos do casal:

Qn.4.5.6.4.1 Sareny Andrade Filgueiras
Qn.4.5.6.4.2 Aristides Meireles Filgueiras Filho
Qn.4.5.6.4.3 Mariana Andrade Filgueiras

Tn.4.5.6.5 **Jânio Meireles Filgueiras**, vendedor, casou com Florence Damasceno Filgueiras, Assistente Social. São filhos do casal:

Qn.4.5.6.5.1 Jânio Meireles Filgueiras Filho
Qn.4.5.6.5.2 Gabrielle Damasceno Filgueiras

Tn.4.5.6.6 **Tarso Meireles Filgueiras**, pedagogo, casou em 06/07/1985 com a professora Rosângela Gomes Filgueiras. Filhos do casal:

Qn.4.5.6.6.1 Tássia Gomes Filgueiras Lima
Qn.4.5.6.6.2 João Valter Gomes Neto

Tn.4.5.6.7 **Ulisses Meireles Filgueiras**, contador, casou em 31/04/1985 com a professora Sandra Ribeiro Gurgel. Filho do casal:

Qn.4.5.6.7.1 Ulisses Meireles Filgueiras Filho

Bn.4.5.7 **Maria Amélia Siqueira Meireles**, em 24/10/1948, figura na turma de concludentes do curso ginasial do Colégio Lourenço Filho. Casou com Antônio Cordeiro Cruz, nascido a 12/06/1926. Maria Amélia Meireles Cordeiro, nome que

adotara após o casamento, faleceu em Fortaleza, no dia 16 de setembro de1998. Filhos do casal:

Tn.4.5.7.1 Márcia Meireles Cordeiro
Tn.4.5.7.2 Wagner Meireles Cordeiro
Tn.4.5.7.3 Antônio Cordeiro Júnior n.26/03/1956
Tn.4.5.7.4 Ruy Meireles Cordeiro
Tn.4.5.7.5 Karla Meireles Cordeiro

N.4.6 **Branca Siqueira de Albuquerque Monteiro**, batizada na Sé, em 16/07/1898, pelo padre Francisco M. Feitosa, tendo por padrinhos, Osvald Studart e Júlia Studart. Casou em janeiro de 1916, com José de Albuquerque Monteiro (Pepino), funcionário dos Correios e Telégrafos, natural de Icó (CE), nascido em 09/03/1892, filho de José Carneiro Monteiro e Estephânia de Albuquerque Monteiro. José de Albuquerque Monteiro tinha um tio sacerdote de nome José que estudara em Roma. Em italiano José é Giuseppe. Na Itália recebera o apelido de Pepe que corresponde ao nosso Zé. De volta ao Ceará chamava de Pepino, o garoto seu sobrinho, como um diminutivo de seu próprio apelido. O nome pegou e extrapolou o círculo familiar e assim José de Albuquerque Monteiro ficou conhecido. Um de seus filhos, José Paulo, incorporou o apelido do pai, a sua descendência. Pepino, portanto, não tem nenhum significado genealógico, mas caracteriza o nascimento de uma nova família. Deus abençoou a feliz união de Branca e Pepino, concedendo-lhes a graça de bem educar os filhos e permanecerem casados por mais de 61 anos. Faleceram em Fortaleza, onde viveram toda a vida matrimonial, ambos com 85 anos. Pepino em 07/05/1977 e Dona Branca em 24/07/1983. Filhos do casal:

Bn.4.6.1 José de Albuquerque Monteiro Filho n.29/10/1917
Bn.4.6.2 Maria Estefânia de Albuquerque Monteiro n.31/08/1919
Bn.4.6.3 Maria Antoniêtta de Albuquerque Monteiro n.06/01/1921
Bn.4.6.4 Maria Albanisa de Albuquerque Monteiro n.26/03/1923
Bn.4.6.5 José Diogo de Albuquerque Monteiro n.24/03/1927
Bn.4.6.6 José Paulo de Albuquerque Monteiro n.11/04/1930
Bn.4.6.7 José Erialdo de Albuquerque Monteiro n.25/08/1936

Bn.4.6.1 **José de Albuquerque Monteiro Filho** foi estatístico do Ministério da Saúde, Oficial R1 do Exército. Durante a Segunda Guerra Mundial serviu como capitão no 29º Batalhão de Caçadores. Casou no Rio de Janeiro, em 17/05/1941, com Leda de Abreu Caminada, filha de Aderbal Caminada e Isabel de Abreu Caminada. Deste casamento não houve filhos. Em 1975, teve uma segunda união com Maria Neyli Araújo, filha de Antônio Pompeu Filho e Ana Didita Araújo.

Filha do segundo leito:

Tn.4.6.1.1 Ana Elise Araújo de Albuquerque Monteiro n.27/07/1980

Tn.4.6.1.1 **Ana Elise Araújo de Albuquerque Monteiro**, estudante, em 29/11/1997, casou com Gustavo Nelson Chaves Filho, filho de Gustavo Nelson Chaves e Edirle Milfont Chaves. Filha do casal:

Qn.4.6.1.1.1 Ana Beatriz de Albuquerque Monteiro Chaves n.02/03/1998

Bn.4.6.2 **Maria Estephânia de Albuquerque Monteiro**, na sua juventude aprendeu francês e piano, caracterizando a esmerada educação que recebera. Casou em Fortaleza, em casa particular e por procuração, em 30/05/1939, com Paulo Braga Rocha Lima, oficial do Exército, hoje general, nascido em 23/07/1915, filho do Dr. Abdenago Rocha Lima e Maria Braga Rocha Lima. Ao tempo da Segunda Guerra Mundial, o então capitão Paulo Braga Rocha Lima, integrou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), tendo embarcado no transporte de guerra "U.S.S. General M.C. Meigs", no porto do Rio de Janeiro, com destino ao teatro de operações na frente italiana, em fevereiro de 1945. D. Maria Estephania Monteiro Rocha Lima, nome adotado após o casamento, senhora de finíssimo trato, foi superintendente da Legião Brasileira de Assistência no Ceará, dedicando-se sempre com abnegação a causa dos menos favorecidos. Ao lado do marido, participou intensamente das promoções e atividades do Lions Clube Jangada, sendo por isso considerada Domadora símbolo do leonismo no Ceará. É nome de hospital na cidade de Juazeiro do Norte (CE). Como esposa de oficial, em tempo de guerra, guarda de memória os instantes difíceis pelos quais passou que se postos em letra de forma, daria um interessante e curioso relato. Filhos:

Tn.4.6.2.1 Maria Inês Rocha Lima n.22/05/1941
Tn.4.6.2.2 José Hélio Rocha Lima n.03/03/1944
Tn.4.6.2.3 Vera Maria Rocha Lima n.19/05/1945
Tn.4.6.2.4 Iêda Maria Rocha Lima n.01/02/1949
Tn.4.6.2.5 Paulo Antônio Rocha Lima n.29/03/1956
Tn.4.6.2.6 Fernando Antônio Rocha Lima n.30/07/1958
Tn.4.6.2.7 Paulo Rocha Lima Filho n.15/03/1960

Tn.4.6.2.1 **Maria Inês Rocha Lima**, natural de Aracaju (SE), formada em administração de empresas, casou na Igreja de Fátima, em 02/12/1961, com Haroldo Gomes Barbosa, filho de Raimundo de Freitas Barbosa e Maristela Gomes Barbosa. Filhos do casal:

Qn.4.6.2.1.1 Brenno Rocha Lima Barbosa n.25/11/1962
Qn.4.6.2.1.2 Adriana Rocha Lima Barbosa n.27/02/1964

Qn.4.6.2.1.1 **Brenno Rocha Lima Barbosa**, comerciário, casou com Ana Alice. Filhos:

Pn.4.6.2.1.1.1 Mariana Campos Barbosa n.12/08/1988
Pn.4.6.2.1.1.2 Brenno Rocha Lima Barbosa Filho n.15/11/1991

Qn.4.6.2.1.2 **Adriana Rocha Lima Barbosa**, pedagoga, casou com Carlos Alberto de S. Barros, graduado em comunicação social, pós graduado em relações públicas (UFC) e em administração pública pela FGV. Separada. Tem uma segunda união com Augusto Glauco Gondim, filho de Franklin Monteiro Gondim e Ricardina Gondim, não havendo sucessão deste segundo leito.

Filhos do primeiro leito:

Pn.4.6.2.1.2.1 Carlos Alberto da Silveira Barros Filho n.01/02/1984
Pn.4.6.2.1.2.2 Carlos Eduardo Barbosa da Silveira Barros n.28/06/1986
Pn.4.6.2.1.2.3 Carlos Augusto Barbosa da Silveira Barros n.28/12/1988

Tn.4.6.2.2 **José Hélio Rocha Lima**, jornalista e radialista, casou na Igreja de Santa Luzia, no dia 04/09/1968, com Regina Coeli Mendes Lima, natural do Rio de Janeiro. Divorciado. Teve uma segunda união com Áurea Maria Nogueira de Castro, natural de Aracati (CE), filha de Flávio Osório de Castro e Maria José Nogueira de Castro. Tem uma terceira união com Wilma Rodrigues. Há descendência do primeiro e terceiro leitos:

Filhos do primeiro leito:

Qn.4.6.2.2.1 Paulo Braga Rocha Lima Neto n.01/05/1973
Qn.4.6.2.2.2 Flávia Estefânia Rocha Lima n.01/04/1974
Qn.4.6.2.2.3 Marise Cristiane Rocha Lima n.21/12/1978
Qn.4.6.2.2.4 Áurea Helena Rocha Lima n.10/07/1982

Filhos do terceiro leito:

Qn.4.6.2.2.5 Lana Wilma Rocha Lima n.27/06/1989
Qn.4.6.2.2.6 José Hélio Rocha Lima Filho n.31/08/1992

Qn.4.6.2.2.1 **Paulo Rocha Lima Neto**, advogado pela Unifor, turma de dezembro de 1997.

Tn.4.6.2.3 **Vera Maria Rocha Lima**, psicóloga, casou no dia 24/07/1964, na Igreja de Fátima com seu parente José Sérgio Silveira, advogado, economiário, nascido em 27/12/1942, filho de Francisco Diogo Silveira e Emerita Matos da Silva. Ver F4 - item Tn.4.4.1.2. Divorciada. Em 27/10/1999, contraiu segundas núpcias com o Dr. Lauro Ramos Torres de Melo.

Filhos do primeiro leito:

Qn.4.6.2.3.1 Ana Paula Rocha Lima Silveira n.31/07/1965
Qn.4.6.2.3.2 Maria Estephânia Rocha Lima Silveira n.28/10/1967

Qn.4.6.2.3.1 **Ana Paula Rocha Lima Silveira**, psicóloga, casou no Rio de Janeiro, no dia 27/07/1985 com Armando Machado, nascido em 25/10/1960. Filho do casal:

Pn.4.6.2.3.1.1 Fábio Silveira Machado n.04/10/1990

Qn.4.6.2.3.2 **Maria Estephânia Rocha Lima Silveira**, fonoaudióloga, casou em 24/07/1990, com Fábio Porto Guimarães, nascido em 19/02/1966. Filhos do casal:

Pn.4.6.2.3.2.1 Victor Silveira Ferreia n.29/03/1996
Pn.4.6.2.3.2.2 Gabriel Silveira Ferreira n.03/03/1998

Pn.4.6.2.3.2.1 **Victor Silveira Ferreira** faleceu com apenas dois dias, em 31/03/1996.

Tn.4.6.2.4 **Ieda Maria Rocha Lima**, odontóloga, com especialização em ortodontia, casou na Igreja da Paz (Fortaleza), em 30/05/1973, com Sérgio Silva Vieira da Fonseca, filho do coronel Dr. Jerson Braga Vieira da Fonseca e Ione Silva Vieira da Fonseca. Após o casamento adotou o nome de Ieda Maria Rocha Lima Vieira da Fonseca. Filhos do casal:

Qn.4.6.2.4.1 Ênio Rocha Lima Vieira da Fonseca n.16/04/1975
Qn.4.6.2.4.2 Daniel Rocha Lima Vieira da Fonseca n.20/04/1977
Qn.4.6.2.4.3 Léa Rocha Lima Vieira da Fonseca n.07/09/1978

Tn.4.6.2.5 **Paulo Antônio Rocha Lima**, comerciante, casou na Igreja de São Vicente, em 22/12/1976 com Roseane Maria Campos, filha de José Alves Campos e Maria Rosita Sobral Campos. Divorciado. Tem uma segunda união com Jocirene Maria, sem sucessão. São filhos do primeiro leito:

Qn.4.6.2.5.1 Pauliani Campos Rocha Lima n.27/12/1977
Qn.4.6.2.5.2 Marcel Campos Rocha Lima n.03/09/1979

Qn.4.6.2.5.1 **Pauliani Campos Rocha Lima**, acadêmica de pedagogia (Unifor), casou em 14/12/1995, com Carlos Cristiano Leal Cruz. Filha do casal:

Pn.4.6.2.5.1.1 Cristiani Rocha Lima Cruz n.28/03/1996

Qn.4.6.2.5.2 **Marcel Campos Rocha Lima** cursa engenharia civil na Unifor.

Tn.4.6.2.6 **Fernando Antônio Rocha Lima**, pecuarista, casou na Igreja da Paz, em 26/06/1979, com Maria Auxiliadora Leandro de Freitas, filha de Pedro Leôncio de Freitas e Francisca Leandro de Freitas. Divorciado. Tem uma segunda união com Maria Leidimar dos Santos Alves.

Filhos do primeiro leito:

Qn.4.6.2.6.1 Aline Freitas Rocha Lima n.08/02/1980
Qn.4.6.2.6.2 Fernando Antônio Rocha Lima Filho n.19/04/1985

Filha do segundo leito:

Qn.4.6.2.6.3 Fernanda Alves Rocha Lima n.06/12/1996

Tn.4.6.2.7 **Paulo Rocha Lima Filho**, formado em educação física, casou na Igreja da Paz, , em 02/08/1986, com Daniela Fonseca Galant, natural de Porto Algre (RS), nascida a 18 de fevereiro de 1965, filha de Mauro Moreira Galant e Ana Maria Fonseca Galant. Divorciado. Transferiu residência para a França, onde uniu-se a Dra. Nathalie Jeanne Nicole Broutet, francesa, médica, filha de Edgard Broutet e Paulette Broutet.

Filhos do primeiro leito:

Qn.4.6.2.7.1 Rodrigo Galant Rocha Lima n.08/02/1988
Qn.4.6.2.7.2 Luiza Galant Rocha Lima n.23/10/1990

Filhos do segundo leito:

Qn.4.6.2.7.3 Paul Alexis Rocha Lima n.01/08/1991
Qn.4.6.2.7.4 Louis Edgard Rocha Lima n.07/12/1994
Qn.4.6.2.7.5 Jules Pierre Rocha Lima n.14/04/1997

Bn.4.6.3 **Maria Antonièta de Albuquerque Monteiro**, professora diplomada, técnica do Tesouro Nacional, aposentada, casou com Nestor Alberto Amaral da Cunha, advogado, procurador da Fazenda Nacional, aposentado. Após o casamento, adotou o nome de Maria Antonieta Amaral da Cunha. O casal reside em Jundiaí (SP), e são seus filhos:

Tn.4.6.3.1 João Alberto Amaral da Cunha n.06/06/1954
Tn.4.6.3.2 Judith Amaral da Cunha n.07/08/1956
Tn.4.6.3.3 Nestor Alberto Amaral da Cunha Júnior n.12/02/1958

Tn.4.6.3.1 **João Alberto Amaral da Cunha**, engenheiro eletrônico, gerente da Philips do Brasil Ltda, Divisão de Componentes, nasceu em São Paulo (SP), onde reside. Casado em primeiro matrimônio com Ana Carolina Marcondes Cabral; em segundo com Dulce Ferreira Cabral; e em terceiro, com Rosângela Dal Bom. As quatro primeiras filhas nasceram em S. Paulo (SP) e a quinta e caçula, na cidade de Aachen, Alemanha. Residem em S. Paulo, com exceção da primogênita Patrícia que reside no Recife onde cursa a Universidade Federal e leciona língua inglesa.

Filha do primeiro leito:

Qn.4.6.3.1.1 Patrícia Cabral Amaral da Cunha n.18/03/1977

Filhos do segundo leito:

Qn.4.6.3.1.2 Juliana Cabral Amaral da Cunha n.31/01/1980
Qn.4.6.3.1.3 Regina Cabral Amaral da Cunha n.17/12/1982
Qn.4.6.3.1.4 Marieta Cabral Amaral da Cunha n.10/07/1985

Filha do terceiro leito:

Qn.4.6.3.1.5 Letícia Dal Bom Amaral da Cunha n.14/12/1996

Tn.4.6.3.2 **Judith Amaral da Cunha** nasceu em S. Paulo (SP), graduada em enfermagem de alto padrão pela PUC de Campinas (SP), casada com Paulo Rowilson Cunha, residentes em Jundiaí (SP). Filhos do casal, todos nascidos em São Paulo, capital:

Qn.4.6.3.2.1 Tibério Amaral Cunha n.26/08/1977
Qn.4.6.3.2.2 Suzana Amaral Cunha n.22/11/1979
Qn.4.6.3.2.3 Marília Amaral Cunha n.26/07/1981

Qn.4.6.3.2.1 **Tibério Amaral Cunha** reside em Franca (SP), onde cursa a Faculdade de Direito da Universidade Estadual de São Paulo.

Tn.4.6.3.3 **Nestor Alberto Amaral da Cunha Jr.**, técnico em edificações, projetista de instalações industriais, casado com Marinela Locardi e residentes em Jundiaí (SP). Filhos do casal, todos nascidos em S. Paulo, capital:

Qn.4.6.3.3.1 Renato Alberto Locardi Amaral da Cunha n.17/04/1984
Qn.4.6.3.3.2 Natália Locardi Amaral da Cunha n.03/08/1985

Tn.4.6.3.4 **Ângela Branca Amaral da Cunha** é graduada em tecnologia da informática pela Universidade Mackenzie, funcionária da CEF. É casada com Carlos Augusto Radice e residem em Jundiaí (SP). São filhos do casal, todos nascidos em São Paulo, capital:

Qn.4.6.3.4.1 Nádia Amaral da Cunha Radice n.06/10/1984
Qn.4.6.3.4.2 Tomás Alberto Amaral da Cunha Radice n.25/04/1989
Qn.4.6.3.4.3 Lívia Amaral da Cunha Radice n.07/11/1990
Qn.4.6.3.4.4 Ananda Amaral da Cunha Radice n.07/03/1994

Bn.4.6.4 **Maria Albanisa de Monteiro Soares** casou na Igreja dos Remédios, às 6 horas da manhã, em 19/01/1945, com José Dario Soares, engenheiro agrônomo, professor do Centro de Ciência Agrárias da UFC, filho de Manoel Aprígio Soares e Ana Alice Farias Soares. Maria Albanisa faleceu em sua residência, em 04/11/1975, após permanecer cinco anos e sete meses em coma, em conseqüência de uma mal sucedida cirurgia de um aneurisma. Filhos do casal:

Tn.4.6.4.1 Augusto César n.26/04/1946
Tn.4.6.4.2 José Dario n.28/06/1947
Tn.4.6.4.3 Vanda n.15/01/1949

Tn.4.6.4.4 Regis Francisco n.20/09/1950
Tn.4.6.4.5 Diana Maria n.05/05/1953
Tn.4.6.4.6 Ivone Maria n.27/08/1955
Tn.4.6.4.7 Sérgio n.15/08/1958
Tn.4.6.4.8 Vânia n.21/09/1959
Tn.4.6.4.9 Vanley n.01/10/1964

Tn.4.6.4.1 **Augusto César de Monteiro Soares** casou na Catedral, em 05/02/1972, com Thelma Sá Carneiro da Cunha, filha de Fernando Aloísio Carneiro da Cunha e Zenaide Sá Carneiro da Cunha. Filhos do casal:

Qn.4.6.4.1.1 Alexandre n.05/10/1977
Qn.4.6.4.1.2 Raquel n.30/10/1978

Tn.4.6.4.2 **José Dario Soares Junior** casou na Igreja da Paz, em 07/02/1974, com Márcia Calheiros Dias, filha de Pedro Niron de Vasconcelos Dias e Enaura Calheiros Dias. Filhos:

Qn.4.6.4.2.1 Larissa Calheiros Dias Soares n.16/05/1975
Qn.4.6.4.2.2 Lucas Calheiros Dias Soares n.16/07/1979
Qn.4.6.4.2.3 Naiana Calheiros dias Soares n.08/09/1984

Qn.4.6.4.2.1 **Larissa Calheiros Dias Soares** cursa direito na UFC, casou em 14/11/1997, no Igreja do Líbano, com Cláudio Henrique Gadelha Camurça, filho de João Bosco Camurça dos Santos e Thelma Maria Gadelha Camurça.

Tn.4.6.4.3 **Vanda Monteiro Soares** casou na Catedral, em 11/01/1979, com Aderbal Abraão da Costa, filho de Raimundo Nonato da Costa e Laura Alves da Costa.

Tn.4.6.4.4 **Regis Francisco Monteiro Soares** casou na Igreja da Paz, em 05/04/1979, com Angela de Moura Marques, natural de São Paulo, filha de Antônio Fernando Rendeiro Marques e Diana de Sousa Marques.

Tn.4.6.4.8 **Vânia Monteiro Soares** casou na Igreja da Paz, em 27/07/1982, com Jorge Luís Rios, corretor de imóveis, nascido em 14/12/1956, filho de João Batista Rios e Rita Natércia Rios Júnior. Filhos:

Qn.4.6.4.8.1 Natália Soares Rios n.08/01/1984
Qn.4.6.4.8.2 Ramer Soares Rios n.17/10/1988

Bn.4.6.5 **José Diogo de Albuquerque Monteiro**, funcionário do Ministério da Justiça, pianista, concertista, casou no Rio de Janeiro, onde fixou residência, com Léa Gomes de Albuquerque. Falecido. Sem sucessão.

Bn.4.6.6 **José Paulo de Albuquerque Monteiro**, funcionário público federal (fiscal do INSS), casou-se em 21/06/1952 com Alair Holanda de Albuquerque Monteiro, filha de Aristeu Holanda Cavalcante e Sarah Aguiar Holanda. José Paulo, falecido em 19 de julho de 1986, acrescentou a palavra Pepino ao sobrenome dos filhos, um antigo apelido de seu pai. São filhos do casal:

Tn.4.6.6.1 Eveline Holanda de Monteiro Pepino n.18/03/1953
Tn.4.6.6.2 Paulo Holanda de Monteiro Pepino n.25/09/1954
Tn.4.6.6.3 José Albuquerque Monteiro Pepino n.28/03/1956
Tn.4.6.6.4 Cláudio Holanda de Monteiro Pepino n.25/12/1969
Tn.4.6.6.5 Evelise Holanda de Monteiro Pepino n.09/07/1961
Tn.4.6.6.6 Roberto Holanda de Monteiro Pepino n.16/07/1962
Tn.4.6.6.7 Evandro Holanda de Monteiro Pepino n.23/03/1966

Tn.4.6.6.1 **Eveline Monteiro Mota**, nome adotado após o casamento, pedagoga, casou na Igreja da Paz, em 16/12/1974, com Carlos Nogueira Mota, empresário, filho de Odésio e Neuza Nogueira Mota. Filhos do casal:

Qn.4.6.6.1.1 Karla Monteiro Mota n.26/01/1976
Qn.4.6.6.1.2 Carlos Nogueira Mota Júnior n.12/08/1979
Qn.4.6.6.1.3 Karol Monteiro Mota n.22/04/1981
Qn.4.6.6.1.4 Karine Monteiro Mota n.27/06/1983

Tn.4.6.6.2 **Paulo Holanda de Monteiro Pepino** funcionário federal, fiscal da previdência (INSS), casou na Igreja do Líbano, em 17/03/1981, com Cláudia Novais Dias Pepino, empresária, filha de Wilson Vasconcelos Dias e Cealne Novais Dias. São filhos do casal:

Qn.4.6.6.2.1 Dannia Novais Dias Pepino n.25/09/1981
Qn.4.6.6.2.2 Thatia Novais Dias Pepino n.09/08/1985

Tn.4.6.6.3 **José Albuquerque Monteiro Pepino**, funcionário autárquico, casou com Germana Lopes de Moura. Divorciado. Em 15/07/1984, contraiu segundas núpcias com Maria de Fátima Fontenele de Oliveira, funcionária pública, filha de Sebastião Portela de Oliveira e Terezinha Fontenele de Oliveira.

Filha do primeiro leito:

Qn.4.6.6.3.1 Joseane Lopes de Moura Monteiro Pepino n.04/02/1980

Filhas do segundo leito:

Qn.4.6.6.3.2 Érika de Oliveira Pepino n.28/08/1985
Qn.4.6.6.3.3 Lívia de Oliveira Pepino n.06/11/1991

Tn.4.6.6.4 **Cláudio Holanda de Monteiro Pepino**, comerciante, casou na Igreja da Paz, em 25/02/1985 com Maria Nilza Afonso Macedo Monteiro, comerciante, filha de José Landim de Macedo e Rosa Afonso Brito Macedo, de tradicionais troncos genealógicos do Cariri, conhecidos como Terésios. São filhos do casal:

Qn.4.6.6.4.1 Rafael Macedo Monteiro Pepino n.17/11/1985
Qn.4.6.6.4.2 Raul Macedo Monteiro Pepino n.25/02/1988
Qn.4.6.6.4.3 Renato Macedo Monteiro Pepino n.21/06/1996

Tn.4.6.6.5 **Evelise Monteiro Sobral**, nome adotado após seu casamento, professora, casou na Igreja do Líbano, em 09/07/1990, com Murilo Sérgio Fernandes Sobral, inspetor, filho de Ramon Sobral e de Cilla Fernandes Sobral. Filha do casal:

Qn.4.6.6.5.1 Iago Monteiro Sobral n.25/03/1993

Tn.4.6.6.6 **Roberto Holanda de Monteiro Pepino**, comerciante, casou em 28/12/1993, na Igreja da Paz, com Claudênia Nobre Cunha Pepino, filha de José Cunha de Oliveira e Claudenir Ferreira Nobre Cunha. Filha do casal:

Qn.4.6.6.6.1 Alaír Cunha Monteiro Pepeino n.08/07/1996

Tn.4.6.6.7 **Evandro Holanda de Monteiro Pepino**, solteiro, faleceu aos 31 anos, no dia 3 de dezembro de 1997.

Bn.4.6.7 **José Erialdo Albuquerque Monteiro** casou muito moço, aos dezessete anos, na Igreja do Carmo, em 08/05/1954, com Leda Pinheiro de Macedo, filha de José Júlio Sampaio e Olívia Pinheiro Macedo, com origem no Engenho de Santa Teresa, em Missão Velha (CE), clã geralmente conhecido como Terésios. Filhos do casal:

Tn.4.6.7.1 José Erialdo de Albuquerque Monteiro Jr. n.27/06/1956
Tn.4.6.7.2 Tadeu de Albuquerque Monteiro n.12/07/1959

Tn.4.6.7.1 **José Erialdo Albuquerque Monteiro Júnior**, oficial do Exército, casou no dia 20/03/1980, com Vera Lúcia Schiptoski Monteiro, filha de José Schiptoski e Maria Inácia Schiptoski. Filhos do casal:

Qn.4.6.7.1.1 Patrícia Schiptoski Monteiro n.31/01/1984
Qn.4.6.7.1.2 Cristina Schiptoski Monteiro n.27/06/1987
Qn.4.6.7.1.3 Alexandre Schiptoski Monteiro n.18/07/1988

Tn.4.6.7.2 **Tadeu de Albuquerque Monteiro**, representante comercial, casou no dia 07/04/1985, com Érika Saraiva de Albuquerque Monteiro, filha de César Magalhães Serra e Lucélia Saraiva Serra. Filhos do casal:

Qn.4.6.7.2.1 Bianca Saraiva de Albuquerque Monteiro n.11/10/1985
Qn.4.6.7.2.2 Renata Saraiva de Albuquerque Monteiro n.24/04/1988
Qn.4.6.6.2.3 Gustavo Saraiva de Albuquerque Monteiro n.04/02/1997

Maria Severa Lopes de Siqueira
Sobral 02/01/1860
Fortaleza 1o/10/1954

Francisco Diogo de Siqueira
Sobral 17/08/1862
Fazenda Lajes 19/07/1914

Isaías Domingos Silveira.

Maria Amélia Siqueira Silveira (Beca)

Capitão Paulo Braga Rocha Lima

Família de José de Albuquerque Monteiro (Pepino). Na frente: Maria Albanisa, José Paulo (sentado), José Diogo e Maria Antonieta; atrás: José, D. Branca, Maria Estephania e Sr. Pepino. O caçula Erialdo não está na foto. Não era nascido.

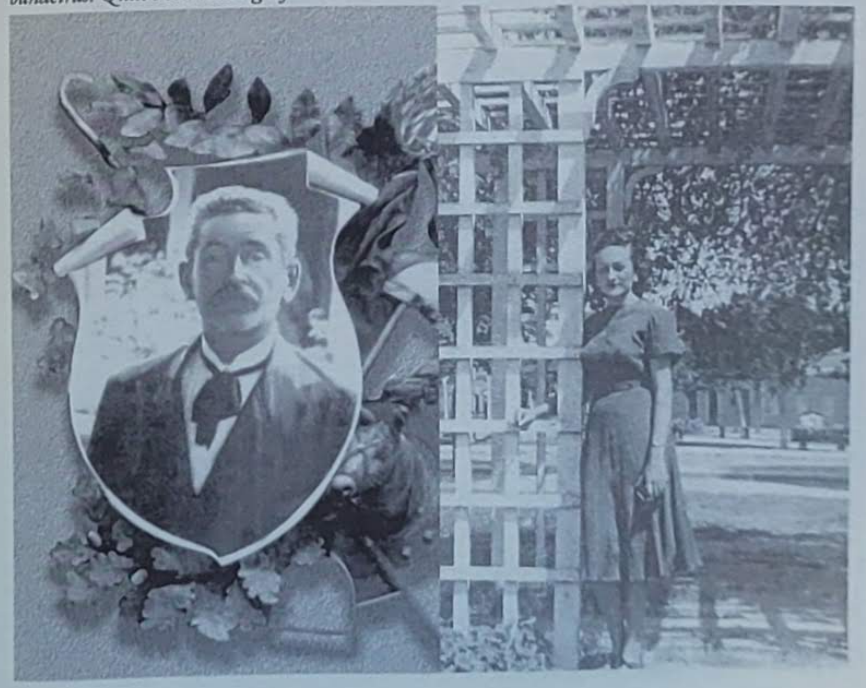
Hélio Siqueira Silveira

Idelvah Siqueira Silveira

Antônio Correia Teixeira, natural de Portugal, marido de Djanira Silveira Teixeira.

Curiosa foto de Francisco Diogo de Siqueira (Chico Diogo), na sua maturidade, recortada e colada sobre símbolos eqüestres, folhas e bandeiras. Qual o seu real significado ?

Djanira Silveira Teixeira. Foto tirada na Praça da Bandeira, hoje Clóvis Beviláqua, em Fortaleza.



Francisco Diogo Silveira (Siló)

Maria Dícia Siqueira Silveira

Joaquim Murilo Silveira

Da esquerda para a direita. Sentados: Diogo, Antonieta, D. Branca com Augusto César, as crianças Hélio e Vera, Sr. Pepino, Paulo com Inês e Erialdo. Em pé: Cap. José, Leda, Dario, Albanisa, Estephania e Cap. Paulo Rocha Lima

Dr. Fernando Siqueira Silveira.

José Alberto Porto Silveira

Os gêmeos Victor e Felipe, bisnetos de D. Djanira

Isaías Domingos Silveira Filho e seu irmão José Diogo Silveira

Virgínia Lúcia com seus filhos: Marcelle, Rafael e Raul dos Santos Neto

Ruy Castor de Menezes *Dilara Silveira Castor*

D. Djanira Silveira Teixeira com seus filhos: Antônio Eduardo e Virgínia Lúcia, à esquerda da foto, e Lúcia Amélia à direita.

Antônio Diogo de Siqueira

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Sobral não é a terra natal de Antônio Diogo de Siqueira, como consta do livro, **Homens e Vultos de Sobral**,[1] que o dá como nascido em Aracatiaçu, distrito daquele município ou como está no **Dicionário Biobibliográfico Cearense**,[2] que o diz nascido em Sobral, ou como consta da **Cronologia Sobralense**,[3] que quando se refere às efemérides do ano de 1864, diz textualmente: "1º. DE SETEMBRO, (5a.- feira): Nasce Antônio Diogo de Siqueira, industrial e político de projeção", sem precisar onde, mas deixando no leitor a impressão de que o local do nascimento fora Sobral. É natural que assim se tenha pensado. Afinal seus pais José Vital de Siqueira e Amélia Felicíssima Correia eram sobralenses, por lá residiram e em Sobral nasceram os quatro filhos que antecederam a Antônio. Mas na realidade, Antônio Diogo de Siqueira nasceu no atual município de Itapajé (CE), então São Francisco de Uruburetama. Esta informação fora passada ao autor, por uma de suas filhas, Elisa Siqueira Rodrigues (Nenen) e anos depois comprovada em pesquisa que fizemos exclusivamente para esse fim, na Cúria Diocesana de Itapipoca, em 16/08/1996.

No livro nº 9 de assentamento de batizados, de 1864 a 1868, da freguesia de Santa Cruz da Uruburetama, às fls. 32v, encontramos o termo fielmente copiado e que abaixo vai transcrito:

"Antônio filho legítimo de José Vital de Siqueira e Anna Francelina[4] *nasceo em um de Setembro mil oitocentos sessenta e quatro e foi solemn.ᶜ batisado pelo Pᵉ Pedro Ferreira em sinco do m.ᵐᵒ mês e anno, sendo Pd.ᵉ Antônio Teixeira Bastos e Maria Braga, doque fis o psn.ᵉ .O Vigário Rugerio José Cavalcante"*.

Um esclarecimento se faz necessário: Santa Cruz de Uruburetama e São Francisco de Uruburetama eram povoados próximos. O primeiro e mais antigo tornou-se a sede do município e da freguesia, mas, com o tempo, o segundo que tinha o nome de Riacho do Fogo, e que surgira em torno da casa grande da fazenda de Antônio Rodrigues Martins, por apelido Carola, transformando-se em grande empório de gados, desenvolveu-se de tal modo que suplantou o primeiro e logo passou a ser a sede do município e depois da freguesia. Como dissemos em capítulo anterior, o fato de São Francisco de Uruburetama, à época, ser um centro de negócios de gado, explica a presença de José Vital de Siqueira naquela localidade.

Para que não paire a menor dúvida sobre o local de nascimento de Antônio Diogo, nos deixados por seu pai em citada caderneta, este anotou junto aos dados de nascimento do filho: "padrinhos Antônio Bastro (sic) e Maria Braga. São Francisco de Uruburetama". O certo é que o pequeno Antônio veio ao mundo e viu a sua luz, naquelas belas paragens, emolduradas pelas graciosas elevações que compõem o relevo do local, onde um frade de pedra, com notável perfeição, foi esculpido pela natureza, e é olhado com curiosidade e admiração.

Alguns argumentarão que Antônio Diogo de Siqueira, mesmo nascido em Itapajé, é na realidade sobralense, porque lá viveu e naquele meio forjou seu caráter. Não é verdade. Antônio Diogo jamais residiu em Sobral. José Vital de Siqueira, após permanecer algum

---

[1] Mons. Vicente Martins - 2a. ed., Fortaleza, 1989, pag. 61.
[2] Barão de Studart - 2a. ed., Fortaleza, 1980. Pag. 190.
[3] Padre Francisco Sadoc de Araújo, 3o. Vol., pag. 219.
[4] Erro de lançamento do termo; o correto: Amélia Felicíssima.

tempo em Itapajé, onde nasceu Antônio, mesmo sem arrefecer os vínculos de negócios e familiares, com sua terra natal, onde moravam seu pai, a madrasta, irmãos, cunhados, sobrinhos e os veros amigos da infância e juventude, veio com a família morar na Capital. Os filhos que se seguiram a Antônio: Gustavo, Silviano e Maria Amélia, nasceram todos em Fortaleza. Quanto a isto não pode perdurar nenhuma dúvida. Em companhia do pai, talvez da mãe e irmãos, o menino Antônio deve ter feito, algumas vezes, a longa travessia, entre Fortaleza e Sobral, em viagem de visita a familiares, paternos e maternos, todos residentes nos sertões que hoje integram o município de Forquilha. Que impressões terá guardado dessas viagens? Qual a influência, que visão daquele povo, sobrevivendo da agricultura e da pecuária, em meio tão agreste, terá exercido sobre o futuro comandante industrial?

Testemunha da pobreza e da luta do pai para sustentar com dignidade a família, Antônio cedo teve de trabalhar. Não lhe sobrou tempo para maiores estudos regulares, não sendo possível determinar com exatidão que grau esses estudos atingiram. É mais provável e alguns de seus biógrafos a isso se referem, que tenha sido um autodidata. Profissionalmente, começou ajudando o pai como marchante e depois passou a exercer a mesma atividade por conta própria. Muito moço, sentiu-se atraído pela Amazônia, que vivia a febre da borracha, onde sua irmã Virgínia e o marido desta, Raimundo Pinto Brandão, estavam residindo. Sem recursos, mas contando com a ajuda de sua irmã Ignácia, viaja na terceira classe de um navio. No Amazonas, dedica-se também à marchanteria, mas por pouco tempo. Resoluto, com larga imaginação criadora e uma confiança sem limites na sua capacidade de trabalho, decidiu voltar ao Ceará e por aqui permanecer. O tempo se encarregou de confirmar a certeza de sua decisão, ainda que estejamos convictos de que seria um vitorioso em qualquer lugar que se estabelecesse, mercê da sua capacidade empreendedora já tantas vezes ressaltada, por quantos que com ele conviveu e outros mais que o conheceram.

Com apenas 22 anos, resolveu assumir toda a responsabilidade inerente a um chefe de família. Para sua companheira, escolheu Elisa, uma menina moça de quinze anos, nascida em Maranguape, aos 12 de setembro de 1871. Elisa de Hollanda Vianna ou Elisa de Araújo Vianna era uma jovem pobre, contudo sua pobreza não era absolutamente de origem, mas motivada por circunstâncias. Filha de Luís Antônio de Araújo Vianna e de Semíramis Jesuína de Hollanda Cavalcante, que após o casamento, adotara o nome de Semíramis de Hollanda Vianna, descendia, quer pelo lado paterno, quer pelo materno, de importantes famílias, ricas de bens materiais e espirituais, de destacada atuação na pública administração, na política da colônia e do império e de muito relevo e lustro, em Fortaleza e Maranguape. É pensamento do autor, em separado, publicar trabalho sobre os ancestrais de D.Elisa, mostrando sua ascendência portuguesa e espanhola. Nesta ocasião, adiantamos que era neta paterna de Jacinto Fernandes de Araújo, capitão da 8a. Cia. de Ordenanças da Vila de Fortaleza, cuja carta patente é de 28/09/1820, assinada pelo governador Francisco Alberto Rubim. Como juiz de fora e pela lei presidente da Câmara, Jacinto Fernandes de Araújo aparece, entre 1827 e 1828, como responsável pela administração da cidade, o que faz que seu nome conste na relação dos prefeitos de Fortaleza. Também era, pelo lado paterno, bisneta de Luiz Antônio da Silva Vianna, "que exerceu elevadas funções fazendárias ao tempo da Capitania do Ceará-Grande" e trineta do capitão-mor da Fortaleza, Antônio de Castro Vianna, sogro e parente do anterior, cuja carta patente, assinada por D. Maria, Rainha de Portugal e dos Algarves, mãe de D. João VI, é datada de Lisbôa, 3 de junho de 1779. Antônio de Castro Vianna, por ser "**pessoa de onra, verdade e segredo**", ainda no século XVIII, foi Secretário de Governo, do governador Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, autor da Nobiliarquia Pernambucana, famosa e consultada obra genealógica.

Pelo lado materno, Elisa era neta do alferes João Zeferino de Hollanda Cavalcante[5], militar da 1a. linha, deputado da Assembléia Provincial do Ceará, no biênio 1848-1849 e bisneta do padre Manoel Ribeiro Bessa de Hollanda Cavalcante, deputado da Assembléia Geral Constituinte e Legislativa, convocada por D. Pedro I e reunida no Rio de Janeiro em 1823. O padre Hollanda era senhor de muitos gados e terras, inclusive a fazenda "Canhotim", situada nos campos de Quixeramobim e hoje pertencente ao grupo empresarial de José Macedo. Apesar da família constituída com Anna Rita dos Anjos, o padre Hollanda jamais abandonou o múnus sacerdotal. Faleceu em Fortaleza[6], "de moléstia interior", em 16/04/1839, e foi sepultado no dia seguinte, envolto em vestes sacerdotais, conforme sua disposição testamentária, na sacristia da Igreja do Rosário, em local hoje não mais identificável, onde aguarda a ressurreição dos mortos.

O casamento de Antônio Diogo de Siqueira foi celebrado aqui em Fortaleza, no dia 18 de junho de 1887 e cujo termo vai reproduzido, em cópia fac-similar, extraído do livro nº 1 de casamentos da Igreja Matriz de S. Luiz de Gonzaga, atual do Patrocínio, que contém os lançamentos do período de 1870 a 1891.

Após o casamento, a vida do casal transcorria normal e feliz, na perspectiva do nascimento do primeiro filho, esperado para o ano seguinte. Aquele final de ano de 1887 tinha tudo para ser dos mais alegres para o novo casal quando a roda do destino transformou as alegrias de fim de ano, em tristeza profunda e pesado luto. Em 23 de dezembro falece, José Diogo Vital de Siqueira, o pai estimado e admirado.

* * * * * *

Retornando ao Ceará, de sua viagem pelo norte do país, o jovem Antônio Diogo dedica-se com entusiasmo à atividade de marchante, a mesma que o pai vinha exercendo. Aliás podemos afirmar com rigorosa certeza que Antônio Diogo foi marchante praticamente a vida toda, não abandonando a marchanteria, nem mesmo quando se tornou um grande industrial. Pelo contrário, na ocasião dispensou muito maior atenção ao abate de gados, fundando com outros um moderno matadouro, como será visto adiante. Marchantes, também foram todos os seus irmãos: Diogo Henrique de Siqueira, Francisco Diogo de Siqueira e Gustavo Diogo de Siqueira. Isto é facilmente comprovado, pela leitura das edições do "Almanack do Ceará" de João Câmara e de seus sucessores, dos anos de 1895 a 1932, cujos exemplares são zelosamente guardados no setor de obras raras, da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, no Instituto do Ceará e na Academia Cearense de Letras, três das nossas principais instituições culturais.

---

[5] "Homem de grande fortuna, dono do sítio Aguanhamby, morreu em estado de completa pobreza". Hugo Victor Guimarães, em DEPUTADOS PROVINCIAIS DO CEARÁ, 1947, pág. 321.

[6] Livro 3 de óbitos da Matriz de S. José de Fortaleza(Sé), de 1825 a 1851, fls. 81.

Os irmãos Diogos de Siqueira estabeleceram-se com seus escritórios de comércio de carnes, sempre nas proximidades da Praça José de Alencar, que não deve ser confundida com a atual. Praça José de Alencar, ao tempo, era o nome dado ao largo limitado pelas ruas General Bezerril, São Paulo, Floriano Peixoto e travessa Crato, onde tempos depois foram construídos os prédios do Palácio do Comércio, do Banco do Brasil e dos Correios e Telégrafos. Antes tivera o nome de Praça da Carolina e depois Praça Capistrano de Abreu e hoje é Waldemar Falcão, o que demonstra o total desapego às tradições, de parte do nosso legislador municipal. No local, até bem pouco tempo ocupado com o Mercado Central de nossos dias, funcionou o antigo Mercado de Cereais, que tinha entrada principal para o lado da rua Conde d'Eu. Já na antiga Praça José de Alencar, em 18/04/1897, foi inaugurado o Mercado de Ferro, com belíssima estrutura vinda da Europa, que era integrado de dois módulos interligados. Demolido em 1937, um dos módulos foi para o Mercado S. Sebastião e hoje compõe o Mercado da Aerolândia e o outro foi deslocado para a Aldeota, passando a ser o conhecido Mercado dos Pinhões. Nessa Praça José de Alencar, do lado da rua Floriano Peixoto, é que encontramos os irmãos Diogos com suas casas comerciais. Os endereços Praça José de Alencar, 14A, 15 e 24, aparecem com regularidade nas edições do almanaque de João Câmara, ocupados por esses irmãos. Assim é, que nos almanaques de 1895 e 1896, encontramos, nessa praça, os endereços comerciais: Diogo, Irmão e Cia. nº 14A, Francisco Siqueira nº 15, Gustavo Siqueira & Cia. nº 24, endereços que se repetem ao longo das edições seguintes, mudando apenas a razão social das firmas, conforme os interesses comerciais em jogo ou com a retirada e/ou entrada de outros sócios. Nas relações anuais dos marchantes no mercado público, era comum constarem os nomes de Antônio José de Sousa, **Antônio Diogo de Siqueira**, Bernardo Ferreira da Cruz, Bazílio Rodrigues de Freitas, **Diogo Henrique de Siqueira**, Evaristo Alves Maia, **Francisco Diogo**, Francisco Araújo Barros, Francisco Lopes Freire, Francisco Ferreira do Valle Primo, Joaquim Martins Júnior, José Pinto Coelho de Albuquerque, João Ferreira do Valle Louça, Juvêncio Leonidas de Britto, Raymundo Ferreira de Sousa, Targino Ferreira Mendes e Valentim Alves de Oliveira, com algumas supressões ou acréscimos, pouco representativos. Alguns deles, como veremos adiante, mantiveram estreitas relações comerciais e de amizade com Antônio Diogo, quer como sócios, quer como compadres que ficaram sendo. O irmão Gustavo Siqueira que não aparece na relação de marchantes acima, passa a constar com mais freqüência nas décadas de 10 e 20. Diogo Henrique de Siqueira (neto) e Francisco Diogo de Siqueira faleceram em 1899 e 1914, com 39 anos e 52 anos de idade respectivamente, ambos por problemas cardíacos, em pleno vigor de suas vidas. O almanaque para o ano de 1902 anota a presença das firmas, registradas na Associação Comercial: Siqueira, Martins, Barros & Cia e Sousa, Martins & Cia, tendo ambas por sócios Antônio Diogo de Siqueira, Antônio José de Sousa e Joaquim Martins Júnior. A primeira era uma sociedade de marchantes que girava na praça de Fortaleza e que já existia nos últimos anos do século XIX, como foi visto, quando tratamos do inventário de Diogo Henrique de Siqueira, que também fazia parte da firma, como sócio e gerente. A segunda era proprietária de uma fábrica de sabão, situada no Boulevard Visconde de Cauhype.

Voltemos no tempo para registrar fatos interessantes ligados à vida de Antônio Diogo. Em 1891, após a queda do Império, houve uma natural reorganização dos partidos políticos, tendo em vista a nova ordem advinda com a República. Surge o Partido Operário,

procurando congregar os artistas, conquistar representação política e lutar, em melhores condições, por suas justas aspirações. Entre os signatários do manifesto de fundação, estava Zeferino Hyppólito de Andrade Belleza, cunhado de Antônio Diogo e que viria a ocupar o cargo de tesoureiro do partido. Não sabemos se por convicção própria ou atraído pelo cunhado, Antônio Diogo filia-se ao Partido Operário. "O Combate", jornal de divulgação do partido, edição de 11/08/1891, publica a relação dos distribuidores de chapas e fiscais designados para as diversas seções eleitorais, do pleito que se realizaria no dia 15 do mesmo mês e ano. Antônio Diogo de Siqueira, João de Góis e Raymundo Soares Freire são escalados para fiscalizarem a seção que funcionaria no prédio da Estação Central da Estrada de Ferro. Estava prestes a completar 27 anos.

Em 31/12/1894, falece aos 63 anos, aqui em Fortaleza, Amélia Felicíssima de Siqueira, a mãe adorada dos irmãos Diogos. Como demonstração do grande amor filial, todos eles e mais a enteada Ignácia batizaram filhas com o nome de Amélia.

Antônio Diogo, dedicando seu tempo e seu trabalho às atividades de marchante, ia sem alardes progredindo nos negócios e procurando espaços para diversificá-los. Cultivando o hábito de dormir cedo e levantar-se aos primeiros raios do sol, dispunha assim de mais tempo para dedicar a suas atividades e a seu lar. Caseiro, avesso a ruidosas aparições, foi crescendo de modo gradual e seguro, sem que ninguém notasse. Consultando jornais do tempo, seu nome não aparece nos periódicos, principalmente entre 1887 e 1896, nem como comerciante e nem em acontecimentos sociais. Mas é certo que ia conquistando espaço no mundo dos negócios, sempre bem sucedidos.

Tentando recompor sua vida nesse período, quando ainda não tinha o destaque que veria a ter, encontramos no jornal "A República", edição de 03/11/1898 e reproduzido na edição de 5 do mesmo mês, na seção de notícias do Governo do Estado, os despachos de 29/10/1898, do presidente Antônio Pinto Nogueira Accioly, relativos à Secretaria do Interior, com o teor seguinte:

"de petições:
de Raymundo Heraclito de Carvalho propondo-se a contratar a construção da linha telegraphica do Icó ao Crato á razão de 399$500 por kilometro.
- Prejudicado.

de **Antônio Diogo de Siqueira**, idem, idem á razão de 395$000 por kilometro.
- Prejudicado.

de Antônio Carlos Teixeira Leite, idem á razão de 400$000 por kilometro.
- Prejudicado.

de José Camilo Rodrigues da Silva, idem, idem á razão de 410$000 por kilometro.
- Prejudicado.

de Bernardino Proença, idem, idem á razão de 360$000 por kilometro.
- Sendo a mais vantajosa, lavre-se o competente contrato."

Antônio Diogo de Siqueira perdera essa licitação, mas ficamos com a convicção de que foi empreiteiro de obras públicas, participando de concorrências, ganhando algumas e perdendo outras, como é normal no processo, executando obras para a pública administração, diversificando negócios e aumentando ganhos.

Por esse tempo já se associara à Associação Comercial do Ceará, constando seu nome na relação de sócios publicada em 25/11/1898 no jornal "A República".

É tradição oral e corrente no seio da família que Antônio Diogo foi, por longo tempo, fornecedor de lenha para a Estrada de Ferro de Baturité e para a "The Ceará Tramway Light and Power, Co. Ltd", ambas consumindo o produto em larga escala, no processo de produção do calor necessário ao aquecimento de suas caldeiras e movimentação de suas máquinas. A lenha era retirada de suas fazendas, todas situadas à margem ou cortadas pela estrada de ferro.

Acompanhando o seu crescente sucesso no mundo dos negócios, foi rápida a ascensão social de Antônio Diogo de Siqueira. Homem honrado, vertical e ético, cidadão respeitado e respeitável, soube se impor à estima e à admiração geral. Do rapaz moço e pobre que viajara para a Amazônia na terceira classe do navio, porque só a tanto permitiam suas posses, filho de José Diogo Vital de Siqueira, modesto alferes porta-bandeira do 1º Batalhão da Reserva de Fortaleza, é agraciado, aos 34 anos, com a patente de tenente-coronel comandante do 2º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional da Comarca da Capital do Estado do Ceará. Sua carta patente é de 30 de maio de 1899, passada no Palácio da Presidência no Rio de Janeiro, assinada pelo presidente da República Manoel Ferraz de Campos Sales e pelo ministro da Justiça e Negócios Interiores, Dr. Epitácio da Silva Pessôa, tudo de acordo com o decreto presidencial de 22 de outubro de 1898.

Impressiona a capacidade de Antônio Diogo de se fazer presente, onde houvesse a possibilidade de um lucrativo negócio. Em 1902, o intendente (prefeito) Guilherme César da Rocha, urbanizou a Praça do Ferreira, até então um areal, construindo um formoso jardim entre os cafés já existentes Java, Comércio, Iracema e Elegante e que ocupavam os quatro cantos do quadrilátero. A esse jardim foi dado o nome de Avenida Sete de Setembro. No ano seguinte, 1903, seria a vez da praça da Igreja do Patrocínio. As fotos antigas comprovam em que belo recanto a ação administrativa do zeloso intendente transformou aquele local, onde quatro quiosques mimosos foram construídos e transformados em cafés-restaurantes. Ao local foi dado o nome de Avenida Nogueira Accioly, homenageando o presidente do Estado. Três dos quiosques foram arrendados e um permaneceu sob a administração direta da Intendência. No "Almanack do Ceará", dos anos de 1906, 1907 e 1908, encontramos o coronel Antônio Diogo de Siqueira como arrendatário do Kiosque (sic) nº 2, explorando o ramo comercial de bebidas e alimentação.

Antônio Diogo de Siqueira foi uma dessas poderosas organizações humanas que nasceu dotado de uma grande capacidade de trabalho, um apurado senso de oportunidade e uma vocação natural para o mundo dos negócios. Partindo do quase nada, fez-se por si mesmo, sem ajuda de ninguém, constituindo-se numa expressão das mais autênticas do "self-made-man", o tipo de homem que o povo americano, com justa razão, coloca no patamar mais elevado de sua admiração. Atingiu o apogeu do sucesso, acumulou sólida fortuna, mas jamais lhe faltou o espírito da solidariedade humana, presente em todos os instantes de sua vida, tendo usado muitos dos bens que conseguiu amealhar com seu trabalho perseverante, em ajuda aos menos favorecidos, nada abalando a sua conduta de homem de origem humilde e simples. Rico de bens materiais, nele não estavam presentes a arrogância, a vaidade, a soberba, o orgulho.

Marchante decidiu-se pelo aproveitamento do sebo do boi que abatia, utilizando-o na fabricação de sabão. Na marchanteria já estava associado a Joaquim Martins Junior, Antônio José de Sousa e outros, compondo a firma **Siqueira, Martins, Barros & Cia**. Com estes, funda a **Sousa, Martins e Cia** e instala uma saboaria que funcionava no quintal de sua residência, segundo consta, situada na Praça de Pelotas, atual Clóvis Beviláqua. O "Almanack do Ceará", de João Câmara, dá como local da fábrica de sabão o Boulevard Visconde de Cauhype, atual Av. da Universidade. Como a Visconde de Cauhype era uma continuação da General Sampaio, no ponto onde aquela sofre uma deflexão para direita, pode ser que houvesse certa indefinição do ponto onde uma terminava e a outra começava, dando origem ao equívoco. Em socorro da primeira hipótese, está a afirmação de D. Nenen, que em conversa com o autor, afirmara que a primitiva casa de seu pai Antônio Diogo se situava na Praça de Pelotas.

Mais tarde, abandonando a sociedade, Antônio Diogo instalou sozinho outra fábrica de sabão e resíduo de caroço de algodão para gado, na Av. Duque de Caxias. Era a largada vitoriosa do grande capitão de indústrias que não mais pararia de crescer. Vejamos o que dessas atividades nos conta Maria Iselda Rocha Almeida:

"Diogo era um homem de larga visão comercial e industrial. Durante as últimas décadas do século XIX se lançara no comércio de couros e peles que se mostrava promissor, considerando a boa colocação do produto no mercado externo. Contando inicialmente com parcos recursos, o abate de gado, bem como a preparação de couros e peles, era feito no quintal de sua residência, utilizando como mão-de-obra elementos do círculo familiar. Couros e peles eram respectivamente, salgados e espichados antes de serem exportados. A carne do gado abatido era vendida nos frigoríficos (açougues) para consumo da população local. Os baixos custos de produção, somados à boa colocação do produto no Exterior, garantiam a obtenção de lucros elevados que, reinvestidos, asseguravam a Diogo uma acumulação geométrica de capital e bens. Como homem de visão comercial e industrial aguçada, reverteu parte do seu capital na aquisição de uma salina de onde extraía o sal usado na preparação dos couros, enquanto o excedente era vendido no mercado interno. Além de baratear ainda mais os custos da produção, já bastante reduzidos pela utilização da mão-de-obra familiar, a comercialização do sal ampliava sua margem de lucro, passando de consumidor a fornecedor do produto. Localizava-se a salina em Messejana, distrito de Fortaleza, tendo como proprietária a firma A D Siqueira & Cia. que também fabricava sabão, utilizando o sebo retirado da carne bovina"[7].

Esse negócio a que se lançara Antônio Diogo era dos mais lucrativos porque dispensava gastos com embalagem, quando da comercialização dos couros e não havia falta do produto, mesmo por ocasião das crises climáticas, tendo em vista que a produção crescia com a ausência de chuvas e a conseqüente escassez de pastagens.

Em 29/05/1901, Antônio Diogo ingressa na Maçonaria, participando da fundação da Loja Liberdade IV e fazendo parte de sua primeira diretoria como segundo Vigilante, ao

[7] Maria Iselda Rocha Almeida - A HISTÓRIA DA INDÚSTRIATRIA DE ÓLEOS VEGETAIS NO CEARÁ: 1900-1960; Edições UFC/STYLOS, 1989.

lado de outros poderosos irmãos maçons, muitos deles homens extraordinários, cujos nomes permanecem na admiração e na saudade do povo do Ceará, definitivamente inscritos nas páginas da história. Esta Loja, tempos depois funcionou no prédio do Centro Artístico Cearense (demolido em agosto de 2000), em cuja bandeira do portão de entrada e nas varandas de suas janelas eram vistos os símbolos maçons: o esquadro, o compasso e a letra G, inscritos em um triângulo eqüilátero. É uma pena não ter chegado aos nossos dias o balaústre de sua fundação, precioso documento para a história da maçonaria no Ceará.

Por esse tempo, não havia qualquer tipo de legislação de amparo ao trabalhador. Como conseqüência, começaram a surgir pequenas sociedades que objetivavam a dar um mínimo de segurança às famílias dos sócios. Eram as mutuárias. Em 15/08/1901, surge a Sociedade Mutuária Cearense, que se propunha a garantir pequeno patrimônio às famílias dos seus associados, quando falecidos em pleno gozo de seus direitos de sócios. A sua primeira diretoria, composta de pessoas da maior representação, tinha Antônio Diogo de Siqueira como tesoureiro, cargo que exerceu de forma contínua, pelo menos até o ano de 1908, conforme notícias sucessivas do "Almanack do Ceará", em suas edições, aparecendo, em 1910, como vogal da mesma entidade.

Por essa mesma época (1907-1909), compõe a diretoria e ocupa o cargo de tesoureiro do Congresso de Ciências Práticas, sociedade fundada e instalada no mesmo dia da Fênix Caixeiral e ao que parece a ela ligada. Em 1907 essa instituição funcionava na Rua Formosa (Barão do Rio Branco) nº 52, mantendo duas aulas noturnas de curso primário, com matrícula de sessenta alunos cada uma.

Há um fato interessante da vida de Antônio Diogo, simplesmente omitido por seus biógrafos e esquecido pela tradição oral. Estamos-nos referindo a um cargo público por ele ocupado, não por poucos dias ou de forma interina. Pelo contrário, o exercício se deu, pelo menos, por cinco longos anos, no governo de seu amigo Nogueira Accioly. De 1906 a 1910, Antônio Diogo foi subdelegado do 1º Distrito da Delegacia de Polícia da Capital, sendo delegado o major Pedro de Araújo Sampaio, que segundo consta exerceu essa função por 35 anos e que por isso foi jocosamente chamado por Raimundo Girão de delegado crônico. Somente no ano de 1910 é que Antônio Diogo teve o Dr. Raimundo Gomes de Matos como seu superior hierárquico. Por curioso e interessante, apresentamos o limite da jurisdição do 1o Distrito que esteve sob o comando de Antônio Diogo.

1º Distrito - "Estende-se da praia, pelo lado oriental da rua Sena Madureira e do Boulevard Visconde do Rio Branco, até confinar com os limites do distrito de Mecejana e compreenderá, para o nascente, até os limites do termo de Aquiraz, as ruas do Sampaio, de S. José, da Ponte, da Alfândega, Singlehust, do Seminário, do Arrecife, Boulevard da Conceição, ruas da Glória, da Leopoldina, da Soledade e da Aldeiota, com as transversaes da Conceição, do Paço, do Sol, do Collegio, de S. Luiz, do Córrego, de D. Pedro, do Livramento, de S. Sebastião, do Dr. Antônio Pompeu, dos Coelhos, da Assembléia, do Pajehú e Boulevard Duque de Caxias".

É em 1904 que Antônio Diogo funda a **A D Siqueira & Cia.** Sofrendo alterações jurídicas em 1906, tem o nome modificado para A D Siqueira & Filho. Ainda em 1904, inaugura a Fábrica Santa Elisa, cujo nome homenageia sua mulher Elisa Vianna de Siqueira. Nessa ocasião ele, que já investia em sabão, óleo, sal e resíduo para gado, decide-se por aproveitar o algodão em pluma que separava do algodão em caroço e de onde extraía o óleo que entrava na composição do sabão, para montar uma fábrica destinada à produção de fios de rede. Era uma pequena fábrica de apenas cem teares, situada novamente no quintal de sua residência, já então o palacete situado na esquina noroeste das avenidas Tristão Gonçalves e Duque de Caxias, no local onde hoje está o edifício do Fórum Trabalhista Autran Nunes. Por esse tempo, também investia em fazendas de criar e plantar no interior do estado.

Mais uma vez, no palacete dos Diogos, as alegrias das festas de fim-de-ano cedem espaço ao pranto dorido, com a morte de D. Semíramis de Hollanda Vianna, sogra de Antônio Diogo, naquele dia de Natal, 24/12/1905. Isso mostra que, na vida, riso e pranto, felicidade e tristeza são estados da alma que sempre andam muito juntos e atingem a todos indiscriminadamente.

Em 06/07/1916 muda a razão social de sua firma, para A D Siqueira & Filhos, tendo como sócios capitalistas o próprio Antônio Diogo, com capital de 500.000$000 (quinhentos contos de réis) e seu filho José Diogo Vital de Siqueira (Zezé), com capital de 100.000$000 (cem contos de réis), perfazendo o capital de 600.000$000 (seiscentos contos de réis) e tendo os filhos Antônio Diogo de Siqueira Filho (Tó), Francisco Diogo de Siqueira (Checo) e o genro Lindolpho Pinto Nogueira, como sócios de indústria. O objeto social da firma era a fabricação de sabão, fiação e extração de óleo e o que mais convier. Em 1927, retiram-se da sociedade Lindolpho Pinto Nogueira e José Diogo Vital de Siqueira (Zezé), permanecendo a empresa nas mãos de Antônio Diogo de Siqueira e de seus filhos Checo e Tó. Nessa ocasião, a empresa sofre um substancial aumento de capital, passando dos 600.000$000 (seiscentos contos de réis) para 4.000.000$000 (quatro mil contos de réis), o que é facilmente explicável, porque a década de 20 caracterizou-se por ser a de maior expansão dos negócios.

Nesse meio termo, Antônio Diogo instalara duas prensas para enfardar algodão, uma de menor capacidade, situada na esquina noroeste da Av. do Imperador com Duque de Caxias, denominada de Prensa Diogo e outra na Rua Alberto Nepomuceno, ao lado do Quartel da 10a. Região Militar, no exato local onde hoje passa o viaduto da Av. Leste-Oeste. A esta última, para prensar fardos de alta densidade, deu o nome de Prensa Amélia, homenagem a sua genitora Amélia Felicíssima. O local era dos mais privilegiados, pela proximidade da ponte metálica, local de embarque dos fardos, com destino aos portos do Exterior e do sul do país. Ingressa assim, na exportação de algodão em larga escala, colocando o produto no mercado nacional e internacional. Para dar mais agilidade a seus negócios, montou em sociedade com outros industriais, um escritório de exportação e importação, do qual fazia parte, além da A D Siqueira & Filhos, Teófilo Gurgel Valente (Usina Gurgel), Philomeno Gomes & Cia. e Proença & Cia, todas, firmas com sede em Fortaleza. O escritório funcionava na Praça Castro Carreiro, tendo por objetivo a revenda para os mercados internos e externos dos produtos fabricados pelas indústrias associadas ao escritório, ao mesmo tempo que intermediava a compra de matérias primas produzidas no interior do Estado. A localização do escritório também era vantajosa por causa da proximidade com a estação central da estrada de ferro, local dos grandes desembarques de matérias-primas vindas do Interior e embarque dos produtos destinados ao mercado externo e do sul do país, através dos navios ancorados ao largo da Praia de Iracema.

Até então, a indústria extrativa de óleo vegetal no Ceará era absolutamente sem expressão. Nas usinas de beneficiamento de algodão, o óleo era apenas um subproduto e a sua acanhada extração geralmente funcionava como uma extensão da usina. Os fabricantes

de sabão usavam o óleo na composição do produto e o excedente era vendido para o sul no país, onde era refinado, retornando ao Ceará, que assim funcionava como fornecedor de matéria prima e consumidor do produto refinado. Para mudar esse quadro e pensando nos lucros que poderiam auferir, os industriais que já eram sócios no escritório de exportação e importação se associaram na fundação de uma usina para produção de óleo em larga escala. Surgia a Siqueira Gurgel, em 14/10/1924, com um capital inicial de 1.500:000$000 (mil e quinhentos contos de réis), distribuído em quatro cotas iguais de responsabilidade limitada, como se segue:

Téofilo Gurgel Valente	375:000$000
Philomeno Gomes & Cia	375:000$000
A D Siqueira & Filho	375:000$000
Proença & Cia.	375:000$000

"No ato de sua fundação a firma recebeu o denominação de SIQUEIRA, GURGEL, GOMES & CIA. LTDA, ficando o estabelecimento denominado USINA CEARÁ, com escritórios e usinas sediadas no Bairro do Matadouro, local onde se encontrava em funcionamento, desde o ano de 1919, a Usina Gurgel de propriedade de Teófilo Gurgel Valente que teve suas instalações ampliadas".

O citado bairro do Matadouro é o atual Otávio Bonfim, ficando a Usina Gurgel situada na esquina noroeste das atuais avenidas José Bastos e Bezerra de Menezes. No dia 02/09/1926 o jornal Correio do Ceará publica nota de responsabilidade da Siqueira, Gurgel, Gomes & Cia Ltda alertando a população sobre falsificações grosseiras de sabões que estariam ocorrendo e faz referência aos sabões por ela fabricados "das conhecidas marcas, **AMARELLO GURGEL, ESCURO GURGEL, LEÃO, ESTRELLA, GATO, ÁGUIA e COMBATE.**

Em 16/03/1927, retirou-se da sociedade a Proença & Cia, embolsando 335.542$528 de seu capital, importância que lhe é paga à vista e em dinheiro, pela Siqueira, Gurgel, Gomes & Cia Ltda. A 27 de julho do mesmo ano, a Philomeno Gomes & Cia também abandona a sociedade, embolsando a importância de 518.823$940. Com a retirada dos sócios, Proença e Philomeno Gomes, o capital da Siqueira Gurgel, Gomes & Cia Ltda não sofre redução, ficando as cotas divididas entre os sócios remanescentes, cabendo a A D Siqueira & Filhos 72,75% e a Theófilo & Cia, 27,25% de um total de 150 cotas. A firma que então aparece na sociedade, com a razão social de Theófilo & Cia, era a sucessora de Theófilo Gurgel Valente, falecido em 24/10/1926, cuja cota de capital fora dividida entre seus herdeiros, sua viúva Maria do Carmo Cavalcante Gurgel e os filhos José Theófilo Gurgel (Zequinha Gurgel) e Eduardo Aguiar Gurgel, que viriam a casar com duas das filhas de Antônio Diogo, Odir e Laudy, respectivamente. Em princípios de 1930, entra para a sociedade, então com a razão social de Siqueira & Gurgel Ltda, um outro filho do falecido Theófilo Gurgel Valente. José Gurgel Valente, o novo sócio, tem de seu capital, a importância de 100.000$000 (cem contos de réis). A 04/07/1930, a Theófilo Gurgel & Cia, entra em concordata. Na ocasião a Siqueira & Gurgel Ltda paga integralmente e à vista os 50% aos credores da Theófilo Gurgel & Cia, que assim fica devedora da Siqueira & Gurgel Ltda. Com esse pagamento, a Siqueira & Gurgel Ltda, encampa a Theófilo Gurgel & Cia. As modificações jurídicas processadas na sociedade colocaram a A D Siqueira & Filhos como acionista amplamente majoritária, detendo 72,75% das ações. Antônio Diogo de Siqueira, como maior acionista da A D Siqueira & Filhos, assume a direção da Siqueira & Gurgel Ltda, liderando a produção e comercialização do óleo de caroço de algodão na praça de Fortaleza. Ao tempo em que a A D Siqueira & Filhos assumiu o controle acionário da Usina Ceará, uma seção de tecelagem e uma de fiação de cascame é incorporada à firma.

Com as retiradas da Proença & Cia e da Philomeno Gomes & Cia em 1927 e com a incorporação da Theófilo Gurgel & Cia em 1930, como conseqüência da concordata paga pela Siqueira & Gurgel Ltda, desfizeram-se os acordos de comercialização que geraram o escritório de importação e exportação, mantido pelas firmas associadas. Antônio Diogo de Siqueira, como dirigente maior da A D Siqueira & Filhos e da Siqueira & Gurgel Ltda, decide pela manutenção do escritório, ao mesmo tempo em que se associa a Luiz Vieira e a João Ribeiro do Rego Barros, proprietários da Companhia Fiação São Luiz Ltda, fabricante de fios e redes e com o investidor Manoel J. de Lima e funda a **Empresa de Fios e Redes Ltda**, cujo objetivo era a comercialização da produção das fabricas A D Siqueira & Filhos, Siqueira & Gurgel Ltda e Companhia Fiação São Luiz, compreendendo a venda de fios, redes e estopas de algodão. Escritório e depósito da Empresa de Fios e Redes Ltda passaram a funcionar na rua Major Facundo, 319 a 325, no centro de Fortaleza.

Antes, em 1925, Antônio Diogo aparece como sócio da fábrica de cigarros **Indústria Iracema**, juntamente com Philomeno Gomes. Desta sociedade e do ramo industrial e comercial do fumo, retirou-se Antônio Diogo, de modo definitivo, em 1927, motivado por desentendimento com Philomeno Gomes. Dizemos de modo definitivo, porque geralmente os biógrafos de Antônio Diogo costumam apresentá-lo, por volta de 1930-1932, como sócio da fabrica de cigarros Araken, quando na realidade o sócio dessa indústria era seu filho Diogo Vital de Siqueira.

É também, em meados da década de 20, que a A D Siqueira & Filhos adquire de Aquiles Boris a **Fábrica Ceará Industrial**, que fora fundada em 1894 e que passara por diversos donos. "Uma vez passada para o Grupo A D Siqueira, a fábrica vive momentos de apogeu, tornando-se o maior e mais moderno estabelecimento têxtil do grupo que agregava quatro fábricas. Estava situada na Rua Princesa Isabel (no local onde hoje funciona a firma Gerardo Bastos S/A), com a produção de fios, fazendas grossas, sacarias; especializou-se, contudo em tecidos finos, provavelmente os brins e os riscadinhos. Para tal, dispunha de uma maquinaria mais sofisticada, para os padrões da época, somando trezentos teares, dos quais cem automáticos"[8]. Junto a ela, Antônio Diogo instalou uma fundição de regular capacidade de produção e uma bem montada oficina mecânica que dava assistência às indústrias do conglomerado dos Diogos, prestando também, serviços a terceiros, inclusive a então Rede de Viação Cearense (RVC).

No dia 23/12/1924, a Câmara Municipal de Fortaleza, aprovou uma proposta do capitalista Abel Ribeiro, para construção de um matadouro em Fortaleza. Vislumbrando a viabilidade e rentabilidade do empreendimento, Antônio Diogo, que até então não abandonara a marchanteria, associa-se a Abel Ribeiro e outros e investe na construção do matadouro. A 02/02/1925 é lavrado o contrato para "Construção e Exploração de um Matadouro Modelo" com prazo de vinte anos. Recebendo a denominação de **Matadouro Modelo**

[8] Idem, idem, Maria Iselda Rocha Almeida - A HISTÓRIA DA INDÚSTRIA DE ÓLEOS VEGETAIS NO CEARÁ.

Ltda, é constituída a sociedade, com um capital inicial de 500:000$000 (quinhentos contos de réis), distribuídos entre os sócios:

Antônio Diogo de Siqueira	167:500$000
Arthur Thimóteo	167:500$000
Abel Ribeiro	105:000$000
Antônio Veríssimo Freire	20:000$000
Dr. César Cals de Oliveira	20:000$000
Dr. Adamir Câmara Ribeiro Falcão	20:000$000

Dos sócios da nova empresa, Antônio Diogo, Arthur Themóteo e Antônio Veríssimo Freire eram marchantes e continuariam atuando no ramo açambarcando agora a melhor fatia do comércio de bois abatidos na praça de Fortaleza. Realmente modelar e dispondo de modernos equipamentos para a época, funcionava obedecendo às normas de saúde e higiene estabelecidas pelo Estado e sob a inspeção deste, ocupando vasta área onde hoje funciona o Colégio Estadual Paulo VI, na esquina das Rua Jorge Dummar com Av. Borges de Melo.

Com a vitória da Revolução de 1930, assume o governo do Estado, como interventor, o Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora, que logo nomeia prefeito de Fortaleza o Dr. César Cals de Oliveira, um dos mais destacados membros da Aliança Liberal no Ceará, movimento que dera sustentação política à candidatura de Getúlio Vargas, à Presidência da República. Antônio Diogo, um ser político, era simpático aos Távoras, atuando de forma discreta no seu apoio. Diz que, nos tempos conturbados que antecederam a Revolução, o Dr. Fernandes Távora, sob ameaça de iminente prisão, foi estrategicamente retirado pelo coronel Antônio Diogo, em seu automóvel, para a sua fazenda da Pajuçara, dando-lhe abrigo seguro. No transporte, de maneira bastante disfarçada, o Dr. Fernandes Távora era mantido deitado no assoalho do carro, enquanto o coronel, por absoluta falta de espaço, mantinha os pés apoiado sobre o ventre do ilustre homem público. Posteriormente Fernandes Távora foi efetivamente preso e da prisão foi retirado pelo povo e empossado interventor.

Poucos meses depois de sua posse, entendeu o interventor federal que o matadouro deveria ser municipalizado e nesse sentido assina decreto a 04/04/1931, autorizando o prefeito de Fortaleza a rescindir amigavelmente o contrato firmado com a empresa Matadouro Modelo Ltda, da qual o próprio prefeito era sócio. Não tendo havido acordo, um novo decreto é baixado pelo interventor em 28 do mesmo mês e ano, autorizando o prefeito a rescindir compulsoriamente o dito contrato. O Dr. César Cals recusa-se a assinar o decreto de desapropriação, deixando de imediato o cargo de prefeito de Fortaleza e finalmente, sob o protesto dos empresários, a Prefeitura toma posse do bem desapropriado em 04/05/1931, quando havia decorrido apenas um quarto do prazo da concessão, fixado em vinte anos. Por esse capricho do interventor, ficaram estremecidas as relações entre as famílias Távora e Diogo e foi causa da desconfortável situação do prefeito Dr. César Cals de Oliveira, homem sério, de posições firmes e de grande lealdade.

Um ano depois falecia Antônio Diogo que praticamente esteve envolvido com o abate de gados e comercialização de carnes, por toda sua laboriosa e útil existência. Foi marchante, sempre marchante!

Mais de quarenta anos se passaram, quando o ex-governador do Ceará, coronel Virgílio Távora, filho do médico-interventor Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora e o governador do Ceará, coronel César Cals de Oliveira Filho, filho do médico-prefeito Dr. César Cals de Oliveira foram protagonistas de um rompimento político de grande repercussão. Estaria no Matadouro Modelo o motivo inconsciente dessa peleja? Seria o 2º capítulo dessa novela? Não há como saber. Estas indagações não passam de exercício de imaginação, porém ambos os acontecimentos fazem parte da história política do Ceará e não podem ser olvidados. O certo é que o governador César Cals de Oliveira Filho, evidentemente apresentando outras razões, rompeu com Virgílio Távora e afastou todos os "virgilistas" que ocupavam posições em seu governo, apesar de ambos pertencerem ao mesmo partido político, a famigerada Arena.

No ano de 1926, Pedro Philomeno Gomes, fabricante de cigarros e sabão e Antônio Diogo, industrial e comerciante de indiscutível sucesso que já eram sócios nas Fábrica de Cigarro Iracema e na Siqueira, Gurgel, Gomes & Cia Ltda resolvem juntar-se ao capitalista Raymundo da Silva Frota, um dos fundadores do Banco Frota Gentil e instalar uma grande fábrica de tecidos. A firma então constituída é denominada de **Frota, Siqueira & Cia Ltda**, tendo por objetivo a fabricação de tecidos, através da Fábrica de Tecidos São José, localizada no bairro de Jacarecanga, em Fortaleza. Logo no ano seguinte, a A D Siqueira & Filho retira-se da sociedade que sofre alteração jurídica passando a Frota & Gomes Ltda.

Dois anos antes, em 15/08/1924, foi inaugurada a **Fábrica de Fiação Santo Antônio**, de propriedade de Monteiro, Andrade & Cia, situada na Rua Antônio Pompeu, antiga do Prado Velho, como foi noticiado na época, no trecho hoje denominado de Rua Pe. Valdevino. Mais tarde essa fábrica foi arrematada por A D Siqueira, em data imprecisa e incorporada ao poderoso grupo. A sua produção era basicamente de tecidos grossos de algodão, como estopa, brins, riscadinhos e sacos.

Ao término dos anos 30, o conglomerado dos Diogos compreendia a A D Siqueira & Filhos, a Fábrica Santa Elisa e agregada a esta a Prensa Diogo, a Fábrica Santo Antônio, a Prensa Amélia e a Fábrica Ceará Industrial. Antônio Diogo mantinha, ainda, completo controle sobre a Siqueira & Gurgel Ltda (Usina Ceará), fabricante de óleo, sabão, resíduos e redes, era sócio da Empresa Fios e Redes Ltda e mantinha estreitas relações comerciais com a firma P. Salgado & Cia, com sede no Rio de Janeiro, de propriedade de Paulino Salgado e José Diogo Vital de Siqueira (Zezé), que funcionava com um escritório de representação dos produtos fabricados pelo grupo Diogo sob comissões, consignações e conta própria.

Antônio Diogo foi ainda fazendeiro e criador, possuindo prósperas fazendas em Quixeramobim, Senador Pompeu, Cangati, hoje Caio Prado, e Pajuçara. A finalidade das fazendas que possuíra não era propriamente a produção do algodão que prensava em densos fardos para exportação ou para transformar em fios e tecidos em suas indústrias têxteis, mesmo porque o produto era encontrado com muita facilidade em todo o Estado, pois sabidamente era o Ceará um grande produtor do chamado "ouro branco". Para tanto havia corretores que no Interior se encarregavam da compra do produto. Em muitas situações, os comerciantes e industriais, pela total ausência de linhas de crédito para a agricultura, funcionavam como agentes financeiros da safra, ou compravam a produção antecipadamente, operação esta que, de costume, se chama comprar na folha, isto é, antes da colheita. Mesmo assim, algumas de suas fazendas eram destinadas ao plantio de algodão ou

culturas de subsistência, como a Laje, em Cangati, que pertencera a seu irmão Francisco Diogo de Siqueira, a do Acaracuzinho, na Pajuçara. Outras, como a Currali, Fofor e Primavera, estavam mais voltadas para a pecuária. Eram todas situadas nas margens da Estrada de Ferro, quando não eram cortadas por esta, facilitando o escoamento da produção, com evidente redução dos custos de frete e propiciando o fácil acesso do próprio Antônio Diogo e seus familiares, quando das visitas de lazer ou de negócios. Delas, também retirava grandes quantidades de madeira em forma de lenha, para fornecimento à própria via férrea, para queima nas fornalhas das locomotivas, então máquinas a vapor, popularizadas com o nome de Maria Fumaça. O seu fornecimento de lenha também era destinado à Ceará Light, possuidora de uma usina termoelétrica em Fortaleza.

Segundo Antônio Diogo de Siqueira Filho (Tó), em interessante depoimento ao Nudoc, seu pai não considerava as fazendas como negócio lucrativo. Emprestando a tudo uma visão empresarial, Antônio Diogo contabilizava as perdas com pragas da lavoura, perdas por ausência ou insuficiência de chuvas, perdas em gados. "Cada vez que ia lá era um boi que morria" relembrava Tó, em sua entrevista. A intensa atividade comercial e industrial que desenvolvia na Capital o impedia de exercer um controle mais rigoroso sobre as atividades do campo. De início, designou seu filho Francisco Diogo de Siqueira (Checo) para supervisionar as fazendas que ficaram privadas do elemento familiar de confiança quando Checo, por delegação do próprio pai, passou a desempenhar funções administrativas nas indústrias do grupo. Este fato levou Antônio Diogo a optar pela redução do número de suas propriedades rurais.

Antônio Diogo investiu, também, muito de seus haveres na construção e aquisição de imóveis, cuja quantidade se contava às centenas, merecendo destaque a grande gleba de terra situada a leste de Fortaleza, compreendendo a área limitada pelo rio Cocó, por trecho do ramal ferroviário com destino ao porto de Fortaleza e pelo mar, do Mucuripe à foz do Cocó, onde se situa o Clube Caça e Pesca, hoje integrada a geografia urbana da cidade. Para conhecimento das gerações atuais, o portão de entrada dessa propriedade, ficava situado na Av. Santos Dumont, bem junto ao trilho que corta esta avenida. No extremo oposto da cidade, possuía outra vasta porção de terras no Parque Araxá, atualmente absorvido pelo bairro da Parquelândia.

Homem muito além de seu tempo, compreendeu Antônio Diogo que o sucesso de seus empreendimentos dependia diretamente do bem-estar de seus operários. Numa época em que as relações entre o capital e o trabalho ainda não dispunham de regulamentação legal que só seria implantada com a Revolução de 30, criou para seus empregados uma carteira de empréstimos, deu-lhes e a seus familiares completa assistência médica e auxílio funeral. Fez construir uma excelente vila operária, bem próxima a algumas de suas fábricas, onde muitos de seus empregados moravam pagando apenas uma pequena taxa de manutenção. Era a Vila Diogo que ainda hoje pode ser identificada, construída dentro do quadrilátero formado pela Av. do Imperador, Av. Duque de Caxias, Rua Princesa Isabel, Rua Pedro I e com uma rua interna que divide o conjunto em duas porções.

Homem afeito ao trabalho, desenvolvia múltiplas atividades, com atuação também na área financeira como Presidente do Banco dos Importadores e membro do Conselho Administrativo do Banco dos Proprietários.

As associações patronais não podiam estar ausentes de sua dinâmica existência, tanto é assim que, com outros, funda em 1919, o Centro Industrial do Ceará (CIC), participando de suas diretorias. Ao falecer, exercia cumulativamente as presidências do Centro dos Exportadores, do Centro dos Importadores, da Facic, além de ser sócio da Associação Comercial do Ceará. Simples e de tratamento afável, participava com assiduidade das rodas da Praça do Ferreira, freqüentando o famoso "O Banco" ou Banco da Opinião Pública, no dizer de Demócrito Rocha. Todos os cronistas da "cidade amada" mencionam a presença de Antônio Diogo no "O Banco" freqüentado pelo que Fortaleza tinha de mais representativo. Além de banqueiro, Antônio Diogo foi banquista como se intitulavam os assíduos do banco que entrou para a história daquela praça e da cidade.

Cidadão honrado, chefe de família exemplar, esposo amantíssimo, pai extremado, empresário bem sucedido, industrial progressista, benemérito filantropo, por tudo isso os jornais de seu tempo não economizam adjetivos para lhe exaltar os méritos. Despertou tanta admiração e entusiasmo que o jornal católico O Nordeste, em 1926, por ocasião do aniversário de Antônio Diogo, o qualificou de o "Rockfeller cearense".

* * * * * *

Os biógrafos de Antônio Diogo de Siqueira quase sempre o apresentam como político. O autor, em suas demoradas pesquisas, não conseguiu elementos suficientes para mensurar a proporção de seu envolvimento nesta atividade. Na sua mocidade, sabemos que pertenceu aos quadros do Partido Operário. Sabemos mais que manteve chegada amizade com o presidente Nogueira Accioly, "o Babaquara", como era chamado pela oposição, o velho oligarca. Participa do último governo aciolino, como subdelegado do 1º Distrito Policial. Recebe com freqüência, no seu palacete da Tristão Gonçalves 380, a visita do amigo presidente com quem conversa a sós e, nessas ocasiões, ninguém ousa interrompê-los, a menos se chamados, e só o gato de estimação, deitado sobre almofadas, é testemunha muda daquelas conversas dos dois ilustres cearenses.

É de se supor que tenha desenvolvido sua ação política de forma discreta, apoiando os amigos e o partido de sua simpatia. Talvez se tenha realizado, incentivando e prestigiando a atuação política do genro César Cals, médico humanitário e notável vocação de homem público. A este alcançou deputado estadual, testemunhou sua destacada participação como membro da linha de frente da Aliança Liberal e sua rápida mas dinâmica gestão como prefeito de Fortaleza. Não obstante isso, Antônio Diogo que não disputava cargos e posições para si, não se furta em figurar como candidato da oposição, ao cargo de vice-presidente do Estado nas eleições de 12 de maio de 1924, mesmo que fossem nulas as chances de sucesso. O fato, no entanto, serve para demonstrar um traço do seu caráter independente e altivo. Na chamada República Velha, as eleições eram uma farsa e uma vergonha nacional. O candidato oficial sempre ganhava e os eleitos já estavam escolhidos muito antes dos eleitores formalizarem os seus votos. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, em seu excelente livro "Getúlio Vargas, meu pai", nos dá um testemunho precioso do que eram as eleições desse tempo que resume numa frase magistral: "o voto então só era secreto para o eleitor", que nem sequer sabia em quem estava votando. O resultado daquele pleito é o mais eloqüente atestado do arranjo e da farsa montada para coonestar uma situação deplorável. Aí está a "manifestação da vontade" popular:

Para Governador:	
José Moreira da Rocha	30.160 votos
José Thomé da Silva	8 votos
José Pompeu Pinto Accioly	6 votos
Para Vice Governador:	
Manoelito Moreira	30.061 votos
Antônio Diogo de Siqueira	108 votos

Essa eleição foi homologado pela Assembléia do Ceará, em sessão de 28 de junho de 1924. É evidente que aqui não se contestaram os méritos dos candidatos escolhidos, o desembargador José Moreira da Rocha e o conceituado médico Manoelito Moreira, mas o processo viciado das eleições que então se realizavam.

* * * * * *

Antônio Diogo de Siqueira, o vitorioso empresário que atingiu o apogeu da fortuna e do prestígio social, apoiando-se nos seus próprios êxitos, distinguiu-se mais ainda por sua extraordinária benemerência. Ele foi como uma árvore frondosa que a muitos deu abrigo. Chefe de família exemplar e dedicado, soube muito bem encaminhar na vida seus numerosos filhos e muito ajudou a seus irmãos e parentes. Afetuoso com todos, "estendeu essa sua afeição aos seus empregados, de quem conhecia de perto todos os problemas e os tratava carinhosamente pelo primeiro nome". Acatado e admirado pela classe patronal, o era muito mais ainda pelos empregados de suas fábricas. Homem boníssimo, a muitas pessoas e instituições, ajudou sem alardes, sem farisaísmo, usando muito dos bens que amealhara para socorro dos mais necessitados. O jornal católico "O Nordeste", em sua edição de 1º de setembro de 1924, dia do aniversário natalício de Antônio Diogo, ao comentar o acontecimento, em determinado trecho assim se manifesta sobre a figura do aniversariante: "*Cidadão rico dos bens que a fortuna reparte, é-o, igualmente, de bondade de coração, e, por isso, usa de sua riqueza em benefício da colletividade e em bem do progresso geral do Estado, de que é ilustre filho*". Tentar reconstituir hoje o muito de sua benemerência ou todo bem que praticou em vida é uma tarefa meio complicada, o que é natural pelo tempo decorrido de sua morte, que também já sepultou a grande maioria dos beneficiados e as testemunhas de seus atos de generosidade. Dos catorze filhos que criou, só sobrevive sua caçula, a Sra. Ivone Diogo de Medeiros, exatamente a que com ele menos conviveu, convivência de apenas dezoito anos, boa parte deles, envoltos na névoa da inconsciência da infância. Contudo os jornais de sua época e o que foi publicado após a morte do grande capitão de indústria não deixam margem a dúvidas quanto à largueza e generosidade de suas ações. Ainda do jornal O Nordeste de 02/09/1924, encontramos uma nota com doações para a Maternidade Dr. João Moreira. Antônio Diogo de Siqueira encabeça a lista de doadores com a importância de 5:000$000 (cinco contos de réis), Boris Frères, G. Gradvohl, Jeremias Arruda e Frota Gentil com 1:000$000 (um conto de réis) cada um, seguindo-se muitos outros doadores, pessoas e firmas conhecidas com importâncias variando em 500$000 (quinhentos mil réis) para menos. O total arrecadado importou em 14:000$000 do qual o generoso Coronel contribuiu com mais de 35%.

Entre muitos, um gesto de Antônio Diogo jamais poderá ser esquecido, mesmo porque marcou profundamente a alma cearense, com repercussão tão intensa que ficou gravado na própria história do Ceará. Estamos falando de sua decisiva participação na construção do Leprosário de Canafístula, localidade que hoje tem o seu nome, distrito do município de Redenção, lembrando aos pósteros a sua ação magnânima e perpetuando sua memória.

No início da década de 20, o problema da lepra no Ceará, e principalmente na Capital, havia adquirido proporções de calamidade, a ponto de a imprensa quase que diariamente, traduzindo o clamor público, vir fustigando as autoridades para que dessem uma solução tranqüilizadora para a população, apavorada com a incidência da moléstia e o convívio forçado com os doentes.

A grave doença, desde a antigüidade e até bem pouco era considerada altamente contagiosa, incurável, letal e pavorosa, inclusive pelas horríveis e repugnantes mutilações físicas que provocava. Até a Francisco de Assis, o grande santo da Igreja de Cristo, a princípio pareceu impossível superar o pavor que lhe causava a presença de um leproso. Com sua santidade conseguiu vencer e, com ela, chegar ao ponto de beijar as chagas de um doente que acabara de abraçar.

Graças ao avanço da ciência, hoje o quadro é bem diferente. Cuidado a tempo, o mal tem cura, não é dos mais contagiosos como se pensava e, com tratamento adequado e perseverante, as deformações físicas são mantidas sob controle. Os termos lepra e morféia foram abandonados e substituídos por hanseníase, mais técnico e que alivia um pouco a carga de preconceito ainda existente.

Não era assim no primeiro quartel deste século XX. A única solução encontrada era o confinamento definitivo e compulsório dos doentes.

A presença de grande número deles, perambulando pelas ruas de Fortaleza, implorando a caridade pública ou à procura de trabalho, causava um pavor crescente. Agrupados no morro do Croatá, no Arraial Moura Brasil, como medida paliativa, o Governo do Estado mandara construir alguns barracos para abrigá-los e auxiliava-os com uma diária que variava entre 2$000 a 3$000 (dois a três mil réis). No entanto as notícias freqüentes, de doentes entrando em contato com sadios, escolhendo pães no cesto dos padeiros que ali passavam, entregando-lhes o dinheiro da compra e mais o convívio promíscuo, inclusive sexual com pessoas sãs, tudo isso contribuía para o crescente pavor da população e o reclamo público por uma solução urgente. Por esse tempo, pontificava como vigário da Igreja do Carmo a figura decidida e santa do monsenhor Antônio Tabosa Braga, que do púlpito de sua igreja se propunha a sensibilizar a opinião pública para ajudar na solução do problema. Num dia de reunião de discussões fortes, na presença do presidente do Estado José Moreira da Rocha, monsenhor Tabosa pediu tempo para uma solução. Dali mesmo, em companhia do Dr. Amaral Machado, diretor do Serviço de Saneamento e do Dr. Luiz Morais Correia, partiu direto para a Rua Tristão Gonçalves 380, endereço de residência de Antônio Diogo. Partiu para bater na "porta da esperança". Estava certo o ilustre sacerdote. Exposto o assunto, de pronto Antônio Diogo aceitou a idéia de sua participação em campanha para construção de um leprosário, emprestando o peso de seu indiscutível prestígio e confiabilidade, indo muito além, pois de imediato contribuiu com a vultosa quantia de 100:000$000 (cem contos de réis), uma fortuna para a época, viabilizando o

Biblioteca Pública G. M. Funtenel
Setor do Ceará

empreendimento. O governo do Estado, diante do gesto magnânimo de Antônio Diogo, cedeu terras da Colônia Cristina, em Canafístula, para a localização da gafaria, liberando mais a importância de doze contos de réis. Não pode ser esquecida, a ajuda generosa da população que aderiu à memorável campanha liderada pelos alunos da Faculdade de Direito do Ceará. Assegurados os recursos, a comissão encarregada da construção, composta por Antônio Diogo, "o benfeitor incansável", por monsenhor Antônio Tabosa, "a dedicação incomparável" e pelo Dr. Luiz Morais Correia, "representando a classe acadêmica" passou de imediato a ação. Cronologicamente, a 14/08/1926, Antônio Diogo, em entrevista ao jornal O Nordeste fala do seu propósito de fundar uma colônia de leprosos. Em 26 de novembro, noticia-se que o coronel Antônio Diogo de Siqueira já construíra 32 casas para acomodação dos leprosos, em Canafístula. Em 07/01/1927, o presidente do Estado, José Moreira da Rocha, o arcebispo D. Manoel da Silva Gomes e Antônio Diogo visitam a construção. Finalmente, em 1º/08/1928, o Leprosário é inaugurado festivamente, tendo partido neste dia, às 7 horas, da Estação Central, um trem especial conduzindo uma grande comitiva de convidados. Antônio Diogo se fez presente, acompanhado dos seus genros médicos Edmundo Monteiro Gondim e César Cals de Oliveira. O Dr. Moreirinha já não era mais o presidente do Estado. No cargo estava o novo governante José Carlos de Matos Peixoto que presidiu a solenidade, a que assistiu toda cúpula do governo, prefeito da Capital, membros do Judiciário, das Forças Armadas, professores, médicos e jornalistas. A diretoria da colônia fora entregue às irmãs Capuchinhas, tendo as três primeiras religiosas, Inês, Egídia e Iluminata chegado ao Leprosário, no dia 29 de julho.

Em 09/08/1928 chegaram os primeiros 44 internos. No fim desse ano já eram 65, para em dezembro de 1929 atingir a marca de 143. E assim foi sempre crescendo aquela população de excluídos, rejeitados pela sociedade e até pelos entes mais queridos. Pobres lázaros! Uma dor imensurável!

Várias outras doações menores foram feitas pelo generoso Antônio Diogo, entre elas, o grande fogão de ferro para a cozinha, um motor a vapor e dois cataventos. No dia seguinte a inauguração, em todas as capelas da Arquidiocese de Fortaleza foram celebradas missas de ação de graças, em intenção do coronel Antônio Diogo, *"a quem muito devem os nossos inditosos patrícios doentes"*.

Por largo tempo o sustento dos leprosos foi garantido por Antônio Diogo que periodicamente fazia despachar um vagão de trem com mantimentos destinado àquelas criaturas, obrigadas pelas circunstâncias e pela crueldade da sorte, ao isolamento compulsório, longe de pais, esposas, maridos, filhos, irmãos, parentes, amigos e do meio em que nasceram e construíram o seu mundo afetivo.

Do poeta Ramos Netto, nascido em Fortaleza a 05/12/1888 e aqui mesmo falecido a 02/05/1944, cujo "verso é singelo, despretensioso, desataviado, embebido da tocante e envolvente sensibilidade", no dizer de Dolor Barreira, transcrevemos, mantida a fidelidade ao original, o soneto Filântropo, que sintetiza o sentimento coletivo, de admiração e gratidão, ao gesto magnânimo de Antônio Diogo.

Philântropo

Cel. Antônio Diogo

É o desejo christão de socorrer o pobre
Tudo que o coração de mais sublime tem.
Que sobre vosso lar o manto se desdobre
Das graças de Jesus, Apóstolo do bem!

Diante do vosso vulto o povo se descobre,
Vosso gesto bemdiz, se proclamando além...
A vossa caridade edificante e nobre
Venho, nobre senhor, glorificar também.

Humillimo cantor do céo de Fortaleza
Beijando vossa mão generosa e bemdicta
Em nome do Infortunio, em nome da Pobreza.

Eu vos trago uma flôr que o tempo não consome
Um lírio que nasceu nos ermos da Desdita.
A flôr da gratidão dos Lázaros sem nome!

Do cordel, de autoria de José Martins Teixeira, intitulado: A Colônia "Antônio Diogo" vista por dentro, publicado em 1956, extraímos este trecho:

.....
.....

O Governo do Estado
Nada podia fazer
Prender aqueles doentes
O que dar-lhes de comer?
O Tesouro estava arrasado
Portanto nenhum cruzado
Poderia despender.

É verdade que o Governo
Sentia grande aflição
E sem poder controlar
Aquela situação
Toda gente horrorizada
Quase a ser contagiada
Da praia ao alto sertão.

Surge então **Antônio Diogo**
Como um luzente farol

Enxotando as negras trevas
Como rebrilhante de sol
Que faz da escuridão
O mais luzente clarão
Prismatizar o arrebol.

Antônio Diogo era
Um famoso industrial
Um dos homens mais ricos
Que tinha na Capital
Um cearense amoroso
Um coração generoso
Enfim um homem leal.

Ele vendo que o Governo
Nada podia fazer
Em prol daqueles doentes
Era um poder sem poder
E vendo os desgraçados
Por todos abandonados
Pensou em socorrer.

Antônio Diogo então
Dirigiu-se ao Presidente
Disse-lhe: caro Senhor,
Vamos salvar essa gente
Que vive aí na cidade
Sofrendo a brutalidade
Dessa doença inclemente.

Respondeu-lhe o Presidente:
Construir um Leprosário
Eu não posso porque não
Disponho de numerário.
Eu dou cem contos de réis
Assino logo os papéis
Responde o milionário.

E mais se for necessário
Avise que lhe darei
O meu tesouro está cheio
Do dinheiro que ganhei
E nessa causa bendita
Contra a doença maldita
De coração gastarei.

Em 1978, por ocasião do jubileu de ouro do Leprosário foi colocado a sua frente o busto em bronze de Antônio Diogo, cumprindo-se a profecia do mesmo poeta que em outro trecho de seus versos, assim se expressou:

Falta a esta avenida
A estátua do animador
Coronel **Antônio Diogo**
Da Colônia fundador
Mas o local está reservado
Onde vai ser colocado
O busto daquele senhor.

Tempos antes de sua decisiva participação na construção do Leprosário, Antônio Diogo doara boa parte de um sítio de sua propriedade, denominado S. Luiz, no bairro de Jacarecanga, para construção do Asilo do Bom Pastor. Só as pessoas de mais idade, em Fortaleza, têm a exata dimensão do que representava esse Asilo. Ao tempo, quando uma jovem era iludida sexualmente, ao conquistador podia estar reservado o casamento forçado para "reparar o erro" e em situações mais críticas, a emasculação ou a morte encomendada ou perpetrada por algum membro da família "ultrajada". Normalmente, entre as famílias mais pobres do Interior, a jovem "desonrada" e o mais das vezes grávida era expulsa de casa pelo pai enfurecido pela vergonha e humilhação a que a família ficava submetida. A muitas dessas pobres criaturas não restava alternativa, a não ser a prostituição, ficando totalmente submissas à exploração de rufiões sem escrúpulos e "madames" desalmadas. A finalidade do Asilo do Bom Pastor era recolher essas pobres desamparadas, dando-lhes oportunidade de vida decente e digna. Foi para tal meritória obra que Antônio Diogo contribuiu com a generosidade de sua doação e com seu auxilio permanente a instituição.

Dos exemplos citados, três apenas, são suficientes para caracterizar o altruísmo daquele senhor.

* * * * * *

Antônio Diogo de Siqueira criou sua numerosa prole, num ambiente de austeridade e respeito. Atingindo a maturidade, viu-se rodeado do carinho e da amizade de filhos, genros, noras e netos. Para seus netos era o papai Diogo. Tinha a admiração e a gratidão de seus operários, a amizade dos irmãos e sobrinhos e o respeito da sociedade. Era um homem realizado e feliz. Foi nesse ambiente de conforto pessoal que veio a falecer, aos 67 anos, na madrugada de 24 de junho de 1932. Embora estivesse acometido de uma erisipela e sofresse de problemas renais, o seu passamento não era esperado, causando profundo sentimento de dor e de perda irreparável.

O corpo de Antônio Diogo foi velado em sua residência de onde, às 16h30, saiu o féretro para o São João Batista, acompanhado por cerca de duzentos automóveis, quinze ônibus e centenas de operários que até o campo santo empurraram o carro da Empresa Funerária. "Em todo o trajeto, desde a travessa[9] Duque de Caxias até o Cemitério, por

[9] Assim eram chamadas todas as ruas de Fortaleza que tinham o sentido nascente poente.

onde passou o cortejo fúnebre, se apinhava gente de todas as classes sociais, famílias e cavalheiros, assistindo ao desfilar moroso do imenso cortejo". À beira da sepultura falou o Dr. Manuel Leiria de Andrade. "O orador, em frases sentidas e tomado de visível comoção, disse da grandeza do coração do cel. Diogo, da sua ação benemérita em benefício da pobreza, que nele perdera um de seus maiores benfeitores. O cidadão bom, despido de vaidades e preconceitos, e, que pelo trabalho, e pela honestidade do seu proceder, se fizera querido e admirado por todos, grandes e pequenos, ricos e pobres". Todos os jornais locais abriram amplos espaços comentando o acontecimento.

Antônio Diogo deixou um imenso patrimônio constituído pelo capital social da A D Siqueira & Filhos, empresa líder do grupo, dinheiro em conta corrente, depósitos bancários, títulos de crédito e dívidas ativas, apólices de seguro, móveis, centenas de imóveis, englobando muitas casas, prédios, sítios, glebas de terras e fazendas com benfeitorias e gados. Listá-los seria impraticável, mas para que se tenha uma ordem de grandeza, apresentamos uma síntese da avaliação procedida para efeito de partilha:

• em dinheiro	6.202:586$644
• em títulos de crédito e dívidas ativas	333:545$000
• em móveis	4:877$800
• em imóveis	1.653:250$000
• Total	8.194:259$444

Importou em oito mil cento e noventa e quatro contos, duzentos e cinqüenta e nove mil, quatrocentos e quarenta e quatro réis, os bens legados, cuja descrição, avaliação e partilha, foi feito de forma amigável, entre a viúva meeira e seus quatorze filhos.

Sobre Antônio Diogo, assim se manifestaram Raimundo Girão e Antonio Martins Filho, no livro "O Ceará[10]": "Rico e adiantado industrial, de larga atuação na vida empresarial e política do Ceará. Espírito empreendedor e pertinaz, soube fazer-se à custa de si próprio e faleceu deixando como legado à sua grande e prestigiosa família, um nome cheio de honradez e um exemplo de trabalho construtivo". Incorreram, no entanto, no mesmo engano de o supor nascido em Sobral.

Anos depois, em 21/08/1958, faleceu D. Elisa Viana de Siqueira, que após a morte do marido adotara o nome de Elisa Antônia Diogo de Siqueira, aos 87 anos incompletos. Rica, muito rica, porém modesta e simples, benemérita criatura, seu sepultamento mereceu a seguinte manchete de jornal: "*Foi uma consagração póstuma o enterro da senhora Elisa Diogo de Siqueira*"

O casal gerou vinte filhos, incluindo-se uma gravidez, naturalmente interrompida, acontecida entre os nascimentos de Hilza e Diogo. Eis a numerosa prole:

N.5.1 Amélia Diogo de Siqueira	n.22/03/1888
N.5.2 Maria Diogo de Siqueira	n.12/06/1889
N.5.3 José Diogo Vital de Siqueira	n.12/07/1890
N.5.4 Luiz Diogo de Siqueira	n.12/05/1892
N.5.5 Elisa Diogo de Siqueira	n.29/12/1893

[10] O Ceará – Raimundo Girão e Antonio Martins Filho - Editora Fortaleza, 1939, pág. 403 e 404.

N.5.6 Antônio Diogo de Siqueira Filho	n.03/07/1895
N.5.7 Francisco Diogo de Siqueira	n.07/07/1896
N.5.8 George Diogo de Siqueira	n.08/11/1897
N.5.9 Judith Diogo de Siqueira	n.08/10/1898
N.5.10 Hilza Diogo de Siqueira	n.08/10/1899
N.5.11 Diogo Vital de Siqueira	n.25/01/1901
N.5.12 Carmen Diogo de Siqueira	n.27/02/1902
N.5.13 Creusa Diogo de Siqueira	n.15/09/1905
N.5.14 Carmelita Diogo de Siqueira	n.31/10/1906
N.5.15 Odir Diogo de Siqueira	n.09/01/1908
N.5.16 Waldyr Diogo de Siqueira	n.05/04/1910
N.5.17 Laudy Diogo de Siqueira	n.24/10/1911
N.5.18 Ivone Diogo de Siqueira	n.16/12/1912
N.5.19 Ivone Diogo de Siqueira	n.07/06/1914

N.5.1 **Amélia Diogo de Siqueira** (Melita) casou em 04/07/1908, na capela do Palácio Episcopal, com Jorge Cals de Oliveira, natural de Fortaleza, nascido em 24/12/1882 e aqui falecido em 13/07/1928, filho de Henrique José de Oliveira e de Francisca Cals de Oliveira, neto do comerciante francês Henri Cals[11]. D. Melita faleceu em Fortaleza, em 23/03/1967, estando ambos sepultados no mausoléu do coronel Antônio Diogo de Siqueira no S. João Batista. Filhos do casal:

Bn.5.1.1 Francisca Cals de Oliveira	n.23/04/1909
Bn.5.1.2 Elisita Cals de Oliveira	n.20/09/1910
Bn.5.1.3 Antônio Diogo Cals de Oliveira	n.15/11/1911
Bn.5.1.4 Maria José Cals de Oliveira	n.31/03/1915
Bn.5.1.5 Dagmar Cals de Oliveira	n.09/03/1917
Bn.5.1.6 Jorgelito Cals de Oliveira	n.28/10/1921

Bn.5.1.1 **Francisca Cals de Oliveira** (**Fransquinha**), homônima de sua avó paterna, casou em 12/05/1934, na Igreja do Carmo, com Pedro Coelho de Araújo, nascido no lugar Cumbuco, em Itapipoca (CE), em 29/04/1908 e falecido em Fortaleza, às 7h30min, em 28/06/1979, filho do cel. Rufino Coelho de Araújo e de Maria Alves de Araújo. Pedro Coelho, que fazia parte de uma numerosa irmandade de 33 irmãos, dos três casamentos do coronel Rufino, foi comerciante e construtor, teve notável projeção nos meios empresariais e sociais do Ceará. Com outros, fundou o Náutico Atlético Cearense, clube que presi-

[11] Henri Cals chegou ao Império do Brasil em 15/08/1837 no navio Verginne, do porto de Cette, na França, de onde era natural. Chegou a Fortaleza, em 21/12/1841, no navio Maria Luíza, vindo do porto de Pernambuco. Era baixo, de cor branca, cabelos e olhos castanhos. Ao chegar a Fortaleza foi morar na Rua da Palha, nº 50 e declarou, no título de residência de estrangeiros, ter vinte anos de idade. Presume-se, então, que nascera por volta de 1821.

diu durante muitos anos. Francisca Cals de Araújo, nome que adotara após o casamento, celebrado pelo monsenhor José Quinderé, faleceu às 6h10min em sua residência, na Rua General Sampaio 1.497, em Fortaleza, em 08/04/1983, vitimada por moléstia cardíaca. Filhos do casal:

Tn.5.1.1.1 Rufino Coelho Neto n.02/03/1935
Tn.5.1.1.2 Rufino Coelho Neto n.09/04/1936
Tn.5.1.1.3 Jorge Cals Coelho n.13/05/1937
Tn.5.1.1.4 Pedro Coelho de Araújo Filho n.24/11/1942
Tn.5.1.1.5 Luiz Antônio Coelho de Araújo n.25/04/1944
Tn.5.1.1.6 Amélia Cals Coelho n.12/06/1945

Tn.5.1.1.1 **Rufino Coelho Neto**, primeiro do nome, faleceu criança.

Tn.5.1.1.2 **Rufino Coelho Neto**, segundo do nome, casou em 06/12/1986, na Igreja da Paz, com Lucy Altiva Seraine, nascida em 30/09/1919, promotora de Justiça, titular efetiva da comarca de Limoeiro (CE), tendo posteriormente ocupado a promotoria da Capital, na 4ª Vara da 4ª Entrância, filha de João Pedro Seraine e de Maria Júlia Alves Seraine. Comandante aposentado da Marinha Mercante, Rufino Coelho Neto, faleceu às 4 horas, em Fortaleza, em 12/06/1994. Sem sucessão.

Tn.5.1.1.3 **Jorge Cals Coelho**, engenheiro civil, foi dos quadros da Petrobrás. Tempos depois residiu em Brasília onde se destacou como "restauranter" proprietário do La Bècasse. Casou em 04/09/1965, na Igreja do Carmo, com Maria das Graças Mourão Landim, nascida em Nova Russas (CE), filha de Francisco Furtado Landim e de Elionidas Mourão Landim. Divorciado. Tem um segundo casamento com Ivone Diógenes Parente Coelho.

Filha do primeiro leito:

Qn.5.1.1.3.1 Andréa Landim Coelho n.24/08/1966

Filhos do segundo leito:

Qn.5.1.1.3.2 Fernanda Diógenes Parente Coelho n.09/05/1978
Qn.5.1.1.3.3 Jorge Cals Coelho Filho n.23/11/1979
Qn.5.1.1.3.4 Pedro Diógenes Parente Coelho n.29/04/1984

Qn.5.1.1.3.1 **Andréa Landim Coelho** casou na Igreja de São Vicente de Paulo, em 30/11/1993, com Bruno Melo, filho do Dr. Dalmo e Marise Melo, naturais de Aracajú, em cerimônia presidida pelo padre Fialho. Divorciada. Casou em segundas núpcias, com Ludivik Gross, de nacionalidade alemã. Filha do segundo leito:

Pn.5.1.1.3.1.1 Luana Gross n.18/10/1998

Tn.5.1.1.4 **Pedro Coelho de Araújo Filho (Pedrinho)**, comerciante, casou em 26/02/1966, na Igreja do Carmo, com Maria Lúcia de Albuquerque Lima, natural de Quixadá (CE), viúva de Ruy Fernando Amora Maia e filha de Sátiro Gomes de Lima e Maria Celeste de Albuquerque Lima. Presidiu e abençoou a cerimônia o padre Jorgelito Cals de Oliveira, tio materno do noivo. Pedro Coelho de Araújo Filho faleceu em 04/07/1997, em Fortaleza. Filhos:

Qn.5.1.1.4.1 Ricardo Lima Coelho n.24/11/1966
Qn.5.1.1.4.2 Pedro Coelho de Araújo Neto n.15/05/1969

Qn.5.1.1.4.1 **Ricardo Lima Coelho** cursou administração de empresas e fez curso de informática. Entre seus trabalhos profissionais, consta a informatização do Hospital São Mateus de Fortaleza. Casou-se com Ana Luiza de Souza Pinho, filha de Luís e Cely de Souza Pinho, naturais de Salvador (BA), cidade onde Ricardo e Ana Luiza atualmente residem. Filha do casal:

Pn.5.1.1.4.1.1 Mirela Pinho Coelho n.10/12/1990

Qn.5.1.1.4.2 **Pedro Coelho de Araújo Neto** cursou matemática na Universidade Católica de Salvador (BA) e administração de empresas na Universidade de Fortaleza-Unifor, não tendo concluído os dois cursos. Prestou consultoria em informática ao Pólo Petroquímico de Camaçari, quando residiu em Salvador. De 1988 a 1995, foi gerente de CPD do Grupo Edson Queiroz. Respondeu pela Superintendência de Marketing da cadeia de Lojas Paraíso, ambos em Fortaleza. Exerce as funções de controladoria e marketing na direção do Sirigüella, destacado bloco das micaretas de Fortaleza. Em maio de 1998, contraiu matrimônio com Larissa Rios Leite, filha do empresário Francisco Leite e Marta.

Tn.5.1.1.5 **Luiz Antônio Coelho de Araújo**, funcionário público, auditor, casou em 04/12/1969, na capela do Colégio S. José, de Baurú (SP), com Alíria Abreu de Almeida, filha de Célio de Almeida e Alyria Abreu de Almeida. O casal fixou residência naquela cidade paulista. Filhos:

Qn.5.1.1.5.1 Célio de Almeida Araújo n.23/05/1979
Qn.5.1.1.5.2 Melissa de Almeida Araújo n.27/02/1980
Qn.5.1.1.5.3 Luís Antônio Coelho de Araújo Filho n.13/11/1983

Tn.5.1.1.6 **Amélia Cals Coelho de Araújo**, professora diplomada, empresária, casou em 04/04/1970, na Igreja de S. Benedito, com o Dr. Aloísio Dutra de Melo, nascido em 24/10/1940, filho de Jaime e Laura Dutra de Melo. Divorciada. Filhos do casal:

Qn.5.1.1.6.1 Rocaia Coelho Dutra n.04/04/1975
Qn.5.1.1.6.2 Endrigo Coelho Dutra n.14/04/1978

Bn.5.1.2 **Elisita Cals de Oliveira**, modesta e profundamente religiosa, freqüentava, diariamente, a Igreja de S. Benedito. Faleceu em Fortaleza, em 03/04/1994. Inupta.

Bn.5.1.3 **Antônio Diogo Cals de Oliveira**, industrial e fazendeiro, casou em 31/07/1959, na Igreja de Fátima, com Francisca

Costa Braga (Francis), falecida e em segundas núpcias com Maria Célia Avelino. Faleceu às 8h55min, no Hospital de Messejana, em Fortaleza, de edema agudo do pulmão e insuficiência coronariana, em 05/01/1993. Sem sucessão.

Bn.5.1.4 **Maria José Cals de Melo (Zeza)** casou em 29/04/1936, em casa particular, em Fortaleza, sendo celebrante, o monsenhor José Quinderé, com José Lemos de Melo (Dedé), nascido em 29/04/1910, filho de José Theobaldo de Melo e Maria Lemos de Melo, seu Zezinho e Dona Sinhá, como geralmente eram conhecidos. Sobre a personalidade de José Lemos de Melo, transcrevemos as informações que solicitamos e que foram transmitidas ao autor, por seu filho único Carlos Roberto: "Dedé ou Zé Lemos era um jovem cheio de vida, sempre alegre e a todos cativava com sua simpatia. Desportista nato, chegou a integrar o time de futebol da repartição onde trabalhava, o Fazenda Sport Club; entusiasta folião, integrou a diretoria do bloco **Prova de Fogo**, várias vezes campeão dos antigos carnavais e por quem recebeu muitas taças; dotado de uma bela voz, a todos encantava quando se fazia acompanhar de violão, instrumento que dominava com maestria". Ambos, Zeza e Dedé, faleceram muito moços, ele do coração, em 06/05/1940, com apenas trinta anos e ela, às 15h40min, em 22/03/1958, com 43 anos (dia em que sua mãe, Melita, completava setenta anos), de insuficiência mitral, o mesmo mal cardíaco que vitimara seu bisavô, José Diogo Vital de Siqueira. Filho do casal:

Tn.5.1.4.1 Carlos Roberto Cals de Melo n.05/01/1938

Tn.5.1.4.1 **Carlos Roberto Cals de Melo**, economista, com cursos de especialização em técnica de projetos de desenvolvimento econômico, projetos de urbanização, economia agrícola, auditoria em empresas, e outros, tendo sido funcionário do Banco de Desenvolvimento Econômico do Ceará (Bandece), contratado mediante concurso público, em 1967. Em 1971, foi designado delegado regional do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, órgão do Ministério do Interior, para a região do Ceará, Piauí e Maranhão. Após seu retorno ao Bandece, em 1976, foi designado para exercer as funções de superintendente do Departamento Regional do Serviço Social da Indústria - Sesi - CE. Casou em 05/04/1958, na Igreja do Bom Jesus de Parangaba, com Conceição de Maria Furtado Weyne, filha de Moacir Weyne do Nascimento e de Maria Zenilda Furtado Weyne, neta materna do Dr. João Amadeu Furtado e de Zenóbia Quixada Furtado, ele, conceituado médico e político, tendo sido deputado estadual constituinte em 1947, presidente da Assembléia, em 1950 e governador do Estado, quando transmitiu o cargo ao governador eleito, Raul Barbosa. Conceição de Maria, que já presidiu a Associação das Fonoaudiólogas do Ceará e foi auditora do Conselho Federal de Fonoaudiólogos, fundou e dirige a Clínica Amadeu Furtado, desde 17 de março de 1990, data de sua inauguração. É profissional de largo conceito e grandes méritos, em problemas de dicção e empostação de voz, além de admirada declamadora. Filhas do casal:

Qn.5.1.4.1.1 Maria José Weyne de Melo n.01/11/1958

Qn.5.1.4.1.2 Cristiana Maria Weyne de Melo n.01/12/1964

Qn.5.1.4.1.1 **Maria José Weyne de Melo (Zeza)**, fonoaudióloga, casou em 08/12/1978, na Igreja da Paz, com Hudson Paiva de Castro, filho de Hugo de Castro e Maria Zeneida Paiva de Castro. Após o casamento adotou o nome de Maria José de Melo Castro. Filhos:

Pn.5.1.4.1.1.1 Carla Weyne Melo de Castro n.13/12/1981

Pn.5.1.4.1.1.2 Carlos Roberto Cals de Melo Neto n.28/04/1984

Pn.5.1.4.1.1.3 Cláudia Weyne Melo de Castro n.25/05/1985

Pn.5.1.4.1.1.2 **Carlos Roberto Cals de Melo Neto**, com apenas onze anos de idade, escreveu e lançou em 06/05/1995, na Clínica Amadeu Furtado, um livro de ficção a que deu o nome de Caéculos, tendo ido procurar inspiração na mitologia grega. É um fato inusitado, tanta inspiração do pequeno escritor, e uma promessa de enriquecimento futuro das letras cearenses.

Qn.5.1.4.1.2 **Cristiana Maria Weyne de Melo e Sousa**, terapeuta ocupacional, casou em 17/11/1983, na Igreja do Líbano, com Aydes Carneiro de Sousa, nascido em 20/04/1963, filho de Absay de Sousa e Aélia Ribeiro de Sousa. Filhos do casal:

Pn.5.1.4.1.2.1 Nathália Weyne de Melo e Sousa n.05/06/1984

Pn.5.1.4.1.2.2 Manuela Weyne de Melo e Sousa n.05/12/1989

Pn.5.1.4.1.2.2 **Manuela Weyne de Melo e Sousa** tem-se revelado uma promissora atriz, com participação em vários comerciais para as redes de televisão de Fortaleza, Salvador e Belém, inclusive com gravação bastante elogiada, com o cômico cearense Renato Aragão.

Bn.5.1.5 **Dagmar Cals de Oliveira** casou em 16/05/1936, na Igreja do Carmo, com José Guimaerães Coelho, nascido em Pacatuba (CE), filho do major da Guarda Nacional, Francisco Coelho de Souza Catunda e de Maria Guimarães Coelho, proprietários do paradisíaco sítio Cachoeira, na serra de Aratanha, onde era fabricado o apreciado Doce Coelho. Após o casamento, adotou o nome de Dagmar Cals Coelho. Filha do casal:

Tn.5.1.5.1 Amélia Maria Cals Coelho n.08/01/1938

Tn.5.1.5.1 **Amélia Maria Cals Coelho (Amelinha)**, professora diplomada, casou com José Wilton de Carvalho, bancário, tendo adotado na ocasião o nome de Amélia Maria Coelho de Carvalho. José

Wilton de Carvalho, faleceu em Fortaleza, em 18/07/1998. Filhos:

Qn.5.1.5.1.1 José Bráulio Coelho de Carvalho n.08/11/1964
Qn.5.1.5.1.2 José Wilton de Carvalho Filho n.25/10/1967
Qn.5.1.5.1.3 Alessandra Maria Coelho de Carvalho n.18/06/1972

Qn.5.1.5.1.1 **José Bráulio Coelho de Carvalho**, comerciante, casou com Maria José Rodrigues de Carvalho, economista, nascida em 12/04/1965, filha do comerciante Pedro Rodrigues e de Heloisa Rodrigues. Filha do casal:

Pn.5.1.5.1.1.1 Danielle Maria Rodrigues de Carvalho n.21/02/1997

Qn.5.1.5.1.2 **José Wilton de Carvalho Filho**, técnico em computação, casou com Edith Maria Barroso de Carvalho, fiscal da Secretaria da Fazenda do Ceará, nascida em 24/04/1971, filha de Jorge Barroso e de Simone Romcy Barroso. Filha do casal:

Pn.5.1.5.1.2.1 Simone Maria Barroso de Carvalho n.26/02/1994

Qn.5.1.5.1.3 **Alessandra Maria Coelho de Carvalho**, fisioterapeuta, formada pela Universidade de Fortaleza - Unifor.

Bn.5.1.6 **Jorgelito Cals de Oliveira**, ordenado sacerdote, em 26/11/1944, foi figura de real destaque do clero cearense. Professor e membro do Conselho Estadual de Educação, colegiado do qual foi presidente. Pediu dispensa de suas funções sacerdotais, tendo contraído matrimônio com Amélia Ribeiro da Cunha, nascida em 28/04/1935. Em 15/10/1985 foi agraciado com a Medalha Justiniano de Serpa, pelos relevantes serviços prestados à educação no Ceará. É nome de escola em Mundaú, distrito de Trairi (CE). Sem sucessão.

N.5.2 **Maria Diogo Pinto Nogueira (Morena)** casou na residência de seus pais, na Rua Tristão Gonçalves, 380, em 06/05/1911, com Lindolpho Pinto Nogueira, guarda-livros, filho de Casemiro Pinto Nogueira e Anna Pinto Nogueira. Testemunharam o ato o comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, presidente do Estado, e o médico Dr. José Pinto, tio materno e irmão do noivo, respectivamente. Dando buscas no "Almanack do Ceará", encontramos Lindolpho, trabalhando na Secretaria da Justiça, como amanuense, nos anos de 1904 e 1905; de 1906 a 1908, está como primeiro oficial da mesma secretaria e em 1910, como primeiro oficial da Secretaria do Interior e Justiça e ostentando a patente de major. Em 1916, Lindolpho Pinto Nogueira entra como sócio de indústria, da firma de seu sogro, a A D Siqueira & Filhos, retirando-se da sociedade em 1927. Já viúva, Dona Morena, faleceu aos 74 anos, de repente e tranqüilamente, de infarto, quando fazia seu crochê, em 28/02/1964, em Fortaleza. Familiares, supondo-a dormindo, tentaram despertá-la, chamando-a com insistência: Morena! Morena! Dona Morena estava morta. Filho único do casal:

Bn.5.2.1 Ismar Pinto Nogueira n.15/05/1912

Bn.5.2.1 Dr. **Ismar Pinto Nogueira** estudou no Colégio Cearense e no Liceu do Ceará. Em 1927, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, onde permaneceu por dois anos. Transferiu-se para a Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde colou grau em 1932. Ainda como acadêmico, trabalhou como interno, nos serviços de ginecologia e obstetrícia do Hospital S. Francisco e foi auxiliar acadêmico, por concurso, dos postos de Assistência Pública e do Hospital de Pronto Socorro. Após formado, trabalhou dois anos em S. Paulo e foi auxiliar adjunto da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina de S. Paulo. Retornando ao Rio, foi assistente dos serviços de ginecologia e obstetrícia do Dr. Armando Aguinaga. Em 1947, foi nomeado chefe da Clínica Obstétrica do antigo Hospital dos Servidores do Estado (HSE), onde realizou o seu maior trabalho funcional. Aprovado em concurso, foi professor livre-docente de clínica obstétrica. Em 1972, encerra o seu ciclo de funcionário público e vai trabalhar na 28ª Enfermaria, dirigida pelo professor Álvaro de Aquino Salles e com o falecimento deste, continua no mesmo serviço, agora dirigido pelo professor Alkindar Soares Pereira, colaborando com os trabalhos médicos e nas tarefas de ensino do Curso de Especialização em Ginecologia. Em 1952, doutorou-se em medicina, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. É o Dr. Ismar Pinto Nogueira, possuidor de vários outros títulos, que enriquecem o seu currículo e ressaltam as suas qualidades de competente profissional da medicina. Casou em 27/05/1942, com Maria Esther Nunes Nogueira, paulista de Batatais, falecida no Rio de Janeiro, em 1º/10/1992, casamento harmonioso que durou cinqüenta anos e quatro meses. Faleceu o Dr. Ismar, ao meio dia, de 28/12/2001, aos 89 anos, no Rio de Janeiro, onde foi sepultado. Filhos do casal:

Tn.5.2.1.1 Ruy Nunes Pinto Nogueira n.26/02/1943
Tn.5.2.1.2 Roberto Nunes Pinto Nogueira n.23/10/1946
Tn.5.2.1.3 Rogério Nunes Pinto Nogueira n.07/04/1949

Tn.5.2.1.1 **Ruy Pinto Nogueira**, diplomata, casado e divorciado de Ana Mariz Nogueira. Aos dezoito anos, prestou concurso para o Ministério das Relações Exteriores, então sediado no Rio de Janeiro, sendo aprovado, mas por força do regulamento, fez um ano do curso do Instituto Rio Branco, quando se diplomou. Diplomata em fim de carreira, pois já galgou todas as promoções, inclusive a última que a de ministro de 1ª classe, que corresponde ao cargo de embaixador. Serviu em São Domin-

gos, Roma e Paris. Durante certo tempo, esteve fora do Ministério do Exterior, trabalhando no Ministério do Planejamento, no cargo de assessor técnico do Ministro. Foi porta-voz do Ministro do Exterior, na gestão do Dr. Roberto Abreu Sodré. Dirigiu dois departamentos do Ministério das Relações Exteriores: o do Oriente Médio e o de Promoção Comercial. Em 1994, foi designado para servir em Londres, onde exerceu o cargo de Cônsul Geral. Atualmente é embaixador do Brasil na Venezuela. Filho do casal:

Qn.5.2.1.1.1 **João Carlos Mariz Nogueira**. Em 1994, ingressou na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tn.5.2.1.2 **Roberto Nunes Pinto Nogueira**, economista, casado com Jaqueline Studart Nogueira, cearense, nascida em 21/06/1952, filha de Evandro de Queiróz Studart e Emília Santana Studart. Fez o curso de economia, na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio de Janeiro (Cândido Mendes), no período de 1967-1970. Em 1972, realizou curso de pós-graduação em Economia Energética, sob o patrocínio do Ministério das Minas e Energia, no Instituto Brasileiro de Administração e Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas. Nomeado para a Eletrosul, com a transferência da sede da companhia para Florianópolis, Santa Catarina, foi removido para aquela cidade, onde reside. Filhos do casal:

Qn.5.2.1.2.1 **Alexandre Studart Nogueira**, economista, graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Qn.5.2.1.2.2 **Luciano Studart Nogueira** cursou de administração de empresas, na Universidade Vale do Itajaí (Univale), em Santa Catarina.

Qn.5.2.1.2.3 **Márcio Studart Nogueira**, estudante secundarista em Florianópolis.

Tn.5.2.1.3 **Rogério Nunes Pinto Nogueira**, economista, casado com Fátima Filizzola Nogueira, filha do brigadeiro Manlio Fisher Filizzola, falecido, e de Jandira Dalambert Fillizzola. Cursou a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio de Janeiro (Fundação Cândido Mendes), no período de 1967-1970, junto com seu irmão Roberto. Em 1971, fez o curso de economia energética, sob o patrocínio do Ministério das Minas e Energia, no Instituto Brasileiro de Administração e a Escola de Pós Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas. Posteriormente, estagiou na Eletrobras. Selecionado, foi admitido na companhia. Reside no Rio de Janeiro. Filhos do casal:

Qn.5.2.1.3.1 Rômulo Filizzola Nogueira

Qn.5.2.1.3.2 Rodrigo Filizzola Nogueira

N.5.3 **José Diogo Vital de Siqueira (Zezé)**, nascido em 12/07/1890, homônimo de seu avô paterno, tem o nome perpetuado em avenida de Fortaleza, exatamente a que beira o mar, em toda a extensão da chamada Praia do Futuro. Industrial, segundo consta, de largo tirocínio e competência, vocacionado para o mundo dos negócios foi o primeiro filho a participar da sociedade com o pai, na firma que girou com o nome de A D Siqueira & Filho. Sem nunca ter disputado mandatos, porém pertenceu aos quadros do PSD de Menezes Pimentel, como membro da executiva daquele partido. Para Zezé, a palavra empenhada valia mais que qualquer papel assinado, tipo de homem que hoje fica cada vez mais raro. Casou em 07/08/1930, na Igreja do Carmo, com Stellina Furtado Ehrich (Nina), nascida em Fortaleza, em 20/05/1896, batizada em 26 de julho do mesmo ano, na matriz de São José (Catedral), conforme consta do livro 56 de batizados da Sé, fls. 154v. de 1894 a 1896, filha de Antônio Henrique Ehrich e de Maria Furtado de Oliveira Ehrich, neta paterna de Francisco Henrique Carlos Ehrick, de ascendência alemã, e de Stellina d'Oliveira Conde, cujo casamento realizado em 11/07/1864, teve como celebrante, D. Luiz Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará. A avó Stellina, de quem Nina herdou o nome, era por sua vez, filha de José Maria Conde, espanhol radicado em Fortaleza, no primeiro quartel do século XIX e de sua mulher Teresa Maria de Jesus. Logo no início da construção da majestosa catedral de Fortaleza, Zezé Diogo presidiu a comissão de alto nível, encarregada de angariar fundos para concretização da obra, monumento a fé católica, idealizado pelo saudoso antístite, D. Manoel da Silva Gomes. Em setembro de 1945 é eleito presidente da Sociedade da Defesa da Criança da Aldeiota (sic), ocasião em que faz doação de um terreno na Rua José Vilar para construção de um posto de puericultura e mais Cr$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros), gesto que bem caracteriza o seu humanitarismo, com certeza, uma herança do seu benemérito pai, Antônio Diogo de Siqueira. Na ocasião, vale ressaltar, Zezé era proprietário do quadrilátero de terras formado pela Avenida Santos Dumont, Rua Silva Paulet, Avenida da Abolição e Rua José Vilar, onde hoje se situam pelo menos nove quadras das mais valorizadas de nossa cidade. Na cabeça do quadrilátero, na Av. Santos Dumont, estava a sua mansão de residência. Em 1946, está como presidente da Federação das Associações de Comércio e Indústria do Ceará (Facic). Foi vice-presidente do Banco dos Importadores; diretor-presidente das Industrias Extratoras São Gerardo, de Senador Pompeu (CE); vice-presidente da Imobiliária Antônio

Diogo S. A. Alguns anos antes de seu falecimento fixou residência no Rio de Janeiro, sendo vizinho da família Aranha, quando manteve cordial amizade com o embaixador Osvaldo, um dos brasileiros mais luminosos de todos os tempos. Faleceu no Rio de Janeiro, na madrugada de 23/11/1951, onde foi sepultado na tarde do mesmo dia. O jornal Unitário, de Fortaleza, edição de 24/11/1951, assim comentou o acontecimento: "CONSTERNADA A CIDADE COM A NOTÍCIA DO FALECIMENTO DE ZEZÉ DIOGO. José Diogo Vital de Siqueira ocupava posição marcante no comércio e na sociedade cearense". E prossegue com a notícia: "esse sentimento de luto geral que tomou conta de Fortaleza com a infausta notícia do conhecido capitão de indústria do Ceará, tinha razão de ser nas profundas raízes que o ligavam a todo o povo cearense, quer por atividades em prol do progresso econômico do Ceará, quer por obras no campo da assistência social". Ao falecer, Zezé Diogo deixou um grande patrimônio, muitos imóveis em Fortaleza e no Rio de Janeiro, então capital da República, onde possuía mais de trinta apartamentos. Nina teve vida longa, falecendo com mais de 104 anos, em novembro de 2000, pobre, pois, cedo e de forma perdulária, se desfizera de todo o patrimônio havido da meiação de seu casamento. Filha do casal:

Bn.5.3.1 **Lúcia Ehrich Diogo de Siqueira**, perfilhada, nascida em 25/07/1936, funcionária pública nos Estados Unidos, residindo em Celina - Texas. Casada e divorciada de Luiz Marcelo Diogo de Siqueira, filho de Diogo Vital de Siqueira (irmão de Zezé) e de Maria Amélia Caracas de Siqueira. Ver item Bn.5.11.2. Filhos:

Tn.5.3.1.1 José Ricardo Diogo de Siqueira n.20/03/1953

Tn.5.3.1.2 Ghislaine Diogo de Siqueira n.29/03/1954

N.5.4 **Luiz Diogo de Siqueira**. O pequeno Luiz, nascido em 12/05/1892, faleceu de "dentição", no dia 16/01/1893, com apenas oito meses de idade. Seu nome homenageava o avô materno, Luiz Antônio de Araújo Vianna. Era afilhado de batismo do casal Eugênio Nunes de Lima e Luiza Vianna Nunes, sua tia materna.

N.5.5 **Elisa Diogo Rodrigues (Nenen)**, que é a mesma Elisa Siqueira Rodrigues, batizada na Igreja do Patrocínio, em 25/02/1894, sendo seus padrinhos o casal Zeferino Hypólito de Andrade Belleza e Ignácia Messias de Siqueira, sua tia paterna. Casou em 07/01/1911, na casa de seus pais, na Rua Tristão Gonçalves, 380, com Raymundo Agostinho Rodrigues, nascido em São Bento da Amontada (CE), em 08/01/1885, filho de José Agostinho Rodrigues, (comerciante e fazendeiro; vereador em Fortaleza de 1912 a 1916) e Francisca Petronília Rodrigues. Testemunharam o ato religioso Lindolpho Pinto Nogueira e o Dr. Manoel Moreira da Rocha, apelidado de "Manoel Onça" ou "Moreira Onça", segundo alguns por causa de sua coragem pessoal e para outros, como Raimundo Girão em Geografia Estética de Fortaleza, a alcunha era devida "a seu pigarrear esturrante e incontido". Mais de 64 anos depois, um neto de Nenen (Luciano Frota) casaria com uma neta de "Manoel Onça" (Mônica Moreira da Rocha).

Raymundo Agostinho Rodrigues (Doca) era filho único. Seu pai possuía prósperas fazendas em Quixeramobim e Amontada, além de prédios comerciais no centro de Fortaleza. Doca era amigo do poeta Virgílio Brandão, primo legítimo de sua esposa Nenen. O soneto que se segue, o poeta publicou em suas "Lyricas" em 1905, portanto seis anos antes do casamento de Doca e Nenen.

É muito tarde.

(Ao Raymundo Agostinho Rodrigues)

Que queres tu, mulher, quando me vês!
Acaso sou ainda a ti sujeito?
Tu achas pouco quanto a mim tens feito
De crueldade e ingratidões? Talvez!...

Tu sabes porque vivo assim desfeito,
Banhado em prantos da cabaça aos pés?
Tu sabes porque geme este meu peito
- A causa destas dôres tão crueis?

Ah! Nem fales, por Deus, ao desgraçado
Que o coração em mil pedaços traz
Dentro do peito todo espedaçado.

Deixa, fingida, o mísero cobarde!
Não quero mais te amar, não posso mais,
Tyrana, ingrata; é tarde!...é muito tarde!...

Em 1914, conforme consta do "Almanack do Ceará" daquele ano, Raymundo Agostinho já se estabelecera na Praça do Ferreira, nº 38, com comércio de fumos, próximo ao estabelecimento do sogro, na mesma praça, nº 45. Foi fazendeiro e criador. Em 1930, com seu concunhado Dr. César Cals, fez parte da Aliança Liberal, movimento político de apoio à candidatura de Getúlio Dornelles Vargas e João Pessoa a presidente e vice-presidente da República, respectivamente. Gostando de jogos de cartas, perdeu muito de seus bens, em noitadas intermináveis. Conquistador, dele contam-se famosas estórias, pitorescas e hilari-

antes. Falando, repetia com freqüência a expressão: sabe, viu?! sabe, viu?! Ao tempo da Segunda Guerra Mundial, quando Fortaleza se preparou para um imaginário desembarque de tropas inimigas, Raymundo Agostinho Rodrigues fora escolhido para comandar os exercícios de defesa passiva de seu quarteirão de residência. Faleceu em Fortaleza, em 22/02/1950, de um câncer de próstata, em sua casa, situada na esquina sudeste da Rua Clarindo de Queiroz com Av. do Imperador. A respeito dessa casa, já demolida, assim se referiu o memorialista Marciano Lopes: "*É também, na Avenida do Imperador que fica a bonita casa cor de rosa da milionária e benemérita Elisa Diogo, com as pinhas de louça mais bonitas que já vi*".[12] Ao lado da casa, onde hoje se ergue a Igreja de S. Benedito, existia uma vacaria pertencente à família e fazia parte da chácara, adquirida por José Agostinho Rodrigues, em 03/06/1905. Nenen Diogo, de fé católica inabalável, com muita justiça denominada "a benemérita", durante anos, junto com outras senhoras, sem nenhuma forma de remuneração e com inexcedível dedicação, participou das oficinas do Santuário da Adoração Perpétua (Igreja de São Benedito), onde eram executados paramentos, alvas, sobrepelizes, toalhas para altares, cortinas para sacrários e outras alfaias, com clientela dentro e fora do Ceará, trabalhos do maior bom gosto e fino acabamento. Quando de seu falecimento, na madrugada de 27/07/1988, por uma quase imposição da Ordem Sacramentina, seu corpo foi removido de sua residência para a igreja, onde foi velado, rezada missa de corpo presente, com homilia do padre Aldo di Cillo Pagoto, (depois escolhido bispo da Diocese de Sobral-CE) e de onde saiu o féretro para o cemitério de S. João Batista. Foi uma justa e merecida homenagem, aquela que em vida, tudo fez, com largueza e generosidade, pelo seu Santuário. Deus lhe recompensou, com vida longa de 94 anos e sete meses, sempre com muita saúde e lucidez. Filhos do casal:

Bn.5.5.1 Margarida Diogo Rodrigues — n.10/11/1911
Bn.5.5.2 Olavo Diogo Rodrigues — n.11/12/1914
Bn.5.5.3 Maria Stella Diogo Rodrigues — n.08/09/1917

Bn.5.5.1 **Margarida Rodrigues de Albuquerque Maranhão** casou em 12/01/1937, com o capitão José Carneiro Albuquerque Maranhão, pernambucano, oficial do Exército, filho de Fábio Carneiro Albuquerque Maranhão e Joana Vieira da Cunha Albuquerque Maranhão. O general Maranhão, posto que atingira, após grandes padecimentos, faleceu em Fortaleza, em 25/07/1984 e foi sepultado no Parque da Paz. Filhos:

Tn.5.5.1.1 Gláucia Maria — n.12/04/1938
Tn.5.5.1.2 Jane — n.31/01/1941
Tn.5.5.1.3 Cláudia — n.03/11/1942
Tn.5.5.1.4 José Fábio — n.02/06/1945

Tn.5.5.1.1 **Gláucia Maria Albuquerque Maranhão** nasceu em Fortaleza. Casou em 12/01/1962 (bodas de prata de seus pais), com o Dr. Guy Gadelha Sucupira, médico psiquiatra, nascido em Fortaleza, em 15/04/1935, filho de José de Arimatéia Cavalcante Sucupira (descendente do Visconde do Icó) e de Beatriz Gadelha Sucupira. Separada judicialmente. Filhos:

Qn.5.5.1.1.1 Guy Sucupira Junior — n.17/10/1962
Qn.5.5.1.1.2 Gisely Maranhão Sucupira — n.17/01/1965
Qn.5.5.1.1.3 Genisy Maranhão Sucupira — n.23/08/1970

Qn.5.5.1.1.1 **Guy Sucupira Junior**, economista, casou em 1985, com a assistente social, Jane Madeleine Cunha Cavalcante. Separado. Filho do casal:

Pn.5.5.1.1.1.1 Alexandre Magno Cavalcante Sucupira — n.02/11/1985

Qn.5.5.1.1.2 **Gisely Maranhão Sucupira**, enfermeira, casou em 1997, com Gerardo Prado Mesquita Júnior. Filhos do casal:

Pn.5.5.1.1.2.1 Gabriel Mesquita Sucupira — n.09/08/1997
Pn.5.5.1.1.2.2 Guilherme Mesquita Sucupira — n.18/01/2000

Qn.5.5.1.1.3 **Genisy Maranhão Sucupira** tem uma filha:

Pn.5.5.1.1.3.1 Bruna Maranhão Sucupira — n.12/08/1993

Tn.5.5.1.2 **Jane de Albuquerque Maranhão Monteiro**, nascida em Fortaleza, casou em 31/01/1967 com Fernando Borges Moreira Monteiro, engenheiro civil, ex-diretor presidente da Companhia Telefônica de Fortaleza, ex-secretário de Obras e Serviços Públicos, professor assistente de Mecânica Aplicada as Máquinas da UFC, presidente do Crea-CE, de 1°/01/1985 a 31/01/1987, diretor do Centro de Ciências e Tecnologia da Unifor, com curso da Escola Superior de Guerra, nascido em Fortaleza, em 15/09/1936, filho de João Batista Martins Monteiro e de Narcisa Borges Moreira Monteiro. Filhas do casal:

Qn.5.5.1.2.1 Gabriele de Albuquerque Maranhão Monteiro — n.21/01/1968
Qn.5.5.1.2.2 Fernanda de Albuquerque Maranhão Monteiro — n.27/04/1971

Qn.5.5.1.2.2 **Fernanda de Albuquerque Maranhão Monteiro**, economista, técnica judiciária concursada do TRE, advogada em 2000, casou em 23/07/1998, na Igreja da Paz, com Fernando Antônio Madeira Lima Verde, advogado, filho do juiz do trabalho Francisco Tarcísio Guedes Lima Verde e Zaida Madeira Barros Lima Verde. Fernanda, após o casamento adotou o nome de Fernanda Monteiro Lima Verde. Filho:

Pn.5.5.1.2.2.1 Thiago Monteiro Lima Verde — n.19/07/2000

Tn.5.5.1.3 **Cláudia Albuquerque Maranhão Soares** nasceu em Recife (PE), casou em 21/06/1965, com o Dr. Francisco Vandeci Soares Campos, médico ginecologista, nascido em Taboleiro do Norte (CE), em 02/11/1936, aficionado tenista, proprietário de academia da modalidade, filho de Alonso Soares Campos e Francisca Soares Lima. Filhas do casal:

[12] SUNSET BOULEVARD - Av. do Imperador. Marciano Lopes, em O Estado, edição de 24/25 de março de 1985.

Qn.5.5.1.3.1 Rossana de Albuquerque Maranhão Soares n.26/12/1965
Qn.5.5.1.3.2 Ticiana de Albuquerque Maranhão Soares n.25/04/1974
Qn.5.5.1.3.3 Fabiana de Albuquerque Maranhão Soares n.04/02/1977

Qn.5.5.1.3.1 **Rossana Soares Moreira de Sousa** casou em 15/06/1985, com o Dr. Luiz Miranda Moreira de Sousa, médico, nascido em 08/08/1959, filho do cel. Luciano Moreira de Sousa e de Ana Maria Miranda Moreira de Sousa. É proprietário do Centro de Ultra-sonografia do Ceará Ltda., em sociedade com Vandeci Soares. Filhos:

Pn.5.5.1.3.1.1 Rafael Soares Moreira de Sousa n.05/04/1987
Pn.5.5.1.3.1.2 Camila Soares Moreira de Sousa n.05/09/1988

Qn.5.5.1.3.2 Dra. **Ticiana de Albuquerque Maranhão Soares** formou-se em medicina, em 22/12/1998, pela Universidade Federal do Ceará. (UFC)

Qn.5.5.1.3.3 **Fabiana de Albuquerque Maranhão Soares**, estudante de medicina na Universidade Federal de Alagoas.

Tn.5.5.1.4 **José Fábio Rodrigues Albuquerque Maranhão**, economista, casou em 12/09/1972, com Eliane Paiva Montenegro, economista, funcionária do Dert, empresária, nascida em Fortaleza, em 28/07/1949, filha do cel. Airton Ibiapina Montenegro e Eliene Paiva Montenegro. Separados. Filhos:

Qn.5.5.1.4.1 Eugênio Montenegro Albuquerque Maranhão n.18/04/1975
Qn.5.5.1.4.2 Joana Montenegro Albuquerque Maranhão n.12/03/1979
Qn.5.5.1.4.3 Eurico Montenegro Albuquerque Maranhão n.15/09/1980

Bn.5.5.2 Dr. **Olavo Diogo Rodrigues**, médico, anos depois de formado suprimiu o Diogo do nome, quando por questões de herança se desentendeu com os tios, agindo de modo contraditório, pois deu demonstração de ser um Diogo autêntico. Passou a adotar o nome simplificado de **Olavo Rodrigues**. Nasceu em Fortaleza, em 11/12/1914, sexta feira, às 7h30min e foi batizado na Igreja do Patrocínio, em 07/03/1915, sendo padrinhos os avós maternos, Antônio Diogo de Siqueira e Elisa Vianna de Siqueira. Suas primeiras letras aprendeu com as professoras, Ernestina e Corina Monteiro Gondim. Teve rápida passagem pelo Colégio Cearense, matriculado que fora no "curso infantil" daquele estabelecimento em 1924, tendo completado os estudos primários, no Colégio do professor Júlio Holanda, em Guaramiranga (CE). O curso secundário iniciou no Colégio Militar e concluiu no Colégio São João. Freqüentou a Faculdade de Medicina da Bahia, onde colou grau em 12/12/1942. Quatro dias antes, em 08/12/1942, ficara noivo de Marieta Fernandes de Sousa Pereira. Ainda como estudante em Salvador, iniciou o seu treinamento no Hospital Santa Isabel, junto ao prof. Armando Sampaio Tavares. Escolhendo a Urologia como especialidade médica, teve no prof. Lafayette Coutinho seu dedicado preparador. Procurando cada vez mais acumular conhecimentos teve, na cadeira de Dermatologia e Sifilografia, a preciosa ajuda do prof. Albino Leitão. Após formado, viajou para o Rio de Janeiro, à procura de aprimorar seus conhecimentos na especialização que escolhera, onde por oito meses estagiou com o prof. Jorge Gouveia e no Hospital S. Francisco, com o prof. Jorge Dória. Em 25/01/1944, em Salvador, casou-se com Marieta, professora diplomada, filha do casal Albino Fernandes Pereira e Luiza de Sousa Pereira, portugueses, naturais de Lisboa, mas com raízes na cidade do Porto, que emigraram para o Brasil, já trazendo filhos, sendo Marieta, a caçula e única a nascer em terras brasileiras, mais especificamente em Salvador, em 19/05/1916. Regressando ao Ceará, inicia sua atividade profissional na Assistência Municipal (hoje Instituto Dr. José Frota-IJF) e na Fábrica Siqueira Gurgel. Logo mais se integra ao Serviço de Urologia da Santa Casa de Misericórdia, onde permaneceu por mais de 45 anos, dedicando sua medicina aos mais carentes, tendo ocupado a Diretoria Clínica daquele hospital no período de 1980 a 1983. Professor da Faculdade de Medicina da UFC e mantendo clínica particular, **Olavo Rodrigues**, jamais fez de sua profissão um balcão de negócios. Médico reconhecidamente competente, com vasta clientela, soube granjear o respeito e a admiração geral. De comportamento simples, despojado até, nunca teve a preocupação de construir uma casa confortável para morar, de possuir o melhor e o mais novo carro, de se vestir com requinte. Tudo nele era simples. Com a maior naturalidade, chegava junto a um vendedor de rua, para degustar, ali mesmo, uma rodela de abacaxi, uma tapioca, chupar uma laranja ou tomar um caldo de cana com pastel, de que gostava. Assíduo freqüentador dos estádios de futebol, tinha no "Ferrim" o time do seu coração. Possuía no sangue a herança genética dos seus antepassados fazendeiros. Gostava de semear no seu sítio e com suas próprias mãos, plantar, adubar, regar, podar e colher os frutos do seu despretensioso pomar, cuidar pessoalmente de suas orquídeas, acompanhar de perto tudo que fosse relacionado a seus gados, sua paixão maior. Tudo empiricamente, sem maiores preocupações com correção de acidez de solo, com qualidade genética de rebanho ou com técnica adequada de manejo. Com sua competência profissional e com essa simplicidade, chegou à Provedoria da Santa Casa

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

de Misericórdia de Fortaleza, cuja posse ocorreu no dia 19 de março de 1983, às 9h30min, sendo ele o primeiro médico e até hoje o único a exercer essa função, em toda existência daquele muito mais que centenário hospital. Eleito por unanimidade, foi por duas vezes reeleito. Particularmente, o autor considera a função de Provedor da Santa Casa, não um cargo, mas um pesado encargo e Olavo Rodrigues aceitou o grande desafio, tendo consagrado os últimos anos de sua vida, com dedicação total e exclusiva, a benemérita causa de administrar aquela instituição de caridade, permanentemente envolvida com a escassez de recursos e com problemas quase que insuperáveis. Pelos relevantes serviços prestados à causa das Misericórdias, foi agraciado com a Medalha da Abolição, a maior comenda do Governo do Estado do Ceará. Logo após assumir o seu terceiro mandato, como médico, percebendo à gravidade do mal que o atingira (câncer de próstata, o mesmo que vitimara o seu pai), interna-se na própria instituição e, qual um valoroso comandante, não abandona o seu barco. Do seu leito de dor e de morte, continua a administrá-la, só não mais o fazendo, quando de todo as forças lhe faltaram. Quando percebeu a proximidade da morte, corajosamente, em uma cadeira de rodas, dirigiu-se à portaria, tomou de um microfone e pelo sistema de som do hospital, agradece a colaboração de todos e despede-se de forma comovente, dos demais membros da Mesa Diretora (os Mordomos), dos colegas médicos, de todos os outros servidores e dos pacientes. Faleceu Olavo Rodrigues, às 11h do dia 20 de maio de 1987, sendo seu corpo velado na capela da "sua Santa Casa" e no dia seguinte, após missa de corpo presente e elogio fúnebre do médico Argos Vasconcelos, foi sepultado, às 9 horas, no túmulo de seu pai, no Cemitério de São João Batista. Filhos do casal, todos nascidos em de Fortaleza:

Tn.5.5.2.1 José Carlos Rodrigues n.14/01/1945
Tn.5.5.2.2 Sandra Maria Rodrigues n.04/03/1946
Tn.5.5.2.3 Ricardo Libório Rodrigues n.28/04/1947
Tn.5.5.2.4 Tania Maria Rodrigues n.14/03/1950
Tn.5.5.2.5 Raimundo Agostinho Rodrigues n.10/03/1954
Tn.5.5.2.6 Luiza Maria Rodrigues n.05/12/1956
Tn.5.5.2.7 Olavo Rodrigues Filho n.01/06/1958

Tn.5.5.2.1 **José Carlos Rodrigues**, engenheiro geólogo, formado em Ouro Preto (MG). Após sua formatura, trabalhou em São Paulo. Retornando a Fortaleza, foi diretor presidente da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM), de onde é funcionário. Em 10/07/1992, formou-se em direito, pela

Unifor. Casou em 13/01/1973, com Marília Persici Rodrigues, natural de Castelo (ES), nascida em 09/01/1945, filha de Arlindo Persici e Ermelinda Massad Persici, neta paterna de Erasmo Persici e Maria Giro Persici e neta materna de Felício Massad e Guilhermina Krete Massad, sendo sua ascendência italiana, síria e alemã. Filhos do casal:

Qn.5.5.2.1.1 Gustavo Persici Rodrigues n.21/09/1975
Qn.5.5.2.1.2 Lígia Persici Rodrigues n.22/07/1980

Qn.5.5.2.1.1 Dr. **Gustavo Persici Rodrigues** nasceu em São Paulo. Formou-se em medicina, aos 23 anos, em 22/12/1998, pela UFC. É médico concursado da Prefeitura de Fortaleza, prestando serviços no Instituto Dr. José Frota (IJF). No momento faz especialização médica em urologia, em São Paulo.

Tn.5.5.2.2 **Sandra Maria Rodrigues de Queiroz**, com licenciatura plena em pedagogia pela Uece, assistente social, pós-graduada em administração escolar e em administração hospitalar, membro da Associação Brasileira de Oncologia e Serviço Social, ocupou a presidência dessa entidade, secção do Ceará, casou em 18/09/1976, na Igreja de São Benedito, com Francisco José Cunha de Queiroz, nascido em 24/10/1949, em Fortaleza, filho de José Gama de Queiroz e de Maria Júlia Cunha Gama, empresário e político, já tendo exercido mandato de vereador em Pacajus, município do qual, também, foi vice-prefeito. Filhos do casal:

Qn.5.5.2.2.1 Sílvio Rodrigues de Queiroz n.22/10/1977
Qn.5.5.2.2.2 Elisa Rodrigues de Queiroz n.22/03/1979
Qn.5.5.2.2.3 Marcos Rodrigues de Queiroz n.24/12/1982

Qn.5.5.2.2.1 **Sílvio Rodrigues de Queiroz**, estudante de administração de empresas, do seu relacionamento com Francisca Patrícia Nascimento Oliveira, natural de Pacajus (CE), nascida em 21/04/1980, nasceu:

Pn.5.5.2.2.1.1 Heloisa Oliveira de Queiroz n.29/11/2001

Tn.5.5.2.3 Dr. **Ricardo Libório Rodrigues**, médico, especializado em urologia e andrologia, iniciou seus estudos de medicina em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco e os concluiu na UFC, em 1972. Fez residência médica na Santa Casa do Rio de Janeiro. Profissional competente, gozando de largo conceito, mercê da seriedade com que se dedica ao seu mister. Seguindo as pegadas do pai, é médico da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, onde presta serviços, no setor de urologia daquele hospital. Pertence também ao corpo médico do Instituto Dr. José Frota (IJF), o grande hospital de emergência de Fortaleza. Proprietário da Clínica Urológica Olavo Rodrigues com grande clientela. Casou em 25/03/1977, no Rio de Janeiro, com Lenita Rita Oliveira Rodrigues, carioca, nascida em 07/09/1952, filha de Armando Alves Ferreira e Ivonne Oliveira Ferreira. Filhas:

Qn.5.5.2.3.1 Vanessa Oliveira Ferreira n.30/12/1979
Qn.5.5.2.3.2 Tatiana Oliveira Ferreira n.25/11/1982

Tn.5.5.2.4 **Tania Maria Rodrigues Vasconcelos**, batizada em casa, "in articulo mortis" em 16/03/1950, sendo padrinhos o tio avô Diogo Vital de Siqueira (Dioguinho) e sua mulher Maria Amélia Caracas de Siqueira. Professora aposentada. Casou em 14/09/1979, na Igreja de São Vicente de Paulo, com Luís Gonzaga Vasconcelos Filho, nascido em 08/01/1939, em Fortaleza, mas com ascendência em Sobral e Guaramiranga, filho de Luiz Gonzaga de Vasconcelos e Maria Celeste Ramos de Vasconcelos, engenheiro civil, pela Escola Politécnica da Universidade da Paraíba (EPUP), onde presidiu o Diretório Acadêmico, autor deste trabalho. No Colégio Cearense, onde fez todo o curso médio, presidiu o Grêmio Literário José de Alencar. Foi engenheiro da Secretaria da Educação do Estado do Ceará, onde ocupou cargos de direção. Por trinta anos foi do corpo técnico da Construtora Waldyr Diogo Ltda e foi superintendente da Soec (Superintendência de Obras do Estado do Ceará). Professor aposentado do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará-Cefet, onde lecionou Materiais de Construção e Instalações Prediais por 28 anos. Em disputa acirrada, chegou a figurar em lista tríplice enviada a Brasília, para escolha do Diretor Geral daquela conceituada Escola. Convidado para diretor do Departamento de Ensino pelo candidato escolhido, declina da honraria. Foi engenheiro da Guararapes Confecções do Nordeste S. A., da Esplanada Confecções S. A, da Têxtil União Franco Brasileira S.A. e de Borsoi Arquitetos Associados. Atualmente é engenheiro da Hércules Construções Ltda. Filhos:

Qn.5.5.2.4.1 Luís Antônio Rodrigues Vasconcelos n.14/12/1981
Qn.5.5.2.4.2 Thiago Antônio Rodrigues Vasconcelos n.29/06/1984

Tn.5.5.2.5 Dr. **Raimundo Agostinho Rodrigues**, homônimo de seu avô paterno, é fisioterapeuta pela Unifor e médico pela UFMA, em São Luiz, onde colou grau em 26/12/1984. A exemplo do pai Olavo Rodrigues, e do irmão Ricardo Libório, escolheu a urologia como especialidade. Presta seus serviços profissionais no Instituto Dr. José Frota (IJF) e no setor de urologia da Santa Casa de Misericórdia. Ocupa a diretoria clínica da Casa de Saúde Eduardo Salgado, pertenceu à Clínica Urológica Olavo Rodrigues, estando hoje estabelecido com seu consultório particular. Casou em 02/10/1982, na Igreja de S. Vicente de Paulo, com Márcia Holanda Paraíba, advogada, nascida em 30/10/1959, filha do conceituado causídico Yvan Ribeiro Paraíba, já falecido, e Maria Yone Holanda Paraíba. Márcia é neta paterna do desembargador Hermes Paraíba. Filhas do casal:

Qn.5.5.2.5.1 Ana Paraíba Rodrigues n.25/02/1983
Qn.5.5.2.5.2 Aline Paraíba Rodrigues n.14/02/1987
Qn.5.5.2.5.3 Raysa Paraíba Rodrigues n.12/07/1988

Tn.5.5.2.6 e Tn.5.5.2.7 **Luiza Maria Rodrigues e Olavo Rodrigues Filho**, respectivamente, excepcionais. Inuptos.

Bn.5.5.3 **Maria Stella Rodrigues Gomes da Frota**, professora diplomada, turma de 1938 do Colégio das Dorotéias, casou em 04/02/1939, na Igreja do Carmo, com o Dr. José Gomes da Frota, médico, nascido em Sobral (CE), em 15/11/1910, filho do oftalmologista Dr. Joaquim Ribeiro da Frota e de Maria Agenora Gomes da Frota, neto paterno do desembargador José Gomes da Frota e de Primilivia Ribeiro da Silva e neto materno de Vicente Cesário Ferreira Gomes e de Maria Sancho Ferreira Gomes, descendente em linha reta de Felipe Gomes da Frota, o primeiro Frota do Ceará e patriarca da prestigiosa família.. José Gomes da Frota cursou medicina na Bahia, tendo colado grau em 07/12/1933. Após formado, trabalhou dois anos nas cidades baianas de Taberaba e Castro Alves, onde fazia de tudo: clínica, cirurgia e parto. Voltou a Fortaleza em 1935 e batalhou para criação de um hospital de urgências, em nossa capital. Entrou para a Assistência Municipal, atual IJF, desde o início das atividades daquele nosocômio em 02/01/1937. Em 1945, fez residência no Rio de Janeiro, no Hospital Central de Acidentes. Em 1946, trabalhou na Clínica Ortopédica e Traumatológica de S. Paulo. De regresso a Fortaleza, fundou, em 1948, a Clínica de Acidentes. Foi secretário Municipal de Saúde de Fortaleza, na administração Paulo Cabral de Araújo. Construiu o Hospital Gomes da Frota, com trezentos leitos, legado a seus filhos. Médico competente, de grande experiência em sua especialização, trabalhou até o fim de seus dias, quando faleceu de repente, em 15/01/1992, em Fortaleza, com 58 anos de profissão e 81 anos de idade. Stella faleceu, aos 84 anos, em 23/04/2002. Filhos do casal:

Tn.5.5.3.1 Vânia Rodrigues Gomes da Frota n.15/01/1941
Tn.5.5.3.2 Joaquim Luciano Rodrigues Gomes da Frota n.26/02/1943
Tn.5.5.3.3 José Gomes da Frota Filho n.25/08/1945
Tn.5.5.3.4 Mário Jorge Rodrigues Gomes da Frota n.06/03/1947
Tn.5.5.3.5 Paulo César Rodrigues Gomes da Frota n.05/04/1949

Tn.5.5.3.1 **Vânia Rodrigues Gomes da Frota**, batizada na Igreja do Carmo, em 11/02/1942, tendo por padrinhos os avós maternos, Raimundo Agostinho Rodrigues e Elisa Diogo Rodrigues, faleceu de hemorragia cerebral, em 09/03/1942.

Tn.5.5.3.2 Dr. **Joaquim Luciano Rodrigues Gomes da Frota**, médico pela UFC, fez residência no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, desportista, fazendeiro e criador, com especialização médica em traumatologia-ortopedia, gozando de largo conceito, diretor da Hospital Gomes da Frota. É membro da Sociedade Latino-Americana de Traumatologia e Ortopedia. Na sua juventude, foi jogador de extraordinários recursos técnicos. Jogou futebol de campo, sagrando-se campeão cearense pelo América, em 1966, pelo Fortaleza, em 1969 e vice-campeão da Taça Brasil pelo Tricolor de Aço, em 1968. No futebol de salão do Ceará, foi um dos maiores craques em todos os tempos. Campeão cearense, brasileiro e sul-americano jogando pela seleção do Ceará. A seu respeito, assim se manifestou o jornal O Povo, edição de 20/01/1970: *Joaquim Luciano Rodrigues Gomes da Frota, médico, capitão da equipe cearense que deu ao Brasil o título de campeão sul-americano de futebol de salão, apresentado pela crônica carioca como o melhor jogador de futebol de salão do Brasil, figura de destaque das quadras de futebol, futebol de salão e basquete da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, foi escolhido pela APCDEC como o "Craque Amadorista do Ano"*. E prossegue o comentário, tecendo elogios ao grande atleta. Como médico da seleção brasileira, foi campeão do mundo na modalidade, em São Paulo, na Espanha e em Hong Kong. Grande campeão, Luciano acumulou muitos títulos e foi figura destacada no tenís de mesa. Em 07/03/1997, foi agraciado pela Câmara Municipal de Fortaleza, com a Medalha Ayrton Senna, como um dos cearenses que fizeram parte da campanha do pentacapeonato mundial da seleção brasileira de Futsal, disputado na Espanha. Casou em 29/09/1975, com Mônica Moreira da Rocha, economista, funcionária pública federal, tendo ocupado o cargo de delegada da Receita Federal em Fortaleza, quando, graças a sua dedicação e competência, a arrecadação dos tributos federais cresceu de forma significativa. Nascida em 18/05/1951, filha de Péricles Moreira da Rocha (Pequim), ex-deputado estadual, e de Francisca Ruth Ferreira Gomes e parenta de Luciano, pois também descende do patriarca Felipe Gomes da Frota. Separados. Filhos do casal:

Qn.5.5.3.2.1 Joaquim Luciano R. Gomes da Frota Filho n.17/07/1977

Qn.5.5.3.2.2 Philipe Moreira da Rocha Gomes da Frota n.13/01/1980

Tn.5.5.3.3 Dr. **José Gomes da Frota Filho**, médico, estudioso, capaz e eficiente, especializou-se em ortopedia e traumatologia, prestando exame em Ribeirão Preto (SP). Fez residência médica no Hospital das Clínicas da USP e pós-graduação no Hospital For Joint Desease The New York University nos Estados Unidos. É membro da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia e Diretor do Hospital Gomes da Frota. Na sua juventude, foi craque no futsal, tendo feito parte da seleção cearense de futebol de salão, campeã brasileira de 1967, da qual também fazia parte seu irmão Luciano Frota. Casou em 31/01/1971, com Vânia Maria de Araújo Carneiro, nascida em 10/10/1948, em Quixeramobim (CE), filha do agropecuarista, comerciante e industrial Damião Carneiro e de Maria de Araújo Carneiro. Separados judicialmente. Em 16/08/1997, uniu-se à Raquel Grangeiro Aragão, nascida em Fortaleza, em 16/09/1961, filha de Francisco Herbert Felício Aragão e Sarah Grangeiro Aragão. Filhos do primeiro leito:

Qn.5.5.3.3.1 Jovânia Maria Carneiro Gomes da Frota n.09/09/1971

Qn.5.5.3.3.2 José Gomes da Frota Neto n.23/04/1974

Qn.5.5.3.3.3 Daniel Carneiro Frota n.15/09/1980

José Gomes da Frota Filho tem mais uma filha, de seu relacionamento com Jane Madeleine Cunha Cavalcante, assistente social e coordenadora do setor de assistência social do Hospital Gomes da Frota.

Qn.5.5.3.3.4 Jéssica Cavalcante Frota n.29/05/1991

Qn.5.5.3.3.1 Dra. **Jovânia Maria Carneiro Gomes da Frota** cursou medicina no Rio de Janeiro. Quando em 1992 prestou vestibular para a Universidade, obteve classificação em diferentes escolas, a saber: Vassouras, Campos, Teresópolis, Petrópolis, Valença e Gama Filho, o que atesta a sua inteligência e preparo.

Tn.5.5.3.4 Dr. **Mário Jorge Rodrigues Gomes da Frota**, médico, estudou medicina na Faculdade de Ribeirão Preto (SP), tendo concluído o curso na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, para onde se transferira. Optou, tal como o pai e os irmãos Luciano e José, pela traumatologia-ortopedia, como especialização médica. Fez residência médica no próprio Hospital Gomes da Frota do grupo familiar, do qual foi diretor presidente. Casou em 07/02/1992, na Igreja do Líbano, com Terezinha Lisieux Gonçalves Lima, advogada, nascida em 02/08/1963, filha de Nilson Alves de Lima e de Maria Terezinha M. Gonçalves Lima. Filho do casal:

Qn.5.5.3.4.1 Mário Jorge Gomes da Frota Filho n.31/10/1992

Tn.5.5.3.5 **Paulo César Rodrigues Gomes da Frota** participa com os irmãos da sociedade do Hospital Gomes da Frota, integrando a sua diretoria. Inupto.

N.5.6 **Antônio Diogo de Siqueira Filho (Tó)**, sócio-capitalista da A D Siqueira & Filhos, assumiu a direção do complexo industrial da família, após a morte do irmão José Diogo Vital de Siqueira (Zezé), ocorrida em 1951. Sobre ele, em depoimento

prestado ao autor, assim se expressou o Dr. José Diogo da Silveira, seu primo segundo: "*Tó foi o homem mais caridoso que conheci*". Teve vida longa, falecendo às 10 horas do dia 16 de maio de 1986, na Casa de Saúde S. Raimundo, de infarto agudo do miocárdio, pouco antes de completar 91 anos. Uma frase, contida no santinho impresso por ocasião de sua morte, define o homem e lhe serve de perfeito epitáfio: "**Na simplicidade de sua vida, não se empolgou pelos bens materiais, de quem se serviu em proveito dos pobres**". Uma constatação, uma verdade. Inupto.

N.5.7 **Francisco Diogo de Siqueira (Checo)**, homônimo de um tio paterno, do círculo familiar foi inicialmente o escolhido para cuidar das propriedades rurais pertencentes a seu pai, especialmente a Fazenda Lages, em Cangati, hoje Caio Prado, onde residiu por alguns anos. Posteriormente, outras atribuições no complexo industrial da família reclamaram sua presença na Capital. Checo foi um dos sócios capitalistas da A D Siqueira & Filhos. Casou com Clotildes Nepomuceno, filha de João Nepomuceno da Silva e Maria Eugênia Caracas Nepomuceno, prósperos fazendeiros em Cangati e com sítios em Pacoti, na serra de Baturité, nascida em 02/10/1893 e falecida em 11/03/1986. Muitos anos depois, puseram termo ao casamento, através de separação judicial. Checo, foi grande fazendeiro nos sertões de Quixeramobim, chegando a possuir cinco fazendas, proprietário de muitos imóveis urbanos e era diretor do Banco de Crédito Comercial e seu maior acionista, tendo falecido em Fortaleza, em 29/07/1959, às 2h30mim da madrugada, vitimado por um infarto no miocárdio, causando grande consternação em todos os círculos de nossa terra, conforme comentário do jornal Correio do Ceará daquele dia. Filhos do casal:

Bn.5.7.1 Maria Heloísa n.14/03/1917
Bn.5.7.2 Haydée n.23/07/1918
Bn.5.7.3 Evandro n.10/10/1919
Bn.5.7.4 João Batista n.20/08/1921
Bn.5.7.5 Natércia n.17/06/1923
Bn.5.7.6 Maria Teresa n.19/10/1924
Bn.5.7.7 Haydée n.06/10/1926
Bn.5.7.8 Francisco n.25/06/1928
Bn.5.7.9 Evaldo n.28/12/1930
Bn.5.7.10 Maria Regina n.19/05/1933
Bn.5.7.11 Maria Clotildes n.06/09/1939

Bn.5.7.1 **Maria Heloísa Diogo Ribeiro**, professora, casou em 07/12/1943, na Igreja do Patrocínio, com Heitor Ribeiro, advogado, auditor fiscal do TRE e homem profundamente ligado ao esporte. Na sua juventude, foi jogador de futibol, para mais adiante presidir a Federação Cearense de Futibol e ter sido presidente de várias agremiações dessa modalidade de esporte. Nascido em Fortaleza, em 09/07/1909, filho de José Sérgio Ribeiro e de Francisca Gondim Ribeiro e aquí falecido, em 27/02/1971. Maria Heloísa faleceu em 02/12/2000, em Fortaleza, na Casa de Saúde São Raimundo. Filhos do casal:

Tn.5.7.1.1 Heitor Ribeiro Filho n.16/11/1944
Tn.5.7.1.2 Humberto Heitor Ribeiro n.02/06/1946
Tn.5.7.1.3 Haroldo Heitor Ribeiro n.15/03/1948
Tn.5.7.1.4 Heloísa Diogo Ribeiro n.03/11/1949

Tn.5.7.1.1 **Heitor Ribeiro Filho (Heitorzinho)**, bioquímico, diretor do Laboratório Evandro Chagas, casou em 08/01/1971, com Ana Virgínia Ferreira Juaçaba, nascida em 03/06/1949, filha do Dr. Haroldo Gondim Juaçaba e de Heloísa Ferreira Juaçaba. Filhas:

Qn.5.7.1.1.1 Érika Juaçaba Ribeiro n.05/06/1972
Qn.5.7.1.1.2 Andréa Juaçaba Ribeiro n.05/09/1974

Qn.5.7.1.1.1 **Érika Juaçaba Ribeiro** casou-se a 17/11/2000, na Igreja do Cristo Rei, com Frederico Bezerra Gonçalves, filho de Irineu Gonçalves de Sousa e Iara Teixeira Bezerra.

Qn.5.7.1.1.2 **Andréa Juaçaba Ribeiro** casou-se com Haroldo Albuquerque de Oliveira. O casal reside nos Estados Unidos onde Haroldo cursa administração de empresas.

Tn.5.7.1.2 **Humberto Heitor Ribeiro (Betú)**, advogado, casou na Igreja do Líbano, em 06/04/1976, com Catharina Maria Frota, nascida em 18/09/1957, filha de Raimundo Elísio Frota e Maria Lucíola de Albuquerque Frota (Bal). Filhos do casal:

Qn.5.7.1.2.1 Catharina Frota Ribeiro n.24/11/1977
Qn.5.7.1.2.2 Heitor Ribeiro Neto n.18/11/1980

Tn.5.7.1.3 Dr. **Haroldo Heitor Ribeiro**, médico cirurgião, foi casado com Maria Hortência Sucupira, administradora, filha de Paulo Eduardo Sucupira e de Ítala Proença Sucupira. Após separado, Haroldo Heitor já teve outras uniões. Filhos do primeiro leito:

Qn.5.7.1.3.1 Melina n.16/09/1983
Qn.5.7.1.3.2 Haroldo Heitor n.02/12/1985

Tn.5.7.1.4 **Heloísa Diogo Ribeiro (Helô)**, advogada, diretora do Presídio Feminino Auri Moura Costa, casou em 24/06/1971, na Igreja do Líbano, com Emmanoel Arthur Róseo de Oliveira, filho de Francisco José Róseo de Oliveira (Jombrega) e de Cléide Silveira Róseo de Oliveira. Desquitados. Filhos do casal:

Qn.5.7.1.4.1 Eloise n.10/02/1972
Qn.5.7.1.4.2 Emmanuel Arthur n.11/02/1974
Qn.5.7.1.4.3 Haroldo n.09/11/1979

Qn.5.7.1.4.4 Nathália n.13/10/1984

Bn.5.7.2 **Haydée (Haydéezinha)**, primeira do nome, faleceu aos seis anos de idade, de leucemia. Nos últimos instantes de sua vida, recebeu a Primeira Eucaristia, pediu para ver sua irmã Heloísa. Ao vê-la pronunciou o seu nome e faleceu em seguida.

Bn.5.7.3 **Evandro Diogo de Siqueira**, advogado, jornalista em Belém (PA) e em São Paulo. No Paraná, exerceu a promotoria pública. Tranferindo-se para São Paulo, foi advogado da Assembléia Legislativa. Faleceu em Fortaleza. Inupto.

Bn.5.7.4 **João Batista Diogo de Siqueira**, fazendeiro em Quixeramobim (CE), casou com Teresa Reine Abreu de Siqueira, nascida a 04/07/1936 em Aracati (CE), funcionária pública federal, filha de José Álvaro de Abreu e Áurea Gondim de Abreu. Filhos do casal:

Tn.5.7.4.1 Francisco Antônio Diogo de Siqueira n.18/11/1959
Tn.5.7.4.2 Haydée Diogo de Siqueira n.16/01/1961
Tn.5.7.4.3 João Ricardo Diogo de Siqueira n.03/01/1962
Tn.5.7.4.4 Thyrso Diogo de Siqueira n.29/08/1963
Tn.5.7.4.5 Teresa Reine Diogo de Siqueira n.04/12/1964
Tn.5.7.4.6 Teresa Reine Diogo de Siqueira n.11/02/1966

Tn.5.7.4.1 **Francisco Antônio Diogo de Siqueira** casou com Sílvia Abreu Diogo de Siqueira, nascida em 11/06/1961. Divorciados. Filhos do casal:

Qn.5.7.4.1.1 Daniel Abreu Diogo de Siqueira n.24/09/1982
Qn.5.7.4.1.2 Tiago Abreu Diogo de Siqueira n.11/02/1984
Qn.5.7.4.1.3 Davi Abreu Diogo de Siqueira n.11/01/1988

Tn.5.7.4.2 **Haydée Diogo de Siqueira**, enfermeira, casada com Aurélio Petrônio, engenheiro mecânico, italiano, nascido em Pirano, Trieste, em 10/08/1939. Filha do casal:

Qn.5.7.4.2.1 Taís Diogo Petrônio n.26/02/1997

Tn.5.7.4.3 **João Ricardo Diogo de Siqueira** casou na Igreja da Paz, em 28/10/1988, com Rosely Sousa, formada em economia doméstica, nascida em 19/11/1970, filha de Francisco Pedro de Souza e Francisca Maria Nilce de Souza. Filhos:

Qn.5.7.4.3.1 Juliana Sousa Diogo de Siqueira n.08/05/1989
Qn.5.7.4.3.2 Jéssica Sousa Diogo de Siqueira n.07/03/1991

Tn.5.7.4.4 **Thyrso Diogo de Siqueira** faleceu prematuramente de forma lamentável, em acidente de carro, com apenas 22 anos, em fevereiro de 1986.

Tn.5.7.4.5 **Teresa Reine Diogo de Siqueira (Têtê)**, primeira do nome, faleceu de pneumotórax, com cinco meses.

Tn.5.7.4.6 **Teresa Reine Diogo de Siqueira**, segunda do nome, casou em 02/10/1983, na Igreja da Paz, com Ricardo José Santos Silva, nascido em 21/03/1953, filho de José Bruno Rocha da Silva e de Maria de Jesus Santos Silva. Divorciados. Filhos do casal:

Qn.5.7.4.6.1 Raphael Bruno Diogo de Siqueira e Silva n.10/04/1984
Qn.5.7.4.6.2 Thyrsiana Diogo de Siqueira e Silva n.16/04/1986
Qn.5.7.4.6.3 Igor Diogo de Siqueira e Silva n.06/11/1988

Bn.5.7.5 **Natércia Diogo Pompeu** casou com Mário Pompeu Cavalcante, representante comercial, nascido em 25/08/1915 e falecido em 17/06/1996. Filhos do casal:

Tn.5.7.5.1 Mário Pompeu Cavalcante Filho n.09/04/1950
Tn.5.7.5.2 Luís Eduardo Diogo Pompeu n.02/05/1955
Tn.5.7.5.3 Moema Diogo Pompeu n.16/03/1963

Tn.5.7.5.1 **Mário Pompeu Cavalcante Filho**, engenheiro concursado dos quadros da Petrobrás, casou em 05/04/1975, na Igreja da Paz, com Wanda Maria Varandas Coelho, filha do ex-deputado estadual Francisco Fonseca Coelho e Vilma Varandas Coelho. Divorciado. Tem um segundo casamento com Marta Cordeiro.

Filhos do primeiro leito:

Qn.5.7.5.1.1 Mário Pompeu Cavalcante Neto n.23/04/1976
Qn.5.7.5.1.2 Danielly Coelho Pompeu n.08/11/1977
Qn.5.7.5.1.3 Camila Coelho Pompeu n.12/06/1989

Filha do segundo leito:

Qn.5.7.5.1.4 Helora Cordeiro Pompeu n.17/01/2001

Tn.5.7.5.2 **Luís Eduardo Diogo Pompeu**, tenente-coronel do Exército, teve um primeiro casamento, do qual pôs termo através de divórcio. É casado em segundas núpcias com Geraldina Baltar Diogo Pompeu.

Filha do primeiro leito:

Qn.5.7.5.2.1 Marcela Machado Pompeu n.15/06/1978

Filhos do segundo leito:

Qn.5.7.5.2.2 Priscila Baltar Diogo Pompeu n.20/06/1982
Qn.5.7.5.2.3 Jullyana Baltar Diogo Pompeu n.09/03/1990
Qn.5.7.5.2.4 Mathéus Baltar Diogo Pompeu n.16/09/1991

Tn.5.7.5.3 **Moema Diogo Pompeu**, enfermeira, casou em 03/05/1986, na Igreja da Paz, com o Dr. Francisco Jarbas Néri Bezerra de Menezes, médico, nascido em Juazeiro do Norte (CE), em 06/05/1958, filho de Orlando Bezerra de Menezes e Doralice Néri Bezerra, eleito deputado estadual, nas eleições de 1982 e 1986. Concluído seu segundo mandato, afastou-se da política para dedicar-se por inteiro a sua profissão de médico. Filhos:

Qn.5.7.5.3.1 Thaís Diogo Pompeu Bezerra n.16/02/1987
Qn.5.7.5.3.2 Orlando Bezerra de Menezes Neto n.22/07/1988
Qn.5.7.5.3.3 Maira Diogo Pompeu Bezerra n.12/12/1989

Bn.5.7.6 **Maria Teresa Diogo Braga**, professora, casou com o Dr. Joaquim Dantas Braga, conceituado dentista de vasta clientela, natural da Paraíba, nascido em 10/02/1919 e falecido em Fortaleza, em 17/06/1992. Filhos do casal:

Tn.5.7.6.1 Fátima Elizabeth Diogo Braga n.16/07/1953
Tn.5.7.6.2 Teresa Cristina Diogo Braga n.20/12/1954
Tn.5.7.6.3 Gleick Maria Diogo Braga n.28/06/1956
Tn.5.7.6.4 Herman Diogo Braga n.19/04/1958

Tn.5.7.6.1 Dra. **Fátima Elizabeth Diogo Braga Marques**, dentista, casou em 30/08/1974, na Igreja da Paz, com Narcélio Flávio Oliveira Marques, filho de Joel Menezes Marques e Valquíria Oliveira Marques. Filhos do casal:

Qn.5.7.6.1.1 Paloma Braga Marques n.12/03/1975
Qn.5.7.6.1.2 Virna Braga Marques n.20/01/1979
Qn.5.7.6.1.3 Nícolas Braga Marques n.10/03/1982

Tn.5.7.6.2 **Teresa Cristina Diogo Braga (Tina)** possui licenciatura em artes, casou em 29/11/1974, na Igreja do Líbano, com Cláudio Américo de Figueiredo Porto, economista, natural de Campina Grande (PB), filho de Cláudio Agra Porto e Ivete de Figueiredo Porto. Desquitados. Residentes no Rio de Janeiro. Filhos do casal:

Qn.5.7.6.2.1 Ticiana Braga Porto n.26/02/1977
Qn.5.7.6.2.2 Cláudio Braga Porto n.27/09/1979

Tn.5.7.6.3 **Gleick Maria Diogo Braga**, enfermeira, casou no Rio de Janeiro, com o Dr. José Dagmar Ferreira Vaz, médico. O casal fixou residência em Maceió (AL). Gleick após o casamento adotou o nome de Gleick Maria Braga Vaz. Filhos do casal:

Qn.5.7.6.3.1 Pedro Caetano Braga Vaz n.21/04/1984
Qn.5.7.6.3.2 Flora Braga Vaz n.14/09/1987
Qn.5.7.6.3.3 Júlia Braga Vaz n.12/09/1989

Tn.5.7.6.4 **Herman Diogo Braga**, analista de sistema, casou em 29/01/1981, na Igreja da Paz, com Ana Maria Nunes de Pinho, filha de Crescêncio Marinho de Pinho e Maria Nunes de Pinho. Filhos do casal:

Qn.5.7.6.4.1 Mariana Pinho Braga n.23/07/1981
Qn.5.7.6.4.2 Bruno Pinho Braga n.01/11/1982

Bn.5.7.7 **Haydeé Diogo de Siqueira**, segunda do nome, professora em 1945, vocacionada para a vida religiosa, preparava-se para ingressar na Congregação das Irmãs Salesianas, ordem fundada por Dom Bosco, quando um grave acidente, motivado por uma troca de vidros de remédio, provocou-lhe um fatal envenenamento. Transportada às pressas para o Rio de Janeiro, os esforços médicos não foram suficientes para salvar-lhe a vida, vindo a falecer em 13/02/1947. Deus, que sempre sabe o que faz, antecipou o encontro com a serva fiel. Sepultada no Rio de Janeiro, depois seus restos mortais foram trazidos para Fortaleza e inumados no mausoléu da família, onde aguarda a ressurreição dos mortos.

Bn.5.7.8 **Francisco Diogo de Siqueira Filho (Franck)**, militar da aeronáutica, casou no Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, em 10/01/1959, com Maria Fernanda Nogueira de Vasconcellos (adotou o nome de Maria Fernanda Vasconcellos Diogo de Siqueira), carioca, filha de Francisco Ribeiro de Vasconcellos e Santilha Nogueira de Vasconcellos. Filhos do casal:

Tn.5.7.8.1 Francisco Alexandre Vasconcelos Diogo de Siqueira n.15/09/1959
Tn.5.7.8.2 Grace Nazareth Vasconcelos Diogo de Siqueira n.30/06/1961
Tn.5.7.8.3 Adriana Lúcia Vasconcelos Diogo de Siqueira n.03/03/1965

Tn.5.7.8.1 **Francisco Alexandre Vasconcelos Diogo de Siqueira**, administrador de empresas, com atuação no ramo de informática, casou em 28/05/1983, na Igreja do Líbano, com Ana Isabel Carneiro Porto, nascida em 24/09/1959, filha de Viliberto Cavalcante Porto e Rita Maria Carneiro Porto. Divorciados em 26/03/1997. Filhos do casal:

Qn.5.7.8.1.1 Maria Fernanda Porto Diogo de Siqueira n.26/05/1986
Qn.5.7.8.1.2 Victor Emanuel Porto Diogo de Siqueira n.28/09/1987

Tn.5.7.8.2 **Grace Nazareth Vasconcelos Diogo de Siqueira**, engenheira de pesca, trabalha no Instituto de Pesquisas Osvaldo Cruz, casou na Igreja da Paz, em 10/01/1985, com Cláudio Borges Theóphilo Gaspar de Oliveira, nascido em 16/05/1962, engenheiro da Esso Brasileira de Petróleo Ltda, filho de Pedro Theóphilo Gaspar de Oliveira e Regina Elsa Borges Theóphilo Gaspar de Oliveira. A família reside no Rio de Janeiro. Filhos:

Qn.5.7.8.2.1 Pedro Theóphilo Gaspar de Oliveira Neto n.21/10/1988
Qn.5.7.8.2.2 Cláudio Theóplilo Gaspar de Oliveira Filho n.10/05/1990
Qn.5.7.8.2.3 Paulo Diogo Theóplilo Gaspar de Oliveira n.17/01/1997

Tn.5.7.8.3 **Adriana Lúcia Vasconcelos Diogo de Siqueira**, formada em educação física, é funcionária do Ministério do Exército, instrutora de hidroginástica do Colégio Militar de Fortaleza. Inupta.

Bn.5.7.9 **Evaldo Diogo de Siqueira** fez o curso ginasial em S. Paulo. Morou no Rio de Janeiro, onde foi funcionário público do INPS, voltando em seguida a morar em Fortaleza. Por dez anos, dedicou-se às lides do campo, como fazendeiro e pecuarista. Trabalhou na Cibrazen como fiel depositário, por onde se aposentou. Inupto.

Bn.5.7.10 **Maria Regina Diogo Pereira**, cartorária, casou em 11/02/1953, na Igreja de Santa Luzia, com Vilmar Xavier Pereira, nascido em Jardim (CE), filho de Luís Pereira de Sousa e Veneranda Pereira Xavier. O casal fixou residência no Paraná, onde foram prósperos agricultores, com lavouras de café. Aposentados. Filhos do casal:

Tn.5.7.10.1 Francisco Luís Diogo Pereira n.16/01/1954
Tn.5.7.10.2 Maria Regina Diogo Pereira n.19/05/1956
Tn.5.7.10.3 Maria Renata Diogo Pereira

Tn.5.7.10.2 **Maria Regina Pereira Boeira**, advogada e cartorária, casou com José Jair Boeira. Filhos do casal:

Qn.5.7.10.2.1 Maria Regina Pereira Boeira
Qn.5.7.10.2.2 Maria Roberta Pereira Boeira
Qn.5.7.10.2.3 Diogo Oselane Pereira Boeira

Qn.5.7.10.2.2 **Maria Roberta Pereira Boeira** casou-se com Paulo Miranda, jogador de futebol, foi da equipe do Vasco da Gama, onde atuou como volante. Atualmente o casal reside em Paris, onde Paulo é contratado do Paris Saint Germain.

Tn.5.7.10.3 **Maria Renata Diogo Pereira**, casada com Luiz Antônio Aznar. Filhos do casal:

Qn.5.7.10.3.1 Natan
Qn.5.7.10.3.2 Caio

Bn.5.7.11 **Clotilde Diogo de Siqueira (Lolita)** uniu-se a Antônio Venâncio da Silva, natural de Assaré (CE), vitorioso empresário radicado em Brasília desde a época da construção da cidade, onde construiu sólida fortuna. Antônio Venâncio faleceu em Brasília, em 15/10/1997. A revista VEJA, n. 1.518, edição de 22/10/1997, pág. 127, em sua seção Datas, assim noticiou o seu falecimento: "*O Empresário Antônio Venâncio da Silva, que fez fortuna investindo no ramo imobiliário em Brasília, logo após a fundação da nova capital. Ao morrer, era dono de 10.000 lojas e conjuntos comerciais no Distrito Federal. Dia 15, aos 86 anos, de insuficiência cardíaca e respiratória, em Brasília*". O jornalista Wilson Ibiapina, em sua coluna transcrita no Diário do Nordeste, de Fortaleza, edição de 26/10/1997, assim comentou o acontecido: "*Morreu Antônio Venâncio da Silva, aos 85 anos. Era o cearense mais rico de Brasília. Não estudou, mas soube ganhar dinheiro. Muito dinheiro. Aliás, se soubesse ler teria morrido como sacristão de Assaré, posto que disputou ainda menino e que perdeu por ser analfabeto*". Pode ser que haja certo exagero no número de salas constantes da nota da revista VEJA, mesmo somado aos muitos imóveis que também possuía no Rio de Janeiro, porém é uma realidade que os tinha aos milhares. O espólio de Antônio Venâncio, segundo a imprensa, foi avaliado em R$ 250 milhões, constando R$ 60 milhões em depósitos bancários. O casal gerou dois filhos:

Tn.5.7.11.1 Antônio Venâncio da Silva Filho
Tn.5.7.11.2 Priscila Venâncio da Silva

Tn.5.7.11.1 **Antônio Venâncio da Silva Filho (Venancinho)**, empresário, casou na Igreja do Outeiro da Glória, no Rio de Janeiro, com grandiosa recepção no Copacabana Palace, em fins de abril de 1991, com Maria Pia Marcondes Ferraz, nascida em 13/09/1963, filha do casamento de Paulo Fernando Marcondes Ferraz, empresário das áreas de comércio internacional e financeira, com Sílvia Amélia, assessora da Unesco, nascida Chagas, hoje, Baronesa de Waldner, porque casada com o Barão Gèrard de Waldner. **Maria Pia Venâncio** é neta pelo lado materno do Dr. Carlos Chagas Filho e de Annah Chagas, ela nascida Melo Franco, ele cientista de renome, que foi embaixador do Brasil junto à Unesco (1966-1970) e em 1972 nomeado pelo papa Paulo VI, presidente da Academia Pontifícia de Ciência do Vaticano, posto que ocupou durante dezesseis anos e bisneta do Dr. Carlos Chagas, "insigne filho das Minas Gerais, cujo nome cobriu de glórias o Brasil científico, descobridor do Trypanosoma Cruzi, *o barbeiro*, causador da doença que leva o seu nome". Deste modo, os filhos de Venancinho descendem não só de Antônio Diogo de Siqueira, que foi grande no Ceará, como dos Carlos Chagas, pai e filho, respeitados e reverenciados pela comunidade científica internacional. Filhos do casal:

Qn.5.7.11.1.1 Antônio Venâncio e Silva Junior n.14/05/1994
Qn.5.7.11.1.2 Sílvia Amélia Chagas Marcondes Ferraz Venâncio n.04/06/1996
Qn.5.7.11.1.3 Allegra Chagas Marcondes Ferraz Venâncio n.26/01/1998

Tn.5.7.11.2 **Priscila Venâncio da Silva**, nascida em 13/12/1965, empresária, casou no dia 30/04/1981 com Carlos Flávio de Moraes Marcílio (Calila), advogado, funcionário da Câmara dos Deputados, nascido em 1°/09/1953, filho de Flávio Portela Marcílio (advogado, professor, governador do Ceará, deputado federal, por três vezes presidente da Câmara Federal) e de D. Nícia de Moraes Correia Marcílio. Divorciados em 1992. Filhos:

Qn.5.7.11.2.1 Carlos Flávio Venâncio Marcílio n.20/06/1982
Qn.5.7.11.2.2 Diego Venâncio Marcílio n.20/06/1987
Qn.5.7.11.2.3 Ticiana Venâncio Marcílio n.10/01/1991

N.5.8 **George Diogo de Siqueira** nasceu em 08/11/1897 e foi batizado com o nome de Antônio, em 04/02/1898, na Igreja do Patrocínio, tendo por padrinhos João Araújo Viana e Maria Amélia Araújo, primos de sua mãe Elisa. Faleceu em 27/12/1898, de alhrepsia, como consta do livro de inumações do cemitério de São João Batista, desta Capital.

N.5.9 **Judith Diogo de Siqueira** nasceu em 08/10/1898, no dia que seu irmão George completava apenas onze meses. Faleceu em 24/11/1898, de alhrepsia, com 48 dias de nascida. Como se observa, o casal Antônio Diogo e Elisa, naquele final de ano, perdeu em 33 dias, dois de seus filhos.

N.5.10 **Hilza Diogo de Oliveira**. O livro onde foi lançado o termo de batismo de Dona Hilza está completamente desintegrado, impossibilitando o seu manuseio. Mesmo assim, no meio dos fragmentos, encontramos o texto ainda completo que transcrevemos na íntegra para que não se perca de vez e para conhecimento de sua ilustre descendência:

Ilza - *Aos deseseis dias do mez de Setembro do anno de mil e novecentos nesta Egreja parochial da Freguesia de S. Luiz de Gonzaga nesta cidade de Fortaleza, Bispado do Ceará, de licença minha o Revd.º Conego João Paulo Barbosa, baptisou solemnemente a parvula Ilza, nascida aos oito de Outubro de mil oitocentos e noventa e nove, filha legitima de Diogo Siqueira e Eliza Siqueira, sendo padrinhos Joaquim Martins Junior e Eliza de Oliveira Martins. E para constar mandei lavrar este termo que assigno. O Vigário João Dantas Ferreira Lima*. Matriz do Patrocínio, livro de 1900 a 1902.

Da leitura do texto, pode-se observar que o padre que batizou a párvula Hilza foi o mesmo que presidiu e abençoou o casamento de seus pais. Joaquim Martins Júnior, o padrinho de batismo, era marchante como Antônio Diogo de Siqueira, e sócio deste nas firmas Siqueira, Martins Barros & Cia e Sousa, Martins & Cia, esta última, proprietária de fábrica de sabão, situada no Boulevard Visconde de Cauípe, no alvorecer do século XX. Dona Hilza casou com apenas treze anos e quatro meses de idade, em 07/02/1913, com o Dr. César Cals de Oliveira, médico conceituadíssimo, político vibrante e respeitado, nascido em Fortaleza, em 18/07/1885, filho de Henrique José de Oliveira e Francisca Cals de Oliveira. César Cals de Oliveira iniciou seus estudos de medicina na Bahia, mas os concluiu, em 15/10/1910, no Rio de Janeiro, defendendo tese sobre "Ginástica Respiratória". Como estudante, foi residente interno da Policlínica da Criança e da Maternidade de Laranjeiras, ambas no Rio de Janeiro. De regresso ao Ceará, abriu consultório médico e por sua competência mereceu sempre a admiração e o reconhecimento de todos. Vocacionado para a vida pública, da qual se utilizou, não para servir-se, mas para servir, foi deputado estadual (1925-1928) e (1935-1937). Nesta última legislatura, presidiu a Assembléia. Ardoroso combatente da Aliança Liberal, movimento que dava sustentação política à candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República, em 1930 estava com aqueles que defendiam a revolução como forma de reparar o esbulho que fora a proclamação do resultado do pleito, onde o candidato oficial ganhou, como sempre ganhava. Vitoriosa a Revolução de 1930, assume a Prefeitura de Fortaleza, onde imprimiu um ritmo dinâmico de administração, permanecendo no cargo de 08/10/1930 a 02/05/1931. Voltaria ao mesmo posto, em 1946, após a redemocratização do país. Foi presidente do Sindicato dos Médicos do Ceará, presidente do Centro Médico Cearense por muitos anos, presidente da Fundação D. Libânia de Holanda, diretor da Policlínica Geral de Fortaleza, fundador e diretor da Casa de Saúde Dr. César Cals, diretor da Maternidade Dr. João Moreira, presidente da Liga de Defesa Nacional, presidente da Comissão Executiva do Bônus de Guerra (durante a Segunda Guerra Mundial), e membro da executiva do Partido Social Democrático (PSD), secção do Ceará. Participou de inúmeros congressos e seminários médicos, em diversos estados da Federação. Depois de uma vida tão fecunda, faleceu em Fortaleza, em 10/12/1948. Projeto de autoria do então vereador José Diogo da Silveira, aprovado pela Câmara Municipal de Fortaleza, deu o seu nome a uma importante avenida na chamada Praia do Futuro. Dona Hilza, senhora boníssima, que lhe sobreviveu por longos anos, faleceu em 06/02/1984, em sua residência, de um infarto, quando assistia a um programa de TV. Sobre ela podemos sintetizar, usando palavras de seus descendêntes: "*Simples, trabalhadoura, amiga dedicada, companheira corajosa e mulher de muita fé. Fisicamente frágil era de uma fortaleza sem igual*". Veremos adiante que todos os filhos varões do casamento de Hilza e César consagraram suas vidas ao serviço da pátria, ingressando em corporações militares, no Exército e na Marinha de Guerra do Brasil. Filhos do casal:

Bn.5.10.1 George Cals de Oliveira n.09/11/1914
Bn.5.10.2 José Cals de Oliveira n.14/01/1917
Bn.5.10.3 Maria Carmélia Cals de Oliveira n.24/05/1918
Bn.5.10.4 Luiz Cals de Oliveira n.01/02/1920
Bn.5.10.5 Maria Lúcia Cals de Oliveira n.26/04/1921
Bn.5.10.6 Maria Antoniêta Cals de Oliveira n.22/06/1924
Bn.5.10.7 César Cals de Oliveira Filho n.30/12/1926
Bn.5.10.8 Maria de Lourdes Cals de Oliveira n.31/07/1930

Bn.5.10.1 **George Cals de Oliveira**, oficial da Marinha de Guerra, reformado no posto de Almirante, casou a 21/02/1941, com Heloísa Tavares (Isa), natural de Santa Catarina, nascida em 24/01/1921. Filhos do casal:

Tn.5.10.1.1 Cláudio Tavares Cals de Oliveira n.16/03/1942
Tn.5.10.1.2 Gilda Tavares Cals de Oliveira n.28/06/1943
Tn.5.10.1.3 Heloísa Tavares Cals de Oliveira n.05/03/1945
Tn.5.10.1.4 George Cals de Oliveira Filho n.15/01/1951

Tn.5.10.1.1 **Cláudio Tavares Cals de Oliveira** nasceu no Rio de Janeiro, casou com Lia de Assis, carioca, nascida em 21/12/1945. Filhos do casal:

Qn.5.10.1.1.1 Bruno Cals de Oliveira n.28/07/1970
Qn.5.10.1.1.2 Diogo Cals de Oliveira n.09/04/1973
Qn.5.10.1.1.3 Júlio Cals de Oliveira n.06/12/1975
Qn.5.10.1.1.4 Cláudio Cals de Oliveira Filho

Tn.5.10.1.2 **Gilda Cals Beauclair Guimarães** nasceu no Rio de Janeiro, casou com Francisco Henrique Beauclair Guimarães, engenheiro, nascido em 30/06/1936. Filhos:

Qn.5.10.1.2.1 Luiz Henrique Cals Beauclair Guimarães n.10/08/1966
Qn.5.10.1.2.2 Eduardo Henrique Cals Beauclair Guimarães n.19/02/1971
Qn.5.10.1.2.3 Paulo Henrique Cals Beauclair Guimarães n.05/10/1972

Qn.5.10.1.2.2 **Eduardo Henrique Beauclair Guimarães**, odontólogo, fa-

leceu solteiro, muito moço e de forma trágica, no Rio de Janeiro.

Tn.5.10.1.3 **Heloísa Cals Dolabella** nasceu no Rio de Janeiro, casou com João Roberto Dolabella, bancário, nascido em 11/06/1937. Filhos do casal:

Qn.5.10.1.3.1 Flávio Cals Dolabella n.29/03/1970
Qn.5.10.1.3.2 Fernando Cals Dolabella n.10/06/1973
Qn.5.10.1.3.3 Heloísa Cals Dolabella n.25/10/1975

Tn.5.10.1.4 **George Cals de Oliveira Filho** nasceu em Washington (USA), casado com Stela Cals de Oliveira. Filhos do casal:

Qn.5.10.1.4.1 Mariana n.10/12/1977
Qn.5.10.1.4.2 Juliana

Bn.5.10.2 **José Cals de Oliveira (Zelão)**, oficial da Marinha de Guerra, cedo o comandante Zelão viu-se obrigado a deixar a carreira que abraçara, por problemas de saúde. Os males cardíacos, herdados de seus avoengos, se manifestaram com precocidade, sendo causa de constantes preocupações de seu pai. Afastando-se da carreira militar, passou a residir em Fortaleza. Foi sócio de seu tio materno Waldyr Diogo de Siqueira, na construtora que tem o nome do último. Casou com Maria Nilce Quinderé, nascida em 03/11/1919 e falecida em Fortaleza, em 14/05/1995, filha de João Quinderé e Marietta Valente Quinderé. Desportista dos mais conceituados, pouco antes de falecer, havia sido escolhido para o cargo de diretor executivo da Fadec e no dia exato de seu falecimento, deveria ter sido aclamado presidente do Clube de Regatas Barra do Ceará. Naquele dia 12/04/1971, estando no Detran, em palestra com o coronel Reinaldo Cisneiro, foi acometido de uma crise cardíaca, sendo recolhido às 15 horas a Casa de Saúde César Cals e apesar dos esforços médicos, vitimado por um infarto, com apenas 54 anos de idade, veio a falecer às 17h55min. Filhos do casal:

Tn.5.10.2.1 Maria Lúcia Quinderé Cals n.03/10/1942
Tn.5.10.2.2 Maria Celina Quinderé Cals n.09/04/1945
Tn.5.10.2.3 Elisa Helena Quinderé Cals n.07/07/1946
Tn.5.10.2.4 Walter Quinderé Cals n.15/09/1948
Tn.5.10.2.5 Maurício Quinderé Cals n.01/11/1949
Tn.5.10.2.6 Verônica Maria Quinderé Cals n.03/05/1953
Tn.5.10.2.7 Maria Nilce Quinderé Cals n.31/05/1954

Tn.5.10.2.1 **Maria Lúcia** e Tn.5.10.2.2 - **Maria Celina**, "*nem sofreram nem morreram, alaram-se ao seio de Deus como anjos do céu*", em 24/03/1945 e 02/10/1945, respectivamente.

Tn.5.10.2.3 **Maria Elisa Cals Aguiar**, professora diplomada, casou na Igreja da Paz, em 31/03/1967, com o Dr. José Ossian Aguiar Junior, médico, cirurgião pediatra, filho do Dr. José Ossian Aguiar e de Helena Rangel Aguiar. Filhos do casal:

Qn.5.10.2.3.1 Patrícia Cals Aguiar n.13/05/1968
Qn.5.10.2.3.2 Marcelo Cals Aguiar n.26/10/1970

Qn.5.10.2.3.1 **Patrícia Cals Aguiar**, comerciante, casou na Igreja da Paz, em 20/09/1990, com Reginaldo Paula Pacheco, industrial e comerciante, nascido em 06/01/1966, filho de Paulo Soares Pacheco e de Maria José Paula Pacheco. Filhos do casal:

Pn.5.10.2.3.1.1 Amanda Aguiar Pacheco n.10/05/1992
Pn.5.10.2.3.1.2 Lucas Aguiar Pacheco n.04/10/1994

Tn.5.10.2.4 **Walter Quinderé Cals**, médico veterinário, casou na Igreja da Paz, em 06/11/1969, com Maria Teresa Facó, funcionária pública federal, filha de Saladino Facó e de Eunice Gomes Facó. Filhos do casal:

Qn.5.10.2.4.1 Vanessa Facó Quinderé Cals n.06/08/1970
Qn.5.10.2.4.2 José Cals de Oliveira Neto n.07/03/1974
Qn.5.10.2.4.3 Leonardo Facó Quinderé Cals n.17/12/1977

Qn.5.10.2.4.1 **Vanessa Facó Quinderé Cals** casou na Igreja do Líbano, em 16/11/1991, com João Cláudio Cruz Santos, nascido no Rio de Janeiro, em 04/02/1966, filho de João Paulo Cruz Santos e de Iolanda G. Cruz Santos. Filho do casal:

Pn.5.10.2.4.1.1 João Felipe n.19/04/1992

Tn.5.10.2.5 **Maurício Quinderé Cals**, arquiteto e urbanista pela Escola de Arquitetura da UFC. Antes, cursara desenho técnico no, hoje, Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará-Cefet. Com bolsa de estudos para Niles North High School, de Chicago (USA), estudou pintura, desenho arquitetônico e história da arte. Após sua formatura em arquitetura, trabalhou para o governo do Estado do Ceará. Conquista outra bolsa de estudos, para o Institut D'Urbanism de Paris, onde permaneceu por três anos, cursando "Planejamento Urbano". Consagrado artista plástico, já tendo viajado por muitos lugares do mundo, num insaciável desejo de aprimorar sua cultura e sua arte, expõe desde 1971, em salões do Ceará e de vários outros Estados do Brasil, com uma participação nada desprezível de dezesseis salões, doze exposições individuais e 27 coletivas. O artista já comemora trinta anos de bem sucedida e festejada carreira. Casou com Maria Júlia Gentil Philomeno Gomes, bacharel em comunicação social e empresária, nascida em 15/11/1951, filha de Francisco de Assis Philomeno Gomes e de Beatriz Rosita Gentil Philomeno Gomes. Separados. Filhos do casal:

Qn.5.10.2.5.1 Beatriz Philomeno Cals n.26/01/1978
Qn.5.10.2.5.2 Eduardo Philomeno Cals n.13/02/1982

Tn.5.10.2.6 **Verônica Maria Cals Silva** casou em 09/07/1970, na Igreja da Paz, com Arthur Silva Filho, nascido em Natal (RN), em 22/03/1945, filho de Arthur Silva e de Maria Verçosa Granja

e Silva, engenheiro agrônomo, já tendo ocupado a Secretaria da Casa Civil do governo do Ceará, a presidência da Emcetur e foi deputado estadual, de 1991 a 1997 quando em 12/09/1997 renunciou, ao seu segundo mandato, para assumir o cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios. Filhos do casal:

Qn.5.10.2.6.1 Adriana Cals Silva n.22/09/1971
Qn.5.10.2.6.2 Fabíola Cals Silva n.11/12/1973
Qn.5.10.2.6.3 Christiane Cals Silva n.01/02/1979
Qn.5.10.2.6.4 Homero Cals Silva n.11/04/1980

Qn.5.10.2.6.1 **Adriana Cals Silva** casou em 20/11/1999, na Igreja de Santa Edwirges, com Ricardo Eugênio Serpa, filho de José Oriá Serpa e Maria Alice Serpa. Filha:

Pn.5.10.2.6.1.1 Isabela Silva Serpa n.30/05/2000

Qn.5.10.2.6.2 **Fabíola Cals Silva** casou em 10/09/1999, na Igreja do Cristo Rei, com Alexandro Amaral Freire, filho de José Arnaldo Lima Freire e Neide Amaral.

Qn.5.10.2.6.3 **Christiane Cals Silva** (Kika) casou em 30/11/2001, na Catedral Metropolitana de Fortaleza, com Fernando de Castro Accioly, filho de Manuel Fradique Accioly e Ana Maria de Castro Accioly.

Tn.5.10.2.7 **Maria Nilce Quinderé Cals**, homônima de sua mãe, professora diplomada, grande animadora do esporte amador, foi dedicada diretora do Departamento de Esportes do Ideal Clube. É funcionária da Secretaria da Infra-estrutura. Casou na Igreja da Paz, em 03/09/1974, com José Elísio Frota, filho de Raimundo Elísio Frota e de Maria Lucíola de Albuquerque Frota (Balú). Desquitada. Casou em segundas núpcias com Cícero Batista de Alencar Neto. Filhos:

Do primeiro leito:,

Qn.5.10.2.7.1 Raimundo Elísio Frota Neto n.22/11/1975
Qn.5.10.2.7.2 André Luís Cals Frota n.16/11/1978

Do segundo leito:

Qn.5.10.2.7.3 Júlio Cals Alencar n.06/08/1982

Qn.5.10.2.7.1 **Raimundo Elísio Frota Neto** trabalha com sistemas de computação na Unifys do Brasil. Casou com Alyne Alcântara Aguiar, nascida em 25/08/1975.

Qn.5.10.2.7.2 **André Luís Cals Frota**, na sua infância e adolescência, foi destacado atleta de muitas medalhas, conquistadas aqui e fora do Ceará, da equipe de natação do Ideal Clube, modalidade de esporte da qual, também, foi instrutor. Comerciante é proprietário da Fermac, do ramo de aluguel e recuperação de tratores.

Casou-se com Ana Carolina de Almeida Madureira. Filha do casal:

Pn.5.10.2.7.2.1 Maria Carolina Quinderé de Almeida Frota n.15/02/1998

Qn.5.10.2.7.3 **Júlio Cals Alencar**, outro consagrado campeão de natação. Em 1994, era o primeiro no ranking dos festivais-mirim e petiz, nas regiões Norte, Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, posição confirmada pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos. Em 1995, em São Luís (MA), foi tetracampeão Norte e Nordeste nos 200m medley e tricampeão nos 100m costas. Freqüentou, com assiduidade, as piscinas de todo o Brasil, participando de competições regionais, nacionais e internacionais, em todas deixando a marca do seu talento de grande atleta e conquistando muitas medalhas. Muito jovem, é proprietário do Centro Aquático Floating Swinmer, academia de natação, ginástica e hidroginástica.

Bn.5.10.3 **Maria Carmélia Cals de Oliveira (Irmã Lúcia)**. Nasceu na casa de seus pais na Rua Tristão Gonçalves, 366, às 18 horas, em 24/05/1918. Escolhida por Deus para seu serviço, em 19/07/1941, torna-se postulante da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, no Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza. Após sua postulação, entra na Companhia, a 21/11/1941 no Rio de Janeiro, tendo feito seus primeiros votos em 27/11/1946. Trabalhou no Colégio da Imaculada Conceição de 1942 a 1963; foi superiora do Instituto São José de Aracati (CE) de 1964 a 1969; trabalhou na Casa Provincial, em Fortaleza, de 1970 a 1976, quando ocupou o elevado cargo de visitadora provincial da Província do Norte do Brasil; foi superiora do Patronato da Sagrada Família, no distrito de Antônio Bezerra, em Fortaleza, de 1976 a 1985 e finalmente volta a trabalhar na Casa Provincial de Fortaleza, até 28 de setembro de 1987, quando faleceu às 5h15mim da manhã daquele dia, de um infarto agudo no miocárdio. Durante sua vida religiosa, adotou o nome de **Irmã Lúcia**, em homenagem à sua irmã Maria Lúcia Cals de Oliveira, muito cedo arrebatada do convívio de seus familiares.

Bn.5.10.4 **Luiz Cals de Oliveira**, oficial do Exército, engenheiro eletricista, reformado no posto de coronel. Casou na Igreja do Pequeno Grande, em 03/03/1943, com Francisca Pinto Diógenes (Nelita), nascida em 25/06/1921, em Fortaleza, filha de Abelardo Peixoto Diógenes e de Perolina Pinto Diógenes. Celebrou a cerimônia o monsenhor José Alves Quinderé. Luiz Cals faleceu em 24/08/1998, no Rio de Janeiro, onde residia e Nelita na mesma cidade, em 25/01/2001, depois de longos anos de padecimento. Filhas do casal:

Tn.5.10.4.1 Maria Cristina Diógenes Cals de Oliveira

Tn.5.10.4.2 Beatriz Diógenes Cals de Oliveira

Tn.5.10.4.2 **Beatriz Diógenes Cals de Oliveira** casou a 17/03/1984, na Capela da Pequena Cruzada, Rio de Janeiro, com Francisco Deorsola Santos, filho de Antônio de Almeida Santos e Claudina Lopes Deorsola.

Bn.5.10.5 **Maria Lúcia Cals de Oliveira**, prematuramente falecida, em 31/10/1936, com apenas quinze anos, quando aluna do Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza.

Bn.5.10.6 **Maria Antonieta Cals de Oliveira (Toni)**, professora, técnica de educação, tendo exercido várias comissões de alto nível, Secretária Municipal da Educação, assessora para assuntos de educação do Governo do Estado, na gestão de seu irmão, o governador César Cals, membro do Conselho Estadual de Educação e Delegada do Ministério de Educação no Ceará. Toni Cals, tem uma larga folha de serviços prestados a educação no Ceará, o que a torna credora da admiração geral, principalmente, dos envolvidos com o processo educacional. Inupta.

Bn.5.10.7 Coronel **César Cals de Oliveira Filho (Cesinha)**, sem dúvida, o membro mais proeminente entre os descendentes de Antônio Diogo de Siqueira. Como seus irmãos mais velhos, cedo fez opção pela carreira das armas, e já em 1946, cursava a Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), engajado na arma de infantaria. Mais adiante (1951-1954), freqüentou, simultaneamente, a Escola Técnica do Exército e a Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, graduando-se engenheiro eletricista e civil, respectivamente. De 1954 a 1961, foi superintendente do Serviluz, serviço que na época gerava e distribuía energia elétrica em Fortaleza. Foi diretor-presidente da Conefor, companhia elétrica que sucedeu à anterior no fornecimento de energia a capital cearense. Em 1963, convocado pela Sudene, passa a ser o diretor da sua Divisão de Energia. Em decorrência de convênio firmado entre aquele organismo regional e o Governo do Piauí, foi designado para dirigir o Departamento de Energia desse Estado. Revelando-se dinâmico e competente administrador, foi eleito diretor-presidente da Companhia Hidroelétrica de Boa Esperança e nessa condição foi o principal responsável pela construção da barragem e da usina geradora de energia no Rio Parnaíba, na divisa do Piauí com o Maranhão, tendo no período de julho de 1963 a 2 de abril de 1970, se destacado como o grande comandante daquela obra de engenharia. Simultaneamente, ocupou a presidência das Centrais Elétricas do Maranhão e participou do Conselho Administrativo da Eletrobras.

Eleito em pleito indireto governou o Ceará de 15/03/1971 a 15/03/1975, tendo por diretriz o seu PLAGEC-Plano de Governo do Estado do Ceará e como "slogan" publicitário GOVERNO DA CONFIANÇA, deixando marcas profundas de seu dinamismo e de sua obstinação, realizando uma administração primorosa, que quanto mais distante no tempo, serenada as paixões, mais cresce na admiração dos pósteros. Sendo homem de confiança do sistema político então vigente, foi eleito senador em pleito indireto, por um colégio eleitoral, composto de deputados estaduais e vereadores da Capital e do Interior, por 308 votos. Mesmo tendo chegado as duas importantes posições no executivo estadual e no legislativo federal, em pleitos indiretos, nada invalida a sua atuação política e administrativa, nem serve de demérito ao notável cearense. Senador da República passou os seis primeiros anos de mandato (1979 a 1985), fora do Senado, pois assumira o cargo de ministro das Minas e Energia do governo do presidente João Figueiredo. Os primeiros tempos no Ministério foram particularmente difíceis, pela oposição sistemática de grupos poderosos, que procuraram, a todo custo, desestabilizá-lo, e conquistar a estratégica posição, para satisfação de interesses inconfessáveis. Corajoso, competente e obstinado, amigo pessoal do presidente da República, pouco a pouco, foi transpondo os obstáculos, vencendo seus opositores e, finalmente, consolidada sua posição, realizou uma obra administrativa, ainda hoje louvada e reconhecida, destacando-se a criação do Proalcool, um sucesso de programa de produção de energia alternativa e renovável.

Terminada a administração Figueiredo, assumiu sua cadeira de senador e por dois anos (1985 a 1987), teve destacada atuação naquela casa legislativa. Tentou voltar ao Senado, em eleições diretas no pleito de 1986, não sendo bem sucedido. Este fato em nada lhe abateu o ânimo e, sem desfalecimento, continuou a lutar por aquilo que acreditava quando, estando só em sua residência na Praia do Futuro, em Fortaleza, na madrugada de 10/03/1991, um fulminante infarto, pôs termo à sua fecunda existência. Madrugador, amante dos exercícios matinais, sua demora em levantar-se despertou a atenção do caseiro. Convocando o filho Marcos Cals, constatou-se que o notável homem público estava morto. César Cals de Oliveira Filho casou na Igreja do Carmo, em 16/10/1948, com Marieta de Francesco, nascida em Fortaleza, em 16/01/1927, filha de Salvador De Francesco Angelo e Tereza Lanzillotti de Francesco, ambos naturais de Tortora, na Itália. Dona Marieta Cals, com muita dignidade e destacada atuação nos programas de promoção social, foi primeira Dama do Ceará. Filhos do casal:

Tn.5.10.7.1 Célia Maria Cals de Oliveira n.16/07/1949
Tn.5.10.7.2 César Cals de Oliveira Neto n.08/08/1950
Tn.5.10.7.3 Sérgio Cals de Oliveira n.07/06/1953
Tn.5.10.7.4 André Salvatore Cals de Oliveira n.30/01/1963
Tn.5.10.7.5 Marcos César Cals de Oliveira n.11/01/1964

Tn.5.10.7.1 **Dra. Célia Maria Cals de Vasconcelos**, médica geriátrica, proprietária da Clínica Vita, em Brasília, especializada em medicina geriátrica, psicologia, psicoterapia, planejamento e orientação familiar. Estudiosa e sempre ávida de novas e modernas técnicas na sua área de atuação, participa com freqüência de encontros, seminários e congressos, realizados nos centros mais adiantados do mundo, em permanente busca de atualização de sua clínica médica. Casou na capela do Palácio da Abolição, em Fortaleza, em 07/01/1972, com Sanelva Moreira Ramos de Vasconcelos Filho, engenheiro, pernambucano, filho de Sanelva Moreira Ramos de Vasconcelos e de Myrthes Camboin Lenório Ramos de Vasconcelos. Filhos do casal:

Qn.5.10.7.1.1 Maria Clara Cals de Vasconcelos n.17/12/1972
Qn.5.10.7.1.2 Maria Cecília Cals de Vasconcelos n.21/04/1974
Qn.5.10.7.1.3 Maria Paula Cals de Vasconcelos n.20/03/1975
Qn.5.10.7.1.4 Maria Catarina Cals de Vasconcelos n.08/11/1976
Qn.5.10.7.1.5 César Cals de Vasconcelos n.21/12/1978
Qn.5.10.7.1.6 Luiz Augusto Cals de Vasconcelos n.18/04/1980
Qn.5.10.7.1.7 Carlos Eduardo Cals de Vasconcelos n.04/06/1982
Qn.5.10.7.1.8 Ricardo Cals de Vasconcelos n.27/03/1986

Qn.5.10.7.1.2 **Maria Cecília Cals de Vasconcelos**, formada em ciências contábeis, casou em 19/12/1997, no Oratório do Soldado, em Brasília, com seu parente Vicente Brasil De Francesco, engenheiro civil, filho de Francisco Ângelo De Francesco e Maria Alice Brasil De Francesco. O parentesco do casal pode assim ser explicado: Vicente é neto paterno do comendador Francesco De Francesco di Ângelo e Maria Cecília é bisneta, pelo lado materno, de Salvador De Francesco di Ângelo, irmão do comendador. Testemunharam o ato religioso, celebrado por Dom Raymundo Damasceno Assis, o vice-presidente da República Marco Maciel e os tios de Maria Cecília: César Neto, Sérgio, André e Marcos Cals, entre outros. Filha:

Pn.5.10.7.1.2.1 Mariana Cals de Vasconcelos De Francesco n.09/06/2000

Tn.5.10.7.2 **César Cals de Oliveira Neto**, engenheiro civil, pela UFC. Fez pós-graduação em engenharia no Rio de Janeiro. Posteriormente, fez estudos avançados em transportes urbanos, na França e nos Estados Unidos. Foi diretor-presidente da Empresa de Urbanização de Fortaleza-Emurf. De 1979 a 1982, foi diretor

técnico da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos – EBTU. Tem passagem pela Superintendência do Desenvolvimento dos Esportes de Fortaleza-Sudef e no magistério. Tem experiência como professor de transportes urbanos na Escola de Engenharia da UFRJ. Em 1982, disputou uma cadeira de deputado federal pelo Ceará, sendo eleito com 129.785 votos. Em 17/03/1983, assume a Prefeitura de Fortaleza, cargo que por duas vezes fora ocupado pelo seu ilustre avô Dr. César Cals de Oliveira. Afastado da Prefeitura de Fortaleza, em 01/07/1985, assume sua cadeira de deputado federal, para a qual é reeleito no pleito de 1986. Em 1995, está como presidente da Câmara de Comércio Brasil-Malásia. Casou em 11/01/1980, na Catedral da Sé, com Inês Helena Benevides Amaro, psicóloga, nascida em 07/02/1955, em Fortaleza, filha de Irineu Amaro Silva e de Mirtes Benevides Amaro. Filhos do casal:

Qn.5.10.7.2.1 César Cals de Oliveira n.12/03/1981
Qn.5.10.7.2.2 Victor Cals de Oliveira n.16/10/1983
Qn.5.10.7.2.3 Bruno Cals de Oliveira n.18/03/1985

Tn.5.10.7.3 **Sérgio Cals de Oliveira**, economista, empresário, diretor-presidente da Rádio Dragão do Mar, nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Casou em 23/03/1973, na Igreja do Líbano, com Lumena Maia Cavalcanti, nascida em 24/11/1953, filha de Marino de Andrade Maia e de Hilda de Castro Maia. Lumena Cals é consagrada e admirada "designer" de jóias, saindo de suas mãos objetos de apurado bom gosto, grande beleza e perfeição. Filha do casal:

Qn.5.10.7.3.1 Caroline Cals de Oliveira n.28/09/1973

Tn.5.10.7.4 **André Salvatore Cals de Oliveira**, piloto de avião, residente em Palmas (TO) casou em 08/07/1983, na Igreja de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, com Adriana Rocha Bentes, filha de João Ferreira Bentes e de Wanda da Rocha Bentes. Desquitados. Filha do casal:

Qn.5.10.7.3.1 Juliana Cals de Oliveira n.05/10/1984

Tn.5.10.7.5 **Marcos César Cals de Oliveira**, eleito deputado estadual, sucessivamente, nas eleições de 1986, 1990, 1994 e 1998. Quando assumiu seu primeiro mandato, contava apenas 23 anos. Antes fora assessor especial do prefeito de Fortaleza, na gestão de seu irmão César Cals de Oliveira Neto, período 1983-1985 e superintendente da Fundação de Promoção Social. Como empresário, presidiu a Confiança Agropecuária S.A. e foi superintendente da Confiança Agroindustrial S.A. Casou na Igreja de Dom Bosco, em Brasília, em 01/12/1983, com Dionéia Pinheiro Arcoverde, nascida em 29/08/1964, filha do Dr. Waldyr Mendes Arcoverde, ministro da Saúde no governo

do presidente João Figueiredo e de Deusina Pinheiro Arcoverde. Filha do casal:

Qn.5.10.7.5.1 Danielle Arcoverde Cals de Oliveira n.08/06/1985

Bn.5.10.8 **Maria de Lourdes Cals Theophilo Gaspar de Oliveira** casou a 14/01/1948, na Igreja do Patrocínio, com Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira, oficial do exército, hoje na reserva como general de brigada, de ilustre e tradicional família de Fortaleza, nascido em 27/06/1924, filho de José Theophilo Gaspar de Oliveira e de Alice Teixeira Gaspar de Oliveira. A exemplo dos tios maternos e paternos, todos os filhos varões do casal, ingressaram em corporações militares, mais especificamente, no Exército brasileiro. Filhos do casal:

Tn.5.10.8.1 Henrique César n.03/07/1949
Tn.5.10.8.2 Manoel n.19/09/1950
Tn.5.10.8.3 José n.07/07/1952
Tn.5.10.8.4 Bárbara Maria n.24/10/1953
Tn.5.10.8.5 Guilherme n.13/03/1955
Tn.5.10.8.6 Inês Maria n.13/12/1956
Tn.5.10.8.7 Alexandre n.24/02/1958
Tn.5.10.8.8 Estevão n.25/01/1961

Tn.5.10.8.1 **Henrique César Cals Theophilo Gaspar de Oliveira**, como tenente-coronel de artilharia, assumiu em 29/01/1993, o comando do 10º Grupo de Artilharia de Campanha, sediado em Fortaleza, função que exerceu até 13/01/1995, quando passou o comando ao seu irmão, o também tenente-coronel de Artilharia Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira. O coronel Henrique César tem curso da Aman, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Esao), Escola de Comando do Estado Maior do Exército (Eceme), Operações na Selva, Ações de Comando e Jungle Expert. Entre as condecorações recebidas, destacam-se a Medalha Militar de Prata e a Medalha do Serviço Amazônico. Antes de assumir o comando do 10º GAC, fora instrutor e subcomandante do Centro de Instrução de Guerra no Solo, oficial de informações da 10ª Brigada de Infantaria Motorizada, adjunto da subchefia de Assuntos Estratégicos da Presidência da República e comandante do curso de artilharia da Academia Militar das Agulhas Negras. Em meados de 2001, assume a presidência da Federação Cearense de Pára-quedismo. Casou na Igreja do Líbano, em 14/01/1973, com Stella Maria Guimarães de Oliveira, nascida em 20/10/1955, filha de Walter Nogueira de Oliveira e de Maria Stella Guimarães de Oliveira. Divorciado. Casou, em segundas núpcias, com Célia Regina Jacoe Theóphilo, não havendo sucessão deste leito. Filhos do primeiro leito:

Qn.5.10.8.1.1 Jordana Theóphilo n.04/07/1974
Qn.5.10.8.1.2 Henrique César Theóphilo Gaspar de Oliveira n.02/05/1976
Qn.5.10.8.1.3 Manuela Theóphilo n.22/06/1980

Qn.5.10.8.1.2 **Henrique César Theóphilo Gaspar de Oliveira**, 1º tenente do Exército, de seu relacionamento com Dayse Aparecida da Silveira, residente em Rondonópolis (MT), há uma filha:

Pn.5.10.8.1.2.1 Camila Silveira Theóplilo n.22/05/2000

Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira, homônimo de seu pai, tenente-coronel de artilharia, cursou a Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Esao) e a Escola de Comando do Estado Maior do Exército (Eceme). Tem curso de pára-quedismo precursor, War College (USA), em 1993-1994. Foi adido militar na Colômbia, comandou o 10º Grupo de Artilharia de Campanha, sediado em Fortaleza. No dia 25 de agosto de 1997, em solenidade no QG da 10ª Região Militar, foi condecorado com a "Medalha do Pacificador". Hoje, em Brasília, é assistente do general chefe do DEC. Casou em 26/01/1974, na Igreja da Paz, em Fortaleza, com Ana Virgínia Passos, filha do jornalista Raimundo Oscar Pacheco Passos e de Yeda Brasil Ribeiro Passos. Foram padrinhos do casamento, o Governador César Cals de Oliveira Filho (tio do noivo) e sua mulher Mariêta Cals. Filhos do casal:

Qn.5.10.8.2.1 Yêda Passos Theóphilo Gaspar de Oliveira n.01/06/1975
Qn.5.10.8.2.2 Raquel Passos Theóphilo Gaspar de Oliveira n.30/05/1977
Qn.5.10.8.2.3 Beatriz Passos Theóphilo Gaspar de Oliveira n.12/02/1982
Qn.5.10.8.2.4 Manoel Theóphilo Gaspar de Oliveira Filho n.25/02/1988

Qn.5.10.8.2.2 **Raquel Passos Theóphilo Gaspar de Oliveira**, batizada na Igreja de São Vicente de Paulo, em 1º/01/1978, em Fortaleza, faleceu em 05/07/1985, com apenas oito anos, acometida de acidose/ meningite bacteriana, causando grande consternação.

Tn.5.10.8.3 **José Theophilo Gaspar de Oliveira Neto** casou 17/07/1976, na Igreja de S. Vicente com Lilian Fernandes Montenegro, nascida em 26/11/1954, em Fortaleza, filha de Helano Studart Montenegro e de Maria de Lourdes Fernandes Montenegro. Filhos:

Qn.5.10.8.3.1 Juliana Montenegro Theóphilo n.16/03/1979
Qn.5.10.8.3.2 Viviane Montenegro Theóphilo n.26/10/1982

Tn.5.10.8.4 **Bárbara Maria Cals Theophilo de Araújo**, professora, casou-se na Igreja da Paz, em 13/07/1978, com Francisco Humberto Castelo Branco Araújo, economista, funcionário da Companhia Docas do Ceará, filho de Luiz Gonzaga Jucá de Araújo e de Carmélia Castelo Branco Araújo. Filhos:

Qn.5.10.8.4.1 David Theóphilo Araújo n.22/09/1980

Qn.5.10.8.4.2 Roberta Theóphilo Araújo n.03/09/1982
Qn.5.10.8.4.3 Bárbara Theóphilo Araújo n.28/11/1984

Tn.5.10.8.5 **Guilherme Cals Theóphilo Gaspar de Oliveira** casou na Igreja da Paz, em 13/01/1982, com Silvana Veras Cavalcante, filha de José Maria Cavalcante e de Maria Elza Veras Cavalcante. Filhos:

Qn.5.10.8.5.1 Victor Guilherme Cavalcante Theóphilo n.05/05/1983
Qn.5.10.8.5.2 Guilherme Cals T. Gaspar de Oliveira Filho n.11/09/1984
Qn.5.10.8.5.3 Mariana Cavalcante Theóphilo n.24/04/1988

Tn.5.10.8.6 **Inês Maria Cals Theóphilo Maciel**, bióloga, casou na Igreja da Paz, em 04/01/1982, com Jesus Pinheiro Cavalcante Maciel, nascido em 27/10/1950, filho de Antônio Pinheiro Maciel e de Albeli Pinheiro Cavalcante Maciel. Divorciada. Contraiu segundas núpcias com Sérgio Lôbo Rodrigues, militar da reserva. Filhos do primeiro leito:

Qn.5.10.8.6.1 Renata Cals Theóphilo Maciel n.17/12/1982
Qn.5.10.8.6.2 Paula Cals Theóphilo Maciel n.30/04/1985
Qn.5.10.8.6.3 Daniel Cals Theóphilo Maciel n.30/06/1988

Tn.5.10.8.7 **Alexandre Cals Theóphilo Gaspar de Oliveira**, tenente-coronel, cursou a Academia Militar das Agulhas negras (Aman), a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Esao) e a Escola de Comando do Estado Maior do Exército.Tem curso de páraquedismo precursor e ocupa o subcomando do Centro de Instrução de Pára-quedismo. Casou na Igreja de Santa Margarida Maria, no Rio de Janeiro, em 08/12/1984, com Ariane Denise Mittidiere Malta. Divorciado. Contraiu segundas núpcias com Lígia Maria Botelho. Filhos:

Do primeiro leito:

Qn.5.10.8.7.1 Gabriela Alesandra Mittidiere Theóphilo

Do segundo leito:

Qn.5.10.8.7.2 Alexandre Cals Theóphilo Gaspar de Oliveira Filho

Tn.5.10.8.8 **Estevam Cals Theóphilo Gaspar de Oliveira**, como capitão fez parte das Forças de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU) na Bósnia, no auge da violenta guerra civil instalada naquela região da Europa. Em meados de 1994 foi seqüestrado por militares sérvios-bósnios na linha de fogo em Gorazde, próximo à divisa da Bósnia-Herzergovina. Após doze dias de pressões psicológicas, de fome, frio, incertezas, espera angustiante, 10kg mais magro, foi libertado juntamente com seus companheiros. Estevam casou na Igreja do Líbano, em 04/01/1986, com Liana Vasconcelos Arcoverde, nascida em 28/11/1966, filha de Moacyr Mendes Arcoverde e de Maria Regina Lobão Vasconcelos Arcoverde. Filho:

Qn.5.10.8.8.1 Eduardo Arcoverde Theóphilo n.07/06/1987

N.5.11 **Diogo Vital de Siqueira (Dioguinho)** batizado na Igreja paroquial da freguesia de S. Luiz de Gonzaga, hoje Matriz do Patrocínio, pelo vigário João Dantas Ferreira Lima, servindo de padrinhos Antônio de Oliveira Martins e Firmina de Fontenelle Martins. Casou em 30/12/1926, em casa particular, perante o monsenhor João Alfredo Furtado[13], com Maria Amélia Caracas (Amelita), nascida em 1º/09/1905, filha do Dr. Luiz Pacífico Caracas e de Rosaly Miranda Fortuna Caracas, descendente pelo lado paterno de tradicionalíssima família de Guaramiranga (CE) e pelo lado materno dos potentados portugueses José de Agrela Jardim e Manoel Caetano de Gouveia, este genro daquele. Diogo Vital de Siqueira foi um dos homens mais importantes e destacados do Ceará de seu tempo. Industrial, comerciante, banqueiro, líder empresarial e homem de sociedade. Com outros fundou o Maguary, idealizou a construção do Edifício Diogo, uma referência da cidade, participou do Aeroclube do Ceará, diretor-presidente da Ceará Rádio Clube, a PRE-9, diretor da A D Siqueira, presidente do Sindicato das Indústrias Têxteis de Fortaleza, diretor da Federação das Indústrias do Ceará, presidente da Facic, em várias fases, diretor da Associação Comercial do Ceará, em todas as diretorias, nos biênios compreendidos entre 1939 a 1948 e 1951 a 1956, vice-presidente da Junta Comercial do Ceará, presidente do Banco dos Importadores. Em 1947, teve uma experiência política ao disputar a Prefeitura de Fortaleza, pela legenda da UDN, tendo por adversários, Stênio Gomes, pela coligação PSD-PSP, José Lins de Sousa, pelo PSB e Acrísio Moreira da Rocha, pelo PR. Apesar da expressiva votação, não foi bem sucedido e a cidade perdeu a oportunidade de ser administrada por um homem de larga visão, competência e probidade. Ligado aos Távoras por laços de família de sua mulher Amelita, era o único udenista da família, por certo não guardando nenhuma mágoa do episódio da desapropriação do Matadouro Modelo, envolvendo em 1931 o interventor Federal Manoel do Nascimento Fernandes Távora, que viria a ser o chefe maior da UDN no Ceará, o seu pai coronel Antônio Diogo de Siqueira e seu cunhado, Dr. César Cals de Oliveira, então prefeito de Fortaleza. Ao falecer, era presidente da Sociedade Pró-Construção da Maternidade Popular (Escola) de Fortaleza, hoje uma realidade que tantos be-

[13] Nesse mesmo dia, nascia César Cals de Oliveira Filho, que anos depois, governaria o Ceará, filho de Dona Hilza, irmã de Dioguinho.

nefícios há trazido à comunidade. Faleceu, com apenas 58 anos de idade, no apogeu de sua maturidade gloriosa, ao meio-dia de 13 de outubro de 1959, de um colapso cardíaco, quando se recolhera para descansar após o almoço. Tempos antes, já fora acometido de infarto, o mal genético, que acompanha a família, como uma pesada sombra. O inesperado falecimento do estimado empresário repercutiu na cidade, tão logo a notícia foi divulgada. A Assembléia Legislativa Estadual, a Câmara Municipal de Fortaleza e a Associação Comercial suspenderam de imediato seus trabalhos. Jovem ainda, o autor lembra que logo após o ocorrido, as emissoras de rádio passaram a divulgar a triste notícia, tendo a Ceará Rádio Clube suspendido suas transmissões por sessenta minutos, passando a seguir a irradiar somente músicas de câmara, em respeito ao profundo sentimento de pesar coletivo. O jornal vespertino Correio do Ceará, circulou com uma notícia de última hora, informando o infausto acontecimento. No dia seguinte, o mesmo jornal, que ao tempo era impresso com títulos vermelhos, circula todo em preto, com a primeira página quase toda ocupada com notícias do desaparecimento de Dioguinho. No alto da página a manchete: VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO A DIOGO VITAL DE SIQUEIRA, NO SEU ENTERRAMENTO. O carro fúnebre foi empurrado a braço pelos seus operários da A D Siqueira, de sua residência na Rua Sena Madureira, até o Cemitério de S. João Batista. Quando o féretro passou na Av. Duque de Caxias e na rua Princesa Isabel, junto às indústrias a que estava ligado, as cigarras passaram a soar com insistência, num comovente adeus ao ilustre morto. À beira do túmulo usaram da palavra o seu amigo-irmão João de Medeiros Calmon e José Ramos Torres de Melo, presidente da Facic. Para o transporte das inúmeras coroas, além das colocadas no carro fúnebre, foi necessário mais um caminhão e uma camioneta. Da imprensa, colhemos ainda estas palavras, sobre o Dioguinho: "*O extinto, como industrial e líder das classes produtoras, não se descurara dos largos gestos humanitários os quais, aliás eram uma de suas notas mais comuns. A simplicidade do trato o fizeram popular e querido em todos os círculos da cidade*". É certo que Diogo Vital de Siqueira, particularmente assistia, sem alardes, grande número de pessoas pobres, gestos nobres tantas vezes praticados por seus beneméritos pais. Com CEP 60.181-770, está na chamada Praia do Futuro, a extensa Avenida Dioguinho, começando no Cais do Porto e terminando no fim daquela praia, já na barra do Rio Cocó e no bairro do Cais do Porto, com o mesmo CEP 60.181-770, há uma pequena Rua Dioguinho, ambas homenagem da cidade

ao seu ilustre filho. Dona Amelita, esposa amantíssima, mãe dedicada, anjo do lar, que sobreviveu ao marido por longos anos, faleceu aos 86 anos, em Fortaleza, às 3h20min, em 15/09/1991, de insuficiência cardíaca e respiratória. Algum tempo antes, a bondosa senhora já havia perdido a lucidez, em conseqüência de arteriosclerose cerebral. Filhos do casal:

Bn.5.11.1 Antônio Diogo de Siqueira Neto n.08/11/1927
Bn.5.11.2 Luiz Marcelo Diogo de Siqueira n.06/11/1929
Bn.5.11.3 Tarcísio Diogo de Siqueira n.12/06/1931
Bn.5.11.4 Maria Semíramis Diogo de Siqueira n.21/01/1933
Bn.5.11.5 Fernanda Maria Diogo de Siqueira n.31/01/1935
Bn.5.11.6 Fernando Diogo de Siqueira n.21/03/1937
Bn.5.11.7 Germana Maria Diogo de Siqueira n.16/11/1938
Bn.5.11.8 Cláudia Maria Diogo de Siqueira n.28/06/1940
Bn.5.11.9 Vera Maria Diogo de Siqueira n.20/01/1943
Bn.5.11.10 Liliana Maria Diogo de Siqueira n.13/07/1945
Bn.5.11.11 Maria Rosaly Diogo de Siqueira n.24/06/1948
Bn.5.11.12 Elisa Maria Diogo de Siqueira n.15/10/1950

Bn.5.11.1 **Antônio Diogo de Siqueira Netto**, químico industrial, formado pelo Saint Vincent College, em Latrobe-Pensilvânia (USA) em 1951. Trabalhou na Cinbrasol – Cia Brasileira de Algodão e Óleos, de propriedade da família e, em seguida, assumiu as funções de Químico Industrial na multinacional Gessy-Lever, onde permaneceu até sua morte. Casou na Igreja do Patrocínio, em cerimônia presidida por seu primo padre Jorgelito Cals de Oliveira, em 24/12/1951, com Maria Sulita Leitão Belfort, professora diplomada, licenciada em supervisão educacional pela Uece, tendo ocupado a função de diretora da Escola de Primeiro Grau Matias Beck, nascida em Fortaleza, em 04/02/1930, filha de João Belfort Teixeira e Jarina Leitão Belfort. Antônio, que vinha em férias para Fortaleza, faleceu tragicamente, em 02/07/1964, em Salvador (BA), vitimado por afogamento, quando em fatídico banho de mar procurou salvar, sem sucesso, Giovanni, seu filho de apenas sete anos. Antônio foi em socorro do filho, juntamente com um parente de sua mulher que lhe fazia companhia. Morreram os três, tragados pelas águas, num acidente doloroso, quando toda a Bahia estava em festas, comemorando o Dois de Julho, data maior do povo baiano. Os corpos foram sepultados em Salvador. Filhos do casal:

Tn.5.11.1.1 Eveline Maria Diogo de Siqueira n.01/07/1953
Tn.5.11.1.2 Gláucia Maria Diogo de Siqueira n.18/10/1954
Tn.5.11.1.3 Giovanni Diogo de Siqueira n.18/06/1957

Tn.5.11.1.4 Regis Diogo de Siqueira n.26/01/1960

Tn.5.11.1.1 **Eveline Maria Diogo de Siqueira Aragão**, normalista pelo Instituto de Educação do Ceará, técnica em química industrial pelo Cefet-CE, diplomada em orientação educacional pela Uece, com curso de pós-graduação em educação. Exerce o magistério na rede educacional do Estado, já tendo sido diretora da Escola Clóvis Beviláqua. Casou em 1º/03/1977, na Igreja de São Vicente de Paulo, com José Ildefonso Lima Aragão, nascido em 18/02/1951, filho de José Ximenes Aragão e de Nadir Alencar Lima Aragão. Filhos:

Qn.5.11.1.1.1 Juliana Diogo de Siqueira Aragão n.21/03/1978

Qn.5.11.1.1.2 Igor Diogo de Siqueira Aragão n.21/05/1980

Qn.5.11.1.1.3 Tito Diogo de Siqueira Aragão n.09/05/1983

Tn.5.11.1.2 **Gláucia Maria Diogo de Siqueira**, professora primária pelo Instituto de Educação do Ceará, licenciada em supervisão escolar pela Uece e pós-graduada em educação. Ingressou nos quadros funcionais da TV Educativa do Ceará e hoje desempenha funções na Secretaria da Administração do Estado. Casou em 25/05/1974, na Igreja da Paz, com Antônio Edvaldo Linhares Frota, comerciante, nascido em Fortaleza, em 04/05/1947, filho de Edmílson Frota Lima e de Luzanira Linhares Lima. O casamento, presidido por Frei Ambrósio Maria de Fortaleza foi apadrinhado, entre outros, pelo governador César Cals e senhora. Separada judicialmente. Filhos do casal:

Qn.5.11.1.2.1 Felipe Diogo de Siqueira Frota n.20/05/1976

Qn.5.11.1.2.2 Fabíola Diogo de Siqueira Frota n.06/09/1978

Qn.5.11.1.2.3 Fabrízio Diogo de Siqueira Frota n.18/03/1983

Tn.5.11.1.3 **Giovanni Diogo de Siqueira** faleceu aos sete anos, por afogamento, junto com seu pai, em 02/07/1964, no lamentável acontecimento de Salvador.

Tn.5.11.1.4 **Régis Diogo de Siqueira**, comerciante, casou em 09/06/1982, na Igreja de São Vicente de Paulo, com Guiomar Siqueira Feitosa Carvalho, economista, funcionária do IPEC, nascida em 22/02/1959, filha de Joaquim Citó Feitosa Carvalho e de Áurea Siqueira Feitosa. Separados. Filhos do casal:

Qn.5.11.1.4.1 Regis Diogo de Siqueira Filho n.20/01/1984

Qn.5.11.1.4.2 Daniela Feitosa Belfort Diogo n.09/06/1993

Bn.5.11.2 **Luiz Marcelo Diogo de Siqueira** tem curso de contador pela Escola Técnica de Comércio Padre Champagnat, comerciante e industrial. Sua primeira atividade empresarial foi estagiar em todos os departamentos do "The Rio de Janeiro Flour Mills and Granaries Limited". Foi sócio-gerente das empresas: A. D. Siqueira & Cia., Arcol – Comércio, Administração e Participações Ltda, Transmetal Comércio e Serviços Ltda e Igapó Comércio, Importação e Exportação Ltda, esta com sede em Belém do Pará. Foi diretor das sociedades industriais: Cinbrasol – Cia Norte Brasileira de Algodão e Óleos, Gasparian do Nordeste Tecidos S. A., Cia Gasparian Industrial do Norte (óleos), Tamboatá S/A Agro-Pecuária e da Cia Imobiliária Antônio Diogo. Fez parte dos quadros diretivos do Centro Industrial do Ceará e do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem do Ceará. Foi também diretor social e posteriormente diretor do departamento de futebol do Maguary Esporte Clube. Casou, em primeiras núpcias, na Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, em 25/07/1952, com Lúcia Ehrich Diogo de Siqueira, nascida em 25/07/1936, filha de José Diogo Vital de Siqueira (Zezé) e de Stellina Ehrich de Siqueira. Divorciados. Tem uma segunda união com Maria Anicássia de Brito, paisagista, nascida em Pedreiras (MA), em 20/03/1942, filha de José de Brito e de Odília Anicássia de Brito. Filhos:

Do primeiro leito:

Tn.5.11.2.1 José Ricardo Diogo de Siqueira n.20/03/1953

Tn.5.11.2.2 Ghislaine Diogo de Siqueira n.29/03/1954

Do segundo leito:

Tn.5.11.2.3 Marcos Diogo de Siqueira n.19/03/1967

Tn.5.11.2.1 **José Ricardo Diogo de Siqueira** nasceu em Fortaleza, residente nos Estados Unidos da América. Inupto.

Tn.5.11.2.2 **Ghislaine Diogo de Siqueira** nasceu em Fortaleza, estudou nos Estados Unidos, onde residia com a mãe. Voltando a Fortaleza, trabalha nas áreas de turismo e informática. Inupta.

Tn.5.11.2.3 **Marcos Diogo de Siqueira** nasceu em Codó (MA), engenheiro civil pela Unifor e administrador de empresas pela Uece, funcionário do Ministério da Justiça. Casou com Aline Teixeira de Siqueira, nascida em 25/09/1976, filha de Aroldo de Araújo Teixeira e Maria Diana da Cunha Teixeira. Aline cursa administração de empresas.

Bn.5.11.3 **Tarcísio Diogo de Siqueira**, graduado em engenharia de produção em 1953, no Saint Vincent College, em Latrobe – Pensilvânia (USA). Regressando ao Brasil, assumiu a diretoria comercial de A. D. Siqueira & Cia., onde permaneceu até 1956, quando se transferiu para o Rio de Janeiro, assumindo cargo na direção dos Diários e Rádios Associados, especificamente na Rádio Tamoio. Depois foi promovido à diretoria da empresa de publicidade do grupo Associado, onde permaneceu até se aposentar. Casou em 30/01/1954, na Igreja do Carmo, em ceri-

mônia presidida por seu primo padre Jorgelino Cals de Oliveira, com Helenice Ramos Sampaio, filha do cel. Manoel Expedito Sampaio, de tradicional família do Cariri e de Suelly Ramos Sampaio, oriunda do Rio Grande do Sul. Tarcísio faleceu no Rio de Janeiro, em 31/12/1981, quando lia os jornais do dia, vítima de infarto no miocárdio. Filhas do casal:

Tn.5.11.3.1 Ruth Maria Sampaio Diogo de Siqueira n.27/11/1954
Tn.5.11.3.2 Magda Sampaio Diogo de Siqueira n.10/06/1957
Tn.5.11.3.3 Suely Sampaio Diogo de Siqueira n.26/04/1959
Tn.5.11.3.4 Carol Sampaio Diogo de Siqueira n.20/05/1961

Tn.5.11.3.1 Dra. **Ruth Maria Sampaio Diogo de Siqueira** nasceu em Fortaleza, médica, formada em 06/12/1978 pela UFRJ, casou em 12/12/1980, na Paróquia de Santa Margarida Maria, Bairro da Lagoa, no Rio de Janeiro, com o Dr. Marcos José de Souza Batista, médico, pernambucano, nascido em 14/04/1949, filho de José Batista Júnior e Lindalva de Souza Batista. Adotou o nome de Ruth Maria Diogo Batista. O casal reside no Rio de Janeiro. Filhos:

Qn.5.11.3.1.1 Leonardo Diogo Batista n.24/06/1981
Qn.5.11.3.1.2 Izabelle Diogo Batista n.21/07/1983

Tn.5.11.3.2 **Magda Sampaio Diogo de Siqueira** nasceu em Fortaleza, engenheira eletricista pela UFRJ, com mestrado e doutorado na área de engenharia. Casou-se, na Sinagoga do Rio de Janeiro, com Zeeiv Amitae, engenheiro eletricista, indo residir em West Port, Connecticut (USA), onde Magda concluiu o curso de enfermagem, exercendo naquele país a profissão de enfermeira. Filhos do casal:

Qn.5.11.3.2.1 Allan Diogo Amitae n.05/06/1988
Qn.5.11.3.2.2 Daniel Diogo Amitae n.14/12/1990

Tn.5.11.3.3 **Suely Sampaio Diogo de Siqueira** nasceu no Rio de Janeiro, economista pela UFRJ, casou a 09/04/1981, na Sinagoga da A R J, em Botafogo, com Alberto Feilhaber, engenheiro civil, nascido no Rio de Janeiro, em 03/06/1954, filho de Friedrich Feilhaber e Haya Clara Cohen Feilhaber. Adotou o nome de Suely Diogo Feilhaber. O casal reside nos Estados Unidos da América. Filhos:

Qn.5.11.3.3.1 Benny Feilhaber n.19/01/1985
Qn.5.11.3.3.2 Viviane Feilhaber n.22/08/1987

Tn.5.11.3.4 **Carol Sampaio Diogo de Siqueira** nasceu no Rio de Janeiro, economista pela UFRJ, casou naquela cidade, onde reside, em 21/09/1990, com Roberto de Azevedo Vieira, economista. Adotou o nome de Carol Diogo Vieira. Filha do casal:

Qn.5.11.3.4.1 Giselle Diogo Vieira n.06/01/1992

Bn.5.11.4 **Maria Semíramis Diogo Diógenes (Lila)** herdou o nome de sua bisavó paterna Semíramis de Holanda Vianna. Professora diplomada pelo Colégio da Imaculada Conceição, casou em 18/12/1954, em cerimônia oficiada por seu primo padre Jorgelito Cals de Oliveira, na Igreja do Coração de Jesus, com o capitão do Exército Idalécio Nogueira Diógenes, nascido em 13/02/1925, de tradicional família jaguaribana, fazendeiro e criador, filho de Domingos Neto Diógenes e de Isaura Nogueira Diógenes. Idalécio chegou ao posto de tenente-coronel. Além das funções militares, presidiu a Fundação de Assistência ao Desporto do Estado do Ceará-Fadec, quando da construção do estádio Castelão, foi diretor regional do Dentel, no Ceará, diretor geral do Dentel, em Brasília, presidente da Radiobrás, em Brasília, e assessor técnico da Teleceará, onde se aposentou. Lila, após o casamento, adotou o nome de Maria Semíramis Diogo de Siqueira Diógenes. Filhos do casal:

Tn.5.11.4.1 Carlos Deodato Diogo Diógenes n.13/10/1955
Tn.5.11.4.2 Fátima Maria Diogo Diógenes n.20/02/1960
Tn.5.11.4.3 Viviane Maria Diogo Diógenes n.08/02/1963

Tn.5.11.4.1 **Carlos Deodato Diogo Diógenes** faleceu prematuramente em 25/06/1959.

Tn.5.11.4.2 **Fátima Maria Diogo Diógenes**, engenheira civil, formada pela UFC, exerceu a função de engenheira na Secretaria do Planejamento do município de Fortaleza, até ingressar, por concurso, no Banco Central do Brasil, onde trabalha na área de informática. Casou em 12/01/1983, na Igreja do Líbano, com Lucélio Lemos, nascido em 10/04/1949, filho de José Lemos de Almeida e de Margarida de Paula Lemos, engenheiro civil, tendo feito parte de seu curso de engenharia na Universidade de Lisboa, em Portugal, diplomando-se pela UFC. Foi construtor e engenheiro da Cohab-CE; é industrial e comerciante na área de confecções moda praia. Filho do casal:

Qn.5.11.4.2.1 Rafael Diogo Diógenes Lemos n.10/01/1984

Tn.5.11.4.3 **Viviane Maria Diogo Diógenes**, advogada militante e administradora de empresas, casou em 03/07/1985 na Igreja do Líbano, com Paulo Napoleão Gonçalves Quezado, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFC, licenciado em História pela Uece, ex-professor de Processo Penal da UFC e lecionando atualmente na Uece. Foi conselheiro da OAB nacional e deputado estadual na 22ª Legislatura, de 1986 a 1990. Em 21/11/1997, em memorável pleito, foi eleito presidente da OAB, seção Ceará. Em fins do ano 2000 foi reeleito para novo mandato de três anos. Nasceu em Aurora (CE), em 05/09/1955, filho de José Pinto Quezado e Leopoldina Gonçalves Quezado, de con-

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

ceituada família da região do Cariri. O casal mantém movimentado escritório de advocacia, sendo o Dr. Paulo Quezado reconhecido como um dos melhores causídicos com atuação no Ceará, demonstrando, em todas as ocasiões, possuir uma inteligência brilhante, além de variada e sólida cultura. Filhos **quadrigêmeos** do casal:

Qn.5.11.4.3.1 André Diogo Diógenes Quezado n.14/09/1995
Qn.5.11.4.3.2 Eduardo Diogo Diógenes Quezado n.14/09/1995
Qn.5.11.4.3.3 Giovanna Diogo Diógenes Quezado n.14/09/1995
Qn.5.11.4.3.4 Guilherme Diogo Diógenes Quezado n.14/09/1995

Bn.5.11.5 **Fernanda Maria Diogo de Siqueira**, teóloga pelo Instituto de Ciências Religiosas do Ceará, casou em 25/12/1957, na bela residência de seus pais, na Rua Sena Madureira, 945, hoje demolida, com Epitácio Quezado Cruz, nascido em Jardim (CE), em 12/11/1928, filho de José da Cruz Neves e Angelita Quezado da Cruz, ambos com origem no tradicional clã caririense conhecido por Terésios, licenciado em linguas neolatinas, bacharel em direito pela UFC. Jornalista dos Diários e Rádios Associados, delegado de polícia do 3° Distrito de Fortaleza, Assistente Técnico da Secretaria da Polícia e Segurança Pública do Ceará, deputado estadual (1963-1967), chefe de gabinete do prefeito e secretário da educação do município de Fortaleza (1967-1971). Com a criação da Universidade de Fortaleza-Unifor, foi, por mais de vinte anos secretário geral da Fundação Educacional Edson Queiroz, mantenedora daquela instituição e, posteriormente, professor de direito e assessor especial do reitor daquela Universidade. Foi procurador do Tribunal de Contas dos Municípios. Faleceu em Fortaleza, já aposentado, em 27/12/1998. Filhos do casal, todos nascidos em Fortaleza:

Tn.5.11.5.1 Diogo Vital de Siqueira Cruz n.04/01/1959
Tn.5.11.5.2 Fernando Antônio Diogo de Siqueira Cruz n.19/12/1960
Tn.5.11.5.3 Ricardo Diogo de Siqueira Cruz n.19/11/1962
Tn.5.11.5.4 Cláudio Germano Diogo de Siqueira Cruz n.11/10/1963
Tn.5.11.5.5 Epitácio Quezado Cruz Júnior n.16/05/1969

Tn.5.11.5.1 **Diogo Vital de Siqueira Cruz**, engenheiro civil, foi do quadro técnico da extinta Cohab-CE, onde foi diretor, professor do curso de engenharia da Unifor e vogal do Tribunal Regional do Trabalho, em Fortaleza. Casou-se na Igreja do Líbano, em 16/04/1983, com Margareth de Sousa Gonçalves, bacharela em direito e funcionária do TRT, nascida em 30/09/1960, filha de Manoel Gonçalves e Silva, empresário, ex-deputado federal pelo Ceará, e de Margarida Alves de Sousa Gonçalves. Separados. Filhas:

Qn.5.11.5.1.1 Laryssa Gonçalves Cruz n.08/01/1984
Qn.5.11.5.1.2 Jéssica Gonçalves Cruz n.18/06/1992

Tn.5.11.5.2 **Fernando Antônio Diogo de Siqueira Cruz**, formado em ciências contábeis e advogado militante. Foi advogado da Coelce e, atualmente, é assessor jurídico de conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios, tendo ocupado vários cargos de chefia naquele orgão. Casou na Igreja do Líbano, em 16/04/1984, com Annia Melo de Sabóia, analista de sistemas, servidora da Cagece, atualmente prestando serviços de analista de sistemas no Tribunal de Justiça do Ceará, nascida em 16/04/1966, filha de José Alexandre Thomé de Sabóia e Silva e de Mary Lennie Melo de Sabóia. Filhos do casal:

Qn.5.11.5.2.1 Alexandre Diogo de Sabóia Cruz n.31/10/1984
Qn.5.11.5.2.2 Fernanda Sabóia Cruz n.01/01/1988

Tn.5.11.5.3 **Ricardo Diogo de Siqueira Cruz** faleceu 29/11/1962, com apenas dez dias de nascido.

Tn.5.11.5.4 **Cláudio Germano Diogo de Siqueira Cruz**, formado em direito pela Unifor, auditor do Grupo Edson Queiroz, exercendo o cargo de gerente-administrativo e financeiro da INDAIÁ – Brasil Águas Minerais S.A. Casou na Igreja do Líbano, em 03/01/1989, com Adriana Maria Vieira Madeiro, advogada pela Unifor, diretora da Divisão de Consultas do Tribunal de Contas dos Municípios, nascida em 09/07/1966, filha de Benjamim Madeiro Coelho e de Maria Luiza Vieira Madeiro, de família cariense. Adriana, após o casamento, adotou o nome de Adriana Maria Madeiro Diogo Cruz. Filhos do casal:

Qn.5.11.5.4.1 Ana Luiza Madeiro Diogo Cruz n.28/12/1989
Qn.5.11.5.4.2 Cláudio Germano Diogo de Siqueira Cruz Filho n.28/09/1993
Qn.5.11.5.4.3 João Victor Madeiro Diogo Cruz n.26/03/1997

Tn.5.11.5.5 **Epitácio Quezado Cruz Júnior**, advogado pela UFC. Recém-formado, fez concurso para promotor de justiça, atingindo a Terceira Entrância em curto espaço de tempo. Ainda muito jovem, ingressou na magistratura, tendo exercido as funções de Juiz de Direito das comarcas de Groaíras, Pentecoste e, atualmente é juiz de direito da comarca de Camocim (CE). Casou em 01/09/1994, na Igreja da Paz, com Fabíola Pinheiro Donsouzis, filha de Dimitrakis Vassilios Donsouzis e de Maria Zélia Pinheiro Donsouzis, falecida a 06/12/1997. Filhos do casal:

Qn.5.11.5.5.1 Epitácio Quezado Cruz Netto n.10/05/1997
Qn.5.11.5.5.2 Henrique Diogo Donsouzis Cruz n.10/09/1999

Bn.5.11.6 **Fernando Diogo de Siqueira**, bacharelou-se em História pela Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras do Ceará (Marista), hoje da Uece. Licenciou-se em História pela Faculdade Católica de Filosofia de Pernambuco (Jesuítas). Bacharelou-

se em Geografia pelo Núcleo de Geociências da Universidade Federal do Pará. Fez curso de pós-graduação na área de Pedagogia no Centro de Estudos de Pessoal do Exército. Aluno do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR, de Fortaleza, foi declarado aspirante em 1956. Após o estágio de instrução, no Regimento-Escola de Infantaria no Rio de Janeiro, foi promovido a 2º tenente R-2, do serviço de intendência. Em 1959 ingressou na Congregação dos Irmãos Maristas, na qual permaneceu até 1967. Como membro da Congregação, ensinou no Seminário de Apipucos, no Educandário São Luiz, de Recife-PE, e Nossa Senhora de Nazaré, de Belém-PA, onde exerceu a função de diretor do Curso Primário. Voltando a Fortaleza, fez concurso para o Colégio Militar, onde permaneceu até 1993, ao se aposentar como Professor Titular, exercendo além do magistério as funções de Chefe de Ensino da Seção D (História e Geografia), assessor do subdiretor de Ensino, secretário do Conselho de Ensino e membro da Comissão Permanente de Ensino. No mesmo ano de 1967, ingressou no quadro do magistério da Escola Industrial de Fortaleza, depois Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE), hoje Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará-Cefet, onde desempenhou as funções de Coordenador de Ensino, Chefe da Assessoria Técnica de Ensino, Chefe do Departamento de Ensino, Coordenador (e fundador) do Curso de Turismo e Assessor do Diretor. Foi, ainda, membro eleito, por três mandatos consecutivos, do Conselho de Representantes e eleito representante dos Professores no Conselho Superior da ETFCE. Aposentou-se em 1991. Foi professor do Colégio Cearense (Maristas), do Colégio Estadual Joaquim Nogueira, do Colégio Nossa Senhora das Graças e lecionava no Colégio da Imaculada Conceição, onde ingressou em 1970. Possuia as seguintes comendas: Medalha dos 70 anos da Escola Técnica Federal do Ceará; Símbolo do Trabalho, conferido pela ETFCE; Medalha Nilo Peçanha, conferida pelo Ministério da Educação e Cultura; Diploma de Amigo do Colégio Militar de Fortaleza; Diploma de Colaborador Emérito do Exército; Medalha Marechal Trompowski e Medalha do Pacificador, conferidas pelo Ministério do Exército. Nos primeiros dias de janeiro de 2001, Fernando é hospitalizado com graves problemas cardíacos. Após sofrer sucessivos infartos, submetido a cirurgia cardíaca, faleceu na manhã de domingo, 11 de fevereiro do mesmo ano. Inupto.

Bn.5.11.7 **Germana Maria Diogo de Siqueira**, professora normalista pelo Instituto de Educação do Ceará. Foi funcionária da Faculdade de Medicina da UFC, Departamento de Educação e Cultura (Biblioteca Central), Reitoria (Gabinete do Reitor), exercendo o cargo de secretária do Reitor. Na administração Murilo Borges, Oficial de Gabinete do Prefeito. Desde 1972 trabalha na Tesouraria do Colégio Cearense. Casou-se na Cripta da Catedral de Fortaleza, com Evônio de Freitas Cabral, comerciante e técnico em refrigeração, filho de João de Oliveira Cabral e Alnice de Freitas Cabral. Adotou o nome de Germana Maria Diogo de Siqueira Cabral. Filha do casal:

Tn.5.11.7.1 Sílvia Amélia Diogo Cabral n.27/08/1968

Tn.5.11.7.1 **Sílvia Amélia Diogo Cabral** é licenciada em educação física pela Unifor. É professora de educação física no Colégio Cearense e mantém academia de ginástica juntamente com seu marido, Francisco Alves Maia Júnior, formado em educação física, com quem casou em 24/06/1995, adotando o nome de Sílvia Amélia Diogo Cabral Maia. Filho do casal:

Qn.5.11.7.1.1 André Diogo Cabral Maia n.29/04/1997

Bn.5.11.8 **Cláudia Maria Diogo de Siqueira**, professora normalista pelo Colégio da Imaculada Conceição, licenciada em letras pela Uece, especializando-se no ensino da língua inglesa. Foi, até se aposentar, professora de inglês do Colégio Municipal Filgueiras Lima e da Fundação Educacional de Fortaleza (Funefor). Desde 1982 é professora de inglês do Colégio Cearense, onde exerceu a chefia do Departamento de Inglês e, depois a Coordenação dos Cursos de Inglês do mesmo Estabelecimento. Casou-se (adotou o nome de Cláudia Maria Diogo Gomes de Matos), em 18/04/1969, em cerimônia oficiada por Dom Raimundo de Castro e Silva, bispo-auxiliar de Fortaleza, na Capela da Crípta da Catedral, com o Dr. Sérgio Gomes de Matos, nascido em Fortaleza, em 22/08/1946, filho de Thomaz Pompeu Gomes de Matos e Maria de Jesus Gomes de Matos, médico formado pela UFC, com residência médica no Hospital dos Servidores do Rio de Janeiro. É médico do Hospital de Messejana e diretor clínico da Casa de Saúde e Maternidade São Raimundo, onde mantém consultório. É, também, médico do Instituto Dr. José Frota (IJF). Pelo lado paterno, descende do ramo Pompeu Gomes de Matos e, do lado materno, dos Ferreiras Gomes sobralenses. É médico de largo conceito, notadamente nas áreas de pneumologia e clínica médica. Separados. Filhos do casal:

Tn.5.11.8.1 Patrícia Diogo Gomes de Matos n.06/11/1969
Tn.5.11.8.2 Sandra Diogo Gomes de Matos n.12/06/1972
Tn.5.11.8.3 Sérgio Gomes de Matos Filho n.21/05/1974
Tn.5.11.8.4 Adriana Diogo Gomes de Matos n.22/02/1979

Tn.5.11.8.1 **Patrícia Diogo Gomes de Matos.** No Colégio Cearense, onde estudou, presidiu o Grêmio José de Alencar. É formada em

direito pela Unifor. É professora de Inglês do Colégio Cearense. Casou, em 06/01/1990, (adotando o nome de Patrícia Gomes de Matos Augusto Borges), na Igreja do Líbano, com Ubiratan Augusto Borges Junior, formado em direito e funcionário da Secretaria da Segurança do Ceará, nascido em 08/02/1966, filho de Ubiratan Augusto Borges e de Maria Terezinha Saboia Borges. Filhos do casal:

Qn.5.11.8.1.1 Thomás Gomes de Matos de Augusto Borges n.17/07/1990

Qn.5.11.8.1.2 Thiago Gomes de Matos de Augusto Borges n.04/11/1995

Tn.5.11.8.2 **Sandra Diogo Gomes de Matos** nasceu no Rio de Janeiro, estudou no Colégio Cearense e é formada em enfermagem. Casou em 14/09/1994 (adotou o nome de Sandra Gomes de Matoa Azevedo), na Igreja do Líbano, com Orlando de Azevedo Júnior, nascido em Salvador (BA), em 23/05/1966, comerciante, filho de Orlando de Azevedo e Maria das Graças Passos de Azevedo. Atualmente o casal mora na Bahia, de onde Orlando é natural. Filha do casal:

Qn.5.11.8.2.1 Thaís Gomes de Matos Azevedo n.27/03/1995

Tn.5.11.8.3 **Sérgio Gomes de Matos Filho**. No Colégio Cearense, onde estudou, se notabilizou por sua participação na equipe de basquete. Engenheiro civil pela Unifor casou em 07/03/1996, na Igreja do Líbano, com Melissa Machado Porto, natural de Fortaleza, nascida em 18/11/1977, filha do coronel da aeronáutica Virgílio Américo Generoso Porto e Vera Lúcia Machado Porto. Filho do casal:

Qn.5.11.8.3.1 Sérgio Gomes de Matos Neto n.14/09/1996

Tn.5.11.8.4 **Adriana Diogo Gomes de Matos** casou em 18/04/1998, na Igreja do Líbano, com Otávio Valença Queiroz, estudante de administração na Unifor, nascido em Fortaleza, em 11/10/1979, filho do empresário e ex-deputado federal Edson Queiroz Filho e de Nélia Maria Valença de Queiroz, de ilustre estirpe mineira-pernambucana. Filho do casal:

Qn.5.11.8.4.1 Otávio Valença Queiroz Filho n. 22/08/1998

Bn.5.11.9 **Vera Maria Diogo de Siqueira**, normalista pelo Instituto de Educação do Ceará, foi por muito tempo funcionária dos Correios e Telégrafos, onde se aposentou. Casou em 23/12/1967, na Igreja da Paz (adotou o nome de Vera Maria Diogo de Vasconcelos), com Evandro Silveira de Vasconcelos, nascido em Senador Pompeu (CE), em 12/06/1943, filho de José Linhares de Vasconcelos, de conceituada família de Uruburetama (CE) e de Maria Neusa Silveira de Vasconcelos. Evandro fez parte de seu curso superior na Universidade de Brasília e é formado em engenharia mecânica pela UFC. Foi professor de inglês no Ibeu e no Iazigi. Ingressou em 1967 nos quadros da Teleceará, então

Cia. Telefônica de Fortaleza, onde galgou os mais altos postos na administração, desempenhando a chefia de vários Departamentos, inclusive o colegiado de Diretores da Empresa. Aposentou-se e hoje é pecuarista no Ceará e no Maranhão, além de ser, juntamente com seus filhos, empresário do ramo de informática. Filhos do casal, todos nascidos em Fortaleza:

Tn.5.11.9.1 Evandro Silveira de Vasconcelos Filho n.09/07/1970

Tn.5.11.9.2 Cláudia Diogo de Vasconcelos n.01/07/1973

Tn.5.11.9.3 Sheila Diogo de Vasconcelos n.17/11/1974

Tn.5.11.9.4 Ricardo Diogo de Vasconcelos n.12/07/1976

Tn.5.11.9.1 **Evandro Silveira de Vasconcelos Filho** é arquiteto pela UFC. Mantém escritório de projetos arquitetônicos e ambientação nesta Capital. É integrante das empresas de informática da família.

Tn.5.11.9.2 Dra. **Cláudia Diogo de Vasconcelos**, médica formada pela UFC, especialista em radiologia (radio-imagem), desempenhando suas atividades em Fortaleza. Casou-se em 23/12/2000, na Igreja do Líbano, com Sávio Oliveira Soares, filho de Raimundo Adolfo Monte Soares e Rita de Cássia Oliveira Soares.

Tn.5.11.9.3 **Sheila Diogo de Vasconcelos**. Estudou nos Colégios Juventus, Cearense e Geo Estúdio. Faz curso de administração na Uece e é Diretora Administrativa das empresas de informática da família.

Tn.5.11.9.4 **Ricardo Diogo de Vasconcelos** é estudante de informática na Uece. Autodidata e altamente capacitado, mantém, juntamente com o pai e irmãos, empresas do ramo de informática, em Fortaleza.

Bn.5.11.10 **Liliana Maria Diogo de Siqueira**. Licenciou-se em Letras pela Unifor e bachrelou-se em Direito pela mesma Universidade. Casou-se em 24/06/1967 (na ocasião adotou o nome de Liliana Maria Diogo de Sousa), na Capela da Cripta da Catedral de Fortaleza, com Walmir Rosa de Sousa, nascido 18/10/1945, em Ipueiras (CE), filho de Wencery Felix de Sousa e de Adaisa Rosa de Sousa, de tradicionais famílias de Santa Quitéria (CE), radicados em Ipueiras, onde seu genitor era tabelião público; Walmir formou-se em Direito pela UFC. Exerceu a Chefia do Serviço de Registro de Estrangeiros e da Seção de Passaportes da SSP-CE, ingressando na atividade empresarial, tendo sido gerente da Cia. Ceará Têxtil, Diretor da Cia. Imobiliária Antônio Diogo e da Tamboatá S/A Agro-Pecuária e Sócio Gerente da Arcol – Comércio, Administração e Participações Ltda. e da Transmetal – Comércio e Serviços Ltda. É Consultor Jurídico da Procuradoria da Assembléia Legislativa do Ceará e da área empresarial, onde atua como advogado. Liliana, Consultora Jurídica da mesma Assembléia, onde ocupou os cargos de

Oficial de Gabinete e Chefe de Gabinete da Diretoria Geral e de Diretora da Consultoria Técnica Administrativa da Procuradoria. Filho do casal:

Tn.5.11.10.1 Marcelo Diogo de Sousa n.20/04/1981

Bn.5.11.11 **Maria Rosaly Diogo de Siqueira**. Concluiu o Curso Normal no Colégio Santa Cecília. Casou-se em 10/09/1969 (adotando o nome de Maria Rosaly Diogo Braga) com Joaquim Rodrigues Braga Filho, agrônomo formado pela UFC, nascido em Russas (CE), em 23/06/1943, filho de Joaquim Rodrigues Braga e Alzira Gonçalves da Silva, agopecuaristas no vale jaguaribano. Rosaly é funcionária da Assembléia Legislativa do Ceará, lotada na Diretoria Geral. Seu marido é engenheiro agrônomo da Ematerce. Filhas do casal:

Tn.5.11.11.1 Cristiane Maria Diogo Braga n.08/06/1970

Tn.5.11.11.2 Rosaly Diogo Braga n.27/08/1972

Tn.5.11.11.1 **Cristiane Maria Diogo Braga**. Concluiu o 2º grau no Colégio da Imaculada Conceição. Formou-se em Fisioterapia pela Unifor. Desempenha suas atividades profissionais em clínica local. Casou-se em 27/01/1996, na Igreja do Líbano (adotando o nome de Cristiane Maria Diogo Braga Falcão) com José Hermenegildo Cândido Falcão, nascido em Fortaleza em 08/04/1963, filho de Daniel Cavalcante Falcão e Terezinha Cândido Falcão. Gil é funcionário da Coelce.

Tn.5.11.11.2 **Rosaly Diogo Braga**. Concluiu o 2º grau no Colégio da Imaculada Conceição. É formada em Administração de Empresas pela Unifor. É representante comercial na praça de Fortaleza.

Bn.5.11.12 **Elisa Maria Diogo de Siqueira**. Normalista e titulada em Orientação Educacional pela Uece. Foi professora do Colégio Cearense e do Colégio da Imaculada, de onde se aposentou. Atualmente leciona no Colégio Santo Thomaz de Aquino, em Fortaleza. Casou-se em 27/06/1980, na Igreja de São Vicente de Paulo (adotou o nome de Elisa Maria Diogo de Siqueira Sampaio), sendo celebrante o atual bispo de Itapipoca, D. Benedito Albuquerque, com Sebastião Miranda Sampaio, nascido em Barbalha (CE), em 20/01/1954, filho de Antônio Miranda Sampaio e Elvira Sampaio Miranda, de tradicional família caririense. Sebastião (Zim) é formado em Ciências Contábeis pela Unifor, tendo trabalhado na Secretaria da Educação do Ceará, na Cagece e, atualmente é funcionário da Assembléia Legislativa do Ceará. Filhos do casal:

Tn.5.11.12.1 Renato Diogo de Siqueira Sampaio n.02/08/1981

Tn.5.11.12.2 Raquel Diogo de Siqueira Sampaio n.21/06/1985

N.5.12 **Carmen Diogo Monteiro Gondim**, em 30/01/1926, na casa de seus pais, na Av. Tristão Gonçalves, 380, na presença do monsenhor Catão Porphirio Sampaio, e das testemunhas Dr. José Ribeiro da Frota e Raymundo Agostinho Rodrigues, casou com o Dr. Edmundo Monteiro Gondim, médico, nascido em Fortaleza, em 03/12/1893, filho de João Monteiro Gondim e Josepha Sampaio Monteiro que é a mesma Josepha Porphiria Gondim, ao que nos parece, irmã do monsenhor Catão. Dona Carmen faleceu aos 86 anos, em 18/09/1988, no Rio de Janeiro, onde está sepultada. Filhos:

Bn.5.12.1 Dilce Diogo Monteiro Gondim n.18/12/1926

Bn.5.12.2 Amaury Diogo Monteiro Gondim n.22/04/1929

Bn.5.12.3 João Antônio Monteiro Gondim n.25/03/1934

Bn.5.12.1 **Dilce Diogo Monteiro Gondim** faleceu inupta, em 15/09/1989, no Rio de Janeiro.

Bn.5.12.2 Dr. **Amaury Diogo Monteiro Gondim**, médico, casado com a Dra. Maria José Herdy Gondim, médica. O casal reside no Rio de Janeiro. Com filhos.

Bn.5.12.3 **João Antônio Diogo Monteiro Gondim**, engenheiro, residente no Rio de Janeiro. O seu nome é uma feliz composição que a um só tempo, homenageia o avô paterno **João** Monteiro Gondim e o avô materno Antônio Diogo de Siqueira. Inupto.

N.5.13 **Creusa Diogo de Siqueira**, falecida em 06/12/1905, de gastroenterite, com dois meses e 21 dias de nascida. Neste mesmo mês e ano, no dia de Natal, 24/12/1905, faleceu aos setenta anos, Semíramis de Hollanda Viana, sogra e mãe do casal coronel Antônio Diogo de Siqueira e Elisa Vianna de Siqueira.

N.5.14 **Carmelita Diogo Maia**, em 10/10/1925, na casa de seus pais, na presença do cônego José Quinderé e sendo testemunhas Dr. César Cals de Oliveira e Francisco Diogo de Siqueira (Checo), casou com Waldemiro Fernandes Maia, comerciante, homem de sociedade que durante 32 anos foi tesoureiro do Clube dos Diários, natural do Rio Grande do Norte, viúvo de Zaira Diogenes Maia. Waldemiro faleceu em 22/06/1966 e D. Carmelita, aos 87 anos, em 11/07/1994, ambos em Fortaleza. Filhos do casal:

Bn.5.14.1 Nizia Diogo Maia n.04/10/1926

Bn.5.14.2 José Diogo Maia n.18/05/1931

Bn.5.14.3 Maria Elisa Diogo Maia n.03/09/1932

Bn.5.14.4 Maria Zelia Diogo Maia n.11/05/1934

Bn.5.14.5 Dulce Maria Diogo Maia n.14/01/1936

Bn.5.14.1 **Nizia Diogo Maia (Chu)**, notável pianista teve como mestres Branca Rangel, Magdalena Tagliaferro, Hermínia Roubout, José Klias e Jacques Klein, entre outros. "Como solista ou camarista, participou de concursos locais e nacionais, pisando com brilho e talento o palco de importantes teatros brasileiros".

Coralista pertenceu ao Madrigal da UFC, até sua extinção e é fundadora do Coral de Câmara do Ceará. Professora ocupou a cadeira Percepção Musical-Teoria e Solfejo, no Departamento de Artes da Uece (1945-1995) e lecionou no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Integrou o Conselho Estadual de Cultura. Em parceria com D`Alva Stella, gravou em fins de 1988 o LP "Sons da Terra do Sol", disco que resgata e preserva a memória da obra de grandes artistas cearenses. Como pianista ou coralista, como mestra ou administradora, tem deixado, por onde passa, a marca do seu talento e dedicação. Em 05/06/1996 comemorou, em grande estilo, seu Jubileu de Ouro de formatura em piano. Inupta.

Bn.5.14.2 **José Diogo Maia** estudou na Inglaterra, casou em 1960, com Lausanne Oliveira Maia. Faleceu no Recife, aos 54 anos, de um aneurisma cerebral. Filhos do casal:

Tn.5.14.2.1 Maria de Fátima Oliveira Maia n.18/12/1961
Tn.5.14.2.2 Maria de Lourdes Oliveira Maia n.08/03/
Tn.5.14.2.3 Waldemiro Fernandes Maia Neto n.14/11/

Tn.5.14.2.1 Dra. **Maria de Fátima Oliveira Maia**, médica cardiologista, casada com o laboratorista Carlos Alberto Melo, residentes no Recife.

Tn.5.14.2.2 **Maria de Lourdes Oliveira Maia**, engenheira química, solteira, residente no Recife.

Tn.5.14.2.3 **Waldemiro Fernandes Maia Neto**, da área de computação, solteiro, residente no Recife.

Bn.5.14.3 **Maria Elisa Maia Mota**, em 01/12/1951, na Igreja do Carmo, sendo celebrante o seu primo, padre Jorgelito Cals de Oliveira, casou com Rui Accioly Motta, aeroviário, filho de Raimundo Moreira Motta e Maria Luiza Accioly Motta. Simpática, prestativa e muito competente, Maria Elisa, faleceu em Belo Horizonte, em 09/10/1978 de infarto fulminante, quando funcionária da Construtora Waldyr Diogo Ltda, que executava grande obra naquela cidade, em consórcio com outras empresas. Seu corpo foi trasladado para Fortaleza, onde ocorreu o sepultamento. Rui Accioly Motta, de quem estava separada, faleceu, tempos depois, em fins de 1992. Filhos do casal:

Tn.5.14.3.1 Beatriz Helena Maia Motta n.22/11/1952
Tn.5.14.3.2 Teresa Cristina Maia Motta n.01/12/
Tn.5.14.3.3 Marco Antônio Maia Motta n.19/01/1964

Tn.5.14.3.1 **Beatriz Helena Maia Motta (Bia)** casou em 14/12/1971, na Igreja do Líbano, com Jorge Lima de Albuquerque, nascido em Fortaleza, em 30/09/1945, filho de Antônio Afonso Albuquerque e de Célia Lima de Albuquerque, de quem posteriormente se separou, sendo hoje a senhora do conceituadíssimo

cirurgião e cardiologista de nomeada, o Dr. Eduardo **Régis** Monte **Jucá**. São filhos do primeiro leito:

Qn.5.14.3.1.1 Fábia Motta de Albuquerque n.10/11/1972
Qn.5.14.3.1.2 Jorge Lima de Albuquerque Filho n.25/08/1975
Qn.5.14.3.1.3 Lissa Motta de Albuquerque

Tn.5.14.3.2 **Teresa Cristina Maia Motta**, nascida a 1º de dezembro, aeroviária, comissária de bordo da Transbrasil, residente em Brasília (DF). De sua união com Francisco Pol, nasceu:

Qn.5.14.3.2.1 Daniel Maia Pol n.23/09/1998

Tn.5.14.3.3 **Marco Antônio Maia Motta**, microempresário, casou em 04/09/1999, com Micheline Oliveira Costa, filha de Walter Eugênio da Costa e Maria Irismar Oliveira Costa. Filho:

Qn.5.14.3.3.1 João Pedro Costa Motta n.03/09/2001

Bn.5.14.4 **Maria Zélia Maia de Assis** casou com Antônio Luiz de Assis Filho (Toinho), hoteleiro, ardoroso dirigente e grande baluarte do basquetebol do Círculo Militar na década de 70, falecido em 08/08/1996. Filhos do casal:

Tn.5.14.4.1 Catarina Lis Maia de Assis n.08/01/1960
Tn.5.14.4.2 Carlos Henrique Maia de Assis n.09/10/1961
Tn.5.14.4.3 Luís Flávio Maia de Assis n.28/08/1963

Tn.5.14.4.1 **Catarina Lis Maia de Assis** casou em 16/06/1978, na Igreja da Paz, com Fernando José Lopes de Castro Alves, ele com 22 anos, filho de Ivan Moreira de Castro Alves e de Margarida Maria Lopes de Castro Alves. Divorciados. Filhos do casal:

Qn.5.14.4.1.1 André Assis de Castro Alves n.13/04/1981
Qn.5.14.4.1.2 Rafael Assis de Castro Alves n.21/07/1982
Qn.5.14.4.1.3 Tiago Assis de Castro Alves n.02/09/1985

Tn.5.14.4.2 **Carlos Henrique Maia de Assis**, representante da Brahma em Itapipoca (CE) e distribuidor do produto na região, casou com Edna Fátima Figueiredo Barros de Oliveira, nascida em 16/04/1961, filha de José Edmar Mota Barros de Oliveira e de Maria de Lourdes Figueiredo Barros de Oliveira. Filhos do casal:

Qn.5.14.4.2.1 Alexandre Henrique n.21/09/1988
Qn.5.14.4.2.2 Marcela n.07/05/1993

Tn.5.14.4.3 **Luís Flávio Maia de Assis** possue oficina de transformação de motores automotivos, com conversão para motores a gás natural, é casado com Rejane Porto de Assis, filha de Núbio Porto e Maria do Patrocínio Porto. Filho:

Qn.5.14.4.3.1 Luís Eduardo Porto de Assis n.20/01/2000

Bn.5.14.5 **Dulce Maria Diogo Maia** casou em 1988, com Zeferino Miglione, advogado, tendo o casal fixado residência em São Paulo. Sem sucessão.

N.5.15 **Odir Diogo Gurgel** fez grande parte de seus estudos no

conceituado Collège Notre-Dame de Sion, em Petrópolis (RJ). Em 20/10/1928, em casa de seus pais, na Av. Tristão Gonçalves, 380, na presença do cônego José Quinderé, casou com José Theóphilo Gurgel (Zequiha Gurgel), industrial, nascido em 26/02/1905, em Senador Pompeu (CE) e falecido em Fortaleza, em 09/02/1985, filho de Theóphilo Gurgel Valente e Hermengarda Cândida Aguiar. Dona Odir, aos 79 anos, foi encontrada morta por seus familiares, ao amanhecer do dia 23/10/1987. Filhos do casal:

Bn.5.15.1 Antônio Theóphilo de Siqueira Gurgel — n.21/07/1929
Bn.5.15.2 Maria Amélia Diogo Gurgel — n.01/05/1931
Bn.5.15.3 Hermengarda Maria Diogo Gurgel — n.26/03/1933
Bn.5.15.4 Maria Odir Diogo Gurgel — n.31/01/1935
Bn.5.15.5 José Theóphilo Gurgel Filho — n.09/12/1936
Bn.5.15.6 Paulo Diogo Gurgel — n.12/04/1940
Bn.5.14.7 Eduardo Diogo Gurgel — n.10/03/1942
Bn.5.14.8 Ângela Maria Diogo Gurgel — n.08/04/1952

Bn.5.15.1 **Antônio Theóphilo de Siqueira Gurgel (Tonico)** casou em 03/10/1953, na Igreja do Carmo, com Lígia Moreira Maciel, filha de Eudides Aurora Maciel e Francisca Moreira Maciel. Filho:

Tn.5.15.1.1 Antônio Ricardo Maciel de Siqueira Gurgel — n.10/06/1957

Tn.5.15.1.1 **Antônio Ricardo Maciel de Siqueira Gurgel**, comerciário, casado com Maria Veleda Pinheiro Gurgel. Filho:

Qn.5.15.1.1.1 Eduardo Pinheiro Gurgel

Bn.5.15.2 **Maria Amélia Gurgel de Francesco (Lela)** casou em 03/06/1961, com Ângelo de Francesco (Angelino), nascido em 01/08/1928, em Fortaleza, e nesta cidade falecido em 27/07/1989, já viúvo de Maria Amélia que falecera em 09/03/1987, filho de Salvador de Francesco Ângelo e Terezinha Lanzelotti de Francesco, naturais de Tortora, na Itália. Sem sucessão.

Bn.5.15.3 **Hermengarda Maria Gurgel Ponte** casou em 25/09/1954, na Igreja do Carmo, com Fernando Andrade Ponte, nascido a 09/05/1926, industrial, diretor presidente da Empresa Industrial S/A - EISA, filho de Frederico Ferreira da Ponte e Maria Lehena Andrade Ponte. Filhos do casal:

Tn.5.15.3.1 Frederico José Gurgel Ponte — n.01/08/1957
Tn.5.15.3.2 Valéria Gurgel Ponte — n.23/10/1960
Tn.5.15.3.3 Fernando Andrade Ponte Filho — n.12/10/1962
Tn.5.15.3.4 Felipe Gurgel Ponte — n.19/05/1964
Tn.5.15.3.5 Vanna Gurgel Ponte — n.04/05/1965
Tn.5.15.3.6 Virna Gurgel Ponte — n.15/10/1969

Tn.5.15.3.1 **Frederico José Gurgel Ponte**, industrial, diretor gerente da Empresa Industrial S/A - EISA, e sócio da Construtora Imobiliária e Representações Molga Ltda. Inúpto.

Tn.5.15.3.2 **Valéria Gurgel Ponte**, empresária, casou em 28/01/1978, na Igreja da Paz, com Carlos Antônio Rodrigues Ramos, nascido a 22/10/1955, filho de Sebastião Tarcísio Ramos e Maria Antonieta Rodrigues Ramos. Divorciados. Em 23/10/2001, contraiu segundas núpcias com Ronaldo Vadrovny, empresário em Blumenau (SC), bela e progressista cidade do Vale do Itajaí, onde estão residindo. Filhos do primeiro casal:

Qn.5.15.3.2.1 Ingrid Ponte Ramos — n.13/08/1978
Qn.5.15.3.2.2 Igor Ponte Ramos — n.14/08/1980

Tn.5.15.3.3 **Fernando Andrade Ponte Filho**, acometido de incontrolável depressão, faleceu em 11/09/1990, com apenas 27 anos de idade. Inupto.

Tn.5.15.3.4 **Felipe Gurgel Ponte**, engenheiro civil, sócio da Construtora Imobiliária e Representações Molga Ltda, casou com a Dra. Valéria Maria Oliveira Bitú dos Santos, nascida a 26/07/1967, médica, filha de Antônio Bitú dos Santos e Iara Oliveira Bitú dos Santos. Filhos:

Qn.5.15.3.4.1 Guilherme Bitú dos Santos Ponte — n.24/04/1998
Qn.5.15.3.4.2 Gabriela Bitú dos Santos Ponte — n.16/02/2001

Tn.5.15.3.5 **Vanna Gurgel Ponte**, empresária, sócia da Construtora Molga. De sua união com Carlos Matos Lima, nascido a 19/11/1965, filho de Antônio Edmilson Lima e Maria Hosana Lima, há uma filha:

Qn.5.15.3.5.1 Natália Gurgel Ponte Matos Lima — n.19/12/1991

Tn.5.15.3.6 Dra.**Virna Ponte Fontenelle**, médica, casou em 25/09/1993, na Igreja do Líbano, com Ubirajara Fernandes Fontenelle Filho, empresário, nascido a 18/02/1967, filho de Ubirajara Fernandes Fontenelle e de Zuila Carvalho Fontenelle. Filhos:

Qn.5.15.3.6.1 Daniel Gurgel Ponte Fontenelle — n.25/04/1997
Qn.5.15.3.6.2 Sarah Gurgel Ponte Fontenelle — n.22/08/2000

Bn.5.15.4 **Maria Odir Gurgel Gonçalves** casou em 05/06/1956, na Igreja do Carmo, com Gabriel Gonçalves Neto, ele com 30 anos, filho de Elpídio Gladstone Gomes e Maria do Carmo Moura Gomes, sendo celebrante, o padre Jorgelito Cals de Oliveira, primo da noiva. Maria Odir faleceu com apenas 22 anos, em 22/09/1957, do parto de seu primeiro filho, que também não sobreviveu.

Bn.5.15.5 **José Teófilo Gurgel Filho**, desportista, foi presidente do antigo time do Usina Ceará, industrial, em sociedade com Fernando Gurgel, fundou a Metalgráfica Cearense S. A. (Mecesa). Casou com Cláudia Jucá Pinheiro, nascida em 26/04/1941, filha de José Alcântara Pinheiro e Lindaura Jucá Pinheiro. José Theóphilo Filho faleceu muito moço, aos 33 anos, em 26/01/1970, em lamentável desastre de carro, aqui em

Fortaleza. Filhos:

Tn.5.15.5.1 Fernando Antônio Pinheiro Gurgel n.07/07/1959
Tn.5.15.5.2 Carla Maria Pinheiro Gurgel n.06/08/1960
Tn.5.15.5.3 José Theóphilo Gurgel Neto n.23/07/1964
Tn.5.15.5.4 João Jorge Pinheiro Gurgel n.24/06/1966

Tn.5.15.5.1 **Fernando Antônio Pinheiro Gurgel**, industrial, casado com Dorotheia Pinto Pessoa, filha de Manoel Guedes Pessoa e Maria Valderina Pinto Pessoa. Filho:

Qn.5.15.5.1.1 David Theóplilo Veras Pinheiro Gurgel n.31/03/1998

Tn.5.15.5.2 **Carla Maria Pinheiro Gurgel**, comerciante. Filha:

Qn.5.15.5.2.1 Márcia Regina Muniz Gurgel n.31/07/1985

Tn.5.15.5.3 **José Theóphilo Gurgel Neto**, vendedor, em 02/06/1990, na Igreja do Cristo Rei, casou com sua parenta, Ellis Roberta Montenegro Meireles, nascida em 18/11/1971, filha de Paulo Bezerra Meireles e Eliana Montenegro Meireles. Ver F4 – item Qn.4.5.3.3.3. Filhos do casal:

Qn.5.15.5.3.1 Ícaro Montenegro Meireles Gurgel n.28/09/1990
Qn.5.15.5.3.2 Juliana Montenegro Meireles Gurgel n.11/01/1994

Bn.5.15.6 **Paulo Diogo Gurgel** foi diretor da Siqueira Gurgel e como piloto, trabalhou na empresa Táxi Aéreo Fortaleza (TAF), na Delta Engenharia Ltda, no antigo Daer e atualmente pilota sua própria aeronave. Casou em 09/12/1961, na Igreja do Carmo, com Maria Celene Aguiar Carvalho, ambientadora de grandes méritos, nascida em 04/10/1941, filha de Lauro Farias Carvalho e Cacilda Aguiar Carvalho. Separados. Filhos do casal:

Tn.5.15.6.1 Paula Carvalho Gurgel n.15/11/1962
Tn.5.15.6.2 Sádia Carvalho Gurgel n.20/03/1964
Tn.5.15.6.3 Roberta Carvalho Gurgel n.28/01/1966

Tn.5.15.6.1 **Paula Carvalho Gurgel**, enfermeira, adotou o nome de Paula Gurgel Bissoli após seu casamento com José Anselmo Bissoli, engenheiro civil, com dedicação ao cálculo estrutural. A família reside no Recife. Filho do casal:

Qn.5.15.6.1.1 Enzo Gurgel Bissoli n.02/08/1997

Tn.5.15.6.2 **Sádia Carvalho Gurgel**, com sua mãe, mantém procurado escritório de ambientação. Casou em 02/10/1982, na Igreja do Líbano, com Cláudio Valério Morais Correia Pinheiro, nascido em 1º/04/1961, filho de Lívio Virgínio Pinheiro e Maria Virgínia Morais Correia Pinheiro. Separados. Filhos do casal:

Qn.5.15.6.2.1 Paulo Gurgel Pinheiro n.07/04/1983
Qn.5.15.6.2.2 Samuel Gurgel Pinheiro n.10/01/1986
Qn.5.15.6.2.3 Cláudio Gurgel Pinheiro n.14/02/1996

Tn.5.15.6.3 **Roberta Carvalho Gurgel** faleceu com quinze dias de nascida.

Bn.5.15.7 **Eduardo Diogo Gurgel**, empresário, casou em 09/07/1966, na Igreja do Líbano, com Teresa Maria Ponte Gondim, nascida a 18/03/1947, filha de José Raimundo Gondim e Lídia Ponte Gondim. Filhos do casal:

Tn.5.15.7.1 Érica Gondim Gurgel n.17/05/1967
Tn.5.15.7.2 Eduardo Diogo Gurgel Filho n.15/11/1968
Tn.5.15.7.3 Ivo Gondim Gurgel n.21/07/1972

Tn.5.15.7.1 **Érica Gondim Gurgel Ramalho Lima**, enfermeira, casada em primeiras núpcias com Mário Faustino dos Santos e Silva e em segundas com Flávio Ramalho Lima, engenheiro civil, filho de Amauri Lima e Iranise Ramalho Lima.

Filha do primeiro leito:

Qn.5.15.7.1.1 Luana Gurgel dos Santos e Silva n.30/07/1985

Filhos do segundo leito:

Qn.5.15.7.1.2 Fabrízio Gondim Gurgel Ramalho Lima n.04/11/1994
Qn.5.15.7.1.3 Felipe Gondim Gurgel Ramalho Lima n.21/04/1999

Tn.5.15.7.2 **Eduardo Diogo Gurgel Filho**, odontólogo, professor do curso de Odontologia da Unifor, com mestrado pela UFRJ e cursando doutorado na USP, em Piracicaba (SP), casado com Viviane Teixeira Costa Gurgel, nascida no Rio de Janeiro, mas com ascendência no Ceará, filha de Sílvio Mariano Costa Junior e Lúcia Maria Teixeira Costa.

Tn.5.15.7.3 **Ivo Gondim Gurgel** é universitário, cursando ciências contábeis na Unifor.

Bn.5.15.8 **Ângela Maria Diogo Gurgel**, contadora, bancária, casou em 06/08/1971, na Igreja do Líbano, com Nelson Frota Simas de Oliveira, engenheiro civil, nascido em 21/11/1944, filho de José Ribamar Simas de Oliveira e Paulina Parente Frota. Separados. Filhos do casal:

Tn.5.15.8.1 Marcelo Gurgel de Oliveira n.10/06/1973
Tn.5.15.8.2 Elisa Gurgel de Oliveira n.19/06/1974
Tn.5.15.8.3 Nelson Gurgel de Oliveira n.13/12/1978

Tn.5.15.8.1 **Marcelo Gurgel de Oliveira**, engenheiro, cursando doutorado em engenharia de trânsito, em Atlanta (USA).

Tn.5.15.8.2 **Elisa Gurgel de Oliveira**, odontóloga pela Unifor, fazendo especialização no Rio de Janeiro.

Tn.5.15.8.3 **Nelson Gurgel de Oliveira** cursa medicina na UFC.

N.5.16 **Waldyr Diogo de Siqueira** nasceu em 05/04/1910 e foi batizado na Igreja do Patrocínio pelo padre José Quinderé, sendo padrinhos *Joaquim Magalhães e Júlia Montenegro Magalhães*, que foram os pais do general Juraci Magalhães, figura de grande relevo no cenário político brasileiro, ministro de Estado, embaixador, deputado federal e governador da Bahia, falecido

em 15/05/2001, aos 95 anos. Waldyr Diogo fez seus estudos preparatórios no Rio de Janeiro, mas ingressou na tradicional Escola Politécnica da Bahia, tendo concluído o curso de engenharia civil, em 1932, ano da morte de seu benemérito pai. Sua turma era composta de sete engenheirandos, seis baianos e apenas Waldyr cearense. De imediato retorna ao Ceará, mas não ingressa nas atividades industriais do império econômico da família, indo exercer a sua profissão de engenheiro. Foi sempre um inovador, aceitando com extrema facilidade e entusiasmo todos os avanços tecnológicos. Pioneiro no uso do concreto armado no Ceará foi o construtor do Edifício Diogo, um marco da cidade e um empreendimento idealizado por seu irmão Diogo Vital de Siqueira. Igualmente, construiu a bonita e sólida sede da Faculdade de Direito do Ceará (a edificação mais antiga), participou da construção da monumental Catedral da Sé de Fortaleza, e muitos outros projetos arrojados para a época. Foi construtor e viveu intensamente sua profissão. Com Fortaleza em franca expansão, em vários locais da cidade estavam as placas do Engº Waldyr Diogo de Siqueira, como firma individual. Só mais tarde, em 1953 funda, em sociedade com o sobrinho José Cals de Oliveira (Zelão), a Construtora Waldyr Diogo Ltda. "Dedicou-se, depois de algum tempo, também às industrias de extração de óleos vegetais e de fiação e tecelagem, firmando-se entre os dirigentes industriais do Ceará". Ocupou sucessivamente importantes cargos, tais como: diretor da Escola Industrial do Ceará, hoje, Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará – Cefet (1939 a 1951); presidente do Crea - Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (1943 a 1957); membro da Comissão Fiscal da Associação Comercial do Ceará, no biênio 1949-1950; em 21 de março de 1950, com outros industriais, fundou a Federação das Indústrias do Estado do Ceará - Fiec, sendo eleito seu primeiro presidente, para o biênio 1950-1952, e sucessivamente reeleito para mais cinco biênios, permanecendo no cargo até 1962, quando por decisão pessoal, não mais concorreu. "A partir de 1952, passou o engenheiro Valdir Diogo de Siqueira a dirigir, como atribuição do presidente da Federação das Industrias do Estado do Ceará, os Departamentos Regionais do SESI e do SENAI". Tesoureiro da Confederação Nacional da Industria de 1956 a 1960, época em que residiu com a família no Rio de Janeiro. Presidiu, também, o Centro Industrial do Ceará (CIC), entidade fundada em 27/06/1919, por iniciativa de alguns industriais, entre eles, seu pai Antônio Diogo de Siqueira. Presidente do Conselho de Representantes da Escola Técnica Federal do Ceará, de 1962 a 1968.

Homem de sociedade, desenvolveu intensa atividade nesse setor, principalmente no Maguari, fundado em 24/06/1925, por um grupo de comerciantes, entre os quais seu irmão Diogo Vital de Siqueira. Na construção da sede própria do Maguari na Rua Barão do Rio Branco, em 1948, destacou-se ao lado de Mário Gadelha e Egberto de Paula Pessoa. Vale ressaltar que, em 1929, o Maguari Esporte Clube sagrou-se campeão cearense de futebol, com uma equipe da qual Waldir Diogo, aos dezenove anos, participava como atleta, ao lado de Alísio Mamede, Eduardo Brígido, Rolinha e outros. "Possuidor de uma deficiência que se manifestava na dificuldade de pronunciar algumas palavras com desenvoltura, evitava fazer discursos e devido aos seus múltiplos afazeres, nada escreveu, o que é lamentável, porque tinha idéias próprias e bastante consistentes, sobre muitos assuntos de interesse geral, principalmente os relativos às atividades produtivas, que em pequenos grupos, defendia com muita segurança", como informa o professor Geraldo da Silva Nobre, em seu livro O Processo Histórico de Industrialização do Ceará. Infelizmente, Waldyr Diogo de Siqueira, de vida tão intensamente participativa, carregava a maldita herança genética dos males do coração, tendo seu primeiro infarto aos 38 anos. Apesar da vida metódica e controlada que levava, na tarde do sábado, 17 de janeiro de 1970, quando se preparava para ir ao enterro da senhora Maria Cecília Mourão Teixeira, caiu morto no banheiro, em sua residência, fulminado por um infarto, com apenas 59 anos. Merecedor da estima, da admiração, do respeito e da gratidão, de muitos que com ele conviveram, trabalharam ou tiveram o privilégio de sua amizade, muitas homenagens póstumas lhe foram prestadas, das quais merecem destaque: no moderno edifício denominado Casa da Indústria, onde funciona a sede da Federação das Indústrias, o auditório foi batizado de Engº Waldyr Diogo de Siqueira, como também é Engº Waldyr Diogo de Siqueira, a Biblioteca do Cefet-CE; no Senai, está o Centro de Formação Profissional Waldyr Diogo de Siqueira e no Bairro Manoel Sátiro, aqui em Fortaleza, há a Rua Waldyr Diogo, com o CEP 60.764-020 e uma travessa com a mesma homenagem, no mesmo bairro, com o CEP 60.764-030. Para o autor, que menino freqüentou com assiduidade a sua casa, como amigo de seus filhos e como engenheiro trabalhou sob sua chefia, a sua memória é imperecível. Waldyr Diogo de Siqueira casou com Norma Libânia de Holanda Ferreira, nascida em 06/04/1909 (uma Ferreira de Guaramiranga, como diz o cronista), filha de Joaquim Torcápio Ferreira, advogado,

agricultor, ex-deputado estadual e de Hermínia de Holanda Ferreira. D. Norma, senhora elegante e de fino trato, que após o casamento adotara o nome de Norma Libânia Ferreira Diogo, faleceu em Fortaleza, em 11/07/1986. Filhos do casal:

Bn.5.16.1 Sílvia Ferreira Diogo n.12/02/1936
Bn.5.16.2 Antônio Eduardo Diogo de Siqueira n.23/10/1940
Bn.5.16.3 Waldyr Diogo de Siqueira Filho n.14/05/1944

Bn.5.16.1 **Sílvia Ferreira Diogo** fez seus estudos no Colégio Juvenal de Carvalho, em Fortaleza, e no Sacre Coeur no Rio de Janeiro. Casou na casa de seus pais (adotou o nome de Sílvia Diogo de Holanda), na Rua 24 de Maio, 1.250, em Fortaleza, em 28/05/1955, com o Dr. João Elísio de Holanda, médico pneumologista, formado no Recife, ex-diretor do Hospital de Maracanú (CE), nascido em 15/11/1927 e falecido em 23/12/2000, filho do Dr. Elizeu de Holanda Montenegro, médico, e Cesarina Pompeu de Holanda Montenegro. Filhos do casal:

Tn.5.16.1.1 Elizabeth Diogo de Holanda n.19/07/1956
Tn.5.16.1.2 José Diogo de Holanda n.22/11/1957
Tn.5.16.1.3 Eugênio Diogo de Holanda n.31/03/1959
Tn.5.16.1.4 Eloisa Diogo de Holanda n.01/01/1961
Tn.5.16.1.5 Eliane Diogo de Holanda n.01/11/1962

Tn.5.16.1.1 **Elizabeth Diogo de Holanda** casou em 23/07/1976, na Igreja do Líbano, com Dominique Benoit José Marie Frochaux, protético, filho de Frochaux Benedicti e Genovefae Natae Sutterlin. Divorciados. Em 1992, Elizabeth contraiu novas núpcias com Jean Bernard Simond, quando adotou o nome de Elizabeth Frochaux Simond. O casal reside em Neuchâtel, na Suíça. Os filhos possuem dupla nacionalidade: suíça e brasileira.

Filhos do primeiro leito:

Qn.5.16.1.1.1 Patrick Frochaux n.04/12/1978
Qn.5.16.1.1.2 Odile Frochaux n.27/01/1981

Filha do segundo leito:

Qn.5.16.1.1.3 Joana Simond n.25/03/1993

Tn.5.16.1.2 **José Diogo de Holanda**, prematuro de seis meses, nasceu na Casa de Saúde São Raimundo e no mesmo hospital faleceu, com cinco dias, em 27/11/1957.

Tn.5.16.1.3 **Eugênio Diogo de Holanda**, economista, diretor da DH Empreendimentos Imobiliários Ltda, casou em 03/09/1992, com Lília Sá Cavalcante Prisco, nascida de uma família de educadores, em 09/07/1972, filha de José Tarquínio Prisco e Hilda Sá Cavalcante Prisco, neta materna do professor Ary de Sá Cavalcante, diretor do Colégio Farias Brito de 1941 a 1967 e prócer político de destaque. Filhos do casal:

Qn.5.16.1.3.1 Victor Prisco Diogo de Holanda n.06/04/1993
Qn.5.16.1.3.2 Gabriel Prisco Diogo de Holanda (gêmeo) n.17/09/1996
Qn.5.16.1.3.3 Felipe Prisco Diogo de Holanda (gêmeo) n.17/09/1996

Tn.5.16.1.4 **Eloisa Diogo de Holanda Nóbrega** casou em 26/09/1985, na Igreja do Líbano, com Nelson Mauro Nóbrega de Lima Junior, nascido em 05/08/1957, filho de Nelson Mauro Nóbrega de Lima e Noélia Albuquerque Nóbrega. Separados. Filhas:

Qn.5.16.1.4.1 Sílvia Diogo de Holanda Nóbrega n.05/03/1987
Qn.5.16.1.4.2 Sarah Diogo de Holanda Nóbrega n.18/02/1991

Tn.5.16.1.5 **Eliane Diogo de Holanda** casou em 18/10/1991, na Suíça, com Étienne Py, violonista clássico, com alguns recitais em Fortaleza, suíço, filho de pai francês e mãe espanhola. Eliane, após o casamento, adotou o nome de Eliane Py. A família reside em Neuchâtel, na Suíça, onde nasceram as filhas que possuem dupla nacionalidade, suíça e brasileira. Filhas do casal:

Qn.5.16.1.5.1 Gabriela Py n.05/04/1993
Qn.5.16.1.5.2 Ana Beatriz Py n.21/11/1994
Qn.5.16.1.5.3 Sofia Py n.22/01/1996

Bn.5.16.2 **Antônio Eduardo Diogo de Siqueira**, industrial do ramo da construção civil, sócio da Construtora Waldyr Diogo Ltda, e da CDS Construções Ltda, fazendeiro e criador, casou em 09/01/1963, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, com Regina Célia Martins Araújo, nascida em Fortaleza, filha do Dr. Francisco Lourenço Araújo, médico sanitarista e professor universitário e Francelina Martins Araújo, de tradicionais famílias de Ipu (CE). Filhos do casal:

Tn.5.16.2.1 Haroldo Araújo Diogo de Siqueira n.10/12/1963
Tn.5.16.2.2 Ricardo Araújo Diogo de Siqueira n.13/03/1965
Tn.5.16.2.3 Francelina Araújo Diogo de Siqueira n.21/09/1966
Tn.5.16.2.4 Antônio Eduardo Diogo de Siqueira Filho n.01/02/1971

Tn.5.16.2.1 **Haroldo Araújo Diogo de Siqueira**, empresário, com passagem pelo serviço público, quando ocupou uma das diretorias do Detran, casou em 23/11/1983, na Igreja do Líbano, com Rosele Nogueira Lima, nascida em Fortaleza, em 11/05/1964, filha de Etevaldo Nogueira Lima, advogado, empresário, deputado estadual e federal em várias legislaturas, e Maria Marly Pinheiro Nogueira Lima. Filhos do casal:

Qn.5.16.2.1.1 Rodrigo Nogueira Diogo de Siqueira n.27/05/1984
Qn.5.16.2.1.2 Rafael Nogueira Diogo de Siqueira n.07/11/1987

Tn.5.16.2.2 **Ricardo Araújo Diogo de Siqueira**, arquiteto, formado pela Escola de Arquitetura da UFC, empresário, sócio da CDS Construções Ltda. Tem curso de especialização, em gestão nas em-

presas de construção civil, na Uece em convênio com a UFC. Inupto.

Tn.5.16.2.3 **Francelina Araújo Diogo de Siqueira** fez parte de seus estudos na Inglaterra. Casou em 02/09/1995, na Igreja do Líbano, com Kurt Bosshard-Erdin, restaurador de obras de arte, filho de Hans Bosshard-Erdin e Margrit Bosshard-Erdin. O casal fixou residência em Neuchâtel, Suíça. Filha:

Qn.5.16.2.3.1 Karla Bosshard n.17/11/1997

Tn.5.16.2.4 **Antônio Eduardo Diogo de Siqueira Filho**, advogado, empresário, sócio da CDS Construções Ltda, casou em 21/09/1995, na Igreja do Líbano, com sua parenta e colega de turma, a advogada Lília Jucá Martins, cartorária em Pacoti (CE), filha de Adriano Borges Martins e Gláucia Maria Jucá Martins. Em 29/01/1998, Eduardo Diogo assumiu a coordenação geral da Associação dos Jovens Empresários. No ano seguinte, em 18/11/1999, assume a coordenação geral da Federação das Ajes do Ceará (Fajece) e em 27/03/2001, na sede da CNI, em Brasília, é empossado na presidência da Confederação Nacional da mesma associação (Conaje). Separados. Sem sucessão.

Bn.5.16.3 **Waldyr Diogo de Siqueira Filho**, administrador de empresas, fazendeiro, criador, industrial e hoteleiro, sócio da Construtora Waldyr Diogo Ltda, tendo participação ativa em várias entidades de classe patronais, como membro de suas diretorias, tais como o Sindicato da Construção Civil do Ceará (Sinduscon) e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec). Como criador, chegou a possuir um dos melhores rebanhos de gado holandês preto e branco no Ceará, com exemplares de alta linhagem, sendo muitas vezes premiado em diversas exposições. Em 1999, funda em sociedade com sua mulher e filhos a Diogo Construções e Participações Ltda. Em 19/12/1966, casou na Igreja do Líbano, com Maria Helena Fonseca Mota (Bebé), nascida em 08/08/1944, em Fortaleza, filha de Fernando Cavalcante Mota e Helenita Fonseca Mota. Bebé tem raízes em ilustres troncos genealógicos do Ceará e descende do Visconde do Icó, arrematador dos dízimos reais, que no século XIX foi possuidor de incalculável fortuna. Filhos do casal:

Tn.5.16.3.1 Waldyr Diogo de Siqueira Neto n.25/11/1967
Tn.5.16.3.2 Maria Helena Mota Diogo de Siqueira n.18/10/1970
Tn.5.16.3.3 Samuel Mota Diogo de Siqueira n.06/11/1972

Tn.5.16.3.1 **Waldyr Diogo de Siqueira Neto**, engenheiro civil e administrador de empresas, participa da administração do Diogo Praia Hotel, empresa da família. Casou em 17/06/1992, na Igreja de Fátima, com Ivana Coelho Parahyba, nascida em 06/12/1967, em Fortaleza, filha do Dr. Djacir Ribeiro Parahyba e da Dra. Francisca Coelho Parahyba, médicos. Ivana é neta paterna do desembargador Hermes Paraíba. Um fato notável na vida do casal é que são pais de **quadrigêmeos**. Filhos:

Qn.5.16.3.1.1 Victória Parahyba Diogo de Siqueira n.12/07/1996
Qn.5.16.3.1.2 Waldyr Diogo de Siqueira Bisneto n.27/06/2000
Qn.5.16.3.1.3 Fernando Parahyba Diogo de Siqueira n.27/06/2000
Qn.5.16.3.1.4 Virgínia Parahyba Diogo de Siqueira n.27/06/2000
Qn.5.16.3.1.5 Vanessa Parahyba Diogo de Siqueira n.27/06/2000

Tn.5.16.3.2 **Maria Helena Mota Diogo de Siqueira (Lena)**, homônima de sua mãe, formada em ciências contábeis e administração de empresas, com especialização em administração hoteleira, a nível de pós-graduação, em Barbacena (MG), mestre em gestão de negócios turísticos pela Uece, em convênio com a Universidade de Barcelona, gerente geral do Diogo Praia Hotel. Em 02/05/1997 casou na Igreja do Líbano (adotou o nome de Maria Helena Diogo de Siqueira Fraga), com Cid de Castro Fraga, gerente da Unidade de Formação Profissional Waldyr Diogo de Siqueira, do Senai da Barra do Ceará, em Fortaleza, filho de Almir Caiado Fraga e Francisca Azenor de Castro Fraga.

Tn.5.16.3.3 **Samuel Mota Diogo de Siqueira**, administrador de empresas, com seus irmãos, participa da diretoria do Diogo Praia Hotel. Em 22/11/1996, casou na casa dos pais de sua noiva, com Caroline de Sá Cavalcante Tavares, filha de Tancredo Holanda Tavares e Dayse de Sá Cavalcante Tavares. Caroline é neta materna de Ary de Sá Cavalcante, militante do PSD e que por longos anos foi professor e diretor do Colégio Farias Brito, em Fortaleza. Filhas:

Qn.5.16.3.3.1 Elisa Tavares Diogo de Siqueira n.19/05/2000
Qn.5.16.3.3.2 Sofia Tavares Diogo de Siqueira n.01/03/2002

N.5.17 **Laudy Diogo Gurgel**, estudou no Collège Notre-Dame de Sion, em Petrópolis (RJ), tendo interrompido seus estudos naquele famoso colégio, por motivo de grave enfermidade. Na ocasião, seus pais empreenderam demorada viagem de navio ao Rio de Janeiro, quando acharam prudente trazê-la de volta ao Ceará, juntamente com suas irmãs Odir e Yvone que, na ocasião, também eram internas naquele escola. Casou em 30/05/1936, em casa particular, na Rua Tristão Gonçalves, 380, com Eduardo Aguiar Gurgel, industrial, nascido em 02/06/1906, filho de Theófilo Gurgel Valente e Hermengarda Aguiar Gurgel, do qual se desquitou, tempos depois. Laudy foi mais uma das muitas vítimas de doenças cardíacas da família. Na manhã de 03/06/1993, foi encontrada morta. O televisor estava ligado, e tinha junto a si uma vasilha com feijão em vagem que estava a debulhar, quando um infarto agudo do miocárdio, pôs termo a

sua vida. Morava só, mas em casa vizinha a de sua irmã Carmelita. Sem Sucessão.

N.5.18 **Ivone Diogo de Siqueira**, primeira do nome, nascida a 16/12/1912, faleceu de enterite, em 25/07/1914 com dezenove meses de idade. Apenas 48 dias antes, havia nascido sua irmã, que tomaria o seu nome.

N.5.19 **Ivone Diogo de Medeiros**, segunda do nome, e última dessa grande irmandade, nasceu em 07/06/1914, sendo cristianizada, somente quando tinha dois anos e três meses, na Igreja do Patrocínio, em 12/09/1916, dia em que sua mãe Elisa completava 45 anos. Foram seus padrinhos seus tios paternos Gustavo Siqueira e Maria Amélia Brandão (Bila). Com suas irmãs Odir e Laudy, fez parte de seus estudos no Collège Notre-Dame de Sion, em Petrópolis (RJ), tendo-os concluído em Fortaleza, no Colégio das Dorotéias. Casou em 27/04/1935, em casa, no palacete dos Diogos, a Rua Tristão Gonçalves, 380, com o Dr. Juvenil Hortêncio de Medeiros, médico e professor da Faculdade de Medicina da UFC, filho de Luiz Hortêncio de Medeiros Pequeno e Benvinda Moreira de Medeiros, sendo celebrante o padre Luiz Hortêncio de Medeiros, irmão do noivo. Dr. Juvenil nasceu em 28/02/1908 e faleceu em Fortaleza, em 30/03/1981. Com seus irmãos, fez os estudos secundários no Colégio Cearense. Com o Dr. Otôni Soares, em 1939, fundou a Casa de Saúde São Raimundo, uma referência em instalação hospitalar em Fortaleza. Ivone Diogo de Medeiros é sócia majoritária da Casa de Saúde e Maternidade São Raimundo S/A e sua diretora presidente. Filhos do casal:

Bn.5.19.1 Luiz Hortêncio de Medeiros Neto n.19/03/1936
Bn.5.19.2 Antônio Diogo de Medeiros n.23/12/1937
Bn.5.19.3 Arnaldo Diogo de Medeiros n.02/12/1939
Bn.5.19.4 Adriano Diogo de Medeiros n.06/07/1943
Bn.5.19.5 Evangelina Diogo de Medeiros n.31/03/1945
Bn.5.19.6 Abelardo Diogo de Medeiros n.27/09/1948

Bn.5.19.1 **Dr. Luiz Hortêncio de Medeiros Neto**, aos dezoito anos, transferiu-se para a Europa, atraído pelas tradições culturais e artísticas do velho mundo. Morou em Lisboa, Barcelona, Paris e Lucerna. Depois escolheu Roma como cidade adotiva, onde se formou em medicina, tendo na hematologia sua especialização. Artista plástico, com várias mostras na Europa, merecendo destaque a acontecida, em junho de 1991, na Galleria Lisi, intitulada "I colori Del Brasile" e em dezembro de 1996, "Ricordi", na Galleria Candido Portinari, no Pallazo Pamphili, na Embaixada do Brasil, ambas em Roma. Após 40 anos residindo na Europa, Hortêncio voltou ao Ceará, e em agosto de 2000, na Galeria Soho, em Fortaleza, participa de uma individual a que intitula "Por que Veneza...?". Casou com a italiana Maria Francesca Cascianti (Mariela) de quem está separado. Filho do casal:

Tn.5.19.1.1 Marcelo Hortêncio de Medeiros n.15/09/1963

Tn.5.19.1.1 **Dr. Marcelo Hortêncio de Medeiros**, médico, também hematologista, nascido na Itália, casado com a farmacêutica italiana Alexandra Ortensi.

Bn.5.19.2 **Antônio Diogo de Medeiros** casou em 30/12/1961, na Igreja de Fátima, com Vera Maria de Andrade Leite, nascida em 04/04/1940, em Fortaleza, filha do Dr. Fernando Leite, médico e ex-reitor da UFC, e de Rosy Andrade Leite. Nessa impressionante seqüência de mortes súbitas, também assim faleceu Antônio Diogo de Medeiros, de um fulminante infarto, em 13/01/1989, quando assistia a um filme, em cinema da cidade. Filhos:

Tn.5.19.2.1 Ricardo Antônio Leite de Medeiros n.13/06/1966
Tn.5.19.2.2 Karina Leite de Medeiros n.13/09/1976

Bn.5.19.3 **Arnaldo Diogo de Medeiros**, advogado, empresário, casou em 1º/07/1967, na Igreja de Fátima, com Nilce Maria da Mota Braga, nascida em Camocim (CE) e falecida em 05/06/1987, em Fortaleza, filha de João Braga Filho e Emerenciana da Mota Braga. Em 21/12/1989 contraiu segundas núpcias com Cristina Maria Pires, filha de Manoel Pires, não havendo filhos do segundo leito. Filhos do primeiro leito:

Tn.5.19.3.1 Roberta Braga de Medeiros n.28/08/1968
Tn.5.19.3.2 Arnaldo Diogo de Medeiros Júnior n.14/01/1972
Tn.5.19.3.3 Paôla Braga de Medeiros n.13/11/1975

Tn.5.19.3.1 **Roberta Braga de Medeiros** trabalha na Casa de Saúde São Raimundo como coordenadora dos importanntes setores de lavanderia e limpeza do hospital. Divorciada de André Fontes Tavares. Filhos:

Qn.5.19.3.1.1 Lucas Medeiros Fontes Tavares n.06/06/1990
Qn.5.19.3.1.2 Matheus Medeiros Fontes Tavares n.10/12/1991
Qn.5.19.3.1.3 João Marcos Medeiros Fontes Tavares n.12/06/1996

Tn.5.19.3.3 **Paôla Braga de Medeiros**, casada com Ronaldo Hortêncio de Medeiros, primo de seu pai, nascido em 31/12/1958, filho de João Hortêncio de Medeiros e Maria Teresa Loiola de Medeiros. Filho:

Qn.5.19.3.3.1 Leonardo Braga Loiola de Medeiros n.25/12/1997
Qn.5.19.3.3.2 Júlia Braga Loiola de Medeiros n.24/09/2001

Bn.5.19.4 **Dr. Adriano Diogo de Medeiros**, médico pela UFC, um dos

diretores da Casa de Saúde São Raimundo, casou em 12/12/1969, na Igreja da Paz, com Zaira Martins Soares, formada em letras pela UFC, hoje aposentada como professora da Casa de Cultura Britânica, filha de Joaquim Soares de Oliveira e Maria Jurandy Martins Soares. Filhos:

Tn.5.19.4.1 Adriano Diogo de Medeiros Júnior n.25/11/1971
Tn.5.19.4.2 Fernando Soares de Medeiros n.08/09/1973
Tn.5.19.4.3 Renata Soares de Medeiros n.25/12/1979

Tn.5.19.4.1 **Adriano Diogo de Medeiros Júnior**, advogado pela UFC e administrador de empresas pela Unifor, casou com sua parenta Carla Diogo de Sampaio Leitão, advogada, nascida a 02/01/1974, em Fortaleza, filha de Carlos Alberto Pereira Leitão e Mirna Diogo de Sampaio Leitão. Ver item, Qn.6.6.1.2.1. Filho:

Qn.5.19.4.1.1 Adriano Diogo de Medeiros Neto n.11/02/1999

Tn.5.19.4.2 Dr. **Fernando Soares de Medeiros**, médico cardiologista, faz especialização em hemodinâmica, no Incor em São Paulo (SP).

Tn.5.19.4.3 **Renata Soares de Medeiros** cursa direito na Unifor e administração de empresas na Uece.

Bn.5.19.5 **Evangelina Diogo de Medeiros** casou em 03/01/1966, na Igreja da Paz, com o Dr. José Carneiro de Siqueira, médico, nascido em 08/05/1938, filho de Geminiano Siqueira e Vanda Mendes Carneiro Siqueira. Separados. Filhas do casal:

Tn.5.19.5.1 Patrice Medeiros de Siqueira n.25/05/1970
Tn.5.19.5.2 Christine Medeiros de Siqueira n.31/10/1972

Tn.5.19.5.1 **Patrice Medeiros de Siqueira** nasceu em Louvan, na Bélgica. Na ocasião seu pai fazia curso de especialização médica naquela cidade. Casou, em 25/05/1995, na Igreja do Líbano, com Sandoval Capibaribe Neto, filho de Richilieu Carvalho Capibaribe e Francisca Magda de Azevedo Capibaribe. Adotou o nome de Patrice Medeiros de Siqueira Capibaribe. Filho:

Qn.5.19.5.1.1 Victor Medeiros de Siqueira Capibaribe n.25/09/2000

Tn.5.19.5.2 **Christine Medeitos de Siqueira**, fisioterapeuta, casou em 11/03/2000, na Igreja de São José, nos Jardins, em S. Paulo (SP), com Alexandre Borges, administrador de empresas. O casal reside em S. Paulo.

Bn.5.19.6 **Abelardo Diogo de Medeiros**, com um inconcluso curso de administrador de empresas, trabalha na Casa de Saúde São Raimundo. Casou na Igreja do Líbano, em 19/05/1976, com Célida Maria Sousa Pita, comerciante, nascida em Juazeiro do Norte (CE), filha de Osvaldo Cavalcante Pita e Joana Dolores Souza Pita. Filhos:

Tn.5.19.6.1 Thiago Pita de Medeiros n.25/09/1982
Tn.5.19.6.2 Thiciana Pita de Medeiros n.12/07/1985

Elisa Viana de Siqueira
Maranguape 12/09/1871
Fortaleza 21/08/1958

Antônio Diogo de Siqueira
Itapajé 1º/09/1864
Fortaleza 24/06/1932

Filhos de Odir e Zequinha Gurgel. Da esquerda para direita - Atrás: Hermengarda, Eduardo, Maria Amélia e Antônio. Sentado no parapeito: Paulo. Na escada: Maria Odir e José Theophilo Filho. Ângela, que não aparece na foto, ainda não era nascida.

Filhos de Carmelita Diogo Maia e Waldemiro - no sentido ascendente da escada: José Maia, Maria Elisa, Maria Zélia e Dulce Maria. Por trás está Nízia.

Ismar Pinto Nogueira entre seus pais D. Morena e Major Lindolpho.

Nízia Diogo Maia, notável pianista.

Embaixador Rury Pinto Nogueira com idade de um ano.

Diogo Vezal de Siqueira (Dioguinho)

Filhos de Dioguinho e Amelita Caracas. Da esquerda para direita, na frente: Fernando, Vera, Cláudia e Germana. Ao centro: Fernanda e Lila com Liliana. Atrás: Marcelo, Antônio e Tarcísio. Rosaly e Elisa não aparecem na foto. Não eram nascidas.

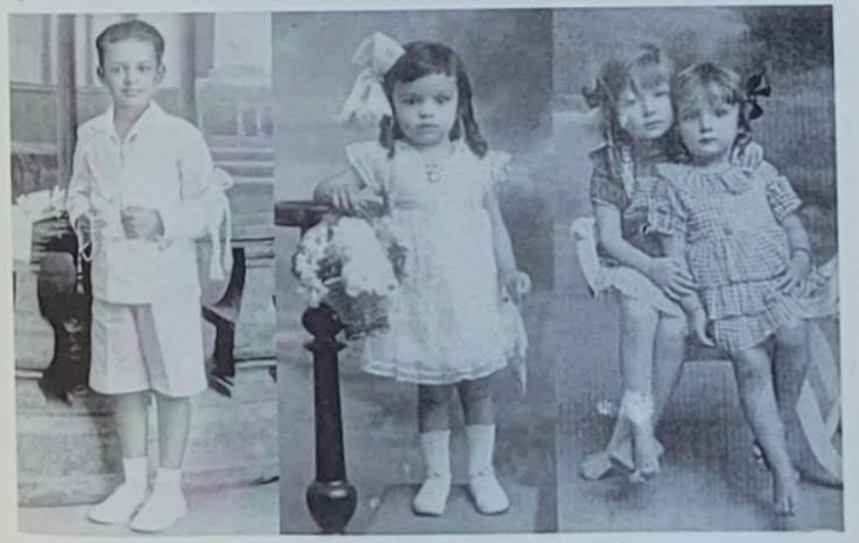
Filhos de Yvone Diogo de Medeiros e Dr. Juvenil - da esquerda para direita: Adriano, Antônio, Luiz Hortêncio, Arnaldo e Evangelina. Abelardo não aparece na foto. Não era nascido.

Sentados: D. Chiquinha, José Agostinho Rodrigues (pais de Doca) e Doca Agostinho. Em pé: Margarida, Suela, Olavo e Nenen Diogo.

Antônio Diogo de Siqueira Neto

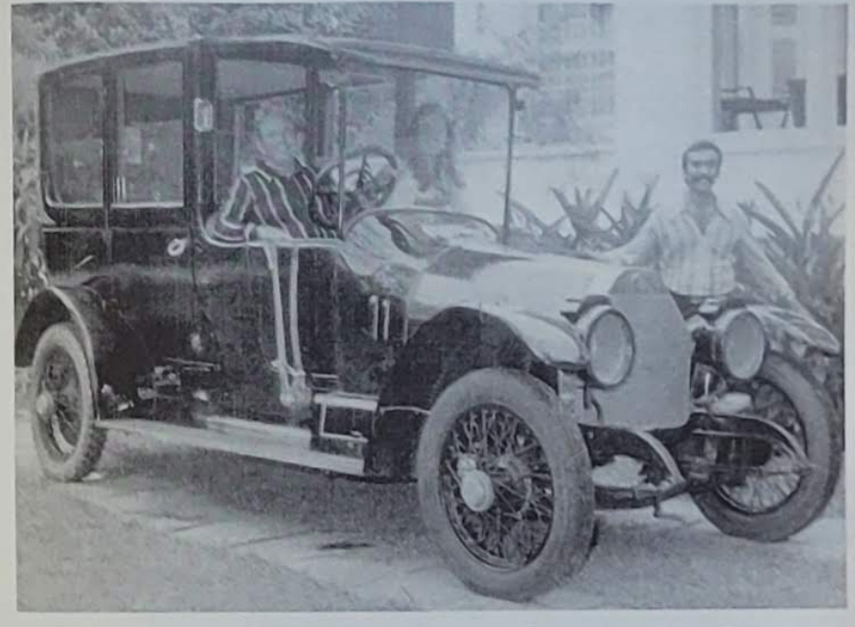
Maria Lúcia Cals de Oliveira

Maria Heloísa e Haydée, filhas de Checo. Haydée primeira do nome, ao lado direito da foto, faleceu aos seis anos.



Palacete de residência da família de Antônio Diogo de Siqueira. Ficava situado na esquina noroeste das avenidas Tristão Gonçalves com Duque de Caxias, em Fortaleza. Demolido. No seu lugar está o Fórum Trabalhista Autran Nunes.

Bandeira de portas internas do palacete de Antônio Diogo de Siqueira. No centro estão entrelaçadas as iniciais ADS do nome do proprietário. Um artístico trabalho de entalhamento e marcenaria.



Fiat 1908, segundo carro a rodar nas ruas de Fortaleza, comprado em 1911 por Antônio Diogo. Anos depois pertenceu a Lulu Guilherme que aparece na foto com filhos. Hoje pertence a colecionador paulista, e é um dos carros antigos mais valorizados do Brasil.

Casa sede da fazenda Acarazuzinho.

Casa de praia da família de Antônio Diogo de Siqueira, construída um ano antes do seu falecimento. Ficava na praia do Ideal Clube, em Fortaleza. Destruída pelo avanço do mar quando da construção do porto do Mucuripe.

D. Elisa Viana de Siqueira, no interior de sua residência.

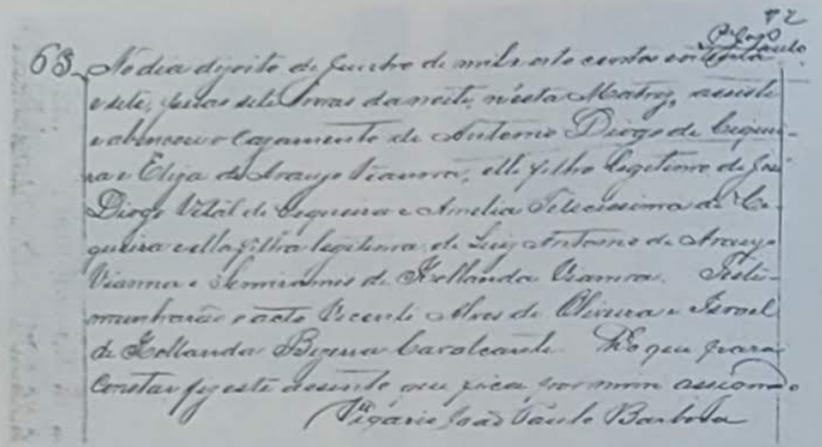
Foto de Antônio Diogo de Siqueira, em janeiro de 1930. Na ocasião passava férias em casa situada na praia do Pirambu, em Fortaleza, que lhe fora cedida por empréstimo. Ainda não possuía a sua casa na praia do Ideal Clube.

Antônio Diogo de Siqueira Filho (Tô)

A jovem Carmelita Diogo de Siqueira

Odir Diogo Gurgel

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará



Cópia do termo de casamento de Antônio Diogo de Siqueira e Elisa de Araújo Viana. Livro 1 de casamentos da Igreja do Patrocínio, em Fortaleza, de 1870 a 1891.

D. Elisa com suas filhas. Da esquerda para direita, sentadas: Laudy, D. Elisa e Yvone. Segunda fila: Hilza, Melita, Nenen e Morena. Mais atrás: Odir, Carmelita e Carmen.

Família do cel. Antônio Diogo de Siqueira. Esta foto foi tirada no pátio interno do Centro Artístico Cearense (demolido em 2000), situado na esquina sudoeste das avenidas Tristão Gonçalves com Duque de Caxias.

Primeira fila: sentados no chão: Maria Teresa, Natércia, Tony, Maria Lúcia, Jorgelito, Luís, João Batista e Evandro.

Segunda fila: Sentados nas cadeiras: Tildes com Haydée (segunda do nome), Carmelita com Nízia, Morena, Melita D. Elisa, cel. Antônio Diogo, Nenem, Hilza com o futuro governador César Cals, Carmen com Dícia, Amelita Caracas com Antônio Neto;

Terceira fila: Stela, Waldemiro, Lindolpho, Checo, Zezé, Dioguinho, Tó, Doca Agostinho, Dr. César Cals, Dr. Edmundo.

Quarta fila: Olavo, Dagmar, Heloísa, Ivone, Odir, Elisita, Waldyr, Laudy, Margarida, Franciquinha, Maria José, Maria Carmélia e Zelão;

Quinta fila: George, na ponta da esquerda, Antônio Cals e Ismar, na ponta direita.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil:

Faz saber, aos que esta Carta Patente virem, que por decreto de 22 de Outubro de 1898 foi nomeado o cidadão Antonio Diogo de Siqueira para o posto de Coronel Commandante do 2º Batalhão de Infanteria da Guarda Nacional da Comarca da Capital do Estado do Ceará

e como tal gozará de todas as honras e direitos inherentes ao posto, pelo que manda á auctoridade competente que lhe dê posse depois de prestada a solemne promessa de bem servir, aos superiores que o reconheçam, e a todos os seus subalternos que o obedeçam e guardem suas ordens. Para servir assignada, que se cumprirá, depois de sellada com o sello das Armas da Republica, lhe mandei passar a presente Carta por mim

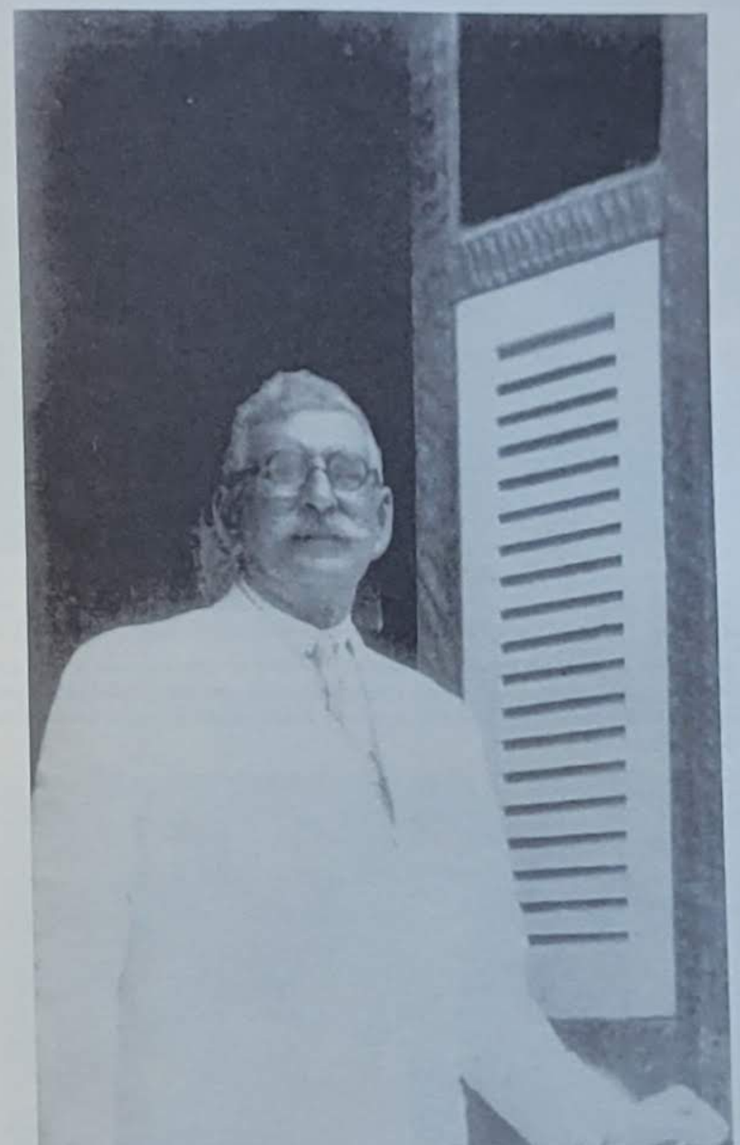
Palacio da Presidencia no Rio de Janeiro, em Vinte de maio de mil oitocentos e noventa e nove, undecimo da Republica.

M. Ferraz de Campos Salles

Dr. Epitacio Pessoa

Carta Patente de Coronel da Guarda Nacional de Antônio Diogo de Siqueira. Está assinada pelo presidente da República Manuel Ferraz de Campos Sales e seu ministro da Justiça Epitácio Pessoa. O original do documento mede 50cm x 32 cm. Coleção do autor.

Igreja Matriz do Patrocínio, então de S. Luiz de Gonzaga, local dos casamentos dos irmãos: Antônio Diogo de Siqueira com Elisa de Araújo Vianna, em 18/06/1887; Maria Amélia de Siqueira com Raymundo Pinto Brandão, em 20/03/1890 (por procuração); Gustavo Diogo de Siqueira com Maria José de Lima, em 03/09/1892.



Coronel Antônio Diogo

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Jorge Cals de Oliveira

Waldyr Diogo de Siqueira

Norma Libânia Ferreira. Foto anterior ao seu casamento com Waldyr Diogo de Siqueira.

Interior da primitiva Igreja de São Benedito, em Fortaleza. O senhor, no canto esquerdo, de terno escuro, segurando chapéu e guarda chuva, é o cel. Antônio Diogo. Na grade da comunhão, fardado, está o garoto Olavo Rodrigues. D. Chiquinha e José Agostinho, consogros de Antônio Diogo, logo atrás, ao centro. Bodas de ouro desse casal?

Família do Dr. César Cals. Foto tirada no interior do Colégio da Imaculada Conceição. Sentados: Maria de Lourdes, Dr. César Cals com Cláudio, D. Hilsa com Gilda, Ir. Lúcia (Maria Carmélia) com Heloísa e Tony. Em pé: Luís e Nelita, Zelão e Nilce, Cesinha, Isa e George. As três crianças são filhas de George e Isa.

Padre Jorgelito Cals de Oliveira.

Lúcia Ehrich Diogo de Siqueira

Dr. Olavo Rodrigues e sua noiva Marieta Fernandes de Sousa Pereira.

Foto tirada no pátio interno do Centro Artístico Cearense. Sentados, da esquerda para direita: Zezé, D. Elisa, Antônio Diogo e Tó. Em pé, na mesma ordem: Checo, Waldyr e Dioguinho.

Da esquerda para direita: Carmen, Carmelita e Odir.

Maria Pia Vendúncio e seu pai Paulo Fernando Marcondes Ferraz.

Família de Checo e Clotildes. Da esquerda para direita, na frente: Nazércia e Maria Teresa; sentados no balaústre: Franck, Evaldo e Haydée (segunda do nome); atrás: João Batista, Heloísa e Evandro. Não estão presentes, Maria Regina e Lolita. Não eram nascidas.

Stella Gomes da Frota e sua primogênita Vânia, falecida aos catorze meses.

Da esquerda para direita: Luciano Frota apoiado no sofá; sentadas: Glaucia, Cláudia e Jane com Libório no colo; no meio: Zé Fábio, Zé Carlos e Zé Frota Filho; atrás: Doca e Nenen que segura Sandra.

Zelão, Luis e George Cals de Oliveira.

Marieta de Francesco e César Cals Filho

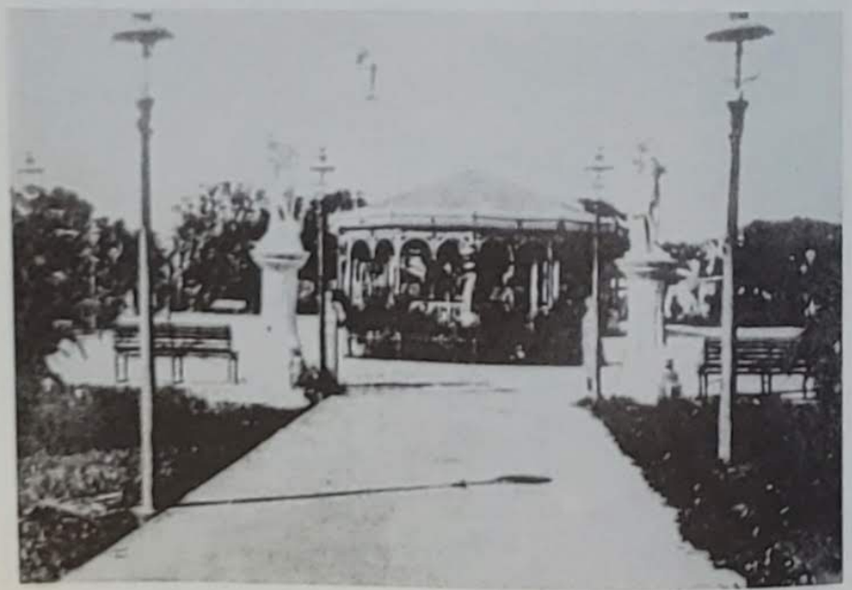
Elisa Rodrigues de Queiroz

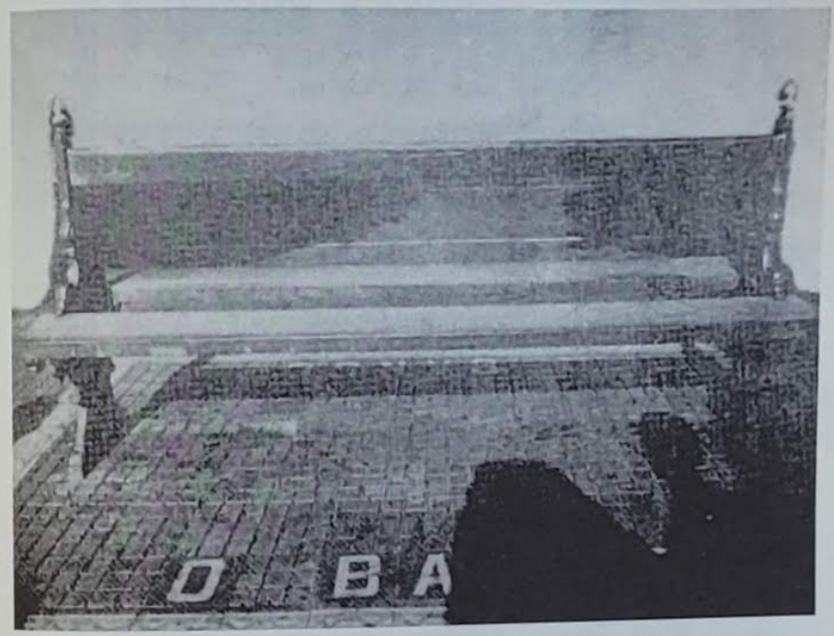
O autor ladeado por seus filhos: Thiago, à esquerda da foto e Luís Antônio, à direita.

Foto tirada por ocasião da posse do Dr. Olavo Rodrigues como provedor da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Da esquerda para a direita: Luís (autor deste trabalho), Tânia, José Frota Filho, Cunha, Sandra, José Carlos, Marília, Dr. Olavo, Dona Marieta, Libório, Lenita e Paulo César.

Matadouro Modelo de Fortaleza, um empreendimento de Antônio Diogo, Arthur Thomóteo, Abel Ribeiro e outros. Demolido. Em seu lugar está o Colégio Estadual Paulo VI.

Aspecto do Jardim Nogueira Accioly, atual Praça José de Alencar, em Fortaleza. Antônio Diogo foi arrendatário de um quiosque, como o que aparece na foto, explorando o ramo de restaurante e bebidas.





O famoso "O Banco" da Praça do Ferreira, freqüentado pelo que Fortaleza tinha de mais representativo. Antônio Diogo de Siqueira fez parte desse seleto grupo de cavalheiros.

A. D. SIQUEIRA & FILHOS

Industriais, Importadores e Exportadores

Escritorio central: Avenidas Imperador e Duque de Caxias, 1206

Caixa Postal, 78-Telefone, 28-End. Teleg. Diogo

—Fortaleza—Ceará—

Proprietarios da Fabrica:

SANTA ELISA — Fiação, redes e prensamento de Algodão. Avenida Imperador e Duque de Caxias, 1206

CEARA' INDUSTRIAL — Fabrica de tecidos e Oficinas mecanicas. Rua Santa Izabel, s|n. Fone 200

SANTO ANTONIO — Fabrica de Fiação e Tecidos. Rua Padre Valdevino s|n.

PRENSA AMELIA — Prensamento de Algodão em pluma, em fardo de alta densidade, proprio para exportação. Av. Alb. Nepomuceno, 106

FABRICANTES DE BRINS, RISCADOS, DOMESTICOS, FIOS E REDES — Sobresaindo dentre os seus tecidos os de marca:

Piramide, Gaucho, Ceará, Sobral, Leão, Mescla, Azul da Serra, Domestico e Jacaré

Có Associados das Firmas

Siqueira & Gurgel Ltda. (USINA CEARA') — Fabricantes em alta escala de Sabão, Oleos, Vegetaes, Residuos, Silex, e Redes.

Fabrica de Fiação São Luiz Ltda. — Fabricantes de Fios e Redes

Exportadora Cearense Ltda. — Exportação de algodão, peles, couros, cêra de carnaúba e sementes oleaginosas

Empresa de Fios e Redes Ltda. — Exportação em alta de Fios e Redes

R. Salgado & Cia. — Rio de Janeiro — Comissões Consignações e Conta Propria

Representantes da Grande Companhia de Seguros:

«The Great American Insurance Company» — NEW YORK

Usina Ceará

DE

SIQUEIRA & GURGEL, LIMITADA

INDUSTRIAES

Fabricantes em alta escala de: Sabão, oleos vegetaes, residuo, silex, fios e estopa de algodão para enfardamento

Grande estabelecimento fabril, que honra sobremodo a Industria Cearense, opera com o vultoso capital realizado de 1.500:000$000 e tem capacidade para produzir mensalmente: 420 toneladas de residuo, em tortas, de caroço de algodão, 60 toneladas de oleo de algodão, 400 toneladas de sabão, 40 toneladas de oleo de babassú, 400 toneladas de silex; modernissimas installações para beneficiamento de algodão com capacidade para 200 toneladas mensaes; avultada producção de fios grossos para redes, cordões para embrulhos, orçando em 20 toneladas de fios; grande fabricação de Rêdes para dormir, montando a 10 mil rêdes por mez.

A «Uzina Ceará» acha-se sob a orientação e operosidade dos socios gerentes, Srs. José Diogo de Siqueira e José Gurgel Valente, e emprega em suas diversas secções cerca de 800 operarios.

Está localizada no bairro Octavio Bomfim, usando em sua correspondencia os codigos «Ribeiro», «Mascotte», «União» e particulares, o seu endereço telegraphico é—INDUSTRIA—e o postal—caixa 96.

O escriptorio e deposito da empreza funccionam no mesmo predio da Usina.

Fortaleza—Ceará—Brazil

Em cores, este anúncio foi lançado em 1912 pelo "Almanack Hénault".

Dr. Edmundo Monteiro Gondim

MEDICO

Chefe do Serviço Pré-Natal do Centro de Saúde de Fortaleza

Vias-urinarias - Partos e molestias das Senhoras

CONSULTORIO: Altos da Pharmacia Londres

Rua Liberato Barroso 11

RESIDENCIA: Praça José Alencar n. 1015

FORTALEZA—CEARA

— Dr. Waldir Diogo de Siqueira —

Engenheiro Civil

Projetos--Orçamentos--Empreitadas--Administração e fiscalização de construções em geral

Escritorio: Av. Duque de Caixias, 1197

Telefone, 28— Fortaleza— Estado do Ceará

Banco dos Proprietarios

(Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltd.)

Rua Barão do Rio Branco, 103—Caixa Postal, 122

Endereço telegrafico—"PROPRIETAS"

TELEFONE, 73

CEARÁ—FORTALESA

TAXAS DE DEPOSITOS

Deposito em c/c com juros	4o/o	Depositos com aviso previo 30 dias	6o/o
Idem em c/c limitada	6o/o	Idem 60 "	7o/o
Idem a praso fixo, 6 mezes	7o/o	Idem 90 "	8o/o
Idem " idem "	8o/o		
Idem " idem 12 "	9o/o	Depositos especiais	8o/o
Idem " idem 18 "	10o/o	Depositos populares	10o/o
Idem " idem 24 " (com pagamento de juros mensais)	10o/o		

Carteiras de Cobranças de Alugueis de Casas

Alugueis até 50$000	5o/o	Idem, de 100$ a 200$	3o/o
Idem, de 50$ a 100$	4o/o	Idem, de 200$ a 500$	2½o/o

Alugueis de mais de 500$000—2o/o

Comissão minima—2$000

O Banco encarrega-se da venda de propriedades, terrenos em lotes e a prestações, etc.

Conselho de Administração do Banco

Presidente—Dr. Raimundo Gomes; *Gerente*—Joaquim Antonio Viana Albano; *Conselheiros*—Gervasio Gurgel do Amaral, dr. Gustavo da Frota Braga, cel. Antonio Diogo de Siqueira, Manoel Gonçalves dos Santos, Octavio Verissimo; *Conselho Fiscal*—Antonio Rodrigues Carneiro, cel. Antonio Matos Porto, cel. João Cavalcante e Silva; *Suplentes*—Dr. Natanael Cortez, João Fontenele, Alberto Craveiro.

Empreza de Fios e Rêdes Ltda.

End. Teleg. — «REDESFIO» - Telefone, 34
Codigos: «Ribeiro, Mascote e Particulares»

Unica vendedora das producções de Fios e Rêdes das Fabricas de

A. D. Siqueira & Filhos,
Siqueira & Gurgel Ltda.
Cia. Fiação São Luis Ltda.
e Manoel J. de Lima

Mantem sempre em STOCK variadissimo sortimento de Rêdes Fios e Anilinas

Fabricam Estopas de Algodão para embalagem em Geral - Sucedaneo da Juta

Escriptorio e deposito - Rua Major Facundo, ns. 319 a 325

Agentes em todos os Estados do Paiz

Rêdes do Ceará
-Brasil-
A dormida HIGIENICA

O nortista é forte porque dorme em rêde

EMPREZA DE FIOS E REDÊS LTDA.

Fortaleza — Estado do Ceará — Brazil

Banco dos Importadores de Fortaleza

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

Rua Major Facundo, 93 - End. teleg. - IMPORTADOR

Capital subscripto . . . 840:900$000
Capital realisado . . . . 800:000$000

Faz cobrança em todas as localidades do interior do Estado e capitaes do Paiz, dispondo, para isso, de optimos correspondentes

Acceita depositos pagando os juros da tabella abaixo:

A prazo fixo de 12 mêses . .	8 %
A praso fixo de 6 mêses . . .	7 %
Com aviso previo de 30 dias . . .	6 %
Com retiradas limitadas . . .	5 %
Com retiradas livres	4 %

Adeanta dinheiro por conta de cobrança a seus accionistas, faz emprestimos :: e desconta titulos dos mesmos ::

Antonio Diogo de Siqueira — Presidente
F. F. Delgado Perdigão — Gerente
J. Cavalcante Parente — Secretario

FORTALEZA — CEARÁ — BRAZIL

Banco dos Importadores de Fortalêsa

CAPITAL SUBSCRITO . . . 1.000:000$000
CAPITAL REALIZADO . . . 900:000$000
FUNDO DE RESERVA . . . 130:000$000

Codigos usados: Ribeiro e Mascotte, 1.ª e 2.ª edições

Telegramas: "Importador"—Fone: 435

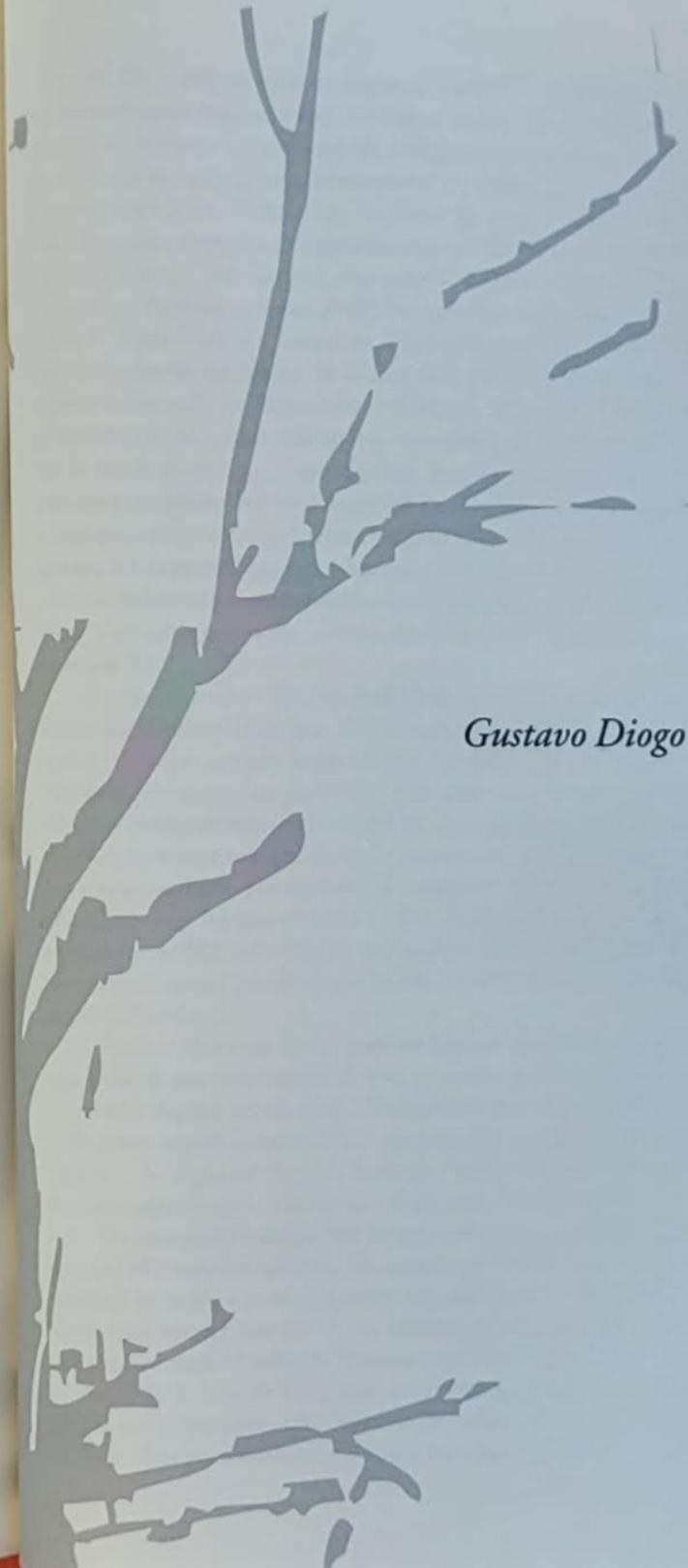
Rua Barão do Rio Branco, 92
(antiga séde do Bank of London & South America)

Brasil—Ceará—Fortalêsa

Faz todas as operações bancarias e encarrega-se de cobranças de titulos em todos os Estados do paiz e de transferencias de fundos mediante comissões modicas, dispondo para isso de otimos correspondentes. Aceita depositos a praso fixo e com retiradas livres, fornecendo gratuitamente cadernetas e talões de cheques, abonando juros compensadores aos depositantes.

Conselho Diretor:

Antonio Diogo de Siqueira—Presidente
J. F. Alves Teixeira—Vice-presidente
F. F. Delgado Perdigão—Gerente
J. Cavalcante Parente—Secretario



Gustavo Diogo de Siqueira

Dos filhos de José Vital de Siqueira, Gustavo foi o único cujo termo de batismo não encontramos. Na época não existindo a instituição do registro civil, o documento religioso do batismo tinha o valor de certidão de nascimento. Isto explica o interesse do autor, em apresentar essas interessantes anotações. Não sabíamos com exatidão se Gustavo nascera em Sobral, São Francisco de Uruburetama (Itapajé) ou Fortaleza. Hoje, podemos afirmar com rigorosa convicção que Gustavo nasceu em Fortaleza. Em caderneta deixada por seu pai, este anotou: *"Gustavo. Nasceu a 28 de Março 1867, quinta-feira. Baptisou-se 9 dias. P. Paulino Henrique vieira e sua Mulher, em S. Bernardo. Ceará. P. Vieira"*. Dando buscas na Cúria Diocesana de Fortaleza, encontramos no livro de batizados da matriz de S. José (Sé), para os anos de 1865-1868, fl.145v, o registro do batizado de Paula, filha de Caciana, escrava de João Francisco de Oliveira, no dia 05/04/1867, oito dias após o nascimento de Gustavo, realizado na capela de São Bernardo (esquina sudoeste das ruas Senador Pompeu e Pedro Pereira, em Fortaleza), sendo padrinho da párvula o mesmo Paulino Henrique Vieira, padrinho de Gustavo e tendo por celebrante, o padre Luís Vieira da Costa Delgado Perdigão. Parece não haver dúvida que Gustavo e Paula foram batizados na mesma ocasião e na mesma capela, tiveram o mesmo padrinho e o mesmo celebrante, o padre Vieira que o pai de Gustavo anotou: P. Vieira. Por razões ignoradas, o termo do batismo de Gustavo não foi transcrito para o respectivo livro.

Gustavo é o sexto filho de José Vital de Siqueira e o quarto deste com Amélia Felicíssima. Paulino Henrique Vieira, o padrinho de Gustavo, é o mesmo que, em capítulo anterior, aparece apadrinhando Joaquim, filho de Leocádia escrava de José Vital de Siqueira, em data de 27/12/1872. Tudo faz crer que a amizade entre José Vital e Paulino Henrique vinha dos tempos em que o primeiro demorou-se em São Francisco de Uruburetama e de seu envolvimento com o comércio de gados e carnes. Chegamos a esta conclusão por termos encontrado no "Almanack" de Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, edições de 1872 e 1873, Paulino Henrique Vieira, estabelecido com um açougue no Mercado Público de Fortaleza. E não é só. Do jornal Gazeta do Norte, que circulou nesta Capital, edição de 28/01/1882, extraímos dos despachos da Presidência do Estado:

"Paulino Henrique Vieira, professor vitalício da villa de São Francisco, requerendo pagamento de seus vencimentos do mez de janeiro a 15 de fevereiro do corrente anno". Poucos dias depois, a 3 de abril, "*Paulino Henrique Vieira, professor público da villa de S. Francisco, requer exoneração*", o que mereceu o seguinte despacho do Presidente: *"Informe o Sr. Inspector Geral da Instrução Pública"*. No dia 8 do mesmo mês, de posse da informação desejada, despacha o Presidente: *"Como requer"*.

Os dois últimos despachos foram publicados na Gazeta do Norte, de 5 e 12 de abril de 1882, respectivamente. Isto mostra que Paulino Henrique Vieira lidava com o comércio de carnes e possuía ligações com São Francisco de Uruburetama, se é que de lá não fosse natural. Os dois fatos, isolados ou em conjunto, devem ter contribuído para a aproximação e amizade fraterna entre José Vital e Paulino Henrique. Em livro da matriz de S. José de Fortaleza, encontramos, o termo de batismo de Francisco, nascido em 22/09/1866, filho legítimo de Paulino Henrique Vieira e Francisca Romana Vieira. Esta era a mulher de Paulino Henrique e portanto a madrinha de Gustavo.

Parece claro que em 1866, entre os nascimentos de Antônio (1864) e Gustavo (1867), filhos de José Vital, Paulino Henrique já mourejava em Fortaleza. Quem sabe não teria sido ele o professor responsável pelo aprendizado dos filhos de seu compadre e amigo José Vital de Siqueira?

Nada mais conseguimos apurar sobre a vida de Gustavo até a data de seu casamento ocorrido aos 25 anos cujo, termo vai transcrito:

"Aos tres dias do mez de Setembro do anno de mil oito centos e noventa e dois, pelas sete horas da noite, n'esta Igreja parochial da freguesia de São Luiz de Gonzaga, da cidade de Fortaleza, Bispado do Ceará, em minha presença comparecerão os contratantes Francisco Lopes, digo, Gustavo Cerqueira e Maria José de Lima, em tudo habilitados segundo o direito e sem impedimento algum, solteiros, naturais, elle desta cidade e ella de Sobral e moradores n'esta freguesia, os quais contratantes se receberam por marido e mulher com palavras de presente e logo lhes dei as bençõs nupciais segundo o rito da Santa Igreja Catholica. Foram testemunhas presente Francisco Lopes Ferreira e Francisco Cerqueira. Do que para constar lavrei este termo que fica por mim assignado. O Vigário João Paulo Barbosa". Liv. 2, Casam. Matriz do Patrocínio, 1891-1893, nº 73, fl. 53.

O termo diz que Gustavo é natural de Fortaleza, o que reforça a afirmação anterior e sua noiva de Sobral. Como a anotação não apresenta a filiação dos noivos, fomos buscar em outras fontes, a filiação de Maria José de Lima. Em uma dessas fontes, o registro civil de sua filha Amélia (Irmã Eugênia), consta o nome completo de Maria José: Maria José Lopes de Lima, filha de José Fernandes de Lima e Maria Delfina Lopes de Lima. De posse dessa informação, da naturalidade e da data de nascimento 31/10/1872, constante no mausoléu da família, encontramos nos arquivos da Cúria de Sobral, o assento seguinte: *"Maria, filha legitima de José Fernandes de Lima e Delphina Maria do Nascimento, nasceu aos trinta e um de Outubro de mil oitocentos e setenta e um, e baptizada pelo Padre José Lourenço da Costa Aguiar, aos quatorze de Janeiro de mil oitocentos e setenta e dous: Padrinhos José Luiz da Costa e Maria Severa da Penha. Para constar mandei fazer este assento, que assigno. O Vigário Vicente Jorge de Sousa".* Liv. Bat. Sobral, 1871-1873, fl. 185.

Na realidade Maria José nasceu em 1871 e não 1872. O nome de sua mãe apresenta controvérsias: Maria Delfina ou Delphina Maria? Nascimento ou Lopes de Lima? Anotações, assim conflitantes, são tão comuns, que ao autor não causam admiração. Por informação de Aíla Diogo, neta do casal Gustavo e Maria José, ficamos sabendo que sua avó era prima de J. Lopes, conhecido comerciante da praça de Fortaleza dos fins do século XIX e começo do XX. J. Lopes também era parente próximo de Maria Severa da Costa Lopes, casada com Francisco Diogo de Siqueira, irmão de Gustavo. Os padrinhos de batismo de Maria José, José Luiz da Costa e Maria Severa da Penha são os pais de Maria Severa da Costa Lopes. Fica claro o parentesco próximo de Maria José e Maria Severa e justifica o aparecimento do sobrenome Lopes, de Maria José e de sua mãe Delphina, que também era Nascimento. José Lopes Ferreira, testemunha do casamento de Gustavo e Maria José, também é Lopes e sugere parentesco com a família da noiva. A outra testemunha, Francisco Cerqueira, era Francisco Diogo de Siqueira, irmão de Gustavo. Quanto ao celebrante do batismo de Maria José, o padre José Lourenço da Costa Aguiar, sacerdote de notável saber, nascido em Sobral a 09/08/1847, foi político de destaque, deputado à Assembléia Provincial do Pará por vários biênios, representou também, aquela Província, no Parlamento Nacional. Foi o primeiro bispo do Amazonas.

Como seus irmãos, Gustavo foi marchante e como tal consta com regularidade de todas as edições do "Almanack do Ceará" de 1919 a 1931. Seu último endereço comercial foi na praça Capistrano de Abreu que fora José de Alencar, nº 108 tendo por sócios na marchantaria José Pierre Carneiro e Isaías Domingos Silveira, marido de Maria Amélia Diogo Silveira, sobrinha de Gustavo, pois filha de seu irmão Francisco Diogo de Siqueira.

Gustavo, de temperamento irrequieto e pouco perseverante, residiu por algum tempo no distrito de Parangaba, desta Capital, ocasião em que ingressa na Maçonaria, fazendo parte da Loja Porangaba nº2. Na sessão de instalação da loja, a 08/01/1905, procedeu-se à iniciação, elevação e exaltação de sete profanos, entre os quais está Gustavo Siqueira, que na composição da diretoria, figurou como tesoureiro[1].

D. Maria José faleceu no dia 16/12/1931. Sobre sua morte, assim noticiou o jornal Folha do Povo, de Fortaleza, edição de quinta-feira, 17 de dezembro de 1931:

"**Uma morte súbita** – *Hontem pela manhã subitamente, falleceu em Mondubim, onde residia, a exma sra. dª. Maria José Siqueira. Era esposa do sr. Gustavo Diogo de Siqueira. Deixou os seguintes filhos: Alice, casada com o sr. João Brasil de Mesquita; Maria, Laura, Nair e Amélia (Irmã Eugênia), Antônio Diogo de Siqueira Sobrinho, José Diogo de Siqueira e Hermes Diogo de Siqueira. São seus netos Waldyr Mesquita, José Maria Siqueira e Darcy Siqueira. Senhora de grandes virtudes e mãe exemplar, era a extincta um ente venerado no seio da sua família, que passou hontem pela grande dor de perdê-la. Estimadíssima, tanto nesta capital como em Mondubim, causou sua morte a maior desolação. O seu enterro realizou-se hoje, às 8 horas da manhã, no Cemitério de S. João Batista. Partilhando do pesar da enlutada família, apresentamos a todos os membros desta os nossos sinceros pesames".*

Gustavo faleceu dez meses e meio depois, de uma nefrite crônica, a 31/10/1932, dia em que sua mulher faria 61 anos e apenas quatro meses após a morte do irmão Antônio Diogo. Os três óbitos que enlutaram os Diogos de Siqueira, ocorreram em menos de um ano. Do casamento de Gustavo e Maria José nasceram os seguintes filhos, todos de Fortaleza:

N.6.1 Alice	n.24/07/1893
N.6.2 José	n.28/07/1894
N.6.3 Amélia	n.01/04/1896
N.6.4 Juvenil	n.15/04/1897
N.6.5 Maria	n.02/05/1898
N.6.6 Antônio	n.27/03/1899

[1] Maçonaria no Ceará - Raízes e Evolução, R. Batista Aragão, 1987

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

N.6.7 Clarisse n.25/04/1900
N.6.8 Mário n.16/03/1902
N.6.9 Hermes n.21/08/1903
N.6.10 Laura n.11/11/1909
N.6.11 Nair

N.6.1 **Alice Diogo de Siqueira**, batizada na matriz do Patrocínio, em 21/09/1893, sendo padrinhos, Antônio Diogo de Siqueira e Amélia Felicíssima de Siqueira, tio e avó paternos, respectivamente. Alice casou-se no dia 16/09/1911, na matriz do Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Parangaba, com João Brasil de Mesquita, nascido a 12/01/1887 e falecido a 12/02/1964, filho de Antônio Francisco Mesquita e Ana Gomes Brasil. Foram testemunhas Antônio Diogo de Siqueira e Octávio Menescal da Frota, este cunhado do noivo, pois casado com uma de suas irmãs. No "Almanack do Ceará" para o ano de 1916, encontramos João Brasil de Mesquita, como despachante geral da Alfândega do Estado. Ingressou no Banco do Brasil e residiu em Juazeiro da Bahia, onde gerenciou a agência local. Nesta cidade adoeceu a esposa Alice que viajando para Salvador, onde o filho Waldir trabalhava, nesta cidade faleceu, em fevereiro de 1936, após ter-se submetido a intervenção cirúrgica. João Brasil de Mesquita ocupou a gerência de várias filiais do Banco do Brasil, inclusive a de Fortaleza, alguns anos após o falecimento de sua mulher. Foi colega de seu sogro, na Loja Porangaba nº 2 da Maçonaria. Alice Siqueira Mesquita fora o nome adotado por Alice, após seu casamento. Filhos do casal:

Bn.6.1.1 Waldir Siqueira Mesquita n.24/08/1912
Bn.6.1.2 Walter Siqueira Mesquita

Bn.6.1.1 **Waldir Siqueira Mesquita**, economista e funcionário do Banco do Brasil, onde exerceu diversos cargos de relevo, entre eles a gerência da Carteira Agrícola e da Carteira Imobiliária. Depois de aposentado foi diretor dos Bancos da Guanabara e do Estado do Rio de Janeiro. Casou-se em 16/10/1936, em Juazeiro (BA), com Odette Paranhos Picanço, da ilustre família Paranhos do Barão do Rio Branco, de quem é prima em terceiro grau, formada professora primária e de piano em conservatório de música, nascida em 13/07/1917, filha de José Correia Picanço e Adalgiza Paranhos Picanço. Waldir faleceu no Rio de Janeiro, em 28/08/1981 e nesta cidade reside sua viúva Odette Picanço de Mesquita, nome adotado após seu casamento. Filha do casal:

Tn.6.1.1.1 Carmen Lúcia Picanço de Mesquita n.08/10/1949

Tn.6.1.1.1 **Carmen Lúcia Picanço de Mesquita**, professora e advogada, desenvolve intensa atividade política no Rio de Janeiro. Filiada ao PSDB, em 1996 disputou uma cadeira à Câmara de Vereadores e ocupa, no momento e pela segunda vez, a estratégica posição de secretária geral do diretório municipal do partido na cidade do Rio de Janeiro. Em 11/11/1977, casou-se com José Carlos Pereira Sampaio, quando passou a chamar-se Carmen Lúcia de Mesquita Sampaio. Filhas do casal:

Qn.6.1.1.1.1 Débora de Mesquita Sampaio n.30/01/1979
Qn.6.1.1.1.2 Raquel de Mesquita Sampaio n.29/06/1982

Qn.6.1.1.1.1 **Débora de Mesquita Sampaio**, em 09/07/1999 casou-se com Júlio Tany da Hora. Ambos são concludentes do curso de Administração de Empresas no Rio de Janeiro onde residem.

Qn.6.1.2 **Walter Siqueira Mesquita** faleceu criança.

N.6.2 **José Diogo de Siqueira**, batizado na Catedral, a 23/09/1894, sendo padrinhos Francisco de Siqueira e Maria Severa de Siqueira, ele seu tio paterno. Casou na matriz do Carmo, a 21/05/1919, com Haydée Sabóia de Castro, ela com idade de quinze anos, filha de José e Angela Sabóia de Castro. Filhos do casal:

Bn.6.2.1 José Maria n.09/09/1923
Bn.6.2.2 Fernando n.22/02/1927
Bn.6.2.3 Maria de Jesus n.31/01/1930
Bn.6.2.4 Francisco de Assis n.25/08/1936
Bn.6.2.5 Maria n.22/11/1937
Bn.6.2.6 Maria José n.04/01/1943

Bn.6.2.2 **Fernando Diogo Siqueira** casou na Igreja dos Remédios, em 08/12/1957, com Agristela Socorrinha Leite, filha de Agripino Ferreira Leite e Estela de Abreu Leite. Fernando teve morte lamentável, assassinado em Quixeramobim. Filha do casal:

Tn.6.2.2.1 Fernanda Agripina n.04/07/1963

Bn.6.2.6 **Maria José Diogo de Siqueira** casou na Igreja de São Benedito, com Francisco Josafá Lopes da Silva, engenheiro, ela com 28 e ele com 21 anos, filho de José Lopes de Melo e Laurita Lopes da Silva, em 14/01/1971. Após o casamento, a noiva adotou o nome de Maria José Diogo da Silva. Filhos do casal:

Tn.6.2.6.1 Marcos Antônio Siqueira Silva
Tn.6.2.6.2 Lauretania Siqueira Silva
Tn.6.2.6.3 Estefânia Siqueira Silva
Tn.6.2.6.4 Estive Siqueira Silva

N.6.3 **Amélia Diogo Siqueira (Irmã Eugênia)**, batizada a 09/05/1896, na Igreja do Patrocínio. Em 14/01/1925, Irmã Henriot, superiora do Colégio da Imaculada Conceição, apre-

senta a jovem Amélia à Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, geralmente conhecidas como Irmãs de Caridade, ocasião em que é admitida como postulante. Em 28/10/1925, entre quinze irmãs, após concluir o seminário, Irmã Amélia recebe o hábito e viaja para o Rio de Janeiro, indo trabalhar no hospital da Marinha naquela cidade. Em 30/06/1926 é transferida para o Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza e em 31/05/1930, após pronunciar seus primeiros votos, presta seus serviços no Asilo de Alienados de Parangaba, nesta Capital. Até aqui conseguimos junto à Ordem, acompanhar os passos de Irmã Amélia, na sua vida consagrada de modo espontâneo, aos enfermos, aos órfãos, aos pobres, aos loucos, enfim, aos filhos prediletos de Deus. Posteriormente conseguimos uma cópia da certidão de nascimento de Irmã Amélia, registrada no Cartório do Registro Civil de Parangaba, somente em 09/11/1939, aos 43 anos, sendo ela própria a declarante e através desse documento, ficou claro os nomes dos avós maternos, que não constam do termo de casamento de seus pais. Amélia recebeu na comunidade o nome de Irmã Eugênia. Por longo tempo, trabalhou na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, cuidando, com extrema dedicação, dos enfermos tuberculosos. Ali, apesar de sua forte compleição, contraiu esta moléstia que lhe provocou o óbito.

N.6.4 **Juvenil**, nascido em 15/04/1897, batizado a 19 do mesmo mês, na matriz do Patrocínio, sendo padrinhos o casal Raymundo Pinto Brandão e Maria Amélia Brandão (Bila). Faleceu com nove dias, em 24 de abril, de eclâmpsia, segundo consta do livro de inumações do cemitério São João Batista de Fortaleza.

N.6.5 **Maria Diogo de Siqueira (Conguinha)**, batizada na matriz do Patrocínio, em 17/07/1898, sendo padrinhos seu tio paterno Diogo Henrique de Siqueira (neto) e sua tia afim Elisa Vianna de Siqueira. Faleceu inupta.

N.6.6 **Antônio Diogo de Siqueira Sobrinho (Totó)**, batizado na matriz do Patrocínio, cujo livro, onde fora feito o assento, apresenta acelerado processo de desintegração, tornando-se difícil manuseio e leitura. No termo consta como se a criança fosse do sexo feminino, mas a data do nascimento não deixa dúvida que se trata de Antônio e coincide com as datas da certidão de casamento civil e da placa afixada no mausoléu da família. Antônio casou na Catedral, em 18/11/1933, com Francisca Alves Barbosa (Chiquita), nascida em Fortaleza, em 27/10/1903, filha de João Alves Barbosa e Ana Ferreira Barbosa. Totó faleceu moço, aos 48 anos, no dia 25/02/1948, às 9h25min da manhã, de hemorragia cerebral,

em conseqüência de um trágico acidente, bem em frente de sua casa, na Av. João Pessoa, 4.467. Por volta das 6h40min, ao atravessar aquela avenida, foi atropelado por um ônibus. Removido às pressas, em estado de coma e com fratura na base do crânio, para a Assistência Municipal (IJF), foi atendido por uma equipe médica composta pelos drs. Turbay Barreira, César Fiuza, Emílio Guilhon e Olavo Rodrigues, este, seu primo segundo. Apesar dos esforços médicos, veio a falecer pouco depois. Todos os jornais vespertinos daquele dia publicaram em manchete a notícia do brutal acidente, tendo o jornal O Povo, assim se expressado: "*O seu desaparecimento, de uma maneira tão trágica, teve a mais dolorosa repercussão nos meios sociais e comerciais devido o extinto gozar de incontestável prestígio e era figura de marcante relevo*". Comerciante, era sócio da firma Diogo de Siqueira & Cia., do ramo atacadista de tecidos. Do seu inventário processado no Cartório de Órfãos de Fortaleza, consta ter deixado os seguintes imóveis: uma casa de duas portas de frente na Rua Major Facundo, 311, nesta Capital; uma casa com três portas de frente, na Av. João Pessoa, 4.467, nesta Capital, encravada em terreno de 324 palmos de frente por 500 palmos de fundos; a fazenda Belém, no distrito de Cangaty, município de Quixadá (CE), com 2.954m de frente por 5.280m de fundos; um sítio em Pacoti (CE), denominado Santo Antônio, antigo Belo Horizonte e anteriormente Ladeira Cavada, com casa de moradia, engenho, casa de farinha, sete casas para moradores, armazéns e outras benfeitorias; e um terreno acrescido de marinha na Praia do Meireles, nesta Capital. Na fazenda havia 141 cabeças de gado entre vacas, touros, garrotes e bezerros. Totó Diogo, como era conhecido nos meios comerciais, ao falecer, deixou de seu casamento sete filhos todos de menor idade. Filhos do casal:

Bn.6.6.1 Maria Aíla Diogo de Siqueira n.03/09/1934
Bn.6.6.2 Maria Theresa Diogo de Siqueira n.30/09/1935
Bn.6.6.3 Antônio Vinicius Diogo de Siqueira n.23/12/1936
Bn.6.6.4 Maria Lúcia Barbosa de Siqueira n.04/09/1938
Bn.6.6.5 Maria Eliane Barbosa de Siqueira n.19/08/1939
Bn.6.6.6 Luciano Barbosa de Siqueira n.12/04/1941
Bn.6.6.7 Haroldo Barbosa de Siqueira n.12/08/1942

Bn.6.6.1 **Maria Aíla Diogo de Siqueira**, batizada na Catedral, no primeiro aniversário de casamento de seus pais, teve por padrinhos, Antônio Diogo de Siqueira Filho (Tó) e Rosa Alves Barbosa. Casou na Igreja do Carmo, em 12/03/1952, com Olavo França Sobreira de Sampaio, advogado, professor,

jornalista e escritor, natural de Tefé (AM), nascido em 30/08/1928, filho de Ormando Sobreira de Sampaio e Guiomar França de Sobreira Sampaio. Separados. Poetisa de rara sensibilidade publicou "**Viagem ao Redor de Mim**", com comentários bastante favoráveis de Jáder de Carvalho e Carlos d'Alge. Do seu livro extraímos, dentre tantos inspirados poemas, os dois que se seguem:

SAUDADES DE VOCÊ

Meu jardim ficou triste.
As papoulas fletidas,
as samambaias ressequidas,
quase mortas,
saudades, de você!

Nem o sol, nem a brisa,
as fazem renascer.
Só sua presença,
em casa as faria reviver.
É como se elas tivessem,
saudades de você!

O verde que se apagou,
olha, o aspecto tristonho,
das plantas, meu amor.
Elas sentem como nós.
Saudades de você!

DESTINO

Ele veio bater à minha porta,
cansado, sedento, faminto.
Perguntei-lhe docemente o nome.
Ele me respondeu: "Destino".

Dei-lhe agasalho, palavra amiga,
mostrei-lhe a casa, e lhe disse: É sua.
Ele, comovido, apenas respondeu.
- De outra vez a alegria é tua.

E tempos depois ele passou
acenou-me com a mão e
de longe falou:
- Eu vou mostrar alguém para
a tua vida.
E, num domingo ensolarado,
foi que te vi,
E me lembrei:
- É este meu amor,
foi ele que me mandou:
ele, o Destino!

Filhos do casal:

Tn.6.6.1.1 Ormando Sobreira de Sampaio Neto — n.17/01/1953
Tn.6.6.1.2 Mirna Diogo de Sampaio — n.20/08/1954
Tn.6.6.1.3 Sílvio Fernando Diogo de Sampaio — n.11/11/1955
Tn.6.6.1.4 Victor Diogo de Sampaio — n.23/05/1958
Tn.6.6.1.5 Rodolfo Diogo de Sampaio — n.06/10/1965

Tn.6.6.1.1 **Ormando Sobreira de Sampaio Neto**, corretor de imóveis, casou-se em 18/01/1982 com Valéria Damasceno. Filhos do casal:

Qn.6.6.1.1.1 Felipe Damasceno de Sampaio — n.06/02/1983
Qn.6.6.1.1.2 Henrique Damasceno de Sampaio — n.25/09/1984

Tn.6.6.1.2 **Mirna Diogo de Sampaio**, assistente social, casou na Igreja de São Vicente, em 08/07/1973, com Carlos Alberto Pereira Leitão, funcionário da Caixa Econômica Federal, filho de José Alípio Frota Leitão e Maria Alice Pereira Leitão. Filhos do casal:

Qn.6.6.1.2.1 Carla Diogo de Sampaio Leitão — n.02/01/1974
Qn.6.6.1.2.2 Rodrigo Diogo de Sampaio Leitão — n.19/05/1977

Qn.6.6.1.2.1 **Carla Diogo de Sampaio Leitão**, advogada, casou com seu parente Adriano Diogo de Medeiros Júnior, advogado, filho do Dr. Adriano Diogo de Medeiros e Zaira Soares de Medeiros. O parentesco pode assim ser explicado: Carla é tetraneta e Adriano trineto de José Vital de Siqueira. Ver item, Tn.5.19.4.1 Filho:

Pn.6.6.1.2.1.1 Adriano Diogo de Medeiros Neto — n.11/02/1999

Tn.6.6.1.3 **Sílvio Fernando Diogo de Sampaio**, advogado, casou-se duas vezes: a primeira com Bernadette Argento de Oliveira e a segunda com a gaúcha Oneida Thum.

Filha do primeiro leito:

Qn.6.6.1.3.1 Brunella Argento Diogo de Sampaio n.20/07/1984

Filhos do segundo leito:

Qn.6.6.1.3.2 Weidda Thum Diogo de Sampaio n.24/11/1995
Qn.6.6.1.3.3 Luka Thum Diogo de Sampaio n.26/05/2000

Tn.6.6.1.4 **Victor Diogo de Sampaio**, advogado, com atuação no Fórum de Canindé (CE), fazendeiro, proprietário da fazenda Santa Maria naquele Município, onde é vereador, eleito em 1996 e reeleito em 2000, pela legenda do PMDB. Casou-se na Igreja de Fátima, em 01/03/1983, com Katia Regina de Sousa Leite, filha do juiz Luís Alves Leite e Maria Bastos de Sousa Leite (Marlene). Separados. Tem um segundo casamento com Maria Clemilda Sousa Silva, filha de Antônio Braga da Silva e Maria Albertina Sousa Silva.

Filhas do primeiro leito:

Qn.6.6.1.4.1 Irvina Leite de Sampaio n.28/07/1983
Qn.6.6.1.4.2 Amanda Leite de Sampaio n.03/04/1987

Filha do segundo leito:

Qn.6.6.1.4.3 Tainá Silva de Sampaio n.09/02/1996

Tn.6.6.1.5 **Rodolfo Diogo de Sampaio**, agropecuarista, com fazenda nos sertões de Canindé (CE), casou na Igreja da Paz, em 24/08/1985, com Cibele Maria Frânklin Thomaz, nascida a 26/10/1968, filha de José Célio Fonteles Thomaz e Cyra Maria Frânklin. O casal gerou dois filhos. Divorciado. Há outros filhos de Rodolfo havidos com Lindete Saraiva dos Santos, com Aparecida Saraiva dos Santos, irmã de Lindete e com Cláudia Almeida Albano.

Filhos do primeiro leito:

Qn.6.6.1.5.1 Rodolfo Diogo de Sampaio Filho n.25/01/1986
Qn.6.6.1.5.2 Raphael Frânklin Diogo de Sampaio n.15/04/1987

Filha do segundo leito:

Qn.6.6.1.5.3 Raphaela Bianca Diogo de Sampaio n.21/06/1993

Filhos do terceiro leito:

Qn.6.6.1.5.4 Gabriel Diogo de Sampaio n.22/02/1995
Qn.6.6.1.5.5 Raquel Diogo de Sampaio n.17/12/1996

Filho do quarto leito:

Qn.6.6.1.5.6 Diego Diogo de Sampaio n.27/11/1999

Bn.6.6.2 **Maria Theresa Diogo de Siqueira**, batizada na Sé, sendo padrinhos José Diogo Vital de Siqueira (Zezé) e Stellina Ehrich de Siqueira (Nina), funcionária da Varig do setor de recursos humanos, onde trabalhou por 34 anos, hoje aposentada. Casou na Igreja dos Remédios, em 25/04/1963, com Sully Imperia Manzo, natural de Santos (SP), com um inconcluso curso de ciências contábeis, funcionário aposentado da Varig, com 37 anos na empresa, onde exerceu a função de despachante de operações de vôo (planejamento de vôo), filho de Francisco Manzo e Olga Imperia. Adotou o nome de Maria Theresa Diogo de Siqueira Manzo. Filhos do casal:

Tn.6.6.2.1 Regis Diogo de Siqueira Manzo n.11/08/1965
Tn.6.6.2.2 Gisele Diogo de Siqueira Manzo n.30/04/1970
Tn.6.6.2.3 André Luiz Diogo de Siqueira Manzo n.28/11/1972

Tn.6.6.2.1 **Regis Diogo de Siqueira Manzo**, economista pela Unifor, gerente regional da Elma Chips, casou, em 1º/10/1999, com Karine Bandeira Silva, assistente social pela Uece, filha de Carlos Alberto Anselmo Silva e Maria Neuma Bandeira Silva.

Tn.6.6.2.2 **Gisele Diogo de Siqueira Manzo**, aeronauta, comissária de bordo da Varig, tem um filho do seu relacionamento com Cláudio Simões da Silveira Cintra, aeronauta, co-piloto de aeronaves MD-11 da Varig. Depois casou com Armindo Sousa Viriato de Freitas, aeronauta, comandante de aeronaves da Varig, filho de Bento Carlos de Freitas e Yolanda de Sousa Freitas. Adotou o nome de Gisele Diogo de Siqueira Manzo de Freitas. A família reside no Rio de Janeiro. Filho do primeiro leito:

Qn.6.6.2.2.1 Lucas Diogo Manzo Cintra n.10/09/1995

Tn.6.6.2.3 **André Luiz Diogo de Siqueira Manzo**, por dois anos estudou economia na Unifor. Abandonando os estudos de economia, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde cursou comunicação social, sua paixão maior, na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), concluindo o curso em dezembro de 2000. Trabalha na empresa B. Braun.

Bn.6.6.3 **Antônio Vinicius Diogo de Siqueira**, fiscal de combustíveis

do Ministério das Minas e Energia, casou na Igreja de Fátima, em 25/12/1957, com Maria Vilma Gouveia Miranda, nascida em 02/10/1939, filha de Jorge Magalhães Miranda e Zulmira Gouveia Miranda. Filhos do casal:

Tn.6.6.3.1 Cláudio Miranda de Siqueira n.26/10/1963
Tn.6.6.3.2 Ângela Miranda de Siqueira n.13/10/1965
Tn.6.6.3.3 Raquel Miranda de Siqueira n.03/10/1968
Tn.6.6.3.4 Daniela Miranda de Siqueira n.28/01/1970

Tn.6.6.3.2 **Ângela Miranda de Siqueira** casou na Igreja de São Benedito, em 05/01/1985, com Marcos Antônio Pereira, filho de José Bonifácio Pereira e Maria Alves Vasconcelos Pereira. Filhos do casal:

Qn.6.6.3.2.1 Natascha Ramilli de Siqueira Pereira n.28/07/1986
Qn.6.6.3.2.2 Marcos Vinicius de Siqueira Pereira n.30/04/1988

Tn.6.6.3.3 **Raquel Miranda de Siqueira Ribeiro** casou com Décio Ribeiro. Filho:

Qn.6.6.3.3.1 João Victor de Siqueira Ribeiro n.11/03/1994

Tn.6.6.3.4 **Daniela Miranda de Siqueira** casou-se com Januário Pitombeira Filho. Filhos do casal:

Qn.6.6.3.4.1 Raul de Siqueira Pitombeira n.25/08/1991
Qn.6.6.3.4.2 Rayssa de Siqueira Pitombeira n.04/03/1999

Bn.6.6.4 **Maria Lúcia Barbosa de Siqueira** casou na Igreja dos Remédios, em 10/09/1961, com José Gustavo dos Santos Córdula, natural de Caruaru (PE), oficial do Exército, filho de Balício Marinho de Figueiredo Córdula e Danina dos Santos Córdula. Filha do casal:

Tn.6.6.4.1 Luciana de Siqueira Córdula n.28/09/1972

Tn.6.6.4.1 **Luciana de Siqueira Córdula** casou-se em primeiras núpcias, em Olinda (PE), com Antônio Carlos Gaudêncio de Lima e em segundas núpcias com Alexandre César da Costa Brito. De cada união há uma filha, ambas nascidas no Recife. Filhas:

Qn.6.6.4.1.1 Maria Laura Córdula de Lima n.18/04/1991
Qn.6.6.4.1.2 Nathália Córdula de Brito n.07/02/1997

Bn.6.6.5 **Maria Eliane Barbosa de Siqueira**, oficial de justiça, casou-se com José Teles Monteiro, promotor público, com passagens pelas comarcas de Caririaçu, Campos Sales, Saboeiro, Pedra Branca, Crateús e Fortaleza, nascido em 05/08/1934, filho de José Monteiro dos Santos e Maria de Lourdes Teles Monteiro. Prestou concurso para Juiz Federal do Trabalho, havendo logrado aprovação. Nesta função trabalhou por trinta dias em Teresina. Regressando a Fortaleza, faleceu de infarto, aos 44 anos, em 11/12/1978. Maria Eliane de Siqueira Monteiro, nome adotado após seu casamento,

também faleceu de mal súbito e de causa ignorada, em 07/03/1987. Filhos:

Tn.6.6.5.1 Ricardo de Siqueira Monteiro n.19/02/1961
Tn.6.6.5.2 Adriana de Siqueira Monteiro n.03/10/1964
Tn.6.6.5.3 Gustavo de Siqueira Monteiro n.29/07/1969

Tn.6.6.5.1 **Ricardo de Siqueira Monteiro**, comissário de polícia civil, com serviços prestados em Fortaleza, Aracati, Canindé, Quixadá e Iguatu, casou-se em 03/12/1980 com Ângela Regina Sampaio. Separados. Tem uma segunda união com Anneugisse Maria Maciel Medeiros, natural de Canindé.

Filhos do primeiro leito:

Qn.6.6.5.1.1 José Teles Monteiro Neto n.21/09/1982
Qn.6.6.5.1.2 Aline Sampaio Monteiro n.26/12/1984
Qn.6.6.5.1.3 Maria Eliane Sampaio Monteiro n.31/10/1987

Filha do segundo leito:

Qn.6.6.5.1.4 Annyelle de Siqueira Monteiro Medeiros n.23/02/1998

Tn.6.6.5.2 **Adriana de Siqueira Monteiro**, cobradora, casou-se em 23/05/1986, na Igreja do Cristo Rei, com José Carlos Costa da Silva, nascido em 27/07/1964. Filhos:

Qn.6.6.5.2.1 Mariane Monteiro da Silva n.15/07/1988
Qn.6.6.5.2.2 Marina Monteiro da Silva n.07/11/1995
Qn.6.6.5.2.3 Marília Monteiro da Silva n.06/03/1997

Tn.6.6.5.3 **Gustavo de Siqueira Monteiro**, comerciário, casou-se em 21/03/1992, com Elizângela Ferreira Martins, comerciária, filha de Luís Martins de Almeida e Ana Elisa Ferreira. Filhos:

Qn.6.6.5.3.1 Giulia Martins de Siqueira n.11/11/1995
Qn.6.6.5.3.2 Arthur Martins de Siqueira n.31/01/2000

Bn.6.6.6 **Luciano Barbosa de Siqueira**, engenheiro agrônomo, desportista, jogou no América na mesma época que seu parente Luciano Frota. Casou-se com Maria de Lourdes Reis Siqueira, economista, natural de Parnaíba (PI), nascida em 13/10/1944. Filhos do casal, todos nascidos em Rio Branco (AC), o primeiro é engenheiro eletricista, a segunda psicóloga e o terceiro universitário:

Tn.6.6.6.1 Ronaldo Barbosa de Siqueira n.23/09/1971
Tn.6.6.6.2 Luciana Reis Siqueira n.05/10/1974
Tn.6.6.6.3 Rodrigo Reis Siqueira n.11/10/1979

Bn.6.6.7 **Haroldo Barbosa de Siqueira**, engenheiro eletricista, casou na Igreja de Fátima, em 26/01/1974, com Maria Luiza Pontes

Filgueira, natural de Acarape (CE), filha de Antenor Filgueira Lôbo e Joanita Pontes Filgueira. Filhos do casal:

Tn.6.6.7.1 Rafael Pontes de Siqueira n.17/05/1975
Tn.6.6.7.2 Marcello Pontes de Siqueira n.11/04/1978

Tn.6.6.7.1 Dr. **Rafael Pontes de Siqueira**, médico, fazendo residência na área de cirurgia.

N.6.7 **Clarisse** viveu apenas seis dias, tendo falecido de tétano, no dia 1º/05/1900. No dia anterior fora batizada sendo madrinha, Francisca Alves Lopes e do padrinho, somente foi possível anotar o último nome: Baptista, devido ao estado deplorável em que se encontra o livro de batizados da Matriz do Patrocínio, anos de 1899 a 1900.

N.6.9 **Hermes Diogo de Siqueira** nasceu em 21/08/1903 e faleceu muito moço, aos 36 anos, em 02/01/1940. Esteve no Amazonas onde nasceu o seu primogênito. Em 1932, aparece no Almanaque do Ceará, como agente da Rede de Viação Cearense (RVC), em Tapiruçu, município de Quixadá (CE). Casou na Igreja do Carmo, em 06/04/1925, com Maria Luiza Barbosa (Iza), nascida em 19/11/1906 e tragicamente falecida em desastre de carro, em 20/08/1967, filha de Francisco Pitaguassu Barbosa e Maria Gondim Barbosa. Filhos do casal:

Bn.6.9.1 Humberto Darci Barbosa de Siqueira n.09/11/1925
Bn.6.9.2 Helder Barbosa de Siqueira n.27/06/1927
Bn.6.9.3 Hugo Barbosa de Siqueira n.28/04/1928
Bn.6.9.4 Hercílio Barbosa de Siqueira n.09/01/1931
Bn.6.9.5 Hélio Barbosa de Siqueira n.27/03/1933
Bn.6.9.6 Maria Helena Barbosa de Siqueira n.15/04/1935
Bn.6.9.7 Maria Eugênia Barbosa de Siqueira n.24/07/1936
Bn.6.9.8 Maria Ilza Barbosa de Siqueira n.31/03/1938

Bn.6.9.1 **Humberto Darci Barbosa de Siqueira**, nascido em Manacapuru (AM), casou na Igreja do Carmo, em 10/01/1950, com Maria de Lourdes Pontes Memória, natural de Acarape (CE), filha de João Memória Filho e Maria Carmen Pontes Memória. Filhos:

Tn.6.9.1.1 Gláucia Memória Siqueira n.29/01/1951
Tn.6.9.1.2 Norma Memória Siqueira n.15/12/1952
Tn.6.9.1.3 Humberto Siqueira Filho n.31/03/1954
Tn.6.9.1.4 Roberto Memória Siqueira n.28/11/1957

Tn.6.9.1.1 **Gláucia Memória Siqueira**, geógrafa, casou com Elton Castelo Benevides, engenheiro agrônomo e professor da Uece, filho de Artur Augusto Castelo Benevides e Laura Castelo Benevides. Gláucia, após seu casamento, adotou o nome de Gláucia Siqueira Benevides. Filhos do casal:

Qn.6.9.1.1.1 Marcelo Siqueira Benevides n.03/02/1973

Qn.6.9.1.1.2 Andréa Siqueira Benevides n.09/07/1975
Qn.6.9.1.1.3 Fabrício Siqueira Benevides n.13/05/1983

Qn.6.9.1.1.1 **Marcelo Siqueira Benevides**, engenheiro elétrico, casou-se com Ana Augusta de Figueiredo Benevides. Filho:

Pn.6.9.1.1.1.1 Artur Augusto de Figueiredo Benevides n.23/05/1999

Qn.6.9.1.1.2 **Andréa Siqueira Benevides**, formada em ciências contábeis e cursa matemática. Trabalha em seu escritório de contabilidade.

Qn.6.9.1.1.3 **Fabrício Siqueira Benevides**, destacado aluno do Colégio Sete de Setembro desde a educação infantil, em 2000, representando o Brasil na 15ª Olimpíada Ibero-americana de Matemática, em Caracas na Venezuela, ganhou medalha de ouro. No final deste mesmo ano, é aprovado em concursos vestibulares no IME, ITA e computação na UFC.

Tn.6.9.1.2 **Norma Memória Siqueira**, formada em ciências contábeis, casou na Igreja de São Gerardo, em 12/12/1975, com Paulo César Castelo Martins, natural de Mombaça (CE), filho de José Benevides Martins e Crisélides Castelo Martins. O casal residiu, por algum tempo, em Londrina (PR). Filhos:

Qn.6.9.1.2.1 Sâmia Siqueira Martins n.14/12/1976
Qn.6.9.1.2.2 Aline Siqueira Martins n.08/06/1979
Qn.6.9.1.2.3 Allan Siqueira Martins n.02/06/1988

Qn.6.9.1.2.1 **Sâmia Siqueira Martins Rossi**, formada em processamento de dados pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, casou com Cássio Elelandro Rossi, natural de Londrina (PR), filho de Jovino e Luzia Rossi. Filho do casal:

Pn.6.9.1.2.1.1 Mateus Martins Rossi n.30/11/1999

Qn.6.9.1.2.2 **Aline Siqueira Martins**, enfermeira, de sua união com o vendedor autônomo Fábio Rogério e Silva, nasceu:

Pn.6.9.1.2.2.1 Isabella Martins e Silva n.08/06/1999

Tn.6.9.1.3 **Humberto Siqueira Filho**, representante comercial, casado com Francisca Francileide Siqueira Lima (Cileide), filha de José Ferreira Lima e Lazina Barbosa Lima, residentes em Tocantins de Minas (MG). Filhos:

Qn.6.9.1.3.1 Humberto Siqueira Neto n.17/03/1981
Qn.6.9.1.3.2 Nara Siqueira Lima n.01/07/1986

Tn.6.9.1.4 **Roberto Memória Siqueira**, engenheiro civil, casou na Igreja dos Remédios, em 12/06/1980, com Maria Minalda Sampaio de Oliveira, filha de Francisco de Assis Fernandes de Oliveira e Maria Irací Sampaio de Oliveira. Separados. Tem um segundo casamento com Alcione Farias Rodrigues, filha de Cassiano Rodrigues da Silva e Noeme Farias Rodrigues. O casal reside em S. Paulo (SP), onde Roberto trabalha na Master Empreendimentos.

Filhas do primeiro leito:

Qn.6.9.1.3.1 Patrícia Sampaio Siqueira n.10/01/1981
Qn.6.9.1.3.2 Priscila Sampaio Siqueira n.08/10/1984

Filha do segundo leito:

Qn.6.9.1.3.3 Tâmela Rodrigues Siqueira n.10/04/1989

Bn.6.9.2 **Helder Barbosa de Siqueira**, eletricista da Companhia de Navegação Costeira, falecido no Rio de Janeiro, em 09/06/1978, casou na Igreja do Carmo, em 22/07/1947, com Maria Nadir Rodrigues Lira, professora, nascida em Fortaleza, em 12/11/1928, filha de José Moacir Lira Pessoa e Águeda Rodrigues Lira. Filhos:

Tn.6.9.2.1 Maria Heldir Lira de Siqueira n.09/10/1948
Tn.6.9.2.2 Francisco Gilson Lira de Siqueira n.18/06/1950
Tn.6.9.2.3 Helder Lira de Siqueira n.23/12/1951
Tn.6.9.2.4 Carlos Magno Lira de Siqueira n.07/05/1968

Tn.6.9.2.1 **Maria Heldir Lira de Siqueira** casou em 16/09/1969, na Igreja de Fátima, com Odilon Mourão Maia e Silva, contador, hoje auditor de empresas, nascido em Morada Nova (CE), em 11/05/1940, filho de Adauto Odilon da Silva e Maria Capitulina Maia e Silva. Filhos do casal:

Qn.6.9.2.1.1 Raquel de Siqueira Mourão n.19/04/1973
Qn.6.9.2.1.2 Carla de Siqueira Mourão n.15/04/1974
Qn.6.9.2.1.3 Odilon Mourão Maia e Silva Filho n.27/10/1975

Qn.6.9.2.1.1 **Raquel de Siqueira Mourão** nasceu em Fortaleza, formada em ciências contábeis, empresária.

Qn.6.9.2.1.3 **Odilon Mourão Maia e Silva Filho**, natural de Fortaleza, universitário em San Diego, Califórnia (USA).

Tn.6.9.2.2 **Francisco Gilson Lira de Siqueira** nasceu em Fortaleza, formado em administração, securitário, casou-se na Igreja de São Francisco de Canindé (CE), em 03/07/1977, com Regina Célia Porto de Carvalho, nascida em 16/04/1952, filha de Clodomir Santa Cruz de Carvalho e Maria Zuleika Porto de Carvalho. Filhos:

Qn.6.9.2.2.1 Camila Carvalho de Siqueira n.01/08/1979
Qn.6.9.2.2.2 Francisco Felipe Carvalho de Siqueira n.07/05/1981
Qn.6.9.2.2.3 Priscila Carvalho de Siqueira n.25/03/1987

Tn.6.9.2.3 **Helder Lira de Siqueira** nasceu em Fortaleza, empresário, casou-se na Catedral, em 24/05/1975, com Francisca Maria Teles Cavalcante, nascida em 22/10/1955, empresária, filha de Renato Magalhães Cavalcante e Doracy Teles Bastos Cavalcante. Filhos:

Qn.6.9.2.3.1 Leonardo Cavalcante de Siqueira n.20/02/1978

Qn.6.9.2.3.2 Rafaela Cavalcante de Siqueira n.12/12/1979
Qn.6.9.2.3.3 Renata Cavalcante de Siqueira n.29/05/1982

Qn.6.9.2.3.3 **Renata Cavalcante de Siqueira**, estudante, natural de Teresina (PI), casou-se com José Sérgio Mota Silva. Filha do casal:

Pn.6.9.2.3.3.1 Bianca Cavalcante de Siqueira Mota n.14/05/2000

Tn.6.9.2.4 **Carlos Magno Lira de Siqueira** casou-se em 1º/12/1990, na Igreja da Paz, com Milene Bezerra da Silva, nascida em 11/08/1968, filha de José Célio da Silva e Tânia Bezerra da Silva. Filhos:

Qn.6.9.2.4.1 Larissa Bezerra Lira n.28/05/1994
Qn.6.9.2.4.2 Daniel Bezerra Lira n.19/09/1995

Bn.6.9.3 **Hugo Barbosa de Siqueira** nasceu em Maranguape (CE), securitário. Uniu-se a Maria das Dores Rocha Pereira, auxiliar de contabilidade, com quem teve um filho, falecido aos oito meses. Casou-se com Sílvia Maria Esteves de Siqueira, natural de Angra dos Reis (RJ). Separados e sem sucessão. Casou-se com Margarida Pessoa de Siqueira, nascida em Fortaleza, em 15/10/1925.

Filho do primeiro leito:

Tn.6.9.3.1 Raimundo Hermes Rocha Siqueira

Filhos do terceiro leito:

Tn.6.9.3.2 João Carlos Pessoa Siqueira n.09/01/1958
Tn.6.9.3.3 Jorge Luís Pessoa Siqueira n.12/08/1959
Tn.6.9.3.4 Magaly Pessoa Siqueira n.31/10/1960
Tn.6.9.3.5 Júlio César Pessoa Siqueira n.22/03/1963

Tn.6.9.3.2 **João Carlos Pessoa Siqueira** nasceu em Fortaleza, comerciário, casou-se na Igreja de São Benedito, em 26/11/1982, com Geni Nunes Arruda, filha de José Nunes da Silva e Amélia Pereira da Silva. Sem sucessão.

Tn.6.9.3.3 **Jorge Luís Pessoa Siqueira**, funcionário público municipal, casou-se com Maria Socorro Cardoso Siqueira. Filhos:

Qn.6.9.3.3.1 Joana Paula Cardoso Siqueira
Qn.6.9.3.3.2 Georjane Carolina Cardoso Siqueira

Tn.6.9.3.4 **Magaly Pessoa Siqueira** nasceu em Fortaleza, funcionária pública municipal. Inupta. Filho:

Qn.6.9.3.4.1 Paulo Iúri Siqueira Silva n.22/12/1995

Tn.6.9.3.5 **Júlio César Pessoa Siqueira**, natural de Fortaleza, funcionário público municipal.

Bn.6.9.4 **Hercílio Barbosa de Siqueira**, batizado na capela do Mondubim, casou na Igreja do Carmo, em 24/11/1956, com Helma de Aquino, filha de Tomaz de Aquino Pereira e Francisca Adélia Pereira. Filhos do casal:

Tn.6.9.4.1 Hermes Diogo de Siqueira Neto n.10/09/1957
Tn.6.9.4.2 Hercilena Aquino de Siqueira n.19/06/1959
Tn.6.9.4.3 Heldenir Aquino de Siqueira n.01/01/1962

Bn.6.9.5 **Hélio Barbosa de Siqueira**, casado com Maura. Filhas do casal, todas nascidas no Rio de Janeiro, onde residem:

Tn.6.9.5.1 Rosângela n.18/08/1957
Tn.6.9.5.2 Roseli (gêmea) n.07/09/1958
Tn.6.9.5.3 Rosali (gêmea) n.07/09/1958
Tn.6.9.5.4 Regiane n.12/12/1965

Bn.6.9.6 **Maria Helena Barbosa de Siqueira** casou em 29/12/1965 com Ubirajara da Silva, professor, natural de Paranaguá (PR), nascido em 05/10/1932, filho de Antônio Horácio da Silva e Laudelina Hoog da Silva. Separados, ele residindo em Curitiba e ela, em Sertanópolis (PR). Filhos do casal:

Tn.6.9.6.1 Emanuel Adriano Siqueira da Silva n.27/04/1967
Tn.6.9.6.2 Lia Cristina Siqueira da Silva n.30/07/1968
Tn.6.9.6.3 Susana Cristina Siqueira da Silva n.02/04/1971

Tn.6.9.6.1 **Emanuel Adriano Siqueira da Silva** nasceu em Curitiba, formado em Teologia em São Paulo, é pastor da Igreja Metodista. Em 12/12/1992 casou com Cláudia Gomes da Silva nascida em São Paulo, de pais cearenses, tendo adotado o nome de Cláudia Gomes Siqueira da Silva. Filhos:

Qn.6.9.6.1.1 Adriana Cristina Siqueira da Silva n.23/12/1993
Qn.6.9.6.1.2 Pedro Henrique Siqueira da Silva n.28/02/1996

Tn.9.6.9.2 **Lia Cristina Siqueira da Silva**, formada em educação física, primeira da turma, tendo recebido medalha de ouro, mas não exerce a profissão. Em julho de 1993, casou com Uilsom Pedroso, pequeno empresário paranaense, adotando o nome de Lia Cristina Siqueira Pedroso. Filhos:

Qn.6.9.6.2.1 Isabela Siqueira Pedroso n.19/11/1997
Qn.6.9.6.2.2 Aline Siqueira Pedroso n.09/02/2000

Tn.9.6.9.3 **Susana Cristina Siqueira da Silva**, psicóloga, nascida em Curitiba. Inupta.

Bn.6.9.7 **Maria Eugênia Barbosa de Siqueira** nasceu em Baixio (CE), assistente social, aposentada, prestou seus serviços ao Sesi, em Fortaleza, ao INSS, em Curitiba, ao BNH, no Rio de Janeiro e a Cohab - Fortaleza. Inupta.

Bn.6.9.8 **Maria Ilza Barbosa de Siqueira** nasceu em Umari (CE), casou-se em 04/10/1958, na Igreja do Carmo, com Gleyre Araripe Cabral, nascido em 04/07/1930, em Fortaleza, falecido em 03/04/1977, em Natal (RN), quando participava de encontro de rádioamadores, filho de Venceslau Garcia Cabral e Diana Araripe Cabral. Filhos:

Tn.6.9.8.1 Eduardo Siqueira Cabral n.13/07/1959
Tn.6.9.8.2 Sônia Maria Siqueira Cabral n.26/06/1961

Tn.6.9.8.1 **Eduardo Siqueira Cabral**, funcionário do SINE, casou em 22/11/1990, com Liana Maria Viana de Paula, nascida em 09/08/1964. Filhos:

Qn.6.9.8.1.1 Luana Viana de Paula Cabral n.21/03/1992
Qn.6.9.8.1.2 Lara Viana de Paula Cabral n.29/11/1995

Tn.6.9.8.2 **Sônia Maria Siqueira Cabral** casou-se em 18/09/1981, com Marcus Antônio Cunha Bezerra, nascido em 04/03/1960. Desquitada. Filhos do casal:

Qn.6.9.8.2.1 Suyane Cabral Bezerra n.20/10/1982
Qn.6.9.8.2.2 Marcus Antônio Cunha Bezerra Cabral n.19/09/1986

N.6.10 **Laura Diogo de Siqueira** (Niná), batizada em 06/01/1910, pelo padre Rodolpho Francisco da Cunha, na Igreja do Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Parangaba, sendo padrinhos José Casemiro Montenegro e Aline Brasil Parente. Casou-se na Igreja do Patrocínio, em 08/05/1947, com João Martiniano da Costa, filho de Francisco José da Costa e Maria Ferreira de Araújo, ele com 34 anos. Laura Siqueira Costa, nome adotado após o casamento, faleceu em 29/08/1987. Filhos:

Bn.6.10.1 Maria Jose Siqueira Costa n.03/06/1948
Bn.6.10.2 Francisco Siqueira Costa

Bn.6.10.1 **Maria José Siqueira Costa** (Josete), afilhada de batismo de José Moacir Lira Pessoa e Águeda Rodrigues Lira. Reside em São Paulo.

N.6.11 **Nair Diogo de Siqueira** casou na Igreja do Patrocínio, em 25/04/1947, com João Gomes da Silva, viúvo, nascido em 28/08/1898 e falecido em 22/10/1951, filho de Francisco Gomes da Silva e Rosa Coelho da Silva. Adotou, na ocasião, o nome de Nair Diogo Siqueira da Silva. Foram testemunhas presentes João Martiniano da Costa e Humberto Barbosa de Siqueira, aquele futuro cunhado de Nair, pois no mês seguinte casaria com Laura (Niná), e este sobrinho, filho de seu falecido irmão Hermes. Nair faleceu em 28/12/1999, às 22h, na Casa de Nazaré, bairro do Montese e foi inumada no Cemitério Metropolitano de Fortaleza. O casal gerou apenas um filho, falecido criança.

Gustavo Diogo de Siqueira
Fortaleza 28/03/1867 - Fortaleza 31/10/1932

Maria Luiza Barbosa (Iza), esposa de Hermes Diogo de Siqueira.

Hermes Diogo de Siqueira

Laura Siqueira Costa (Ninã)

Natir Diogo de Siqueira da Silva

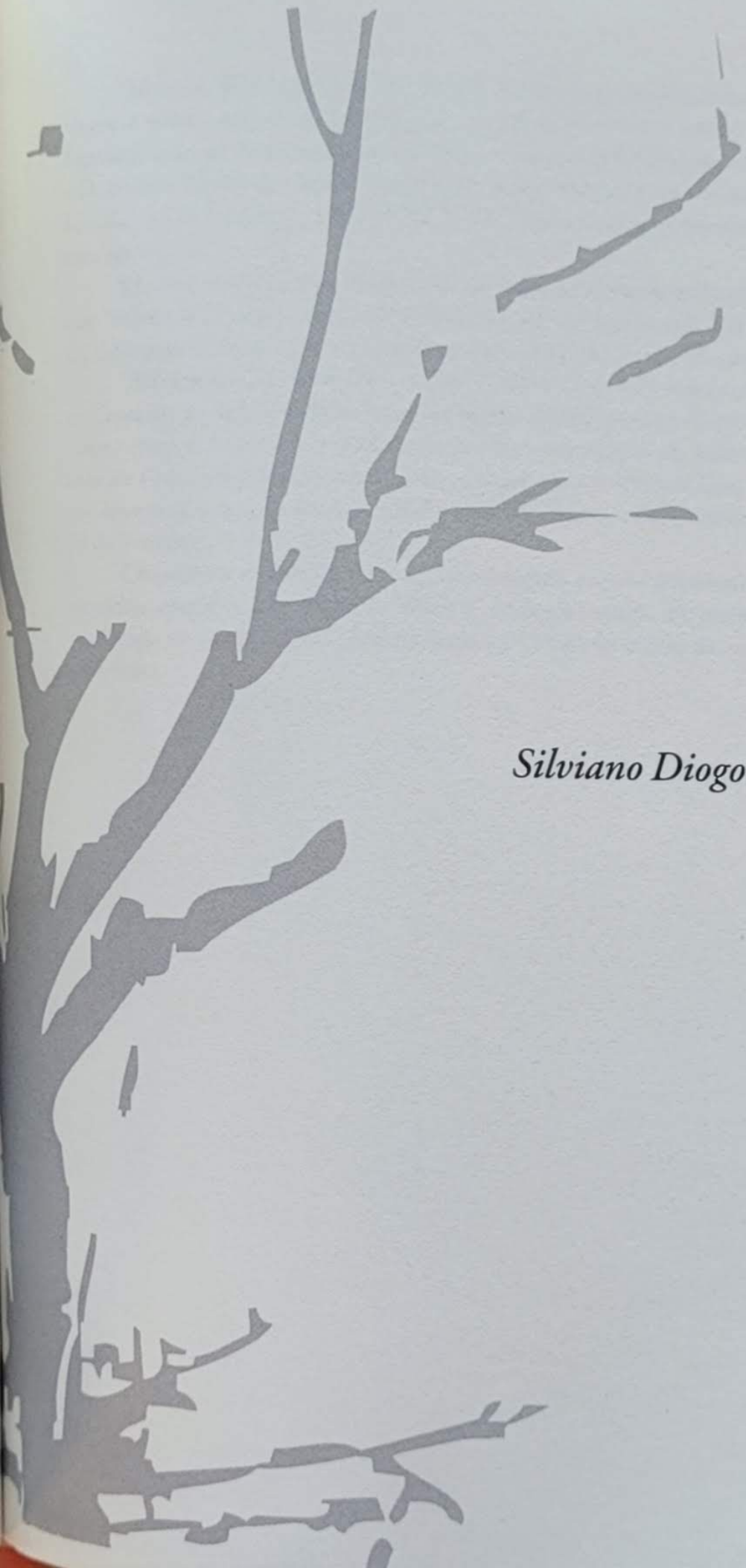
Amélia Diogo de Siqueira, religiosa da Companhia das Filhas de São Vicente de Paulo (irmãs de caridade), adotou o nome de Irmã Eugênia. Na esquerda da foto sua irmã Ninã.

Maria Aíla Diogo de Siqueira

Maria José Siqueira Costa (Josete)

Odette Paranhos Picanço, da família do Barão do Rio Branco, esposa de Waldir Siqueira Mesquita.

Waldir Siqueira Mesquita e seus pais, Alice e João Brasil de Mesquita



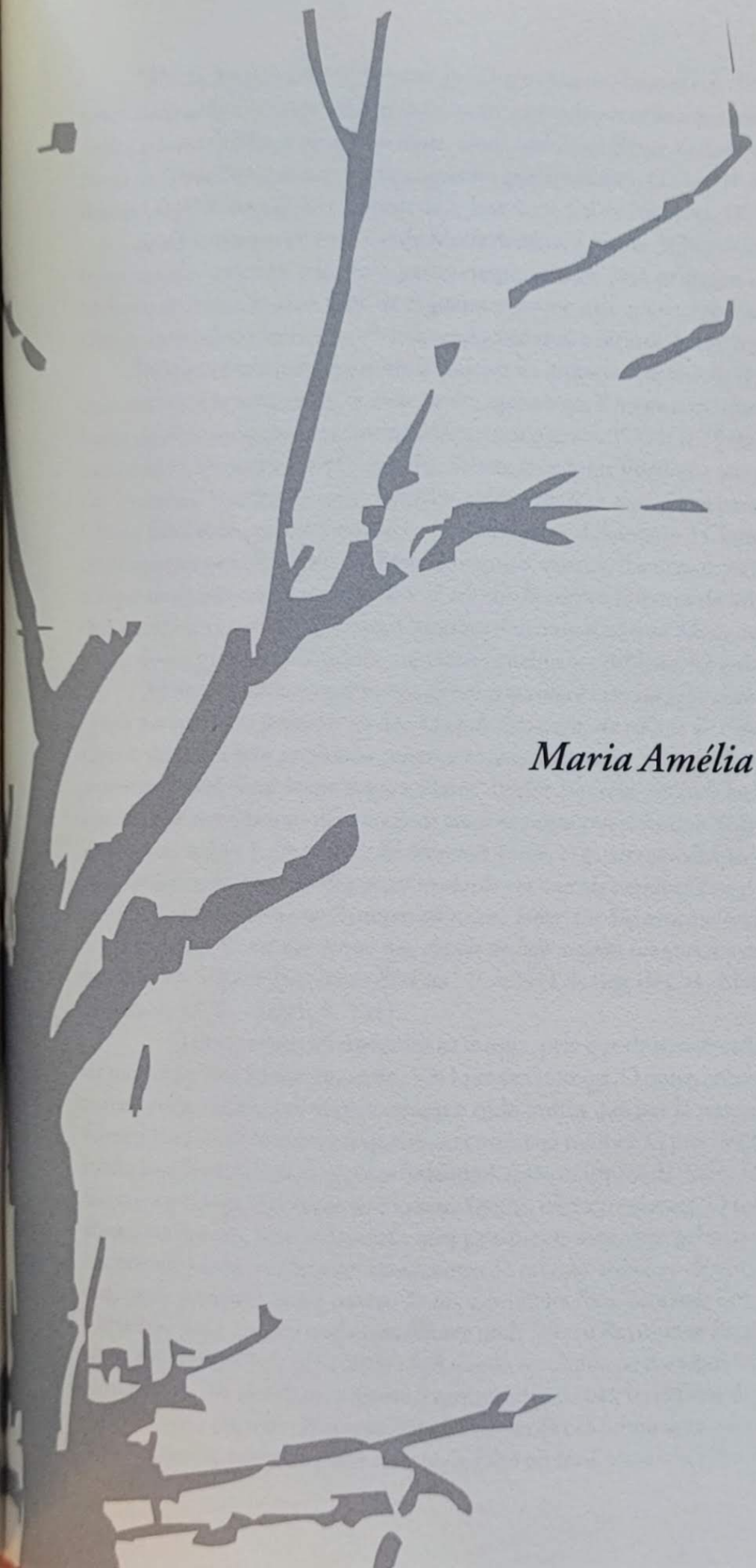
Silviano Diogo de Siqueira

"**Silviano,** *filho legítimo de José Vital de Siqueira e de Amélia Felicíssima de Siqueira, nasceu a vinte e oito de Janeiro de mil oito centos e sessenta e nove e foi solemnemente baptisado a dez de Fevereiro do mesmo anno; sendo padrinhos Severiano Ribeiro da Cunha e D. Idalina Ribeiro da Cunha, do que para constar mandei fazer este assento que assigno".* Liv. Bat. Sé de Fortaleza, 1868-1870, fl. 93. Obs: no documento não consta a assinatura do vigário.

Silviano não teve vida longa. Da caderneta de notas deixada por seu pai, consta que "*morreu a 25 de janeiro de 1871, às 6,5 do dia*", portanto, três dias antes de completar dois anos de idade. Em confirmação disso, vejamos a anotação do seu óbito:

"***Salviano(sic)**, filho legítimo de José Vidal de Cerqueira, e de D. Amélia Felicíssima de Cerqueira parochianos desta Freguesia; faleceo da vida presente da molestia de espasmo a vinte e cinco de Janeiro de mil oitocentos setenta e um; envolto em habito branco foi sepultado no Cemiterio publico desta cidade, e foi por mim encommendado, E para constar fis este assento, que assigno. Francisco Pedro da Silva Nolasco - Pro-Parocho*". Liv. 9, Óbitos, Sé de Fortaleza, 1864 -1873, fl. 161.

Chamamos mais uma vez a atenção do leitor para os documentos até aqui apresentados, surgidos até a morte de Silviano, onde não consta, em nenhum deles, a palavra Diogo no nome de José Vital de Siqueira. O fato foi objeto de análise e conclusões anteriores.



Maria Amélia de Siqueira

"Maria, branca, filha legítima de José Diogo Vital de Siqueira e de Amélia F. de Siqueira, nasceu a três de Fevereiro de mil oitocentos setenta e três e foi por mim solemnemente baptizada em vinte e quatro de Março do mesmo anno, sendo padrinhos Barão de Aquiraz e D.ª Umbelina Barca de Lima. Para constar fiz este assento em que me assigno. O Cura P.e José Lourenço Costa Aguiar". (Liv. de Reg. de Bat., Matriz de S. José, Catedral de Fortaleza, 1872 – 1874, fl. 146).

Este é o assento de batismo de Maria Amélia, a caçula de José Vital de Siqueira. Ao leitor atento, um fato não deve passar despercebido: pela primeira vez, um termo de batismo de filhos de José Vital de Siqueira, o nome dele aparece acrescido do pré-nome Diogo, intercalado entre José e Vital, sendo a criança a última, de um total de oito irmãos.

Infelizmente não temos notícias precisas da infância e juventude de Maria Amélia, só indo encontrá-la novamente quando de seu casamento. É quase certo que aquela escravinha Luíza de doze ou treze anos, comprada por seu pai, em 05/04/1873, dois meses após seu nascimento, lhe tenha servido de babá. Sabemos de fonte fidedigna que estudara na escola das "Amarais" que funcionava no prédio, ainda existente, situado na praça de Pelotas, atual Clóvis Beviláqua, esquina sudoeste das ruas General Sampaio e Clarindo de Queiroz e onde tempos atrás funcionou a Rádio Uirapuru, quando lhe deram, na fachada principal, o aspecto de um enorme rádio. Por lá adquirira conhecimentos da língua francesa, que dominava com razoável segurança. Casou aos dezenove anos com Raymundo Pinto Brandão, viúvo de sua meia irmã Virgínia, cujo termo, fielmente copiado, foi assim concebido:

"Aos vinte dias do mez de março de mil oitocentos e noventa pelas doze horas do dia, n'esta Igreja parochial da freguesia de São Luiz de Gonzaga, da cidade de Fortaleza, Bispado do Ceará, comparecerão em minha presença os contratantes Raymundo Pinto Brandão por seu procurador José Pinto Montenegro e Maria Amélia Siqueira, em tudo habilitados segundo o direito e sem impedimento algum, elle de idade de trinta annos, natural de Sobral e residente nos Amazonas, viúvo, e ella solteira de dezenove annos, os quais contratantes, o nubente por seu procurador e a nubente de viva voz se receberão por marido e mulher, com palavras de presente, sendo testemunhas presentes Francisco Siqueira e Henrique Siqueira que conheço pelos próprios. E para constar lavrei este termo que depois de lido assigno juntamente com o procurador e testemunhas. Vigário João Paulo Barbosa". (Liv. Nº 1 de Reg. de Cas., Matriz do Patrocínio, Fortaleza, 1870 – 1891, fl. 181).

O documento foi transcrito na íntegra, pelo que ele tem de esclarecedor. O orago da matriz do Patrocínio era, então, São Luiz de Gonzaga. O noivo encontrava-se no Amazonas, onde residiu por algum tempo e tudo indica que por lá nasceram filhos e onde faleceu Virgínia Messias de Siqueira, sua primeira mulher. O procurador do noivo é seu irmão José Pinto Montenegro e as testemunhas são os irmãos da noiva, Francisco Diogo de Siqueira e Diogo Henrique de Siqueira (neto), respectivamente. O livro, apesar do que consta no assento, não foi assinado nem pelo procurador, nem pelas testemunhas. Após o casamento Maria Amélia viaja ao encontro do marido. Residem algum tempo no Amazonas, onde provavelmente nasceu Enóe, a primeira filha do casal. Em 1894 já estão em Fortaleza, onde nascem os demais filhos e onde faleceu Raymundo Pinto Brandão, aos 43 anos, de "indigestão", em 10/04/1898, sendo sepultado no dia seguinte no cemitério São João Batista. Na realidade, a morte o surpreendeu na rua, na esquina da Senador Pompeu com Liberato Barroso. Possivelmente foi vítima de um fulminante infarto. Pouco mais de um mês depois, faleceu o pequeno Clóvis, filho do casal, somando sofrimentos ao já dorido

coração de Maria Amélia. Esta, que atendia pelo carinhoso apelido de Bila, sobreviveu ao marido, por longos anos. Sobre o perfil físico de Bila, atendendo a pedido do autor, assim se manifestou Noeme de Paula Freire (Noeminha), sua neta única e filha de criação:

"Minha avó (Mãe) era bonita, lisos cabelos grisalhos, quase brancos. Rosto comprido, orelhas bem feitas, com o lóbulo polpudo e solto. Nariz afilado à semelhança dos gregos. Olhos de uma cor entre cinza e lilás, bem encaixados nas órbitas, meio cansados tinham grande expressão. Bela e discreta era sua boca que tinha um desenho quase perfeito e com facilidade abria-se num belo sorriso. Era meiga, alegre, discreta, olhar profundo e místico: seus olhos falavam mais que as palavras que os lábios pronunciavam com tanta harmonia"

Maria Amélia de Siqueira morava na Rua Senador Pompeu, nº 413, lado do sol, quase esquina com a Rua Clarindo de Queiroz e bem próxima da praça de Pelotas, depois da Bandeira e que hoje é Clóvis Beviláqua. Atualmente modificada e transformada em ponto comercial tem o nº 1.547. Em parte, o imóvel era herança de seu pai. As outras partes obtivera dos demais irmãos que abriram mão de seus quinhões em seu favor, irmã caçula e viúva aos 25 anos. Ali nascera e ali viveria quase toda sua existência, descontado só o curto tempo que residira no Amazonas. Casa conjugada, a moda da época, de porta e janela, com cômodos que se sucediam: sala de visitas, quartos, comprida circulação, sala de jantar, varanda interna, despensa, cozinha e por fim, o distante banheiro e depois o quintal. Entre os móveis, ainda podia ser vista uma mesa de refeições que pertencera aos seus falecidos pais. A neta Noeminha que ali nascera e crescera, prestou precioso e importante depoimento que satisfez a ânsia do autor em reconstituir as vidas dos biografados.

Dona Bila subsistia da importância de 300$000 (trezentos mil réis) que lhe era dada mensalmente, em duas parcelas quinzenais e iguais, pelo irmão Antônio Diogo e, depois da morte deste, por seus sucessores. Também da fazenda do mano no Acaracuzinho, semanalmente vinham, em lombo de animal, variados produtos: leite cru, peixe de água doce, avoantes, rapadura, batida, feijão e milho verde, macaxeira, goma fresca, coco seco e verde, farinha, manga, caju e outros frutos. Bila, *"pessoa tranqüila, comunicativa e ponderada, tinha no entanto, bem apurado puder de decisão"*. As suas relações de amizade estavam mais voltadas para os parentes próximos. A neta Noeminha recorda que diariamente, pela manhã, Bila ia à casa de Amélia Garcia, sobrinha que morava um pouco mais adiante, na mesma Senador Pompeu, em frente à praça de Pelotas, onde as duas dividiam um charuto "Dom Carlos" que, acompanhado de um cafezinho, fumavam fazendo os comentários do dia. Às 11h30min, horário do almoço, sempre passava por sua casa, o sobrinho e enteado, o desditoso poeta Virgílio Brandão. A sua mesa, sempre havia algum sobrinho ou primo. Após a cesta, dedicava-se a trabalhos manuais, entre eles o crochê. O horário das 15 às 17 horas reservava para visitas a algum parente. Uma vez por semana ia à casa do mano Antônio Diogo, onde se entretinha em demorada conversa com a cunhada Eliza, retornando ao final da tarde. À noite, Bila se deslocava até à casa de sua cunhada Marcionília, viúva de seu irmão Diogo Henrique e irmã de seu marido Raymundo Pinto Brandão. Situada no mesmo quarteirão, a casa de D. Marcionília, estava do outro lado da rua, no chamado lado da sombra, em diagonal com a casa de D. Bila. Marcionília permanecia no lado de dentro da janela, em companhia de sua irmã Marocas (Maria Christina), enquanto na calçada algumas cadeiras eram ocupadas por Bila, sua filha Enóe e sua sobrinha e enteada Ester Augusta (Deta). A animada prosa durava até o sopro do Aracati, corrente de ar mais forte, que vinda do mar, penetrava pela calha da rua, amenizando o clima. Isto ocorria por volta das 20 horas, quando encerravam a conversa e cada qual cuidava em se recolher. A menção ao Aracati tão conhecido no sertão cearense, mostra que a ausência de altas edificações na Fortaleza de antanho, fazia agradável as noites da cidade. Outra visita semanal de D. Bila era à sua sobrinha e enteada Palmira que residia na vila operária dos Diogos, situada entre as ruas do Imperador e Princesa Isabel, ligando as travessas Duque de Caxias e Pedro I.

Quando sua irmã Ignácia Belleza morou em sítio nas Damas, de propriedade do filho Francisco Belleza, Bila, com freqüência, por lá passava os domingos, levando consigo, ao agradável passeio, Noeminha, a neta única e querida. Em pequeno sítio próximo ao anterior, morava, com o marido Raimundo (Bão), a sobrinha Maria Belleza (Bibi), filha de D. Ignacia.

As visitas que recebia também se faziam assíduas. O irmão Gustavo, enquanto viveu, quase diariamente passava em sua casa por volta das 14 horas. Geralmente deitava numa rede de tucum, armada na área interna da casa, enquanto Bila se acomodava em sua cadeira de balanço. Conversavam sobre o cotidiano. Previamente já estava preparado o suco de limão tão do gosto do mano Gustavo. Nas manhãs de domingo, recebia a sobrinha e enteada Palmira que se fazia acompanhar do marido Luís Cardoso Monteiro (Sr. Monteiro). Também assíduo era José Luiz de Castro, casado com Alice Brandão de Castro, outra sobrinha e enteada. A presença em sua casa de José Luiz se amiudou, após a morte de Alice, falecida de tétano, ainda moça e com enorme família de dezoito filhos, muitos de menor idade. Os sobrinhos Zezé e Waldyr, aquele residindo no Rio de Janeiro e este estudando engenharia na Bahia, não deixavam de visitá-la, quando se encontravam em Fortaleza. No dia 3 de fevereiro, sua data natalícia, a cunhada Eliza era presença certa, fazendo-se acompanhar das filhas. D. Maria Amélia gozava da amizade, da estima e da admiração dos familiares e de suas comadres, geralmente pessoas humildes que sempre a visitavam. Na mesma casa onde viveu, faleceu Bila, aos 69 anos, de "toxiinfecção intestinal" em 22 de janeiro de 1942, estando sepultada no São João Batista, ao lado do marido Raymundo Pinto Brandão, do irmão Diogo Henrique de Siqueira (neto) e de seus filhos. De seu casamento nasceram:

N.8.1 Enóe n.03/07/1892
N.8.2 Amélia n.21/12/1894
N.8.3 Noeme n.22/12/1895
N.8.4 Clóvis n.26/08/1897

N.8.1 **Enóe de Siqueira Brandão**, ao que parece, nasceu no Amazonas, pois seu termo de batismo não foi encontrado. Professora diplomada casou na Igreja do Carmo, em 10/01/1919, com Carlos de Almeida Sanford, nascido em Sobral, em 01/01/1895, primogênito de John Roshore Sanford, natural de Nova Iorque (USA) e Minerva de Almeida Sanford, de Sobral. Adotou o nome de Enóe Brandão Sanford. Carlos Sanford, alto, forte, olhos azuis, tinha o biótipo de seus ancestrais americanos e a coragem e destemor dos Montes sobralenses. Era agrimensor e construtor de estradas. Anos depois, o casal pôs termo ao casamento, ocasião em que Enóe morou na fazenda que possuíam

em Tejuçuoca (CE). Com sua meia irmã Deta, residiu na Pajuçara, na fazenda Acaracuzinho, exercendo o magistério, enquanto a irmã se dedicava à catequese. Por fim residiu na Rua Clarindo de Queiroz, entre as ruas General Sampaio e 24 de Maio, onde foi encontrada morta, em 1º de novembro de 1966, tendo o rosto apoiado nas mãos, como se a morte a surpreendesse dormindo. O coração falhara como conseqüência do mal genético que tem atingido a muitos dos descendentes de José Vital de Siqueira. Hoje, na Pajuçara, há uma escola de ensino fundamental com o nome da ilustre mestra. Do seu casamento com Carlos Sanford, falecido em 08/10/1976, não ficou descendência.

N.8.2 **Amélia** nasceu em Fortaleza. Foram seus padrinhos, o tio Diogo Henrique de Siqueira (neto) e Maria dos Anjos Lopes, irmã de Maria Severa da Costa Lopes. Nasceu exatamente dez dias antes da morte de sua avó Amélia Felicíssima, daí o Amélia de seu nome. Faleceu em 3 de outubro de 1896, com menos de dois anos de "dyarreia", em Fortaleza.

N.8.3 **Noeme de Siqueira Brandão** nasceu em Fortaleza, no dia 22/12/1895. Batizada em 29/03/1896, na Igreja do Patrocínio, teve por padrinhos o casal Zeferino Hyppólito de Andrade Belleza e Ignácia Messias de Siqueira, sua tia materna. Casou na Igreja do Carmo, em 06/05/1923, com José Ferreira de Paula, natural de Quixeramobim (CE) e filho de João Ferreira de Paula e Maria Carminda de Paula. A cerimônia religiosa foi assistida pelo cônego José Quinderé e serviram de testemunhas o tio Antônio Diogo de Siqueira e Plácido Mendes Cavalcante. A vida matrimonial de Noeme de Siqueira Brandão ou Noeme Brandão de Paula, nome adotado ao casar, foi de curtíssima duração. Faleceu em 02/04/1924, quando não completara onze meses de casada. Causou sua morte prematura uma septicemia puerperal, processo infeccioso generalizado, em conseqüência do parto de sua primeira e única filha. E é através desta, que se perpetua a estirpe de Maria Amélia de Siqueira. Filha do casal:

Bn.8.3.1 Noeme Brandão de Paula n.23/03/1924

Bn.8.3.1 **Noeme Brandão de Paula (Noeminha)**, homônima de sua mãe, senhora de muito brilho, espirituosa, conversa agradável, amante das boas letras, poetisa, sociável, ficou órfã de mãe com apenas dez dias de nascida e foi criada por sua avó materna Maria Amélia de Siqueira (Bila). Nasceu às 5 horas da manhã, na casa da Rua Senador Pompeu, 413. Quando criança, o colo de sua avó, de quem jamais levou a mais leve palmada, esteve sempre disponível para o aconchego, para ouvir "*suas conversas e até seus pensamentos*". Pelo menos até aos oito anos, todas as noites era embalada por Dona Bila, que a criou com um grau de liberdade bem superior as das demais meninas de sua idade e de sua época. Todavia essa liberdade era acompanhada de um acentuado senso de responsabilidade que a avó querida, sem imposições, ia cuidadosamente passando-lhe. Das praças de Pelotas e do Carmo, ficaram as lembranças das brincadeiras infantis com seus patins, que ganhara aos onze anos, ao passar no exame de admissão. Professora diplomada exerceu o magistério na Escola Normal, hoje Colégio Estadual Justiniano de Serpa. Casou na Igreja do Rosário, em 05/08/1942, catorze dias após o falecimento de sua sempre lembrada avó Maria Amélia. Presidiu à cerimônia religiosa, o monsenhor Luiz de Carvalho Rocha, tio materno do noivo Geraldo José de Carvalho Freire, natural de Fortaleza, nascido em 08/08/1920, filho do agrônomo José Freire e de Maria Consuelo de Carvalho. O casal ficou residindo no mesmo endereço, tão caro de reminiscências, da Rua Senador Pompeu, 413, atual 1.547. Da extensa produção poética de Noeminha, reflexo de sua fina sensibilidade, escolhemos:

RUA SENADOR POMPEU, 413

A casa de minha avó...
Paro no portal
traspasso a bandeira rendada
adentro a sala
o retrato de minha mãe
olha-me e segue-me
penetro no corredor comprido,
muito comprido
paredes caiadas de branco
cumeeira alta
muito alta
Forma-se o vazio
O vazio da saudade
Entre as telhas velhas
escuras
manchadas
Há três telhas de vidro
entrada de luz
transparência
a visão do céu
As teias de aranhas
poeiras, pucumãs
tecem as cortinas do tempo

A sala de jantar
no quadro a ceia pendente
o contente riso da criança
As paredes choram em silencio
a ausência dos que passaram
No alpendre
de cimento queimado
meu desenho executado
em carvão e tijolo branco;
toma corpo, cresce
toma vida
de forma mágica
ao meu redor.
A fantasia quase trágica
domina a casa
fora do tempo
fora do espaço.
Poderei voltar a ele
a casa de porta e janela
sempre que desejar
viajar na memória.

70 ANOS

A vida me permitiu
70 anos completar.
Estes tempos concedidos
excederam aos meus pedidos
em tempo amor e lugar.
Sinto-me
por Deus agraciada.
Sou mulher amei e fui amada.
amo e sou amada.
Cumpri com largueza
os três preceitos
de quem passa deixando
pegadas na vida.
Filhos – eu tive sete,
normais foram os partos
casados com muitos filhos
pois são 18 os meus netos.
Uma neta deu-me um louro bisneto
para enfeitar toda a família.

Árvores e plantas
o verde da minha vida.
Plantei no sitio Girafa
mais de cem cajueiros
mais de cem coqueiros
algumas mangueiras-rosa
laranjeiras que vi florescer
e lembrei-me: estas flores
vieram enfeitar meu casamento.
Plantei tangerinas e limões,
plantei romã – que beleza!
Os bagos são cristais róseos.
Tamarindo e pinheiro
Ipê roxo e amarelo.
Sei que "poeta sou"
E os poemas lançados
deram-me tanta leveza
deram-me tanta alegria
que posso dizer-te
Ó meu Deus
Ser poeta
é ser feliz!!!
Sabes de mais uma coisa?
- não sou bela
- não sou feia
- não sou nova
- não sou velha
"SOU POETA"
e isto é tudo.
Obrigado meu Deus

FACE

na face
as dores marcadas

nos olhos fechados
a reflexão

na gota de lágrima
a saudade

na boca
o travo do silêncio

a palavra
perde à força

o sentimento fenece
o amor agoniza.

Do casamento de Noeme de Paula Freire com Geraldo de Carvalho Freire nasceram:

Tn.8.3.1.1 José Gotardo de Paula Freire n.29/03/1944
Tn.8.3.1.2 Roberto Cláudio de Paula Freire n.22/09/1945
Tn.8.3.1.3 Geraldo Régis de Paula Freire n.26/10/1947
Tn.8.3.1.4 Elba de Paula Freire n.03/12/1949
Tn.8.3.1.5 César Augusto de Paula Freire n.17/09/1951
Tn.8.3.1.6 Noemi Consuelo de Paula Freire n.20/07/1954
Tn.8.3.1.7 Marília de Paula Freire n.04/11/1959

Tn.8.3.1.1 **José Gotardo de Paula Freire**, bacharel em direito, auditor fiscal do Tesouro Estadual (CE), casou-se em 10/12/1969, com Regina Cláudia Porto Freire, professora pelo Instituto de Educação do Ceará, corretora de imóveis, nascida em 08/10/1947, filha de Teodózio Mauro de Carvalho Freire e Leda Porto Freire. Filhos:

Qn.8.3.1.1.1 Gisele Porto Freire n.30/11/1970
Qn.8.3.1.1.2 Leonardo Porto Freire n.22/11/1974
Qn.8.3.1.1.3 José Gotardo de Paula Freire Filho n.26/01/1981
Qn.8.3.1.1.4 Cláudia Porto Freire n.13/07/1982

Qn.8.3.1.1.1 **Gisele Porto Freire**, administradora de empresas, casou em 23/01/1990, com Wellington Sousa Soares Filho, nascido em Aracaju (SE), filho de Wellington Souza Soares e Maria Osvaldina Prado Soares. Adotou o nome de Gisele Freire Soares. Filhos:

Pn.8.3.1.1.1.1 Bruno Freire Soares n.14/08/1990
Pn.8.3.1.1.1.2 Vinicius Freire Soares n.17/05/2001

Qn.8.3.1.1.2 **Leonardo Porto Freire**, economista, casou-se em 27/03/1999, com Míria de Melo Freire, filha de Oscar Pinheiro Barreira Filho e Valda Mendonça de Melo. Filha:

Pn.8.3.1.1.2.1 Giulia de Melo Freire n.06/09/1999

Tn.8.3.1.2 **Roberto Cláudio de Paula Freire**, auditor fiscal do Tesouro Estadual (CE), casou em 14/07/1969, com Maria das Graças Mendes Freire, nascida em 04/12/1947, em Belém (PA), filha de Almir Mendes Carneiro e Natércia Rodrigues Mendes Carneiro. Filhos:

Qn.8.3.1.2.1 Roberto Cláudio de Paula Freire Júnior n.22/06/1970
Qn.8.3.1.2.2 Natércia Mendes Freire n.18/04/1972
Qn.8.3.1.2.3 Daniel Mendes Freire (gêmeo) n.05/04/1975

Qn.8.3.1.2.4 Daniela Mendes Freire (gêmea) n.05/04/1975

Qn.8.3.1.2.1 **Roberto Cláudio de Paula Freire Júnior**, solteiro, engenheiro mecânico, comerciante.

Qn.8.3.1.2.2. **Natércia Mendes Freire**, economista, estagiária, casou-se em 17/05/2000, na Igreja Paroquial de São Vicente, em Fortaleza, com Paulo Artur Carneiro Magalhães, comerciante, filho de Francisco Agamenon Magalhães e de Nilce Carneiro Magalhães. Filha do casal:

Pn.8.3.1.2.2.1 Sara Freire Magalhães n.15/05/2001

Qn.8.3.1.2.3 **Daniel Mendes Freire**, comerciante, casado com Sandra Farias Freire, filha de Miguel Ferreira Lima e Francisca das Chagas Ferreira Lima. Filha:

Pn.8.3.1.2.3.1 Daniella Farias Freire n.17/12/1995

Qn.8.3.1.2.4 **Daniela Mendes Freire**, psicóloga, casada com Alexandre Bruno Rabelo Franco, filho de João Alfredo Montenegro Franco e de Maria Liane Rabelo Franco. Filho;

Pn.8.3.1.2.4.1 Gustavo Freire Franco n.24/09/1997

Tn.8.3.1.3 **Geraldo Régis de Paula Freire**, arquiteto, casou em 02/03/1971 com Maria Cândida Albano Ferreira, nascida em 1º/02/1950, filha de Agenor Maia Ferreira e Maria Ignez Albano Ferreira. Filhas do casal, as duas primeiras formadas em psicologia e a última cursando engenharia civil:

Qn.8.3.1.3.1 Ana Carmen Ferreira Freire n.13/08/1971
Qn.8.3.1.3.2 Paula Ferreira Freire n.24/08/1973
Qn.8.3.1.3.3 Lia Ferreira Freire n.17/11/1977

Qn.8.3.1.3.1 **Ana Carmen Ferreira Freire**, psicóloga, casou com Renato Brochado Alves da Silva, nascido em 24/11/1967, em Minas Gerais, filho de Airton Alves da Silva e Ivone Brochado Alves da Silva. Adotou o nome de Ana Carmen Freire Alves da Silva. Filhos:

Pn.8.3.1.3.1.1 João Pedro Freire Alves da Silva n.18/07/1997
Pn.8.3.1.3.1.2 Júlia Freire Alves da Silva n.03/08/2000

Tn.8.3.1.4 **Elba Freire Ribeiro**, advogada, casou em 20/02/1976 com Judas Tadeu Leite Ribeiro, engenheiro agrônomo e civil, nascido em 12/11/1944, filho de Cândido Ribeiro Neto (Cândido Branco) e Raimunda Leite Ribeiro (Mundinha), com origem no Engenho de Santa Teresa, em Missão Velha (CE), compondo o numeroso clã, geralmente conhecido como Terésios. Filhas, a primeira cursando direito e a segunda ainda secundarista:

Qn.8.3.1.4.1 Luana Freire Ribeiro n.15/04/1980
Qn.8.3.1.4.2 Mariana Freire Ribeiro n.10/04/1983

Tn.8.3.1.5 **César Augusto de Paula Freire**, administrador de empresas, casou em 14/06/1980, com Maria de Fátima Falcão Freire, nascida em 10/03/1953, filha de Hilmar Falcão Calado e Raimunda Serpa Falcão. Filhos:

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Qn.8.3.1.5.1 Uli Falcão Freire n.14/09/1981
Qn.8.3.1.5.2 Mara Falcão Freire (gêmea) n.28/05/1985
Qn.8.3.1.5.3 Igo Falcão Freire (gêmeo) n.28/05/1985

Tn.8.3.1.6 **Noemi de Paula Freire**, enfermeira. Filho:

Qn.8.3.1.6.1 Matheus de Paula Freire n.17/09/1987

Tn.8.3.1.7 **Marília de Paula Freire Borges** tem formação de nível superior e é artista plástica. Casada com Wagner Silveira Borges, nascido em 08/06/1959, filho de Manoel Gonçalves Borges e Maria Nilda Silveira Borges, residentes em Uberlândia (MG). Filha:

Qn.8.3.1.7.1 Lara Freire Borges n.09/11/1989

N.8.4 **Clóvis** nasceu em Fortaleza, batizado em 29/11/1897, tendo por padrinhos Francisco Siqueira e sua mulher Maria Severa Lopes, ele seu tio materno. Faleceu de enterite, em 14/05/1898, aos oito meses, 34 dias após a morte de seu pai Raymundo Pinto Brandão.

Maria Amélia de Siqueira (Bila)
Fortaleza 03/02/1873 - Fortaleza 22/07/1942

Enoe de Siqueira Brandão

José Ferreira de Paula, marido de Noeme de Siqueira Brandão

Noeme de Siqueira Brandão faleceu com menos de um ano de casada.

Noeme de Paula Freire (Noeminha), neta única de D. Bila e sua filha de criação.

Maria Amélia de Siqueira (Bila) com idade próxima a do seu falecimento.

Da esquerda para direita - Geraldo José de Carvalho Freire, Noeminha e os filhos: José Gotardo, Roberto Cláudio, Geraldo Régis, Elba, César Augusto, Noemi e Marília

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

Sequeira ou

SI QUEIRA

As armas dos Siqueiras são: de azul, com cinco vieiras de ouro postas em sautor. Timbre: quatro penachos de azul e entre os dois do meio uma vieira do escudo.

BIBLIOGRAFIA

I. FONTES PRIMÁRIAS

SESMARIAS CEARENSES - Distribuição geográfica - DIO - Fortaleza, 1971.

ARQUIVO DA CÚRIA DIOCESANA DE SOBRAL
ARQUIVO DA CÚRIA ARQUIDIOCESANA DE FORTALEZA
ARQUIVO DA CÚRIA DIOCESANA DE ITAPIPOCA
Livros de casamentos, batizados e óbitos.

ARQUIVO PÚBLICO DO CEARÁ
Livros de Registros de Patentes.
Livros de Registros de Compra e Venda de Escravos
Pacotes de inventários do Cartório de Órfãos de Fortaleza e Sobral.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE VALE DO ACARAÚ (UVA).
Pacotes de inventários do 1º Cartório de Sobral.

ARQUIVO DO CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO BATISTA DE FORTALEZA.
Livros de inumações, séculos XIX e XX.

II. FONTES SECUNDÁRIAS

CADERNETA DE NOTAS
Caderneta de notas de José Vital de Siqueira.
Caderneta de notas de José Luiz de Castro.
Caderneta de notas de Elisa Siqueira Rodrigues (Nenen Diogo).
Apontamentos de Zuleika Ximenes Viana.

LIVROS
ALMEIDA, Maria Iselda Rocha. A História da Indústria de Óleos Vegetais no Ceará: 1900-1960. Fortaleza, 1989.
ARAGÃO, R. Batista. Maçonaria no Ceará - Raízes e Evolução. Fortaleza, 1987.
AZEVEDO, Otacílio. Fortaleza Descalça - 2a edição, UFC/ Casa de José de Alencar, 1992.
BULCÃO, Soares. Anastácio Braga: notas genealógicas. Fortaleza, 1973.
GIRÃO, Raimundo e Martins Filho, Antônio. O Ceará - Fortaleza, 1939.
GIRÃO, Raimundo. Famílias de Fortaleza. Fortaleza, 1975.
GIRÃO, Raimundo. Geografia Estética de Fortaleza. Fortaleza, 1977.
GUIMARÃES, Hugo Victor. Deputados Provinciais do Ceará. Fortaleza, 1947.
JOARYVAR, Macedo. A Estirpe da Santa Teresa. Fortaleza, 1976.

MARTINS, Vicente Mons. Homens e Vultos de Sobral. Fortaleza, 1989.
MELLO, Filho Luiz de. A Maçonaria no Ceará. Fortaleza, 1973.
MOTA, Aroldo. História Política do Ceará. 1889-1930. Fortaleza, 1986.
NOBRE, Geraldo da Silva. A Capital do Ceará, 2a edição. Fortaleza, 1997.
NOBRE, Geraldo da Silva. Historicidade da Associação Comercial do Ceará. Fortaleza, 1991.
NOBRE, Geraldo da Silva. O Processo Histórico de Industrialização do Ceará. Fortaleza, 1989.
SADOC DE ARAÙJO, Francisco Pe. Cronologia Sobralense. Sobral, 1985. 5v.
SADOC DE ARAÙJO, Francisco Pe. Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses. Fortaleza, 1985.
SADOC DE ARAÙJO, Francisco Pe. Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú. Sobral, 1991.
STUDART, Guilherme Barão de. Datas e Fatos para a História do Ceará. 1896-1924, 4v.
STUDART, Guilherme Barão de. Dicionário Biobibliográfico Cearense. Ed. Fac-similar. Fortaleza, 1910. 3v.
VASCONCELOS, Abelardo Cavalcante. Forquilha (de Sítio a Município). Fortaleza, 1986.

PERIÓDICOS

Consultas a diversos jornais e almanaques dos séculos XIX e XX, constantes dos acervos da ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ANTROPOLÓGICO DO CEARÁ E DA BIBLIOTECA PÚBLICA MENEZES PIMENTEL.

CALENDÁRIO PERMANENTE (1801-2100)

A - ANOS													B - MESES											
1801-1900				1901-2000				2001-2100					J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
01	29	57	85		25	53	81		09	37	65	93	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
02	30	58	86		26	54	82		10	38	66	94	5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
03	31	59	87		27	55	83		11	39	67	95	6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
04	32	60	88		28	56	84		12	40	68	96	0	3	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
05	33	61	89	01	29	57	85		13	41	69	97	2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
06	34	62	90	02	30	58	86		14	42	70	98	3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
07	35	63	91	03	31	59	87		15	43	71	99	4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
08	36	64	92	04	32	60	88		16	44	72	00	5	1	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
09	37	65	93	05	33	61	89		17	45	73		0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
10	38	66	94	06	34	62	90		18	46	74		1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
11	39	67	95	07	35	63	91		19	47	75		2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
12	40	68	96	08	36	64	92		20	48	76		3	6	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
13	41	69	97	09	37	65	93		21	49	77		5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
14	42	70	98	10	38	66	94		22	50	78		6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
15	43	71	99	11	39	67	95		23	51	79		0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
16	44	72	00	12	40	68	96		24	52	80		1	4	5	1	3	5	1	4	0	2	5	0
17	45	73		13	41	69	97		25	53	81		3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
18	46	74		14	42	70	98		26	54	82		4	0	0	3	5	1	3	6	2	4	0	2
19	47	75		15	43	71	99		27	55	83		5	1	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
20	48	76		16	44	72	00		28	56	84		6	2	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
21	49	77		17	45	73		01	29	57	85		1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
22	50	78		18	46	74		02	30	58	86		2	5	5	1	3	6	1	4	0	2	5	0
23	51	79		19	47	75		03	31	59	87		3	6	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1
24	52	80		20	48	76		04	32	60	88		4	0	1	4	6	2	4	0	3	5	1	3
25	53	81		21	49	77		05	33	61	89		6	2	2	5	0	3	5	1	4	6	2	4
26	54	82		22	50	78		06	34	62	90		0	3	3	6	1	4	6	2	5	0	3	5
27	55	83		23	51	79		07	35	63	91		1	4	4	0	2	5	0	3	6	1	4	6
28	56	84		24	52	80		08	36	64	92		2	5	6	2	4	0	2	5	1	3	6	1

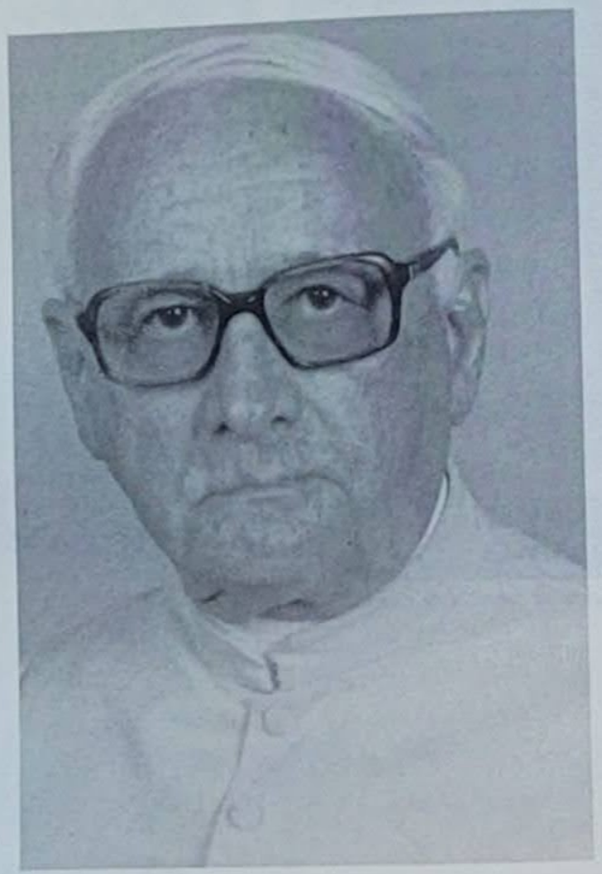
C - DIAS - SEMANA						
D	01	08	15	22	29	36
S	02	09	16	23	30	37
T	03	10	17	24	31	
Q	04	11	18	25	32	
Q	05	12	19	26	33	
S	06	13	20	27	34	
S	07	14	21	28	35	

Exemplos: Em que dia da semana caiu o dia 16 de agosto de 1938?
Foi numa terça-feira. Como?

Explicação: Procure na tabela A o ano de 1938 e na mesma linha horizontal desse ano, na tabela B, encontre o número referente ao mês de agosto. Ao número encontrado (neste caso I) some o número do dia em questão (16) e terá o resultado verificado na Tabela C, que dará terça-feira (17).

Pia do batistério da Igreja Matriz de Sobral (CE). Permaneceu naquele templo de 1808 a 1908. Tem a forma de cálice de seção octogonal de lados iguais quatro a quatro. Um interessante trabalho em cantaria. Hoje está recolhida ao Museu Diocesano D. José daquela cidade, sem nenhuma forma de identificação. Recebeu a água do batismo da matriarca Ignácia Francisca das Chagas, de José Vital de Siqueira, de Maria Messias de Albuquerque e Amélia Felicíssima Correia, esposas ambas de José Vital e de seus filhos: Ignácia, Diogo e Francisco. Ilustra nossa capa.

Sinalização do local onde existiu a casa-sede da Fazenda Andreza, de Diogo Henrique de Siqueira, hoje integrada à Fazenda Pitombeiras.



Mons. Sabino Guimarães Loiola, ilustre membro do clero sobralense, bisneto do patriarca Diogo Henrique de Siqueira.

Diogos de Siqueira